

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS
CULTURAIS
DOUTORADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS

O provinciano cosmopolita: redes internacionais de sociabilidade literária e as crônicas de viagem de José Lins do Rego nos anos 1940 e 1950

REGIANE MATOS

Rio de Janeiro,
2020

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS
CULTURAIS
DOCTORADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS

O provinciano cosmopolita: redes internacionais de sociabilidade literária e as crônicas de viagem de José Lins do Rego nos anos 1940 e 1950

REGIANE MATOS

Tese de Doutorado apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil como requisito para a obtenção do grau de Doutora em História, Política e Bens Culturais.

Professor orientador acadêmico: Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda.

Rio de Janeiro,

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas/FGV

Matos, Regiane

O provinciano cosmopolita : redes internacionais de sociabilidade literária e as crônicas de viagem de José Lins do Rego nos anos 1940 e 1950 / Regiane Matos. – 2020.

436 f.

Tese (doutorado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientador: Bernardo Borges Buarque de Hollanda.

Inclui bibliografia.

1. Rego, José Lins do, 1901-1957 - Viagens. 2. Viagens - Crônicas. 3. Redes sociais. 4. Literatura – Sociedades etc. 5. História na literatura. I. Hollanda, Bernardo Borges Buarque de. II. Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – B869

REGIANE MATOS

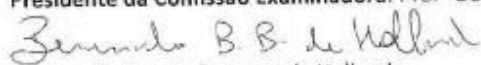
"O PROVINCIANO COSMOPOLITA: REDES INTERNACIONAIS DE SOCIABILIDADE LITERÁRIA E AS CRÔNICAS DE VIAGEM DE JOSÉ LINS DO REGO NOS ANOS 1940 E 1950".

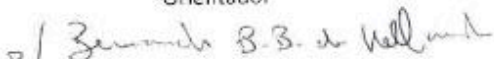
Tese apresentado(a) ao Curso de DOUTORADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS do(a) Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil para obtenção do grau de Doutor(a) em História, Política e Bens Culturais.

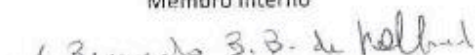
Data da defesa: 18/12/2020

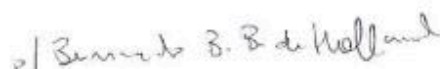
ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

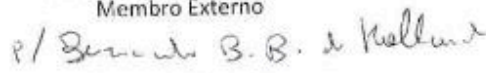
Presidente da Comissão Examinadora: Profº Bernardo Borges Buarque de Hollanda


Bernardo Borges Buarque de Hollanda
Orientador

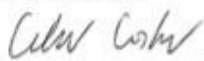
p/ 
Lúcia Maria Lippi Oliveira
Membro Interno

p/ 
Mariana Chaguri
Membro Externo

p/ 
Alejandra Judith Josiowicz
Membro Externo

p/ 
Gustavo Mesquita
Membro Externo

Nos termos da Lei nº 13.979 de 06/02/20 - DOU nº 27 de 07/02/20 e Portaria MEC nº 544 de 16/06/20 - DOU nº 114 de 17/06/20 que dispõem sobre a suspensão temporária das atividades acadêmicas presenciais e a utilização de recursos tecnológicos face ao COVID-19, as apresentações das defesas de Tese e Dissertação, de forma excepcional, serão realizadas de forma remota e síncrona, incluindo-se nessa modalidade membros da banca e discente.



Celso Corrêa Pinto de Castro
Diretor



Antonio de Araujo Freitas Junior
Pró-Reitor de Ensino, Pesquisa e Pós-Graduação FGV

Antonio Freitas, PhD
Pró-Reitor de Ensino, Pesquisa e Pós-Graduação
Fundação Getúlio Vargas

Instrução Normativa nº 01/19, de 09/07/19 - Pró-Reitoria FGV

Em caso de participação de Membro(s) da Banca Examinadora de forma não-presencial*, o Presidente da Comissão Examinadora assinará o documento como representante legal, delegado por esta I.N.

*Skype, Videoconferência, Apps de vídeo etc

À Nilcia, ao Raimundo e ao Miguel.

AGRADECIMENTOS

Esta tese é fruto do meu esforço e da disponibilidade e generosidade de muitas pessoas com quem tive a oportunidade da troca, do afeto e do intercâmbio de ideias e sonhos. Aqui da minha alma, agora, doces memórias e gratidão se fundem em uma só corrente vibratória.

Para a realização deste trabalho contei com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundamental na motivação e para a qualidade do trabalho aqui apresentado.

Além disso, contei com privilegiado suporte financeiro, amor, apoio emocional e a humildade dos meus pais, os sertanejos Nilcia e Raimundo. O amor, a companhia, a cumplicidade e a motivação de Victor Nilsson foram combustível doce e alegre. Às minhas irmãs Izaura e Ronilce, pelas lições de cotidiano, repletas de provas de amor, compaixão em momentos de rotina e em viagens muito gratificantes. Aos meus avós baianos Judith Soares Cezar, Jorge Dantas Barreto (em memória), Otaviano Ferreira de Matos (em memória) e Izaura Soares Cezar (em memória), por todos carinhos gratuitos e ensinamentos de sua terra.

A Bernardo Buarque, meu orientador e parceiro em tantas produções, por sempre me manter enérgica e esperançosa diante de tantos turbilhões nestes quase 4 anos e por ser uma inspiração para mim, sendo muitas dos possíveis potenciais desse trabalho fruto de suas leituras rigorosas e perspicazes. A João Marcelo Ehlert Maia, meu segundo mentor intelectual nessa empreitada, por todos os papos, leituras, camaradagem e principalmente por ter despertado em mim a veia aberta do Pensamento Social Brasileiro. À Lúcia Maria Paschoal Guimarães, pela sua atenta leitura e considerações no momento da minha qualificação. À Alejandra Josiowicz, Gustavo Mesquita, Lucia Lippi, Mariana Chaguri e Américo Freire por aceitarem o convite de ser parte da minha banca de defesa.

À Elizabeth Lins do Rego, a incrível dona Betinha, paraibana como o pai e quem me recebeu em sua casa no Rio de Janeiro em diversas doces tardes entre 2017 e 2019, em ocasiões na qual generosamente compartilhou comigo a paixão pela obra de seu pai, livros, histórias e muitos ensinamentos.

Aos colegas do Laboratório de Pensamento Social (LAPES), onde encontrei um ambiente estimulante de debates e ideias. À Luciana Quillet Heymann, Angela Moreira e Marco Vannucchi. À Daniela Aires, pelo seu incrível trabalho na secretaria de Pós-Graduação do CPDOC e pela sua luz e disponibilidade. À Charlotte Riom, pelos ensinamentos de língua francesa, arte e diplomacia. A todos os colegas e principalmente aos amigos que fiz no CPDOC, como aluna, mulher feminista e representante discente dos Doutorandos da casa: aquele abraço

para Alex Brum, Carol Borges, Fernanda Buarque, Leandro Martan, Raphael Alberti, Ruberval Silva e Tarsila Mancebo.

À Elisabete Marin Ribas, que em 2016 me entregou a chave deste Doutorado: um papelzinho de anotação com a sigla CPDOC inscrita, fazendo-me então ir até o Rio de Janeiro, onde decidi realizar meus estudos. Ao Alexandre de Freitas Barbosa, por toda a parceria e pela luz acadêmica desde meus tempos de IEB/USP. À Simone Caputo Gomes, a maior especialista brasileira em Literatura Cabo-verdiana, por ter me encontrado, me dito tanto e por ter me fornecido o material desse país, tão rico e de tão difícil acesso, que entrou neste trabalho. Ao Fernando Paixão, por ter me dado ricas ideias em relação à abordagem da crônica no ambiente das Ciências de Dados. A Fábio Koifman, pelo diálogo sobre o sueco como imigrante ideal e por me fornecer gentilmente um dos documentos apresentados nesta tese. A Paula Igreja, por ter lembrado dos meus estudos zelinianos e ter compartilhado comigo outro documento importante para esta pesquisa. A Torbjörn Andersson, por ter me ensinado o caminho das pedras na *Kungliga Biblioteket*. À Mônica Raisa Schpun, minha co-orientadora do período sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), por toda a generosidade e troca durante os 6 meses da minha vida francesa. À Hervé Théry (EHESS/USP) pela paciência em me ensinar os caminhos das Humanidades Digitais.

À família Abramo Martins (Manuel, Daisy, Marina, Livia e Jérémy) por terem feito da minha estadia na França a melhor possível. À arte dos encontros, nos amigos: Adriana Alves de Toledo, Adrien Brilhault, Alzira Lídio de Matos, Ana Júlia Barreto Fachetti, Andreia Soares Rehem, Camila Nakagawa, Carolina Aidinis, Elio Hitoshi Shinohara, Felipe Trentin, Ildine Prado de Menezes, João Cezar Matos, Joaquim Sores de Matos, Johnny Biritismo, José Pereira dos Santos (em memória), Josemar Lídio de Matos, Lorena Prado de Menezes, Luana Barreto, Luciano Lídio de Matos, Luciomar Lídio de Matos, Luiz Carlos de Menezes, Maria Soares Barreto, Miguel Miras, Mila Barreto, Rachel Amoroso, Renato Ogata, Solange Ledi Gonçalves, Terezinha Proença, Thiago Pastorelli Rodrigues, Uira Gama, Vinícius Madarazo e Viviana Ehrenzeller.

Aos meus professores de Ensino Básico por terem me estimulado desde adolescente. Aos Profs. Drs. Adrián Pablo Fanjul, Ana Cecilia Arias Olmos, José Miguel Wisnik, Maite Celada, Maria de la Concepción Valverde e Olga Ferreira Coelho professores das Letras uspianas que iluminaram meu caminho da graduação com sabedoria, amor ao ensino e à pesquisa, me enchendo de encorajamento e curiosidade nas aulas e conversas. Aos Profs. Drs. do IEB: Alexandre de Freitas Barbosa, Fernando Paixão, Jaime Tadeu Oliva, Marcos Antonio de Moraes, Paulo Teixeira Iumatti e Walter Garcia pela inteligente convivência.

RESUMO

MATOS, Regiane. *O provinciano cosmopolita: redes internacionais de sociabilidade literária e as crônicas de viagem de José Lins do Rego nos anos 1940 e 1950*. 2020. 436f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2020.

A pesquisa propõe a reunião e análise de uma série inédita de crônicas de viagens de autoria de José Lins do Rego (1901-1957), que contribui para compreender as redes internacionais de sociabilidade literária estabelecidas pelo escritor paraibano, radicado no Rio de Janeiro, durante as décadas de 1940 e 1950. Os milhares de microtextos publicados pelo romancista nordestino em periódicos cariocas e em coletâneas revelam o cotidiano sob a ótica intersubjetiva do viajante e a sua maneira pessoal de ver o mundo. Para efeito de recorte de uma produção bastante extensa, decidiu-se focar em três estudos de caso: as viagens à Argentina, em 1943; a Portugal, em 1951, 1952, 1954 e 1956 e à Suécia em 1951. A partir dos relatos capturados pelas crônicas de Lins do Rego, também será realizada a reconstituição das redes internacionais de sociabilidade literária por ele estabelecidas através de consulta a periódicos, arquivos pessoais e institucionais e, principalmente, as dedicatórias das obras conservadas na biblioteca zeliniana. Ao término da investigação, a pesquisa tem como objetivo compreender as redes internacionais de José Lins do Rego, tendo como foco os elementos sociais, literários e políticos que permitirão refinar a compreensão do papel do intelectual brasileiro dentro e fora do país.

Palavras-chave: História. Literatura. Crônicas de viagem. Redes de sociabilidade. José Lins do Rego (1901-1957).

ABSTRACT

The research proposes the meeting and analysis of an unprecedented series of travel chronicles authored by José Lins do Rego (1901-1957), which contributes to understand the international networks of literary sociability established by the writer from Paraíba and based in Rio de Janeiro, during the 1940s and 1950s. The thousands of microtexts published by the Brazilian northeastern novelist in Rio de Janeiro periodicals and in collections reveal the daily life from the intersubjective perspective of the traveler and his personal way of seeing the world. For the purpose of cutting out a very extensive production, it was decided to focus on three case studies: the trips to Argentina in 1943; Portugal in 1951, 1952, 1954 and 1956, and Sweden in 1951. From the reports captured by the chronicles of Lins do Rego, will also be carried out the reconstitution of the international networks of literary sociability established by him through consultation with periodicals, personal and institutional archives and, mainly, the dedications of the books preserved in the Zelinian library. At the end of the research, the research aims to understand the international networks of José Lins do Rego, focusing on the social, literary and political elements that will allow refining the understanding of the role of the Brazilian intellectual inside and outside the country.

Keywords: History. Literature. Travel essays. Sociability networks. José Lins do Rego (1901-1957).

RESUMEN

La investigación propone el encuentro y análisis de una serie sin precedentes de crónicas de viaje escritas por José Lins do Rego (1901-1957), que contribuye a comprender las redes internacionales de sociabilidad literaria establecidas por el escritor de Paraíba, con sede en Río de Janeiro, durante las décadas de 1940 y 1950. Los miles de microtextos publicados por el novelista del noreste en las publicaciones periódicas de Río de Janeiro y en las colecciones revelan la vida cotidiana desde la perspectiva intersubjetiva del viajero y su forma personal de ver el mundo. Con el propósito de cortar una producción muy extensa, se decidió centrarse en tres estudios de caso: los viajes a Argentina en 1943; Portugal en 1951, 1952, 1954 y 1956 y Suecia en 1951. A partir de los informes recogidos por las crónicas de Lins do Rego, también se llevará a cabo la reconstitución de las redes internacionales de sociabilidad literaria establecidas por él a través de la consulta con publicaciones periódicas, archivos personales e institucionales e, principalmente, las dedicatorias de las obras conservadas en la biblioteca zeliniana. Al final de la investigación, la investigación tiene como objetivo comprender las redes internacionales de José Lins do Rego, centrándose en los elementos sociales, literarios y políticos que permitirán perfeccionar la comprensión del papel del intelectual brasileño dentro y fuera del país.

Palabras clave: Historia. Literatura. Crónicas de viaje. Redes de sociabilidad. José Lins do Rego (1901-1957).

RÉSUMÉ

La recherche propose la rencontre et l'analyse d'une série sans précédent de chroniques de voyage rédigées par José Lins do Rego (1901-1957), qui contribue à comprendre les réseaux internationaux de sociabilité littéraire établis par l'écrivain de Paraíba, basé à Rio de Janeiro, dans les années 1940 et 1950. Les milliers de microtextes publiés par le romancier du nord-est dans les périodiques de Rio de Janeiro et dans les collections révèlent la vie quotidienne du point de vue intersubjectif du voyageur et sa façon personnelle de voir le monde. Dans le but d'éliminer une production très étendue, il a été décidé de se concentrer sur trois études de cas : les voyages en Argentine en 1943 ; au Portugal en 1951, 1952, 1954 et 1956 et en Suède en 1951. À partir des rapports recueillis par les chroniques de Lins do Rego, sera également effectuée la reconstitution des réseaux internationaux de sociabilité littéraire établi par lui par la consultation avec des périodiques, des archives personnelles et institutionnelles et, principalement les dédicaces des œuvres conservées dans la bibliothèque zélinienne. À la fin de la recherche, la recherche vise à comprendre les réseaux internationaux de José Lins do Rego, en se concentrant sur les éléments sociaux, littéraires et politiques qui permettront d'affiner la compréhension du rôle de l'intellectuel brésilien à l'intérieur et à l'extérieur du pays.

Mots clés : Histoire. Littérature. Chroniques de voyage. Réseaux de sociabilité. José Lins do Rego (1901-1957).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - Viagens de José Lins do Rego.....	65
Tabela 2 - Lista de partidas realizadas nos amistosos internacionais de 1951	204
Figura 1 - Dedicatória de Nelson Romero a José Lins do Rego.....	87
Figura 2 - Dedicatória de José Lins do Rego para Ezequiel Martínez Estrada (I)	109
Figura 3 - Dedicatória de José Lins do Rego para Ezequiel Martínez Estrada (II)	110
Figura 4 - Entrevista de José Lins do Rego a Diretrizes, 18 nov. 1943	112
Figura 5 - Reprodução de livreto distribuído em homenagem a José Lins do Rego em Coimbra	136
Figura 6 - Dedicatória de José de Almada Negreiros para José Lins do Rego.....	138
Figura 7 - José Lins em viagem de trem em Portugal	139
Figura 8 - Dedicatória de Manuel Bandeira para José Lins do Rego	143
Figura 9 - Dedicatória de Jaime Cortesão e Souza-Pinto a José Lins do Rego	147
Figura 10 - Dedicatória de Fidelino Figueiredo a Gilberto Freyre.....	149
Figura 11 - Dedicatória de Jaime Cortesão para José Lins do Rego	150
Figura 12 - Dedicatória de Souza-Pinto para José Lins do Rego	151
Figura 13 - Dedicatória de Miguel Torga a José Lins do Rego.....	158
Figura 14 - Dedicatória de Ferreira de Castro a José Lins do Rego	161
Figura 15 - Dedicatória de Jorge Barbosa a José Lins do Rego	164
Figura 16 - Dedicatória de Maria Archer a José Lins do Rego	170
Figura 17 - Dedicatória de Fernanda de Castro a José Lins do Rego.....	171
Figura 18 - Dedicatória de António Botto a José Lins do Rego (I).....	173
Figura 19 - Dedicatória de António Botto a José Lins do Rego (II)	174
Figura 20 - Dedicatória de António Botto a José Lins do Rego (III)	175
Figura 21 - Dedicatória de Vitorino Nemésio para José Lins do Rego (I).....	177
Figura 22 - Dedicatória de Vitorino Nemésio para José Lins do Rego (II).....	178
Figura 23 - Dedicatória de Vitorino Nemésio para José Lins do Rego (III)	179
Figura 24 - Dedicatória de Aquilino Ribeiro para José Lins do Rego	180
Figura 25 - Dedicatória de Luís Forjaz Trigueiros para José Lins do Rego.....	181
Figura 26 - Dedicatória de João Gaspar Simões a José Lins do Rego (I)	183
Figura 27 - Dedicatória de João Gaspar Simões a José Lins do Rego (II)	184
Figura 28 - Dedicatória de Adolfo Casais Monteiro a José Lins do Rego (I)	186
Figura 29 - Dedicatória de Adolfo Casais Monteiro a José Lins do Rego (II).....	187

Figura 30 - Capa da tradução sueca de Menino de engenho	198
Figura 31 - Ficha consular de Otto Ola Gunnar Göransson, frente	201
Figura 32 - Ficha consular de Otto Ola Gunnar Göransson, verso.....	202
Figura 33 - Gunnar Göransson, Lars-Erik Ahlberg, Roger Magnusson, Pelé e Gösta Schmidt no Rio de Janeiro em novembro de 1963	203
Figura 34 - Gilberto Cardoso, Per Söderberg, Gunnar Göransson, H. Moraes, Francisco Abreu, Ricardo Serran e José Lins do Rego no Rio de Janeiro	205
Figura 35 - Delegação do Flamengo na chegada em Estocolmo (1951)	207
Figura 36 - José Lins descendo do avião na chegada em Estocolmo	208
Figura 37 - Treino dos jogadores do Flamengo.....	209
Figura 38 - Treino dos jogadores do Flamengo.....	209
Figura 39 - Jogadores do Flamengo recebem lenços e gravatas da Nordiska Kompaniet (NK)	210
Figura 40 - Torcedores assistem à partida Flamengo X AIK a 20 de maio de 1951	211
Figura 41 - Jogadores do Flamengo e do AIK durante a partida do dia 20 de maio de 1951	212
Figura 42 - Idrottsalbum C.R. Flamengo Brasilien [Ilustração do time titular do Flamengo da temporada europeia de 1951]	213
Figura 43 - Adãozinho e Hasse Jeppson se reencontram em Estocolmo	215
Figura 44 - O massagista Ovídio, o “Johnson”, carrega cobertores para os jogadores do Flamengo e José Lins do Rego com Putte Kock e Olle Järvheden	220
Figura 45 - Os jogadores do Flamengo se recuperando ao sol em Bosön. Da esquerda: Nestor, Hermes, Adãozinho, Índio e Esquerdinho	222
Figura 46 - Bigode, zagueiro da Copa do Mundo no Flamengo, mostrando uma bola brasileira assinada por ele e seus companheiros de equipe	223
Figura 47 - O brasileiro José Lins do Rego, líder do Flamengo. Vilhelm Moberg e Erik Blomberg o dizem conhecedor de arte, escritor e homem da liberdade.....	223
Figura 48 - Final da semana do Jubileu.....	224
Figura 49 - Propaganda com Adãozinho e o massagista Ovídio (o “Johnson”) para empresa de suco de laranja Luck.	225
Figura 50 - Sorteio da Copa do Mundo da Fifa, realizado em 1950	226
Figura 51 - Capa do jornal sueco Aftonbladet intitulada “Flamengo em cobertores”	228
Figura 52 - Dona Naná e José Lins na varanda do hotel em que ficaram hospedados na Finlândia, em frente ao mar Báltico, em 1954	234

Figura 53 - José Lins e dona Naná na residência de Maria Christina, na Finlândia, em 1954	234
Figura 54 - Reprodução do Portal da Crônica Brasileira.....	433
Figura 55 - Reprodução da página de internet “Walking in Holden’s footsteps”	434
Figura 56 - Reprodução da página de internet “Machado de Assis vida e obra”	435

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABL – Academia Brasileira de Letras

AIK – *Allmänna Idrottsklubben*

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil,
Fundação Getúlio Vargas

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

EHESS – École des hautes études en sciences sociales

EUA – Estados Unidos da América

FCRB – Fundação Casa de Rui Barbosa

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FIFA – Federação Internacional de Futebol

GF – Gilberto Freyre

HIF – *Hammarby Idrottsförening*

IEB/USP – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

JLR – José Lins do Rego

JO – José Olympio

LAPES – Laboratório de Pensamento Social

MJNI – Ministério da Justiça e Negócios Interiores

MRE – Ministério das Relações Exteriores

NF – Newton Freitas

OEA – Organização dos Estados Americanos

PCB – Partido Comunista do Brasil

pdf – *portable document format*

PSB – Partido Socialista Brasileiro

RJ – Rio de Janeiro

SBADP – Sociedade Brasileira dos Amigos da Democracia Portuguesa

UDN – União Democrática Nacional

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Introdução	16
<i>Objetivo, hipótese e problema</i>	<i>40</i>
<i>Caminhos da pesquisa</i>	<i>47</i>
<i>Algumas considerações a respeito das viagens diplomáticas para a promoção da Cultura Brasileira a partir do caso de José Lins do Rego</i>	<i>57</i>
<i>As viagens de José Lins do Rego</i>	<i>63</i>
Capítulo 1 - Conferências no Prata: crítica literária, redes de sociabilidade e as crônicas portenhas de José Lins do Rego	70
1.1. O regionalista José Lins do Rego: vanguarda em retrocesso? Reconstrução de sua trajetória intelectual nas viagens ao exterior	73
1.2. As Conferências no Prata (1946) e a viagem ao Sul do Brasil	76
1.3. O Colégio Libre de Estudios Superiores	79
1.4. Inserção no jornalismo carioca e reconhecimento editorial internacional em 1940	81
1.5. As crônicas de José Lins do Rego sobre a Argentina	99
Capítulo 2 - Um imenso Portugal? Redes literárias e editoras transatlânticas	120
2.1. Redes de sociabilidade literária Brasil-Portugal: uma leitura das dedicatórias de obras conservadas na Biblioteca de José Lins do Rego	140
2.2. A Editora Livros do Brasil	145
2.3. Crônicas no jornal O Globo (1944-1956) e no livro O vulcão e a fonte (1958)	154
2.4. As cidades portuguesas	157
2.5. O cinema português	167
2.6. A arte de mulheres portuguesas: uma crônica sobre a intérprete Amália Rodrigues e duas obras em sua Biblioteca	169
2.7. As crônicas zelinianas e as relações histórico-literárias entre Brasil e Portugal	172
Capítulo 3 - Bota de sete léguas: viagens aos países nórdicos (1951-1954)	192
3.1. A excursão do Flamengo à Suécia (1951)	203
3.2. A Suécia e o cronista esportivo	229
3.3. Uma crônica da Dinamarca	231
3.4. Crônicas finlandesas	233
Considerações finais	241
Referências bibliográficas	254

ANEXO A – 38 crônicas sobre a Argentina, assinadas por José Lins do Rego, publicadas n’ <i>O Globo</i> (1944-1956)	273
ANEXO B – Transcrição das dedicatórias de obras de autores argentinos e sobre a Argentina	308
ANEXO C – Documentos oficiais do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty) recolhidos em julho de 2018, em pesquisa no Arquivo Histórico do Itamaraty, localizado na cidade do Rio de Janeiro.....	309
ANEXO D – Seleção de artigos e entrevistas de José Lins do Rego publicados na revista carioca <i>Diretrizes</i>	318
ANEXO E – 14 recortes de jornais sobre a recepção das conferências do Colégio Libre de Estudios Superiores	327
ANEXO F – “Nota sobre Mallea”, prefácio da tradução de <i>Todo verdor perecerá</i> (Porto Alegre: Globo, 1949), assinada por José Lins do Rego e Henrique de Carvalho Simas.....	357
ANEXO G – Notas de pesquisa em arquivos literários	359
ANEXO H – REGO, Naná Lins do. “Naná: a casa continua como ele a deixou”. In: <i>O Globo</i> , 16 fev. 1975, Suplemento Jornal da Família	363
ANEXO I – 34 crônicas sobre Portugal, assinadas por José Lins do Rego.....	364
ANEXO J – Transcrição das dedicatórias de obras de autores portugueses e sobre Portugal	407
ANEXO K – Edições portuguesas da obra de José Lins do Rego no Real Gabinete Português de Leitura.....	413
ANEXO L – “Provou a Europa e gostou – Chega agora ao Rio e já pensa voltar – O Congresso pela Defesa da Cultura em Paris – Recorda Faulkner, o abstracionismo e Magneli – Cioran e Malraux – Em Portugal – Almada Negreiros – Uma nota sobre Silone”. In: <i>Tribuna da Imprensa</i> (RJ), 28-29 jun. 1952.....	420
ANEXO M – Crônica sobre o poeta dinamarquês Sören Kierkegaard.....	424
ANEXO N – 6 crônicas sobre a Finlândia	426
ANEXO O – Proposta de produto: um portal das crônicas zelinianas	433

Introdução

“a memória individual terá muito o que dizer à nossa história social”
(Alfredo Bosi, *Entre a literatura e a história*, p. 104).

No Rio de Janeiro, José Lins do Rego, preso a costume da infância, continuava a acordar cedo. Escrevia e/ou lia cerca de uma hora, tomava café, e saía, em geral, de lotação. Ia conversando com este ou aquele passageiro. As conversas eram, sobretudo, acerca de futebol. E tantas foram elas que delas nasceu o batismo de uma seção que manteve em O Globo: “Conversas de lotação”. Ia ao barbeiro – na Avenida Rio Branco – e era íntimo da gente da barbearia. Tinham todos um idioma comum: o futebol. Almoçava na Confeitaria Colombo. Tão conhecido era dos chefes da casa (e também dos garçons, com quem trocava palavras nada convencionais), que hoje se vê no refeitório uma placa onde há palavras alusivas ao prestígio de José Lins do Rego ali (HOLANDA, Aurélio Buarque de. “Revelações sobre José Lins do Rego”, 1982, p. 171).

O objeto desta tese começou a ser delineado em maio de 2017, quando passei a participar das reuniões do Laboratório de Pensamento Social (LAPES) na mesma Escola de Ciências Sociais da FGV, onde conheci Bernardo Buarque, meu orientador. A partir dos encontros decidi então levar adiante esta tese em torno das crônicas de José Lins do Rego (JLR) acerca de sua rotina no Rio de Janeiro – cidade onde viveu entre 1935 até a sua morte, em 1957 – e de suas viagens à Argentina em 1943, à Suécia e à Dinamarca em 1951, a Portugal em 1951, 1952, 1954 e 1956 e à Finlândia em 1954 e 1955, tendo como ponto de partida o meu interesse pelos estudos em torno do modernismo brasileiro e do contexto literário latino-americano na primeira metade do século XX.

Por essas razões decidi, então, utilizar-me da experiência com fontes literárias para elaborar uma tese que contemplasse o escritor modernista e nordestino, pelo qual tenho interesse há tempos: José Lins do Rego. Suas crônicas de viagem foram primeiramente publicadas em periódicos cariocas (*O Globo*, *Jornal dos Sports* e *Diários Associados*), algumas reunidas em coletâneas e outras ainda inéditas.

Esses textos, ao tratarem das realidades brasileira, argentina, portuguesa e sueca trazem ao leitor elementos culturais, literários, políticos e sociais, muitas das vezes tendo como ponto crucial a relação de alteridade entre o Brasil e esses outros três países. Os objetivos são os seguintes: apresentar e analisar 1) as motivações iniciais das viagens – à Argentina ocorreu por convite do Itamaraty; a Portugal as quatro viagens foram parte de roteiros europeus; à Suécia e à Dinamarca que também esteve relacionada à excursão do time de futebol do Flamengo, clube de que era dirigente; à Finlândia na ocasião em que foi visitar a filha Maria Christina, casada

com o diplomata Carlos Veras dos Santos; 2) as redes de sociabilidade que proporcionaram as viagens, bem como dos estrangeiros e brasileiros que o receberam nesses países e com os quais possa ter mantido contato depois das viagens, as conferências que proferiu; 3) reunir e analisar como a presença do cronista foi divulgada nos periódicos desses países; 4) compreender a faceta cosmopolita de JLR, de modo a reavaliar a marca de romancista provinciano que a história literária brasileira consagrou a seu respeito.

Além de romancista reconhecido nacional e internacionalmente ainda em vida, o intelectual paraibano atuou como funcionário público e mediador cultural, publicou milhares de crônicas em jornais da Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Além disso, participou de delegações de futebol, tanto da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e da Seleção Brasileira de futebol, quanto de seu clube do coração, o Flamengo.

Ângela de Castro Gomes, no artigo “Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo” (1993, p. 63), desenvolve o conceito de sociabilidade intelectual, revelando o “espaço e o clima em que se moviam os intelectuais do Rio durante cerca de duas décadas cruciais para a cultura brasileira”, ou seja, as décadas de 1920 e 1930. O modernismo, para a historiadora da UFF, é entendido como “um movimento de ideias renovadoras que estabelece fortes conexões entre arte e política, e que é caracterizado por uma grande heterogeneidade”.

Para a referida autora (Ibidem, p. 65), o trabalho que tem como foco o meio intelectual busca “mapear um espaço que a noção de sociabilidade reveste de um duplo sentido”. O primeiro sentido está “contido na ideia de rede”, que “remete às estruturas organizacionais da sociabilidade através de múltiplas e diferentes formas que se alteram com o tempo, mas que têm como ponto nodal o fato de se constituírem nos *loci* de aprendizagem e trocas intelectuais”. Exemplar desses espaços de sociabilidade seriam os “salões, cafés, casas editoras, academias, escolas, revistas, manifestos e mesmo a correspondência de intelectuais”, fontes em potencial para a “análise do movimento de fermentação e circulação de ideias”. O segundo sentido por ela apontado se refere às “redes que estruturam as relações entre os intelectuais”, sendo os “microclimas”/“pequenos mundos intelectuais” os espaços geográficos e afetivos da sociabilidade.

Durante os 4 anos de doutoramento, enquanto em contato com as historiografias em torno de JLR, pude perceber diferenças interpretativas entre as leituras de sua vida e obra em trabalhos feitos por intelectuais do eixo Rio-São Paulo – os quais geralmente o ligam à posição de intelectual com capacidade de estabelecimento de redes de sociabilidade e ligado ao campo editorial, principalmente através de José Olympio e sua editora; e do Nordeste – mais atidos à

sua produção literária e às representações locais. Todavia, são poucos os estudos que dão conta da pluralidade cronística de José Lins do Rego, objeto central desta tese.

Em contrapartida, observando estantes de livrarias muito frequentadas da Zona Sul carioca no ano de 2018, pude constatar que na seção de Literatura Brasileira as obras de JLR são pouco encontradas e, quando são, em poucos exemplares e pouca variedade – *Menino de engenho* e *Fogo morto* quase sempre constantes, além de um ou outro de seus romances. Suas milhares de crônicas, publicadas em periódicos brasileiros, reunidas em obra organizadas pelo próprio escritor ou por organizadores postumamente, ainda são pouco estudadas. Esta pesquisa tem como objetivo, então, trazer à luz a produção cronística do autor, a fim de enriquecer os estudos zelinianos e os estudos dos desdobramentos da diversa atuação intelectual dos escritores modernistas e regionalistas brasileiros em outras esferas, além das artes e da literatura.

O jornal, tido como suporte efêmero, vira barreira para a recuperação deste conteúdo e, além disso, os textos nele publicados costumam ter menos valorização literária quando o autor, no caso, já fora consagrado com seus romances publicados em livro, suporte literário de excelência e legitimação na hierarquia dos gêneros, acima de contos, novelas, entre outros. Acredita-se aqui que os jornais podem ser estritamente relacionados à literatura, por serem um laboratório de experimentação e por vezes de criação literária, bem como de testes de públicos-leitores a partir da recepção dos textos ali publicados. Desta maneira, recuperar e analisar as crônicas de JLR contribui aos estudos literários de sua obra, transpassando as fronteiras geralmente demarcadas pelo cânone literário, que se centra na produção romanesca do autor.

Embora concorrentes e, em alguns casos, com princípios antagônicos entre si, a pesquisa histórica e a crítica literária podem mostrar afinidades metodológicas, quando se trata de investigar a obra de um historiador, de um escritor ou de um artista. Além dos aspectos biográficos e da tradicional contextualização, um procedimento recorrente de ambas as áreas consiste na procura pelos vestígios e indícios da produção escrita de um autor, de modo a cobrir ou a renovar o conjunto de possibilidades analíticas e interpretativas de sua trajetória e produção intelectual.

Entre os pesquisadores das áreas de Letras e de História, em que pesem diferenças e certas rivalidades na investigação de um mesmo tema ou objeto, isso acontece através da utilização da Crítica Genética, do estudo de cartas, da análise de manuscritos, da consulta à biblioteca ou ao acervo do literato, bem como das publicações consideradas menos importantes pela fortuna crítica. Pode-se dizer, sem embargo, que o estudo da crônica constitui um dos gêneros em comum que mais contribui para as convergências, consonâncias e sinergias de pesquisa.

Nesse sentido, as demandas da metodologia científica contemporânea têm trazido desdobramentos no âmbito da pesquisa de pós-graduação no Brasil, com especial atenção para a produção cronística de literatos, apreciada como fontes capazes de lançar novas luzes sobre o conjunto de uma obra ou de um autor. Dissertações e teses têm-se dedicado a observar com mais atenção elementos pouco enfatizados com relação a escritores que, segundo o cânone de sua época, alcançaram prestígio e projeção. Exemplos extraídos dos dois campos podem elucidar tal observação.

Entre os historiadores, o interesse pela literatura é crescente no Brasil desde pelo menos os anos 1990. Sob influência da renovação historiográfica europeia e estadunidense, a preconizar o alargamento das fontes da história, os trabalhos de Francisco Foot Hardman (1991), de Nicolau Sevcenko (2003) e de Sidney Chalhoub (2003) abordaram os escritos de Machado de Assis, Lima Barreto e Euclides da Cunha à luz de parâmetros historiográficos que visam fisgar a lógica social do texto e que buscam diferenciar-se do cânone da crítica literária acadêmica.

Em adição, pesquisas de cunho coletivo desenvolvidas por historiadores da Unicamp e da PUC-Rio no início do século XXI debruçaram-se em particular sobre a história social da crônica no país, com as coletâneas *A história contada* (1998) e *História em coisas miúdas* (2005), a contemplar uma gama de escritores, que vai de Coelho Neto a Jorge Amado, passando por Mário de Andrade, entre muitos outros.

Com relação aos estudiosos situados no campo da Literatura, o pesquisador Álvaro Simões Jr. realizou estudo que reuniu as crônicas seriadas de Olavo Bilac (2011) – autor mais conhecido por sua produção poética –, publicadas entre 1900 a 1908, período da *Belle Époque* carioca. Foi dessa maneira também que a crônica machadiana, estudada por John Gledson (ASSIS, 2008) desde os anos 1980, contribuiu para redimensionar a maestria das milhares de crônicas, das centenas de contos e das dezenas de romances de Machado de Assis. No mesmo movimento, a pintora Tarsila do Amaral teve a totalidade de seus textos jornalísticos compulsados pela pesquisa de Laura Taddei Brandini (2008), com a abrangência de duas décadas, entre 1936 e 1956.

Caminho análogo vem sendo perseguido nos estudos literários e sociológicos do escritor José Lins do Rego (1901-1957), mais conhecido pelo memorialismo e pelo moderno regionalismo nordestino dos anos 1930. Como se sabe, sua obra principal centra-se na representação ficcional dos ciclos históricos, regionais e sociais do canavial e do sertão do Nordeste brasileiro, a exemplo de *Fogo morto* (1943) e *Cangaceiros* (1953).

Como os demais polígrafos e funcionários públicos de sua época (MICELI, 2001), a colaboração nos jornais legou uma quantidade impressionante de crônicas e artigos publicados ao longo da vida do paraibano, em periódicos da grande imprensa, sendo boa parte delas inéditas em livro. Nesse caso, o lastro de publicações vai do final dos anos 1910 até fins da década de 1950, quando José Lins do Rego faleceu, no Rio de Janeiro, então capital da República. As crônicas foram publicadas nos jornais das capitais em que residiu – João Pessoa, Recife, Maceió e Rio –, além de um número considerável em impressos de São Paulo, onde não chegou a ser residente, mas aonde ia com certa frequência.

Em outubro de 2018, em consulta ao Arquivo e à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, encontrei, dentre os recortes da Hemeroteca da ABL, menções ao III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, que ocorreu na cidade de João Pessoa (PB) entre os dias 4 e 8 de dezembro de 1962 e homenageou José Lins do Rego. O primeiro Congresso, em 1960, ocorreu no Recife (PE) e o segundo, em 1961, na cidade de Assis (SP).

A terceira edição contou com dois temas principais, sendo o primeiro “a obra de José Lins do Rego em todos os seus aspectos, destacando-se o estilístico; as personagens; a projeção regionalista para o universalismo”, com conferências de Antonio Candido (“A estrutura de *Fogo morto*”), Edmund Albin da Silveira (“Lins do Rego – valor social e literário”), José Carlos Garbuglio (“Tradições em decadência”), Nelly Novaes Coelho (“A expressão do homem na obra de José Lins do Rego”), Oliveiros Litrento (“José Lins do Rego e sua contribuição marinista”), Rolando Morel Pinto (“Da memória à imaginação”), Teresa Pires Vara (“Sentido dramático do tempo em *Fogo morto*”), Virgínius da Gama e Melo (“Paisagismo ficcional em Lins do Rego”) e Vítor Ramos (“A presença do estrangeiro no mundo de ficção de Lins do Rego”).

O segundo tema, em torno da crítica literária no Brasil (poesia, ficção, romance, conto e novela), contou com conferências de Ariano Suassuna (“Teatro, região e tradição”), Décio Pignatari (“A poesia brasileira em ação”), Haroldo de Campos (“Da tradução como criação e como crítica”), Íris de Barbosa Mello (“Divulgação cultural nas Américas”), João Alexandre Barbosa (“*Jornal de Timon*: singularidade de uma resposta”), José Barbosa Mello (“Cultura e desenvolvimento”), Luís Costa Lima (“O campo visual de uma experiência antecipadora: Souza Andrade”), Oliveiros Litrento (“Um problema de literatura brasileira contemporânea: o neoconcretismo e o suicídio da poesia”), Pierre Furter (“Poesia e sociedade”), Roberto Paula Leite (“Do ensaio, da crítica literária, Sílvia Romero”), Wilson Chagas (“Antonio Candido e o nacionalismo literário”). Gilberto Freyre proferiu a conferência de encerramento do III Congresso (Cf. “III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária”).

Sobre o III Congresso, diz Antonio Candido, quem esteve presente nas três primeiras edições:

Tudo isso conferiu ao Congresso uma importância grande, que se reflete nos seus *Anais*. Os *Anais* do Congresso de Assis são, a meu ver, das coisas mais importantes que houve até então em matéria de registro de atividade literária. Eu me lembro do 1º Congresso Brasileiro de Sociologia, de 1954, cujos anais eram importantes, e ficaram. A meu ver, os do Congresso de Assis ficaram também, foram um marco. Participei depois, em fins de 1963, do 3º Congresso, na Paraíba. Esse foi diferente, porque era organizado em torno da obra de José Lins do Rego. Foi muito interessante, mas não teve a universalidade e o nível dos debates do Congresso de Assis (CANDIDO, Antonio. “50 anos depois – Estudos literários no Brasil contemporâneo”. In: *Blog da Editora Unesp*, Seção No prelo, 27 jan. 2015).

Realmente há poucas publicações que fazem menção ao III Congresso: as duas edições anteriores são as mais citadas e os textos ali proferidos estão publicados. Nas décadas seguintes o cânone do regionalismo brasileiro giraria em torno de Graciliano Ramos, sendo José Lins pouco publicado e pouco estudado, fato que tem mudado a partir das primeiras décadas do século XXI.

A obra cronística de Lins do Rego foi estudada, em período recente, pelo professor César Braga-Pinto (REGO, 2007), da *Northwestern University*, que em seu pós-doutorado, realizado na Universidade de São Paulo, fez um levantamento nos acervos dos arquivos públicos dos estados de Alagoas e da Paraíba, para localizar as primeiras colunas, os *Ligeiros traços*, do jovem estudante de Direito na imprensa, publicadas entre 1919 e 1924. Bernardo Buarque de Hollanda, por sua vez, dedicou-se em sua dissertação de mestrado a reunir e analisar as 1.571 crônicas esportivas publicadas por Lins do Rego no Rio de Janeiro, mais precisamente no *Jornal dos Sports*, de propriedade do jornalista Mário Filho, entre 1945 e 1957 (HOLLANDA, 2003).

Dois outros exemplos acadêmicos, cada um de uma área – Ciências Sociais e Letras –, podem ainda ser arrolados. A socióloga da Unicamp, Mariana Chaguri (2007), em dissertação premiada pela ANPOCS, revisitou os conceitos de região e de regionalismo na abordagem dos romances sociais dos anos 1920 e 1930, enquanto a professora de literatura da Unesp, Juliana Santini (2015), consagrou-se ao mesmo conjunto ficcional do escritor, para destacar o papel do humor na caracterização psicológica dos personagens decadentes de *Fogo morto*.

A reunião e análise deste conjunto de textos – sobre Argentina, Portugal, Suécia, Dinamarca e Finlândia – possibilitará o acesso de pesquisadores de diversas áreas – Literatura, Ciências Sociais, História, Política – a testemunhos de época escritos por um intelectual que transitou por diversas redes de sociabilidade nacionais e internacionais, utilizando-se do suporte

jornalístico para retratar questões literárias, sociais, econômicas e políticas do Brasil e do mundo por meio das crônicas. Os estudos dos pesquisadores César Braga-Pinto (2005, 2007 – organização de *Ligeiros traços*, 2011 e 2018), Bernardo Buarque de Hollanda (2003; 2012) e Mariana Chaguri (2007; 2012) são referências para o presente trabalho por articularem a atuação intelectual do autor além de seus romances e servem de base metodológica para esta tese.

Em fevereiro de 2018, realizei pesquisa no Portal CAPES, a fim de fazer levantamento das teses e dissertações que abordassem, de maneira principal ou tangencial, o intelectual e escritor José Lins do Rego e sua obra. Das 117 ocorrências, a maioria delas gira em torno de seus romances, algumas tratam do regionalismo, outras analisam seus personagens a partir de perspectivas literárias, sociológicas e/ou históricas. Além dos trabalhos mencionados acima, tive acesso à tese de André Mendes Capraro, intitulada *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX* (2007), na qual ele analisa o futebol como objeto de análise em crônicas literárias brasileiras, dividindo seu estudo em dois blocos históricos: o primeiro ligado à sociogênese do esporte no país, e o segundo quando o esporte já se encontrava “inscrito como elemento central da cultura brasileira, assumindo um papel de agente afirmador da identidade nacional”.

Além de explorar textos de Coelho Netto, Lima Barreto, Monteiro Lobato, João do Rio, Graciliano Ramos, Gilberto Amado, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Mário Filho e Armando Nogueira, o historiador dedica uma parte de seu trabalho ao estudo das crônicas esportivas de JLR, quem tivera o estádio do Maracanã como espaço de encontro frequente com outros três desses cronistas mencionados: o então jovem Armando Nogueira e os irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues.

Já em junho de 2020 tive acesso ao artigo de Davi Lopes Villaça, intitulado “José Lins do Rego entre o orgânico e o problemático” (2020), no qual o autor retoma os principais debates sobre a obra romanesca de JLR, sobretudo se utilizando de estudos de Otto Maria Carpeaux, Antonio Candido, Alfredo Bosi, Graciliano Ramos, José Aderaldo Castello e de Luís Bueno.

Dentre os textos desses autores, Villaça afirma que sua interpretação da obra zeliniana se aproxima mais da interpretação de Luís Bueno, que pontuou a ligação do homem com sua terra e de seu problema com seu lugar de origem como questão frequente nas diferentes obras e personagens de JLR, dando o autor do artigo mais atenção às origens em si. Villaça aponta que dentre os heróis fora do “Ciclo” é traço comum de muitos deles a dupla impossibilidade – “de reconciliar-se com suas origens e a de romper definitivamente com elas” (VILLAÇA, 2020,

p. 200), sendo “pela revelação de sua história que o herói se inteira de quem é ou deveria ser, e ao destino de quais pessoas estava de fato ligado”.

Assim, “os romances de José Lins parecem expressões da relação provavelmente nunca bem resolvida do autor com o próprio passado”, que “incide sobre o presente e o paralisa” (Ibidem, p. 201), e “quase todos os protagonistas dos romances exteriores ao ‘Ciclo’ vivem o drama da escolha entre uma ruptura ou uma reconciliação com o passado” (Ibidem, p. 204).

O levantamento desses dados indica que os estudos zelinianos se concentram na Crítica Literária e da Literatura Comparada, na História e na Sociologia a partir de sua obra romanesca. O objetivo desta tese é, portanto, busca contribuir com sua fortuna acadêmica mediante a reconstituição das redes internacionais de sociabilidade literária, a partir dos casos da Argentina, de Portugal e da Suécia, bem como das crônicas por ele publicadas, que giram em torno desses países e da interlocução com seus intelectuais. Privilegiei esses três países, deixando a abordagem de suas outras tantas viagens a outros catorze países em trabalhos futuros de minha autoria ou de outro(a) pesquisador(a) que queira dar continuidade à instigante tarefa.

Quanto à justificativa para a escolha desses três países, a Argentina figura aqui nesta tese por tratar-se da primeira viagem internacional de JLR, ocorrida em 1943; Portugal por ser o país mais visitado por ele – viajou para lá nos anos de 1951, 1952, 1954 e 1956 e Suécia por tratar-se da primeira viagem de caráter esportivo ao exterior realizada pelo paraibano, da qual é emblemático o fato de ele ter sido o chefe da delegação do Flamengo nessa que foi a primeira excursão europeia do clube de futebol carioca, que no ano de 1951 também passou por Dinamarca, França e Portugal. No Capítulo 3 optou-se por ampliar a abordagem para os países nórdicos, incluindo também as crônicas sobre Dinamarca e Finlândia.

Para este fim me utilizei das seguintes fontes: encontros com Elisabeth Lins do Rego, primogênita do escritor com quem tive a oportunidade de conversar em diversas ocasiões em seu apartamento na cidade do Rio de Janeiro; os dados memorialísticos mesclados aos ficcionais em seus romances; a narrativa que produz no autobiográfico *Meus verdes anos* (1956); correspondência ativa, passiva e de terceiros; entrevistas concedidas durante sua vida no Rio e depoimentos de terceiros em documentários; fotos; Biblioteca de José Lins do Rego, conservada no Museu José Lins do Rego, entre outros.

O caminho solitário da elaboração do texto final desta tese passou por diferentes momentos. O primeiro foi o entusiasmo, que me levou a percorrer diversos arquivos institucionais: Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro/RJ), Arquivo Histórico do Itamaraty (Rio de Janeiro/RJ), Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro/RJ), Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), Instituto Moreira Salles (Rio de Janeiro/RJ) e Museu José Lins

do Rego (João Pessoa/PB). A partir da consulta e do levantamento desta documentação, comecei a delinear o meu objeto de pesquisa, sendo a frequente consulta online ao Acervo *O Globo* fundamental para acessar as 1.823 crônicas ali publicadas e assinadas por José Lins do Rego.

Entre os meses de março e agosto de 2020 tive a oportunidade de realizar meu doutorado-sanduíche na *École des hautes études en sciences sociales* (EHESS, Paris), sob a orientação da Profa. Dra. Monica Raisa Schpun, quem generosamente me incluiu no seu grupo de trabalho *Migrations et spaces urbaines*. Além de apresentar a “parte Argentina” desta tese nesse grupo de trabalho, também pude ser participante da *Journée d’Études Humanités Digitales*, ocorrida em junho de 2020, para a qual pude desenvolver a proposta de produto de Humanidades Digitais vinculada à obra de José Lins do Rego que será apresentada nas Considerações finais deste trabalho e que fora contrapartida do Programa CAPES Print para a concessão da minha bolsa.

A proximidade com a trajetória do paraibano a partir de consultas exaustivas aos acervos acima mencionados, da bibliografia sobre ele já publicada e da leitura de seus romances me deram confiança para começar a delinear, problematizar e desenvolver o meu objeto de estudo. Foi aí que optei por utilizar o termo oxímoro “provinciano cosmopolita” – que será desenvolvido como fio condutor desta tese, com enfoque em três países dos dezoito pelos quais JLR viajou.

A escrita da tese aqui apresentada pretendeu seguir uma ideia de linearidade, deixando claro os passos da pesquisa e os caminhos percorridos, na tentativa de evidenciar o meu trabalho como historiadora da literatura, desvendando uma parte ainda não explorada do José Lins: o cronista viajante. Nesse sentido, a micro história tão bem desenhada por Carlo Ginzburg (2006) que dá luz aos personagens históricos, dando a eles o lugar de agentes de suas próprias histórias através do paradigma indiciário, foi inspiradora na elaboração desta tese.¹

José Lins cronista

Esta seção tem como objetivo traçar uma breve arqueologia de José Lins do Rego como sujeito de um sistema complexo, sem me ater às características psíquicas e psicológicas de sua

¹ Sobre as especificações técnicas do presente trabalho, optou-se por atualizar a grafia de todas as transcrições, e as traduções de textos em espanhol e inglês e sueco) são sempre de minha responsabilidade. O paradigma indiciário diz respeito ao método heurístico centrado no detalhe, nos dados marginais, em indícios, pistas e sinais na pesquisa historiográfica.

trajetória e obra, mas apresentando o seu papel social e literário dentro do universo intelectual brasileiro entre as décadas de 1920 e 1950.

José Lins do Rego Cavalcanti nasceu no Engenho Tapuá, em São Miguel de Taipu (PB) em 1901 (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2000). Sua mãe morre quando ele ainda era criança, o pai casa-se com outra mulher. Ele passa a ser criado entre os engenhos do avô Bubu, sob responsabilidade das tias. Estuda em internatos e depois se forma na Faculdade de Direito do Recife, cidade onde vive entre 1919 e 1925. Em 1923 casou-se com Filomena Massa, a Naná, com quem teve 3 filhas: Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Christina. Funcionário público até a sua morte, em 1957, atuou como promotor público em Manhuaçu (MG) entre 1925 e 1926, como fiscal de bancos e depois fiscal de impostos em Maceió (AL) entre 1926 e 1935, ano em que passou a atuar como fiscal de imposto no Rio de Janeiro (RJ). Em crônica de 1952, ele nos conta: “De fato, sou agente do fisco federal há mais de 26 anos. A princípio em Maceió, depois no interior do Estado do Rio, servindo em cidades pobres, em contato com pequenos comerciantes e industriais” (REGO, José Lins do. “O fiscal de consumo José Lins do Rego”. In: *O Globo*, 27 nov. 1952).

A obra romanesca de José Lins do Rego (1901-1957) é representante do chamado “romance social” brasileiro que, na década de 1930, dá destaque à produção literária de autores do nordeste do Brasil, dentre os quais o alagoano Graciliano Ramos (1892-1953), o baiano Jorge Amado (1912-2001) e a cearense Raquel de Queirós (1910-2003). Sua primeira publicação literária fora ainda na juventude, quando aos 17 anos passou a escrever ensaios para jornais da capital paraibana: a estreia se deu com o artigo dedicado a Rui Barbosa publicado no *Diário do Estado* (HOLLANDA, 2012, p. 62). Os títulos que o fizeram reconhecido escritor são: o denominado “ciclo da cana-de-açúcar”, que abarca *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Usina* (1936) e *Fogo morto* (1943); o “ciclo da seca e do cangaço” *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953); *O moleque Ricardo* (1935), *Riacho Doce* (1939) e *Eurídice* (1947) são do “ciclo urbano”, enquanto *Pureza* (1937) e *Água-mãe* (1941) e representam o “ciclo do misticismo”.

José Lins viveu no Recife entre os anos de 1919 e 1925, tendo iniciado sua carreira de escritor com a publicação de textos nos quais combatia o modernismo paulista, no semanário *Dom Casmurro*, no *Jornal do Recife* e no *Diário da Paraíba* (CHAGURI, 2007, p. 46). Ainda no contexto recifense é importante lembrar que na mesma década de 1920 os regionalistas publicavam seus textos e divulgavam suas ideias principalmente por meio do *Diário de Pernambuco*, no qual trabalhavam Gilberto Freyre, Osório Borba e José Lins, enquanto que os futuristas e “idólatras da Semana de Arte Moderna de São Paulo”, dentre eles Joaquim Inojosa

e Ascenso Ferreira, se utilizavam principalmente do *Jornal do Comércio* da cidade, de propriedade dos irmãos Pessoa de Queirós (Ibidem, p. 23). Assim, foi entre “bacharéis nordestinos que desenvolviam atividades como cronistas ou críticos em jornais do Recife” que Gilberto Freyre pôde ter suas ideias acolhidas (Ibidem, p. 36).

No ensaio intitulado “Ordem e tradição: a conversão regionalista de José Lins do Rego” (2011), César Braga-Pinto traz um “esboço da biografia intelectual” do paraibano durante os anos de 1919-1924, destacando o diálogo estabelecido entre ele e Gilberto Freyre, mencionando os primeiros escritos de ambos nordestinos e demonstrando através desses textos como a defesa da ordem e da tradição fora base do projeto regionalista na década de 1930. O ensaísta vai além do estudo de Chaguri (2007) e aponta que, na verdade, sua primeira atividade profissional foi como jornalista entre “janeiro e março de 1919, na coluna ‘Ligeiros traços’, do jornal de oposição *Diário do Estado da Paraíba*, ao lado de José Américo de Almeida” (BRAGA-PINTO, 2011, p. 18), sendo sobretudo “entre o final de 1921 e término de 1922 que ‘Lins do Rego’ – como então passa a assinar – começa a se fixar como jornalista, contribuindo regularmente para a seção ‘Crônica social’ e, mais tarde, para a primeira página do *Jornal do Recife*” (Ibidem, p. 19).

Braga-Pinto ainda indica que o primeiro encontro entre Freyre e JLR ocorrera na Paraíba em 1923, onde e quando o pernambucano fora proferir uma palestra intitulada “Spencer e o problema da educação no Brasil”, para a qual o José Lins partiu acompanhado de seu amigo Olívio Montenegro. A partir daquele momento sinaliza que interessa “compreender e avaliar não só a intensidade do impacto provocado por esse encontro, mas também o significado da transformação na postura intelectual de José Lins, supostamente ocorrida a partir desse momento” (Ibidem, p. 17).

Ainda no ensaio, Braga-Pinto indica que “mais do ninguém é Freyre quem frequentemente insistirá em dizer que o período em que conviveram em Recife (na verdade, pouco mais de um ano) teria determinado a ‘conversão’ de José Lins de jornalista panfletário a verdadeiro escritor” (Ibidem, p. 27). Após esse período, JLR terminara seu curso de Direito e resolvera retornar ao engenho de seu avô: “durante esse período é que se delineia o cerne da narrativa da ‘conversão’ de José Lins do Rego que, para Freyre, foi ‘parecida com a de Santo Agostinho’”, inclusive no que se refere ao seu posicionamento religioso católico e a uma “radical mudança comportamental”, deixando a boemia e a vida de solteiro de outrora (Ibidem, p. 29).

Voltar ao engenho significava o “desejo de reatar com a tradição e o passado do avô” (Ibidem, p. 36). Desse ensaio é crucial observar que devemos levar em conta as “contradições

(pessoas e políticas) que de certo modo permanecerão vivas nas suas obras de ficção” (Ibidem, p. 30), e acrescento que para esta pesquisa ficou evidente que essa leitura pode ser ampliada à sua atuação intelectual como um todo, sendo esse retorno à tradição o fator que torna JLR o homem letrado voltado à tradição oral do engenho e à busca do caráter do povo através da “rotina da vida”, e não através da história política ou militar, seguindo assim a linha de GF. Inclusive são os dois amigos Josés, José Lins e José Américo de Almeida, que organizam a primeira viagem de Freyre ao sertão nordestino, entre os anos de 1924 e 1925 e na qual o acompanhou José Américo (PALLARES-BURKE, 2005).

Lucia Lippi Oliveira, em seu artigo “Gilberto Freyre e a valorização da província” (2011), recupera diferentes abordagens de leitura da obra do intelectual pernambucano, também estabelecendo relação entre o *Livro do Nordeste* (1925), o *Guia prático, sentimental e histórico do Recife* (1934), *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental* (1939) e o guia não assim declarado *Apipucos: que há num nome?* (1983) e o poema “Evocação do Recife” e *O guia de Ouro Preto* (1938) de seu conterrâneo, o poeta Manuel Bandeira. Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Jorge de Lima, Ascenso Ferreira, dentre outros, fizeram parte do grupo em torno do jornal *A Província*, da capital pernambucana – quando vai morar em Maceió, JLR passa a ser correspondente alagoano do periódico – então é possível pensar que desde ali as abordagens citadinas já chamavam a atenção de JLR, durante sua vida no Recife e convivência com o movimento modernista nordestino, publicando nos periódicos locais e fazendo parte do cenário cultural da cidade nos anos 1920.

Lucia Lippi Oliveira lembra que as viagens de Freyre pelo Brasil, Europa e Estados Unidos lhe permitiram apurar seu olhar de cronista atento. Em sua análise do *Guia prático, sentimental e histórico do Recife* (1934), a historiadora afirma:

Há, assim, uma certa regularidade na forma como Freyre elabora seu guia da cidade. Primeiro, ele menciona algum traço específico e, de preferência, positivo, ou que pode ser lido como positivo. A seguir, ele aponta momentos históricos quando isso existiu ou foi criado. Aponta, igualmente, como não vem sendo mantido ou cuidado como deveria ser. Assim, registra carências que podem ser contornadas ou demandas apresentadas como de interesse coletivo. Seu olhar treinado em suas viagens fora do país o permite identificar as carências e possibilidades.

[...] Ao falar do Recife, de Pernambuco, o autor vai criando seus ancestrais, vai escolhendo aqueles que devem ser lembrados como antecessores (OLIVEIRA, 2011, p. 132).

Mais adiante, ainda analisando o *Guia*, Lucia Lippi Oliveira identifica o exercício de livre associação utilizado por Freyre – nas crônicas de José Lins do Rego, de quem os romances “são a expressão mais forte e mais pura da conciliação do regional literário e artístico com o modernismo” (Ibidem, p. 145) também é possível identificar tal exercício:

Os nomes mencionados, seja de pessoas, de lugares, de obras, como já foi dito, são apresentados como se fosse um exercício de livre associação. Gilberto escreve como se o guia fosse um livro de memória e não de história, no sentido que não respeita a linearidade da cronologia histórica. Assim, seu guia é basicamente um guia sentimental onde ele apela à sua memória, à sua vivência na cidade e, ao fazer isso, acaba transmitindo uma apaixonada, íntima, familiar versão sobre Recife (Ibidem, p. 138).

Mariana Chaguri, em sua dissertação de mestrado intitulada *Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: Jose Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo* (2007), analisa a trajetória intelectual e social dos romancistas nordestinos da década de 1930, focando na vida e obra do escritor paraibano que já aparece no título de seu trabalho. A autora defende a hipótese do Regionalismo nordestino como uma operação pela unidade nacional brasileira em diversos âmbitos. Para isso, Mariana Chaguri reconstrói a “ambiência intelectual vivida pelo romancista [JLR] no Recife dos anos 20” e “no Rio de Janeiro dos anos 30”, pensando na sociedade em torno do autor e no consequente jogo de forças (CHAGURI, 2007, p. 10, 16).

A pesquisadora aponta inclusive “a defesa da articulação entre o passado e o presente” como um dos “pilares de sustentação da estrutura social da região canavieira” (Ibidem, p. 14), dado que me fez pensar nos romances, ensaios e também nas crônicas – ou seja, em toda a obra textual de JLR – que têm em comum este traço de articulação constante entre o passado e o presente, nas suas vivências e escritas produzidas no Recife, em Maceió e na cidade do Rio de Janeiro. A autora afirma que “uma das ligações mais nítidas entre as crônicas e os romances está no modo como a questão do tempo é trabalhada pelo autor [JLR], isto é, em ambos os casos há uma íntima relação entre história, memória e ficção” (Ibidem, p. 47).

Dessa maneira, esta tese procura estudar as viagens do cronista, bem como suas motivações e consequências em sua produção literária, já que:

as crônicas de José Lins, podemos argumentar que revelam uma tensão contínua entre tempos diversos (passado e presente) e espaços sociais heterogêneos [...] que se fundem em uma narrativa de composição aparentemente solta [...] temos um romancista que se consagra como contador das histórias íntimas do Nordeste e um cronista que escreve diariamente para jornais cariocas (CHAGURI, 2007, p. 47).

Nesse mesmo sentido, Bernardo Buarque de Hollanda, ao analisar as viagens de José Lins, lembra que, ao contrário dos modernistas brasileiros dos anos 1920, que saem do Brasil e voltam para descobri-lo, JLR faz essa descoberta “pela via inversa”, já que só veio a sair do país na década de 1940 (então com quarenta e dois anos de idade) com viagens pela América Latina, Europa e Oriente Médio, evocando “os aspectos considerados por ele peculiares ao Brasil, ao Nordeste e ao Rio de Janeiro” por meio da alteridade, dando continuidade às questões culturais e artísticas de sua obra, “na medida em que suas crônicas de viagem oferecem uma visão privilegiada das relações entre sociedade e subjetividade e da visão de mundo do escritor” (HOLLANDA, 2012, p. 232).

Os quatro primeiros romances de JLR foram escritos em Maceió, capital alagoana onde residiu entre os anos de 1926 e 1935. Nessa cidade foi integrante do “Grupo de Maceió”, do qual fizeram parte intelectuais como Alberto Passos Guimarães, Aurélio Buarque de Holanda, Graciliano Ramos, Raquel de Queiróz e Valdemar Cavalcanti. No prefácio de *Gordos e magros*, JLR rememora: “relembro a fase alagoana de minha vida como tempos fecundos, época de floração de minha carreira. Saía do aprendizado para fazer qualquer coisa com as minhas próprias mãos” (REGO, 1942, p. 47). Os membros do Grupo faziam constantes viagens à cidade do Rio, nas quais “os autores estreantes funcionaram como intermediários mútuos para chegar ao ‘sul’” (SORÁ, 2010, p. 150). A seguinte constatação de Ângela de Castro Gomes, em “População e sociedade”, nos permite compreender este movimento de JLR e de tantos outros intelectuais nordestinos:

O Nordeste, como já se afirmou, foi o local de partida da maioria dos migrantes que se deslocaram entre as décadas de 1930 e 1960. Vivendo um período de decadência econômica, tanto em sua agricultura quanto nas atividades fabris, em que a indústria têxtil teve papel de destaque, a região oferecia poucas oportunidades de trabalho e ainda sofria com as secas. A figura do retirante e a paisagem do sertão foram imortalizadas pela literatura dessa época, sobretudo pelo chamado romance social, de autores que são clássicos da literatura brasileira (GOMES, 2013, p. 78).

Embora houvesse criticado, na crônica “A comédia dos erros” (*Jornal do Recife*, 19 maio 1922), a hegemonia cultural do Rio, JLR seria dali a mais de uma década morador daquela cidade e pertencente ao seu círculo intelectual e literário. Em *Brasileanas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro* (2010), o historiador Gustavo Sorá dá grande importância para a relação entre o editor de origem paulista, radicado no Rio de Janeiro, e o escritor paraibano, recuperando inclusive duas cartas remetidas por JLR ainda em Maceió – ele

não tinha o costume de datar cartas e, além disso, sua caligrafia é dificilmente decifrada. Essas duas cartas já fazem referência a suas idas ao Rio, onde o abrigava o artista paraibano Tomás Santa Rosa (SORÁ, 2010, p. 139-140), que, além de cenógrafo teatral, veio a ser o principal capista das obras publicadas pela JO, tendo sido o “condensador do espírito” da literatura brasileira que deu cara à editora de autores, dentre os quais: Amilcar Dutra de Menezes, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Guilherme de Almeida, Jorge Amado, José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Raquel de Queirós (CARPEAUX, 1953: 193 apud SORÁ, 2010, p. 190-191).

Todos os romances de JLR saíram por editoras cariocas: *Menino de engenho* (Rio de Janeiro: Adersen, 1932) e *Doidinho* (Rio de Janeiro: Ariel, 1933). A partir de *Banguê* (1934), os romances do escritor paraibano foram publicados pela José Olympio, os dois primeiros com a livraria-editora ainda sediada em São Paulo e os outros seguintes já no Rio, na Rua do Ouvidor. A sua relação com o livreiro e editor paulista é ponto-chave para a compreensão da trajetória das redes de sociabilidade que fizeram o paraibano deixar Maceió para viver na capital federal – também cultural e literária – do Brasil.

Sobre este assunto, Gustavo Sorá dedica um subcapítulo em sua obra, intitulado “José Lins do Rego como ‘representante’ editorial”. Já com sua obra no catálogo da JO, José Lins atuou desde a cidade alagoana como “representante editorial” da “casa”, responsabilizando-se pela divulgação das obras do catálogo – inclusive as suas – por meio dos jornais locais, bem como pelo recrutamento de outros autores nordestinos a fim de publicarem suas obras pelo selo do amigo. JLR, em carta sem data recuperada pelo antropólogo argentino, diz ao editor: “Vou fazer nos jornais daqui umas notícias sobre os livros da sua publicação. [...] É preciso que o homem com mais coragem do Brasil seja bem-sucedido”. Além disso, o paraibano também se responsabilizava pelo controle de distribuição dos livros em sua região, checando vendas nas livrarias e avisando quando esgotados para que fosse repostos, trabalhando assim para “o bom êxito das edições” (SORÁ, 2010, p. 169-170).

A partir da década de 1930, JLR, além de escritor, passou a ser também representante editorial inclusive por meio da imprensa nordestina, através da utilização dos méritos de sua influência regional. Em seu estudo, Gustavo Sorá reúne inclusive cartas enviadas por JLR, ainda vivendo em Maceió, para JO, datadas de 1934 (Ibidem, p. 168-173). É possível pensar que após ter vencido o Prêmio da Fundação Graça Aranha, com *Menino de engenho*, JLR passou a fazer parte do grupo dos mais prestigiados escritores nordestinos no Sudeste do país. Ali ele estabeleceu relações com o editor Martins, com a família Prado, com o crítico Antonio Candido, embora tenha cultivado atritos com Oswald de Andrade. Vale lembrar que JLR publicou artigos

em jornais paulistanos como *O Estado de S. Paulo* e *Folha da Manhã* (que viria a se tornar a *Folha de S. Paulo*), além de ter ido diversas vezes à cidade. Em relação ao Rio,

[...] orientava a divulgação da casa editora para as comunidades a que pertencia.

[...] José Lins do Rego impunha ao editor uma rede de atores preferenciais, não só em sua região de origem, mas também na capital [a cidade do Rio de Janeiro], maneira de maximizar um reconhecimento mais próximo à sua posição e disposições (Ibidem, p. 171).

Como “consequência da ação de cooptação mútua entre o editor e o grupo intelectual nordestino” (Ibidem, p. 183), em 1935 José Lins consegue transferência e assume o cargo público de fiscal do imposto de consumo em Niterói (RJ), cidade que naquela época era a capital fluminense. Na capital federal, vizinha de Niterói, José Lins viveu nos seguintes bairros da zona sul: Humaitá (rua Alfredo Chaves, entre os anos de 1936 e 1941), Botafogo (rua Conde de Irajá, apenas em 1942) e no Jardim Botânico (rua General Garzon, 10), onde no terreno, comprado em 1942, foi construída a casa na qual viveu nos últimos 14 anos de sua vida² (HOLLANDA, 2012, p. 151-2). Para ir ao trabalho costumava pegar as barcas para atravessar a Baía de Guanabara, e vez ou outra era enviado ao interior do Estado a fim de realizar inspeções nas cidades de Araruama, Cabo Frio e Vassouras.

Sobre a rotina do escritor, com as filhas Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Christina costumava jogar tênis no Clube Piraquê, bem próximo à sua última residência. Flamenguista e literato ativo, os principais pontos de sociabilidade e atuação intelectual de José Lins foram o Clube de Regatas do Flamengo, sediado na Gávea – bairro vizinho que ele acessava caminhando às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas – e a Livraria e Editora José Olympio, situada no centro da cidade, na Rua do Ouvidor.

O poeta pernambucano Manuel Bandeira, radicado no Rio de Janeiro, escreve ao paulistano Mário de Andrade a 12 de janeiro de 1944: “O Zé Lins, por exemplo, cuja obra tem toda enorme alcance social, que vive escrevendo nos jornais contra o nazifascismo, é atacado pelo Genolino Amado só porque gosta de assistir às partidas de futebol: é um inocente do Leblon” (ANDRADE & BANDEIRA, 2001, p. 667-668).

No artigo “José Olympio: um editor de risco” (2008), Fernando Paixão indica que a primeira década da editora teve “quase 600 títulos produzidos, com mais de 2,2 milhões de

² A casa e o terreno foram vendidos pela família na década de 1980, após o falecimento de Filomena Massa. Em 2017 a casa foi demolida: nela funcionou uma padaria carioca até a demolição, aparentemente voltada ao mercado imobiliário.

exemplares vendidos, e a maioria expressiva do catálogo era formada por autores brasileiros”. Assim, JO

esteve no centro do sistema literário do seu tempo. Além de publicar a produção ficcional dos autores principais da editora, ele também solicitava traduções e encomendava textos, mantendo uma rede de colaboradores de alta qualidade e servindo de modelo para as outras empresas. Era também agressivo na promoção dos livros, ocupando-se das contracapas das publicações, mas também com bons investimentos em anúncios de revistas e jornais.

[...] Sobressaem ainda inúmeras capas de livros, atestando a qualidade gráfica das publicações, envolvendo artistas do nível de Santa Rosa, Carybé, Cícero Dias e tantos outros (PAIXÃO, 2008, p. 357-359).

O primeiro lançamento de livro no Brasil com sessão de autógrafos foi justamente da primeira edição de *Menino de engenho*, na sede da livraria, na rua do Ouvidor. A leitura de *ABC de José Lins do Rego* (2012), de Bernardo Buarque, permitiu-me compreender a longevidade da sua colaboração cronística e a rede de sociabilidade a que pertencia o jornalista e romancista José Lins. Assim como outros escritores modernistas brasileiros residentes de grandes cidades, vê-se que ele foi um homem que desfrutou e participou da urbanidade carioca. A revista *Diretrizes*, de julho de 1938, traz o seguinte comentário:

Os escritores vivem na rua.

– Cabe aos entendidos tirar conclusões e verificar até que ponto essa circunstância influi na produção literária nacional assim como pesquisar os motivos dessa penúria. Nós apenas registramos:

– O poeta Jorge de Lima tem uma sapataria, o escritor Graciliano Ramos esteve trabalhando como caixa de uma casa comercial, o escritor José Lins do Rego é fiscal do imposto de consumo, o novelista Marques Rebelo é vendedor da Cia. Nestlé, o economista Leonidas de Rezende cria galinhas e planta laranja, o poeta Schmidt é diretor de produção de uma cia. de seguros, Anibal Machado, Murilo Mendes, Ademar Tavares e outros são funcionários da Justiça. E assim por diante

(“Os escritores vivem na rua”, autor não identificado, *Diretrizes*, ano I, n. 4, jul. 1938).

Assim, esta tese pretende apresentar a face cronista de José Lins do Rego, que vai além do “homem de gabinete, típico do bacharelismo”, fazendo emergir “o homem de rua, tão cultuado pelo modernismo”, afirmando “o envolvimento com a cidade, com a vida coletiva e com o tempo presente, em seus aspectos mais prosaicos, circunstanciais e mezinhos”, como já apontado por Hollanda (2003, p. 81).

Mônica Pimenta Velloso, em seu artigo “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”, fornece um rico panorama da atuação do governo getulista em relação às artes e à culturas contando com a essencial atuação dos modernistas, católicos, socialistas e integralistas que se vincularam ao Estado, dentre os modernistas “Carlos Drummond de Andrade, Oliveira Vianna, Cecília Meireles, Gilberto Freyre, Vinícius de Moraes, Gustavo Barroso, José Lins do Rego, Manuel Bandeira e outros” (VELLOSO, 1997, p. 69). A autora também aponta os mecanismos dos quais o governo se utilizou, funcionando como “organismo onipresente que penetra todos os poros da sociedade”, construindo uma ideologia abarcando “desde as cartilhas infantis aos jornais nacionais, passando pelo teatro, música, cinema e marcando a sua presença inclusive no carnaval” (Ibidem, p. 69).

Jacob Gorender, em “Graciliano Ramos: lembranças tangenciais” (1995), analisa a obra do *Memórias do cárcere*, além apontar momentos de sua trajetória nos quais esteve com o intelectual alagoano na cidade do Rio de Janeiro, sempre em encontros ligados ao Partido Comunista do Brasil. Da leitura deste artigo me chamou a atenção a observação que Gorender faz em relação à censura do DIP durante o Estado Novo:

O governo ditatorial dispensava a censura prévia, uma vez que as editoras praticavam a autocensura. E o faziam os próprios autores, nos quais, segundo Graciliano, se suprimia até o próprio desejo de produzir. Os jornais, disciplinados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), também não estavam sujeitos à censura prévia, porém seus diretores eram frequentemente alertados sobre o que interessava ou estava proibido publicar. Jornais indisciplinados, comumente por faccionismos regionais, não escapavam da censura prévia. Eu mesmo trabalhei num diário de Salvador, em 1940 – *O imparcial*, já desaparecido –, o qual tinha um censor plantado na redação, com poder de veto sobre os textos antes de descerem à oficina de impressão.

[...] Por conseguinte, cumpre deixar claro que houve censura em geral no Estado Novo e, particularmente, também censura prévia, à medida em que convinha às autoridades da ditadura getulista (GORENDER, 1995, p. 326).

O escritor objeto desta tese foi um dos integrantes desse sistema político-artístico nacional, já que o vínculo entre Estado Novo e modernismo foi essencial na formação da ideia do regime como “defensor de ideias arrojadas no campo da cultura”, sendo os intelectuais inseridos de forma diferenciada em cada atuação e cada categoria de ambição do projeto, sempre a fim de “educar as manifestações populares” (VELLOSO, 1997, p. 70-71). Aqui é importante lembrar que o regionalismo é, sobretudo, um fenômeno de caráter universal, que se

deu em diversas partes do mundo como tendência literária, e que surge e se desenvolve “em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização”:

ora mais ora menos atuante, tanto como movimento – ou seja, como manifestação de grupos de escritores que programaticamente defendem sobretudo uma literatura que tenha por ambiente, tema e tipos uma certa região rural, em oposição aos costumes, valores e gosto dos cidadãos, sobretudo das grandes capitais – quanto na forma de obras que concretizem, mais ou menos livremente, tal programa, mesmo que independentemente da adesão explícita de seus autores (CHIAPPINI, 1995, p. 153-154).

Sendo um fenômeno moderno, e paradoxalmente, urbano, o regionalismo como movimento e criação também serviu a “políticas nacionalistas estreitas e totalitárias, como à do ‘Sangue de Solo’ de Hitler ou à da ‘França Profunda’ de Vichy”. Mas, por outro lado, essas mesmas políticas contestaram e aproximaram “solidariamente o leitor da cidade do homem pobre do campo, auxiliando-nos a vencer preconceitos, respeitar a diferença e alargar nossa sensibilidade ao descobrir a humanidade do outro de classe e de cultura” (Ibidem, p. 154)

O regionalismo francês, exaustivamente analisado pela pesquisadora Anne-Marie Thiesse em *Écrire la France: le mouvement littéraire régionaliste de langue française entre la Belle Époque et la Libération* (2017), tem muitas semelhanças com o regionalismo brasileiro. O recorte temporal desse livro vai da década de 1870, início da Belle Époque, até 1944, ano da libertação de Paris no contexto da Segunda Guerra Mundial. Embora no caso brasileiro o regionalismo só viera a surgir efetivamente na década de 1930, quando no caso francês ele já havia passado por diversos desdobramentos, é curioso que em 1937 a França tenha dedicado a Exposição Internacional de Artes e Técnicas a esse tema, reforçando o caráter que une o regionalismo e o nacionalismo, conceitos distintos, mas que dialogam entre si.

Depois da Revolução de 1930 as questões políticas e identitárias no Brasil se desdobram, de maneira que o levante getulista, do Rio Grande do Sul, ocasiona o Estado Novo que, como mencionado na Introdução desta tese, teve um ambicioso projeto de unificação nacional a partir da valorização das identidades regionais. No caso francês se deu algo muito similar: houve a compreensão do regionalismo não como oposto à identidade nacional, mas como uma maneira consensual de se estabelecer a reunião nacional.

Assim como no caso francês, no Brasil também surgiu como uma tentativa de legitimação dentro do campo literário nacional: enquanto Paris era o centro intelectual que dava legitimidade às expressões artísticas e intelectuais na França, São Paulo e Rio de Janeiro

ocupavam esse papel no caso brasileiro. Assim, o embate entre provinciano e cosmopolita se mostra presente nas discussões das literaturas regionalistas de ambos os países.

Como resultado dessa contestação regionalista em relação à centralização literária, ainda de acordo com as ideias de Thiesse, é que surge o contra-campo literário, organizado em torno de associações e revistas “transprovincianas”, grupos intelectuais, concursos, crítica especializada. É curioso observar que no caso do regionalismo francês os temas principais também serão os mesmos do regionalismo brasileiro: a província, os provincianos, as particularidades, o mundo rural, a vida do povo e a paisagem tão bem ilustrados nas obras de Érico Veríssimo, Gilberto Freyre, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, entre outros. Dentro dessa conjuntura, a política cultural do Estado Novo brasileiro e, em particular, a diplomacia cultural, propiciaram a circulação de autores no exterior, constituindo assim, muitas vezes, o passo anterior à formação de redes de sociabilidade internacionais.

A finalidade desta tese de doutorado é, então, partir da atuação intelectual de JLR no âmbito provinciano, regional e nacional compreender a sua atuação no exterior do Brasil, recuperando e analisando as redes de sociabilidade por eles constituídas, a partir da pesquisa em acervos públicos e pessoais e em periódicos, dando luz à reunião e análise das crônicas de viagem por ele assinadas. Pretende-se, pois, revelar como JLR conseguiu aproximar seu leitor dos temas simples, tanto em seus romances quanto em suas crônicas, desafiando preconceitos, estabelecendo, usando aqui as palavras de Ligia Chiappini (1995, p. 155), “uma ponte amorosa” que lhe permitiu ir além dos “seus guetos citadinos”, comunicando-se com e aprendendo sobre outros tantos becos deste mundo”.

Antes de apresentar os estudos de caso voltados às viagens a Argentina, Portugal e Suécia, é necessário desenvolver um tema que precede o estudo da hipótese aqui levantada: a política cultural do governo Vargas, em particular, a diplomacia cultural, que propiciava a circulação de intelectuais brasileiros no exterior e que provavelmente constituía o passo anterior à formação de redes de sociabilidade internacionais. Nesse sentido, Gustavo Mesquita, em seu recente e premiado livro *Gilberto Freyre e o Estado Novo: região, nação e modernidade* (2018), analisa exaustivamente a atuação do intelectual pernambucano, que teve fortes relações com os dois países os quais o seu amigo paraibano viria a visitar em momentos posteriores. De acordo com o historiador, havia

o interesse em comum entre Freyre e o regime varguista na consolidação da autorrepresentação da nacionalidade, de modo que fossem reduzidos os

excessos da modernização e da industrialização nos espaços urbanos do país. Com efeito, a concepção, então vista como moderna, de diversidade cultural brasileira emergiu como resposta do sociólogo a aqueles processos, e cujo reconhecimento foi diagnosticado pelos cientistas sociais da época como um meio eficaz de solução dos problemas decorrentes do desenvolvimento industrial do país.

Com os acordos celebrados entre Freyre e o regime, a semântica do conceito de região atingiu um denominador comum, mudando de estadualismo para cultura ligada à região e tradição, isto é, para cultura regional. Essa nova significação foi difundida e popularizada pela política cultural do Estado Novo, para efeito de estabilidade do regime, e tornou-se apta para ser fixada no imaginário coletivo. Do ponto de vista do imaginário, o projeto regionalista, em acordo com o projeto centralista, estabeleceu o sentido do novo conceito como a conexão das partes das culturas regionais ao todo da “cultura nacional” (MESQUITA, 2018, p. 43).

Mesquita lembra ainda que Freyre “forneceu a explicação sincrônica sobre o sentido da formação nacional por meio da regionalização da sociedade em seus quadrantes cultural e geográfico”, aproveitando os desdobramentos da Revolução de 1930 para “demonstrar que o regionalismo nordestino não fazia apologia à experiência separatista da Primeira República, que, após 1930, passou a ser chamada de ‘velha’ e representada como uma ‘ruína’”. O sociólogo pernambucano, ainda segundo Mesquita, “atestou que o movimento intelectual estava se consolidando como revitalizador das tradições regionais e fomentador da integração nacional, rejeitando o significado de sectarismo político para a construção do Estado nacional moderno” (Ibidem, p. 49).

O historiador recupera inclusive carta de Lourival Fontes, diretor do DIP do Estado Novo entre os anos de 1939 e 1942, e que a 16 de novembro de 1941 escreve a Gilberto Freyre:

Prezado amigo: entrando em execução a partir do 1º de janeiro próximo, o convênio de intercâmbio cultural entre Brasil e Portugal, caberá ao Departamento de Imprensa e Propaganda fornecer aos jornais portugueses artigos literários dos principais escritores brasileiros, do mesmo modo que o Secretariado da Propaganda de Portugal enviará para a imprensa brasileira trabalhos firmados pelos mais altos valores do mundo intelectual português contemporâneo. Desejo comunicar-lhe que o seu nome foi por mim incluído na lista dos escritores brasileiros que inaugurarão essa colaboração. Estou certo de que você cooperará com este Departamento na efetivação dessa parte do convênio, que se destina, especialmente, a propagar, em bases de perfeita reciprocidade, a cultura dos dois países, outrora tão estreitamente vinculados pelos laços do espírito, mas hoje quase ignorados um do outro, no campo das letras. Aguardando sua resposta ao convite que ora lhe faço com a mais viva satisfação, aproveito a oportunidade para apresentar-lhe a expressão da minha melhor estima e apreço (FONTES, Lourival apud MESQUITA, 2018, p. 102. “Carta a Gilberto Freyre de 16 nov. 1941”).

A partir da categorização das estruturas de sociabilidade, como definida por Jean-François Sirinelli (2003), compreende os ambientes de circulação dos intelectuais, tais como: jornais, revistas, conferências, universidades, centros de estudos e pesquisas, entre outros. A compreensão desses espaços, nos quais a formação e difusão das atividades intelectuais se desenvolvem, bem como das redes de aproximação e diferenciação permitem entender a estrutura de sociabilidade, suas hierarquias e disputas.

Ainda referente ao papel de Freyre, as seguintes linhas de Alfredo Bosi, em “A parábola das vanguardas latino-americanas”, indicam a opinião comum para muitos estudiosos freyrianos: “No Brasil, um antropólogo social de peso, Gilberto Freyre, sem ter os ardores revolucionários que animaram aqueles estudiosos, levou um José Lins do Rego a tratar em formas narrativas que beiram a oralidade a sua experiência de menino de engenho paraibano” (BOSI, 2013, p. 217).

Assim, embora seja indissociável o estudo de José Lins sem passar por Freyre ou vice-versa³, esta pesquisa acredita que é tempo de diferenciarmos as trajetórias dos dois intelectuais nordestinos, movidos pela sua região nordestina, por afinidades ideológicas e também pela amizade mantida entre ambos. Nesse sentido, o livro de Cauby Dantas, intitulado *Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho* (2015) traz reflexões a partir da leitura e análise de 116 cartas de GF a JLR e de 122 cartas de JLR a GF e da obra dos referidos autores.

Dantas apresenta as influências e contribuições mútuas nas obras do paraibano e do pernambucano, promovendo uma intersecção entre Literatura e Sociologia e entre o pensamento dos dois regionalistas nordestinos, através das cartas que mostram o processo de criação de “alguns dos romances e ensaios mais importantes da literatura e da sociologia contemporâneas do Brasil”, sendo uma ferramenta privilegiada “para a compreensão de como se foi constituindo, ao longo dos anos, a vida e a obra” de dois intelectuais receptivos um ao outro e ligados por uma imensa amizade (Ibidem, p. 121).

Um exemplo desse frequente intercâmbio intelectual é “a abordagem impressionista das relações entre a cultura da cana de açúcar e o ecossistema regional” presentes em *Nordeste*, obra freyriana que muito se assemelha aos romances de José Lins do Rego, “pela temática, pela presença do cotidiano dos engenhos, pelo tom informal” (DANTAS, 2015, p. 17) e que pode ser vista “como um esforço de síntese das ideias regionalistas espalhadas nos textos da década

³ Lembrando aqui que José Lins foi o primeiro biógrafo de seu amigo Gilberto Freyre: seu estudo sobre a trajetória do amigo pernambucano fora escrito em 1927 (MENESES, 1991).

de 20”, cristalizando “temas e concepções que conferem um acabamento final àquilo que o seu autor entendia por região” (Ibidem, p. 75).

O tema da infância, os aspectos domésticos tanto no comportamento social como na arquitetura dos engenhos e a decadência desse mundo são outros pontos abordados por Dantas, que levanta a hipótese de que a afinidade temática entre GF e JLR “talvez expresse, pela via dos textos, a origem familiar, a posição social e a formação intelectual de ambos”, representando também “o desdobramento, em termos afetivos, da profunda amizade” que teve início na década de 1920, quando ambos ainda eram intelectuais em formação, muito tempo antes da publicação de seus primeiros livros (Ibidem, p. 18).

Ainda de acordo com Dantas, “muitos dos artigos juvenis de Gilberto Freyre tiveram José Lins do Rego como primeiro leitor” e “o jovem paraibano, então um relapso estudante de Direito, em Recife, foi o primeiro a tomar contato com a teoria regionalista” (Ibidem, p. 54), de maneira que JLR “leitor privilegiado, amigo e discípulo, torna-se, de certa forma, parceiro”. Em contrapartida, GF “faz o mesmo, lendo, em primeira mão, a produção textual do escritor que, sob seu estímulo, começava a desabrochar” (Ibidem, p. 55). Além disso, a parceria intelectual entre os dois também aparece em “convites para que um colabore na pesquisa do outro, para que participe da redação de um ensaio, que opine sobre o livro que está sendo lido, ou escrito, pelo amigo, que compareça com o empréstimo de uma obra rara, que ajude na busca de uma fotografia antiga, etc.” (Ibidem, p. 111).

Tanto a obra do sociólogo quanto a obra do literato dialogam ricamente, mas limitá-las às fronteiras das ressonâncias mútuas enfraquece o pensamento social brasileiro e a possibilidade de expansão da História Intelectual em torno desses dois nordestinos. Aqui é aceita a hipótese central de Dantas, segundo a qual o ciclo da cana de açúcar de JLR, “que têm como temática central o mundo dos engenhos e da sociedade patriarcal nordestina”, pode ser lido como “a expressão ficcional do modelo de interpretação e de revisão da vida social brasileira – no âmbito do complexo da casa grande-senzala – construído por Gilberto Freyre” (Ibidem, p. 21-22). Assim, “a ideia de Gilberto Freyre de escrever uma história sobre os meninos dos engenhos terminou concretizada por José Lins do Rego logo na sua estreia como romancista”, sendo essa sugestão temática também presente da correspondência entre os dois nordestinos, sublinhando a cumplicidade intelectual que permeou a relação entre ambos (Ibidem, p. 82).

Contudo, acredita-se que tanto o destino das personagens zelinianas nos livros do ciclo da cana como em seus outros romances, bem como sua perspectiva de cronista de cotidiano, de política e de esportes, sobretudo do futebol, deixam evidentes as diferenças intelectuais e

políticas que marcam a trajetória de GF e JLR a partir da década de 1930. Enquanto Freyre realiza seus estudos nos Estados Unidos e na Inglaterra, passando também por um período de exílio após a Revolução de 1930 em Portugal, JLR se forma advogado na Faculdade do Recife e só vem a sair do Brasil em 1943, na condição de conferencista a convite do Itamaraty. Essas e outras diferenças são fundamentais para que entendamos a importância da diferenciação entre as trajetórias de GF e JLR.

Esta tese reconhece a veia regional nos romances zelinianos, mas vê com reservas a recepção reducionista de JLR como um simples discípulo de Freyre, uma versão literária de suas ideias sociológicas. Como bem indicou Neroaldo Pontes de Azevedo (1991), faz-se necessário “assinalar o movimento crescente na obra de José Lins do Rego”, substituindo a memória e o subjetivismo por uma observação mais refinada, marcada por uma visão dramática e tensa das relações sociais e afetivas entre seus personagens, indicando o abandono progressivo da visão idílica e da noção freyriana de equilíbrio de antagonismos.

José Lins do Rego se apropria e dialoga com outros conceitos e ideias com os quais tem contato através de leituras e também pela convivência com intelectuais de Recife, Maceió e Rio de Janeiro, capitais brasileiras nas quais residiu. Sobre o desenvolvimento urbano brasileiro, intensificado a partir da década de 1930, Cauby Dantas nos recorda que

Verifica-se, principalmente nas grandes cidades, com o despontar de camadas médias intelectualizadas, a presença de um público mais amplo, interessado em conhecer os problemas vividos pelo país que se urbaniza e industrializa e que quer deixar de ser apenas uma grande fazenda. Há, também, a criação de universidades – USP, por exemplo – que trazem a possibilidade real de uma pesquisa qualificada acerca do homem brasileiro e os seus dramas: eis o despontar das ciências humanas entre nós; temos estradas, o rádio e, fundamental, as condições favoráveis à criação de um mercado editorial suficientemente encorpado e capacitado para atender à demanda crescente por informações (Ibidem, p. 85).

É importante mencionar brevemente a escassez de estudos que giram em torno da rede de solidariedade e cooperação nordestina no Rio de Janeiro, capital federal, entre os anos de 1920 e 1950, sendo Gustavo Sorá (2003; 2010) referência no assunto. Dentre os intelectuais que mereceriam este tipo de estudo destaque os irmãos Condé – José Elysio Ferreira Condé (1906-1992), João Condé Filho (1912-1996) e José Ferreira Condé (1917-1971). Assim, acredito que imbricar História e Literatura é fundamental para a construção da arqueologia do sujeito José Lins do Rego, dando luz a “um novo *corpus* em que as fronteiras estejam

derrubadas, onde o histórico entre para o literário e o literário entre para o histórico” (BOSI, 2013, p. 227).⁴

Assim como Mário de Andrade que, nas palavras de Telê Porto Ancona Lopez, quando se referia às suas próprias crônicas as via como “o resultado da transformação de um fato real em uma versão recriada”, JLR fala diretamente aos seus leitores em diversos momentos de suas crônicas, utilizando-se de “soluções de envolvimento no discurso”, de maneira que em “algumas crônicas essa aproximação chegar dar ao texto uma leve tonalidade de epístola, aliás, faceta escondida no papel do correspondente” (LOPEZ, 1976, p. 37, 43), embora Mário tenha sido um correspondente contumaz e José Lins um correspondente pouco engajado.

Ainda sobre as semelhanças entre as conversas de lotação de José Lins e as crônicas “Táxi” de Mário, ambas cumprem dois itinerários enquanto coluna jornalística: demonstram “com objetividade”, argumentam “com distância usando provas”, informam em muitos textos e, em outros, repartem com os leitores “sua reconstrução subjetiva de fatos, apoiada na exploração da palavra” (Ibidem, p. 45).

Objetivo, hipótese e problema

O objetivo principal desta pesquisa é dar luz às crônicas de JLR sobre Argentina, Portugal e Suécia, através da reunião dos textos jornalísticos e das fontes primárias, o que permitirá a reconstituição das redes internacionais de sociabilidade literária do escritor. Pretende-se utilizar para tal fim referências acadêmicas que permitam compreender o gênero da crônica, as atividades intelectuais dos escritores da geração de 1930, a cidade do Rio de Janeiro e as suas transformações urbanas e políticas nas décadas de 1940 e 1950, além de um panorama das redes de sociabilidade ali ativadas por JLR durante suas viagens, bem como da recepção dessa viagem nos periódicos estrangeiros e no campo literário de destino da época.

A hipótese da pesquisa é que o alargamento da rede de sociabilidade para uma escala internacional é decorrente da consagração literária do romancista em 1943, colhendo os louros após a publicação de *Fogo morto*, podendo ser inclusive a motivação inicial para que fosse realizada a sua primeira viagem ao exterior, para a Argentina nesse mesmo ano, para proferir conferências a respeito da Literatura Brasileira a partir de convite do Itamaraty. Isto lhe permite inclusive alargar e ressignificar as redes nacionais que já haviam sido estabelecidas pelo paraibano, e que foram brevemente apresentadas na Introdução deste trabalho.

⁴ Ruberval José da Silva, historiador doutorando na PUC-Rio, tem desenvolvido neste sentido a tese intitulada *Os irmãos Condé e os meandros da literatura na cidade do Rio de Janeiro (1945-1956)* (no prelo).

Além disso, esta tese pretende iluminar a faceta cosmopolita de JLR que, se em seus romances soube realizar passagens literárias evocativas, em suas crônicas contempla paisagens mais enraizadas no espaço e no tempo. Assim, em ambos os gêneros literários faz igualmente o uso de “homens, seres e coisas”.

Antonio Candido, no capítulo “A literatura e a vida social” de sua *Literatura e sociedade* (2010, p. 43), aponta “a influência decisiva do jornal sobre a literatura, criando gêneros novos, como a chamada crônica, ou modificando outros já existentes, como o romance [aqui podemos também lembrar dos romances de folhetim]”. Nesse sentido, essa seção pretende esclarecer alguns pontos em relação à crônica como gênero, bem como apresentar a produção cronística de JLR.

Os gêneros híbridos da literatura – poema em prosa, carta, autobiografia, conto e crônica – têm, cada um deles, suas especificidades, embora possamos encontrar pontos de convergência entre eles que justifiquem a sua hibridez. Conto e crônica, dentre eles, são gêneros que se aproximam: enquanto o conto costuma ter um narrador que tende a ir além da superficialidade das ações, a crônica geralmente se atém ao que está no alcance do olhar do cotidiano ou de uma situação específica retratada pelo autor que a escreve. Por isso a crônica se situa, geralmente, dentro dos jornais, por ter essa característica que a aproxima da reportagem.

Jorge de Sá (1985), por sua vez, situa a crônica como gênero literário ligado às esferas do jornalismo e da literatura, já que tendem a ser publicadas primeiramente em jornais e, por isso, apresentam limitação de espaço e caráter de transitoriedade – aí também entra outro ator importante, além do próprio autor: o redator, que tem como função distribuir o conteúdo das edições do periódico, tornando-as convidativas e sintéticas ao leitor e que pode também interferir no texto. Além disso, Jorge de Sá indica que este profissional das letras:

dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada (só depois é que irá ou não integrar uma coletânea, geralmente organizada pelo próprio cronista), o que significa uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação: a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários do periódico e/ou pelos editores-chefes de redação (SÁ, 1985, p. 8).

Quanto ao texto, a sintaxe da crônica “lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente texto escrito” (Ibidem, p. 11). José Lins do Rego, o cronista estudado nesta tese, foi também romancista conhecido por suas construções gramaticais e escolhas lexicais que o aproximaram da oralidade e da linguagem popular nordestina, inclusive gramaticalmente.

A esse respeito, Austregésilo de Athayde apontou, no discurso que precedeu a posse de JLR na Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1957, que a linguagem do nosso cronista e romancista tinha como desejo que “o organismo vivo” seguisse “a evolução da vida” e que adquirisse “nos trópicos, além da maciez e dos ritmos cantantes, também a liberdade que lhe está comunicando o poder plástico que nunca teve e melhor serve aos impulsos e criações do pensamento brasileiro”, de maneira que “não é nas formas eruditas que o idioma se mantém vivo e sim pela criação incessante da alma popular”, utilizando-se inclusive de sua atividade nos bastidores do mundo literário e esportivo e dos jornais cariocas indo “ao povo para sentir o que ele está pensando e querendo” e produzindo “as notações da cidade viva” (ATHAYDE, 1991, p. 83, 86).

O coloquialismo tanto da crônica como do romance aqui, portanto, não significa “a transcrição exata de uma frase ouvida na rua”, mas sim “a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor” (SÁ, 1985, p. 11). Desta maneira, podemos ver que tanto a face cronista quanto a face romancista são indissociáveis neste projeto intelectual do paraibano, sendo a crônica o gênero que possivelmente lhe permitiu maior alcance em relação ao público-leitor, e por meio do qual seguiu o seu legado de dedicar-se às questões sociais e políticas do país, com a regularidade possibilitada pelo veículo de comunicação, diário e produzido em larga escala, que é o jornal.

Arthur Vergueiro Vonk, em seu livro *A vida ao rés-do-chão, sem chão: Drummond e a moderna crônica brasileira* (2016), analisa a obra cronística do escritor mineiro e traz algumas reflexões originais e leituras de grandes pensadores brasileiros desse gênero literário importantes para o meu estudo. Ele recupera a definição de Machado de Assis sobre a crônica como uma “espécie de ‘fusão admirável do útil e do fútil’” (VONK, 2016, p. 11) e categoriza que no caso de Drummond o gênero não se dissolve completamente do “traço inquieto da prosa, movida a uma espécie de cultivo das adversativas, das compensações, da consideração bilateral”, sendo esse procedimento “motor da habilidade de encontrar recortes inusitados para os constrangimentos de toda hora” (Ibidem, p. 12).

Vonk também nos lembra da estratégia de escrita dos cronistas, que leva em consideração a “intromissão da perspectiva do cidadão leitor de jornais” nos quais esses textos são publicados, compartilhando com eles os incômodos em relação aos problemas de ordem pública, social e política, por exemplo. Assim, “a inquietude do olhar do cronista” realiza um “voo curto”, de maneira a “acompanhar as coisas por seus vários lados”, sem estranhá-las, mas sim averiguando a sua proximidade em relação a nós (Ibidem, p. 13).

A ideia de despreensão associada à crônica, gênero “entre ofício e rabisco”, entre literatura e jornalismo, entre arte e mercado sublinha também “o pendular entre um registro que lida com a perspectiva de profissionalização da função de escritor e a informalidade que a aproxima de um expediente instável e não regulado” (Ibidem, p. 14), sendo a cordialidade um dos “princípios formais do modelo dominante da crônica moderna brasileira” (Ibidem, p. 51), um convite à conversa do cronista ao seu leitor. Assim, JLR se utiliza das notícias atuais e também das situações de informalidade, trânsito pela cidade e cordialidade de seu cotidiano como matéria que origina o impulso criador de seus rabiscos do ofício de cronista.

Após a publicação de *Fogo morto* (1943), a carreira de JLR passa a ser marcada pela sua forte atuação no mundo do futebol, em relações editoriais e na intensa produção para diversos periódicos cariocas, quando foi convidado a escrever e publicar crônicas de cotidiano, de viagens e esportivas:

[...] José Lins do Rego deixou impressionante testemunho da vida cotidiana do Rio de Janeiro, especialmente no jornal *O Globo* [de Roberto Marinho]. Já em *O Jornal* [de seu conterrâneo Assis Chateaubriand] e *Jornal dos Sports* [de Mário Filho] dava asas à sua paixão pelo clube predileto, o Flamengo. Aí despontava a sua vocação de polemista e a veia satírica (LUCAS, 2011, p. 11).

Além dos três jornais da cidade do Rio de Janeiro indicados acima pelo crítico literário Fábio Lucas, JLR também publicou nas revistas *Diretrizes* (1938-1945), comandada por Samuel Wainer e Maurício Goulart, e em *O Cruzeiro* (1928-1985), do grupo Diários Associados de Assis Chateaubriand. Sobre o público-alvo do romancista e cronista paraibano, vale aqui recuperar a enquete “Para que público você escreve?”, realizada pela revista *Diretrizes* e publicada em 15 de maio de 1941, na qual entrevistou JLR, Marques Rebello, Jorge Amado, Osório Borba, Guilherme Figueiredo e Emil Farhat, fazendo a eles 5 perguntas, das quais reúno aqui as respostas de JLR:

1) Para que público escreve?

Escrevo para o público em geral. Não escrevo para público determinado. O escritor que assim o faz comete uma traição a si mesmo. O meu público é todo o mundo. Não sei distingui-lo.

2) Por que?

Porque o homem de letras é o produtor e o público o consumidor.

3) Acha que temos um público culto, capaz de se interessar pela boa literatura?;

Público culto e público inculto existem em todos os países do mundo. Por que no Brasil havia de ser diferente? É tolice dizer-se que não temos um público

culto. O êxito de *Casa grande & senzala* e a aceitação que sempre tiveram os romances de Machado de Assis desmentem essa tolice.

4) Qual o gênero literário que o grosso-público prefere?

O que você chama “grosso-público” é o feminino. A mulher forma, não há dúvida, a maioria do público leitor. Porque fica em casa tem mais tempo do que o homem para ler. Ora, a mulher faz da leitura o seu divertimento. Ora, os livros que mais divertem são os romances, tipo *Rebeca*, *E o vento levou...* etc. A mulher, ou, como você quer, o “grosso-público” prefere o romance-divertimento.

5) Pensa que o editor deva intervir no “bom-gosto” do público leitor?

O editor é um industrial que se vê forçado a fabricar o que o consumo reclama. O editor, por isso mesmo, não tem o direito de impingir livros que o público não queira comprar. O que o editor poderia fazer, isso sim, era melhorar a apresentação gráfica do produto. Mesmo porque assim o livro despertaria mais apetite.

(BARBOSA, Francisco de Assis. “Para que público você escreve”. In: *Diretrizes*, 15 maio 1941, p. 3).⁵

Ao afirmar que escreve para todo mundo, sendo o homem de letras produtor de literatura e cultura que visa o público/consumidor, intermediados pelo editor que, por sua vez, publica o que o consumidor pede e gosta, JLR critica indiretamente a apresentação gráfica dos textos publicados no Brasil, que, como se fosse um alimento, seria mais “apetitoso com uma embalagem mais convidativa”. Quanto à questão do “grosso-público”, o autor liga as mulheres ao gosto preferencial por romances que divertem.

Essa visão mercadológica da profissão de literato, se pensarmos que JLR como produtor de literatura, em romances publicados em livro e em crônicas e ensaios veiculados em periódicos da Paraíba, de Pernambuco, de Alagoas, do Rio e de São Paulo, fez da “sua escrita excessivamente próxima à linguagem oral, bem como de seu desprezo pelas regras gramaticais da língua culta” (CHAGURI, 2007, p. 58) um atrativo para o consumidor/público-leitor dos jornais, comum aos regionalistas que tiveram como projeto também “a construção de um narrador popular”, não pretendendo

criar uma língua brasileira, mas sim trazer à tona o escrever próximo à tradição oral. Ao formular um projeto estético baseado nesta tradição, os regionalistas

⁵ “Para que público você escreve”, por Francisco de Assis Barbosa (aqui reunidas as respostas de José Lins do Rego), *Diretrizes*, 15 maio 1941, p. 3. Consulta realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Francisco de Assis Barbosa, jornalista e intelectual que ficou conhecido por ter registrado diversas entrevistas de seus contemporâneos, entrevistou JLR em outra ocasião, em 1941 (“Foi a velha Totônia quem me ensinou a contar histórias”, entrevistaa José Lins do Rego realizada por Francisco de Assis Barbosa, *Diretrizes*, 18 dez. 1941, p. 2, 35). Joel Silveira realizou outras entrevistas com o escritor paraibano, também publicadas em *Diretrizes* (dentre elas “Genolino quer ser herói de tragédia grega”, entrevista com José Lins do Rego por Joel Silveira, *Diretrizes*, 07 out. 1943, p. 19).

dão o passo seguinte, qual seja, propor a recuperação das tradições brasileiras em suas inúmeras manifestações na dança, na música, na culinária etc., trata-se de conduzir o que até então se considerava folclore para o nível explicativo da formação nacional (Ibidem, p. 65).

Bernardo Buarque de Hollanda, no artigo “A trajetória jornalístico-literária de José Lins do Rego (II)” (2018b) faz rica análise da produção cronística de JLR:

José Lins do Rego vai ser um escritor que acolhe a crônica em seu sentido lato e polimórfico. Isto é, um gênero que abriga e franqueia uma quase total liberdade narrativa, em termos de experimentação temática e estilística. Suas crônicas variam de tamanho, são curtas e longas, são diretas ou são impessoais, transcrevem cartas de leitores. Assim, suas crônicas são um verdadeiro *pot-pourri*, ou um *melting-pot*, onde escreve sobre os mais diversos aspectos: política, agricultura, seca, livros, personalidades nacionais e estrangeiras, artistas, cientistas, exposições, viagens ao exterior, crítica de filmes etc.

É o sentido dialógico da crônica, isto é, o da sua construção em proximidade com o leitor, em uma dicção que se aproxima do tom coloquial da fala, um fator muito importante. Embora fosse um romancista popular em termos de vendagem, foi a crônica quem lhe deu grande popularidade na capital da República, recebendo cartas, telefonemas e sendo reconhecido ao caminhar na rua. Isto concretizava um ideal modernista de aproximação e de comunicação com o povo, de contato diário através de uma linguagem oral, cujo tom de conversa era típico da crônica. É justamente a sua limitação, que o define como efêmero e menor, que no modernismo passa a se caracterizar como virtude

(HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “A trajetória jornalístico-literária de José Lins do Rego (II)”. In: *Blog GV Cult*, 10 jul. 2018b).

Hollanda, em *ABC de José Lins do Rego*, categoriza as viagens ao exterior realizadas pelo viandante JLR – que, diferentemente do viajante, viaja por exercer alguma função – em 3 tipos: as viagens diplomáticas, “fruto do convite de instituições oficiais do Brasil e do exterior”; as viagens esportivas, ligadas à “sua condição de dirigente do Clube de Regatas do Flamengo e de secretário geral da Confederação Brasileira de Desportos” e, por último, as viagens turísticas, no contexto de “passeios particulares, alguns deles com fins familiares” (HOLLANDA, 2012, p. 224). Durante as diversas viagens feitas pela América, à Europa e ao Oriente Médio, JLR, de forma semelhante à produção literária de narrativas de viagem de Érico Veríssimo e de Cecília Meireles, não deixava de produzir crônicas sobre suas impressões naquelas terras estrangeiras, enviando-as para publicação nos jornais brasileiros, principalmente n’ *O Globo*, de maneira que “de um conjunto de viagens a Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Grécia, Itália, Israel, resultam livros em que colige os seus curtos apontamentos” (Ibidem, p. 227, 231).

Daí as publicações de uma seleta de suas milhares crônicas e ensaios em coletâneas: *Gordos e magros* (Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942); *Poesia e vida* (Rio de Janeiro: Universal, 1945); *Homens, seres e coisas* (Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1952); *A casa e o homem* (Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954); *Presença do Nordeste na literatura brasileira* (Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1957); *O vulcão e a fonte* (Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958); *Dias idos e vividos* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981); *Flamengo é puro amor* (111 crônicas escolhidas) (Rio de Janeiro: José Olympio, 2002); *O cravo de Mozart é eterno* (crônicas e ensaios) (Rio de Janeiro: José Olympio, 2004) e, por último, *Ligeiros traços: escritos da juventude* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2007).

Os dados de editoras – todas cariocas – e anos de publicação nos fazem ver que a JO, detentora da totalidade dos direitos autorais das obras de ficção do escritor, só vem a editar e publicar as crônicas zelinianas postumamente, no começo do século XXI, fato que está relacionado à menor importância que se dera a esse gênero, muito importante no projeto modernista de autores como o próprio José Lins do Rego e também de Manuel Bandeira. Assim, parece que as editoras preferiam focar na publicação de romance e poesia de seus principais autores.

Os jornais, por outro lado, permitiam o alcance desse projeto modernista de alcance de público através de textos curtos e escritos em uma linguagem mais simplificada, repartindo um saber, expresso em “linguagem capaz de motivar” que revelam assuntos especiais “sem cansar com o discurso crítico, técnico e árido”, e assim ativando “uma forma didática, compatível com a produção jornalística. Nesse sentido, a crônica crítica “sempre parte da notícia: um acontecimento de importância, um lançamento de livro, uma exposição, um recital, situados no presente e localizados no espaço” (LOPEZ, 1976, p. 50).

A futura tese visa reunir e analisar as crônicas de viagens de JLR e as redes de sociabilidade por ele estabelecidas no exterior por entender que, enquanto fora do país, o autor não deixava de realizar análises de comparação com o seu país de origem, trabalhando assim a alteridade e também, muitas vezes, não deixando de criticar as atuações de Getúlio Vargas, Eurico Dutra e Juscelino Kubistchek, presidentes do Brasil durante os anos em que o cronista publicou n’ *O Globo*.

A 16 de fevereiro de 1975, o suplemento Jornal da Família d’ *O Globo*, traz a matéria “Senhores da paleta e da palavra, viveram para a sua arte. No dia a dia eram assim”, que traz dados biográficos e breves depoimentos de quem conviveu com Graciliano Ramos, José Lins

do Rego, José Condé, Candido Portinari e Ivan Serpa. Dona Naná, esposa de JLR, dá o seguinte depoimento (Anexo H):

Vivi casada com José durante 33 anos. Sempre fomos, acima de tudo, bons companheiros, jamais dispensando, nos bons como nos maus momentos, o apoio mútuo de que todo homem e mulher casados necessitam. Foi por isso talvez que tive capacidade de compreender um temperamento instável, muito emotivo, como era o de José, podendo oferecer-lhe a segurança de que ele tanto precisava.

Um dos períodos mais felizes de nossa vida em comum foi o que passamos em Alagoas. Éramos jovens, desfrutávamos de uma vida menos sobrecarregada de preocupações. Um pouco antes de morrer ele confessou que aquele fora mesmo o período mais feliz de nossa vida.

Guardo também boas recordações de uma fase em que viajamos muito. José adorava viajar. Juntos conhecemos grande parte do mundo. Acho até que viajar era uma forma de ele alimentar seu talento de escritor. Com seu espírito de observador agudo e sensível, poroso à realidade imediata que o cercava, com seu senso de humor nordestino, meio triste, meio alegre, anotava tudo que via, e o que *sentia* quando via, fazendo um tipo muito especial de crônicas, como as que constam do livro *Gregos e troianos*. É nesse livro que ele confessa ter sentido solidão, ao se dar conta de que viajava sem minha companhia. [...]

(REGO, Naná Lins do. “Naná: a casa continua como ele a deixou. In: *O Globo*, 16 fev. 1975).

O depoimento de dona Naná reforça a ideia de que as viagens ao exterior são parte importante da formação literária de José Lins. Assim, esta tese almeja abrir o leque de leitura das redes de sociabilidade do paraibano no exterior, analisando as crônicas inéditas, publicadas n’*O Globo* e no *Jornal dos Sports*, bem como as publicadas nos livros de crônicas – *Bota de sete léguas*, *Gregos e troianos* e *O vulcão e a fonte* e apresentando informações obtidas a partir de pesquisas realizadas em arquivos brasileiros e internacionais.

Caminhos da pesquisa

A fim de melhor compreender a produção cronística de JLR, ative-me primeiramente à leitura de seus romances e de estudos interpretativos de sua obra e trajetória. Em seguida, passei a consultar as crônicas pensando, em um primeiro momento, em ter a cronologia dos textos como fio condutor. Meu primeiro acesso às edições dos jornais *O Globo*, *Jornal dos Sports* e *Diários Associados*, nos quais as crônicas foram publicadas, foi por meio do acervo Biblioteca Nacional, localizada no centro do Rio de Janeiro, em maio de 2017.

Em um segundo momento optei por ater-me principalmente às crônicas publicadas n’*O Globo*, devido ao acesso online de todo o acervo a partir de assinatura mensal do periódico, e no *Jornal dos Sports*, que pode ser acessado via Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A partir dessas plataformas pude então baixar no formato *pdf* (*portable document format*) as crônicas de viagens aqui selecionadas. A partir da primeira leitura, fiz a transcrição integral dos textos, especificando dia da edição do jornal de cada uma das crônicas e atualizando a língua para as normas vigentes da língua portuguesa e espanhola. Como a qualidade dos pdfs era muito variável não foi possível utilizar ferramentas digitais que escaneiam textos digitalizados e os transformam automaticamente em caracteres digitados.

Por tratar-se de uma tese de Doutorado em História com intenso uso das fontes literárias, optei por basear a metodologia desta pesquisa nas ideias apresentadas por Antonio Celso Ferreira, em “A fonte fecunda”, texto que oferece ao pesquisador “algumas orientações básicas para o tratamento da fonte literária na pesquisa histórica” (FERREIRA, 2012, p. 62). Durante as páginas integrantes da essencial coletânea *O historiador e suas fontes*, organizada por Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (São Paulo: Contexto, 2012), Ferreira recupera o contexto no qual se deu a ampliação do repertório das fontes históricas, inclusive as fontes literárias, indicando a importância da Escola dos Annales neste processo, fundada em 1929 na França por Lucien Febvre e March Bloch, dando ênfase aos processos sociais-econômicos e aos aspectos mentais das civilizações. Aqui é importante levantar a importância dos estudos de Gilberto Freyre na consolidação brasileira dos estudos com fontes históricas, em obras como *Casa grande & senzala* (1933) até *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* (1964).

Desde os anos 1970 os historiadores franceses passaram então a seguir as ideias da Nova História, representada pelo manifesto de Jacques Le Goff e Pierre Nora publicado originalmente em 1974, de maneira que

Ao proporem a dilatação do território temático do historiador – que passou a abranger objetos tais como o inconsciente, o cotidiano, a língua, a literatura, o mito, a infância, a juventude, a festa, os meios de comunicação, entre outros –, os novos historiadores também estimularam a pesquisa de novos documentos – escritos, sonoros, visuais (Ibidem, p. 64).

Assim, os documentos passaram do status de documentos à condição de monumentos, que devem ser restituídos ao seu contexto, identificando seus propósitos de produção e localizando seus modos de transmissão, destino e as possíveis interpretações. Ferreira (2012, p. 66) inclui que narrativas de viagem, crônicas e diários também fazem parte do universo da

literatura. Neste ponto creio importante sublinhar que o memorialista tem sempre em questão o fato de que escreve para ser lido posteriormente, e que a ficção e o fingimento podem fazer parte da construção nesses gêneros literários, híbridos também quando trata-se de objetividade e subjetividade.

O ponto alto de acordo com o historiador vai no que diz respeito à contribuição da pesquisa histórica para “o entendimento dos distintos papéis que, ao longo tempo, ela desempenhou na existência dos seres humanos, em suas várias dimensões sociais ou subjetivas” (Ibidem, p. 68), de maneira que cabe “àqueles que trabalham com a fonte literária, em vez de enquadrá-la em algum gênero pressuposto, interrogar a que público ela se destina e que papel cumpre nas condições sociais e culturais de uma época” (Ibidem, p. 74), confrontando a produção literária “com outras fontes, ou seja, outros registros que permitam a contextualização da obra para assim se aproximar dos múltiplos significados da realidade histórica” (Ibidem, p. 77). Esta pesquisa então buscou delimitar com clareza a questão a ser desenvolvida para que as fontes literárias consultadas fossem “canais promissores para a busca de respostas” (Ibidem, p. 80).

Utilizando-me das palavras de Ferreira (Ibidem, p. 88), as crônicas podem ser “uma preciosa via de acesso à história em seus dados de realidade e suas projeções subjetivas”.

Esta tese pretende elucidar como José Lins se relacionava entre os letrados e com outros segmentos sociais e políticos da sua época, sublinhando a importância da literatura em todas as esferas de mediação em sua carreira, recorrendo ao romance, ao ensaio e à crônica como meios de expressão literária que reforçam o significado histórico da sua obra e trajetória. Seus romances figuraram na lista dos mais lidos no Brasil das décadas de 1930 e 1940, tendo tido alta circulação nos centros urbanos nacionais e representavam a ideia de identidade nacional nos modelos bem quistos pelas políticas do Estado brasileiro do período. JLR teve relações diretas não só com Getúlio Vargas (1930-1945) – com quem teve pontos de aproximação durante o primeiro governo e outros de conflito, principalmente entre 1950 e 1954, período no qual o escritor paraibano teceu muitas críticas ao governo getulista em sua coluna n’*O Globo* – mas também com Juscelino Kubitschek, empossado presidente em 1956 e que em 1957 visitou JLR no Hospital do Servidor Público, onde ficou internado até a sua morte.

Dentre as representações de mundo social criadas por José Lins, destacam-se a figura do menino de engenho, do amante de futebol e do intelectual irreverente que transitava entre os mais diversos grupos políticos e intelectuais e que transpunha para a literatura uma série de personagens e enredos repletos do caráter de brasilidade. A vivência do cronista no contexto da Segunda Guerra Mundial e do início da Guerra Fria aparecem em seus textos, denunciando

desejos, angústias, utopias e frustrações que o fazem porta-voz de opiniões e sentimentos de seu tempo.

Neste trabalho me utilizo da minha formação em Literatura Brasileira, mas vou além do estudo da estrutura interna da obra zeliniana, na tentativa de compreendê-la dentro de seus contextos sociais e históricos, a partir de consulta a outras fontes do período estudado. Esta tese, dividida em três capítulos, articula a relação das viagens à Argentina, a Portugal e à Suécia com a sua produção cronística e literária, a fim de produzir uma interpretação sobre a circulação de ideias e das redes de sociabilidade em torno da carreira do escritor. Assim, além das crônicas por ele assinadas, foram acionados diferentes suportes textuais, dentre os quais: correspondências, manuscritos, bem como outros jornais e revistas – consultados online e em arquivos brasileiros – com o objetivo de estabelecer diálogos e compreender contextos, respondendo às hipóteses no decorrer da pesquisa.

A minha experiência e imersão no Museu JLR, em João Pessoa, me permitiu chegar a conclusões que se assemelham à experiência de Júlio Castañon Guimarães, pesquisador em Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa, explicitadas em “Pesquisa em acervos literários” (2002). No texto o autor se concentra em descrever os principais acervos literários de sua instituição de origem e indica que a correspondência esparsa é “material de grande importância pela informação que fornece ou pelo elo que oferece para outros dados, e assim por diante” (GUIMARÃES, 2002, p. 26). O pesquisador também aponta que aqueles que trabalham com arquivos, trabalham “também com suas lacunas e com o fato de que não são isolados.

Um dos materiais importantes que os arquivos fornecem refere-se às indicações para outros arquivos, às pistas para conexões possíveis” (Ibidem, p. 27), de maneira que os documentos “assumem outras relações, bem mais complexas, quando deixam o espaço de sua catalogação e entram no circuito de outras articulações” (Ibidem, p. 28). Assim, os trabalhos em arquivos esparsos tomam tempo e paciência do pesquisador, pois geralmente “solicita documentação complementar nem sempre de fácil acesso”. Há de se considerar também dados circunstanciais, como por exemplo “eventuais dificuldades de acesso ou reprodução da documentação, seu mau estado de conservação, e assim por diante” (Idem).

Da minha interlocução com este texto Castañon Guimarães posso aqui acrescentar que o caso de José Lins do Rego é exemplar, considerando o caráter esparsos de seus vestígios arquivísticos e um dos objetivos desta tese, a saber: dar luz à produção zeliniana fora dos cânones estabelecidos, sobretudo a partir de sua produção cronística em periódicos e de seu papel como viajante brasileiro no exterior, estando em jogo “o inacabado, o fragmentário, o rasurado, o rejeitado, o resto” (Ibidem, p. 30), parte indissociável de sua obra literária.

Este trabalho tem como objetivo desvincular a produção cronística de JLR da “inequívoca feição financeiramente imediatista e utilitária”, “enquanto meio de dilatar o orçamento do intelectual-jornalista” e para ser contraprova do argumento que confere “caducidade breve” a esse gênero literário, pontos que seguem atuais no debate da importância da crônica, apontados por Antonio Dimas, no artigo “Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo?” (DIMAS, 1974, p. 46).

Assim, busca-se dar importância ao fato de que para o grande público, “despreocupado quanto a problematizações da realidade ou quanto a virtuosismos estilísticos, a crônica funciona como oásis lúdico em meio à aridez das notícias secas” (Ibidem, p. 47). “Espremida entre o rigor informativo e a liberdade verbal”, a crônica é, ainda segundo Dimas, “um repositório precioso para se avaliar as concepções de seu autor perante o mundo que o rodeia” (Ibidem, p. 48-49).

Nesse sentido, justifica-se o fato de esta tese transitar entre História e Literatura, pois, se de um lado esta última não precisa, “em princípio, de nenhum compromisso com a realidade histórica”, a crônica está intrínseca a esse compromisso, tendo como “motor de arranque” o cotidiano de quem a escreve (Ibidem, p. 49).

Dentre as hipóteses levantadas por Dimas em relação ao gênero cronístico como fonte abundante de pesquisa, aqui vale destacar que o estudo de uma parte da colaboração jornalística de José Lins do Rego pode ser tido como auxiliar no sentido de consolidar o perfil intelectual do escritor já estabelecido como romancista e como cronista, mas então pouco estudado como cronista viajante, o cronista sagaz que conjuga e solda os fatos à sua interpretação pessoal, selecionando “os dados mais importantes do fato, que haverão de auxiliá-lo na construção do ambiente visitado”, deixando assim a acidentalidade e atingindo a essencialidade (Ibidem, p. 51). As crônicas de viagem de JLR são autônomas, se sobressaem em relação à circunstancialidade e adquirem a autonomia, fazendo-se então literatura.

Antes de apresentarmos as crônicas de José Lins e a variedade de seus temas, é necessário recuperar o contexto político e urbano da cidade do Rio de Janeiro, então ainda capital federal nas décadas de 1940 e 1950 e onde o cronista atuou por mais de duas décadas. No artigo “As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro: uma história de contrastes” (2015), Antônio Edmilson Martins Rodrigues e Juliana Oakim apresentam um histórico das reformas urbanas projetadas na cidade. No subcapítulo dedicado à cidade na Era Vargas (1930-1945/1951-1954), os autores indicam que este período foi importante na incorporação “dos segmentos populares excluídos anteriormente, em sinal claro de moralidade e de definição da

capital como símbolo de uma nova era de trabalho e indústria” (RODRIGUES; OAKIM, 2015, p. 35). Quanto às posições políticas na Era Vargas, os autores lembram que na década de 1950:

a cidade viu surgir, em alguns de seus bairros mais tradicionais, um movimento de reação às medidas progressistas e vanguardistas dos anos 1950. A sociedade carioca se dividia entre aqueles que defendiam Getúlio e os que o combatiam. A polêmica ganhou os meios de comunicação com o debate de posições que se apresentavam sob a forma do grande debate nacional nas páginas dos jornais *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa*, que colocava diante do primeiro a figura de Vargas e diante do segundo o grande líder da direita conservadora, o político da UDN, Carlos Lacerda (Ibidem, p. 37-38).

O jornal *O Globo*, que publica as crônicas zelinianas, foi fundado em 1925 pelo jornalista e empresário Irineu Marinho (1876-1925) que, antes, trabalhou como secretário-geral da *Gazeta de Notícias* e fundou, junto a 13 companheiros, o periódico *A Noite* (1911-1957)⁶. Em 1925, pouco tempo antes de falecer, Irineu Marinho fundou *O Globo*, junto a Herbert Moses e a Justo de Moraes, sendo seu filho Roberto Marinho (1904-2003) o sucessor proprietário do jornal. Aos 21 anos, Roberto Marinho não se considerava maduro o suficiente para comandar o jornal, de maneira que sua mãe, a então viúva Francisca Marinho, indica o secretário Eurycles de Mattos para assumir o cargo de diretor-redator-chefe do recém-lançado periódico, e seu filho Roberto como secretário. Em 1931 falece Eurycles e Roberto Marinho assume então o comando, contando com posterior colaboração de seus irmãos Ricardo e Rogério.⁷

A época da fundação d’ *O Globo* coincide com o fim do governo Artur Bernardes (1922-1926). O jornal se declarou, em um primeiro momento, livre de afinidades políticas, econômicas ou ideológicas. Seu discurso era interessado nas questões do povo, como funcionalismo público, combate à carestia e crítica à falta de infraestrutura e conservação da cidade. Além do interesse popular, o jornal também fez campanha em favor do empresário norte-americano Henry Ford, promovendo a sua visita ao Brasil no ano de 1927 – a empresa Ford havia instalado uma filial no país em 1919.

O Globo posicionou-se contra a candidatura de presidente Washington Luís (1926-1930) e mostrou simpatia à Coluna Prestes e aos tenentes. O jornal apoiou a Revolução de 1930, inclusive comemorando a deposição de Washington Luís e a formação da junta militar, liderada pelos generais Tasso Fragoso e João de Deus Mena Barreto e pelo almirante Isaías de Noronha.

⁶ Cf. Verbete “A Noite”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NOITE,%20A.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

⁷ Cf. Verbete biográfico “Roberto Marinho”, em Perfis e depoimentos do projeto Memória O Globo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/perfis-e-depoimentos/roberto-marinho-9055075>. Acesso em: 25 set. 2018.

Durante o Estado Novo o jornal sofreu constante censura por conta dos assuntos políticos, contra o governo, e deu destaque aos esportes e, com cautela, às notícias internacionais, mostrando-se favorável à política externa do presidente dos EUA, Franklin Roosevelt, “em prol da reconstrução da ordem mundial”. Em 1938 o jornal condenou o putsch integralista.

Durante a Era Vargas o jornal não deixou de criticar decisões do governo, mas se manteve a favor do desenvolvimento da legislação trabalhista. No contexto da Segunda Guerra, quando Getúlio decide se aproximar dos países do Eixo – Alemanha, Itália e Japão –, *O Globo* não o critica, mas se mostra a favor dos Aliados – (França, Inglaterra, Estados Unidos e, depois, URSS) “contra a neutralidade brasileira e expressando em editorial sua esperança de que os ideais pan-americanistas” triunfassem. Em 1942, após o ataque de navios brasileiros feito por submarinos alemães, o jornal passou a apoiar a entrada do Brasil na Guerra, inclusive fazendo apelo ao voluntariado, e realizando na Itália grande cobertura da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e “lançando o tabloide *O Globo Expedicionário*, dirigido por Pedro Mota Lima, destinado a manter elevada a moral dos pracinhas brasileiros que combatiam na Itália”.

Quanto ao fim do Estado Novo, o jornal se posiciona a favor da deposição do presidente e da reintegração democrática do país, e contra os comunistas, liderados pelo PCB de Luís Carlos Prestes. Enquanto o regime enfraquecia, o jornal “assumia posições favoráveis à anistia, às eleições livres e à eleição de uma constituinte que elaborasse uma nova carta para substituir a Constituição de 1937”. Economicamente o jornal defendia os princípios liberais e politicamente seguiu contra Vargas, mantendo-se imparcial em relação aos outros candidatos à presidência⁸.

JLR foi amigo próximo do empresário Roberto Marinho que, em 1943, convida-o para publicar no jornal, no qual o paraibano passou a colaborar exaustivamente até a sua morte, em 1957. Nessa mesma década o empresário carioca também se aproximara de GF. JLR dedica, inclusive, o seu livro de crônicas *Homens, seres e coisas* (Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952) a Roberto Marinho. A série de crônicas que levam o nome “Conversa de lotação”, por exemplo, tem início 15 anos depois da chegada do paraibano e de sua família à cidade do Rio de Janeiro. A hipótese indicada por Hollanda (2012) é que a matéria-prima das conversas de lotação foram os trajetos casa-trabalho e casa-livraria:

O relato crítico não compromete as boas recordações. José Lins jogava tênis com as filhas no Clube Piraquê e gostava de ir ao cinema com toda a família. Quando ia ao Centro, pegava uma lotação no ponto do Jockey Club e da

⁸ Cf. Verbete “*O Globo*”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o>. Acesso em: 25 set. 2018.

conversa com os passageiros extraía a matéria-prima para as suas crônicas do dia seguinte no jornal *O Globo* (HOLLANDA, 2012, p. 62).

As crônicas que abordam os demais temas, inclusive as viagens realizadas pelo paraibano, dialogam, a meu ver, com a ideia de Freyre no artigo “A propósito do memorialismo de José Lins do Rego”, analisado por Mariana Chaguri (2007). O artigo fala principalmente dos romances, mas é possível aqui relacioná-lo também à interpretação da produção cronística de JLR, pois

Freyre argumenta que a imaginação não cria inventando, antes, a imaginação combina aquilo que existe por meio da memória, de modo que, a segunda seria a base da primeira. Assim, nada seria criado de modo absoluto, isto é, o criador seja artístico, científico ou literário apenas descobre relações novas “entre pessoas e coisas. Entre pessoas e animais. Entre pessoas e fatos. Entre épocas. Entre sociedades humanas. Entre os sentidos, os órgãos, os chamados instintos do homem e a sua inteligência” (FREYRE, Gilberto, *Diário de Pernambuco*, 07 nov. 1950 apud CHAGURI, 2007, p. 93).

Nas crônicas zelinianas, é possível identificar o retrato/a singularização de pessoas, coisas e situações vividas e/ou imaginadas pelo cronista, relacionadas ao meio-ambiente, às paisagens, à linguagem do cotidiano e às tradições, aos hábitos e costumes das populações (alimentação, futebol, lazer, vestuário etc.), personagens esses que bem ilustram as angústias e inquietações da condição humana, inerentes a todas as classes sociais e ilustradas pela faceta cronista de José Lins e dialogam diretamente com o projeto do Estado Novo, indicado por Velloso (1997).

Fazendo uso do diálogo entre os conceitos de *literatura* (que “exprime, re-apresenta, presentifica, singulariza, enxerga com olhos novos ou renovados os objetos da percepção, ilumina os seus múltiplos perfis e desentranha e combina as fantasias do sujeito”) e *ideologia* (que “reduz, uniformiza os segmentos que reduziu, generaliza, oculta as diferenças, preenche as lacunas, as pausas, os momentos descontínuos ou contraditórios da nossa subjetividade”), como desenvolvidos por Alfredo Bosi (2013, p. 248), esta tese visa “repensar as relações entre literatura e ideologia” que, ainda segundo o crítico literário, “se tangenciam enquanto ambas pressupõem o mesmo vasto campo da experiência intersubjetiva”, embora “os seus modos de conceber e de formalizar essa experiência são diversos, quando não opostos”. Nesse sentido, JLR declara no prefácio de *Meus verdes anos*:

Fiz livro de memórias, com a matéria retida pela engrenagem que a natureza me deu. Pode ser que me escape a legitimidade de um nome ou de uma data. Mas me ficou a realidade do acontecido como o grão na terra. A sorte está em que a semente não apodreça na cova e que o fato não tenha o pobre brilho do fogo-fátuo. É tudo o que espero dos “verdes anos” que se foram no tempo, mas que ainda se fixam no escritor que tanto se alimenta de suas substâncias (REGO, 2011a, p. 18).

Realmente é possível identificar essas relações entre pessoas e coisas nos temas das crônicas, bem como nos romances e memórias de José Lins: o autor se dava ao trabalho de selecionar temas que, ao mesmo tempo, seduziam o leitor e o fazia também refletir acerca das questões cotidianas do Brasil e do mundo, sempre enfatizando o seu ponto de vista, ou seja, sua ideologia a partir da literatura.

Alfredo Bosi (2013, p. 98-9), ao analisar passagens de *Infância*, de Graciliano Ramos, retoma a seguinte ideia: “A descrição feita mediante metonímias, traços rápidos e poucos que valem como retratos sem retoques, foi largamente adotada pelo realismo oitocentista”, sendo influência que ditou o gosto modernista, difundido a partir dos anos 1930, “avesso ao descritismo pitoresco”. Estendendo essa análise às crônicas zelinianas, grande parte dos títulos desses textos nos permite imediatamente verificar os recortes temáticos a serem tratados em cada uma delas.

Dentro do campo das Humanidades Digitais e partindo do estudo de Franco Moretti, “para quem ao se inventariar a geografia dos textos ficcionais, abstraindo-se dos enredos dos romances os padrões espaciais, obtém-se um objeto artificial (o mapa, o gráfico, o diagrama)”, permitindo assim “notar a configuração daquilo que não era perceptível a olho nu no nível do fluxo narrativo” (MORETTI, Franco apud MINCHILLO, 2015, p. 70), essa pesquisa reuniu as transcrições na íntegra das crônicas aqui apresentadas e pôde, a partir delas, interpretar alguns dados obtidos a partir da utilização da ferramenta online e gratuita Voyant Tools, aplicativo baseado na web e de código aberto, que permite análise textual.

É importante também apontar a *consciência autoral* de JLR, conceito apresentado e desenvolvido por Alfredo Bosi (2013, p. 226), ao considerarmos que em suas crônicas “há momentos que são puras transcrições jornalísticas do acontecido e momentos em que opera toda uma fenomenologia do desejo e em que entram elementos imaginários”. Assim, é possível dizer o gênero ficcional desses textos fica pendente, entre a História, a autobiografia e a fantasia, sendo a escolha do assunto “parte do esquema básico o qual o objeto prosaico sofre uma imprevisível injeção de lirismo” derivado da sensibilidade do cronista, que ressignifica “os signos desgastados do cotidiano” (VONK, 2016, p. 57).

O José Lins cronista narra através de uma certa liberdade pela qual o espírito sopra onde quer, utilizando-se dos seus materiais derivados de suas vivências e pensamentos para produzir uma extensa produção referente às suas viagens que, utilizando as palavras de Bosi, é “todo um tecido de referências às suas viagens e aos seus encontros culturais” (BOSI, 2013, p. 228).

Aqui vale recuperar um manuscrito a tinta preta, escrito a próprio punho por JLR, sem data e conservado nos arquivos da Academia Brasileira de Letras (ABL), a que tive acesso em outubro de 2018, no qual constam cartas da correspondência ativa e passiva, telegramas e fotografias de José Lins do Rego, que foi acadêmico da instituição, onde ocupou a cadeira 25 entre 1956 e seu falecimento, a 12 de setembro de 1957.

Ali constam cartas e telegramas com notas de pesar pelo seu falecimento, fotografias feitas pelo fotógrafo Fausto Fleury, nas quais aparecem Olívio Montenegro, sua tia Maria com suas filhas e agregadas da casa-grande, sua esposa Filomena Massa Lins do Rego, suas filhas Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Christina, sua neta Claudia, Manuel Bandeira, Francisco Negrão de Lima, Peregrino Jr, Gilberto Freyre, José Olympio, Carlos Drummond de Andrade, Candido Portinari, Vargas Neto (presidente da Federação Carioca de Futebol), Mário Filho, Ledo Ivo, Aurélio Buarque de Holanda, José Condé, Antônio Maria, Thiago de Mello, Odilon Ribeiro Coutinho, estudantes da Faculdade de Direito do Recife, o zagueiro do Flamengo Servílio, Engenho do Oiteiro, Livraria José Olympio e Engenho do Tapuá.

Os telegramas, em sua maioria, dão notas de pesar diante do falecimento do escritor provenientes de instituições públicas do país inteiro, principalmente do Nordeste e dos estados de Rio de Janeiro e São Paulo, algumas do Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Voltando ao manuscrito, temos o seguinte texto:

Eu vivo as minhas crônicas como se estivesse num batalhão de sofredores, semeando minas por debaixo da terra. De senhores que me escutam na hora do sabonete de coco, os senhores não sabem o suor que sua, as dores que sofre o cronista sorridente da cidade. [ilegível]. Eu muito sofro pela humanidade! O fabricante que me paga o [ilegível], o financiador das minhas horas sagradas, ele não pode saber o que há de trágico nas palavras que digo, nas frases que eu componho. Todas as minhas frases carregam a humanidade nas costas. Eu sou o homem das frases-transportes, das que voam mais que um caça da [Raf], que são mais do fundo das coisas que as bombas de profundidade. [ilegível] na hora do sabonete de coco, eu grito pela destruição de [um] exército, este exército será destruído. Não tenham dúvida, será destruído no duro. É por isto que me revolta a crueldade dos que falam de arte uma hora desta. Eu quero destruir todos os exércitos inimigos, inclusive o exército do Pará. Sim, este exército do Pará anda por ali a querer falar demais. Não pode. Só eu posso falar, posso mandar nos jornais, nas rádios, na [ilegível] e no [ilegível]. Eu valho mais que todos os exércitos do Pará. Avança o marechal deste exército que eu [ilegível] avanço os estudos e os bordados. Avanço mesmo. E vou para

a minha hora do sabonete de coco e digo para os meus radiouvintes: “meus queridos radiouvintes eu dissolvi o exército do Pará”.

Aí o cronista sorridente da cidade parou para molhar a garganta seca. Passava pela rua um Ford apunhado de gente que vinha de um campo de futebol. Gritaram no Ford. O cronista sorridente da cidade fez um gesto de nojo imenso e falou para os admiradores de boca aberta:

“São uns inocentes, vão ver o Domingos da Guia quando deviam ficar em casa, à espera da minha hora de guerra. São uns inocentes. Não sabem o que é a guerra. Eu sei o que ela é, porque a faço todos os dias em casa. Mas não são culpados. [Muita] gente de responsabilidades que fazem o mesmo. Os [senhores] não leram que Roosevelt e Churchill foram fazer pescaria no Canadá. São dois inocentes”.

O cronista sorridente da cidade quase que não podia mais falar. A fúria embargava-lhe a voz

(REGO, José Lins do. “Manuscrito sobre ser cronista”, sem data. Autógrafo a tinta preta; 1 folha. Rio de Janeiro: Arquivo da Academia Brasileira de Letras).

O conteúdo inédito deste manuscrito e seu teor profundamente confessional não se isolam do fato de que JLR fora primeiramente representante do romance social nordestino, fonte de apreço da política literária do Estado Novo, que via nessa corrente literária a construção de “sagas regionais que relatavam a história do declínio material e político das oligarquias” (MICELI, 2018, p. 90-93) que abria então caminho à construção da “nova identidade nacional” brasileira. José Lins, herdeiro dessa oligarquia e então morador da capital federal, dava voz à essa transição em seus romances e em suas crônicas.

Algumas considerações a respeito das viagens diplomáticas para a promoção da Cultura Brasileira a partir do caso de José Lins do Rego

A obra *Aesthetics and World Politics* (2009), de Roland Bleiker, traz ideias que me serviram de combustível para começar a problematizar e categorizar as viagens de José Lins do Rego em seus diferentes momentos e contextos. O autor coloca a Literatura como “definida pela sua habilidade em descrever situações e pessoas, incluindo condições emocionais, que de outra forma permaneceriam além de nossas experiências de conhecimento pessoal”⁹ (BLEIKER, 2009, p. 9, tradução minha). Ele também lembra que a maioria dos países latino-americanos teve uma longa tradição de enviar poetas homens para o exterior nas funções de cônsul ou até mesmo como embaixadores (Ibidem, p. 130).

⁹ No original em inglês lê-se: “defined by its ability to describe situations and people, including emotional states, that would otherwise remain beyond our personal knowledge experiences”.

Embora José Lins não seja poeta e nem tenha sido cônsul ou embaixador, os conceitos elaborados por Bleiker contribuem na construção das ideias desenvolvidas nesta tese. A novidade da abordagem estética do professor da *University of Queensland* enriquece a minha pesquisa pelo fato de dar a importância devida ao papel da Arte como agente cultural das Relações Internacionais.

Representante do regionalismo nordestino brasileiro, JLR aos 42 anos sai do Brasil pela primeira vez a convite do Itamaraty, em 1943, para representar o “Brasil literário” em uma série de conferências proferidas na Argentina e divulgada pelos principais jornais da capital Buenos Aires. A partir dessa viagem, o paraibano viajara a outros 16 países do mundo. A escolha de seu nome dentre as outras possibilidades e nos diferentes contextos, das quais serão exploradas nesta tese as viagens à Argentina, Portugal, Suécia, Dinamarca e Finlândia aqui é pensada como derivada de seu sucesso como intelectual regionalista. Como mencionado anteriormente, é partir de 1944, ou seja, meses após sua primeira viagem além das fronteiras nacionais, que se inicia sua colaboração n’*O Globo*, veículo no qual ele pôde transpor o espaço regional por ele criado em seus romances para outros mundos histórico-sociais e outras regiões geográficas, em suas crônicas de viagem. Nesse sentido, Bleiker aponta que

embora a arte não possa nos dizer como parar as guerras ou impedir o terrorismo e o genocídio, ela pode nos dar ideias sobre essas experiências e os sentimentos que temos sobre elas. Ao fazer isso, a arte pode moldar a maneira como entendemos e lembramos os eventos passados e, conseqüentemente, como nos colocamos nos desafios que enfrentaremos no futuro (Ibidem, p. 12, tradução minha).

Dentro do período de sua produção cronística n’*O Globo*, entre 1944 e 1956, JLR publicou diversos textos que comentavam o desenrolar dos fatos internacionais da Segunda Guerra Mundial. Além disso, posicionou-se contra os horrores do nazifascismo, manifestando inclusive sua solidariedade ao povo judeu. Assim, podemos dizer que suas crônicas sobre temas de política e cotidiano nacionais e internacionais podem ser lidas como objeto de arte política voltado a um público-leitor amplo, tornando esse conteúdo de maior alcance. O fato de a linguagem zeliniana ser marcada pela simplicidade faz com que ela tenha maior alcance dentro do público-leitor do jornal, de maneira que JLR pode ser visto nessas ocasiões como o que chamamos hoje de “comentarista político”, escrevendo na linguagem da vida cotidiana.

Embora Bleiker fale de diários de viagem, sem mencionar crônicas de viagem, creio que no trecho citado a seguir é possível identificar mais semelhanças que diferenças entre os dois tipos textuais:

Os diários de viagem são um gênero literário intermediário curioso. Localizados em algum lugar entre relatos factuais e ficcionais, entre histórias pessoais e descrição de lugares e pessoas, eles são considerados mais sutis do que os guias, mas carecem da sofisticação associada aos romances [...] que transgridem os gêneros tanto quanto as fronteiras geográficas: explorações antropológicas e ambições literárias, relatórios científicos cruzados, julgamentos culturais e comentários políticos.

É precisamente essa ambiguidade entre os gêneros literário e documental que faz dos diários de viagem um objeto de interesse da investigação. Mesmo quando apresentam posições puramente pessoais – ou mesmo fictícias –, os diários de viagem ainda têm o potencial de moldar discursos políticos de maneira significativa”) (Ibidem, p. 38, tradução minha).

Bleiker analisa o impacto político e geracional no contexto da Guerra Espanhola de obras como *Guernica*, de Pablo Picasso, e a obra poética de Pablo Neruda, dando destaque ao poema “Explico algunas cosas”:

Pode acontecer que daqui a cem anos as pessoas se lembrem da Guerra Civil Espanhola através de “Explico algunas cosas” de Neruda ou *Guernica* de Picasso, em vez dos inúmeros livros de história que buscam representar eventos históricos de maneiras que parecem, pelo menos à primeira vista, mais “realista”.

Uma tradução poética ou artística de um evento ou época pode ser capaz de lidar de maneira mais adequada com a lacuna que se abre entre o que é e como esse “é” é representado através da linguagem. A poesia reconhece que essa inevitável lacuna é o próprio local da política. O poema, então, torna-se uma memória histórica crítica, porque fala de múltiplas perspectivas. [...] (Ibidem, p. 133-134, tradução minha).

Acredito que tanto as Artes Plásticas como a Literatura – seja em poema, prosa, crônica etc. – tem esse poder indicado por Bleiker de transcender as representações clássicas de eventos históricos e alcançar através da Arte a sensibilidade, a empatia e as múltiplas perspectivas do receptor, sendo assim como o poema “uma memória histórica crítica”. Ainda sobre Pablo Neruda, Bleiker indica que a escolha do uso da linguagem da vida cotidiana, que também se dá com JLR, acontece porque um poema – bem como uma crônica – “não pode ser obscuro se for usado como arma política. Neruda sabia que seus poemas tinham que falar para um grande público se ele quisesse ter algum impacto na Guerra Civil e na luta da classe trabalhadora em geral”¹⁰ (Ibidem, p. 135, tradução minha).

¹⁰ No original em inglês lê-se: “This is why he sought to write poetry in the language of everyday life. A poem cannot be obscure if it is to be used as a political weapon. Neruda knew that his poems had to speak to a large audience if he wanted to have any impact on the Civil War and the struggle of the working class in general”.

Embora em algumas crônicas selecionadas por esta pesquisa JLR faça menção a comentários de recepção dos leitores, não é possível recuperar o alcance de seus textos. Por outro lado, vemos que as suas escolhas temáticas podem sim ser vistas como escolhas políticas, de um intelectual que via no Brasil a sua inspiração e a sua razão de ser escritor, de maneira que a missão do poeta, como vista por Bleiker, também se encaixa, ao meu ver, a José Lins do Rego:

Um poeta que deseja atuar como cronista de seu tempo deve fazer mais do que apenas refletir o *Zeitgeist* de uma época. Reflexão não é suficiente. Para escrever poesias de valor poético e político, o autor deve produzir mais do que imagens espelhadas da sociedade. Ele ou ela tem que distorcer visões para desafiar as formas entrincheiradas de representações que circunscrevem nossa compreensão da realidade sócio-política. A tarefa do poeta é ajudar-nos a ver coisas familiares de novas maneiras, fazer-nos reconhecer como constituímos nossa visão do mundo e, por extensão, o próprio mundo. Ao abrir diferentes perspectivas sobre as realidades, a poesia pode fornecer novas soluções para velhos dilemas. [...]” (Ibidem, p. 139, tradução minha).

Os dados biográficos e literários de JLR aqui apresentados justificam a sua escolha como projetor da imagem brasileira no mundo durante as ocasiões em que ele representou o Brasil no exterior. Ao olharmos a produção cronística de JLR observamos que desde a década de 1940 ele já se atinha ao tema da diplomacia, geralmente conectado ao Itamaraty brasileiro. Dentre as 11 crônicas sobre esse tema que pude selecionar, publicadas entre 1947 e 1956, a primeira é “José Bergamin e o Itamaraty”, de 08 de dezembro de 1947. Nela JLR critica a negativa consular brasileira em relação ao pedido de visto temporário ao poeta espanhol José Bergamin (1895-1983), que na época estava exilado no Uruguai:

desgraçadamente, para muitos dos nossos admiráveis rapazes e senhores que mandam na ‘casa’, José Bergamin é apenas um refugiado espanhol, homem sem os seus papéis com visto do Governo de Franco, e por conseguinte, homem perigoso, sem pátria, sem condição civil (REGO, José Lins do. “José Bergamin e o Itamaraty”. In: *O Globo*, 08 dez. 1947).

Um ano depois, na crônica “O nosso Itamaraty”, JLR desenha uma breve história da diplomacia brasileira, sublinhando a importância de Rio Branco na fundação de “uma escola de diplomata em grande estilo”, em um sistema simples, julgando “os candidatos à base do contato pessoal”: para JLR esse sistema “acertou muito mais que errou”, valendo mais “do que um concurso de papéis ou de provas”, mas carecendo da sagacidade de Rio Branco para o êxito do processo seletivo pautado.

Depois do Barão, esse mesmo sistema entrou em declínio na época de Floriano Peixoto, marcada pelas escolhas fracassadas do quadro baseadas em afeições pessoais, e a fundação do instituto que levara seu nome, em 1945, “foi uma máquina montada para refazer tudo, pretendendo criar o agente diplomático de boa qualidade”, acabando com a era do critério de seleção através da afeição pessoal que vigorara desde o começo da década de 1930. JLR via no Instituto a esperança de que os agentes ali em formação superassem a mediocridade da diplomacia brasileira das décadas anteriores (REGO, José Lins do. “O nosso Itamaraty”. In: *O Globo*, 21 jul. 1948).

Alguns dias depois, a 29 de julho, “Ainda sobre o Itamaraty” é, na verdade, a publicação de trechos de uma suposta carta de um leitor diplomata, que pediu anonimato, enviada ao cronista ainda sobre os critérios do processo seletivo da carreira diplomática no Brasil. O suposto leitor critica o método de avaliação do então recém-criado Instituto Rio Branco, que em concurso anual admitia quinze rapazes, que passam a ter aulas de inglês, francês, história, geografia, direito e economia: “grandes teóricos, poucos práticos”, que logo eram nomeados diplomatas, mesmo sem terem sido submetidos a experiência prévia no exterior que comprovasse as suas capacidades na função.

O diplomata anônimo sugere então que seja aplicado método inglês, mais rigoroso e que só dava a aprovação final dos candidatos após um longo período de estudos cumpridos e de estágio probatório realizado. Assim, o saudoso “olho clínico de Rio Branco” seria reinventado, utilizando-se da prática, da sabedoria e do bom senso “imprescindíveis na diplomacia”, da maneira que os já diplomatas formariam os diplomatas em potencial (REGO, José Lins do. “Ainda sobre o Itamaraty”. In: *O Globo*, 29 jul. 1948).

Essas 11 crônicas sobre diplomacia revelam o JLR que, depois de sua primeira viagem ao exterior, talvez tenha se interessado mais pelo tema da imagem do Brasil do mundo e da importância da função diplomática na consolidação dela. Seu interesse ia além das leituras sobre Rio Branco e das discussões comparativas: em “O Itamaraty e o Exército”, publicada a 11 de janeiro de 1950 e republicada com poucos ajustes a 01 de fevereiro de 1956, ele nos conta suas impressões após ter assistido uma conferência proferida pelo general Cordeiro de Farias na Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro.

Esse evento, ainda de acordo com José Lins do Rego, ilustrava as relações íntimas que ocorriam entre o Itamaraty e as Forças Armadas naquele momento, que muito o satisfaziam. JLR faz referência ao imaginário em torno do diplomata, como o “rapaz bem instruído, de paletó cintado atrás, falando francês e inglês, sabendo entrar e sair, sabendo comer o bom caviar ou beber o seu whisky”, para desconstruí-lo na sequência, lembrando mais uma vez do exemplo

de Rio Branco, que “sempre foi um aliado do Exército” e “fazia questão de homens bem parecidos nos quadros de seus auxiliares”, com consciência da importância de cumprirem no exterior a missão de representar o Brasil, conhecendo-o e “sabendo de todas as suas particularidades de nação” (REGO, José Lins do. “O Itamaraty e o exército”. In: *O Globo*, 11 jan. 1950; 01 fev. 1956).

Dentre os diplomatas brasileiros com os quais JLR estabeleceu relações de amizade o principal deles é Luiz Martins de Souza Dantas, o Souza Dantas (1876-1954). Carioca, dentro de sua carreira é exemplar a sua atuação na Itália e na França, onde colaborou na concessão de vistos a judeus que se refugiavam por conta do nazifascismo (KOIFMAN, 2015). José Lins o conheceu em 1949, provavelmente no Rio de Janeiro, nesse ano Souza Dantas já estava aposentado. No dia de seu falecimento, a 16 de abril de 1954, JLR estava em Paris, e não deixou de registrar a sua despedida ao boêmio bonito que amava Racine: “Fui ver, ainda, no modesto quarto do Grande Hotel, o velho Souza Dantas, morto há poucas horas. Lá estava envolto nos lençóis o belo Dantas, o que fora a flor da diplomacia brasileira em terras da Itália e da França” (REGO, José Lins do. “O amigo Dantas”. In: *O Globo*, 27 abr. 1954). Nas outras duas vezes que foi à França, em 1950 e em 1951, JLR provavelmente também encontrou o diplomata boêmio.

Outro diplomata que aparece nas crônicas zelininas é o advogado, diretor de cinema e jornalista espanhol Manuel Augusto García Viñolas (1911-2010). Aliado de Francisco Franco, no ano de 1941 viveu no Rio de Janeiro, exercendo a função de adido cultural na Embaixada da Espanha (“Manuel Augusto García Viñolas, periodista, diretor de cine y de NO-DO”. In: *Fundación Nacional Francisco Franco*, 18 maio 2016). Na crônica publicada a 30 de dezembro de 1954, JLR conta que recebeu dele exemplares de livros da Espanha como lembrança de Natal (REGO, José Lins do. “O amigo Viñolas”. In: *O Globo*, 30 dez. 1954).

É em 1956 que sai a última crônica d’*O Globo* sobre diplomacia: nela JLR tenta mais uma vez desconstruir o mito do diplomata como “homem que ganha em ouro, que sabe beber bem, que se traja a rigor e pouco trabalha”, contando dos muitos diplomatas que conheceu, e vendo “injustiça gritante” nas severas críticas ao Itamaraty que escutava. Na defesa dos diplomatas brasileiros, ele diz: “estes figurões servem à nação com o mesmo empenho dos que aqui ficam cuidando de nossa vida, em departamentos de iguais responsabilidades”, mencionando a figura do Ministro Ilmar Penna Marinho (1913-1996), que atuou na Embaixada brasileira de Paris no tempo de Caio Melo Franco e naquele momento lançava seu livro *Tratado sobre a nacionalidade* (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1956) (REGO, José Lins do. “Um homem do Itamaraty”. In: *O Globo*, 09 abr. 1956).

As viagens de José Lins do Rego

As viagens de José Lins do Rego, fonte de conhecimento, de diálogo pela alteridade e de expansão de seus pontos de vista ganham uma nova vida, cor e forma quando transformadas em crônicas, de caráter memorialístico e testemunhal, entram, portanto, na tradição de literatura de viagens. Se em um primeiro momento, a partir do século XV, as viagens eram a princípio voltadas a peregrinações, conquistas, comércio e descobertas, a partir do século XIX elas passam a acontecer em transportes que permitem rapidez e segurança, dando origem aos relatos de viagens de lazer, reportagens de guerra e de turismo, relatos de mundos exóticos, etc.

Nesse sentido, a obra de Fernanda Arêas Peixoto, intitulada *A viagem como vocação: itinerários, parcerias e formas de conhecimento*, auxiliou sobretudo nos conceitos de viagem abordados nesta tese. A antropóloga da USP trata de viagens realizadas por Pierre Verger, Roger Bastide e Gilberto Freyre entre as décadas de 1930 e 1960, explorando “a noção de viagem em chave alargada” e desvendando a riqueza da “experiência pela alteridade” (PEIXOTO, 2015, p. 12, 15).

Antes mesmo de sair do país, JLR já realizara viagens livrescas que, de acordo com antropóloga, são “realizadas com o auxílio de leituras e experiências alheias” (Ibidem, p. 19), através de livros aos quais teve acesso e da leitura de jornais da época. Ao virem antes do deslocamento de tipo geográfico, “as viagens realizadas ‘ao redor do quarto’ e no interior das bibliotecas remetem, mais uma vez, ao *topos* da viagem imóvel” (Ibidem, p. 20).

Sobre o papel das viagens como artifício que alarga a dimensão cosmopolita e as redes de sociabilidade de um escritor-intelectual, o livro de Carlos Cortez Minchillo, intitulado *Erico Verissimo, escritor do mundo: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas* (2015) traz uma rica análise do percurso intelectual e literário do escritor, editor e tradutor gaúcho, e curiosamente Minchillo opta por trazer o nome do autor que estuda sem acentos, reforçando a ideia que o próprio Erico desenvolveu em vida de que seu nome teria maior alcance se grafado sem os acentos da nossa língua portuguesa.

No prefácio da obra mencionada, Kátia Gerab Baggio nos recorda que Erico Verissimo, diferentemente de José Lins do Rego, teve desde o começo de sua trajetória o cosmopolitismo como marca central. Ela bem aponta que Minchillo dá conta da trajetória, da sociabilidade intelectual estabelecida por Erico dentro e fora do Brasil a partir de uma abordagem que o insere dentro de sua geração, “compreendida muito mais como compartilhamento de experiências do que como pertencimento a determinada faixa etária” (BAGGIO, 2015, p. 12, 14).

Entre os pontos de aproximação entre as trajetórias intelectuais de José Lins do Rego e Erico Verissimo, da leitura de Minchillo pude perceber o cosmopolitismo “extra e intraliterário”, ou seja, vivência pessoal e tema literário, ao observamos que tanto em seus romances quanto em suas crônicas e ensaios Verissimo e JLR mantém “discussões sobre cultura, literatura e política que estavam na pauta internacional nos respectivos momentos em que foram escritos” (MINCHILLO, 2015, p. 20). Dentre os pontos em comum, o professor da *Dartmouth College* ainda nos lembra que o “convencionalismo de linguagem foi um dos motes da recepção crítica da obra de Erico. Ainda que Alfredo Bosi lembre que o realismo de Erico Verissimo, Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos tenha se beneficiado da ‘descida à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos, que a prosa modernista tinha preparado” (BOSI, Alfredo apud MINCHILLO, 2015, p. 49).

Assim como Erico Verissimo e seu romance *Saga* (1941), JLR foi “um dos primeiros escritores brasileiros a ambientarem um romance em terra estrangeira”, sendo a primeira parte de seu *Riacho Doce* (1939) ambientada na Suécia. De acordo com Minchillo, não parece haver “outro romance brasileiro publicado nas décadas de 1930 e 1940 ambientado parcial ou integralmente no estrangeiro” (MINCHILLO, 2015, p. 110). Além disso, as bem conhecidas sessões de autógrafos tiveram início com José Lins na rua do Ouvidor, quando do lançamento da primeira edição de *Menino de engenho* publicada pela José Olympio. Anos depois, Erico seria um escritor frequentemente convidado em cidades do Brasil para lançar suas obras com sessões de autógrafos que formavam longas filas (Ibidem, p. 127).

Tanto na trajetória de Erico quanto de JLR, o “cosmopolitismo vai se desbastando de uma fascinação pela possibilidade de convívio pacífico com o diferente”, mas apenas na obra de Erico é que é sublinhado o “confronto como destino sombrio entre povos e culturas” (Ibidem, p. 67) e em ambas as obras, tanto do gaúcho como do paraibano, há intervalos de silêncio na obra romanesca, um “afastamento do universo ficcional” (Ibidem, p. 204) por motivos diferentes: enquanto JLR se afasta para dar conta de sua guinada como cronista no Rio de Janeiro, Erico se afastara durante sua atuação no cenário pan-americanista nos Estados Unidos.

Esta tese pretende alargar a compreensão sobre as atividades provincianas cosmopolitas de José Lins do Rego, se utilizando da rica abordagem de Minchillo, que a partir do estudo da trajetória cosmopolita nacional e internacional de Erico Verissimo nos revela as “relações que a literatura mantém com as conjunturas políticas nacionais e internacionais, com condições materiais de incentivo, produção e circulação”, e também “com os mecanismos de chancela e rejeição nos centros culturais hegemônicos” (Ibidem, p. 135).

Neste item serão apresentadas as viagens ao exterior – as viagens “móveis” – realizadas por José Lins do Rego entre 1943 e 1956, a fim de fornecer aos pesquisadores dados acerca das motivações iniciais de cada uma delas, além da descrição de roteiro, redes de sociabilidade ativadas e, quando possível, a recepção dos periódicos dos países onde passou a respeito de suas estadias internacionais. As viagens internacionais de JLR foram, em ordem cronológica (Tabela 1):

Tabela 1 - Viagens de José Lins do Rego

Ano	Países visitados por José Lins do Rego
1943	Argentina e Uruguai
1950	França
1951	Suécia, Dinamarca, França e Portugal
1952	França, Portugal, Itália e Chile
1953	Peru
1954	Grã-Bretanha, Alemanha, Suíça, Portugal, Espanha, Itália e Finlândia (não consegue visto para ir aos Estados Unidos)
1955	Israel, Síria, Palestina e Grécia
1956	Grécia, Portugal e Cabo Verde

Fonte: elaboração própria.

Para além do levantamento de Hollanda (2012, p. 223-234), esta pesquisa pôde descobrir e incluir mais três países na lista de viagens mencionada acima: 1) ao Chile em 1952, na ocasião JLR acompanhou a Seleção Brasileira em amistosos que antecederam o Sul-Americano de futebol, que ocorreria em Lima, capital do Peru, em 1953; 2) à Síria, quando visitou Damasco, e à região da Palestina, quando visitou a cidade de Belém, essas duas últimas em 1955 e dentro do roteiro que teve como destino principal Israel e 3) a Cabo Verde, em 1956, quando realizou uma longa viagem de barco, partindo de Portugal e passando pela Ilha da Madeira e pela então colônia portuguesa. Esta pesquisa optou por mencionar a Palestina que, mesmo sendo considerada um território que não corresponde a um país, representa uma cultura e uma sociedade importantes e de grande valor nos debates históricos e geográficos.

Os dados acima nos fazem perceber que na América Latina o cronista visitou 4 países – Argentina (1943); Uruguai (1943); Chile (1952) e Peru (1953) –, tendo sido a Europa o continente mais visitado por ele – França (1950, 1951 e 1952); Suécia (1951); Dinamarca (1951); Portugal (1951, 1952, 1954 e 1956); Itália (1952 e 1954); Suíça (1954); Alemanha (1954); Grã-Bretanha (1954), Espanha (1954); Finlândia (1954) e Grécia (1955 e 1956). No

Oriente Médio JLR esteve em Israel, Síria e na região da Palestina e na África o único país visitado foi Cabo Verde.

É interessante observar que o “movimento das viagens internacionais” tem início apenas em 1943, ano também da *Fogo morto*, como mencionado anteriormente. Assim, no intervalo de 13 anos JLR visita 18 países do mundo, sobre os quais escreveu crônicas, dos quais leu autores e a partir dos quais também estabeleceu outras redes de sociabilidade além-mar e além-fronteiras. Como esta tese optou por dar luz principalmente às relações entre JLR, Argentina – o país vizinho e primeiro destino do intelectual no exterior; Portugal – pátria-irmã e o destino mais visitado pelo autor e Suécia – país que exemplifica bem as viagens esportivas por ele realizadas, nesta introdução foram mencionadas, brevemente, as passagens do cronista pelos demais países por ele visitados.

Trago aqui a ideia de que JLR se utiliza de suas crônicas de viagem como um “testemunho pessoal, que pretende ser verdadeiro, mas sabe que não dispõe de provas públicas e notórias de suas recordações”, a partir das ideias de Bosi quando analisando as *Memórias do cárcere*, do também regionalista nordestino Graciliano Ramos que, ainda segundo Bosi, tem “consciência do caráter falível da própria memória”, utilizando-se da crônica como suporte que não é nem história, “porque não há documento que conforte a certeza subjetiva de quem lembra”; e nem romance, porque “não deseja ser puxado pela imaginação” (BOSI, 2013, p. 89).

Assim, esses textos possibilitam diversas frentes de leitura: pode ater-se à descrição interna das paisagens e situações, às marcas das sociedades locais ali representadas, ao pensamento em torno da condição humana etc., de maneira que a narração de episódios de uma viagem por um cronista se difere de como, por exemplo, um geógrafo ou um historiador observariam e descreveriam o mesmo tipo de situação e ambiente:

A região não está sendo descrita como o faria um geógrafo ou um historiador que apenas quisesse demarcar o local onde a cena vai desenrolar-se. O pano de fundo terá força simbólica, até aparecerem as personagens que nascem organicamente daquele mundo, formam um todo com o ambiente. Em seguida, os desejos dos personagens vão produzir acontecimentos. Ao passo que no registro da memória histórica os desejos são desejos e os fatos, fatos. A imbricação de devaneio com relato propriamente é ficção (Ibidem, p. 224-225).

Assim como nos relatos de viagem de Erico Verissimo, as crônicas de viagem de JLR equilibram-se, “como costuma acontecer nesse gênero textual, entre a necessidade de explicar a si mesmo a terra visitada pela primeira vez e a tarefa de satisfazer a curiosidade presumida de um imaginado público leitor” (MINCHILLO, 2015, p. 150), sendo muito evidente nesse gênero

de narrativas de viagens “que a bagagem cultural do autor e sua visão de mundo cooperam na construção de uma subjetividade discursiva única, pessoal” (Ibidem, p. 152).

Há diversos círculos na esfera de sociabilidade internacional do cronista José Lins do Rego. Aqui é importante pontuar que a motivação original de cada uma de suas viagens – fossem elas diplomáticas, esportivas ou turísticas, como categorizadas anteriormente – implica geralmente na ativação de grupos sociais e políticos específicos. Um breve panorama dos intelectuais com os quais o cronista travou contato e sobre os quais escreveu indica a diversidade dessas redes de sociabilidade: dentre os argentinos figuram o sociólogo Martinez Estrada (1895-1964), o político comunista Rodolfo Ghioldi (1897-1985), o artista Carybé (pseudônimo de Hector Julio Páride Bernabó/1911-1997), que inclusive viria mais tarde a se naturalizar brasileiro, o historiador José Luis Romero, o fisiologista Bernardo Houssay, o editor espanhol Gonzalo Losada (1894-1981) – naturalizado argentino e fundador da Editorial Losada, dentre outros.

Já dentre os intelectuais portugueses figuram: o poeta Miguel Torga (1907-1995), o escritor Joaquim Paço D’Arcos (1908-1979), o intelectual Jaime Cortesão (1884-1960), o poeta Vitorino Nemésio (1901-1978), o intelectual Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), o poeta António Botto (1897-1959), o intelectual António Sérgio de Sousa Júnior (1883-1969), o artista José de Almada Negreiros (1893-1970), dentre outros. Nessas viagens José Lins também reencontrou brasileiros, dentre os quais: Sérgio Buarque de Holanda, em Roma, e Cícero Dias, em Paris.

Sobre a sua passagem na Suécia, deu-se seu encontro com jogadores e dirigentes do futebol desse país, e a figura de Gunnar Göransson (1914-1974), empresário e dirigente esportivo de origem sueca que viveu no Brasil durante mais de 20 anos, é central no fio dessa trama.

Para a redação do texto aqui apresentado optei por dispor os capítulos de maneira que cada um deles seja independente, sendo esta Introdução o primeiro passo para a leitura de cada um deles, em conjunto ou à parte. Em cada um deles procurei situar e contextualizar as motivações iniciais de cada viagem, bem como fornecer um breve panorama do nosso Brasil nesses momentos. Na sequência de cada capítulo virá então a apresentação e análise das crônicas reunidas durante minha pesquisa de Doutorado, a fim de mostrar as viagens de JLR

ao longo de périplos variados (mais ou menos provisórios, planejados ou acidentais; turísticos e/ou profissionais), experimentados a partir de expectativas e motivações diversas e também das distintas formas de inserção nos territórios de destino (PEIXOTO, 2015, p. 21-22).

Sobre as miradas apresentadas por José Lins do Rego em suas crônicas de viagem, é importante observar “como os deslocamentos (geográficos e temporais), as trocas e as relações (profissionais e pessoais) estão na base da definição e redefinição de pontos de vista” (Ibidem, p. 24).

O Capítulo 1, intitulado “Conferências no Prata: crítica literária, redes de sociabilidade e as crônicas portenhas de José Lins do Rego” aborda a viagem ao Prata, realizada em 1943 e na qual JLR proferiu uma série de conferências a respeito da literatura brasileira do século XIX no Colégio Libre de Estudios Superiores (1930-1959), posteriormente reunidas e publicadas em *Conferências no Prata* (Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946). Serão apresentadas neste capítulo as evidências da pesquisa a respeito do motivo da viagem, do teor das conferências e das redes de sociabilidade que giram em torno da ida do escritor paraibano à Argentina, bem como análise das crônicas publicadas n’*O Globo* entre os anos de 1944 e 1956.

O Capítulo 2, intitulado “Um imenso Portugal? Redes literárias e editoras transatlânticas”, analisará as crônicas a respeito de temas portugueses, publicadas n’*O Globo* e em *O vulcão e a fonte* (1958), bem como a correspondência passiva e as dedicatórias de livros de intelectuais portugueses conservados no Museu José Lins do Rego, em João Pessoa (PB), a fim de reestabelecer a rede de sociabilidade por ele constituída antes, durante e depois de suas viagens ao país ibérico em 1951 e em 1954, ano em que também passou por Grã-Bretanha, Alemanha, Suíça, Portugal, Itália e Finlândia.

Por fim, o Capítulo 3, intitulado “Bota de sete léguas: viagens aos países nórdicos (1951-1954), abordará a viagem ocorrida em 1951 e que foi parte do roteiro da primeira temporada de jogos amistosos do Clube de Regatas do Flamengo na Europa, passando naquele ano também por Dinamarca, França e Portugal. Também serão expostas e analisadas as crônicas zelinianas escritas sobre o povo sueco e finlandês, tanto como correspondente do *Jornal dos Sports*, como já de volta ao Brasil e como cronista d’ *O Globo*, bem como a recepção dessa temporada nos principais jornais do país escandinavo do período. Também será apresentada uma crônica sobre o poeta dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855).

O estudo aqui apresentado pretende alargar as fontes de compreensão da carreira intelectual de José Lins do Rego, nas redes do regionalismo nordestino e, posteriormente, da capital federal, transitando entre o campo editorial, em torno da Livraria José Olympio e dos jornais com os quais colaborava, e esportivo, em torno do Clube de Regatas do Flamengo e da CBD, na qual atuou por 12 anos, entre 1943 e 1955.

A sua intensa colaboração n’*O Globo*, entre 1944 e 1956 permite acompanhar o desenvolvimento quase que diário das suas ideias, entusiasmos e contradições, sendo as crônicas derivadas de suas viagens ilustrativas da função profissional e turística desses movimentos internacionais, mostrando como as leituras que fizera sobre esses países antes mesmo de conhecê-los, derivadas de relatos, experiências e produções de terceiros, também fazem parte da sua maneira de ver o mundo.

Assim, é compreensível a escolha dele, escritor que alcançou reconhecimento literário e alto número de leitores de sua obra para os padrões da época, e que se utilizou da literatura como instrumento de denúncia social do Nordeste açucareiro. Como bem lembra Janaína Amado, em seu artigo “Região, sertão, nação” (1995, p. 146): “a literatura brasileira povoou os variados sertões que construiu com personagens colossais, poderosos símbolos, narrativas míticas, marcando com eles forte, funda e definitivamente, o imaginário brasileiro”, sendo o regionalismo nordestino responsável por revelar ao público das grandes cidades o mundo rural dos engenhos do nordeste brasileiro.

Capítulo 1 - Conferências no Prata: crítica literária, redes de sociabilidade e as crônicas portenhas de José Lins do Rego

Este capítulo aborda a viagem de JLR à Argentina em 1943, país em que proferiu uma série de conferências a respeito da literatura brasileira do século XIX. Suas apresentações ocorreram em Buenos Aires, no Colégio Libre de Estudios Superiores (1930-1959), e foram posteriormente reunidas e publicadas em *Conferências no Prata* (Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946), obra que também será tratada aqui. O objetivo é apresentar as evidências da pesquisa a respeito das motivações de sua primeira viagem ao exterior, o teor das conferências e as redes de sociabilidade que giram em torno da ida do escritor paraibano à Argentina, bem como os principais temas presentes nas crônicas de José Lins publicadas n’*O Globo* entre os anos de 1944 e 1956 (Anexo A), ou seja, após seu retorno ao Brasil.

Para isso, de início, é fundamental comentar brevemente a situação política e intelectual do Brasil e da Argentina no contexto da Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, é importante notar que o Brasil só passa definitivamente para o lado dos Aliados em 1942 – até então o país oscilava entre apoiar a Alemanha ou os EUA, situação descrita pela literatura de história da política externa brasileira como “equidistância pragmática” (MOURA, 1980). Enquanto isso, a Argentina flertara com os países do Eixo até 1944, quando percebe a inevitável vitória norte-americana. JLR viaja ao Prata justamente em 1943, após o Brasil ter se posicionado politicamente ao lado dos Aliados, e enquanto a Argentina ainda se posicionava ao lado do Eixo.

A breve contextualização também mencionará o Pan-americanismo, ideal recorrente na década de 1940 e já presente no imaginário continental desde a virada do século XIX para o XX. Serão apresentados intelectuais brasileiros que também viajaram ao Prata, a fim de estabelecer intercâmbios político-culturais por intermédio do Itamaraty. Por último, serão apontados desdobramentos dessa viagem na carreira intelectual de JLR, no que diz respeito às traduções de sua obra romanesca ao espanhol, bem como às redes de sociabilidade construídas no país vizinho na esteira dessa viagem.

O crítico uruguaio Ángel Rama, em seu livro *A cidade das letras* (2015), analisa as manifestações do mundo letrado da América do Sul, lançando um olhar sob a cultura desse subcontinente, a partir do universo letrado que fora constituído nas grandes cidades. Este fora um espaço ideal para a consolidação das redes de sociabilidade intelectual e para a circulação e propagação de discursos e ideias. Rama e o crítico brasileiro Antonio Candido desenvolveram intenso diálogo intelectual durante suas carreiras, de maneira que é compreensível que, no estudo do uruguaio, esteja presente a ideia triangular de sistemas literários (autor-obra-público),

ligados ao mundo urbano. Este espaço concentra as instituições literárias, a partir das quais se forma o público e através das quais circulam os autores, dando origem à constituição das ideias na América Latina, em uma construção cultural que se origina do mundo letrado e que dele depende para manter-se.

Rama se utiliza da ideia de transculturação em sua interpretação referente à cultura letrada latino-americana, percorrendo o desenvolvimento da urbanização para ilustrar como a unidade cultural desses povos ocasionara sua emancipação política e a rotinização que deu forma e coerência às manifestações literárias.

José Lins escreveu sobretudo tendo a ideia de alteridade especular nacional, ou seja, baseando-se principalmente na singularidade das duas nações para, por fim, compará-las ao Brasil, esclarecendo as diferenças e apontando as problemáticas semelhantes. Nesse sentido, Mariana Chaguri (2007, p. 49), ao analisar os principais temas da produção cronística de José Lins, aponta que, além de textos a respeito de romancistas e poetas brasileiros, o paraibano também escreveu acerca de autores estrangeiros, dentre os quais se destacam os espanhóis, ingleses e norte-americanos. Esta pesquisa pode constatar que JLR também tratou de autores argentinos e portugueses, a ser apresentados e analisados adiante. Chaguri inclusive aponta a ideia de coesão social nacional que, para JLR, era maior que a própria diversidade regional, de maneira que:

Deslocando o polo de suas preocupações da coesão para a desagregação, percebe-se, principalmente em crônicas do final do decênio de 30 e início dos anos 40, que José Lins passa a reconhecer certa força desagregadora na sociedade brasileira que se reflete especialmente ao que define como uma “ânsia de americanizar-se” (CHAGURI, 2007, p. 56).

Assim, a ideia do panamericanismo e o lugar do Brasil diante desse ideal deve ser considerado na análise dessas crônicas de JLR, cronista que se despega, no final de década de 1930 e começo da década de 1940, do regionalismo a fim de elaborar interpretações de um Brasil uno e coeso, embora constituído de diversos regionalismos. Junto à escala regional e nacional, o país sofria impacto social, político e ideológico também oriundos da corrente panamericanista, o que implicava uma reflexão sobre as relações dos países latino-americanos entre si e destes com os Estados Unidos.

O panamericanismo foi um ideal encabeçado pelo governo dos EUA, quando presidido por James Monroe, entre o fim do século XIX e começo do século XX, período no qual o país estava em pleno auge de seu movimento expansionista, tanto na economia, quanto na política

pelo mundo. Por meio de políticas externas, a política norte-americana ambicionara atrair as três Américas: do Norte, Central e do Sul para o projeto de união pan-americana que, na verdade, permitia maior controle continental aos EUA. As Conferências Pan-Americanas ocorreram em Washington (1889-1890), México (1901-1902), Rio de Janeiro (1906), Buenos Aires (1910), Santiago (1923), Havana (1928), Montevideu (1933), Lima (1938) e Bogotá (1948), tendo sido a Organização dos Estados Americanos (OEA) criada nessa última conferência.

O Brasil e a Argentina tiveram posições distintas diante do pan-americanismo: enquanto o Brasil, como a maioria dos países do continente, apoiava e fomentava o ideal e suas políticas, a Argentina se posicionava contra a ideia de os Estados Unidos serem vistos como o país “dono da América”. Assim, se no Brasil do Estado Novo prevaleciam as alianças com os EUA, na Argentina reforçava-se o hispano-americanismo, dando relevância e buscando autonomia ao Cone Sul. De acordo com o pesquisador Carlos Cortez Minchillo,

Ainda que as massas de toda a América devessem ser cooptadas para a causa da boa vizinhança, a aliança pan-americana era idealizada, configurada e agenciada por uma elite, que coincidentemente se beneficiava de forma exclusiva ou ao menos em maior escala dos programas de intercâmbios culturais. Tal postura alinhava-se a uma visão igualmente elitista de sociedade e de cultura que não era em absoluto estranha à *intelligentsia* latino-americana.

[...] O que parecia interessar sobremaneira nessa imagem era uma América Latina urbana, embranquecida, escolarizada, civilizada, produtora de bens e de cultura (MINCHILLO, 2015, p. 143, 148).

Nesse sentido, recupero aqui o tema da crônica “A viagem do presidente”, assinada por JLR e publicada n’*O Globo* a 31 de maio de 1949. Nela o cronista comenta a ida do então presidente do Brasil, o general Eurico Dutra, a Nova Iorque, analisando a recepção que o governo americano lhe ofereceu de maneira irônica, se referindo aos Estados Unidos como o “país rico” e ao Brasil como o “país pobre”, em congruência com as “normas e falas de uma política de boa vizinhança”. Nela o cronista conclui que:

Muitas razões têm os Estados Unidos de nos querer bem. Aqui na América do Sul temos sido, em toda a nossa história, um aliado constante e fiel de sua política continental. Já fomos a duas guerras ao seu lado, e quando se faz preciso, nos conclaves internacionais, nas dificuldades de chancelaria, lá está o voto do Brasil, como atestado de amizade firme e leal.

Mas terá compensação de toda esta fidelidade o homem de negócios americano?

Acho que não. Os donos do dinheiro do mundo são criaturas que não têm entranhas de gente. O valor do dinheiro existe para o capitalismo americano como o fundamento de tudo. Acima de tudo o dinheiro, o lucro certo, a absorção dos que não podem produzir no ritmo de sua fome de sucesso.

(REGO, José Lins do. “A viagem do presidente”. In: *O Globo*, 31 maio 1949).

Observa-se nesse texto que o cronista JLR propõe uma crítica assertiva ao governo brasileiro, mostrando inclusive a sua compreensão tanto do panamericanismo quanto das posições distintas dos países hispano-americanos, contra, e do Brasil, flertando a favor da hegemonia dos EUA.

Neste capítulo será possível observar o diálogo de JLR com a cultura argentina, em redes de sociabilidade por ele desenvolvidas com intelectuais de diferentes matizes políticos e ideológicos, estabelecendo contato com aliados e opositores do governo, com defensores e exilados. Nesse sentido, as ideias desenvolvidas por Beatriz Sarlo em *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*, obra na qual a pesquisadora argentina demonstra a cultura argentina como uma cultura de mescla, “em que coexistem elementos defensivos e residuais junto com os programas renovadores; traços culturais da formação *criolla* ao lado de um processo descomunal de importação de bens, discursos e práticas simbólicas” foram fundamentais para a elaboração das ideias que serão apresentadas a seguir (SARLO, 2010, p. 56-57).

1.1. O regionalista José Lins do Rego: vanguarda em retrocesso? Reconstrução de sua trajetória intelectual nas viagens ao exterior

A fim de compreender o contexto dos intelectuais latino-americanos da primeira metade do século XX, pode-se buscar referência na obra do sociólogo Sérgio Miceli, intitulada *Vanguardas em retrocesso: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano* (2012). Por coincidência, Miceli, já nas primeiras páginas de seu estudo, faz menção aos intelectuais argentinos Ezequiel Martínez Estrada e Eduardo Mallea, ambos relacionados a José Lins, cada um à sua maneira. Martínez Estrada e JLR se conhecem na Argentina, enquanto Eduardo Mallea viria a ser traduzido pelo paraibano:

Ezequiel Martínez Estrada ou Eduardo Mallea se empenharam em apreender a *alma mater* argentina, assim como alguns poetas modernistas [brasileiros] fabularam uma história exótica e estereotipada do Brasil. O pampa, o gaúcho-guarango, o *criollismo* demarcam a radiografia de uma nação cindida, em colisão com a capital-monstro [Buenos Aires] infestada de imigrantes (MICELI, 2012, p. 13).

Das ideias sociológicas que norteiam o trabalho de Miceli, utiliza-se a tentativa de reconstruir a história intelectual de José Lins do Rego a partir de suas viagens ao exterior, salientando a importância de sua trajetória internacional na consagração da literatura regionalista brasileira. Dentre as principais diferenças entre as vanguardas de cada país, Miceli lembra que no caso brasileiro “o mecenato exercido pelo poder público e pelas famílias da elite fez as vezes de arremedo de um mercado de arte”, enquanto que no caso argentino, em ambiente próspero e otimista na década de 1920, “observa-se a virtual ausência de iniciativa governamental ou pública em matéria de apoio à produção cultural”, sendo o mecenato privado o predominante (Ibidem, p. 25).

Vale aqui lembrar que Eduardo Mallea era de uma família de profissionais liberais bem-sucedidos do interior argentino e foi para Buenos Aires para cursar a universidade – caso de destino semelhante ao de José Lins do Rego, neto de um grande proprietário de terras, que se muda do interior da Paraíba para o Recife a fim de cursar Direito no início do século XX, e que dali em diante ingressa no universo cultural e literário brasileiro.

JLR, por meio das crônicas que publica, dá “continuidade à tradição de simbiose entre matéria jornalística e texto literário” (Ibidem, p. 31), que já vinha ocorrendo desde fins do século XIX, seguindo o percurso também comum aos modernistas brasileiros. Estes “buscaram apartar as incursões na imprensa dos feitos literários”, ao escreverem “crônicas em que suavizavam o tratamento literário de temas coloquiais” (Ibidem, p. 35). Por fim, o ponto em comum das nossas vanguardas é o que dá título *Vanguardas em retrocesso* à obra:

Numa fórmula algo brutal, poder-se-ia dizer que os vanguardistas brasileiros e argentinos eram caudatários, ainda que disso não tivessem plena ciência, de um movimento pujante de reação oligárquica que lhes permitiu empalmar, em sintonia com os móveis de luta cultural desses grupos ameaçados, uma postura estética renovadora como fechada produtiva de uma prática política regressiva (Ibidem, p. 37).

No caso de José Lins, podemos pensar que seu funcionalismo público, sua convivência e amizade com o tão bem relacionado editor José Olympio, sua relação com o meio esportivo da cidade do Rio de Janeiro, bem como com os jornalistas Assis Chateaubriand, Mário Filho e Roberto Marinho, empresários proprietários dos jornais nos quais publicou exaustivamente, são evidências dessa “vanguarda em retrocesso”, que mantém ativa as redes de sociabilidade a gravitar em torno da elite letrada brasileira. Por outro lado, essa constatação não diminui nem fere a importância de seu papel na literatura e cultura brasileira.

Melina Di Miro, pesquisadora da Universidad de Buenos Aires, em “La estética de la miseria: el regionalismo nordestino / Boedo y sus continuadores” (2017), compara romances de intelectuais do regionalismo brasileiro publicados na década de 1930 com romances de escritores argentinos do grupo Boedo publicados na década de 1950, alegando que em ambos os grupos retratavam as problemáticas da realidade social latino-americana, sob a perspectiva dos “múltiplos subúrbios geográficos e sociais” (DI MIRO, 2017, p. 143). Segundo a autora, os romances *Vidas secas* (1938) de Graciliano Ramos e *Las tierras blancas* (1956), de Juan José Manauta, “expõem uma imagem do desamparo das classes populares em zonas periféricas [...] que não harmonizavam com os discursos de integração nacional proclamadas pelo varguismo e pelo peronismo” (DI MIRO, 2017, p. 145).

Cacau (1933) e *Suor* (1934), de Jorge Amado, e *Villa Miseria también es América* (1957) de Bernardo Verbitsky, por sua vez, narram o drama dos retirantes que deixam suas terras em busca de melhores condições de vida, juntando o teor de “documentação, denúncia e proselitismo”. Expõem assim, a quebra de ilusões de seus personagens em relação à terra prometida, tanto nas plantações de cacau no sul da Bahia e a consequente migração para Salvador, quanto nos trabalhadores do campo do interior argentino e dos países de sua fronteira que migram para Buenos Aires (Ibidem, p. 149).

Di Miro, por sua vez, relaciona *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, com *Barrio gris* (1952), do espanhol naturalizado argentino Joaquín Gómez Bas. Ambos os romances são de caráter memorialístico, com narradores que sofrem as consequências da orfandade, sendo o romance brasileiro inserido no “ciclo da cana de açúcar” do Nordeste brasileiro e narrado por um integrante da casa-grande, enquanto a ficção argentina, que se passa na década de 1920, é narrada por um garoto pobre que vive no subúrbio de Sarandí, localizado ao sul da cidade de Buenos Aires, “apresentando um cenário ainda com traços e vestígios da imigração europeia” (Ibidem, p. 152)

O ponto de partida da relação de José Lins do Rego (1901-1957) com a Argentina é sua ida aos países platinos em 1943. Trata-se de sua primeira viagem ao exterior, a partir de convite feito pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, então chefiado por Oswaldo Aranha (1894-1960), quem esteve no posto de ministro entre os anos de 1938 e 1944. Nesta viagem o acompanharam o médico e cientista Walter Oswaldo Cruz (1910-1967) e o filólogo e professor Nelson Romero (1890-1963)¹¹. Ali ele proferiu uma série de conferências a respeito da

¹¹ Em consulta ao Arquivo José Lins do Rego, na Academia Brasileira de Letras, pude localizar telegrama de pesar pelo falecimento de JLR, enviado a 17 de setembro de 1957: “TENHO HONRA COMUNICAR CONSELHO NACIONAL EDUCAÇÃO PROPOSTA CONSELHEIRO NELSON ROMERO CONSIGNOU ATA SESSÃO

literatura brasileira do século XIX no Colégio Libre de Estudios Superiores, posteriormente reunidas e publicadas em *Conferências no Prata* (Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946).

1.2. As Conferências no Prata (1946) e a viagem ao Sul do Brasil

Em *Conferências no Prata*, de maneira resumida, JLR introduz um panorama dos cem anos de existência da literatura brasileira ao público do país vizinho. O romancista aponta Joaquim Manuel de Macedo, autor de *A moreninha*, como o primeiro romancista de um romance lido por todas as classes; Bernardo Guimarães como o primeiro autor regionalista, com sua obra *A escrava Isaura*; *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida como o primeiro grande romance brasileiro.

Na sequência, o mestiço Machado de Assis é considerado o maior romancista brasileiro; Aluísio Azevedo faz as vezes de grande romancista da realidade dos pobres; analisa Raul Pompeia e seu romance psicológico; e, por último, apresenta o mulato Lima Barreto, uma espécie de “Tolstoi brasileiro”, sendo a partir dele que o “povo” começa a ser o herói do romance brasileiro. Por fim, JLR declara que a literatura brasileira demorou cem anos para chegar ao encontro do “povo”, através de seus personagens.

No subcapítulo “A corroboração internacional: notas sobre a edição de autores brasileiros na Argentina”, o antropólogo argentino Gustavo Sorá demonstra, por meio de estatísticas e análises de rede de sociabilidade, que intelectuais, agentes literários e editores do país platino evidenciam interesse especial pelas obras dos autores modernistas do Nordeste brasileiro. Desta maneira, seu país fica apenas atrás da França no número de traduções/edições de autores brasileiros no século XX (SORÁ, 2010, p. 197-198). Sorá também menciona a ida de Jorge Amado pelo continente americano, ocorrida em 1937 e detalhada por Refúlia (2019, p. 3-5), ocasião na qual o escritor baiano visitou Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Equador, México, Estados Unidos, Cuba, América Central e Colômbia, respectivamente. Suas experiências nessa “odisseia americana” foram relatadas em uma série de artigos publicados na *Dom Casmurro* (Ibidem, p. 3), revista literária que acreditamos ter sido responsável pelo financiamento dessa longa viagem.

É importante notar que *Conferências no Prata* não sai pela José Olympio, responsável por todos os livros de ficção de José Lins do Rego. O fato permite pensar que as conferências

13 CORRENTE VOTO PESAR FALECIMENTO ESCRITOR JOSE LINS REGO PT ATS SAUDS CESARIO ANDRADE PRESIDENTE CONSELHO NACIONAL EDUCAÇÃO PT” (Telegrama conservado no Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Arquivo José Lins do Rego).

não são publicadas por essa casa editorial por não serem parte de sua área de interesse ou consideradas relevantes do ponto de vista ficcional. Destarte, “as memórias, crônicas, biografias, estudos de vida e obra, as experiências desse conjunto de primeiras saídas ao exterior, via Argentina, foram apagadas como traços de pouca valorização simbólica, em uma carreira de universalização das obras” (Ibidem, p. 210).

Mariana Chaguri, em sua tese de doutorado intitulada *As escritas do lugar: regiões e regionalismo em José Lins do Rego e Érico Veríssimo* (2012), analisa as trajetórias literárias e intelectuais dos autores, um paraibano e o outro gaúcho, defendendo a hipótese de que:

o trânsito entre o regional e o nacional estrutura as narrativas, formalizando literariamente aspectos de um processo social em que estão imbricadas tanto as trajetórias dos autores, quanto o esforço de qualificar uma experiência social marcada pelas transformações produzidas por processos de modernização que, ao fim e ao cabo, se realizam de maneira desigual (CHAGURI, 2012, p. 18).

A socióloga paulista ainda esclarece que ambos os intelectuais não viveram exclusivamente da atividade literária na primeira década do séc. XX. José Lins – funcionário público e colaborando com jornais – e Érico Veríssimo – atuaram “no mercado editorial, na docência no ensino universitário norte-americano e na União Pan-Americana” se utilizaram dentro de suas trajetórias de “esferas de atuação que se articularam como vistas a construir a literatura como a base do prestígio e do reconhecimento de ambos como intelectuais” (Ibidem, p. 70).

Vale lembrar que o principal campo de atuação da Livraria José Olympio, onde JLR também trabalhou como agente literário, era a produção literária brasileira, enquanto a Editora do Globo, sediada em Porto Alegre, na qual trabalhou Érico Veríssimo, focava na tradução de obras de literatura estrangeira, sobretudo de língua inglesa. Veríssimo é a contrapartida gaúcha do regionalismo que, na capital da República, notabilizou-se como predominantemente nordestino.

Mariana Chaguri (2012) também analisa a viagem realizada por José Lins do Rego e Gilberto Freyre em 1940 à região Sul do Brasil. O sociólogo e o romancista passaram pelos estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Neste sentido, o jornal *Correio do Povo* noticiou a 24 de janeiro de 1940:

[...] Gilberto Freyre e Lins do Rego ocupam remarcado lugar no âmbito literário

do país. A sua vinda a Porto Alegre prende-se a assumptos que interesse, de perto, o nosso Estado, pois Freyre vem a convite do interventor federal, afim de fazer um estudo demorado, uma verdadeira investigação social. Lins do Rego está fazendo uma viagem de recreio, atendendo à solicitação que lhe fez, no Rio, o dr. Coelho de Souza (Reportagem, *Correio do Povo*, 24 jan. 1940 apud CHAGURI, 2012, p. 162).

Mariana Chaguri ainda aponta, em relação às viagens de JLR e GF realizadas ao Sul do Brasil em 1940, que:

as viagens de Freyre importam, entre outras razões, porque foram feitas na companhia de José Lins do Rego, servindo de base para argumentos que ambos desenvolvem sobre a diversidade regional brasileira. Mais uma vez, os diálogos entre lugares diferentes são buscados, prioritariamente, a partir das pistas deixadas pelos próprios autores, de modo que a comparação ou debate não sejam apenas uma inferência do analista, mas contemple, também, a dinâmica da vida social daqueles que são os objetos de estudo (Ibidem, p. 125n).

Vale lembrar que, em 1924, JLR e GF já haviam viajado juntos pelo interior da Paraíba e de Pernambuco (FREYRE, Gilberto apud DANTAS, 2015, p. 55). Dezesesseis anos depois, então, os dois, talvez motivados pela pesquisa regionalista e social possibilitada por uma viagem ao Sul do Brasil, a fim de entender o contexto nacional a partir da alteridade entre os múltiplos regionalismos, viajam aos três Estados sulinos: enquanto GF viaja a convite do interventor federal, e, como sociólogo, pudera “explorar o tema da diversidade regional a partir de um novo ponto geográfico, o Brasil meridional” (CHAGURI, 2012, p. 162) o jornal, na passagem acima, declara que a viagem de JLR é “de recreio”. No ano seguinte à viagem, é publicado *Região e tradição* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1941 (Coleção Documentos Brasileiros)), livro de Freyre com prefácio de José Lins do Rego

Sabe-se, no entanto, que na verdade JLR também vivenciou a experiência do roteiro sulino como reveladora das diferenças e semelhanças entre as regiões do país. Aqui é importante lembrar que esta experiência de alteridade, ainda nacional, acontece três anos antes de o romancista e cronista paraibano viajar ao exterior do país pela primeira vez. Ainda de acordo com Chaguri (2012), JLR após a viagem publica crônicas nas quais “destaca a originalidade do folclore rio-grandense, bem como o dinamismo de sua literatura, ambos assentados na dinâmica da vida sulina tal qual observada por ele” (Ibidem, p. 165).

1.3. O Colégio Libre de Estudios Superiores

Como já dito anteriormente, JLR viaja aos países do Prata graças ao convite oficial do governo federal, a fim de realizar uma missão cultural que consistiu em proferir conferências no Colegio Libre de Estudios Superiores. A pesquisa pôde identificar que as filiais da instituição em Buenos Aires e Bahía Blanca foram as que receberam as conferências de JLR.

Sabe-se que o Colégio Libre de Estudios Superiores (1930-1960) foi um importante centro intelectual do país, inspirado no tradicional *Collège de France*. Fornecia cursos e conferências organizados pela elite intelectual do país platino, representada inclusive na figura de seus fundadores, os intelectuais Roberto F. Giusti (1887-1978), Carlos Ibarguren (1877-1956), Alejandro Korn (1860-1936), Narciso C. Laclau, Aníbal Ponce (1898-1938) e Luis Reissig (1897-1972).

O historiador argentino Luís Alberto Romero esclarece que o Colégio Libre:

Pretendia ser uma Universidade Livre, seguindo o modelo em voga na Europa, e também participar do vasto empreendimento da educação popular [...] cursos universitários de alto nível, que se distinguíssem das práticas vulgares das universidades, criticadas por eles; por outro lado, uma tarefa de projeção e divulgação voltada ao melhor nível intelectual e cultural de público não-especializado.

[...] O Colégio Libre oferecia conferências e cursos do mais alto nível acadêmico sobre filosofia, economia, história, literatura, ciências, música e temas afins. Entre os assistentes havia muitos universitários e estudantes que buscavam ali uma orientação alternativa à de suas Faculdades, bem como profissionais, docentes e público culto em geral. A revista *Cursos y Conferencias* oferecia versões do mais importante que ocorrera no Colégio, junto às informações bibliográficas e todo tipo de notícias institucionais, cuja circulação contribuía na integração do “grupo do Colégio Libre”¹² (ROMERO, 2002, p. 205, tradução minha).

Mesmo após o retorno ao Brasil, JLR não deixou de mencionar a importância de ter conhecido essa instituição durante sua viagem. Em entrevista concedida à revista *Diretrizes*, JLR conta:

¹² No original em espanhol, lê-se: “Pretendía ser una Universidad Libre, de acuerdo con un modelo en boga en Europa, y a la vez participar del vasto emprendimiento de la educación popular [...] cursos universitarios de alto nivel, que se distinguieran de la práctica adocenada que criticaban en las universidades; por otra parte, una tarea de proyección y divulgación apuntada al mejor nivel intelectual y cultural del público no especializado. [...] El Colegio Libre ofrecía conferencias y cursos del más alto nivel académico sobre filosofía, economía, historia, literatura, ciencias, música y temas afines. Entre los asistentes había muchos universitarios y estudiantes que buscaban allí una orientación alternativa a la de sus Facultades, así como profesionales, docentes y público culto en general. La revista *Cursos y Conferencias* ofrecía versiones de lo más importante dictado en el Colegio, junto con información bibliográfica y todo tipo de noticias institucionales, cuya circulación contribuía a integrar al “grupo del Colegio Libre”.

- O Colégio Livre de Estudos Superiores é como se fosse uma Universidade onde não se dão títulos e nem se obedecem a programas oficialmente estabelecidos. É uma organização que honra qualquer país civilizado. Os maiores escritores, filósofos e cientistas da Argentina prestigiam o Colégio com seu nome. Lá deu cursos inesquecíveis de psicologia e história social o grande Anibal Ponce, nome que encontrei vivo na Argentina como o de um mestre que se respeita e se ama. É secretário do Colégio Livre, e a ele entrega sua vida, o Sr. Luis Reissig. Dirige a cátedra sobre estudos brasileiros o jovem Homero Batista, bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade de Buenos Aires, e que vem prestando à nossa cultura uma valiosa colaboração (REGO, José Lins do. “SARMIENTO NÃO PREGOU NO DESERTO – José Lins do Rego fala de sua viagem ao Uruguai e à Argentina” (entrevista). In: *Diretrizes*, 18 nov. 1943).

Em “A ditadura argentina fecha o Colégio Livre de Estudos Superiores”, publicada a 24 de outubro de 1945, JLR lamenta o fechamento da instituição de ensino: “Que é o Colégio Livre de Estudos Superiores para merecer uma pena desta natureza?”. A resposta é simples: o Colégio representava “tudo o que contraria uma ditadura”, sendo “uma faculdade de altos estudos, cátedras livres que homens de natureza pura de um Aníbal Ponce fundaram em Buenos Aires, para vencer e dominar o espírito sectário e oficial das Universidades”, criando pelas províncias Colégios Livres, nas quais “com alto espírito de liberdade” dava ao povo acesso ao conhecimento, “sem que estivesse preso a qualquer compromisso de casta a qualquer preconceito político”.

JLR relembra a sua passagem pela instituição, ocorrida apenas dois anos antes em 1943: “por onde estive fui encontrando gente do povo, homens de ciências e de artes, a compor círculos de estudos superiores com uma seriedade impressionante”. O autor informa que, quando da sua visita aos vizinhos, já se desenhava o caminho de repressão ao Colégio (REGO, José Lins do. “A ditadura argentina fecha o Colégio Livre de Estudos Superiores”. In: *O Globo*, 24 out. 1945).

O acervo da revista mensal carioca *Diretrizes* (1938-1944), dirigida por Azevedo Amaral e depois por Mauricio Goulart e Samuel Wainer, e na qual José Lins consta no quadro de colaboradores efetivos, junto a nomes como Afonso Arinos de Melo Franco, Aníbal Machado, Artur Ramos, Cassiano Ricardo, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guilherme Figueiredo, Jorge Amado, Pedro Calmon, Raquel de Queiróz, Sérgio Milliet, entre outros, que pude consultar por meio Hemeroteca da Biblioteca Nacional, apresenta 186 ocorrências que se referem a JLR.

Na maioria das ocorrências seu nome figura ao lado de outros escritores brasileiros em atuação no período, por meio da frequência à Livraria José Olympio, de menções a eventos

sociais e literários e de referências a textos voltados à crítica literária. O periódico alude a seu nome em comparação a outros autores ou quando suas obras lançadas foram apresentadas pela revista. Este é o caso dos romances *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Água-mãe* (1941) e *Fogo morto* (1943) e da coletânea de ensaios *Gordos e magros* (1942). Há também diversas ocorrências de entrevistas com o escritor, bem como textos assinados pelo mesmo.

Além disso, *Diretrizes* publicou artigos e entrevistas de José Lins nos quais o escritor fala da sua viagem ao país platino. A 25 de fevereiro de 1943, a seção Front literário anuncia: “CONFERÊNCIAS DE JOSÉ LINS DO REGO NA ARGENTINA. José Lins do Rego viajará para Argentina onde fará várias conferências a respeito da literatura brasileira” (*Diretrizes*, autor não identificado, 25 fev. 1943, p. 15). As proximidades da publicação de *Gordos e magros* (1942) pela editora Casa do Estudante do Brasil – volume que reúne ensaios de crítica literária brasileira zelinianos publicados no Nordeste antes de sua ida ao Rio – e o romance bem-recebido pela crítica *Fogo morto* (1943) levam a nossa hipótese. Esta propõe que a recepção positiva do romance no âmbito nacional no princípio dos anos 1940 – clímax da reputação literária de JLR – e a ênfase na posição de crítico literário com as crônicas ensaísticas publicadas em livro tenham sido a motivação inicial dos convites oficiais. Com efeito, a construção de redes de sociabilidade político-literária inicia-se então com sua participação na comitiva brasileira aos países do Prata.

A bibliografia sobre JLR reunida na coletânea de textos *José Lins do Rego*, organizada por Eduardo Coutinho e Castro (1991, p. 35), apresenta o artigo “José Lins do Rego”, assinado pelo argentino Bernardo Kordon e publicado em *Vanguardia*, revista de Buenos Aires, a 06 de dezembro de 1939. Essa informação pontual sugere que JLR já era lido no país platino antes mesmo de sua viagem e de sua consagração com a publicação de *Fogo morto*.

1.4. Inserção no jornalismo carioca e reconhecimento editorial internacional em 1940

As décadas de 1940 e 1950 assistiram a uma ampliação da inserção de José Lins no jornalismo carioca e o reconhecimento editorial internacional. Um desses fatores foi o início das traduções de suas obras ficcionais, de início na União Soviética (*O moleque Ricardo* em 1938 e *Cangaceiros* em 1960) e na Argentina (*Niño del ingenio* e *Banguê* de 1946; *Piedra bonita* e *Fuego muerto* em 1947). Depois, os livros são também traduzidos na Alemanha, Coreia, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Portugal e novamente na URSS. Eis a listagem composta pela Editora José Olympio:

Alemanha: Rhapsodie in rot (Cangaceiros), trad. de Waldemar Sontag, Bonn: H.M. Hieronimi ed., 1958; Santa Rosa (trad. de Menino de engenho, Banguê e O moleque Ricardo), Hamburgo, 1953.
 Argentina: Niño del ingenio, 1946; Banguê, 1946; Piedra Bonita, 1947; Fogo muerto, 1947 (editados em Buenos Aires).
 Coreia: Menino de engenho, trad. de Sung-duck Lee. Seul: Pyoung-min Sa., 1972.
 Espanha: Cangaceiros, trad. de André Fernandes Romera e Manuel José Arce y Valadares, Barcelona: Luís de Caralt editor, 1957.
 EUA: Plantation boy (Menino de engenho, Doidinho e Banguê), trad. de Emmi Baum, Nova York: Alfred A. Knopf, 1966.
 França: L'enfant de la plantation (Menino de engenho), trad. de W. Reims, Paris: Deux Rivers, 1953; Cangaceiros, trad. de Denyse Chast, Paris: Plon, 1956.
 Inglaterra: Pureza, Londres, 1950.
 Itália: Fuoco spento (Fogo morto), trad. de Luciana Stegagno Picchio. Roma-Milão: Fratelli Bocca Editori, 1956; Il treno di Recife (Menino de engenho, O moleque Ricardo), trad. de Antonio Tabucchi: Longanesi ed., 1974.
 Portugal: Pureza, Cangaceiros, Banguê, Menino de engenho, Doidinho (num só vol.); Riacho Doce; Eurídice; Fogo morto; Pedra bonita; O moleque Ricardo, Água-mãe; Usina. Lisboa: Livros do Brasil [s.d.].
 URSS: O moleque Ricardo. Moscou: Editora do Estado, 1938; Cangaceiros: Moscou: Editora do Livro Estrangeiro, 1960 (REGO, 2002, p. 202).

A pesquisadora Flora Marina Figueiredo Ajala, em sua dissertação de mestrado intitulada “De menino de engenho a l'enfant de la plantation: os caminhos das traduções francesas da obra de José Lins do Rego” (2016, p. 75-6) confronta esse levantamento das traduções de obras zelinianas e inclui obras que não são mencionadas pela editora do autor (2002), a saber: *Fogo morto* (Rússia, 1996); *O moleque Ricardo* (Romênia, 1966); *Menino de engenho* (Suécia, 1990) e *Menino de engenho* (Japão, 2000). Além dos dados da editora José Olympio, a pesquisadora se vale da Enciclopédia Itaú Cultural e do Index Translationum, da Unesco.

O levantamento do pesquisador Elfi Kürten Fenkse (2014) complementa a pesquisa de Flora Ajala e fornece informações detalhadas de todas as traduções., com informações sobre título, tradutor/a, cidade, editora e ano de cada publicação. Quanto às traduções argentinas de *Menino de engenho*, *Banguê* e *Fogo morto*, Fenkse indica que estas foram assinadas por Raúl Navarro, quem, de acordo com Sorá (2002), foi um grande introdutor da literatura brasileira na Argentina, tradutor de nomes como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e de Jorge Amado.

Fenkse insere e a versão romena intitulada *Negrul Ricardo* [O Moleque Ricardo] (Tradução A. Lambrino e H. R. Ramian. Bucareste: Editura Pentru Literatura Universală, 1966) e as traduções russas listadas a seguir: *Hezp Pukapdo* [O Moleque Ricardo]. Tradução B.

Zagorcki. Moscou: Editora do Estado, 1937; *Незр Рикардо* [O Moleque Ricardo]. Tradução E. Schischmareva. Moscou: Editora do Estado, 1938; *Кангасейро* [Cangaceiros]. Tradução V. Iermolaiev. Moscou: Editora do Livro Estrangeiro, 1960; *Угасиый Огонь* [Fogo Morto]. I. A. Terterian. Moscou: Editora do Livro Estrangeiro, 1966 e a tradução sueca *Poyken pa Söckerplantagen* [Menino de Engenho]. Tradução Carl-Erhard Lindhal. Stockholm: Nordan, 1990 (FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização) (FENSKE, 2014).

Pouco se sabe a respeito das redes de solidariedade e de sociabilidade que ocasionaram a série de conferências proferidas por José Lins no Cone Sul. Durante a pesquisa, foram realizadas consultas no Arquivo Histórico do Palácio do Itamaraty, onde foi possível recuperar mensagens oficiais que fazem referência à ida de JLR, junto a Nelson Romero e a Walter Oswaldo Cruz, como representantes da Missão Cultural Brasileira do Itamaraty que acompanhou, em outubro e novembro de 1943, a criação da Cátedra de Estudos Brasileiros no Colégio Libre da capital portenha (Anexo C).

Temístocles da Graça Aranha (1894-1956), diplomata que foi chefe da Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores entre 1940 e 1942, foi o remetente das cartas da capital federal que tiveram como destinatário o diplomata José de Paula Rodrigues Alves (1883-1944)¹³, que trabalhava na Embaixada brasileira da capital portenha. O governo Vargas, nesse mesmo ano das Conferências quando também ocorria a Segunda Guerra Mundial, apresentava o conflito internacional como choque entre duas mentalidades europeias – a força do bem, democrata e cristã, contra a força do mal, atea e totalitarista – sugerindo o americanismo como ideal de mundo novo, contraposto aos conflitos do velho continente (VELLOSO, 1997, p. 67).¹⁴

No Arquivo Histórico do Itamaraty também constam cartas oficiais entre o Colégio Libre de Estudios Superiores da capital do país e o ministro. A 5 de março de 1943, o Colegio Libre, por meio de seu secretário, o uruguaio Luis Reissig, envia carta a Temístocles da Graça

¹³ José de Paula Rodrigues Alves (1883-1944), nascido em Guaratinguetá (SP) foi diplomata brasileiro. Engenheiro geógrafo e advogado de formação, iniciou sua carreira diplomática em 1906. Atuou nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Haia, Londres, Buenos Aires, Estocolmo, Pequim, Asunción e Santiago, sendo a capital argentina seu principal ponto de atuação diplomática, tanto por suas ações políticas quanto por seu tempo de permanência no país (Cf. Verbete biográfico “ALVES, José de Paula Rodrigues”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALVES,%20Jos%C3%A9%20de%20Paula%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2018).

¹⁴ Velloso (1997, p. 67) aponta inclusive que a estreia do filme de Walt Disney “Alô, amigos”, patrocinada por Darci Vargas e que traz o personagem Zé Carioca, representa “melhor a tentativa de popularização da ideologia do americanismo” por parte do governo varguista, fazendo-me constatar que JLR inicia sua coluna cronística d’ *O Globo* falando de cinema (“O Globo nos cinemas”), em 1944, sendo as produções de Walt Disney tema recorrente de suas críticas de cinema.

Aranha¹⁵, e comenta que a ida de intelectuais brasileiros foi desde o começo bem recebida pelos colegas argentinos. Além disso, a carta indica que os nomes de Gilberto Freyre, Lourenço Filho, Cyro Berlinck e José Lins do Rego foram os nomes sugeridos pelo Colegio em um primeiro momento.

Na mesma data, Luis Reissig envia carta a Luiz Camilo de Oliveira Neto¹⁶, também funcionário do Itamaraty, e propõe a segunda quinzena de julho de 1943 para as conferências dos brasileiros Lourenço Filho e Gilberto Freyre, que teriam a oportunidade de se encontrar com a comitiva chilena que também estaria no Colegio, composta por Juvenal Hernandez e Amanda Labarca. Reissig também aponta a importância de Freyre na Argentina, já que sua obra *Casa grande & senzala* interessou-os muito: a tradução castelhana de *Casa grande & senzala* foi lançada também neste ano de 1943.

A 4 de maio de 1943, Luis Reissig escreve novamente a Temístocles da Graça Aranha, feliz com a notícia de que o governo brasileiro decidira arcar com os custos da viagem à Argentina, que levaria Gilberto Freyre, Lourenço Filho, José Lins do Rego e Cyro Berlinck. Nela comunica que já os havia convidado e sugere então a última semana de julho para recebê-los. Reissig reclama por não ter recebido até então resposta de nenhum dos intelectuais e cobra do diplomata que decida as datas, para que possa dar início à divulgação do evento. O missivista insiste no fim de julho para que houvesse integração intelectual entre a comitiva chilena e a brasileira.

¹⁵ Temístocles da Graça Aranha (1894-1956), nascido na cidade do Rio de Janeiro, foi diplomata brasileiro, filho do escritor e intelectual Graça Aranha. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, entrou na diplomacia em 1915. Atuou nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Paris, Berna, Estocolmo, Bruxelas, Buenos Aires, Helsinque, Berlim, Montevideu, Cairo e Haia. Nas idas e vindas de sua atuação na capital federal, em setembro de 1940 foi designado chefe da Divisão de Cooperação Internacional, cargo que ocupou até dezembro de 1942, até que foi nomeado para o cargo de Chefe da Divisão de Intercâmbio Cultural do Itamaraty (Cf. Verbete biográfico “ARANHA, Temístocles da Graça”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/aranha-temistocles-da-graca>. Acesso em: 30 jul. 2018).

¹⁶ Luis Camilo de Oliveira Neto (1904-1953), nascido em Itabira do Mato Dentro (MG), foi diplomata brasileiro. Químico industrial de formação, trabalhou com Gustavo Capanema como perito químico na Secretaria do Interior de Minas Gerais. Dedicou-se ao estudo da História do Brasil, iniciando suas pesquisas no Arquivo Público Mineiro. Em 1934 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde serviu no Ministério da Educação e foi nomeado diretor da Casa de Rui Barbosa. Em 1937 foi designado representante da Universidade do Distrito Federal no Congresso de História da Expansão Portuguesa pelo Mundo, sendo nomeado professor catedrático de História do Brasil da mesma universidade em junho de 1938. Em 1939 assumiu a reitoria da Universidade. Entre 1936 e 1940 foi membro do Conselho Nacional de Educação e entre 1940 e 1943 foi diretor do Serviço de Documentação e da Biblioteca do Itamaraty, tendo sido exonerado após a publicação do “Manifesto ao povo mineiro”, a 24 de outubro de 1943, texto do qual foi um dos signatários, voltando ao posto somente em 1945, com a queda do Estado Novo e a redemocratização do país (Cf. Verbete biográfico “OLIVEIRA NETO, Luis Camilo de”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/oliveira-neto-luis-camilo-de>. Acesso em: 01 out. 2018).

A 15 de junho de 1943, Reissig comunica que Cyro Berlinck, especialista de desenvolvimento econômico e industrial brasileiro, recusara o convite, alegando que era um ano de muito trabalho. O secretário argentino sugere, então, a indicação de José Jobim e pede que Graça Aranha faça a intermediação. Lourenço Filho aceita o convite e confirma sua ida para agosto de 1943. Reissig pede o programa de Lourenço Filho e de José Lins do Rego e comenta que ainda não tem a resposta de Gilberto Freyre.

A 21 de julho de 1943, observa-se na documentação que o projeto das conferências ainda não estava definido: Lourenço Filho continuava a confirmar sua ida para agosto, enquanto José Lins não dava notícias. Gilberto Freyre alegou que não havia recebido convite oficial do Itamaraty, de maneira que não poderia afirmar nada a respeito de sua ida. Um mês depois, a 20 de agosto, Reissig informa a Graça Aranha que Lourenço Filho pedira transferência de suas conferências daquele mês para setembro, em razão do Congresso de Educadores. Reissig então sugere a ida de Lourenço Filho e José Lins, de quem ainda não tivera resposta, para o mês de setembro. E mais uma vez o secretário argentino reclama da falta de respostas dos convidados, pedindo ajuda ao funcionário brasileiro para que confirmassem presença e que também enviassem os programas de suas conferências.

Uma das cartas entre a embaixada e o Ministério traz 14 recortes que tratam da ida e da recepção dos professores brasileiros no Colégio publicados nos seguintes periódicos argentinos: *La Prensa*, *La Nación*, *Crítica* e *La Vanguardia*. A partir de consulta a esse material foi feito o registro fotográfico e, posteriormente, a transcrição de seu conteúdo, respeitando a norma vigente das línguas portuguesa e espanhola (Anexo E).

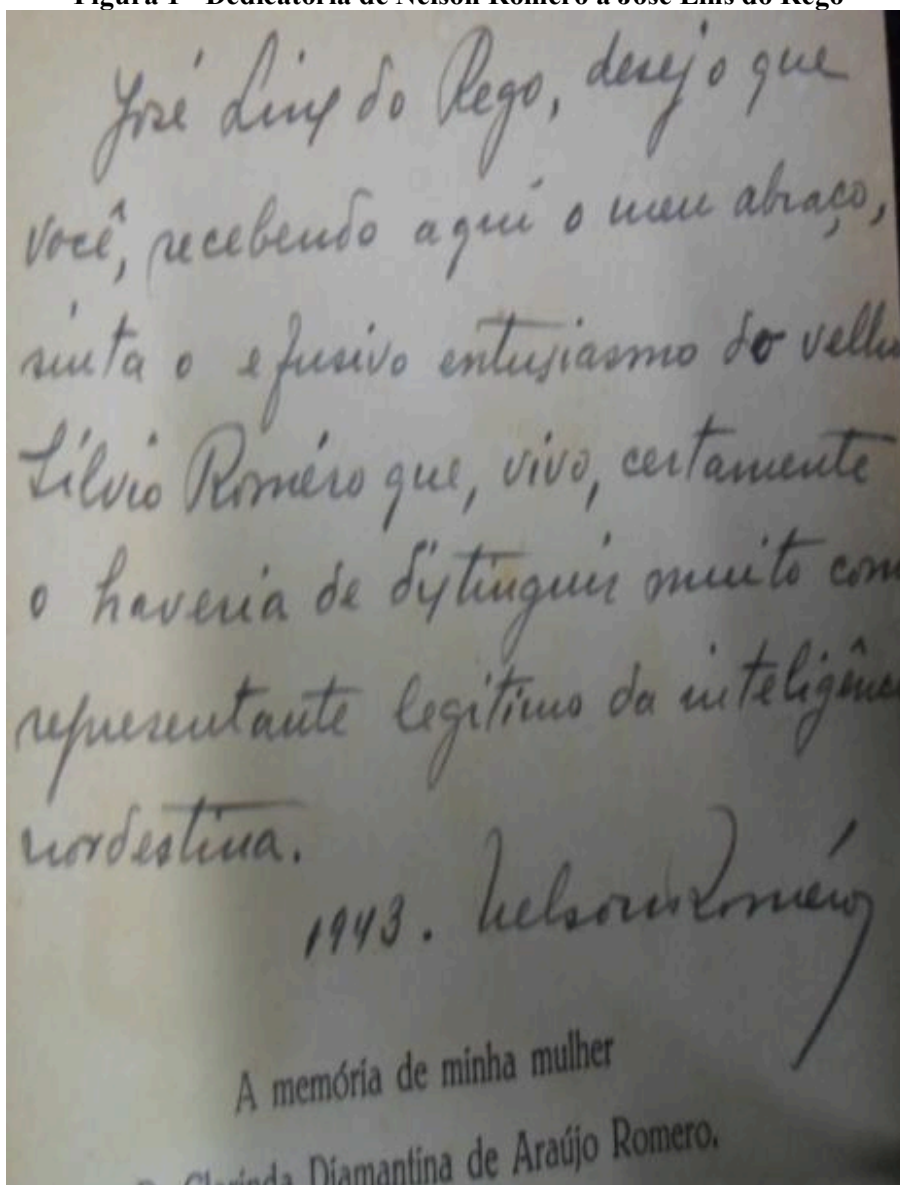
Os jornais brasileiros e argentinos da época consultados por esta pesquisa nos informam que, por fim, a viagem ocorrera em novembro de 1943, tendo como integrantes da delegação brasileira José Lins do Rego, além do médico e cientista Walter Oswaldo Cruz (1910-1967) e do filólogo e professor Nelson Romero (1890-1963). De dezembro desse ano, consta outra carta do Colegio Libre, mas como esta não mais menciona a viagem, exclui-se aqui do relato para a presente pesquisa.

Aqui apresenta-se uma breve descrição dos 14 artigos de jornais levantados, sublinhando que a seleção enviada ao Itamaraty foi feita pelo diplomata brasileiro José de Paula Rodrigues Alves, intensamente mencionado nos textos recortados e a quem os 4 jornais tecem elogios. Não podendo a investigação compulsar a totalidade de artigos publicados na época que mencionaram a ida dos três intelectuais brasileiros no Colegio Libre de Estudios Superiores, a análise dos recortes é capaz, ao menos, de fornecer um panorama da recepção das conferências e seus desdobramentos diplomáticos e políticos.

A leitura desses recortes também permitiu rastrear as datas e os temas das conferências: JLR falou sobre as tendências do romance brasileiro a 25, 27 e 29 de outubro; Nelson Romero sobre a formação cultural do Brasil nos dias 3 e 5 de novembro e Walter Oswaldo Cruz discorreu a respeito da pesquisa científica desde o ponto de vista social no dia 28 de outubro. A 29 de outubro, *La Prensa* comunica que Nelson Romero viajara a Rosário e JLR a Bahía Blanca para seguirem com as atividades nas filiais do Colegio Libre das respectivas cidades.

Na Biblioteca de JLR, na cidade de João Pessoa, consta exemplar de *História da literatura brasileira* (1943), de Sílvio Romero, pai de Nelson Romero (Figura 1; Anexo B):

Figura 1 - Dedicatória de Nelson Romero a José Lins do Rego



ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Tomo 1º. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943, 3ª edição.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “José Lins do Rego, desejo que // você, recebendo aqui o meu abraço, // sinta o efusivo entusiasmo do velho // Sílvio Romero que, vivo, certamente // o haveria de distinguir muito como // representante legítimo da inteligência // nordestina // 1943. Nelson Romero”.

Oito dos catorze artigos consultados no Arquivo Histórico do Itamaraty são do periódico argentino *La Prensa*, fundado em 1869 e o mais importante jornal da cidade de Buenos Aires na primeira metade do século XX, e que historicamente representou as ideias do liberalismo e do conservadorismo: “adotou uma postura de confronto com governos eleitos de ampla base popular, radicalismo e peronismo e deu suporte para golpes e ditaduras daí resultantes” (“*La Prensa*”). In: *Portal do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Relações Internacionais*,

sem data): 1. “Profesores brasileños darán conferencias en el Colegio Libre” de 14 out. 1943; 2. “Los profesores brasileños que nos visitan iniciaron sus conferencias” de 26 out. 1943; 3. “La literatura y el pueblo” de 29 out. 1943 e 4. “Sobre la investigación científica disertó el Dr. Walter Oswaldo Cruz – Dedicó su exposición al doctor Bernardo Houssay” de 29 out. 1943; 5. “Misión del Estado en la investigación científica” e 6. “El señor Lins do Rego habló sobre tendencias de la novela brasileña” de 30 out. 1943; 7. “Habló de “La formación cultural del Brasil” el doctor Nelson Romero” de 3 nov. 1943 e, por último, 8. “Tentativas despreciables” de 6 nov. 1943.

Os artigos publicados em *La Prensa* apresentam os conferencistas a partir de breve biografia de cada um deles. Também anunciam e posteriormente analisam os temas nelas tratados pelo trio de convidados brasileiro: José Lins, Nelson Romero e Walter Oswaldo Cruz.

Do jornal *La Nación*, o diplomata Rodrigues Alves envia a Graça Aranha quatro recortes: 9. “El apostolado de la ciencia” de 25 out. 1943; 10. “Sobre la novela brasileña se inició un curso” de 26 out. 1943; 11. “Agasajo el Colegio Libre a tres destacados profesores brasileños” de 04 nov. 1943 e 12. “La amistad brasileño-argentina” de 05 nov. 1943. Os artigos desse periódico tem viés mais crítico, valorizam o intercâmbio mundial de intelectuais e descrevem de maneira minuciosa a fala de cada um dos conferencistas. Também há artigo de *Crítica*, intitulado “Así hay que hablar” de 05 nov. 1943 e outro de *La Vanguardia*, “La amistad argentino-brasileña”, também de 05 nov. 1943.

O fato de Gilberto Freyre ter sido cogitado dentre os nomes enviados pelo Colegio Libre para a missão cultural de 1943 ensejou a busca por menções a JLR e cartas por ele assinadas na correspondência passiva de Gilberto Freyre (GF). Ative-me, então, às cartas de GF a JLR a fim de recuperar as menções feitas à viagem ao Prata: entre os anos de 1941 e 1942 GF esteve na Argentina, Paraguai e Uruguai, a princípio como viagem de lua de mel depois de seu casamento com Maria Magdalena Guedes Pereira, mas também como viagem de trabalho, com desdobramentos em suas redes intelectuais de sociabilidade.

Em coincidência com a publicação da versão espanhola de *Casa grande & senzala*, parte da viagem foi financiada a pedido de Lourival Fontes, então chefe do DIP, a fim de que o pernambucano realizasse uma série de conferências de política cultural (LARRETA & GIUCCI, 2003 apud PEIXOTO, 2015, p. 116). Nas crônicas de viagem por ele escritas durante essa viagem, GF escreve sobre Alfonso Reyes, Juan Natalicio Gonzáles – então presidente do Paraguai, Ricardo Sáenz Hayes (quem assina o prefácio das edições argentinas de *Casa grande & senzala*) e de Benjamin Garay, tradutor de diversas obras brasileiras (PEIXOTO, 2015, p. 121).

O pesquisador Davidson Diniz, quem atualmente realiza seu pós-doutorado no Departamento de Sociologia da USP, em seu estudo *Instinto(s) de transnacionalidade: ensaio sobre a sociabilidade nos campos literários argentino e brasileiro (1840-1940)* (2017), revela que após o regresso ao Brasil Freyre manteve ativa uma “rede de contatos capaz de mantê-lo, a partir do Recife e do Rio de Janeiro” em diálogo com intelectuais, articulando assim “uma interseção continental mediante publicações em jornais e revistas estrangeiras” (DINIZ, 2017, p. 203).

A 5 de janeiro de 1941, GF envia carta da Embaixada do Brasil, escrita em papel timbrado do CityHotel, localizado na cidade de Buenos Aires, contando suas impressões sobre a temporada na Argentina e no Uruguai, acompanhado de sua esposa Magda:

A viagem vai bem. Magda vai se portando como quase uma veterana de viagens. Vimos muito coisa do Uruguai e estamos vendo um bocado da Argentina. Buenos Aires, grandiosa, mas longe de ter a beleza do Rio. Sou no Uruguai e aqui mais conhecido do que imaginava. V. não imagina que relevo *La Nación* deu à minha chegada. Notícia destacadíssima, em lugar de honra e com elogio forte.

[...] Não querendo ficar atrás, *La Prensa* ainda mais seca, por programa e costume, referiu-me em [ilegível] notícia (Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, 05 jan. 1941. Museu José Lins do Rego, Correspondência Passiva).

A 08 de fevereiro de 1942, inicia-se a colaboração de GF ao jornal argentino *La Nación*, com artigo intitulado “Interamericanismo”. A regularidade de suas publicações nesse jornal se deu até o ano de 1944, sendo interrompida devido a “violações da correspondência pessoal do escritor e sociólogo brasileiro”, ainda decorrente da perseguição política por ele sofrida no Brasil diante de suas manifestações contrárias ao nazifascismo brasileiro (Ibidem, p. 206).

A 16 de setembro de 1942, GF envia carta a JLR, em papel timbrado do Hotel Nogaró, localizado em Montevideo, pedindo ao romancista paraibano, quem intermediava o pagamento das colaborações de GF aos periódicos cariocas e fazia parte do diálogo com o editor José Olympio, que o defendesse das acusações indevidas que diziam que ele havia viajado ao Prata financiado pelo DIP. A 4 de novembro de 1942 o pernambucano, já de volta a Apipucos, escreve em carta que identifica como confidencial:

Caro Lins: um abraço. Tendo Silvio Rabelo declarado há pouco aqui no Recife que ouvira no Rio, de amigos meus, “íntimos”, restrições sérias a recentes atitudes minhas e tendo também circulado nesta cidade, segredo acaba “de me informar José [ilegível] G. de Mello Neto o boato de que eu “recebera dinheiro do Dip” para fazer, suponho, propaganda do Estado Novo nos países do Prata

e no Paraguai, venho pedir a v. para esclarecer [Luís] Jardim, Otávio [Tarquínio de Sousa], Gastão [Cruls], Álvaro Lins, [ilegível], seu Paulo [ilegível] de Sousa, Sérgio [Buarque de Hollanda], [Manuel] Bandeira, J. Olympio, Rodrigo [Mello Franco de Andrade], Barros, Astrogildo, Correia, Aníbal Freira e outros dos meus amigos daí que também são seus (não por não confiar neles, mas por questão de escrúpulo de minha parte em face das referidas [informações] de Silvio Rabelo) o fato de não ter viajado nunca a serviço do Dip e de ter sido minha última viagem, em missão cultural e científica aos países do Prata e ao Paraguai, viagem de interesse internacional promovida pelo Ministério da Educação com a cooperação das Relações Exteriores e com a aprovação do Presidente da República e cujos resultados – de interesse não só nacional como interamericano – serão oportunamente revelados. Não tinha eu então e o comitê foi no fim do ano de 1941 – motivos para recusar ao governo do nosso país. [...] missão cultural no estrangeiro no interesse vital do Brasil, como se verá num dia talvez próximo.

Outro abraço de seu velho

Gilberto

(Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, 04 nov. 1942. Museu José Lins do Rego, Correspondência Passiva).

A 16 de setembro de 1943, Freyre, vaidoso e aborrecido, escreve de Apipucos a JLR:

Querido Lins,

Sei pelo nosso Zé Olympio que v. vai ao Uruguai e à Argentina. Creio que lhe fará bem a viagem. O ano passado os uruguaios (são eles que pagam essas viagens) me esperavam. O. T. Graça Aranha informou ao A. Carneiro Leão, que é homem sério, como v. sabe, que eu havia sido convidado pelo Itamaraty (no caso, intermediário), mas recusara. Não fui convidado. Estimo que o mero S. Aranha ou o mero Itamaraty esteja agora no bom caminho e se volte para gente de sua altura e valor. Já que sabem que continuo em luta aqui [...]

(Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, 16 set. 1943. Museu José Lins do Rego, Correspondência Passiva).

Em carta da época, mas com data não identificada, JLR avisa de seu retorno ao Rio de Janeiro: “Aqui cheguei de Buenos Aires e ainda não tomei pé nas coisas. [...] Em toda a parte por onde estive na Argentina fui encontrando o seu nome” (REGO, José Lins do apud DANTAS, 2015, p. 120).

A 14 de novembro de 1943, GF felicita JLR pelo sucesso de sua viagem ao Prata, e comunica-o que teve notícia de que suas conferências haviam sido muito aplaudidas tanto na Argentina quanto em Montevideu: “Querido Lins, um grande abraço, cheio do nosso [ilegível] pelo seu sucesso no Prata. Carta do Murilo [Pessoa] [...] me disse que suas conferências foram muito aplaudidas pela gente [ilegível] de Montevideo. Parabéns ao batuta” (Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, 14 nov. 1943. Museu José Lins do Rego, Correspondência Passiva).

A análise desse conjunto de correspondências entre GF e JLR possibilita perceber que a ida aos países do Prata foi outro ponto em comum entre os dois intelectuais nordestinos, tendo os dois sido bem recebidos no Prata, onde residiu, naquela época, outro autor nordestino da José Olympio: Jorge Amado, de quem o primeiro romance, *País do carnaval* (1931) saiu pela Schmidt e *Cacau* (1934) pela Ariel Editora, ambas sediadas na cidade do Rio de Janeiro. Seu primeiro romance que saiu pela José Olympio, editora dentro da qual também esteve vinculado à seção de publicidade até janeiro de 1938 (REFULIA, 2019, p. 5), foi *Jubiabá* (1934), seguido por *Mar morto* (1936) e *Capitães da areia* (1937).

Em entrevista concedida a *Diretrizes* e publicada a 18 de novembro de 1943 (Anexo D), na qual JLR conta suas impressões após retornar de sua viagem ao Prata, podemos ver que, para o paraibano, o escritor baiano fora referência brasileira central no cenário argentino:

- Na Argentina, por exemplo, – nos diz o romancista – notei uma coisa que merece ser apontada: é que aquela indiferença absoluta por tudo que era literatura sul-americana que não fosse argentina, ou melhor, rio-platense, não existe mais. Os argentinos procuram hoje ler os nossos livros como os seus próprios. Nos grandes centros a leitura da literatura brasileira é constante. Todos têm procurado conhecer o que existe de fundamental e característico em nossas letras. *Dom Casmurro*, de Machado, *O cortiço*, de Aluísio Azevedo estão sendo lidos com grande interesse. No dia em que cheguei a Buenos Aires, encontrei em *La Prensa* e em *La Nación* anúncios do aparecimento da segunda edição de *Casa grande & senzala* de Gilberto Freyre. E anúncios caros... Isto revela a preocupação, nos meios intelectuais e na massa dos leitores, pelos assuntos brasileiros. Por toda parte por onde estive encontrei um interesse invulgar não só pela literatura brasileira, mas também pela vida econômica e política do Brasil. Perguntavam-me por Machado de Assis e pela Volta Redonda. Queriam saber se estávamos plantando trigo no Rio Grande e se o nosso Corpo Expedicionário já estava em marcha para a Europa. Respondi a todas estas perguntas, procurando ser minucioso e detalhado como um livro do José Jobim.

- E a literatura nova do Brasil? É conhecida no Prata?

- Muito conhecida. Todos nós, escritores da geração de 30, são lidos na Argentina e no Uruguai. E, entre todos, particularmente Jorge Amado. Por onde estive, no Uruguai, em Rosário de Santa Fé, em Baía Blanca, me perguntavam por Jorge Amado. Levei comigo alguns exemplares do *Terras do sem fim*, o último romance do grande romancista baiano, que distribuí lá por entre amigos e admiradores seus

(REGO, José Lins do. “SARMIENTO NÃO PREGOU NO DESERTO – José Lins do Rego fala de sua viagem ao Uruguai e à Argentina” (entrevista). In: *Diretrizes*, 18 nov. 1943).

Jorge Amado inicia o seu sucesso literário com a publicação de *País do carnaval* (1931), pela Editora Schmidt, pertencente ao poeta Augusto Frederico Schmidt, que também lançaria a primeira edição de *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933. Ele passa a integrar a Juventude Comunista do Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1932, mesmo ano em que

retorna a Ilhéus, onde escreve *Cacau* (1933) (Verbete biográfico “AMADO, Jorge”). Curiosamente em 1935, ano da Intentona Comunista, Jorge Amado acompanhou Getúlio Vargas e sua comitiva em visita oficial à Argentina; um ano depois ele foi preso pela primeira vez na cidade de Natal, acusado de ter feito parte da Intentona. Já em 1937, com o cenário político conturbado, o baiano realizou uma grande viagem pelo continente americano, mencionada anteriormente e depois da qual foi preso na cidade de Manaus, sendo enviado ao Rio de Janeiro.

No artigo “Uma ‘arqueologia do boom’ na Estante Americana, da Guaíra: romances hispano-americanos publicados por Jorge Amado e De Plácido e Silva” (2019), Rodrigo Refúlia nos indica que “após a intervenção de José Olympio, seu editor, acabou liberado” e que “pouco antes de sua soltura, Amado foi alvo de um escandaloso caso de censura”, no qual Antônio Fernandes Dantas, recém-nomeado interventor da Bahia, “mandou recolher 808 exemplares do recém-lançado *Capitães da areia*, 223 de *Mar morto*, 89 de *Cacau*, 93 de *Suor*, 267 de *Jubiabá* e 214 de *País do carnaval* nas livrarias Editora Baiana, Catilina e Souza” (REFULIA, 2019, p. 5).

O historiador da USP ainda nos revela que os “canais de circulação de bens culturais” abertos pelo escritor baiano após essa viagem pela América de 1937, durante a qual “estabeleceu conversas com escritores e intelectuais latino-americanos e tornou-se uma espécie de semeador das ideias dos intelectuais do continente entre seus pares brasileiros”. Ainda de acordo com Refúlia,

a publicação de romances hispano-americanos e estadunidenses pela Guaíra não se deu no vazio, pois, de certa maneira, a editora antecipou dois projetos culturais que seriam levados a cabo pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) a partir de 1941 e que tinham como objetivos posicionar ideologicamente o Brasil perante seus vizinhos continentais e reescrever em tons nacionalistas a política pan-americana adotada pelo país (Ibidem, p. 6).

O jornal *A Manhã* e a revista *Cultura Política* foram os veículos oficiais de comunicação do Estado Novo e dessa “teia de relações culturais armadas entre o Brasil e a América Latina” (Ibidem, idem). Curiosamente, entre os anos de 1939 e 1950 há o registro de 20 obras de literatura hispano-americana publicadas no Brasil, figurando autores de diferentes nacionalidades, provenientes de Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela (Ibidem, p. 7), inclusive a tradução de Eduardo Mallea assinada por José Lins do Rego e que será apresentada mais adiante neste capítulo.

Gustavo Sorá, em *Traducir el Brasil – una antropología de la circulación internacional de ideas* (2003), afirma que foi, seguramente, por intermédio de Jorge Amado que se desenvolveu ainda mais a recepção da literatura modernista brasileira na Argentina. Ali ele colaborou no jornal *Crítica* e na revista *Sur*, entre outros. Conviveu com intelectuais como Raúl González Tuñón, Rafael Alberti, Victoria Ocampo, María Rosa Oliver, entre outros.

No artigo “Liberación lingüística de la literatura brasileña”, publicado no número 89 de *Sur*, de fevereiro de 1942, Jorge Amado declara que a cidade de Buenos Aires favorecia e acentuava a sua condição de representante e intérprete da cultura brasileira no exterior. Para tanto, destacava Gilberto Freyre e sua “obra mestra de sociologia” e José Lins do Rego como autor dos “cinco romances que podem ser colocados ao lado dos melhores da América publicados neste século” (SORÁ, 2003, p. 148-9; AMADO, Jorge apud SORÁ, 2003, p. 149-150).

Jorge Amado teve três de suas obras vertidas ao castelhano. Por coincidência, Gilberto Freyre também esteve na Argentina entre 1941 e 1942, tendo publicado *Actualidad de Euclides da Cunha / Una cultura amenazada: la luso-brasileña* (Buenos Aires: Talleres Gráficos Augusto, 1942 e 1943. Colección Problemas Americanos) (Ibidem, p. 113) e tendo cinco de suas obras vertidas ao castelhano entre 1942 e 1945 (Ibidem, p. 57).

Ao tratarmos de exílio, traduções e redes literárias, é importante lembrar do intelectual e escritor capixaba Newton Freitas (1909-1996) e da intelectual e escritora gaúcha Lúcia Besouchet (1908-1997). Ambos foram importantes na rede de sociabilidade de intersecção entre Argentina e Brasil: os dois brasileiros se conheceram e se casaram ainda no Brasil. Filiados ao Partido Comunista do Brasil, foram exilados e passaram também a viver em Buenos Aires. Não por acaso o casal é autor de *Literatura del Brasil* (Buenos Aires: Sudamericana, 1946).

A leitura da tese de doutorado de Lúcia Rangel, intitulada *Lúcia Besouchet e Newton Freitas: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950)* (2016), trouxe a esta pesquisa o dado de que a amizade entre o intelectual capixaba, naquele momento residindo com sua esposa em Buenos Aires, já viera de muito tempo: em março de 1937, quando libertado de sua prisão política decorrente de seu envolvimento no Levante Armado de 1935, Freitas enviara a escritores, dentre os quais Graciliano Ramos e José Lins do Rego, seu relato desse período (RANGEL, 2016, p. 126).

Em 1939, o casal de intelectuais publica *Diez escritores de Brasil* (Buenos Aires: M. Gleizer, 1939; Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1946), livro que reuniu dez ensaios dedicados a escritores do nosso país: enquanto Lúcia se dedicara às obras de Tomás Antônio

Gonzaga, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Raul Pompeia e Aluísio Azevedo, Newton ficara responsável pela apresentação de Euclides da Cunha, Mário de Andrade, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Lucio Cardoso: curiosamente é o artista plástico Carybé o tradutor do estudo de Newton Freitas sobre JLR publicado nessa obra, que também contou com traduções de Benjamín de Garay, Natalício González e Francisco J. Bolla (Ibidem, p. 216). Aqui é oportuno observar que, dentre os autores brasileiros selecionados por Lídia, Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Raul Pompeia também são escritores analisados por JLR em suas *Conferências no Prata*.

A fim de incrementar outras fontes que fazem referência à viagem ao Prata de JLR, consultou-se a *Correspondência Mário de Andrade & Newton Freitas*. A coletânea recupera carta de 1 de novembro de 1943, na qual Newton Freitas (NF) – radicado em Buenos Aires no ano de 1939, com sua esposa e parceira intelectual – comenta a passagem de José Lins pela capital argentina: “Anda por aqui José Lins do Rego fazendo conferências. Teve em Buenos Aires uma recepção calorosa. Verdadeiro êxito. Temos conversado muito sobre v.” (ANDRADE; FREITAS, 2017: 178-179).

Em carta posterior, com data atestada como de novembro do mesmo ano, NF informa a Mário:

Você tem sido e continua sendo o assunto principal de minhas cavaqueiras rioplatenses a tal ponto que sempre me falta assunto quando me ponho a escrever uma carta para Lopes Chaves. Considerando também que não nasci para escrever cartas. Gosto de conversar, ou melhor, ouvir um bom conversador. E isto por aqui é mais difícil do que parece. Carybé – um dos meus raros amigos – anda pelo norte argentino. Ele já terminou as ilustrações de *Macunaíma* (creio que lhe mandei dizer isto), as quais Lins do Rego gostou muito (ANDRADE; FREITAS, 2017, p. 182).

Nesse sentido, aqui recuperamos trecho da crônica de JLR intitulada “Carybé”, publicada no dia 19 de setembro de 1945 n’ *O Globo*, ano esse da morte do polígrafo paulistano:

Conheci Carybé em Buenos Aires e logo o estimei como criatura de minha inteira predileção.

[...] Aqueles coloridos de Carybé parecem de um começo de mundo. E esta força da poesia, que consegue transferir do exótico ao natural, domina em certos aspectos da pintura de Carybé, como uma libertação. Às vezes se deixa ele contaminar por um quase absurdo folclórico, querendo dar mais importância ao banal que ao cerne das coisas. No entanto, a sua imaginação reage a tempo, e vemos que o que podia parecer um episódio anedótico se realiza numa original interpretação. A arte será assim um filtro, uma elevação

ao sublime do fato que poderia ser somente a banalidade. A arte de Carybé é quase sempre assim.

Veja-se a sua interpretação do *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Quem compreendeu com mais sentido realístico e poético o lendário herói?

Acredito que Carybé conseguiu superar até o grande Mário na criação da fabulosa personagem. Ali está um Carybé magnífico e poderoso, no desenho, na concepção, no fulgor da poesia.

Quando em Buenos Aires ele me mostrara a sua galeria de aventuras e gestos do *Macunaíma* tive a impressão exata de que me encontrava com um autêntico criador (REGO, José Lins do. “Carybé”. In: *O Globo*, 19 set. 1945).

A relação entre NF e JLR é, portanto, uma pista da rede de solidariedade que ressurge na *Correspondência*, em mensagem que tem como data atestada o mês de março de 1944:

[...] Não sei se alguma vez já lhe falei que estou trabalhando há quatro anos em Buenos Aires, numa espécie de Escritório Comercial do Brasil, dependência do Ministério do Trabalho do Brasil. Minha função aqui era também uma espécie de encarregado de imprensa. (Não estranhe tudo ser uma espécie. O mal não é meu. Desde que nasci tudo tem sido para mim uma espécie de espécie). Ora, eu esperava como todo mundo ser funcionário e receber um ordenado decente.

[...] Finalmente querendo transformar a promessa em realidade, escrevi ao Lins do Rego para que falasse ao Ministro Marcondes sobre o assunto. Recebi carta do José Lins dizendo que o Ministro lhe dissera que sairia tudo dentro de poucos dias. E saiu, seu Mário. Saiu a nomeação e a promoção de vários funcionários, mas a minha nem sinal. Ora entre continuar com 100 pesos e passar por funcionário do Brasil e, portanto, arcar com todas as desvantagens de ser funcionário, preferi trabalhar um pouco mais, escrever mais livros e artigos, sem me incomodar com a baba dos inimigos nem o sorriso canalha dos amigos [...].

Disto isto, me sinto perfeitamente desabafado e posso comunicar a v. que serei dentro de poucos dias editor (ANDRADE; FREITAS, 2017, p. 198-199).

Patrícia Artundo, em *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão* (2004, p. 160), indica que pelo menos desde o ano 1942 Freitas já estava “muito melhor integrado no campo intelectual portenho e regularmente em publicações como *Argentina Libre*, *Nosotros*, *La Nación* e *De Mar a Mar*”.

Em consulta ao Fundo Newton Freitas, no Arquivo IEB-USP, foi possível identificar que o Escritório Comercial del Brasil, sediado em Buenos Aires, publicou livros de autores como: Lúcia Besouchet (*Desarrollo industrial del Brasil*), Mário de Andrade (*Expresión musical de los Estados Unidos*), Jaime de Barros (*Evolución del periodismo en el Brasil*), Gilberto

Freyre (*Actualidad de Euclides da Cunha*), Eduardo Mallea (*Adiós a Lugones*) e Astrojildo Pereira (*Machado de Assis – novelista del Segundo Reinado*), dentre outros.

O ativismo editorial sul-americano de Newton Freitas pode ser observado, por exemplo, em carta enviada por Rubens Porto, diretor superintendente editorial da AGIR, do Rio de Janeiro, a 7 de maio de 1946, na qual agradece a mensagem de Newton e o interesse dele em colocar a Agir em contato com as editoras sul-americanas (Arquivo IEB-USP, Fundo Newton Freitas).

Dentre as crônicas zelinianas publicadas n’*O Globo* pude localizar “Traduzir”, publicada a 17 de maio de 1946. Nela JLR faz reflexões sobre o ato de traduzir tendo como ponto de partida o ensaio “Misericordia y esplendor de la traducción”, publicado primeiramente no jornal argentino *La Nación* em 1937 do tradutor e jornalista espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), que se exilou na Argentina entre os anos de 1936 e 1945 e que traduzia principalmente obras do alemão para o espanhol:

A tradução não seria uma cópia do texto e não deve ser a obra sobre a qual se trabalha a mesma obra em outro léxico. Porque, em síntese, a tradução não será a obra traduzida, mas em caminho para ela. E se se trata de uma obra poética, a tradução não é senão um aparato, um artifício técnico que nos aproxima do autor sem pretender, de maneira alguma, repeti-lo ou substituí-lo.

[...] é coisa sabida que o público de um país não gosta de uma tradução feita no estilo de sua própria língua. Bastam-lhe os seus autores indígenas. Do que gosta é de outra coisa. Quer este público que um livro traduzido seja, em todos os sentidos, uma novidade.

E Gasset dá o testemunho de seus livros traduzidos para o alemão como a prova de sua tese (REGO, José Lins do. “Traduzir”. In: *O Globo*, 17 maio 1946).

É importante notar que a crônica citada acima é parte das reflexões zelinianas em torno de sua experiência como tradutor. Nesse sentido, foi possível consultar no IEB os documentos que relacionam José Lins, Newton e Lúcia e a produção editorial argentina e brasileira, que vinha com frequência ao Brasil, principalmente para tratar de assuntos da Editora Globo, na época a editora mais importante da vida intelectual da cidade de Porto Alegre (RS).

Em meados de 1945, Lúcia acorda com a Editora a tradução do romance de Eduardo Mallea, *Todo verdor perecerá* (Porto Alegre: Globo, 1949), em parceria entre José Lins e Henrique de Carvalho Simas. Esta tradução não consta na produção zeliniana reunida no anexo das edições José Olympio de seus romances e das memórias de *Meus verdes anos*, portanto esta pesquisa pôde identificar tal produção de JLR e incluí-la à sua obra (Arquivo IEB-USP, Fundo

Lídia Besouchet). Tive oportunidade de acessar um exemplar da primeira edição da tradução, da qual transcreve-se o prefácio, intitulado “Nota sobre Mallea” (Anexo F):

“Nota sobre Mallea”

Não encontro na literatura brasileira dos nossos dias um romancista que se pareça com Eduardo Mallea.

[...] Mallea apesar de todas estas dessemelhanças não deixa de ser um romancista de seu país e mesmo do seu continente. Mas é que dominam na sua formação cultural mais influências europeias do que crioulas. Pode-se dizer de Mallea que tenha ele superado a sua ligação com a velha literatura, pelo seu temperamento de poeta que é vivo e bastante da terra. [...] É verdade que a língua de Mallea é a língua de um ensaísta, de um crítico, de um homem que pesa a palavra. [...] O mundo áspero de Rosas pedia um estilo que não era tanto um estilo, mas uma natureza em tumulto que foi Sarmiento. Depois o grande Guiraldes procurou cobrir o mundo acabado do pampa, com as doçuras de uma poesia de evocação nostálgica. O que era duro, das recordações terríveis de Sarmiento, passava a ser como de um conto de fada na história do *Don Segundo Sombra*.

[...]

Esta novela de Mallea que a Editora Globo vai editar, em sua Coleção Nobel, merece, em todos os sentidos, o lugar que lhe deram na coleção. É o romance de uma angústia. Para traduzi-lo tivemos que muito nos cingir ao texto, e à sua língua imaginosa. O castelhano de Mallea não é fácil, e muito trabalho tivemos para adaptá-lo ao nosso português simples e chão. Por fim achamos de melhor alvitre deixar a língua da tradução mais próxima do original. Não tivemos nunca o propósito de dar soluções nossas ao que era do íntimo e da originalidade de Mallea.

José Lins do Rego

(REGO, José Lins do. “Nota sobre Mallea” (prefácio à tradução). In: MALLEA, Eduardo. *Todo verdor perecerá*. Tradução de José Lins do Rego e Henrique de Carvalho Simas; prefácio de José Lins do Rego. Porto Alegre: Globo, 1949).

Flora Ajala (2016) traz à luz carta da correspondência passiva de JLR, remetida por Eduardo Mallea a 9 de janeiro de 1945, na qual o argentino se diz feliz por saber que JLR fosse o encarregado de traduzir seu livro. Além disso, na carta Mallea declara ter lido *Fogo morto* e *Banguê* – o editor argentino coordenava a coleção Nave de América, que reuniu traduções das principais obras de autores brasileiros, coleção que viria a publicar *Niño del ingenio* (Buenos Aires: Emecé, 1946), *Banguê* (Buenos Aires: Emecé, 1946), *Fuego muerto* (Buenos Aires: Santiago Rueda, 1946) e *Piedra Bonita* (Buenos Aires: Santiago Rueda, 1947) (AJALA, 2016, p. 75, 79-81, 136, 148).

Tanto Ajala (2016) quanto Diniz e Rangel (2017) afirmam que todas as traduções argentinas foram assinadas por Raúl Navarro – e publicadas ou pela Emecé ou pela Santiago Rueda. O caso da tradução de *Banguê* apresenta informações contraditórias: enquanto Ajala (2016) afirma que a tradução de Raúl Navarro foi a primeira ao espanhol, tendo sido publicada pela editora argentina Emecé em 1946, Diniz e Rangel (2017, p. 202) asseguram que *Banguê* (1946) fora a primeira obra zeliniana vertida ao espanhol e publicada pela Editorial Losada.

Ainda sobre os intercâmbios entre intelectuais brasileiros e argentinos, a edição da revista *Sur* de dezembro de 1943 traz um extenso artigo de María Rosa Oliver, sobre a sua viagem pelas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Petrópolis. De São Paulo ela menciona encontros com Alfredo de Mesquita, Mário de Andrade, Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Flávio de Carvalho, Guilherme de Almeida, Lasar Segall e João Rossi. Da sua estadia no Rio cita encontros com Vinicius de Moraes, Candido Portinari, Lourival Fontes, Adalgisa Nery, Jorge de Castro, Alberto da Veiga Guignard, Cecilia Meireles, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Ribeiro Couto e José Lins do Rego.

A escritora argentina indica que, embora não tenha encontrado Jorge Amado na então capital federal, já o conhecera pessoalmente em Buenos Aires, quando o romancista baiano estava de passagem para Montevideu: “por él sabía ya algo de la literatura y de los problemas sociales brasileiros cuando llegué a ese país”. A poetisa chilena Gabriela Mistral, sua amiga de longa data, é mencionada em diversos momentos e é também quem a recebe em sua estadia na cidade de Petrópolis – parece ter sido Mistral a grande ativadora dos contatos da rede de sociabilidade em torno dessa viagem de Oliver ao Brasil. Sobre José Lins do Rego, ela escreve:

José Lins do Rego, un poco mayor que Jorge Amado, que sólo tiene treinta años, le sigue en importancia como novelista. Su ciclo de novelas sobre la caña del azúcar es casi una obra autobiográfica. Cuenta ahí la infancia y la juventud del hijo de un dueño de ingenio, de um *menino de engenho*, como titula uno de sus libros, en los años en que las máquinas industriales, al sustituir la mano de obra, convulsionaron el régimen de las plantaciones. José Lins do Rego, cuya conversación es tan interesante como su literatura, parece más joven de lo que es, con su cara redonda de niño grande, donde se ve la marca del sol cearense sobre facciones de burgomaestre alemán.

[...] Si he insistido en los orígenes étnicos de muchos brasileiros lo he hecho en honor de su país. Me explicaré brevemente: Nuestra América es un continente de razas mezcladas, y debemos aceptar este hecho innegable para no crearnos problemas sin solución. En el Norte de nuestra República, allá donde la sangre autóctona y la del inmigrante europeo se han mezclado, la raza es linda y fuerte si tiene alimentación suficiente y buenas condiciones sanitarias. En el Brasil, la mezcla del negro y del blanco da un resultado magnífico cuando la población está bien nutrida. El tipo físico es sano, armonioso, de piel fina y satinada, de andar rítmico y de porte digno. El Brasil,

al descartar ese elemento envilecedor que es el prejuicio racial, ha dado un ejemplo al mundo. De las tan discutidas democracias ha cumplido a la perfección por lo menos una: la genética (OLIVER, María Rosa. “Imágenes del Brasil”. In: *Sur*, Buenos Aires, año XII, n. 110, diciembre 1943, p. 42-43).

1.5. As crônicas de José Lins do Rego sobre a Argentina

As 39 crônicas reunidas por meio de consulta ao Acervo d’*O Globo* apresentam assuntos variados versando, principalmente, sobre literatura, cidades, política, cultura e personalidades do país. No âmbito da literatura estão crônicas a respeito de Domingo Faustino Sarmiento e seu *Facundo* – o tema histórico-literário mais recorrente nas crônicas –, além de Martin Fierro. JLR também comenta a sua passagem pelas cidades de Buenos Aires, Rosário e Bahía Blanca. Sobre a política, o peronismo e seus desdobramentos são bem recorrentes. Aqui vislumbra-se que o escritor paraibano utiliza o peronismo como argumento para também criticar, indiretamente, o governo brasileiro. Convém observar que, embora a viagem ocorra em 1943, quando Pedro Pablo Ramírez era o presidente, e os artigos sobre o peronismo são publicados a partir de junho de 1946, ou seja, depois de Juan Domingo Perón ter sido eleito presidente argentino. Assim vê-se que, mesmo após a viagem, José Lins do Rego não deixou de ter interesse pelos temas argentinos.

Nesse sentido, a historiadora Maria Helena Capelato (1998) realizou exaustivo estudo historiográfico comparativo sobre a utilização maciça de propaganda política nos regimes de Getúlio Vargas, no Brasil, e Perón, na Argentina. Os períodos abarcados pela autora são do Estado Novo brasileiro – de 1937 a 1945 – e do Peronismo argentino – de 1945 a 1955, investigando “as encenações do poder, as representações políticas e os imaginários sociais” a partir da análise de “um corpus documental variado (rádio, cinema, jornais, revistas, discursos, cartilhas escolares, folhetos, obra de ideólogos de ambos os regimes)”.

Dentre as semelhanças entre o varguismo e o peronismo, a historiadora aponta que ambos se valeram da “bem-sucedida propaganda nazifascista, que também inspirara a propaganda comercial norte-americana”. Por outro lado, as diferenças giram em torno dos momentos históricos diferentes de cada regime – Vargas atua no período entre guerras, enquanto Perón chega ao poder após o fim da Segunda Guerra Mundial – e dos inimigos por eles tachados: enquanto o varguismo focou no comunismo, o peronismo via a oligarquia como sua principal inimiga. Além disso, a autora indica que “a justiça social foi um lema muito mais do peronismo do que do varguismo” (CAPELATO apud JUNQUEIRA, 2002, p. 241-245).

A historiadora argentina Marisa Montrucchio, que atualmente reside no Brasil e atua como educadora, por sua vez, desenha um pequeno e esclarecedor itinerário da historiografia

argentina desde o século XIX, explicando que o peronismo foi “um fenômeno resultante da transição tardia da Argentina à modernidade” (MONTRUCCHIO, 2001, p. 202). Ainda segundo Marisa,

O personalismo de Perón em sua relação com o movimento operário foi ressaltado e indicado como causa principal da dificuldade de autonomia deste em relação ao poder. O governo foi caracterizado como uma “ditadura”, favorecida pela atitude da oposição que não reconhecia como legítimas as eleições de 1946 (Ibidem, p. 205).

Diferentemente do fascismo italiano e do nazismo europeu, o peronismo foi “autoritário e populista”, aglutinando “fascistóides, trotskistas” e absorvendo “tradições sindicalistas, social-cristãs e nacional-populistas”, sendo assim um movimento político marcado pela heterogeneidade e pela variedade ideológica (Ibidem, p. 208). É interessante notarmos que mesmo com os seus pontos negativos, o peronismo deita raízes na tradição social nacional na política argentina até os dias de hoje.

Nas crônicas sobre a Argentina assinadas por JLR, a cultura se desdobra em várias frentes: o tango; o jornalismo; a produção editorial e literária do país, sendo ressaltada a sua qualidade superior em relação a nossa; os intelectuais que atuam nas universidades argentinas também parecem ser mais reconhecidos e valorizados do que os brasileiros, na opinião do autor. Algumas personalidades argentinas contemporâneas dele mereceram artigos exclusivos: o ensaísta e escritor Martínez Estrada, o político comunista Rodolfo Ghioldi, o artista Carybé (pseudônimo de Hector Julio Páride Bernabó) que inclusive viria mais tarde a se naturalizar brasileiro, o também artista Manuel Kantor, que passou uma pequena temporada no Bahia, o historiador José Luis Romero e o fisiologista Bernardo Houssay.

O primeiro texto sobre o país assinado por José Lins foi publicado na edição de 12 de outubro de 1944 do periódico, intitulada “A poesia de Martín Fierro” e o último, “La prensa”, em 8 de fevereiro de 1956. A pesquisa optou por aproximar as crônicas de acordo com seus eixos temáticos (impressões de sua viagem a Buenos Aires, análise da política argentina e/ou da literatura argentina etc.).

As crônicas literárias desse conjunto apresentam teor crítico e enxuto, nelas o paraibano recupera autores e obras argentinos e, na maioria das vezes, os compara aos casos brasileiros. Dentre os autores do cânone argentino, José Lins faz referência às obras clássicas de Domingos Faustino Sarmiento (1811-1888) e seu *Facundo* (1845), de José Hernández (1834-1886) e seu *Martín Fierro* (1872).

Ainda sobre o autor argentino e crônicas repetidas, os textos de 30/08/45 (“SARMIENTO VENCERÁ”) e de 03/11/55 (“Sarmiento Tinha de Vencer”) são também muito próximos. O cronista atualiza alguns tempos verbais, pois as duas crônicas dizem respeito ao período de Perón como presidente da Argentina: em 1945 “SARMIENTO VENCERÁ” faz crítica ao presidente argentino e o aproxima das ideias de Hitler e do contexto da Segunda Guerra, enquanto que “Sarmiento Tinha de Vencer”, publicada em 1955, resgata a profecia de José Lins, atualizando os tempos verbais que conferem o caráter de atualidade ao tema, comentando então o fim do governo peronista e a “vitória de Sarmiento”.

Quanto a seus contemporâneos, apresenta ao leitor d’*O Globo* e comenta obras de Fausto Hernández (1897-1959), Ezequiel Martínez Estrada (1895-1964) e Rodolfo Ghioldi (1897-1985). Em “A biografia de uma cidade”, JLR analisa a *Biografía de Rosario*, obra de Fausto Hernández publicada em 1940. Nela o cronista se mostra atento às questões de urbanização no país vizinho, comparando-a inclusive ao caso brasileiro do Recife, cenário para o espaço romanesco de *O moleque Ricardo*, publicado em 1936:

Foi por ser assim contra o poder tirânico que Rosário não chegou à categoria de cidade como outros centros urbanos do pampa. Em Rosário o pampa sempre existiu, o campo nunca esteve longe de suas ruas ou de seu cais imenso. Cidade de plantadores, de criadores, de povo livre, de universidades, de indomável fé na liberdade.

São cidades assim como Rosário e Recife que nos fazem acreditar que os grandes aglomerados urbanos não se perdem e não se destroem diante do poder conduzido como um azorrague. Estive em Rosário, e lá vi a mocidade, nas ruas e nas salas de conferências, indomável, em hostilidade às ordens tirânicas, pronta a tudo dar pela grandeza da Argentina (REGO, José Lins do. “A biografia de uma cidade”. In: *O Globo*, 12 dez. 1944).

No caso do escritor, ensaísta e grande intérprete da realidade argentina Martínez Estrada (1895-1964), quem José Lins conhece pessoalmente em sua viagem de 1943, a referência ao autor aparece em 12 das 39 crônicas deste conjunto. Na época da viagem de JLR, Estrada era presidente da Sociedade Argentina de Escritores e, de acordo com a pesquisadora Susana Romano Sued, “hospitalário, anfitrión por excelencia de la literatura, y anticipador eficiente de los aparatos críticos al uso académico de hoy” (SUED, 2006, p. 245). Em consulta online à base de dados da Biblioteca de la Fundación Ezequiel Martínez Estrada, fundada pela então viúva Agustina Morricóni em 1968 e sediada em Bahía Blanca, na Argentina, é possível localizar 4 obras de JLR ali conservadas, aqui descritas com os respectivos anos das edições: *Banguê*

(1945), *Niño del ingenio* (1946), *Fuego muerto* (1946), *Piedra Bonita* (1947) e *Eurídice* (1947), esse último com dedicatória na descrição do exemplar.

Na primeira delas, “Um mestre argentino”, de 05 de janeiro de 1945, JLR confirma o encontro, comentando a obra *Radiografía de la pampa* (1933), relacionando-a de alguma maneira à *Casa grande & senzala* de Gilberto Freyre (também publicado em 1933):

Martínez Estrada é uma criatura misteriosa.

Conheci-o em Buenos Aires, e ao contato do homem de fala estridente, de cara de fauno em férias, não se chega ao conhecimento da natureza do crítico magistral que é ele. Conhecê-lo e lê-lo não são experiências idênticas.

[...] A cultura argentina volta aos grandes dias de Sarmiento, com a sua profunda análise ligada a uma fabulosa força lírica. Sarmiento era assim um mestre que não abusava de termos didáticos, porque sempre estava a serviço da vida, da mais consciente crítica dos valores humanos. O mestre-escola que de cima dos Andes olhava o pampa, olhava com a agudeza e a penetração das aves da rapina. Vira o que só se podia ver das alturas. É assim Martínez Estrada. Ao livro que escreveu, como Gilberto Freyre escrevera, o *Casa grande & senzala*, chamou *Radiografía de la pampa*.

[...] As palavras em Estrada carregam um sentido de verdade triste e de beleza de escultura.

Em outras notas prometo comentar o pessimista, que, como nosso Paulo Prado, não teve medo de dizer tudo

(REGO, José Lins do. “Um mestre argentino”. In: *O Globo*, 05 jan. 1945).

Gerardo Oviedo, em “El ensayo del ‘ser nacional’ 1: Ezequiel Martínez Estrada y Gilberto Freyre” (2017), analisa os pontos de aproximações e divergências entre os dois ensaístas latino-americanos, que na década de 1930 produziram ensaios interpretativos de seus respectivos países, construindo sobretudo “categorias de pensamento impressionistas”. Embora o “otimismo antropológico de Freyre” se oponha ao “pessimismo telúrico de Martínez Estrada”, Oviedo aponta que ambos os ensaios são “carentes de precisão teórica e verificação empírica” e que anulam a “figura do índio na formação da identidade nacional” argentina e brasileira (OVIEDO, 2017, p. 129, 131).

Oviedo recupera, inclusive, o contexto político do momento de produção das obras: em 1933 a Argentina era governada pelo governo “golpista e ditatorial” de José Felix Uriburu, enquanto o Brasil estava sob comando do “antiliberal e protofascista” Getulio Vargas – ambos os contextos assumem caráter retrospectivo e disposição nostálgica (para Martínez Estrada a

nostalgia é desengano, para Freyre é celebração) e se conectam ao tom de “denúncia moral e biografia classista” que dita as duas obras.

Por outro lado, Oviedo também discute o distinto lugar de fala dos autores: Martínez, oriundo da “ameaçada classe média argentina”, é “plebeu e metonímico” em *Radiografía de la pampa* (1933), conotando “a desunião nacional e a segregação mestiça” e tida como “versão pessimista do *Facundo* de Sarmiento”; enquanto que Freyre, vindo da “oligarquia decadente”, é “aristocrático e metafórico” em *Casa grande & senzala* (1933), fazendo de seu ensaio um esperançoso “paradigma de união nacional e solidariedade mestiça” (Ibidem, p. 121).

Assim, o pensador ontológico Martínez Estrada situa o mestiço como “filho de ninguém”, negando, melancolicamente, “toda a potência transcultural proveniente da mestiçagem” presente no livro do Freyre antropológico (Ibidem, p. 124, 130):

O desempenho demográfico da miscigenação brasileira é a contrapartida do despovoamento argentino. No pampa, o acampamento do conquistador, a fazenda do gaúcho, a casa suburbana e o apartamento central nunca superam o desenraizamento, a relutância e a melancolia. Seus habitantes carregam o nomadismo do deserto na alma. Por outro lado, no Brasil, o espírito empreendedor, sedentário e familiar do “senhor dos engenhos” do Nordeste, após se impor no aventureirismo do bandeirante, representa um triunfo produtivo sobre a terra selvagem, o clima tropical e o individualismo comercial. Deve-se enfatizar que Freyre contrasta o Nordeste aristocrático com o sul burguês e, consequentemente, o passado glorioso estabelecido na esfera regional contra o futuro incerto do capitalismo expansivo (Ibidem, p. 130).

Ainda com menção a Martínez Estrada, na segunda crônica “Contrastes argentinos”, de 06/01/1945, JLR trata do progresso contrastante das cidades argentinas e “para o ensaísta argentino a grandeza e a decadência de um povo se contam por outros dados que não são os da expansão mecânica da riqueza”. Indica a “dependência de quase escravidão” de cidades menores como Corrientes, San Juan, Salta e Santa Fé em relação à capital do país. Nessa segunda crônica vê-se que José Lins capta o sentido da obra Martínez Estrada como um todo – o autor também publica, dentre outros títulos, *La cabeza de Goliath* (1940), *Sarmiento* (1946), *Los invariantes históricos del Facundo* (1947), *Muerte y transfiguración de Martín Fierro* (1948) e *¿Qué es esto?* (1956) (OVIEDO, 2017, p. 121).

A crônica “O filho do imigrante”, de 09 de janeiro de 1945, trata da diferenciação entre o crioulo e o filho do imigrante como estabelecida por Martínez Estrada. Conclui que o entusiasmo viciado do filho do imigrante tem “energia de pólvora” e pode ser um “elemento de

destruição”, diferentemente do crioulo, “produto natural da terra”, que “aceita a realidade e que não precisa desfigurá-la e nem alterá-la para acreditar nela”.

A crônica “Os caminhos de ferro na Argentina”, de 10 de janeiro de 1945, também é leitura dos estudos de Estrada. Analisa o estabelecimento das vias férreas na Argentina, que garantiu lucros ao capital estrangeiro, por meio de interesses político-militares que não privilegiaram a necessidade social e econômica, e pode ser lida como uma crítica à implantação férrea que, nesse caso, também ocorrera do mesmo modo no Brasil.

“As duas línguas”, de 12 de janeiro de 1945, fala do ensaio de Estrada sobre o uso do castelhano na vida argentina, já que as “palavras que o conquistador trouxera com a sua ambição não correspondiam à realidade americana”. Nesse caso pode-se pensar que, ao falar do castelhano na Argentina, JLR também fala de outra realidade linguística americana: a língua portuguesa no Brasil, alegando inclusive que “antes de tudo um idioma não é o instrumento da lógica, mas da sensibilidade, e mais ainda da sensibilidade orgânica ou do subconsciente”.

No parágrafo de conclusão dessa crônica é que entendemos, por fim, o sentido de seu título: “As elites argentinas, como as brasileiras, fogem da língua do povo para o cultivo da língua de estufa. E daí o conflito entre a língua que se fala, que é poderosa e humana, e a língua que se escreve, que é rígida e pobre” – é dessa língua poderosa e humana que JLR se apropria tanto em seus romances, quanto em seus ensaios e crônicas.

“Os ventos no Pampa”, de 13 de janeiro de 1945, trata da solidão argentina, “pesada e triste”, originária do ventos dos pampas e abordada na obra de Estrada. Já “Os políticos na Argentina” fala do estudo de Estrada acerca dos homens públicos da Argentina, descrevendo passo a passo a carreira política:

O primeiro passo para a carreira de político é ter uma casa cômoda. A casa do político passa a ser uma casa pública, como uma sacristia. Vestíbulo e sala de espera têm alguma coisa de consultório. E assim vemos o político ligado ao comitê e aos amigos. E por isto a sua casa se transforma na casa de todos e o correligionário é como membro de sua família. Ele sabe que a sua missão é dar, servir ao eleitor, e, quando não lhe pedem nada, fica intranquilo como o médico diante de um paciente que aparenta perfeita saúde. Na sala onde ausculta, interroga e assiste o cliente, terá até que agir como um psicanalista, nas sondagens profundas da alma. E a clientela terá que lhe dar mais do que o voto, será uma espécie de prolongação da sua, nas informações que traz, nas revelações que faz.

O papel principal do político é fazer promessas; e falar do futuro com a segurança de profeta, e ter confiança em alguma coisa. No governo, ou fora do governo, terá sempre que transmitir fé. A importância das promessas varia de acordo com o seu poder. Porém, o verdadeiro político não é o que dá, mas aquele que troca favores. Quando atinge o mais alto se transforma em ídolo,

embora nele fique bem visível o que não pode dar. Enquanto ele dispõe da promessa como programa receituário, tudo vai bem.

O político se conserva no auge de seu prestígio, diz Estrada, desde que possa empregar frases ambíguas, abstratas, enquanto usa lugares-comuns e frases feitas, sem arriscar opiniões profundas. Mas, acima de tudo, deve transmitir a fé. E a fé se conserva pura quando o político demonstra que sabe de tudo um pouco, e quando tenha no coração anseios de bem servir ao povo.

E assim se formam os grandes homens, que, em certas circunstâncias, morrem pelas suas ideias e conduzem as massas a destinos certos.

(REGO, José Lins do. “Os políticos na Argentina”. In: *O Globo*, 15 jan. 1945).

“O tango argentino”, de 17 de janeiro de 1945, discorre acerca das raízes do tango na “formação moral da sociedade que se criou na solidão”, sendo o centro psicológico de tal fato a complexa tristeza argentina. No final do texto JLR tece a seguinte conclusão:

É que faltou aos nossos irmãos do Sul um pouco mais da influência africana que encheu a nossa música de ritmos de muito vigor plástico. E o que o homem da solidão inventou para expandir-se é a figuração coreográfica de uma mágoa profunda. Não é um baile que o arranque do sedentarismo doentio, é o tango sem força, bambo, lasso, sem alegria ginástica, todo feito como um enfado da alma (REGO, José Lins do. “O tango argentino”. In: *O Globo*, 17 jan. 1945).

“Os argentinos e a liberdade”, de 20 de abril de 1946, menciona o trabalho de Martínez Estrada e do filósofo e teólogo Vicente Fatone. No texto JLR resume o estudo das origens liberais da Argentina, realizado por Fatone, da seguinte maneira: “Vicente Fatone estuda as origens liberais da Argentina para concluir pela afirmativa de que o exercício permanente da liberdade é o que permite da realização de formas especiais de liberdade”. Na sequência dá-se uma análise geral das democracias sul-americanas:

Às democracias sul-americanas têm faltado sabedoria moral, embora lhes sobre sabedoria política. As ditaduras que nos esmagam, de quando em vez, são criações e frutos de uma moral vacilante. Existiu Rosas em virtude da fraqueza moral de seus contemporâneos. A nação não tivera força para reagir contra a doença, e para muitos a doença parecia a verdadeira saúde (REGO, José Lins do. “Os argentinos e a liberdade”. In: *O Globo*, 20 abr. 1946).

As duas crônicas intituladas “Atualidade do *Facundo*”, publicadas em 19 de agosto de 1947 e 28 de setembro de 1955, são quase idênticas, só há mudança no primeiro período das crônicas: “Facundo continua tão vivo quantos nos dias de Sarmiento” e “Os fatos da Argentina

nos convencem de que Facundo continua tão vivo quanto nos dias de Sarmiento”, respectivamente. A repetição da crônica com o intervalo de oito anos pode ser pensada como uma questão editorial, já que em 1955 o cronista já passava por problemas de saúde. Outra possibilidade seria pensar a repetição como maneira de reafirmar a atualidade da obra de Sarmiento no contexto peronista.

“O Sarmiento de Martínez Estrada”, de 18 de setembro de 1947, comenta a passagem de Estrada pela cidade do Rio de Janeiro e analisa brevemente suas obras *Radiografía de la pampa* (1933) e *Sarmiento* (1946). Nela o cronista declara que, na sua opinião, o sociólogo argentino ocupa na sociologia do Prata o mesmo lugar de destaque que Gilberto Freyre na sociologia brasileira, e acrescenta que “as suas descobertas, em relação ao povo do Sul, são verdadeiros achados de interpretação sociológica, ao mesmo tempo que páginas da melhor literatura”.

JLR aponta *Radiografía de la pampa* como “um roteiro que vai dar no íntimo da alma de sua gente” e que, como a chapa do radiologista, entrega “a criatura na sua forma exata”, “o corpo inteiro do paciente, com o diagnóstico elaborado, como uma obra de arte”. Sobre o livro *Sarmiento*, JLR escreve:

O homem Sarmiento é, para Estrada, o campo para o estudo de um tipo humano que aliou em sua obra e em sua vida as mais curiosas contradições. E nos mostra um Sarmiento a falar contra o feudalismo, mas a tolerar os feudais, um Sarmiento com medo do diabo, anacrônico no seu humanitarismo, um homem do século XVIII, mas, por outro lado, arraigando a sua estabilidade no poder através de concessões ao regime ditatorial (REGO, José Lins do. “O Sarmiento de Martínez Estrada”. In: *O Globo*, 18 set. 1947).

Ao observar as ideias desenvolvidas por Ricardo Piglia a respeito de Sarmiento, presentes no prólogo da edição brasileira de *Facundo*, intitulado “Sarmiento, escritor” (2010), é possível crer que JLR, ao mencionar a figura do argentino diversas vezes em suas crônicas, parece se identificar com a figura de Sarmiento. Este se utilizou da literatura como meio à autonomia das ideias, acreditando na “importância e no poder social da palavra escrita”, sendo ele parte da vontade de fundar em seu país uma literatura nacional” que, ainda de acordo com Piglia, “é uma força autonomizadora”, que “tende a dissociar o poder político de outro poder, que o transcende, o da ‘inteligência’”, definindo-se assim “a função específica da escrita”, na tentativa de “criar uma literatura emancipada” levando em conta que “a autonomia se define como uma relação com literaturas estrangeiras”. A literatura argentina se constitui na “relação de diferença e aliança com outras práticas e outras línguas e outras tradições”. A escrita de

Sarmiento apresenta uma “dupla autonomia”, vinculada à “palavra política” e às “formas e os gêneros estrangeiros da ficção já autonomizada (em especial, o romance)” (PIGLIA, 2010, p. 12, 14-15, 17).

A vida de engenho de JLR, tema presente nos seus mais conhecidos romances, parece assim como *Facundo* ilustrar “o choque entre o homem refinado e os bárbaros incultos” (Ibidem, p. 20), com base em elementos que remetem inclusive à autobiografia. Piglia assim descreve as formas de civilização e barbárie na obra de Sarmiento:

A forma da civilização e a forma da barbárie são representadas de modo distinto. Ao sistema de citações, referências culturais, traduções, epígrafes, marcas da leitura estrangeira que sustentam a palavra da civilização, opõem-se as fontes orais, os testemunhos e os relatos, os rastros da experiência vivida que reproduzem a fazem falar o mundo da barbárie [...].

São duas formas da verdade, dois sistemas de comprovação que reproduzem a estrutura do livro e duplica sua temática. A tensão entre o escrito e o oral, entre a cultura e a experiência, entre ler e ouvir reproduz uma diferença básica [...] (Ibidem, p. 23).

Em consulta ao Fundo Newton Freitas no IEB-USP, pude localizar cartas do editor brasileiro, de duradoura residência e atuação na Argentina. Em sua correspondência passiva consta, por exemplo, carta de Edgard Cavalheiro, editor da gaúcha Livraria do Globo, na filial da cidade de São Paulo. A carta a seguir, de Edgard Cavalheiro a Newton Freitas, de 22 de agosto de 1947 indica que Martínez Estrada esteve também na cidade de São Paulo na viagem de 1947, e que Lúcia Besouchet publicou artigo sobre Eduardo Mallea:

Meu caro Newton:

Recebi tua carta de 24 de julho, o telegrama de 14 de agosto e a carta de 10, também de agosto. Respondo tudo de uma vez só. Em primeiro lugar, o nosso Martínez Estrada. Imagine só o que aconteceu: você passou o telegrama a 14; pois bem, dia 15 foi feriado local (Corpus Christi), o prédio ficou fechado, o telegrama só foi recebido dia 16 de manhã, mesmo dia que chegou a carta. Não pude, portanto, ir esperar o Martínez. Procurei então avistar-me com ele, e botei a secretária a telefonar para todos os hotéis da cidade. Em nenhum foi encontrado. Era sábado, o consulado argentino não estava aberto. Na segunda procurei no Consulado, nada sabiam. Somente hoje, dia 22, soube que ele está hospedado numa casa particular, na Avenida Paulista, dizem que casa de um turco muito rico. Inabordável portanto. E mesmo porque não sei ao certo a casa, nem quem é o turco rico. Todos na Avenida Paulista são ricos... e turcos. Ele não apareceu no *Estado*, nem na *Globo*. Que homem difícil, seu Newton! Doutra vez mande-me gente que se possa levar para comer umas pizzas no Brás. Recebi o artigo da Lidia, sobre o Mallea, que li e gostei. Mande para *Província*.

[...] Diga a Lúdia que só agora vou ler os dois livros dela, pois em chegando a esta Capital encontrei mil e uma tarefas a realizar, inclusive conferências no interior. Estou chegando hoje de Taubaté e na semana entrante irei a Bauru. Há por aqui um D.E.I. (Departamento Estadual de Informações, ex-Dip) que contrata a gente para cursos de literatura no interior, e quem volta de viagem, volta na quebradeira, como deves saber melhor do que este vosso amigo. Ando falando por aí sobre o Romantismo. Coisa fácil, e de muito efeito. Estou com uma crônica engatilhada sobre o “casal”, e espero escrevê-la pra semana. Mandar-te-ei recortes, está claro.

Vá mandando ordens, seu Newton. Não leve a sério o *García Lorca* que é simples divulgação, e das mais baratas que conheço. O *Varela* vale uma espiada, porque é pesquisa no duro, e das mais honestas.

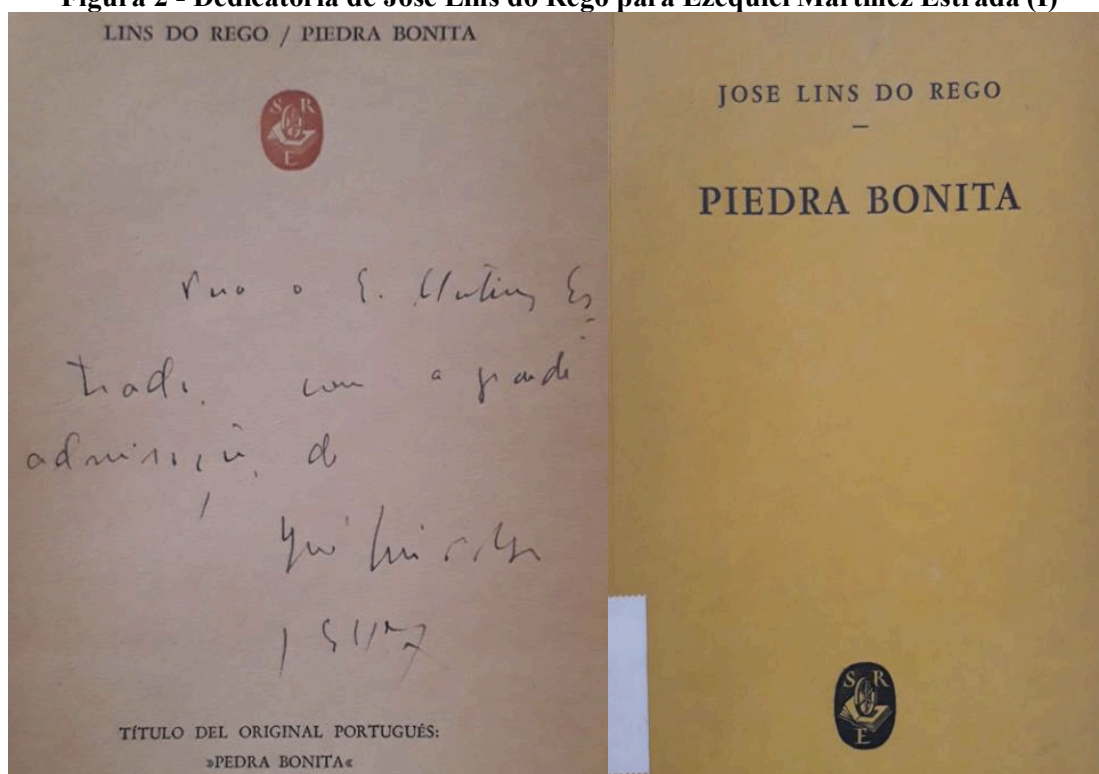
Grandes abraços na Lúdia, e você disponha sempre do muito amigo
Edgard Cavalheiro

(Carta de Edgard Cavalheiro a Newton Freitas, 22 ago. 1947. Arquivo IEB-USP, Fundo Newton Freitas).

Com base nos exemplares de *Piedra Bonita* (Buenos Aires: Santiago Rueda, 1947) e de *Eurídice* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1947), conservados no acervo da Fundación Ezequiel Martínez Estrada¹⁷, é possível comprovar que os dois se reencontraram no Rio, em ocasião na qual JLR provavelmente os exemplares das suas obras traduzidas ao espanhol naquele ano e deu de presente ao argentino sua obra mais recente, autografada (Figuras 2 e 3):

¹⁷ Aqui vai o meu agradecimento à bibliotecária Marta Susana Ramírez da Fundación Ezequiel Martínez Estrada, localizada na cidade de Bahía Blanca e que conta com o acervo do intelectual. Os itens aqui reproduzidos foram fornecidos pela fundação através de consulta via e-mail (Cf. “Fundación Ezequiel Martínez Estrada”. Disponível em: <https://www.fundacionmartinezestrada.org/>. Acesso em: 07 maio 2020).

Figura 2 - Dedicatória de José Lins do Rego para Ezequiel Martínez Estrada (I)

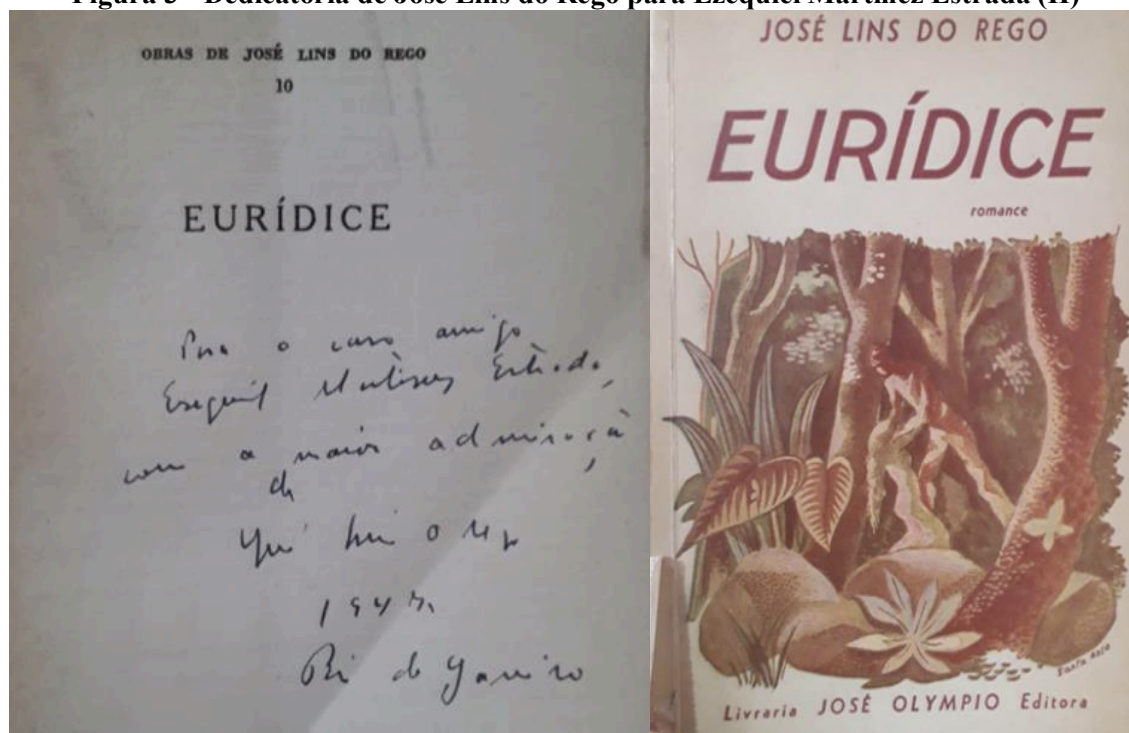


REGO, José Lins do. *Piedra Bonita*. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1947.

Fonte: Fundación Martínez Estrada.

Fotobibliografia: "Para o E. Martínez Es-// trada, com a grande // admiração de // José Lins do Rego // 1947".

Figura 3 - Dedicatória de José Lins do Rego para Ezequiel Martínez Estrada (II)



REGO, José Lins do. *Eurídice*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

Fonte: Fundación Martínez Estrada.

Fotobibliografia: “Para o caro amigo // Ezequiel Martínez Estrada, // com a maior admiração // de // José Lins do Rego // 1947 // Rio de Janeiro”.

As duas crônicas a respeito do líder argentino Rodolfo Ghioldi – “Ghioldi” e “O discurso de Ghioldi” – foram publicadas com sete dias de intervalo, entre 23 e 30 de maio 1945, respectivamente. Na primeira delas, JLR introduz o intelectual comunista, primeiramente, como companheiro de prisão de seu amigo Graciliano Ramos, tendo sido preso no Brasil por delito de opinião e analisa a sua trajetória, apresentando-o ao leitor d’ *O Globo* aquele que já estava ou estava por chegar em terras cariocas e que é um dos personagens de *Memórias do cárcere*¹⁸.

A segunda crônica trata do discurso proferido na ABI (Associação Brasileira de Imprensa) pelo argentino exilado em Montevideu a respeito da integração política ibero-americana e a chamada “Hispanidad” como um dos efeitos da Falange de Franco, a fim de “corromper a força nativa de povos que caminham diretamente para uma completa libertação”, e que para os seus adeptos o que conta é a “europeização sistemática da cultura”. No caso Ghioldi fica evidente que Argentina, Uruguai e América aparecem como temas entrelaçados, já que o tema da política é tratado por um argentino, em um discurso proferido no Brasil e

¹⁸ Cf. Verbete biográfico “GHIOLDI, Rodolfo”.

lembrando que JLR o conhece em sua residência em Montevideo, cidade onde passou a viver depois de ser exilado.

O contato de José Lins com o mercado editorial argentino, ocorrido também em sua viagem, o fez problematizar a situação do Brasil, além de ter ocasionado a tradução de alguns de seus romances ao espanhol, por editoras do país vizinho. Em longa entrevista concedida a *Diretrizes* e publicada a 18 de novembro de 1943, intitulada “SARMIENTO NÃO PREGOU NO DESERTO”, José Lins do Rego fala de sua viagem ao Uruguai e à Argentina” (Figura 4), JLR informa que encontrou durante as duas semanas que esteve na Argentina “homens de letras de primeira ordem”. Esteve na sequência no Uruguai, também por duas semanas, dos quais cita Eduardo Mallea e Jorge Luis Borges. Em recepção oferecida na casa da intelectual argentina María Rosa Oliver, diz o cronista ter conhecido os argentinos Victoria Ocampo e Carybé. Além disso, JLR conta também que o intelectual e tradutor brasileiro Newton Freitas foi quem o acompanhara à casa do casal espanhol ali exilado Rafael Alberti e Maria Tereza.

Figura 4 - Entrevista de José Lins do Rego a Diretrizes, 18 nov. 1943



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O artigo “Agasajo el Colegio Libre a tres destacados profesores brasileños”, publicado no jornal *La Nación* a 04 de novembro de 1943, comenta em detalhes a festa de confraternização ocorrida no Castelar de Buenos Aires, oferecida pelo Colegio aos convidados brasileiros. Traz o conteúdo dos discursos ali proferidos por Luis Reissig, secretário geral do Colegio, e JLR. Os trechos do discurso de José Lins do Rego aqui recuperados mostram o caráter político e combativo de suas ideias no contexto da política argentina que, naquele momento, atravessava uma das mais melancólicas etapas políticas” e do cenário do nazifascismo, a perpassar todo o período da Segunda Guerra Mundial:

Nos dijo Luis Reissig que las noches ya no están hechas para el sueño, sino para la vigilia. Ya no podemos detenernos en el reposo, en las horas de tranquilidad, porque tenemos que luchar, tenemos que cuidar los restos de vida que nos quedan. Estamos en una reunión de hombres de letras, de hermanos, y yo os quiero hablar sin medias palabras, sin miedo. Nosotros, los hombres dueños de la palabra, hemos tenido miedo de todo, hasta de nuestras propias sombras. Hemos tenido miedo a Dios y al hombre. Miedo de hablar, miedo de

la palabra, que es nuestro instrumento, y mucho más miedo aun de los fantasmas que nos dominaron.

¿Por qué esta cobardía, este huir de las batallas, este retraerse a los estudios y laboratorios, a las teorías y a los formulismos, cuando el mundo más necesitaba de nuestra presencia, de nuestro estar con las ideas, con los hechos? No hemos tenido coraje de las palabras: hemos quedado como esclavos de la palabra. En vez de artistas, en vez de vivir de acuerdo con las inspiraciones de nuestra vocación, nos hemos transformado en espectadores de nuestros propios poemas, de nuestros propios dramas. Éramos aduladores de la gloria, en un mundo que carecía de nuestra acción, un mundo que se dejó vencer y dominar por los verdugos, monstruos que gritaban en nombre de Dios, en nombre de la patria, en nombre de la familia. Inventaron entonces la torre de marfil para el refugio de nuestra vergüenza. Torre de marfil, porque no teníamos coraje para enfrentar las cárceles, las mazmorras en donde Cervantes escribió el *Quijote*. Torre de marfil porque deseábamos un lugar donde escondernos de la vida. La literatura no era más que un “acomodo”, no era más la mayor dignidad del hombre, era sólo su sumisión a la fuerza desencadenada.

Y todo esto dio lo que debía dar. Y por nuestra culpa. Y por el crimen de todos nosotros. Existe Hitler porque hemos permitido que existiese. Hemos cedido tanto de nuestra misión, de nuestro poder, de la importancia que la palabra sería tomada de nuestro dominio para el servicio degradante de las tiranías. El fascismo acaparó la palabra e hizo de la palabra el flagelo del mundo. Han creado un nacionalismo que es una paranoia, delirio de grandeza, una patria que es un presidio, un Dios que es un castigo. La palabra, germen de la sabiduría, quedó solamente como el veneno de los demagogos.

El orador terminó diciendo:

Nosotros, los escritores, habíamos perdido el uso de la palabra, y vosotros, amigos míos del Colegio Libre de Estudios Superiores, habéis creado en la Argentina una tribuna para redimir aquello con que Dios empezara la creación. Nosotros, los de Brasil, os agradecemos la oportunidad que nos habéis dado de hablar en la tierra de Sarmiento sin degradar nuestra misión de escritores. Sois un refugio de [trecho ilegible] [...] Queréis rehabilitar al hombre de letras, al hombre de ciencia. Sois el anverso de la torre de marfil, sois el taller, un campo de batalla. Nosotros, los del Brasil, hemos tenido también nuestras torres de marfil, nuestros ausentes de los dolores del mundo. Como si las bombas respetasen a las torres inviolables. Estamos aquí hoy en una reunión de fraterna mesa. Es aquí, en esta hora, en este local de fiesta que os convoco, escritores de la Argentina, artistas, hombres de ciencia, para un compromiso que yo siento que es sagrado: os convoco para la lucha por la libertad de pensar en el mundo entero.

Señores: Vamos a salvar la palabra.

Una prolongada ovación subrayó las palabras finales del destacado novelista y crítico brasileño.

(“AGASAJO EL COLEGIO LIBRE A TRES DESTACADOS PROFESORES BRASILEÑOS”. In: *La Nación*, 04 nov. 1943).

JLR, na crônica “As universidades argentinas”, publicada a 15 de março de 1945, comenta a triste notícia que recebera de Buenos Aires por um amigo, com a lista de professores universitários argentinos demitidos pelo governo peronista. Tanto em seu discurso apresentado acima quanto em sua entrevista para *Diretrizes*, JLR já destacara o quão maravilhado estivera com a alta qualidade do ambiente universitário argentino, com o qual esteve em contato na sua viagem e 1943. O autor lamenta a demissão dos “maiores homens da literatura, da medicina, da ciência pura, das artes, da filosofia” do país platino, e compara a perseguição aos mestres com aquela realizada pelo nazismo na Alemanha: “Como bom discípulo, Perón voltou-se contra a Universidade, para estrangulá-la”.

Dentre os intelectuais que conhecera, JLR faz menção a uma visita que realizou a Bernardo Houssay (1887-1971), fisiologista argentino, então residente em Montevideu no ano de 1943, junto a Walter Oswaldo Cruz, um de seus companheiros naquela viagem e discípulo do exilado: “fui, em companhia de colega, à procura do professor Bernardo Houssay, fisiologista de renome mundial, já naquele tempo demitido de sua cátedra porque se manifestara ela rotura de relações de seu país com a Alemanha”.

Numa casa modesta vivia “o maior nome da fisiologia sul-americana, sereno, com os seus instrumentos de laboratório espalhados pela sala de estudo, sem uma palavra de ira. Apenas o mestre Houssay nos disse: ‘Meus amigos, isto é o começo’” (REGO, José Lins do. “As universidades argentinas”. In: *O Globo*, 15 mar. 1945). Na ocasião Houssay era um dos intelectuais que havia assinado um manifesto que pedia que a Argentina rompesse relações com a Alemanha.

Em “Houssay”, de 27 de outubro de 1947, JLR retoma a visita que fez ao fisiologista, um homem com “os olhos de homem pacificado, a fisionomia tranquila e um sorriso bom”, e acrescenta que à visita também foi com eles Nelson Romero, o outro integrante da comitiva brasileira. Além dos assuntos científicos que predominaram na visita, o paraibano relembra a seguinte fala do fisiologista, que foi contemplado com o Prêmio Nobel de Medicina em 1947: “Têm esta fúria contra a ciência, quando a ciência não lhe é uma escrava, os nazistas de todo o mundo – nos disse o mestre sereno, acima de qualquer ressentimento. Eu, porém, ponho a minha ciência acima de todas as raivas. E trabalho, e hei de trabalhar”.

Sobre as relações editoriais estabelecidas durante a viagem, o crítico e escritor espanhol Guillermo de Torre e o editor espanhol Gonzalo Losada, a quem JLR se refere como “um homem assim como o nosso José Olympio” fizeram parte da lista de intelectuais que conheceu pessoalmente. Os espanhóis Guillermo de Torre (1900-1971) e Gonzalo Losada (1894-1981) e o italiano Atilio Rossi (1909-1994) fundaram em Buenos Aires, em 1938, a Editorial Losada,

que viria a publicar a tradução castelhana de *Banguê*. Participaram também da equipe da editora o dominicano Pedro Henríquez Ureña (1884-1946) e os espanhóis Amado Alonso (1896-1952), Francisco Romero (1891-1962) e Luis Jiménez de Asúa (1889-1970). O grupo editorial tinha como principais objetivos a divulgação da literatura em língua espanhola e a resistência ao Franquismo, tendo seus fundadores, espanhóis, se exilado no país platino.

Vale aqui lembrar que a Argentina recebeu milhares de espanhóis nesse período e que editora publicou traduções de obras clássicas de autores como Thomas Mann, Luigi Pirandello, André Gide, François Mauriac, William Faulkner, Jorge Seferis, entre outros. Da América Latina publicou diversas obras dos principais escritores do século XX, dentre os quais: os chilenos Gabriela Mistral e Pablo Neruda; os argentinos Adolfo Bioy Casares, Norah Lange, Jorge Luis Borges, Oliverio Girondo Roberto Arlt, Ricardo Güiraldes; o uruguaio Horácio Quiroga; o peruano José María Argueda; o cubano Alejo Carpentier e os brasileiros Jorge Amado e José Lins do Rego, esses dois últimos vertidos ao espanhol (Cf. *Editorial Losada – una historia*). Nesse sentido, na crônica “O livro na Argentina”, de 23 de janeiro de 1946, informa JLR:

Acabo de receber do editor Losada o meu romance *Banguê*, em magnífica tradução castelhana. A edição é bonita, em papel durável e toda a composição, me parece, limpa. E assim o autor ficou radiante, e muito grato ao tradutor Navarro e muito satisfeito com o seu editor Losada. Até aí nada demais. Mas é que este livro brasileiro, tão bem tratado em Buenos Aires, me leva a refletir sobre o progresso que atingiu a produção editorial argentina. A indústria do livro por lá tomou um impulso estupendo.

[...] Entre nós, uma de nossa desgraça vem justamente de uma indústria de papel que se transformou em verdadeiro ogre de nossos livros. [O argentino Ricardo] Rojas reclama fábricas de papel, e nós padecemos de fábricas de papel. E acredito que a indústria do papel, com todas as suas proteções, seja a maior responsável pela miséria do nosso livro

(REGO, José Lins do. “O livro na Argentina”. In: *O Globo*, 23 jan. 1946).

Os altos preços do papel e a crise do mercado editorial brasileiro reaparecem como tema da crônica “O livro barato e o livro caro”, publicada a 28 de janeiro do mesmo ano. JLR segue com a denúncia:

Não faz muito tempo que, aqui mesmo, d’*O Globo*, eu atacava os problemas do livro caro e do livro barato, para ferir um dos graves problemas do nosso mercado editorial. E chamava a atenção dos poderes públicos para o fator preponderante da crise, que me parecia se fixar no preço excessivo e na qualidade péssima do papel fabricado no Brasil.

Agora mesmo, em Vitória, alguns rapazes que me procuraram para conversar sobre literatura me pediram, em tom de mágoa, que, junto aos editores, eu levasse as suas reclamações. Diziam-me eles que não aguentavam os preços dos livros. Falei-lhes, então, do caso de uma editora de Porto Alegre, velha casa de livreiros e de impressores, que lançara ao mercado, com os mesmos intuitos de produtores ingleses e americanos, uma coleção que chamaram “Tucano”, para, a preços reduzidos, divulgar obras de estrangeiros e brasileiros. E o que aconteceu a esta iniciativa? Teve o sucesso esperado? Não. Porque os livreiros, habituados aos livros caros, não se importaram com as obras de poucos cruzeiros, que lhes encheriam prateleiras sem o lucro alto de outros livros caros.

[...] eu convocaria homem de letras, mercadores de livros e editores para uma mesa redonda, onde tudo fosse debatido, onde tudo fosse dito. Pelo menos assim poderíamos chegar a conclusões que esclarecessem os rapazes de todo o Brasil, como aqueles de Vitória, que não leem e não estudam porque os livros estão pela hora da morte. Eu continuo a responsabilizar os magnatas do papel. Mas há outros responsáveis.

E não estão inocentes os donos de tipografias, que se transformaram em bons fregueses dos lucros extraordinários (REGO, José Lins do. “O livro barato e o livro caro”. In: *O Globo*, 28 jan. 1946).

Nesse sentido, no Fundo Newton Freitas foi possível localizar carta enviada a ele por Zelio Valverde, livreiro-editor carioca, de 23 de janeiro de 1942, na qual informa:

PAPEL BRASILEIRO: Lamento sinceramente ter que informar a você que a produção de papel para livros no Brasil é insuficiente para consumo interno porque não se pode nem pensar na possibilidade da exportação do mesmo.

S/ DIÁRIO DE VIAGEM: Lamento ter que informar a você que em virtude do preço elevado do papel atualmente paralisei provisoriamente as minhas edições, motivo pelo qual não me posso proporcionar o prazer de publicar esse seu livro. Entretanto, como segundo você me diz se trata de um livro pequeno, se convier a você eu poderei publicá-lo aqui por sua conta, visto que com a importância que tenho que pagar a você dos exemplares do Mauá eu poderia fazer esta impressão.

Se esta fórmula interessar a você mande-me os originais para que eu possa fazer o orçamento e remetê-lo a você

(Carta de Zelio Valverde a Newton Freitas, 23 jan. 1942. Arquivo IEB-USP, Fundo Newton Freitas).

Nesse sentido, o historiador Rodrigo Refúlia aponta que Jorge Amado deteve-se em entrevista concedida à *Vamos Ler!* e publicada a 15 de junho de 1939 sob o título “Com Jorge Amado em Vila Isabel”, na discussão em torno da falta de profissionalização do escritor brasileiro causada pelos fatores a seguir: “pequeno número de leitores; relação entre o preço do livro e a escassez de papel; falta de uma política pública que gerenciasse de maneira adequada

a cobrança de impostos; relação escritor-escritor; e, por fim do problema dos livreiros”, sendo a apresentação gráfica a nossa única vantagem em relação às edições argentinas e chilenas: “qualquer das bonitas edições brasileiras faz sucesso na vitrine de uma livraria da Argentina e Chile”. Os livros no Chile e na Argentina, por exemplo, eram muito mais baratos que no Brasil “por conta da inexistência do problema do valor do papel” que também aparece na análise zeliniana em torno do livro brasileiro (REFULIA, 2019, p. 4-5).

A crônica “Uma exposição de pintura”, de 02 de maio 1949, trata da primeira exposição de arte ocorrida no edifício da companhia de seguros Sul América, na cidade do Rio. Nela JLR compara o apreço dos argentinos pelos mestres da pintura com o dos brasileiros, a partir da tal exposição de pintura. Nessa mesma época ocorriam as primeiras iniciativas brasileiras de peso em relação ao mundo das artes: além da exposição da Sul América, em 1948 ocorrera em São Paulo a inauguração do Museu de Arte Moderna e o Banco do Rio cedera salas para um centro de cultura artística, enquanto na Argentina:

em mais constante contato com a Europa, se havia dado aos ricos de lá mais íntimo trato com as obras-primas. Basta uma visita ao Jockey Club de Buenos Aires para uma verificação do apreço dos homens do Prata pelos mestres da pintura. Uma cidade como Rosario recebeu de um plantador de trigo uma coleção de telas onde havia desde Tintoreto a Goya. Os ricos brasileiros, porém, com mínimas exceções, caprichavam noutros requintes mais fáceis. Puxava muito pela cabeça o falar de pintores, de escultores, de quadros, de estátuas. Mas, para registrar-se um progresso que nos alegra, estão aí iniciativas de ricos ligadas às artes
(REGO, José Lins do. “Uma exposição de pintura”. In: O Globo, 02 maio 1949).

Vê-se que o cronista exaltou nesses textos sobre a Argentina a qualidade da produção editorial, literária e do posicionamento político atuante de seus intelectuais, em uma via que pode ser entendida como uso da alteridade por parte do autor para se referir ao Brasil e aos problemas daquele tempo. Este capítulo procurou reconstruir a ocasião que levou JLR a viajar para a Argentina e recuperou o contexto de sua viagem, as conferências literárias por ele ali proferidas, as redes de sociabilidade que reativou e as outras que estabeleceu. Evidencia-se a importância dessa primeira saída ao exterior do Brasil, em 1943, na carreira do escritor e concomitante aos louros da publicação de *Fogo morto* (1943) e à sua intensa produção cronística que se inicia na década de 1940 nos principais periódicos cariocas. Com a ida aos países platinos, JLR passou a explorar outros continentes, como já dito anteriormente, em viagens diplomáticas, esportivas e turísticas, ao percorrer África, América do Sul, Europa e Oriente Médio.

Além disso, sua relação com editores argentinos fez com quem as traduções ao espanhol dessem início à divulgação de sua obra em outros idiomas: Gustavo Sorá, no livro *Traducir el Brasil – una antropología de la circulación internacional de ideas* (2003, p. 46) estuda a conjuntura da publicação de autores brasileiros pelo mundo, tratando sobretudo dos casos argentino e alemão das publicações. O levantamento que Sorá faz das cidades e quantidade de títulos de autores brasileiros traduzidos no exterior até 1994 aponta que Paris é a cidade que mais publica, com 463 títulos, vindo em segundo lugar a cidade de Buenos Aires, com 412 títulos.

Por outro lado, o castelhano é o idioma no qual o maior número de títulos de autores brasileiros foi traduzido: 647, seguido por francês (473), inglês (252) e alemão (221) (Ibidem, p. 48). Esse dado sublinha a importância da Argentina no circuito de divulgação literária internacional de autores brasileiros, tendo sido o casal Newton Freitas & Lidia Besouchet, bem como o baiano Jorge Amado interlocutores fundamentais dessa relação literária Brasil-Argentina, inclusive no caso José Lins do Rego (Cf. Ibidem, Capítulo 5, “Tres exilios productivos”, p. 141-144; 147-152).

Nesse sentido, o *Jornal do Comércio* publica, a 26 de abril de 1947, uma nota intitulada “Um dos melhores livros de 1946, na Argentina”, na qual noticiam que a versão castelhana de *Menino de engenho* “editado em tradução espanhola pela Emecé, uma das principais editoras do Prata, foi considerado pela Câmara Argentina do Livro como um dos trinta melhores livros aparecidos neste país em 1946”.

Este capítulo procurou abordar a primeira viagem de José Lins do Rego ao exterior, quando tinha 42 anos, à Argentina. Nessa mesma viagem ele também visitou o Uruguai, país que fica para ser abordado por pesquisas futuras que tenham interesse nas viagens zelinianas.

Como vimos, JLR já tinha sua obra divulgada e conhecida, embora ainda não traduzida, no cenário argentino durante a década de 1930. As figuras de Jorge Amado e Newton Freitas aparecem como principais no estabelecimento das redes que permitiram o alcance de sua obra no Prata.

Na década de 1940, com a publicação da coletânea de ensaios de crítica literária *Gordos e magros* (Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942) e do romance que finda o ciclo da cana de açúcar *Fogo morto* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1943), o paraibano se consolida no cenário literário nacional e é escolhido para representar o “Brasil literário” na viagem ao país platino financiada pelo Itamaraty.

A escolha do tema das *Conferências no Prata*, proferidas no Colegio Libre de Estudios Superiores em novembro de 1943 e publicadas em livro em 1946, reforça a ideia de JLR como

representante ideal de literato brasileiro e também como um intelectual que interpreta e divulga seu país no exterior através de conferências. As crônicas publicadas n’*O Globo* sobre temas argentinos mostram sua habilidade crítica literária e por vezes também reforça as redes de sociabilidade ativadas após sua viagem, sobretudo nos casos de Ezequiel Martínez Estrada e Eduardo Mallea.

Capítulo 2 - Um imenso Portugal? Redes literárias e editoras transatlânticas

Vista a viagem e a série de crônicas a respeito da Argentina nos anos 1940, este segundo capítulo da tese analisa a variedade de temas presente nas crônicas a respeito de Portugal e dos intelectuais nascidos nesse país, que travaram relações com JLR. Serão recuperadas e analisadas duas fontes primárias de pesquisa: as crônicas zelinianas publicadas n’*O Globo* e em *O vulcão e a fonte* (1958), dedicadas a cidades portuguesas e intelectuais do país (Anexo I), bem como as dedicatórias de livros de intelectuais portugueses conservados no Museu José Lins do Rego, em João Pessoa (PB) (Anexo J).

O propósito é reestabelecer a rede de sociabilidade constituída pelo autor antes, durante e depois de suas viagens ao país ibérico em 1951, que fora governado pelo regime ditatorial de António de Oliveira Salazar entre os anos de 1933 e 1974. O salazarismo foi marcado pelo corporativismo, pela perseguição aos opositores, pela concentração de poder, pela censura, pelo combate ao Comunismo e pela defesa do nacionalismo e do colonialismo – esse governo ficou conhecido como o Estado Novo português.

Convém notar que Gilberto Freyre também viaja ao país nesse ano e serve de base ao seu livro *Aventura e rotina* (MIRANDA, 2002), mas ele não se encontra com JLR nessa ocasião. Um ano depois, em 1952, a visita do romancista paraibano limitou-se à região de Lisboa. Em 1954, nova ida a Portugal, ano em que também passou por Grã-Bretanha, Alemanha, Suíça, Portugal, Itália e Finlândia. Em 1956, mais uma estadia no país europeu, quando também passou pela Grécia, em visita à sua filha Maria Christina. Também será analisada a relação de JLR com Chianca de Garcia, cineasta e diretor teatral português, que viveu no Brasil e que dirigiu o filme *Pureza* (1940), baseado na obra homônima do paraibano, de 1937, e feito por encomenda do Estado Novo brasileiro.

A fim de recuperar o contexto da relação entre os dois países durante as décadas de 1940 e 1950, ative-me à leitura de textos historiográficos, que serão mencionados a seguir. A historiadora Lúcia Guimarães, no artigo “Nos subterrâneos das relações luso-brasileiras, dois estudos de caso: o sucesso da (re)inauguração da Sala do Brasil, na Universidade de Coimbra (1937) e o fracasso do Congresso Luso-Brasileiro de História (1940)” (2009), indica que:

Do ponto de vista brasileiro, os laços institucionais com Portugal só se fortaleceriam de fato com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, após o golpe de novembro de 1930. O chefe do Governo Provisório não compartilhava das críticas que desqualificavam o papel da colonização portuguesa. O caráter nacionalista que ele imprimiria à sua política de governo o levou a se acerrar, pouco a pouco, da velha metrópole, no seu entender, o berço das raízes étnicas e culturais da jovem nação americana (GUIMARÃES, 2009, p. 136).

A historiadora carioca ainda informa que o viés cultural foi o ponto inicial de aproximação, tendo sido os “tradicionais círculos literários” o grande motor. De acordo com a autora, a “prova disto é que em 30 de abril de 1931, a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa assinaram um Acordo Ortográfico com o propósito de preservar a unidade e promover a expansão da língua portuguesa” (Ibidem, p. 136), tendo sido o tratado de comércio firmado apenas dois anos depois, ou seja, em 1933. Em confluência com os interesses de Getúlio Vargas de “romper o isolamento intelectual do Brasil e alterar a sua reputação de país atrasado no contexto internacional” (Ibidem, p. 137), essa aproximação entre as duas nações é exemplar. José Lins do Rego é tido por um dos intelectuais ligados à máquina estatal e aos círculos literários desse processo na história cultural brasileira.

Lucia Guimarães ainda afirma que a (re)abertura da Sala do Brasil, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1937, era reflexo de um jogo de estratégias políticas: enquanto o governo Vargas lutava para “reverter o quadro de isolamento intelectual que o Brasil se encontrava”, para o governo Salazar, que tinha sua capacidade colonizadora contestada por outros países imperialistas, “o espaço dedicado à antiga colônia sul-americana também representava uma espécie de vitrine, através da qual se enxergavam testemunhos concretos da competência civilizadora do povo português” (Ibidem, p. 150). Ainda de acordo com Lucia Guimarães,

o Estado salazarista tencionava intensificar ainda mais sua política de relações culturais com a antiga colônia, tomando como base a existência de um *patrimônio comum, em que a história representava um dos principais esteios, ao lado do idioma e da literatura* (Ibidem, p. 154, grifo meu).

Assim, a atuação de JLR como literato, jornalista e agente cultural na cidade do Rio nesse período nos permite pensá-lo dentro dessa rede entre Brasil e Portugal. Nesse sentido, na crônica “Os portugueses e o senhor Gilberto Freyre” (28 jun. 1946), JLR conflui com os ideais de seu grande amigo Gilberto Freyre e exalta a sua ótima relação com o país-irmão, inclusive no tocante à sua interpretação de Brasil bem aceita no além-mar, com a afirmação de que:

A cultura luso-brasileira que se constituía nos trópicos teve a sua originalidade, venceu tremendos erros na colonização, mas, pelas suas constantes, e pela sua índole democrática, superou os seus vícios e chegou a esta realidade brasileira, que é, apesar de todas as nossas deficiências, um verdadeiro milagre (REGO, José Lins do. “Os portugueses e o senhor Gilberto Freyre”. In: *O Globo*, 28 jun. 1946).

Embora tenha ido pela primeira vez a Portugal apenas em 1951, JLR convivia com intelectuais portugueses que viviam ou visitavam a cidade do Rio e também recebia exemplares com dedicatórias autografadas de escritores lusitanos: das 54 obras portuguesas e sobre Portugal conservadas na Biblioteca de JLR na capital paraibana, levantadas e reunidas por esta pesquisa, 11 foram publicadas na década de 1930. É digno de nota lembrar que, após a Revolução de 1930, Gilberto Freyre, chefe de gabinete do governador Estácio Coimbra, em Recife, vivera seu exílio político em Portugal, após uma escala no Senegal. Depois da temporada na Europa, seguiu para os Estados Unidos, onde atuou como professor convidado em Stanford, sendo esses deslocamentos do pernambucano rendimentos de pesquisa para a produção de *Casa grande & senzala*, em 1933 (PEIXOTO, 2015, p. 179).

Sobre a política migratória brasileira, o historiador Fábio Koifman, em seu livro *Imigrante ideal – o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)* (2015, p. 79), sublinha que “a matriz étnica, cultural e religiosa dos brasileiros evocada por Vargas em seu discurso era a portuguesa e, portanto, europeia”. Assim, a política do Estado Novo “tratou de intervir impositivamente, buscando fazer as suas propostas de inserção nacional dos estrangeiros conforme seus projetos nacionalistas, que incluíam uma política migratória claramente seletiva e restricionista” (Ibidem, p. 84). O debate em torno da política migratória a partir da leitura de Koifman será retomado no Capítulo 3 desta tese.

No caso português, a justificativa para a manutenção da livre imigração de nacionais do país ibérico era baseada “invariavelmente, na já mencionada compatibilidade do ‘elemento português com a composição étnica brasileira, que constituía a ‘nossa matriz’, base da preservação da nacionalidade e da cultura” do Brasil (Ibidem, p. 88), ou seja, falantes da mesma língua, geralmente católicos e que tinham com o Brasil um laço cultural forte.

Assim, a livre entrada de portugueses estava relacionada a “um projeto nacional de preservação da própria cultura, da religião e dos valores brasileiros” (Ibidem, p. 1376). De todo modo, Portugal estava bem longe, naquele momento, de um exemplo de desenvolvimento econômico e tecnológico, de maneira que os imigrantes que aqui chegavam vinham, na maioria das vezes, em busca de condições melhores de vida (Ibidem, p. 91).

Koifman ainda indica que o Estado Novo brasileiro considerava que cidadãos lusos “não eram portadores de ‘ideias dissolventes’”, por serem provenientes da ditadura salazarista (Ibidem, p. 99) e que dentre “todos os grupos de imigrantes já chegados, os portugueses

aparentemente casavam-se mais com os ‘não-brancos’ aqui residentes”, apresentando então maior padrão de ‘fusibilidade’ (Ibidem, p. 101-102).

Rachel de Rezende Miranda, em sua dissertação de mestrado intitulada *Além-mar – Aventura e Rotina: o lugar do Brasil no mundo luso-tropical de Gilberto Freyre* (2002), analisa *Aventura e rotina* (1953), obra do sociólogo que sintetiza o amadurecimento do lusotropicalismo como conceito de mestiçagem freyriano. Entre as décadas de 1940 e 1960 o escritor pernambucano desenvolveu a ideia de que a singularidade brasileira era parte de um macrocosmo: o mundo lusotropical, compreendido por Portugal, suas colônias e ex-colônias.

Em *Aventura e rotina*, o objetivo de Freyre é demonstrar que, na mentalidade portuguesa, as ideias interpolares de aventura e rotina “nunca chegam a se anular, sendo inclusive *necessárias* para a sobrevivência uma da outra”. Naquele momento, a viagem à cidade de Lisboa serviu para o pernambucano como um laboratório “mais de *comprovação* do que de *constatação*” de que “a realidade social portuguesa nos anos 1950 apontava um declínio do estado de moderação”.

Tal declínio a fazia muito distante da Lisboa que ele conhecera em 1923, em decorrência do processo de europeização, ou seja, de assimilação de valores de “origem norte-europeia”, de fora da Península Ibérica (MIRANDA, 2002, p. 41, 44). Na leitura da socióloga Fernanda Arêas Peixoto, “o périplo africano” de Freyre “termina por adquirir caráter de imobilidade” e ilustra uma “viagem imóvel”, na qual “o ‘outro’ é englobado pelo ‘mesmo’”. Os países africanos visitados nos anos de 1950 colocam o viajante diante do que ele já conhece e vira antes” (PEIXOTO, 2015, p. 17-18). A antropóloga da USP também nos lembra que “a insistência de Gilberto Freyre nas motivações intelectuais de sua viagem tenta fazer as vezes de antídoto a apoios políticos e ideológicos indisfarçáveis”, isto é, do seu apoio ao governo salazarista (Ibidem, p. 18).

Podemos ver, portanto, similaridades muito estreitas entre a simpatia de Getúlio Vargas pela constante imigração portuguesa ao Brasil com os ideais presentes na obra de Freyre, sobretudo em relação à “modernização à portuguesa” que, ainda de acordo com Rachel Miranda, “não eliminaria (nunca totalmente) a presença da tradição, e seria uma combinação entre a cultura popular de forte ascendência oriental (ritos, danças, roupas e culinária) e a Europa (higienização, ordenação, roupas escuras e mais sofisticadas; sobriedade, em suma)” (Ibidem, p. 43).

Lisboa é, então, “o símbolo mais perfeito da indefinição lusitana”, “cidade ‘mãe das cidades brasileiras’: ao mesmo tempo que de uma ‘forma’ sólida, resistente”, “com um conteúdo plástico, adaptável a modernidades” (Ibidem, p. 45) e tal ambiguidade característica

dos portugueses “nunca seria anomalia; ao contrário, seria uma tendência natural que garantiria sua adaptabilidade e, conseqüentemente, a *sobrevivência* de um ‘espírito’ que os une” (Ibidem, p. 48).

No artigo “Portuguese writers and scientists exiled in Brazil: exclusion, cosmopolitanism and particularism (1945-1974)” (2013), Douglas Mansur da Silva explora as relações entre cosmopolitismo e particularismos em torno da temática do exílio nas trajetórias, obras e discursos de intelectuais e professores lusos que se exilaram no Brasil durante a vigência do Estado Novo salazarista. Dentre eles, pode-se mencionar os escritores Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vitor Ramos, bem como os cientistas Antonio Aniceto Monteiro, Antonio Brotas, Alfredo Pereira Gomes e José Morgado.

O regime político então vigente tinha o nacionalismo, os símbolos, os rituais e a narrativa centralizadora que agiam a favor da proteção do Estado contra a modernidade. Enquanto os cientistas matemáticos portugueses tinham em comum o fato de pertencerem ao grupo do Movimento Matemático, os escritores lusos traziam de semelhante o fato de participarem de iniciativas culturais e políticas com impacto social em seu país de origem. Quando exilados no Brasil, os intelectuais mencionados no estudo de Mansur se reúnem em atividades em torno do Instituto Isolados de Ensino Superior de São Paulo (que viria a ser a Universidade Estadual Paulista/Unesp), tendo Vitor Ramos atuado principalmente no campus de Assis, Jorge de Sena nos campus de Assis e de Araraquara e Adolfo Casais Monteiro em Araraquara, e também nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. A oposição ao regime era por eles expressamente declarada em publicações da revista *Portugal Democrático* (Ibidem, p. 281-282).

Mansur ainda aponta que, tanto os matemáticos quanto os escritores portugueses exilados, foram engajados na cultura e na política, participando de redes de sociabilidade transnacionais, sendo sua relação com escritores, especialmente brasileiros, resultado da colaboração proveniente de diversos projetos literários e artísticos que envolveram os dois países, ou seja, Portugal e Brasil (Ibidem, p. 283-284).

Essa colaboração mútua na oposição antissalazarista começa a ser desenhada em 1926, com a chegada do português João Sarmento Pimentel, que se estabeleceu na cidade de São Paulo entre os anos de 1930 e 1945, editando a *Revista Portuguesa* junto a Ricardo Severo, outra figura importante no intercâmbio modernista entre os dois países. Essa rede transnacional foi alimentada pela troca de correspondências, promoção de publicações e convites mútuos para participação em congressos e palestras etc. Nesse sentido, o jornal *Portugal Democrático* (1956-1976) reuniu a nata da intelectualidade portuguesa de esquerda estabelecida no Brasil,

tratou de temas como anistia policial, anticolonialismo, liberdade de expressão e assumiu seu papel cosmopolita (Ibidem, p. 284).

A narrativa do exílio faz com que esse tipo de personagem, o exilado português no caso, tome a decisão de partir de seu país de origem pelo fato de não encontrar condições de atuar na militância contra o Estado Novo salazarista, além da ausência de perspectivas profissionais, ligadas à liberdade de expressão, suporte, infraestrutura e investimentos institucionais em educação, ciência e cultura. Assim, ele se diferencia do imigrante que busca o novo país por outras razões que não as apontadas anteriormente. Assim, o exilado político acaba por sentir-se tratado como suspeito em ambos os lados do Atlântico (Ibidem, p. 289).

Por fim, Mansur indica que, na maioria dos casos, intelectuais por ele analisados o exílio não significara apenas a continuação dos projetos pessoais e coletivos impedidos de serem exercidos em Portugal, mas também uma maior conexão entre as atividades profissionais, políticas e de cidadania (Ibidem, p. 295). Tem como ponto em comum de engajamento o fato de serem portugueses que, mesmo distantes de sua terra natal, lutavam imbuídos da missão de afirmação da cultura e da ciência de seu povo.

Dentre esses intelectuais, Adolfo Casais Monteiro (1908-1972) aparece tanto nas crônicas como na biblioteca de JLR. Seja em seu país seja no Brasil, Monteiro atuou na consolidação da vida cultural portuguesa como poeta, ensaísta, crítico literário e crítico de arte. Mesmo antes de seu exílio brasileiro, já mostrava seu interesse pela cultura do país de destino e, a partir de seu estabelecimento no Brasil, começa a sua carreira como professor universitário na Faculdade de Filosofia e na Escola de Teatro, ambas da Universidade Federal da Bahia. Depois lecionou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, na *University of Wisconsin*, na *Vanderbilt University*.

Antes de ser exilado, Casais Monteiro fora proibido de lecionar e de publicar textos usando seu verdadeiro nome. Começou então a assinar com pseudônimos. Mesmo com essas restrições, Adolfo Casais deu sequência à sua carreira de crítico literário e poeta. As suas ideias se difundiram com base na geração de 1930 dos modernistas brasileiros. Sua relação com o intelectual brasileiro Ribeiro Couto já ocorria desde a década de 1930 e os dois publicaram em conjunto *Correspondência de família* (1933) (Ibidem, p. 281).

Manuel Ferreira, no livro *O discurso no percurso africano – contribuição para uma estética africana* (1989, p. 139), indica que o início do salazarismo, em 1933, ocasionou a proibição de leitura dos livros regionalistas brasileiros. O fato foi superado “furando o cerco”, de maneira que a literatura regional produzida no Brasil teve alcance tanto em Portugal como em Angola, Moçambique e especialmente em Cabo Verde, ex-colônias portuguesas em África.

Nesse sentido, o poeta e diplomata Ribeiro Couto (1898-1963) é figura fundamental no estabelecimento da literatura brasileira em Portugal e em Cabo Verde. Natural de Santos (SP), passou boa parte de sua vida na cidade do Rio de Janeiro, onde atuou como repórter e figurou entre literatos do porte de Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Coelho Neto, Ronald de Carvalho e Manuel Bandeira. Em 1929 é designado para a sua primeira função diplomática em Marselha, residindo na cidade francesa até 1931, ano em que é transferido para Paris, onde fica até 1932.

Entre 1932 e 1935 trabalhou na sede do Itamaraty, no Rio, e publicou diversos artigos no *Jornal do Brasil*, além de 5 livros. Em 1934 é eleito para a Academia Brasileira de Letras e promovido a segundo secretário na carreira diplomática, lotado em Haia, na Holanda. Em 1943 é transferido para a Embaixada de Lisboa, onde ficou até 1946, quando passa a viver em Genebra. Em 1947 é transferido para a Iugoslávia. Vive na cidade de Belgrado até se aposentar da carreira, em 1963 (“Ribeiro Couto – Biografia”).

Em julho de 2019, foi realizada consulta ao Fundo Ribeiro Couto, sob a guarda da Fundação Casa de Rui Barbosa. O interesse do poeta e diplomata pela divulgação da literatura brasileira é identificado em um projeto que consta em seu acervo, intitulado “Antologia de escritores brasileiros”, produzido em Paris no ano de 1931. A ideia era elaborar uma antologia a ser publicada na França, onde residia naquele momento. A sua relação com intelectuais portugueses, por sua vez, tem destaque pela quantidade de menção ao país em sua correspondência, bem como a presença de cartas de Maria Archer, Vitorino Nemésio, Camilo Castelo Branco, Jorge de Sena, José Henrique Totta, Abel Manta, Celso Pontes, José Osório de Oliveira, Ferreira de Castro, entre outros.

Foi possível então localizar a vasta correspondência e quantidade de documentos que Ribeiro Couto trocou com intelectuais portugueses desde o início da década de 1930, sendo Casais Monteiro e Antônio Nobre muito recorrentes no conjunto. Ribeiro Couto enviou ao primeiro deles obras de escritores brasileiros como Cecília Meireles, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado etc. que viriam a ser publicados e/ou analisados na revista portuguesa *Presença* (PERRONE-MOISÉS, 2003, p. 173). Em relação à produção intelectual de terceiros, figuram dois datiloscritos intitulados “A Europa restaurada” e “Poemas de Adolfo Casais Monteiro”. Contudo, sobre a sua relação com cabo-verdianos não há pistas no seu acervo.

Manuel Ferreira conta que:

Ribeiro Couto, que desfrutou em Portugal de uma corte de amigos e admiradores, em 1933 já havia publicado no Brasil um comentário sobre o

livro *Mornas-canções crioulas*, de Eugénio Tavares, com prefácio de José Osório de Oliveira, e a muitos títulos, já ditos e não ditos, ficou literária e afetivamente ligado ao Arquipélago, inclusive tendo travado correspondência com Manuel Lopes (FERREIRA, 1989, p. 167).

A segunda fase do modernismo brasileiro, na qual surge o chamado “regionalismo modernista”, tem início com a publicação de *A bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida, e nos anos seguintes viriam obras como *O país do carnaval* (1931) de Jorge Amado, *O Quinze* (1930) de Rachel de Queiroz, *Menino de engenho* (1932) de José Lins do Rego e *Caetés* (1933), de Graciliano Ramos. Esses autores nordestinos eram frequentemente lidos em Portugal pela geração que viria dar forma à literatura neorrealista portuguesa, em atividade entre os anos de 1939 e 1974. Trata-se de uma literatura engajada com as preocupações sociais, capaz de dar voz às camadas proletárias durante o salazarismo. Dois autores norte-americanos também foram catalisadores notáveis ao movimento neorrealista luso: John dos Passos, de família portuguesa, e John Steinbeck, o primeiro por trazer cenas cotidianas e o segundo por abordar os temas proletários.

Nesse sentido, Juarez Donizete Ambires, no artigo “O neorrealismo em Portugal: escritores, história e estética”, acrescenta que o Neorrealismo português foi também “expressão intensa de insatisfações políticas”, trazendo à tona “as lutas de classe, a dureza da sobrevivência no cotidiano português, a dissidência” (AMBIRES, 2013, p. 96).

Ambires categoriza as contribuições do romance social brasileiro ao neorrealismo português em três diferentes grupos: o primeiro grupo dos mundos em desaparecimento, do qual são membros José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e Amando Fontes. O segundo grupo pertence ao denso romance proletário, representado pela figura de Jorge Amado, tendo seus temas e estilo estruturado “os procedimentos de escrita da primeira geração neorrealista em Portugal”. Eram muito influentes as características de sua obra, como a narrativa em primeira pessoa, “a ordem direta dos termos, a frase curta, a simplificação vocabular”, com o intuito de “ser entendido, particularmente pelos menos letrados”, aproximando assim leitor e texto (Ibidem, p. 98).

O terceiro e último grupo é focado em Graciliano Ramos, o “mestre no uso do discurso indireto livre”, com “recursos narrativos mais sofisticados”, com “fusão de vozes”, pedindo assim leitores mais atentos. Além disso, “a tensão psicológica faz-se sentir na complexidade dos dramas humanos que perfazem os enredos” (Ibidem, p. 99). Dentre os autores vinculados ao Neorrealismo do país ibérico, esta pesquisa conseguiu recuperar algumas pistas da relação

de JLR com Vitorino Nemésio (1901-1978), Miguel Torga (1907-1995) e José Maria Ferreira de Castro (1898-1974).

Ao questionarmos se a cultura portuguesa tem um lugar estabelecido na obra romanesca de José Lins do Rego, é possível dizer que a arquitetura dos engenhos, as relações sociais e raciais, a culinária e os meios de produção muito tinham que ver com o “mundo que o português criou”. Olhar para um engenho da Paraíba talvez fosse identificar um pedaço de qualquer outra (ex-)colônia portuguesa ou até mesmo a “metrópole”, embrenhada nos conflitos culturais e na repressão do branco colonizador em relação ao negro, totalmente inserido nessa estrutura social, embora de uma maneira desumana e pouco valorizada.

Conquanto o lusotropicalismo já fosse ideia em desenvolvimento por parte de Gilberto Freyre desde *Casa grande & senzala* (1933), é em 1953 que o conceito é explicitamente mencionado e sintetizado, por meio do livro *Aventura e rotina – Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1953). Assim, é possível afirmar que alguns rastros de lusotropicalismo podem ser, então, identificados como ideal nesses romances do “ciclo da cana de açúcar” publicados entre os anos de 1932 e 1943 (*Menino de engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *Usina* e *Fogo morto*), sendo também a língua portuguesa um fator de aproximação entre o mundo luso, o mundo brasileiro e os mundos africanos também colonizados por eles.

É importante ressaltar que a discussão sobre o “mundo e modo peculiar” da expansão portuguesa “começou a desenvolver seu sentido mais intelectualizado muito antes das ideias de Freyre e se materializou na Exposição do Mundo Português, realizada em 1940, em Lisboa” (MIRANDA, 2002, p. 67). Ocorrida na zona de Belém, na capital lusa, é tida como uma das maiores exposições já realizadas naquele país. Em pleno contexto da Segunda Guerra Mundial, o objetivo principal do evento era estabelecer um espaço de divulgação da história do país e das colônias, da etnografia e da política salazarista. Foi visitada por cerca de 3 milhões de pessoas, em sua maioria portugueses.

A década de 1940 e a aproximação intelectual de José Lins do Rego com os portugueses antissalazaristas que viviam no Rio de Janeiro, bem como com aqueles que habitavam no além-mar, fizeram com que o paraibano pudesse observar o salazarismo a partir de diferentes perspectivas, se distanciando da “falsa imagem positiva” do regime do Estado Novo português que era geralmente difundida no Brasil através dos meios de comunicação daquele momento. Nesse sentido, Miguel Urbano Rodrigues, em “*Portugal Democrático – um jornal revolucionário*”, acentua que

a desinformação sobre a natureza do fascismo português era muito generalizada no Brasil, apesar de algumas tentativas dos antissalazaristas, como a que se realizou na década de 1940, logo após a queda da ditadura Vargas.

[...] Os grandes jornais de São Paulo e Rio de Janeiro apresentavam uma visão deformada da vida portuguesa. A maioria dos brasileiros sabia que em Portugal havia uma ditadura, mas desconhecia praticamente tudo sobre a repressão policial e a resistência do povo. Da trágica realidade existente nas colônias, citadas como províncias ultramarinas, não se falava praticamente. O poderoso lobby que promovia no Brasil a propaganda do regime – financiado por um punhado de ricos empresários que haviam recebido comendas – tinha conseguido impor a imagem de um Salazar paternalista cujo autoritarismo não poderia ser equiparado ao de Franco. Sustentava-se também que Salazar empreendera uma notável obra de recuperação econômica, modernizando o país
(RODRIGUES, 2003, p. 747-750).

Cinco anos depois, ainda de acordo com Rodrigues, em abril de 1945, ocorre a fundação do Comitê Antifascista liderado pelo matemático Antonio Aniceto Monteiro e pelo jornalista Roberto das Neves, com “uma imediata adesão de inúmeros trabalhadores”, além de “tentativas para o estabelecimento de uma ação comum com um grupo de exilados que residiam no Rio, constituído por Jaime Cortesão, Jaime Morais e Moura Pinto”.

Nessa linha de novas posturas diante do salazarismo, deu-se, em outubro de 1945, a publicação de um manifesto encabeçado por um grupo de intelectuais brasileiros, dentre os quais Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes e José Lins do Rego, “fundando a Sociedade Brasileira dos Amigos da Democracia Portuguesa (SBADP). A entidade denunciava o regime salazarista e exigia sua substituição imediata por um regime democrático (Ibidem, p. 748). Com a instauração do governo Dutra, em 1947, em outro ato governamental de perseguição ao movimento antissalazarista, ambas as instituições progressistas tiveram seus trabalhos encerrados (Ibidem, p. 749).

Antonio Candido, no prefácio à coletânea de textos intitulada *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas* (2003), organizada por Fernando Lemos e Rui Moreira Leite, fala a respeito da “missão portuguesa” no Brasil. De acordo com o crítico: “constituíram ao longo dos anos um agrupamento virtual de grande importância, que pesou mais do que se pensa em muitos setores: Jornalismo, Artes Plásticas; Política; Ensino universitário de Letras, História, Filosofia, Matemática”, contribuindo para o “adensamento de nossa cultura” (CANDIDO, 2003, p. 19-20).

Candido indica que a língua em comum ocasionou uma ponte facilitadora na comunicação e permitiu a entrada desses intelectuais portugueses “em setores praticamente fechados a estrangeiros de outras línguas, como o jornalismo”. Além da língua, o crítico literário e sociólogo enfatiza que as influências originárias em literatura, folclore, arquitetura, vida urbana e relações familiares fizeram com que os portugueses aqui se ajustassem de maneira especial em relação aos membros das missões francesas, italianas e alemãs, por exemplo (Ibidem, p. 20-21).

A presença da literatura portuguesa no Brasil é descrita por Antonio Candido como introdutora das representações “da natureza, das cidades, dos costumes, dos tipos humanos, da sensibilidade de Portugal” (Ibidem, p. 22). As traduções portuguesas de clássicos da literatura também são apontadas pelo autor como obras que codificaram o jeito luso de ver e interpretar o mundo, de maneira que ele e os intelectuais de sua geração estavam “mergulhados no universo português, até no que tange à tradução de textos importantes da literatura ocidental” (Ibidem, p. 28).

Enquanto Mansur (2013) concentra a análise do seu artigo mais nas décadas de 1950 e 1960, o prefácio de Antonio Candido está centrado na intensificação da chegada desses intelectuais “de carne e osso” durante a década de 1940 e traz “como coisa nova a convivência pessoal, não livresca” (Ibidem, p. 28).

Não por acaso, a 05 de maio de 1947, o cronista reclama da falta de domésticos, mecânicos, jardineiros, tintureiros e verdureiros de qualidade: “A cidade mais civilizada do Brasil perdeu a sua graça, muito porque lhe falta gente que saiba fazer as coisas”. A cidade é vista como desagradável e o campo segue abandonado, dentro do processo de exílio urbano, no qual “o trabalho que fugiu para os centros urbanos não encontra o paraíso com que sonhara e daí a sua exasperação”.

JLR menciona o debate em torno das relações entre portugueses e brasileiros. Estas previam facilitar os processos migratórios de portugueses aqui chegados, de maneira que “acabassem com esta história de se considerarem estrangeiros, porque entre gente de mesmo sangue, da mesma cultura, com as mesmas grandezas e misérias, não devia haver estes luxos de legislação”. O romancista se coloca a favor de “uma federação luso-brasileira, qualquer coisa que viesse para dar fim a passaportes e Alfândegas entre Portugal e Brasil”. Como bom torcedor do Flamengo, diz que não é vascaíno e que “viessem portugueses de todas as espécies, para o campo e para as hortas, para o duro das pedreiras, para os jardins, para os armazéns, para as fábricas, para tudo. Mas que viessem, de todos os gêneros, porque nos fazem uma falta enorme” (REGO, José Lins do. “Que venham os lusos”. In: *O Globo*, 05 maio 1947).

Em contrapartida, da literatura brasileira em Portugal, a escritora, tradutora, crítica literária e ativista feminista brasileira Lia Correia Dutra (1908-1989), assim como JLR vinculada à Editora José Olympio, pela qual publicou *Luz e sombra* (1931) e *Navio sem porto* (1943), foi figura importante no estabelecimento do nome do escritor paraibano no circuito literário português. Com base na pesquisa no portal português Revista de Ideias e Cultura¹⁹, logrou-se localizar textos de crítica literária publicados na revista portuguesa *Seara Nova*, dos quais da autoria de Lia Correia Dutra e sobre JLR foram publicados o caderno de estudos literários intitulado *O romance brasileiro e José Lins do Rego* (Lisboa: Seara Nova, 1938), bem como o artigo homônimo que saiu na edição de 06 de agosto de 1938 da mesma revista.

Nesse último, Lia declara que o “título bem brasileiro” que tem *Menino de engenho* chamara a sua atenção, e que estava até então “cansada de ler livros nacionais [portugueses]”, que “ignoravam completamente, como de propósito, os nossos problemas mais vitais”. A crítica descreve o primeiro romance zeliniano de maneira elogiosa, assinala que desde as suas primeiras páginas já notava a riqueza de “conteúdo humano”, escrita a partir de uma “língua fácil, correntia, saborosa” e que “estava ainda faltando à história da nossa literatura o anotador sensível que, como um termômetro, iria registrar a elevação de temperatura da massa insatisfeita” (DUTRA, Lia Correia. “O romance brasileiro e José Lins do Rego”. In: *Seara Nova*, 06 ago. 1938, p. 191).

Arremata então: “José Lins era finalmente o escritor da massa, para a massa. Deixou de lado as elites e foi um dos primeiros a compreender, no Brasil, que não era mais possível escrever apenas o romance da burguesia, porque as outras classes sociais reclamavam também o seu romancista” (Idem, ibidem), sendo a sua linguagem acessível – dotada de uma “facilidade de estilo a todos os alcances” (Ibidem, p. 192), a ocasionar assim uma rápida e ampla divulgação de sua obra – o fator a diferenciá-lo dos romances também regionalistas dos igualmente nordestinos José Américo de Almeida, autor de *A bagaceira*, e de Rachel de Queiroz, autora de *O Quinze*.

No decorrer do artigo, Lia Correia Dutra desenvolve comentários e análises de personagens e contextos das obras zelinianas publicadas até então (*Menino de engenho* – 1932; *Doidinho* – 1933; *Banguê* – 1934; *O moleque Ricardo* – 1935; *Histórias da velha Totônia* – 1936; *Usina* – 1936; *Pureza* – 1937 e *Pedra bonita* – 1938):

todo o desfilar impressionante dos tipos – uma humanidade cheirando ao suor do seu trabalho, de pés descalços picados dos espinhos bravos do mato,

¹⁹ Portal Revistas de Ideias e Cultura. Disponível em: <http://ric.slhi.pt/>. Acesso em: 19 ago. 2019.

meninos faminto roubando a cana das plantações ou pescando caranguejos no charco, operários sonhando com a liberdade, negros velhos macumbeiros dando a seus fiéis uma felicidade diferente e mais fácil, padeiros batendo a massa ao calor dos fornos e dos ideais de justiça social, exploradores da credulidade alheia, como aquela autêntica figura de Pestana, cangaceiros e beatos (Ibidem, p. 191)

Lia Correia Dutra confessa ainda em seu artigo que “o mais fecundo dessa jovem geração” de escritores, então “afastado dos ambientes que descreve”, viesse ter o seu lado romancista prejudicado. Para sua surpresa e satisfação observou que “José Lins, residente no Rio, separado desse Nordeste que evocou para nós, de tudo o que faz o sentido dos seus livros, continua a nos dar cada ano o seu romance”. Desta maneira, “por fidelidade de narrador era poder de criação” (Ibidem, p. 193). Embora aponte as personagens negras femininas de JLR como “negras fiéis”, “boas negras”, que “ainda não tinham aprendido a revolta e traziam da escravidão o gosto da humildade”, a viver com as suas crias e “satisfeitas de aproveitar as sobras da mesa farta dos brancos” (Ibidem, p. 193-194), Lia Correia Dutra declara: “creio que José Lins foi o primeiro a apresentar o negro no romance nacional bem mais como um representante de classe do que como um representante de raça” (Ibidem, p. 194-195).

Treze anos depois, quando JLR visita o país ibérico pela primeira vez, a mesma revista publica sobre a obra zeliniana textos críticos assinados por Flávio Ferreira. Este aponta que as obras do ciclo da cana enriqueceram “de uma maneira singular a literatura do seu país, e abriu uma larga perspectiva à compreensão crítica do europeu sobre essa maravilhosa e surpreendente realidade histórica que é o Brasil” (FERREIRA, Flávio. “O ciclo da cana de açúcar de José Lins do Rego”. In: *Seara Nova*, 18 ago. 1951, p. 575). Uma nota, sem autor identificado, publicada a 18 de agosto de 1951, traz a transcrição da homenagem feita por Miguel Torga a José Lins, também reproduzida (2001, p. 121):

De regresso de uma missão desportiva, como figura de honra de um clube atlético do Rio de Janeiro [o Flamengo], de visita a alguns países da Europa latina, passou entre nós alguns dias o escritor brasileiro José Lins do Rego.

Durante a sua estadia breve foram-lhe prestadas cordiais homenagens, como castiço representante, que é, da literatura brasileira

Em Lisboa, no Museu-Biblioteca de João de Deus, ofereceram-lhe alguns admiradores um afetuoso serão no decorrer do qual se fizeram ouvir alguns dos seus confrades portugueses e no fim, com extrema lhaneza, o próprio autor do *Menino de engenho*. Em Coimbra, num ambiente de meia comoção meia boemia, recebeu o ilustre romancista nordestino, como homenagem, um ágape de iniciativa dos estudantes que teve como chave de ouro uma impressionante saudação do poeta Miguel Torga

(“José Lins do Rego”. In: *Seara Nova*, 18 ago. 1951, p. 574).

Alberto Luiz Schneider, em seu livro *Capítulos de história intelectual* (2019), dedica a terceira parte de seu livro à análise da trajetória do intelectual pernambucano Gilberto Freyre e do conceito do luso-tropicalismo, de seu auge ao seu declínio. Gilberto Freyre realizou “uma longa viagem às colônias portuguesas da África e na Ásia” entre agosto de 1951, ano da revisão do Ato Colonial português, e fevereiro de 1952, através de convite feito por Sarmento Rodrigues, então Ministro do Ultramar do país ibérico, e com a concordância de Salazar (SCHNEIDER, 2019, p. 271). Além disso, no contexto brasileiro do período:

Mesmo os diplomatas brasileiros favoráveis à descolonização celebravam o Brasil em termos freyrianos. A grande imprensa, na qual Freyre tinha trânsito fácil, era, majoritariamente, simpática ao salazarismo – e o sociólogo teve um papel destacado nesse processo. Assis Chateaubriand, proprietário dos *Diários Associados*, foi notório defensor do regime português, a ponto de Salazar homenageá-lo com o nome de uma rua em Lisboa. O governo de Getúlio Vargas foi também favorável a Salazar. [...] (Ibidem, p. 280).

O trecho acima permite a reconexão com JLR, intelectual que viveu intensamente a relação com o luso-tropicalista Gilberto Freyre e com Assis Chateaubriand e seus veículos de comunicação em torno dos *Diários Associados*, embora as viagens de JLR e de GF a Portugal tenham ocorrido com finalidades distintas: enquanto o pernambucano viajou, na maioria das vezes, com objetivo de pesquisa e a convite do governo português, o paraibano ali fora em oportunidades ligadas à sua carreira no mundo do futebol que se desdobraram em algumas viagens turísticas.

Sabe-se que a primeira ida do paraibano a Portugal em 1951 foi relacionada à sua atuação como dirigente de futebol do Clube de Regatas do Flamengo. Holanda (2003) aponta que, antes da turnê europeia, a popularidade do time de futebol carioca, sediado na capital do país, ocasionou excursões ao Nordeste do Brasil nos anos de 1946, 1947 e 1948, passando pela Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. O cronista, ainda de acordo com o pesquisador, fora um dos principais articuladores, ao lado do jornalista esportivo Mário Filho, da ideia de que o Flamengo consolidara a imagem de clube nacional-popular. Para tanto, relaciona-o inclusive ao homem e à paisagem nordestinos em algumas crônicas produzidas a partir da experiência dessas excursões, de modo a revelar os “elementos típicos definidores da brasilidade rubro-negra” (Ibidem, p. 164): “era em certo sentido através do futebol que José Lins do Rego retornava ao seu ideário estético regionalista, valorizando a paisagem e o homem do Nordeste em seu encontro com o clube da capital da República” (Ibidem, p. 171).

No âmbito das excursões internacionais do Flamengo, em 1951, José Lins participou e tomou frente na organização e realização da primeira viagem do Flamengo à Europa, coincidindo, inclusive, com o ciclo de viagens diplomáticas e turísticas do autor por aquele continente. Gilberto Cardoso, presidente do clube, nomeou o cronista como chefe da delegação do Flamengo na excursão europeia. Na esteira do convite realizado pela federação sueca de futebol, ocorre uma série de partidas amistosas contra as principais equipes do país escandinavo.

Nessa viagem de 1951, o Flamengo jogou em estádios da Suécia, mas também da Dinamarca, da França e por fim de Portugal. As partidas totalizaram dez jogos de invencibilidade, durante cerca de dois meses, em trajetos percorridos de trem, ônibus, barco e avião. Vale frisar que antes do Flamengo, outros clubes também haviam feito excursões europeias: Paulistano, Vasco da Gama, Portuguesa, Bangu e São Paulo (Ibidem, p. 174-5). Mas a ida do clube rubro-negro, segundo o pesquisador, intensifica a projeção da ideia de Brasil como “país do futebol-arte” e fortalece o processo de “aclamação internacional e da popularidade que o país [Brasil] e seu clube [Flamengo] adquiriam no exterior” (Ibidem, p. 182).

Tudo isso ainda antes de a Seleção brasileira conquistar o primeiro campeonato mundial em 1958 e, por isso, não chegou a ser presenciada pelo cronista, que faleceu a 12 de setembro de 1957. Com efeito:

a passagem de José Lins do Rego pela Suécia sete anos antes da vitória do Brasil na Copa do Mundo, chefiando a delegação de seu time, deve ter-lhe proporcionado a sensação de um feito igualmente grandioso, um feito que comprovava e locupletava todo o seu entusiasmo clubístico, pois, para esse cronista esportiva – “lírico e sensual, dionisíaco e romântico”, no dizer do crítico Álvaro Lins –, não havia diferença entre o seu clube e o seu país: “O Brasil e o Flamengo são a mesma coisa” (Ibidem, p. 182).

Nesse sentido, as viagens esportivas, tanto as nacionais como as internacionais, despertam também a “veia humana e literária” de JLR, sendo as experiências ali vividas transformadas em textos que demonstram a sensibilidade do cronista-torcedor. Elas permitem “a revisão de seus próprios valores ante o contato com outras terras, propiciando-lhe o cotejo com suas próprias recordações da paisagem do Nordeste e, em menor grau, do Rio de Janeiro” (Ibidem, p. 177). Assim, as crônicas de futebol da excursão do Flamengo à Europa em 1951, publicadas no *Jornal dos Sports*, também são consideradas por Hollanda (2003) como crônicas

de viagem. Esta pesquisa optou por também incluir essas crônicas no conjunto referente a Portugal e à Suécia, essas últimas que serão apresentadas e analisadas no Capítulo 3.

O Clube de Regatas do Flamengo atuou em Lisboa contra o Belenenses e ganhou de 3 a 0, no dia 17 de junho de 1951. Esse foi o último jogo da série de amistosos disputados pelo clube carioca na Europa naquele ano, vitorioso em todos os jogos disputados na Suécia, Dinamarca, França e Portugal (“Fla-Estatística – O museu virtual do Clube de Regatas do Flamengo”. Página oficial). Dentre as crônicas esportivas publicadas no *Jornal dos Sports*, em “Os rapazes do Flamengo” o cronista e dirigente rubro-negro declara satisfeito:

Fez o Flamengo uma viagem de sucesso, volta carregado de vitórias. Mas não só de vitórias vive o homem. Volta como um padrão de disciplina, de magnífica ordem, tendo dado na Europa o exemplo da melhor esportividade possível. Tudo correu admiravelmente na Delegação. Os rapazes se mostraram impecavelmente em campo e fora de campo. Sentaram-se em mesas de banquete e foram os melhores convivas, queridos e estimados por todos.

Posso dizer que como brasileiro me senti orgulhoso de ter aparecido ao lado de gente tão boa

(REGO, José Lins do. “Os rapazes do Flamengo”. In: *Jornal dos Sports*, 27 jun. 1951).

A nota “Notícias teatrais”, publicada no *Jornal dos Sports* a 24 de junho de 1951, indica que no dia 16 daquele mesmo mês, no Museu João de Deus, em Lisboa, ocorrera “uma tarde literária em homenagem ao escritor patricio José Lins do Rego, da qual participaram os artistas Alma Flora, João Villaret e Assis Pacheco” (“Notícias teatrais”. In: *Jornal dos Sports*, 24 jun. 1951).

A 26 de junho, a entrevista de JLR, concedida ao jornalista Geraldo Romualdo da Silva, intitula-se “Mais do que palavras: não há melhor futebol do que o brasileiro”. Nela o escritor comenta a sua temporada na Europa, destaca a recepção e o reconhecido desempenho do Flamengo. Na matéria há menção a uma parte do discurso de Santos Simões, presidente da Associação Acadêmica de Coimbra, onde houve homenagem ao cronista, descrito como “embaixador de uma nação irmã, muito mais do que mero acompanhante de uma comitiva esportiva”.

Geraldo Romualdo, o entrevistador, observa que JLR não havia mudado em nada: “chegou vestido com a mesma simplicidade do seu dia a dia carioca”. Além disso, o entrevistado indica que a experiência da excursão futebolística lhe fez perceber que “o esporte

pode servir muito mais do que se pensa às relações entre povos, como intercâmbio de homens de letras e homens de ciência”.

Figura 5 - Reprodução de livreto distribuído em homenagem a José Lins do Rego em Coimbra



Fonte: SILVA, Geraldo Romualdo. “Mais do que palavras: não há melhor futebol do que o brasileiro”. In: *Jornal dos Sports*, 26 jun. 1951. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A nota da coluna “Notícias da colônia portuguesa” publicada na *Tribuna de Imprensa* a 05 de junho de 1952 informa: “Chegou a Lisboa o escritor José Lins do Rego” (“Notícias da colônia portuguesa” (coluna). In: *Tribuna da Imprensa* (RJ), 05 jun. 1952). Além dessa nota, a entrevista concedida ao mesmo periódico do Rio de Janeiro, publicada na edição de 28-29 de junho de 1952 (Anexo L) também confirma sua viagem a Portugal realizada nesse ano. Pela entrevista, compreende-se que a sua ida à Europa teve por principal destino a França, onde JLR encontrou com intelectuais como André Malraux, Jean Guéhenno, Magnelli, Roger Caillois, Cioran, Silone, Venturi, Spender, além do pintor recifense Cícero Dias. Durante a estada francesa, o romancista esteve presente no Congresso pela Defesa da Cultura, ocorrido em Paris.

Pela segunda vez em terras lusas, informa que esteve “só em Lisboa e arredores” e que presenciou a Festa Brava na Vila Franca de Xira. Também conta nessa oportunidade ter conhecido pessoalmente Almada Negreiros (1893-1970):

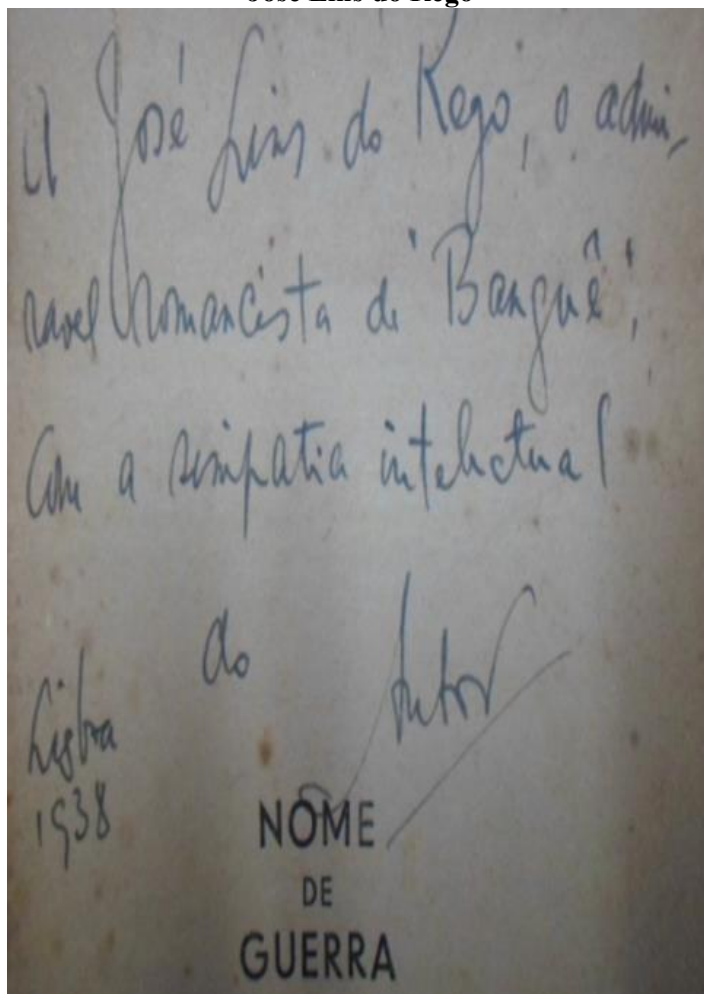
Não só o artista que sempre admirei, mas o homem que carrega um pensamento original. A sua personalidade igualmente originalíssima.

Visitei os afrescos maravilhosos que Almada pintou para as gares marítimas de Lisboa. Não posso esquecer essa bela Nau Catarineta. E nos afrescos da Rocha do Conde de Óbidos é nítida a tendência de Almada no sentido do abstracionismo. É um pintor e um filósofo. Como é interessante a ideia de Almada de que os portugueses estão mais próximos dos gregos do que dos romanos. E Almada não o afirma só, o que seria fácil: ele justifica-o e com notável soma de argumentos

(“Provou a Europa e gostou – Chega agora ao Rio e já pensa voltar – O Congresso pela Defesa da Cultura em Paris – Recorda Faulkner, o abstracionismo e Magneli – Cioran e Malraux – Em Portugal – Almada Negreiros – Uma nota sobre Silone” (entrevista com José Lins do Rego). In: *Tribuna da Imprensa* (RJ), 28-29 jun. 1952. Artigo disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

Convém enfatizar que se tratou do primeiro encontro presencial, pois em 1938 o poeta português já havia enviado obra de sua autoria para JLR, com dedicatória (Figura 6):

Figura 6 - Dedicatória de José de Almada Negreiros para José Lins do Rego



ALMADA NEGREIROS, José de. *Nome de guerra*. Edt. Edições Europa, s/d.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: "A José Lins do Rego, o admirável romancista de Banguê, / com a simpatia intelectual / do / Autor / Lisboa / 1938".

Em 1954 José Lins viajou à Europa como membro da delegação brasileira de futebol que disputou a Copa do Mundo FIFA na Suíça naquele ano, ao lado, dentre outros, de seu conterrâneo João Lyra Filho, presidente da Confederação Nacional de Desportos (LYRA FILHO, 1954, p. 40), ligado por sua vez ao Ministério da Educação e ao ministro Gustavo Capanema durante o Estado Novo varguista. Além da sede da Copa, nesse ano JLR passou por Alemanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Itália e Portugal.

Nesse ano ele não publica artigos no *Jornal dos Sports*, pois após a experiência fracassada do selecionado brasileiro no Campeonato Sul-Americano de 1953, em Lima, de que fora também chefe de delegação, o cronista abandona as funções esportivas de sua carreira e as suas colaborações para o referido periódico. Apenas em 1957, ano de sua morte, ele retorna

com suas publicações no jornal de Mário Filho. Nas crônicas d'*O Globo* desse período JLR, embora aborde exaustivamente dos outros países por onde viajara, só faz menção à sua passagem por Portugal uma única vez, em texto que será apresentado e analisado adiante.

O documentário *O Engenho de Zé Lins* (2007), dirigido por Vladimir Carvalho, traz já no começo do filme o áudio de uma entrevista de JLR concedida a um jornalista português e que é tido como único registro sonoro conservado do escritor:

- José Lins do Rego Cavalcanti.
- Onde nasceu?
- Pilar, Paraíba do Norte, no nordeste do Brasil, 3 de junho de 1901. Em menino, eu senti muito próxima a presença da morte.
- Em relação a si ou em relação a pessoas queridas?
- Não, em relação a um primo, que era como se fosse...
- Um irmão.
- Não um irmão, um pai. Eu tinha por ele uma expressão de admiração tão forte que a imagem de Deus que me vinha, quando eu pensava em Deus, eu tinha a imagem da cara...
- Do primo...
- Desse meu primo. Meu Deus não era um Deus barbado, era um Deus de cara raspada. Essa é uma recordação incrível e intensa que ainda hoje perdura

(*ENGENHO de Zé Lins*. Direção de Vladimir Carvalho. Rio de Janeiro: Urca Filmes, 2007. 80 min).

Figura 7 - José Lins em viagem de trem em Portugal



Fonte: Vladimir Carvalho.

A crônica “Bilhete de Lisboa”, publicada n'*O Globo* a 9 de março de 1954, nos dá pista dessa viagem do escritor e do possível contexto de gravação da entrevista. No primeiro parágrafo temos a seguinte declaração: “De passagem por Lisboa, José Lins do Rego envia-nos

a sua primeira crônica de impressões da Europa”. No texto, o cronista-correspondente conta do ameno carnaval lisboeta, de sua visita ao museu de arte antiga da cidade, onde viu as obras do pintor Nuno Gonçalves e informa:

quis a Rádio Nacional que falasse do Brasil. Pouco tinha que dizer por que todo estava para ouvir. Ouvir sinos, ouvir fados, ouvir os pardais que cobrem as árvores desnudas como se quisessem esquentá-las com as suas penas. O que não ouvia eram vozes de músicas carnavalescas (REGO, José Lins do. “Bilhete de Lisboa”. In: O Globo, 09 mar. 1954).

A pesquisa não pôde identificar o entrevistador, nem o programa, nem a data específica em que a entrevista foi ao ar. De qualquer maneira é válido sublinhar a importância desse áudio como único registro sonoro de JLR.

2.1. Redes de sociabilidade literária Brasil-Portugal: uma leitura das dedicatórias de obras conservadas na Biblioteca de José Lins do Rego

Em consulta ao acervo digital de dedicatórias manuscritas de obras conservadas no Museu José Lins do Rego, localizado em João Pessoa (PB), pude ter acesso às obras de autores portugueses – e sobre o país e seus autores, mesmo que organizadas por autores brasileiros – ali conservadas. A biblioteca particular representa recortes da trajetória de uma personalidade, por esse motivo é que mapear as relações intelectuais através dos livros e suas dedicatórias manuscritas permite recuperar a cartografia dessa rede de sociabilidade em torno de JLR.

Antes de analisar o conjunto, é pertinente comentar, de forma genérica, os autores brasileiros que aparecem na Biblioteca de JLR. Além de obras de romancistas, poetas, ensaístas, críticos literários e pensadores brasileiros – dentre os quais Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Plínio Salgado, Alceu Amoroso Lima, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga –, o paraibano também recebeu livros de políticos e diplomatas que também se aventuravam nas letras, dentre os quais Arnon de Mello, José Sarney, Renato Mendonça e Hélio Lobo.

Autores que faziam parte do catálogo da Editora José Olympio também enviaram livros com frequência, bem como nordestinos, principalmente de Alagoas e de Pernambuco, e autores do eixo Rio-São Paulo com quem JLR mantinha contato e outros que também desconhecia. Estes remetiam livros com dedicatórias elogiosas ao cronista que publicava também crítica literária sobre livros novos nos principais periódicos da então Capital Federal.

A dissertação de mestrado de Stefanie Cavalcanti Freire, intitulada *Dedicatórias manuscritas: relações de afeto e sociabilidade na Biblioteca de Manuel Bandeira* (2003), serviu como base metodológica no que se refere ao tratamento das dedicatórias manuscritas como instrumento de compreensão das redes de sociabilidade do poeta modernista brasileiro. No capítulo 1, a pesquisadora recupera a história das dedicatórias; no capítulo 2, intitulado “Manuel Bandeira e seus livros”, a pesquisadora mostra “como a coleção nos oferece subsídios para compreender os interesses literários do escritor, seus hábitos de leitura, suas ideias e influências intelectuais”, pois averiguar o catálogo nos faz buscar evidências de “escolhas pessoais e profissionais, e, ainda, entender o universo intelectual daquele que a formou” (FREIRE, 2003, p. 23).

Interessa sublinhar que, assim como JLR, Manuel Bandeira fez do seu projeto literário um percurso intenso da sua trajetória, tendo os dois escritores sido estudiosos e críticos literários da prosa e da poesia moderna, brasileira e estrangeira. A Biblioteca de Bandeira, segundo Freire (Ibidem, p. 59), e a de JLR, segundo a pesquisa que realizei, revelam o gosto apurado de ambos os intelectuais nordestinos.

Além disso, Stefanie Freire indica que as marcas de propriedade de um livro, como por exemplo selos, carimbos de livreiros, marcas de leitura e de propriedade também auxiliam o pesquisador, de maneira que “a análise das marcas de circulação possibilita averiguar como uma biblioteca particular é formada” (Ibidem, p. 67-8). No capítulo 3, intitulado “As dedicatórias manuscritas na biblioteca de Manuel Bandeira”, Freire nos apresenta a análise do conjunto das 1.065 obras com dedicatórias manuscritas – de um total de 3.236 títulos por ela catalogados. Declara que a “investigação minuciosa das dedicatórias manuscritas encontradas na coleção de Bandeira ajudou a estabelecer sua rede de sociabilidade e verificar seus grandes amigos e conhecidos” (Ibidem, p. 77).

Dessa maneira, esta seção pretende filtrar as obras portuguesas da Biblioteca de JLR, a fim de identificar as redes de sociabilidade por ele estabelecidas, diferenciando inclusive, ainda segundo Freire (2013), as dedicatórias afetivas das protocolares, e as dedicatórias manuscritas por terceiros e pelo próprio autor. Em junho de 2019, realizou-se consulta no Museu José Lins do Rego, ali pude reunir as obras de sua biblioteca ali conservadas que possuem dedicatórias manuscritas.

Por outro lado, deve-se considerar que existe sempre a evidência negativa dos livros que já não estão mais lá. Como bem aponta Pallares-Burke, “livros emprestados de amigos ou de bibliotecas, livros uma vez possuídos mas perdidos, destruídos ou dados, seguramente foram também lidos, e talvez marcados” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 77). Assim, nenhuma lista

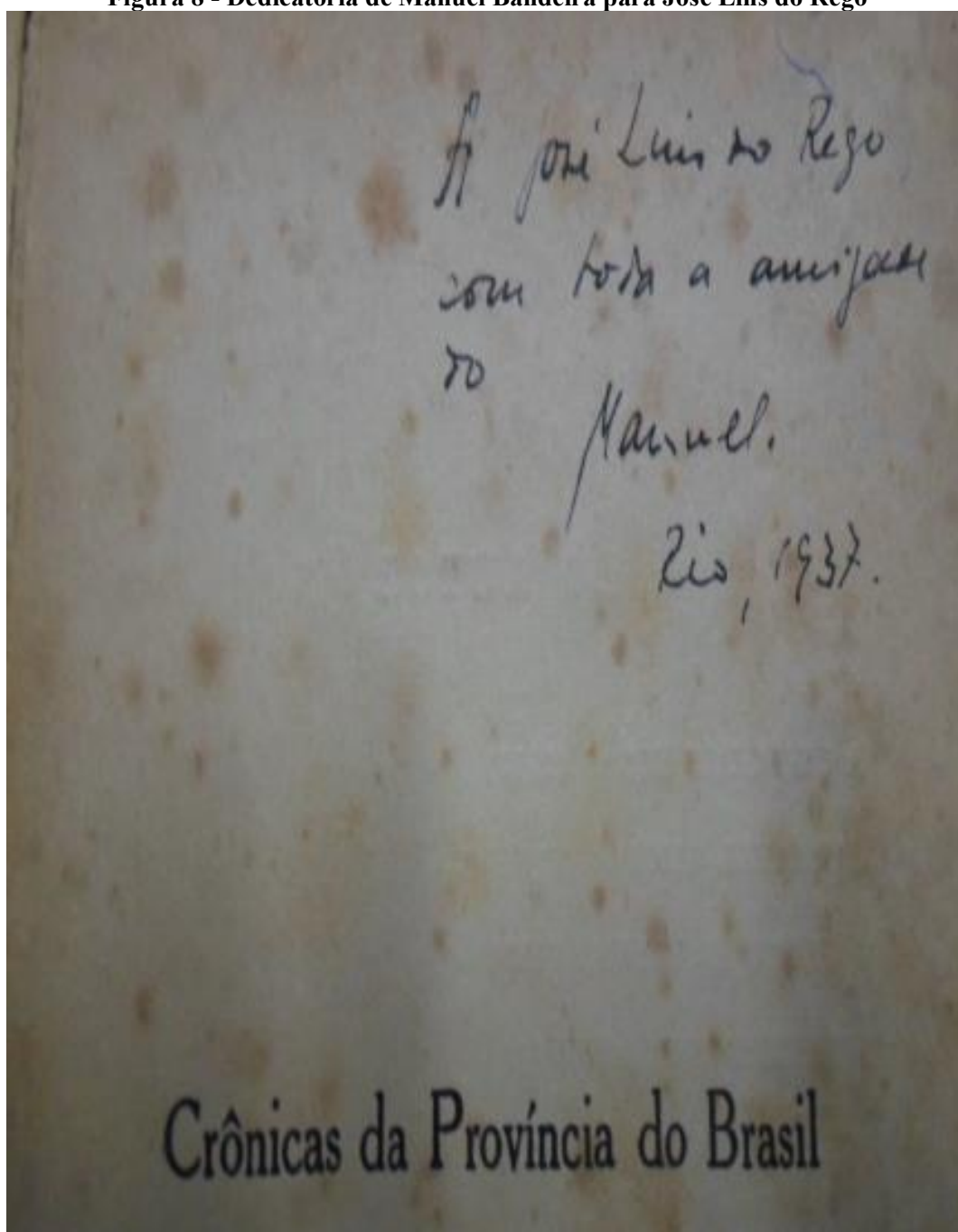
de livros é conclusiva, pois sempre há obras que nos escampam, embora os exemplares levantados por esta pesquisa possam enriquecer a continuidade dos estudos zelinianos.

O levantamento optou por reunir tanto as obras portuguesas quanto as obras sobre Portugal conservadas na Biblioteca de JLR, porque percebeu-se que, no conjunto, é possível identificar autores brasileiros também interessados na temática lusitana. A partir da análise material do conjunto realizei transcrição das dedicatórias manuscritas. Identifiquei os autores e os títulos das obras, nome e assinatura do dedicador, editora e ano de publicação e, quando possível, o local e a data da dedicatória, de acordo com a metodologia descrita por Ana Virginia Pinheiro (2007), bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil):

Cópia, letra por letra, conforme maiúsculas e minúsculas do texto impresso, evitando separações de sílabas que, quando ocorrem no original, devem ser desse modo reproduzidas [...] a marcação das mudanças de linha, no texto da dedicatória será representada por // (duas barras inclinadas); e, [...] as anotações das datas na forma em que aparecem no original (PINHEIRO, 2007, p. 7).

Assim, o resultado da análise e transcrição de cada dedicatória das obras sobre Portugal e de autores portugueses na Biblioteca de JLR será descrito a partir do seguinte modelo (Figura 8).

Figura 8 - Dedicatória de Manuel Bandeira para José Lins do Rego



BANDEIRA, Manuel. *Crônicas da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “A José Lins do Rego // com toda a amizade // do // Manuel // Rio, 1937”.

Ao analisarmos as datas das obras e as datas das dedicatórias do conjunto, que abarca 54 obras, das quais 47 são obras de autores portugueses e 8 obras de autores brasileiros sobre Portugal, pode-se notar que não há muita divergência entre as datas de publicação das obras e as datas das dedicatórias ali inscritas, ou pelos próprios autores, ou por terceiros que ofereceram as obras a JLR. A pesquisa teve por critério incluir todas as obras portuguesas, independente de

terem, talvez, sido mandadas via correio ou por portadores ou entregues pessoalmente ao escritor paraibano, quando da sua ida ao país ibérico.

Dentre os intelectuais portugueses mais importantes que assinaram dedicatórias para JLR figuram: o poeta Miguel Torga (1907-1995), o escritor Joaquim Paço D’Arcos (1908-1979), o intelectual Jaime Cortesão (1884-1960), o poeta Vitorino Nemésio (1901-1978), o intelectual Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), o poeta António Botto (1897-1959), o intelectual António Sérgio de Sousa Júnior (1883-1969), o artista José de Almada Negreiros (1893-1970), o escritor João Gaspar Simões (1903-1987).

São 8 obras sem data, 1 publicada na década de 1920, 11 publicadas e/ou com dedicatórias datadas da década de 1930, 18 obras publicadas e/ou com dedicatórias datadas da década de 1940 e 17 obras publicadas e/ou com dedicatórias datadas da década de 1950. A análise desses dados permite observar que as décadas de 1940 e 1950 representam a maior quantidade de obras portuguesas e sobre Portugal na Biblioteca de JLR.

O historiador Luís Reis Torgal, em “A historiografia em Portugal no século XX. Olhando o Brasil” (2013), faz um panorama das relações entre os dois países no que se refere à historiografia e indica que existia em Portugal uma veia nacionalista tanto no período que compreende a Monarquia constitucional quanto no tempo da República. Por essa razão, e principalmente através de “intelectuais defensores de ideologias tradicionalistas ou de concepções de nacionalismo (geralmente de direita)” (TORGAL, 2013, p. 18), foram estabelecidas conexões entre Brasil e Portugal. Torgal ainda lembra das revistas *Nação Portuguesa*, dos integralistas, e da *Revista de História* (1912-1927), essa última ligada à Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos e encabeçada por Fidelino Figueiredo, intelectual que aparece na Biblioteca de JLR.

Além disso, o autor menciona o papel do historiador republicano Jaime Cortesão, que colaborou com a publicação da *História do Regimen Republicano em Portugal* (1930) e estabeleceu relações intelectuais e literárias com personalidades brasileiras. Torgal ainda aponta que com o início do Estado Novo salazarista, em 1933, quer na historiografia quer nas demais áreas de conhecimento, as relações entre os dois países “estruturavam-se essencialmente na base de relações integralistas e ou neointegralistas e do nacionalismo de direita do regime” (Ibidem, p. 20).

A fundação da Academia Portuguesa da História, na capital federal brasileira em 19 de maio de 1936, pode, inclusive, explicar os diversos títulos em torno de temas lusitanos que viriam a ser publicados entre as décadas de 1930 e 1940 no Brasil. Esse feito institucionalizou,

por assim dizer, a forte relação entre os historiadores dos dois países, pautados principalmente nos ideais nacionalistas e no apoio a Portugal e ao regime salazarista (Ibidem, p. 22).

Vale ainda mencionar outro dado apontado por Torgal: o acordo cultural luso-brasileiro, decretado pelo então presidente Getúlio Vargas e por Lourival Fontes, dirigente do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) a 04 de setembro de 1941. O principal desdobramento do acordo foi a publicação da revista *Atlântico*, que contou com a colaboração de “intelectuais das mais variadas ideologias, como, por exemplo, Aquilino Ribeiro e Graciliano Ramos, Afrânio Peixoto e o cineasta do regime salazarista António Lopes Ribeiro” (Ibidem, p. 21).

O catálogo da José Olympio apresenta obras voltadas a Portugal, das quais três constam na Biblioteca de JLR, a saber: *O mundo que o português criou* (1940), de Gilberto Freyre; *Cancioneiro do amor: os mais belos versos da poesia portuguesa* (1952), organizado por Wilson Lousada e *Roteiro literário do Brasil e Portugal: antologia da língua portuguesa* (1956), de Aurélio Buarque de Holanda e Álvaro Lins. Sobre esse último JLR publicou a crônica “Roteiro literário do Brasil e Portugal” a 31 de março de 1956, na qual elogia os autores, por darem “uma obra definitiva, pelo critério seletivo, valia dos textos e interesse passional pelo conteúdo”.

Sublinha ainda a “excelente crítica da boa literatura portuguesa e brasileira, através de segura apresentação antológica e severa interpretação dos escritores escolhidos”. Os dois autores desse *Roteiro* eram amigos próximos de JLR. Aurélio, lexicógrafo, era alagoano, ao passo que Álvaro, eminente crítico literário, era pernambucano. O romancista cede lugar na sua coluna d’*O Globo* para a divulgação dessa obra que sai, inclusive, pela editora da qual foi membro durante toda a sua vida na cidade do Rio de Janeiro.

Além das obras da Biblioteca sobre Portugal, é válido recuperar a crônica “Entre o mar e o Rio”, publicada n’*O Globo* a 18 de agosto de 1953, na qual JLR comenta o livro de poesias *Entre Mar e Rio* (1952), do brasileiro Ribeiro Couto, que mostra “todas as passadas de Couto pelas terras e alma de Portugal”. Compara-o inclusive aos escritores portugueses António Nobre e Antero de Quental. Sua leitura indica que “o poeta andou a descobrir o que me pareceu também a mais acolhedora mansão à espera do filho pródigo que é Portugal”.

2.2. A Editora Livros do Brasil

A editora portuguesa Livros do Brasil, fundada em Lisboa em 1944, segundo a página online da casa editorial, tinha o objetivo inicial de “divulgar as grandes obras da literatura clássica e contemporânea brasileira e muitos dos mais conhecidos e celebrados autores da

literatura universal”. Além do catálogo de autores brasileiros, a editora também publicou edições de “obras escolhidas ou completas de autores tão significativos como André Malraux, Albert Camus, John Steinbeck, Pearl Buck e Ernest Hemingway” (Cf. “A editora”).

Livros do Brasil publicou versão portuguesa de 12 obras – ficção completa – de JLR, a saber: *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *O moleque Ricardo*, *Usina*, *Pureza*, *Pedra Bonita*, *Riacho Doce*, *Água-mãe*, *Fogo morto*, *Eurídice* e *Cangaceiros* (REGO, 2011a, p. 202). É oportuno apontar que a publicação portuguesa das obras de JLR não é um fato isolado da época: o escritor e político lisboeta António Ferro (1895-1956), por exemplo, teve edições portuguesas e brasileiras de sua obra (TORGAL, 2013, p. 20). Todavia, é importante observar que a publicação de todos os seus romances em Portugal é um fato que o diferencia de boa parte dos escritores brasileiros do período, se considerarmos que a presença de nossa literatura em terras lusas era limitada. Apenas alguns escritores foram capazes de cruzar o Atlântico e alcançar o público-leitor além-mar.

Rui Beja (2011) informa que a editora foi fundada por António Augusto de Souza-Pinto, quem “concebeu esta editora como irmã gêmea daquela que fundara na década anterior no Brasil”. Quanto ao projeto editorial, o pesquisador português indica o seguinte propósito:

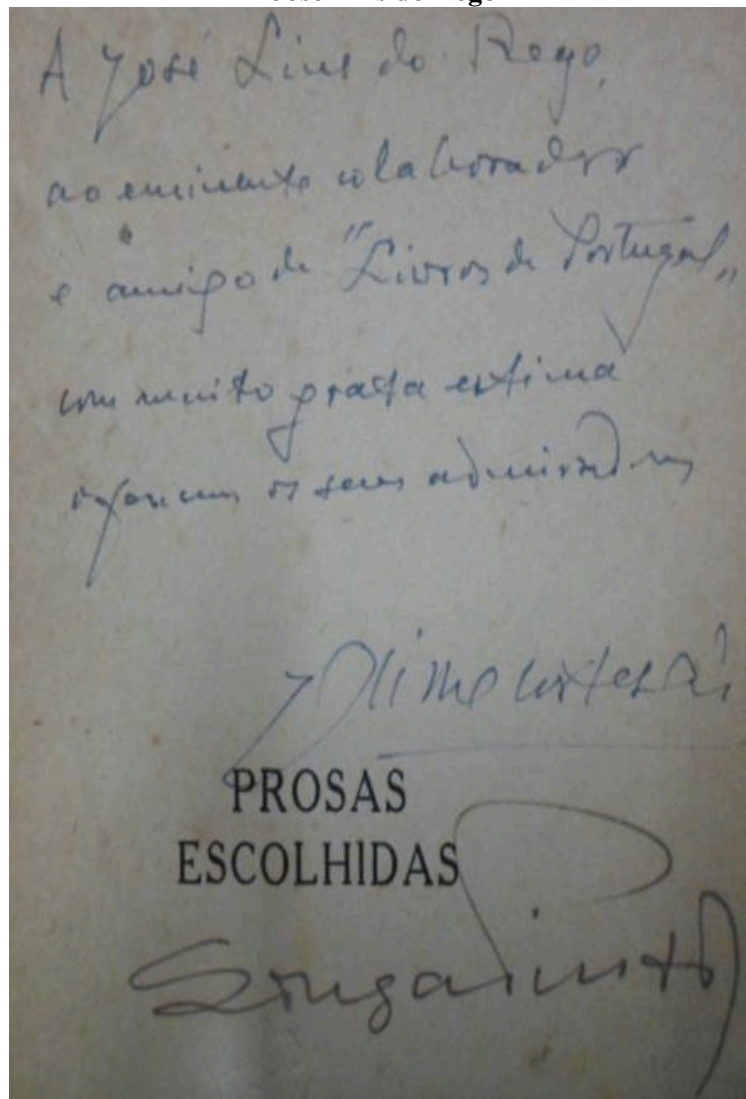
centrou-se na edição sistemática, dirigida ao público-leitor português, de grandes escritores brasileiros – José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Jorge Amado, José Cândido de Carvalho, Euclides da Cunha, Cyro dos Anjos, Gilberto Freyre, João Condé, José de Alencar, Lygia Fagundes Teles, Octavio de Faria, Ribeiro Couto, Rubem Braga, João Guimarães Rosa, Herberto Sales e outros (BEJA, 2011, p. 15).

O pesquisador também informa que a mesma editora também se dedicava à divulgação das obras clássicas da literatura portuguesa, na coleção Clássicos e Contemporâneos, sob direção de Jaime Cortesão e com ilustrações de Maria Helena Vieira da Silva. Além disso, Beja dá importância às capas das obras editadas pela Livros do Brasil, assinadas por artistas plásticos portugueses renomados, dentre os quais: Bernardo Marques, José Lima de Freitas, Costa Pinto, António Pedro e Infante do Carmo (Ibidem, p. 15).

Com base na consulta ao levantamento das dedicatórias de obras de autores portugueses e sobre Portugal conservadas na Biblioteca de JLR, é possível observar que a Editora Livros de Portugal, sediada na cidade do Rio de Janeiro, publicava, na via inversa, obras de grandes autores portugueses.

Nesse sentido, na Biblioteca de JLR consta um exemplar das *Prosas escolhidas*, de Antero de Quental, com dedicatória a JLR (Figura 9):

Figura 9 - Dedicatória de Jaime Cortesão e Souza-Pinto a José Lins do Rego



QUENTAL, Antero de. *Prosas escolhidas*. Org. Fidelino Figueiredo. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

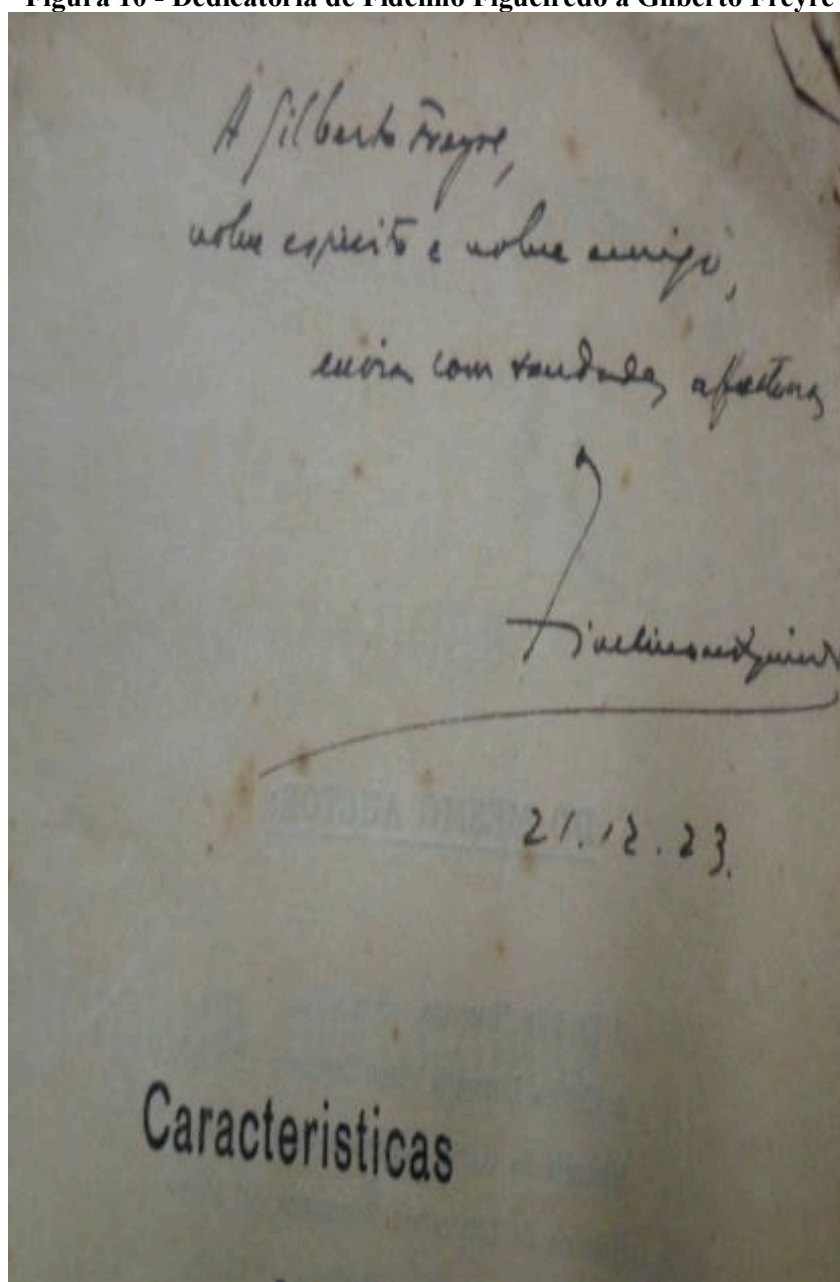
Fotobibliografia: “A José Lins do Rego, // ao eminente colaborador // e amigo de “Livros de Portugal”// com muito grata estima // agraciam os seus admiradores // Jaime Cortesão // Souza-Pinto”.

A dedicatória apresentada acima, embora sem data, permite atestar que a relação entre JLR e os editores ia além do âmbito profissional. Importa lembrar que GF manteve relação de amizade próxima com Fidelino Figueiredo desde a década de 1920 (PALLARES-BURKE, 2005, p. 212). A única obra portuguesa publicada na década de 1920 que consta na Biblioteca de JLR é *Características da literatura portuguesa* (1923), de Fidelino de Figueiredo, e apresenta dedicatória a terceiros (Figura 10).

Provavelmente essa obra foi emprestada pelo sociólogo ao cronista e amigo e assim passou a ser parte da Biblioteca de JLR.

No artigo “Amar e servir o Brasil é uma das melhores formas de ser português: uma apresentação de Jaime Cortesão” (2003), Paulo Franchetti informa que Jaime Cortesão esteve no Brasil pela primeira vez em 1922, membro da comitiva de intelectuais que vieram com o presidente português António José de Almeida para as comemorações do centenário da Independência brasileira. Em 1940 ele chega ao Brasil para fixar residência. Aqui escreve “Alguns dos trabalhos fundamentais da historiografia portuguesa moderna”. Franchetti também indica que a sua extensa produção durante os 17 anos resididos no país acentuaram o seu carácter genuinamente luso-brasileiro, tendo encontrado apoio por parte do governo brasileiro para realizar suas “pesquisas na área de estudos em que sempre se distinguiu mais: a pesquisa histórica fortemente baseada nos dados científicos relativos à navegação e, especialmente, na evolução do conhecimento geográfico e cartográfico” (Ibidem, p. 412). Atuou como professor de História do Brasil no Instituto Rio Branco e como jornalista, tendo sido “uma figura da maior importância na cultura brasileira do pós-guerra” (Ibidem, p. 434).

Figura 10 - Dedicatória de Fidelino Figueiredo a Gilberto Freyre

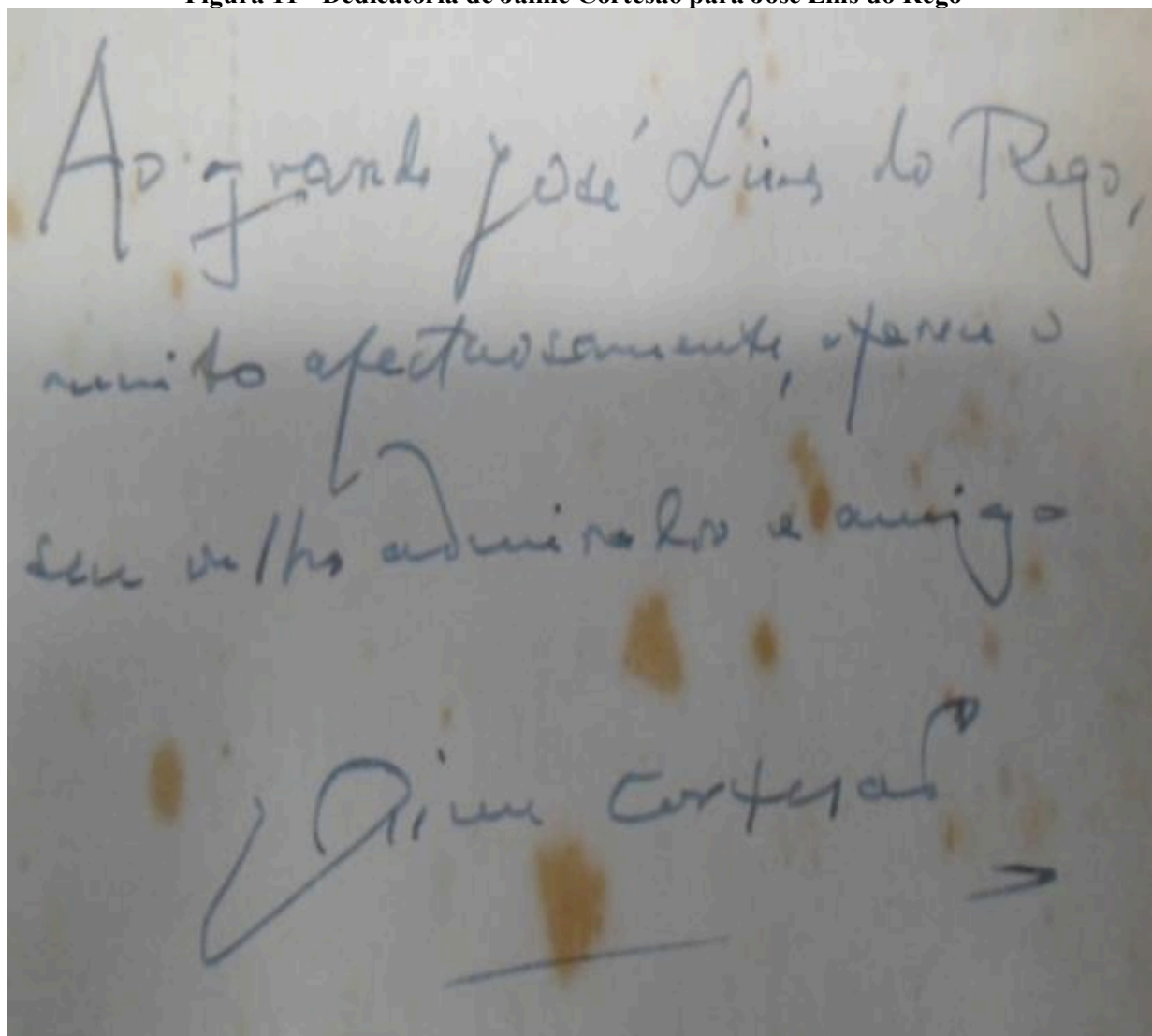


FIGUEIREDO, Fidelino de. *Características da Literatura Portuguesa*. Livraria Clássica, 1923, 3ª edição.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: "A Gilberto Freyre, // nobre espírito e nobre amigo, // envio com saudades afetuosas // Fidelino de Figueiredo // 21.12.23".

Figura 11 - Dedicatória de Jaime Cortesão para José Lins do Rego



Ao grande José Lins do Rego,
 muito afectuosamente, oferece o
 seu velho admirador e amigo
 Jaime Cortesão

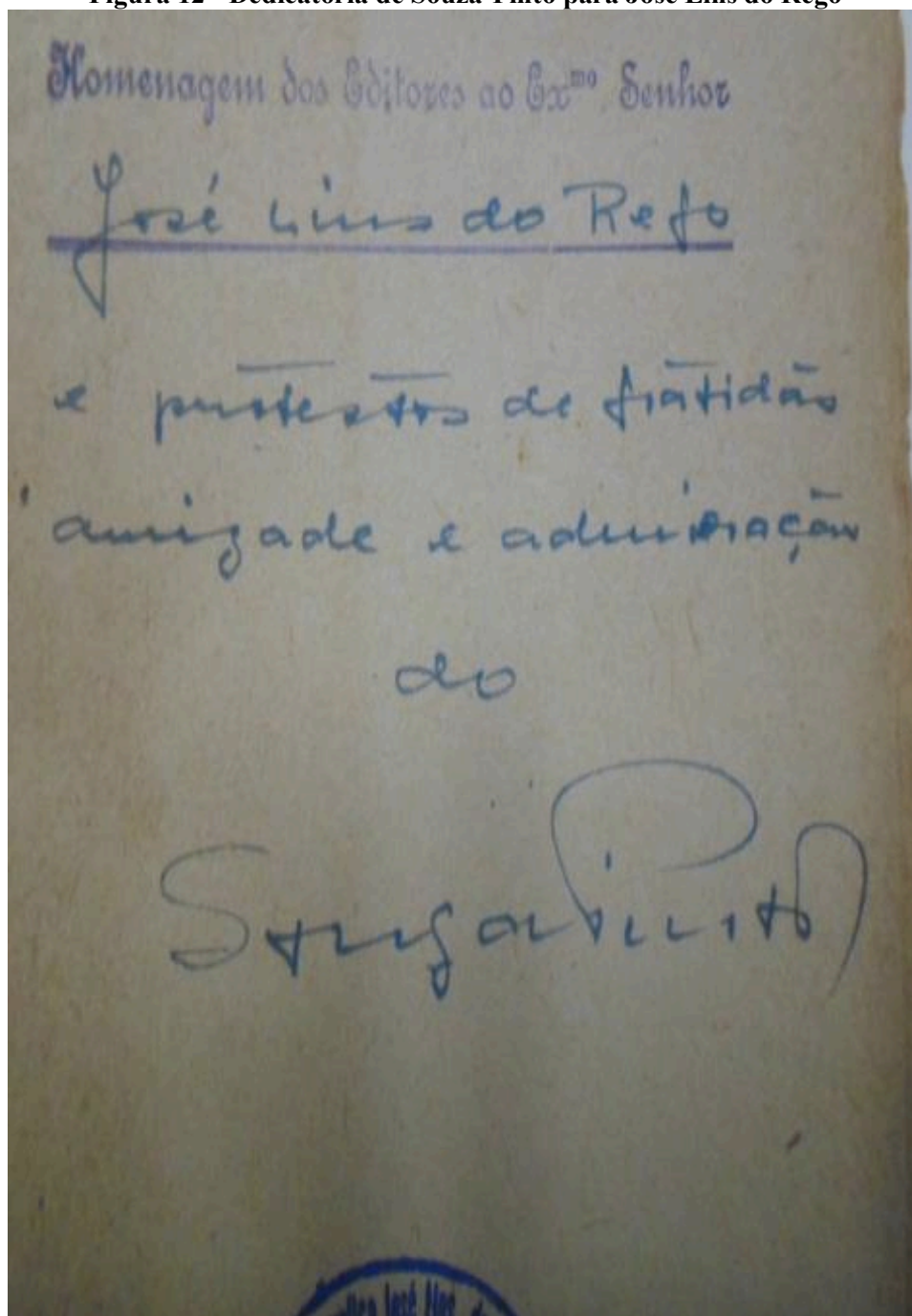
CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Parte I. Tomo I. (1695-1735). Ministério das Relações Exteriores, 1952.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “Ao grande José Lins do Rego, // muito afectuosamente, oferece o // seu velho admirador e amigo // Jaime Cortesão”.

Outra obra conservada que chama a atenção é *As farpas: Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz* (Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1943), com seleção e prefácio de Gilberto Freyre, na qual consta a seguinte dedicatória afetiva (Figura 12):

Figura 12 - Dedicatória de Souza-Pinto para José Lins do Rego



FREYRE, Gilberto (seleção e prefácio). *As farpas: Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz*. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1943.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “Homenagem dos editores ao Exmo. Senhor // José Lins do Rego // e pretextos de gratidão // amizade e admiração // do // Souza-Pinto”.

Embora a dedicatória não seja datada, foi possível descobrir que em 1945 JLR já havia tido acesso à obra, como atesta a crônica “As polêmicas de Eça de Queiroz”, publicada n’ *O Globo* a 1º de setembro de 1945 e que faz menção nominal às *Farpas*.

Gilberto Gilvan Souza Oliveira traz ao debate algumas informações que nos auxiliam: o professor da Universidade Federal do Ceará informa que até 1946 a Livros de Portugal, fundada e liderada por Souza-Pinto (“filho de pai brasileiro, mas com nacionalidade portuguesa”, personificando então “a união entre as duas pátrias”) teve sede na Rua do Ouvidor, bem como a José Olympio, que ali estava nesse momento, de maneira que “os encontros entre editores e escritores eram inevitáveis” (OLIVEIRA, 2020, p. 25, 29).

José Lins do Rego estava inserido na cidade do Rio e na principal rede de sociabilidade literária que orbitava em torno desta rua carioca. Além disso, ainda de acordo com Oliveira, há mais semelhanças que diferenças entre os projetos da José Olympio e da Livros do Brasil em relação à publicação de obras de autores brasileiros, tanto no Brasil como em Portugal, como é possível observar nas coleções com “identidade visual e projetos intelectuais bem definidos” (Ibidem, p. 31). A parceria entre a editora de Souza-Pinto e a JO, “apesar de conflituosa, foi a que se tornou mais significativa no tocante à aproximação entre os projetos que as distinguiam das demais editoras localizadas em seus países. Ambas investiram na divulgação da literatura brasileira” (Ibidem, p. 34).

O projeto da Livros do Brasil, editora já sediada em Lisboa e pertencente a Souza-Pinto, que antes comandava a Livros de Portugal no Rio, atendeu a uma divulgação cultural, a partir do acesso aos livros de autores brasileiros publicados em Portugal, de maneira a baratear o custo final do leitor, com base no acordo com editoras brasileiras, dentre as quais a *Editora do Globo*, de Porto Alegre, e a já mencionada José Olympio:

para que a literatura brasileira se tornasse popular entre os lusitanos, eram necessárias duas medidas: o estabelecimento de uma rede de sentidos e a construção de sensibilidades em torno do livro brasileiro, o qual, com o investimento da Livros do Brasil, passa a ser, também, um produto português (Ibidem, p. 32).

Oliveira ainda informa que foi Maurício Rosemblat, gerente da JO em Porto Alegre, quem intermediou o primeiro contato entre Souza-Pinto e seu chefe, tendo comunicado na ocasião o interesse da Livros do Brasil em publicar *Eurídice* de José Lins do Rego e *As três Marias* de Rachel de Queiroz em 1949. O projeto foi para a frente, como veremos a seguir, embora a editora carioca tenha se recusado a ceder a uma “leve adaptação” nas edições portuguesas. Utilizou-se sobretudo da justificativa de Rachel e José Lins “ao se tratar de países de língua portuguesa não haveria a necessidade de adaptação do português brasileiro para o de Portugal (Ibidem, p. 33-34).

A fim de melhor compreender as edições portuguesas das obras de JLR, editadas e publicadas pela Editora Livros do Brasil, foi realizada consulta aos exemplares disponíveis no Real Gabinete Português de Leitura, localizado no Centro da cidade do Rio de Janeiro (RJ), em janeiro de 2019. A pesquisa ensejou anotação dos seguintes dados biblioteconômicos: título da obra, coleção, editora, autor da capa, descrição dos direitos reservados, dedicatória da obra, dados de impressão, glossário (quando houve) e algumas notas de pesquisa (Anexo K).

Os dados obtidos na consulta às fontes do Real Gabinete permitiram percorrer os endereços pelos quais passaram a sede da Editora Livros do Brasil – todos eles na cidade de Lisboa (Portugal): Rua dos Caetanos, 22; Rua Luz Soriano, 53-57; Rua Luz Soriano, 47-57 e Rua Vítor Cordon, 29-31. Das 12 obras ali conservadas, 11 foram publicadas pelo selo Edição Livros do Brasil/Coleção Livros do Brasil, sendo que apenas *Doidinho* (versão integral) foi publicada pelos Editores Associados, declarando que a “edição unibolso foi realizada por acordo com Livros do Brasil S.A.R.L.”. Os dados de impressão das obras variam de acordo com o endereço da editora, na maioria das vezes.

Quanto às datas das publicações e o nome do editor de cada obra zeliniana, apenas um dos exemplares de *Eurídice* apresenta data de impressão (1949), fato que não possibilita atestar a data de impressão e publicação da grande maioria das obras, informações que seriam fundamentais para compreender a dinâmica editorial portuguesa em torno das obras de JLR. Por outro lado, foi possível identificar as seguintes obras publicadas em mais de uma edição, por meio do cotejo dos dados editoriais (endereço da editora e dados de impressão diferentes entre os exemplares):

Doidinho: a obra sai no mesmo volume com *Menino de engenho* (Livros do Brasil) e também é publicada em versão de bolso (Editores Associados).

Pedra bonita: os dois exemplares apresentam glossário, apresentado pelo editor não identificado logo no começo do texto do romance. Um dos exemplares traz o endereço “Rua Luz Soriano, 53-57”, enquanto o outro indica “Rua dos Caetanos, 22”.

Fogo morto: um dos exemplares traz o endereço da “Rua dos Caetanos, 22”. O outro traz “Rua Luz Soriano, 53-57”. Além da indicação da Editora Livros do Brasil e da Coleção Livros do Brasil, esse último apresenta o Selo Dois Mundos.

Eurídice: um dos exemplares indica o endereço da “Rua dos Caetanos, 22”, o outro informa a “Rua Vítor Cordon, 29-31”.

Cangaceiros: um dos exemplares indica o endereço da “Rua dos Caetanos, 22”, enquanto o outro indica a “Rua Luz Soriano, 53-57”.

Os exemplares de *O moleque Ricardo* e *Pedra bonita* apresentam glossários. Outra ocorrência que chama atenção no conjunto diz respeito à seguinte inscrição: “Venda interdita nos Estados Unidos do Brasil” ou “Venda interdita na República Federativa do Brasil”. Acredita-se que, por razões de direitos autorais e de venda da obra de JLR, administrados pela Editora José Olympio, é que se deram os motivos de tais interdições.

A pesquisa não pôde rastrear a ordem dos endereços pelos quais passou a Editora Livros do Brasil em Portugal, fato que permitiria verificar a data das publicações. Os glossários anexos a algumas das edições mostram que, apesar de terem consentido quanto à permanência da linguagem zeliniana sem alterações nas edições portuguesas, a Livros do Brasil optou por oferecer ao seu público-leitor essa ferramenta para elucidação do significado de termos, substantivos e adjetivos utilizados nos romances editados.

2.3. Crônicas no jornal O Globo (1944-1956) e no livro O vulcão e a fonte (1958)

O conjunto das crônicas sobre Portugal reunido nesta tese obedeceu ao seguinte critério de seleção: foram analisadas as oito crônicas de temática portuguesa presentes em *O vulcão e a fonte* (Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958). Trata-se de obra póstuma, com prefácio de Lêdo Ivo (1924-2012), jovem escritor alagoano e grande amigo de JLR, que chegou ao Rio em 1944. A outra frente de levantamento foram as 26 crônicas publicadas n’*O Globo* entre 20 de maio de 1944 e 24 de outubro de 1956.

Assim, da coletânea em livro, publicada pela editora de Assis Chateaubriand – observe-se que JLR também publicava na revista homônima *O Cruzeiro* –, tem-se a listagem das seguintes crônicas:

1. “Lisboa”
2. “Funchal, cidade macia”
3. “Fialho de Almeida e sua época”
4. “O Camilo das polêmicas”
5. “Um retrato de Padre Vieira”
6. “O padre Vieira e os portugueses”
7. “Cartas de Fernando Pessoa”
8. “O poeta Carlos Queiroz”

No prefácio intitulado “O ensaísta José Lins do Rego”, Lêdo Ivo diz que “a pequena constelação de livros de ensaios e crônicas” do paraibano são “um aparelho literário indispensável à total compreensão de sua personalidade de criador”. De acordo com o prefaciador, os escritos têm papel muito importante no conjunto de sua obra e constituem “o

melhor roteiro ao alcance do leitor desinteressado ou do crítico para a compreensão de sua totalidade criadora, inclusive a área autobiográfica, confessional”.

Dessa maneira, Lêdo Ivo aponta que a prática ensaística e cronística de JLR pode ser considerada como o seu “Diário de Escritor, apesar de sua imediata destinação pública” (IVO, 1958, p. 10-2). Dos milhares artigos de jornais publicados por seu amigo, Lêdo Ivo ainda lembra que a bagagem ensaística de JLR nos faz apreciar:

a extrema variação de seus temas, o nomadismo temático que o faz percorrer desde o fato-diverso policial ou esportivo ao tema político ou econômico. Do comentário literário ao depoimento humano, tudo é motivo para glosa e meditação, pretexto para que o prosador visite fagueiramente as mais diferentes províncias dos assuntos, da música de Mozart a uma iniciativa urbanística. De vez em quando, pode chocar o leitor o exagero ou desproporção com que se manifesta sobre figuras de sua entourage pessoal. É que o grande romancista, com a sua natureza pletórica, seu intuitivismo às vezes mal domado, preferia pecar pela generosidade, daí a presença, em sua obra judicativa, de tantas manifestações residuais de amizade (Ibidem, p. 33).

Quanto às escolhas das crônicas dessa coletânea, nota-se que Lêdo Ivo optou por apresentar ao leitor duas crônicas sobre duas cidades portuguesas e seis ensaios que dão luz à produção crítica-literária de JLR. Entre as crônicas duplicadas, ou seja, publicadas tanto na coletânea de 1958 quanto nas edições d’*O Globo*, temos “Lisboa” e “Funchal, cidade macia”. Já dentre as crônicas d’*O Globo*, foram selecionadas as seguintes crônicas:

1. “Cinema português” (20 maio 1944)
2. “Entre Eça e Camilo” (18 set. 1944)
3. “O Camilo das polêmicas” (07 dez. 1944)
4. “O fado de Amália Rodrigues” (22 dez. 1944)
5. “O rei João e seu biógrafo” (21 fev. 1945)
6. “As polêmicas de Eça de Queiroz” (01 set. 1945)
7. “Eça de Queiroz e o Prado de São Paulo” (04 abr. 1946)
8. “Eça de Queiroz, homem da História” (18 jun. 1946)
9. “Os portugueses e o senhor Gilberto Freyre” (28 jun. 1946)
10. “O cinema português” (22 jul. 1946)
11. “A palavra santa e a Princesa Isabel” (30 jul. 1946)
12. “O poeta António Botto” (29 ago. 1947)
13. “O poeta Campos de Figueiredo” (08 jan. 1951)
14. “Amigos portugueses” (01 abr. 1952)
15. “Pedro I” (13 dez. 1952)
16. “Entre o mar e o Rio” (18 ago. 1953)
17. “Brasil-Portugal” (19 nov. 1953)
18. “Bilhete de Lisboa” (09 mar. 1954)
19. “A música brasileira e Carmen Miranda” (09 dez. 1954)
20. “João Gaspar Simões, no Brasil” (21 fev. 1956)

21. “Roteiro literário do Brasil e Portugal” (31 mar. 1956)
22. “O mestre Casais Monteiro” (31 maio 1956)
23. “Funchal, cidade macia” (18 jul. 1956)
24. “Um português” (20 jul. 1956)
25. “Lisboa” (03 out. 1956)
26. “O Vera-Cruz, uma casa portuguesa” (24 out. 1956)

Da gama de crônicas sobre Portugal e autores portugueses, prevalecem os ensaios de crítica literária em torno de obras de Adolfo Casais Monteiro, António Botto, Camilo Castelo Branco, Campos de Figueiredo, Carlos Queiroz, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Fialho de Almeida, João Gaspar Simões e Padre Antônio Vieira. O extenso ensaio a respeito de Fialho de Almeida, reunido em *O vulcão e a fonte*, fora publicado inicialmente como prefácio à edição brasileira de *Os gatos* (Rio de Janeiro: Edições Livros de Portugal, 1942) (HOLLANDA, 2003, p. 193). As cidades de Lisboa, Funchal e São Vicente aparecem ilustradas nesses textos, bem como a música de Amália Rodrigues e Carmen Miranda. JLR também publicou suas impressões a respeito do cinema e da música portuguesa.

O cronista dedicou textos à presença, permanente ou temporária, de intelectuais portugueses na cidade do Rio de Janeiro, a saber: Ameal Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Luís Forjaz Trigueiros e Vitorino Nemésio – na crônica “Amigos portugueses” (01 abr. 1952); “João Gaspar Simões, no Brasil” (21 fev. 1956), escritor que viera proferir curso sobre Literatura Portuguesa na Escola Nacional de Filosofia; “O mestre Casais Monteiro” (31 maio 1956), sobre o poeta, tradutor, crítico e romancista português que, na ocasião, vivia na cidade de Salvador, exilado de seu país e lecionando Literatura Portuguesa na Universidade da Bahia, e fora cogitado para assumir a cátedra da Escola Nacional de Filosofia, possibilidade que não foi adiante e, por último, “Um português” (20 jul. 1956), sobre a visita de Nuno Simões, advogado e diretor da revista *Atlântida*, ao Rio de Janeiro.

O paraibano também não deixou de comentar a boa relação que seu amigo de longa data Gilberto Freyre teve com Portugal. Chega a apontar a situação na qual GF, então deputado federal pela UDN, teve o seu discurso na Constituinte elogiado pelos jornais do país ibérico. Como se sabe, Freyre teve relação de longa data com o país-irmão. Nesse sentido, a historiadora Lucia Guimarães informa que o Ministério de Relações Exteriores do Brasil patrocinou “as viagens de Mário Melo, Manuel Cícero Peregrino, Gilberto Freyre e Luís Camilo de Oliveira Neto, delegados oficiais do governo brasileiro ao Congresso de Expansão Portuguesa no Mundo, inaugurado em Lisboa, a 19 de junho de 1937 [...]” (GUIMARÃES, 2009, p. 139).

Sobre personagens da História do Brasil e de Portugal, o cronista comenta a biografia de D. João VI publicada pelo diplomata brasileiro Oliveira Lima em “O rei João e seu biógrafo” (21 fev. 1945), e também relembra, em outra crônica, uma história ainda do seu tempo de engenho, que faz referência à Princesa Isabel (“A palavra santa e a Princesa Isabel”, 30 jul. 1946). Pedro I, biografado pelo historiador brasileiro Otávio Tarquínio de Sousa, também entra em cena (“Pedro I”, 13 dez. 1952).

2.4. As cidades portuguesas

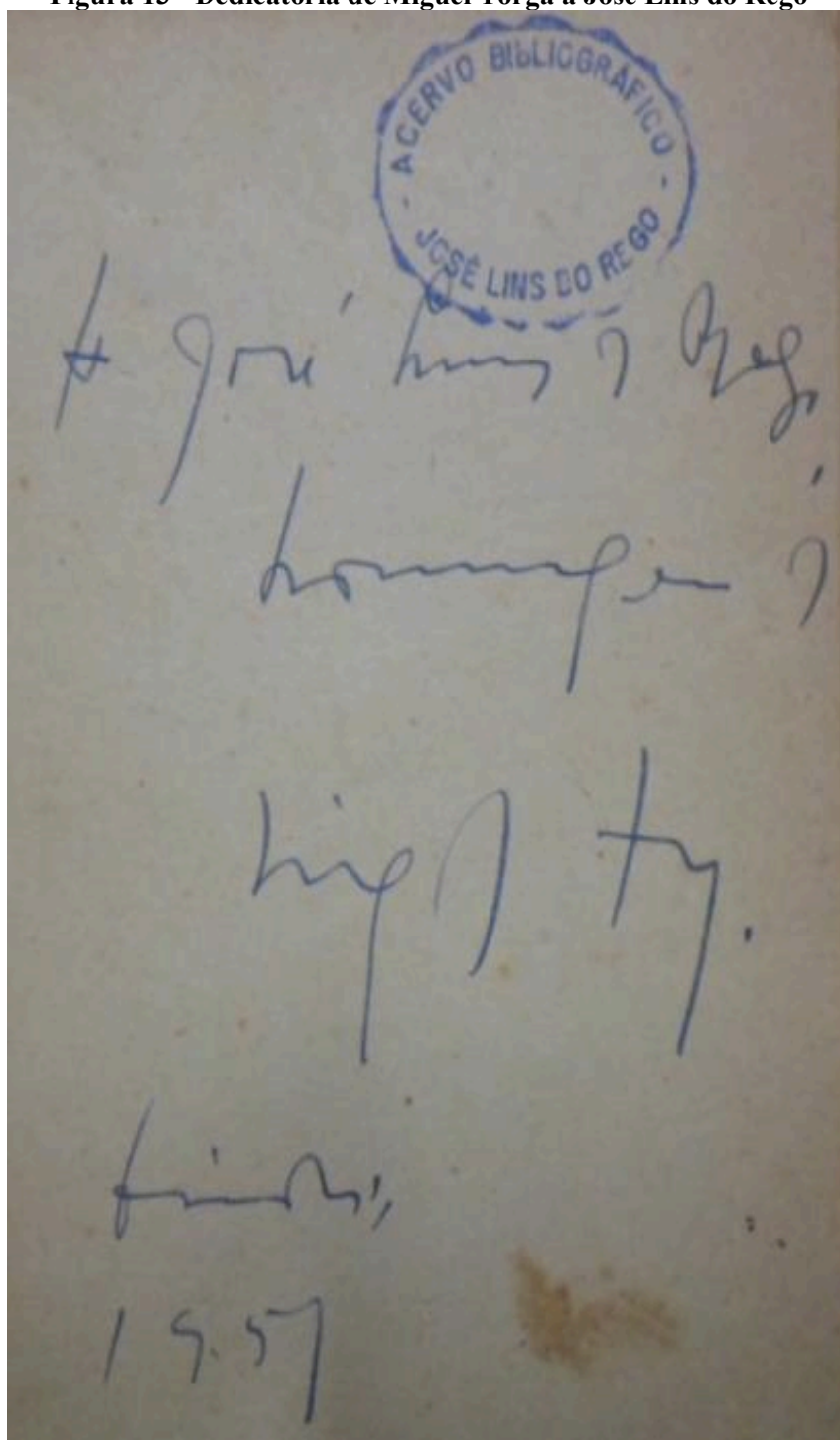
Bernardo Buarque de Holanda, no capítulo “Viandante” de *ABC de José Lins do Rego*, conta que a passagem de JLR pelo país “foi motivo para recepção e homenagem de renomados escritores portugueses” (HOLLANDA, 2012, p. 228). Em almoço de recepção a JLR, realizado em Coimbra a 21 de junho de 1951, Miguel Torga foi quem discursou a respeito do brasileiro. O discurso ressalta os laços de união intelectual entre Brasil e Portugal:

Temos entre nós, sentado à mesa da pequena casa lusitana, José Lins do Rego, que na companhia de um punhado de jogadores do Flamengo atravessou o Atlântico. Na adulta consciência de um dos seus maiores escritores, e na destreza lúcida da sua mocidade, visita-nos a descomunal grandeza do Brasil, durante séculos a levar, e finalmente a florir (TORGA, 2001, p. 121).

Curiosamente, o discurso de Miguel Torga se aproxima da crônica “Brasil-Portugal”, publicada a 19 de novembro de 1953, na qual JLR comemora a estreita relação diplomática que se fizera entre as duas nações naquele ano, chegando “os responsáveis pela nossa política exterior a uma conduta de vida que já devia ser uma norma há tempos estabelecida”. Diante de diversos elogios ao país-irmão, ainda comenta outros feitos do Itamaraty, que nos havia dado “a aliança com o Pacífico, através do Peru” e que vinha “com a sua nova manobra a se ligar ao outro lado do Atlântico, com um tratado que consulta os interesses vitais do Brasil”. Assim, tanto no discurso de Miguel Torga quanto nessa crônica de JLR percebe-se a exaltação mútua da harmonia intelectual entre os dois países, como prova de afeição e de admiração.

A Biblioteca de JLR abriga um exemplar de autoria de Torga, intitulado *Teatro* (Coimbra Editora, 1950) (Figura 13):

Figura 13 - Dedicatória de Miguel Torga a José Lins do Rego



TORGA, Miguel. *Teatro*. Coimbra Editora, 1950.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: "A José Lins do Rego // homenagem de // Miguel Torga // Lisboa // 1951".

As crônicas de JLR a respeito das cidades portuguesas, embora não numerosas, revelam a faceta descritiva de JLR, sendo o clima, a paisagem, os costumes, as colheitas e os artistas

presentes em suas observações a respeito do mundo português, como é possível observar no trecho a seguir:

O outono chegou a Lisboa ainda com as folhas das árvores da Avenida da Liberdade bem verdes, como as deixei em junho. Mas as chuvas copiosas são de outono. Lá pelo Norte, as vindimas sentem a pressão do tempo e já se fala em prejuízo nas colheitas. Não será um ano bom de vinho. Uvas e melões aparecem nas mesas, doces e macios, desfazendo as gorduras de mariscos e carnes de frituras. E os jornais se enchem de júbilo com as primeiras toneladas de petróleo da Angola. Beatriz Costa reaparece no teatro de revista e o Villaret comanda uma trupe de comediantes em espetáculo de variedades (REGO, José Lins do. “Lisboa”. In: *O Globo*, 03 out. 1956).

Ainda na mesma crônica, JLR compara a capital portuguesa à cidade de Roma, ao dizer que “toda Lisboa é um equilíbrio entre a luz e a pedra. Aqui o barroco não se soltou como em Roma” e às cidades de Paris e Atenas:

Lisboa não é uma perdição como Paris. Aqui não se fabricam estimulantes para assanhar a besta humana. A cidade se comporta bem, não se paganizou em saturnais. Os próprios cabarés são adegas onde se canta o fado com mulheres e homens que nos fazem dolentes. Há uma tristeza boa nas cantigas lusas. O fado não é música para bailarinos. É música para arrasar o coração. Às vezes, uma cantiga de adega nos provoca fúrias dionisiacas. Uma Amália Rodrigues tem acentos gregos de bacante na voz que vai ao profundo de nossas ansiedades. Quase sempre, porém, o fado se consome em mágoa que sangra. Assim é Lisboa noturna, a que se acerca do vinho para ouvir as suas musas de xale e voz de contralto. Em Atenas, tudo se resolve em dança como de terreiro de xangô. O grego faz da música apenas o pretexto para agitar-se em baile que parece um rito religioso. Em Lisboa canta-se para espalhar os males. É verdade que os males não têm medo das cantorias. O amor contrariado continua nos corações que são ninhos quentes. Lisboa dorme. A cidade não se amedronta com os seus complexos. As grandezas da antiguidade são do passado. O que vale para ela é o dia de hoje (REGO, José Lins do. “Lisboa”. In: *O Globo*, 03 out. 1956).

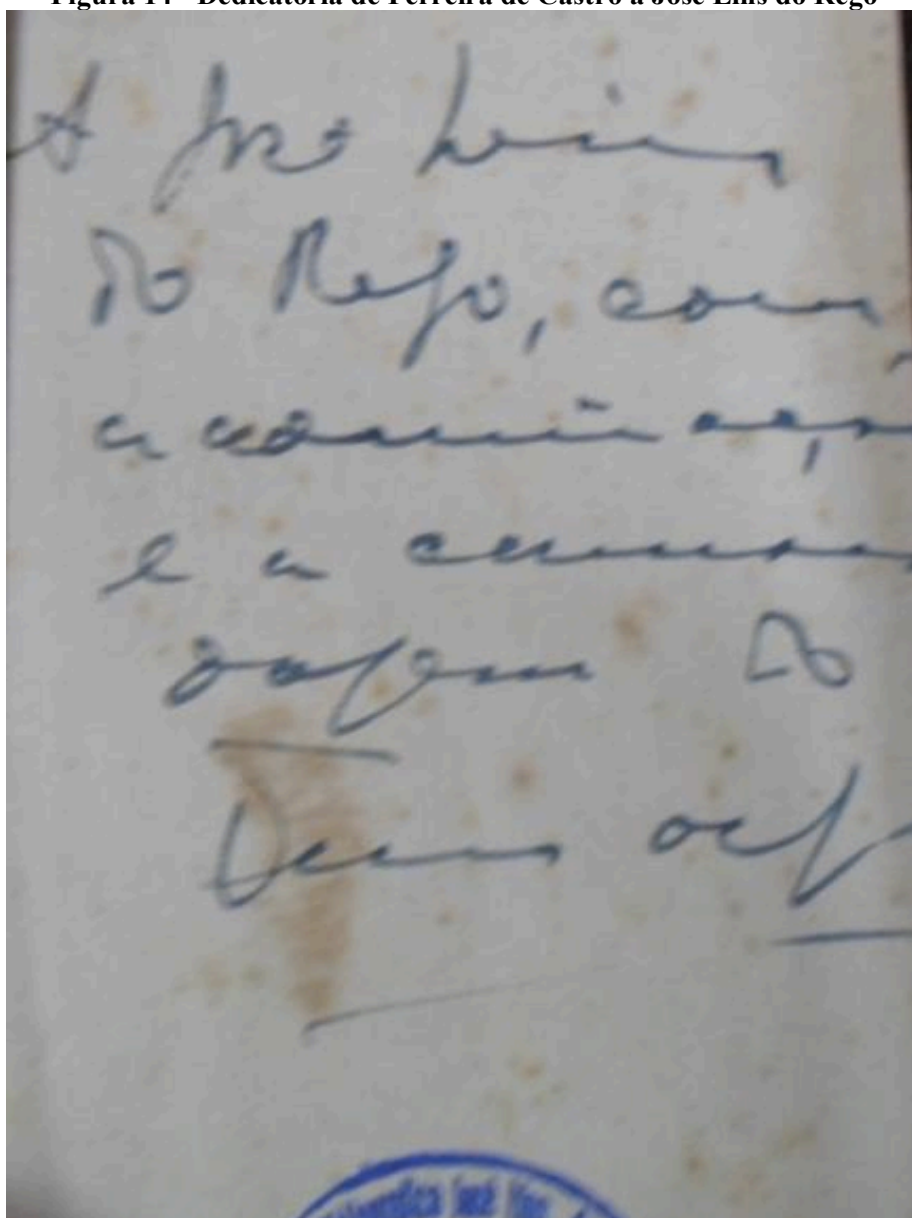
A viagem de barco a bordo do Vera-Cruz, descrito por ele como “um palácio flutuante” que o levou à Ilha da Madeira, depois de passar por Funchal e São Vicente, apresenta o seguinte relato:

Todos se conhecem na travessia e todos se falam com a simplicidade de velhos amigos. A convenção burguesa se quebra. Todos nós somos do mesmo barco sem imponências e absurdas limitações. É que, apesar de todas as aparências de cerimônia, o português no mar é homem sem limites. Quando o Vera-Cruz aporta na entrada do cais a multidão se aglomera para ver o pedaço da pátria que chega. O corpo foi dado ao mar, a alma foi dada a Deus, mas o coração

lusitano não tem dono. E é coração que não tem tamanho (REGO, José Lins do. “O Vera-Cruz, uma casa portuguesa”. In: *O Globo*, 24 out. 1956).

A crônica “Funchal, cidade macia” faz o cronista se recordar de seu Nordeste, ao deparar-se com a Ilha onde “todos falam um português que canta como o dos nordestinos e as violas gemem como as do Pajéu”. JLR faz referência ao vinho verde, aos ventos, às flores, aos rapazes que fumam cachimbo e tomam chá, “como faziam os ingleses”, às bordadeiras, entre outras evocações. Essas menções se ligam a uma das obras conservadas em sua Biblioteca: o romance *Eternidade* (Livros de Portugal, s/d), publicado originalmente em 1933, de José Maria Ferreira de Castro (Figura 14), escritor neorrealista e historiador português que nessa obra conta a sua terra, a Ilha da Madeira, em trechos que muito se aproximam das referências feitas por JLR, no texto citado anteriormente. O exemplar apresenta a seguinte dedicatória:

Figura 14 - Dedicatória de Ferreira de Castro a José Lins do Rego



CASTRO, Ferreira de. *Eternidade*. Livros de Portugal, s/d.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “A José Lins // do Rego, com // a admiração // e a camaradagem do // Ferreira Castro”.

Antes mesmo de travar contato com intelectuais cabo-verdianos durante sua passagem pela Ilha da Madeira e pela Ilha de São Vicente, o escritor já havia tido contato com a poesia cabo-verdiana, como comprova a crônica “Os poetas de Cabo Verde”, publicada a 06 de outubro de 1945. Ele comenta sua presença na conferência proferida pelo português José Osório de Oliveira, “um escritor da metrópole, que tem sedução pelo mundo colonial” sobre os “irmãos perdidos no meio do mar grande”, ilhados assim como os “nordestinos que se ilham nos sertões”:

e era como se estivesse a escutar histórias lá do meu Nordeste. Os mundos que o português criou têm essas semelhanças que marcam muito bem a força do criador luso. Em Cabo Verde é como no Pilar da Paraíba, em Rio Pardo do Rio Grande, sente-se o açoriano na língua, no trato, na voz (REGO, José Lins do. “Os poetas de Cabo Verde”. In: *O Globo*, 06 out. 1945).

No trecho acima, porém, o cronista reforça o português e a sua força colonizadora, e mostra as semelhanças que aproximam aquela ilha no meio do Atlântico de sua Paraíba dos engenhos. O interesse de Osório é o fator que ativa os seus estudos das “realidades africanas, pelas semelhanças brasileiras, pelo milagre da miscigenação”, interpretação da influência lusa muito frequente naquele período e que fez parte do repertório intelectual do português Osório e também de Gilberto Freyre.

Esse último, dentre tantas obras a favor do luso-tropicalismo, chegou a publicar *O mundo que o português criou* (1940), livro em que analisa aspectos das relações sociais e culturais entre Portugal e suas colônias e que está presente na biblioteca do amigo paraibano. Essa ideia de mundo criado pelos lusos também aparece frequentemente nas crônicas de JLR, sempre como um fator positivo, ligado à pluralidade e à ideia de defesa do luso-tropicalismo.

A viagem de JLR e sua aproximação com os intelectuais de Cabo Verde, país que naquela época ainda era território português (a Independência do país africano é proclamada em 1975)²⁰, chama a atenção nesse conjunto de “crônicas portuguesas”. Lembre-se que a tanto a seca como as disparidades geográficas e a forte presença de elementos africanos eram questões comuns ao Nordeste brasileiro e à ilha, de maneira que houve reciprocidade e empatia entre os intelectuais cabo-verdianos e nordestinos. Em “Funchal, cidade macia” (18 jul. 1956), o cronista faz menção à viagem de barco que fez entre a Península Ibérica e Funchal, ilha portuguesa: “Dias e dias em mar de rosas, até que começamos a ver os rochedos de São Vicente. Pedras nuas e, mais tarde, a ternura dos amigos de Cabo Verde”.

Vera Lúcia de Oliveira, professora de Literatura na *Università degli Studi di Perugia*, no artigo “Brasil e Cabo Verde: duas margens do mesmo mar” (2010), indica as pistas iniciais do contato entre intelectuais dos dois países tido como “irmãos”, já que ambos, a despeito da disparidade na ordem de grandeza territorial, foram colonizados pelos portugueses. Segundo a autora, o Modernismo brasileiro foi o movimento literário que serviu de modelo e estímulo às ilhas cabo-verdianas, uma vez que durante o mesmo período (década de 1930) Portugal estava sob o domínio ditatorial e sob a censura de Salazar. O próprio neorrealismo português foi

²⁰ A independência das ex-colônias portuguesas em África ocorre muito depois da onda pan-africanista das primeiras independências de 1960: Guiné Bissau (1973); Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Angola (1975).

influenciado, em muitos aspectos, pelos escritores regionalistas brasileiros da geração de 30, que:

punham a nu uma realidade arcaica de exploração dos trabalhadores da terra, do modo como denunciavam o poder e a prepotência dos latifundiários e o comportamento do próprio governo, que sustentava e apoiava tal sistema. Os livros brasileiros circularam clandestinamente pelas terras do império português e chegaram também em África, apesar da censura (OLIVEIRA, 2010, p. 85).

Ainda de acordo com a pesquisadora, autores cabo-verdianos como Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes indicam em diversos momentos de suas carreiras a contribuição dos escritores brasileiros-nordestinos-modernistas, dentre os quais: Manuel Bandeira, Jorge de Lima, José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos. A linguagem original, as similaridades geográficas e os problemas econômicos, sociais e ambientais foram pontos em comum tanto do Nordeste brasileiro quanto das ilhas de Cabo Verde, de modo que:

É um português mestiço e mulato que agrada imenso aos escritores africanos, que permite exprimir novos sentimentos, matizes sutis, sentir o mundo de um modo diverso do dos lusitanos. Pelos seus laços com a África, a cultura brasileira era seguramente sentida muito mais próxima que a portuguesa (Ibidem, p. 85).

Vera Lúcia de Oliveira comenta que talvez alguns desses modernistas brasileiros nunca tenham nem imaginado este forte impacto na literatura cabo-verdiana. A presença de JLR em Cabo Verde, registrada na crônica “O Vera-Cruz, uma casa portuguesa” (24 out. 1956), narra o trajeto marítimo que o levou até a ilha atlântica em 1956 e permite supor que o escritor tenha travado contato com intelectuais da ilha e tenha então percebido o forte impacto da literatura regionalista brasileira naquele grupo de escritores. A Biblioteca de JLR conserva um exemplar de *Caderno de um ilhéu* (1955), do escritor cabo-verdiano Jorge Barbosa (Figura 15):

Figura 15 - Dedicatória de Jorge Barbosa a José Lins do Rego

Ao grande romancista
 José Lins do Rego, com
 antiga admiração e
 muita simpatia.
 Lembrança da sua
 passagem por S. Vicente.
 Jorge Barbosa
 S. Vicente, Cabo Verde,
 21/6/56.

BARBOSA, Jorge. *Caderno de um ilhéu*. Editora Tipografia Silva, 1955.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “Ao grande romancista // José Lins do Rego, com // antiga admiração e // muita simpatia. // Lembrança da sua // passagem por S. Vicente. // Jorge Barbosa // S. Vicente, Cabo Verde, // 21/6/56”.

A dedicatória apresentada acima indica que a ida de JLR ao país é reveladora das trocas literárias ocorridas com Jorge Barbosa, que versificara em 1951 o poema apresentado a seguir, dedicado a Ribeiro Couto²¹:

Eu gosto de você, Brasil
 Porque você é parecido com a minha terra.
 Eu sei bem que você é um mundão
 E que a minha terra são
 Dez ilhas perdidas no mapa.
 [...]

É o seu povo que se parece com o meu,
 é o seu falar português
 que se parece com o nosso,
 ambos cheios de um sotaque vagaroso,
 de sílabas pisadas na ponta da língua de
 alongamentos nos lábios
 de expressões terníssimas e desconcertantes.

É a alma da nossa gente que reflete
 a alma da sua gente simples,
 ambas cristãs e supersticiosas,
 sentindo ainda saudades antigas
 dos sertões africanos [...]

(BARBOSA, Jorge. “Você, Brasil”. In: *Cabo Verde*, n. 21, 01 jun. 1951).

Manuel Ferreira (1989, p. 156-157) alude ao “alumbramento dos poetas cabo-verdianos pela poesia brasileira” e aproxima a poética do pernambucano Manuel Bandeira com a de Jorge Barbosa, em função das temáticas do “cotidiano, dos pequenos acontecimentos, das pequenas figuras, de Nhô Fulano, de Nhô Beltrano, das pequenas histórias do dia a dia”. A aproximação também se dá com Osvaldo Alcântara, quando trata do “mito da sereia, o menino doente etc.”.

A viagem de barco realizada pelo cronista em 1956 é um dentre outros exemplos de como as motivações iniciais de suas viagens costumavam se desdobrar em outros fins: se na viagem de 1951 Portugal fora o primeiro e também o último país visitado antes do retorno ao Brasil, após uma turnê europeia vinculada ao Clube de Regatas do Flamengo, em 1954 o futebol também fora a motivação inicial, sendo o ano da Copa do Mundo de Futebol da Suíça, durante a qual JLR foi membro da delegação brasileira. Já em junho de 1956 ele estivera em Portugal

²¹ Ribeiro Couto responderia à homenagem com o poema “Recado para o Arquipélago”, que começa com os seguintes versos: “Jorge Barbosa // Em Cabo Verde te imagino // Olhando o céu – triste menino // da Ilha do Sal” (FERREIRA, 1989, p. 167).

a fins de turismo, pois em agosto do mesmo ano viajara à Grécia para visitar sua filha Maria Christina.

Embora a partir da década de 1940 as ideias lusotropicalistas de Freyre tenham sido rechaçadas nas colônias portuguesas de África em processo de construção de suas independências, dentro do movimento do pan-africanismo, Rachel Miranda menciona que *Casa grande & senzala* foi “leitura de motivação de movimentos como os de Angola e, especialmente, o Claridade, de Cabo Verde, citado em *Aventura e rotina*”, de sorte que “a mesma apropriação de ideias de Freyre pela elite política do governo salazarista foi realizada por alguns dos movimentos germinais nacionalistas africanos” (MIRANDA, 2002, p. 67-68).

A revista *Claridade*, fundada em 1936 pelos jovens escritores Baltasar Lopes (com o pseudônimo Osvaldo Alcântara), Jorge Barbosa e Manuel Lopes, é um divisor de águas na vida literária e cultural de Cabo Verde. O periódico confere ao discurso literário desse conjunto de ilhas a devida originalidade e afasta-o da posição de “subsidiário do discurso literário português”. O surgimento dessa revista não foi um fato isolado: durante a década de 1930, a Europa e os Estados Unidos sofriam os efeitos de uma das maiores crises econômicas, e politicamente “pairava o pesadelo” do nazifascismo na Alemanha, Itália, Espanha e Portugal (FERREIRA, 1989, p. 151-152).

Nesse momento, o pan-africanismo ganha força em comunidades africanas dos Estados Unidos, Haiti, Cuba, França, entre outros. Segundo Manuel Ferreira, a “força catalisadora” no caso cabo-verdiano fora proveniente do Brasil. Para tanto, recupera trecho de depoimento de Baltasar Lopes sobre a década de 1930:

“nos caíram nas mãos fraternalmente juntas, em sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais *pro domo nostra*. Na ficção, o José Lins do Rego do *Menino de engenho* e do *Banguê*, o Jorge Amado do *Jubiabá* e do *Mar morto*, o Armando Fontes d’*Os corumbás*, o Marques Rebelo do “Caso da mentira”, que conhecemos por Ribeiro Couto; em poesia foi um “alumbramento a “Evocação do Recife” de Manuel Bandeira, que, salvo um ou outro pormenor, eu visualizava com as suas figuras dramáticas, na minha Ribeira Brava. [...] outro deslumbramento foi Jorge de Lima, em que o sinhozismo da “Nega Fulô” e o super-realismo do “Menino impossível” emparceiram na nossa receptibilidade com o Jorge de Lima da “Túnica inconsútil”, com as tosses, as asma, máquinas de costura, que precisam dormir...”

(LOPES, Baltasar, “Saudades no Rio de Janeiro, *Claridade*, n. 8, S. Vicente, Cabo Verde, maio 1958 apud FERREIRA, 1989, p. 152-153).

Ferreira aponta inclusive as afinidades literárias entre *Chiquinho* (1947) e *Menino de engenho*. Na sequência de trechos de Baltasar Lopes recuperados por Manuel Ferreira, há também menções a Gilberto Freyre que corroboram a afirmação de Miranda (2002), referente à boa recepção de *Casa grande & senzala* no circuito literário das ex-colônias. Contudo, essa recepção seria transformada ao longo das décadas de 1940 e 1950, com a progressiva aproximação de GF com o governo salazarista, comprovada inclusive pela declaração de Baltasar Lopes na Rádio Barlavento, da ilha de São Vicente, em 1956, “em resposta a certas considerações que Gilberto Freyre teceu sobre Cabo Verde, na sua obra *Aventura e rotina*” (FERREIRA, 1989, p. 152, 181).

Jorge Barbosa, por sua vez, dedicara o poema “Carta ao Brasil”, do mesmo ano, a GF, no qual ele descreve uma sonhada viagem à nossa terra (Ibidem, p. 168). Mesmo que aqui não tratemos das relações entre o regionalismo brasileiro e a literatura angolana, essa passagem do cronista angolano Ernesto Lara Filho se torna emblemática de um outro ponto de ressonância no mundo da língua portuguesa:

Sou uma espécie de brasileiro. Um angolano, nasci- do em Benguela, filho de pai minhoto. Um português de Angola, que conhece melhor Erico Veríssimo, José Lins do Rego e Graciliano Ramos do que Eça de Queiroz e Aquilino Ribeiro.

Sou um angolano capaz de sentir o Brasil, capaz de recitar de cor um poema de Manuel Bandeira, capaz de sambar com intenção ao som de uma marchinha de Luiz Gonzaga, ouvindo o bater ritmado dum tam- bor com acompanhamento de reco-reco. O mesmo reco-reco que foi exportado no bojo das caravelas com os escravos de Angola. Sou capaz de entender tão bem uma noite de luar, uma noite de batuque, como Catulo da Paixão Cearense.
[...]

Amo o Brasil. Um amor que não tem explicação. Aliás, em amor, nada se pode explicar. É uma paixão de branco pela mulata do engenho. É uma paixão de negra pelo branco do roçado

(LARA FILHO, Ernesto apud CHAVES, Rita, 1990, p. 220-221).

2.5. O cinema português

O pesquisador César Braga-Pinto publicou recentemente o artigo “De *Pureza* (1937) a *Pureza* (1940) – José Lins do Rego e o cinema de Chianca de Garcia” (2018). Nele, analisa o romance zeliniano, publicado em 1937, e sua adaptação ao cinema, realizada três anos mais tarde pela produtora Cinédia, sob a direção do diretor português Chianca de Garcia. Braga-Pinto lembra que *Pureza* foi a primeira obra de JLR traduzida ao inglês, em 1947 e indica que

os originais do filme homônimo estão conservados na Cinemateca Brasileira, localizada na cidade de São Paulo (SP).

O autor também ressalta que o pequeno intervalo temporal entre a publicação do livro e o filme – três anos – revela “uma nova direção na produção do período, de cunho mais homogeneizante do que particularista, produção que anuncia um movimento de exacerbada exaltação nacionalista, típica do projeto cultural do Estado Novo” (BRAGA-PINTO, 2018, p. 251). Segundo ele, a escolha dessa obra para o cinema tem a ver com o perfil regionalista de JLR, já que “o regionalismo se distingue da literatura de viagens e da ficção de caráter predominantemente exótico ou etnográfico pelo seu caráter nacionalista” (Ibidem, p. 253) que, por sua vez, está vinculado à política do Estado Novo brasileiro.

Em março de 2019, foi feita visita à Cinemateca Brasileira, onde pude assistir a única cópia do filme de 1940, que ocupou o 1º lugar na categoria de longa-metragem em concurso realizado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão do Estado Novo brasileiro, em 1941. Dorival Caymmi é autor da música tema da película *Pureza* e Procópio Ferreira um dos atores principais do elenco.

Vale pontuar que o início da colaboração de JLR n’*O Globo* deu-se através da publicação de uma série de 99 crônicas sobre cinema, publicadas entre 17 de abril e 15 de setembro de 1944 na seção intitulada “O Globo nos cinemas”. Nesses textos o romancista cinéfilo faz as vezes de crítico de cinema, comenta a respeito de filmes hollywoodianos, sobretudo aqueles de Walt Disney, além de também tratar da produção cinematográfica de países como Alemanha, França, México, Portugal, Rússia, entre outros.

Em “Cinema português” (20 maio 1944), JLR diz ter sido motivado por uma carta de um leitor lusitano de sua coluna, e menciona os filmes *Severa* (1930), *Bocage* (1936), *Canção da Terra* (1938) e *Jardim da Europa* (s/d). Ele também menciona o poeta António Nobre (1867-1900) e mostra, assim, sua afeição com o repertório cultural português. Declara no fim do texto que “há um cinema pior do que o cinema português, é o cinema brasileiro”. Já em “O cinema português” (22 jul. 1946), JLR conta que por indicação do amigo Nelson Rodrigues foi ao cinema ver o drama português *Inés de Castro* (1944), sobre o qual JLR declara: “posso dizer sem exagero que vi a melhor composição de cinema que já me apareceu neste mundo” e que nele encontrou “o que há de mais plástico, de mais poético, de mais real em arte cinematográfica”.

Tanto no artigo de Braga-Pinto (2018) quanto nas duas crônicas apresentadas acima salta à vista o interesse de JLR pelo cinema, inclusive o português, e seu engajamento em levar ao leitor do jornal *O Globo* críticas filmicas em formato de crônica, já que partem de fatos

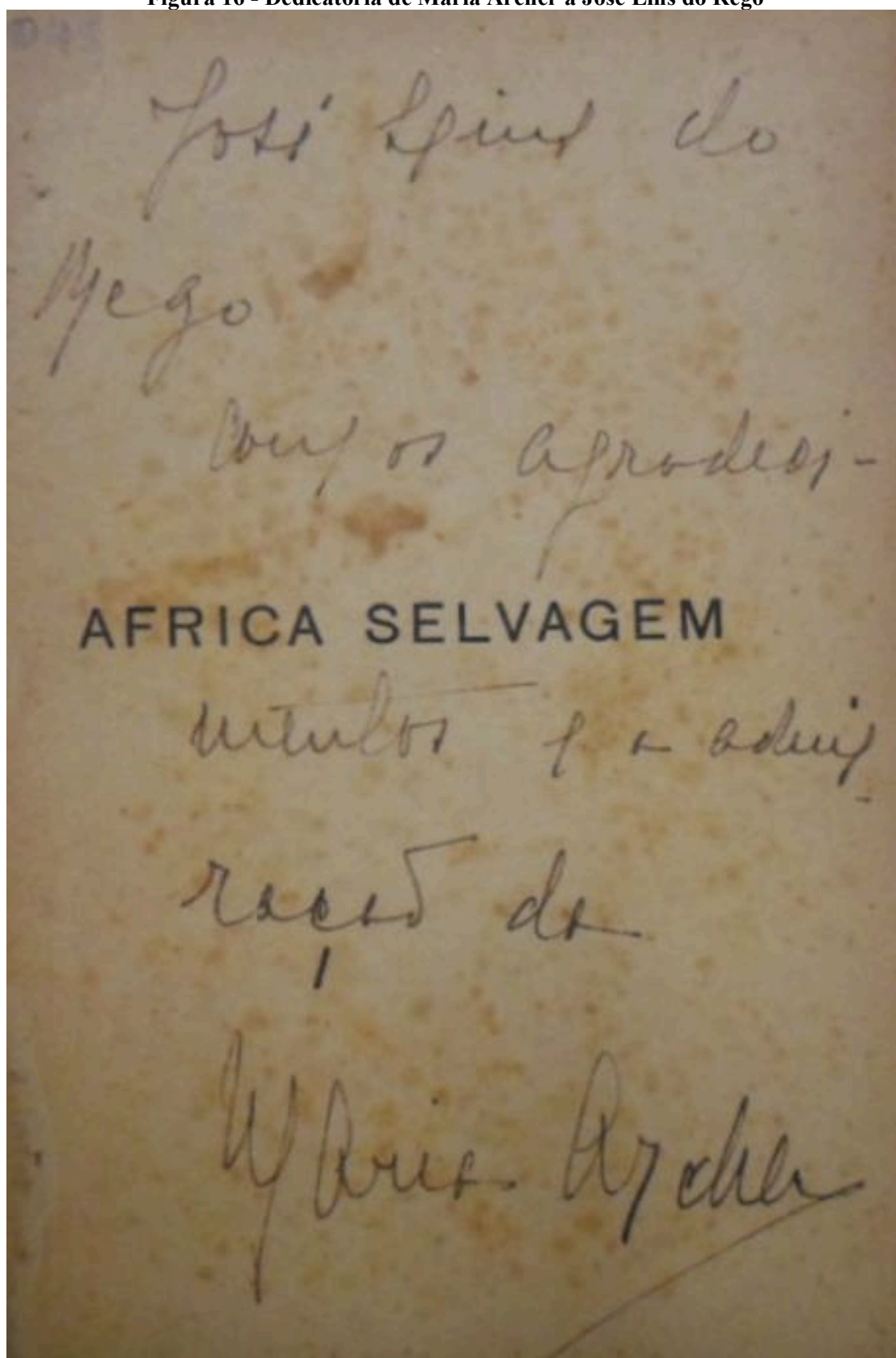
externos – na crônica de 1944 a motivação diz ser a carta de um leitor português e, na crônica de 1946, o comentário do amigo Nelson Rodrigues – para adentrarem no universo cinematográfico de Portugal. Trata-se de dar a conhecer ao leitor suas impressões dos filmes em cartaz e de cumprir assim a função informativa sobre o entretenimento na cidade do Rio, por meio da coluna “O Globo nos cinemas”.

2.6. A arte de mulheres portuguesas: uma crônica sobre a intérprete Amália

Rodrigues e duas obras em sua Biblioteca

Em “O fado de Amália Rodrigues” (22 dez. 1944), JLR conta da sua primeira impressão ao ouvir cantar a intérprete portuguesa cantando. Assume ter certa prevenção pelo fado, do qual “a tristeza melosa” lhe fazia mal, mas porque “não ouvira fados de verdade”. Daí entra a breve análise de Amália Rodrigues, “lusitana morena, de olhos brilhantes, de gestos sombrios”, que canta com a segurança “de quem é a própria paixão que interpreta”. O ato de cantar, para ela, não é somente uma profissão: “deve ser viver, consumir-se em paixão”.

Figura 16 - Dedicatória de Maria Archer a José Lins do Rego

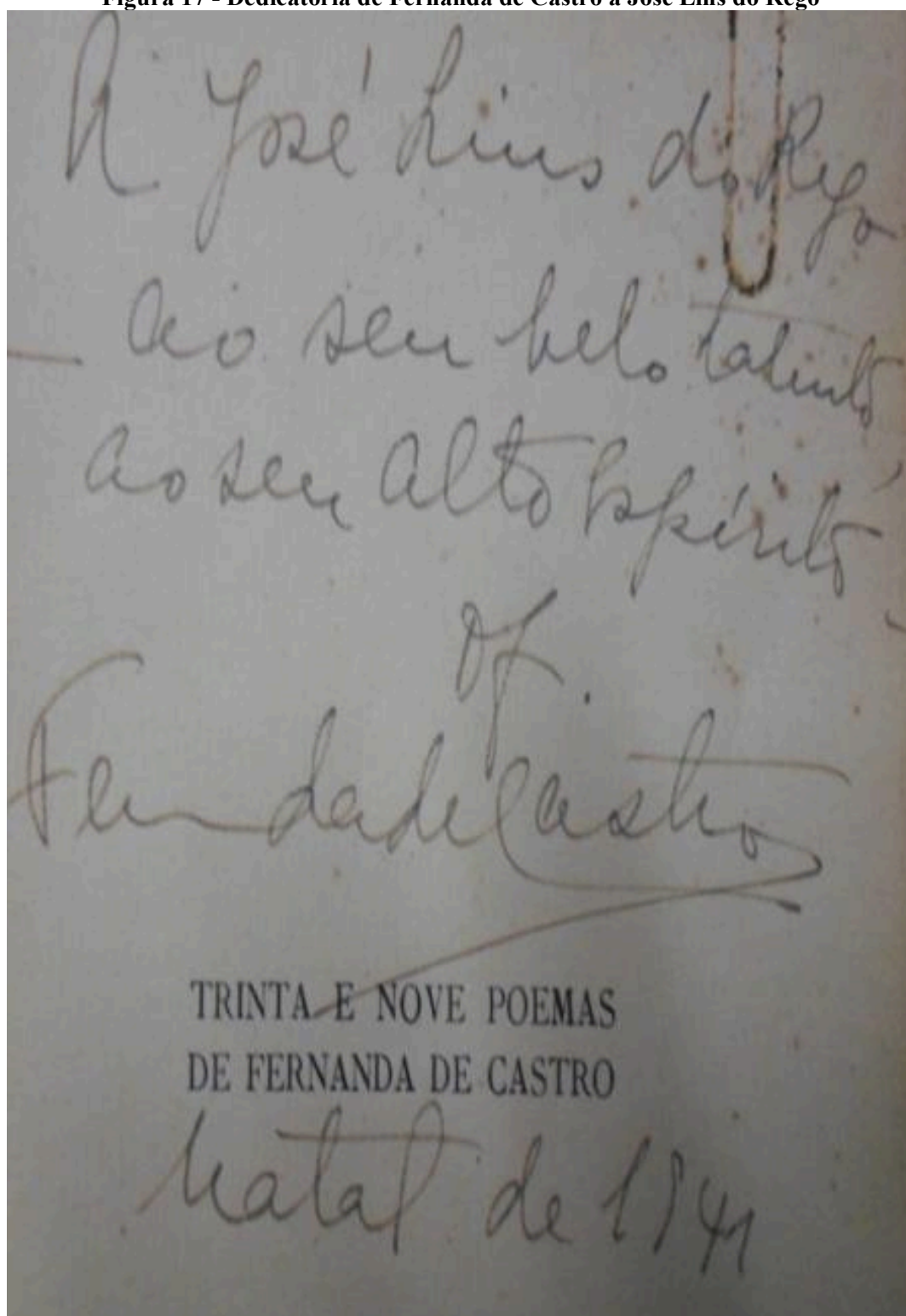


ARCHER, Maria. *África selvagem*. Lisboa: Guimarães & Cia, s/d.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: "José Lins do // Rego // com os agradeci-// mentos e a admi-// ração da // Maria Archer".

Figura 17 - Dedicatória de Fernanda de Castro a José Lins do Rego



CASTRO, Fernanda de. *Trinta e nove poemas de Fernanda de Castro*. Editorial Império, 1941.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: "A José Lins do Rego // ao seu belo talento, // ao seu alto espírito // Of. // Fernanda de Castro // Natal de 1941".

2.7. As crônicas zelinianas e as relações histórico-literárias entre Brasil e Portugal

As crônicas de JLR a respeito de intelectuais portugueses na cidade do Rio, que ali residiam ou que estavam de passagem, são importante ponto de observação para as relações entre Brasil e Portugal no decorrer das décadas de 1940 e 1950. “As polêmicas de Eça de Queiroz” (01 set. 1945) trata de uma coletânea do clássico autor português, publicada pela Editora Dois Mundos, com prefácio de João Luso, um dos pseudônimos do jornalista e escritor português Armando Erse de Figueiredo (1874-1950), que emigrou para o Brasil aos 17 anos, tendo vivido nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Na crônica “O poeta António Botto”, de 29 de agosto de 1947, JLR fala do polêmico poeta português que passou a viver no Brasil, mais especificamente no bairro de Santa Tereza, na cidade do Rio de Janeiro, de 1947 até o seu falecimento. Há poucas informações biográficas sobre o luso disponível na internet e o texto assinado por JLR traz notas preciosas sobre sua obra e trajetória:

[...] Afinal de contas quem é este poeta António Botto, perguntará o meu leitor, pouco dado às letras?

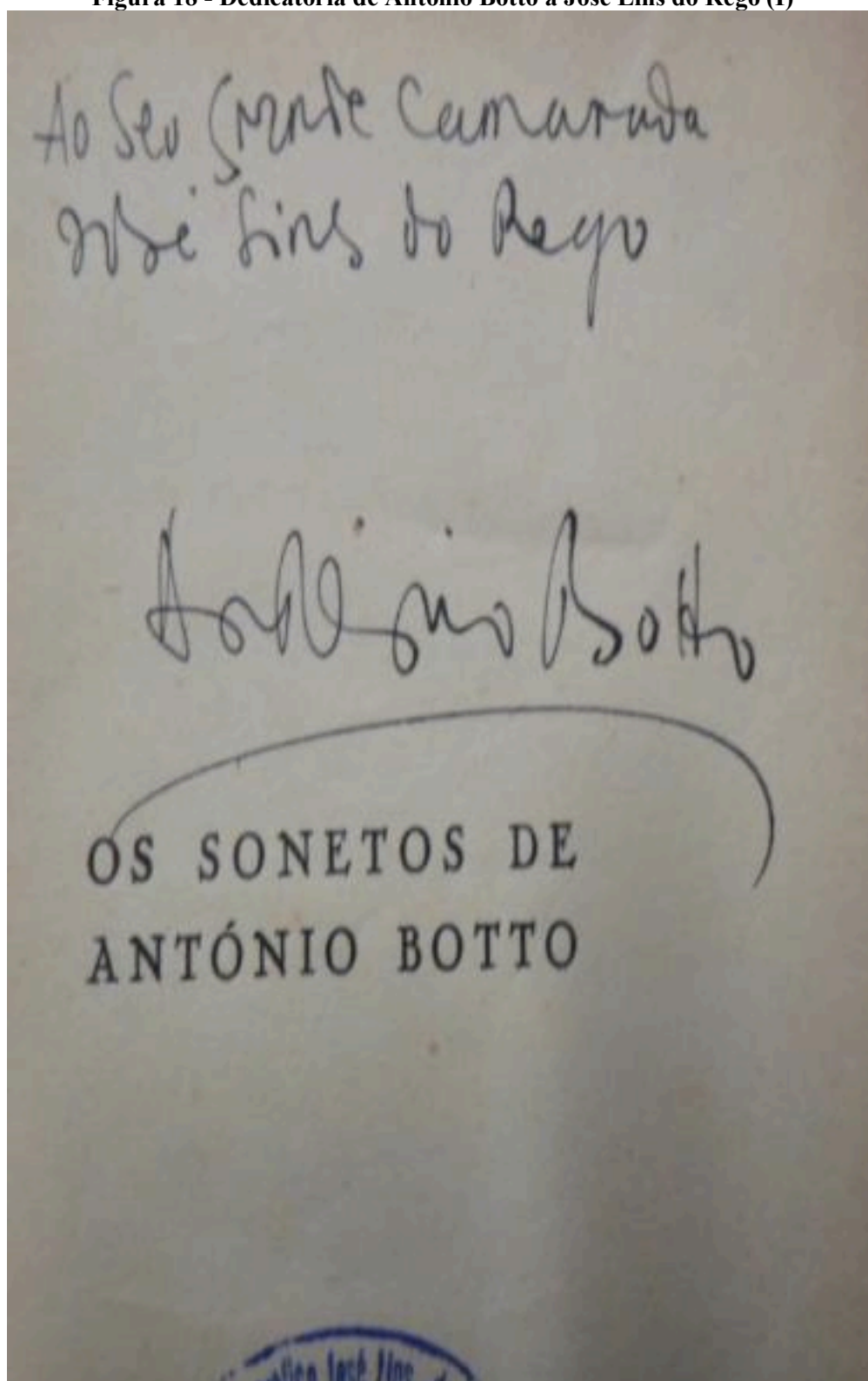
E eu lhe direi que é o maior poeta de Portugal nos dias de hoje, já que se foi, “para o acerto etéreo”, o imortal Fernando Pessoa. E como o meu leitor não saberá também nada de Fernando Pessoa, serei obrigado a dizer-lhe que Pessoa é uma espécie de um Camões da “vil tristeza”, gênio gerado pela dor de viver.

António Botto, porém, é um poeta gerado pela dor de amar. Não acredito que o amor pudesse conduzir um coração a maiores alegrias ou a maiores tristezas. A terrível tristeza do ciúme, a mágoa sem remédio, a ausência crucial, o gélido esquecimento em quem tanto carece de calor, de vida e do terno afago rompem nas canções do poeta Botto como as músicas da alma que não se consome em vão. O amor em Botto dá-lhe a euforia de dono de reino de príncipe de conto oriental, para depois conduzi-lo a um chorar dolorido de sonho pisado, de carne devorada por paixão invencível. [...].

(REGO, José Lins do. “O poeta António Botto”. In: *O Globo*, 29 ago. 1947).

Além disso, a Biblioteca de JLR possui três exemplares da obra de Botto (Figuras 18, 19 e 20). Duas delas foram enviadas ainda de Portugal, onde então residia o poeta, em 1938 e 1941 e a terceira, datada de 1951, foi entregue em mãos no Rio, conforme se observa nas reproduções abaixo:

Figura 18 - Dedicatória de António Botto a José Lins do Rego (I)

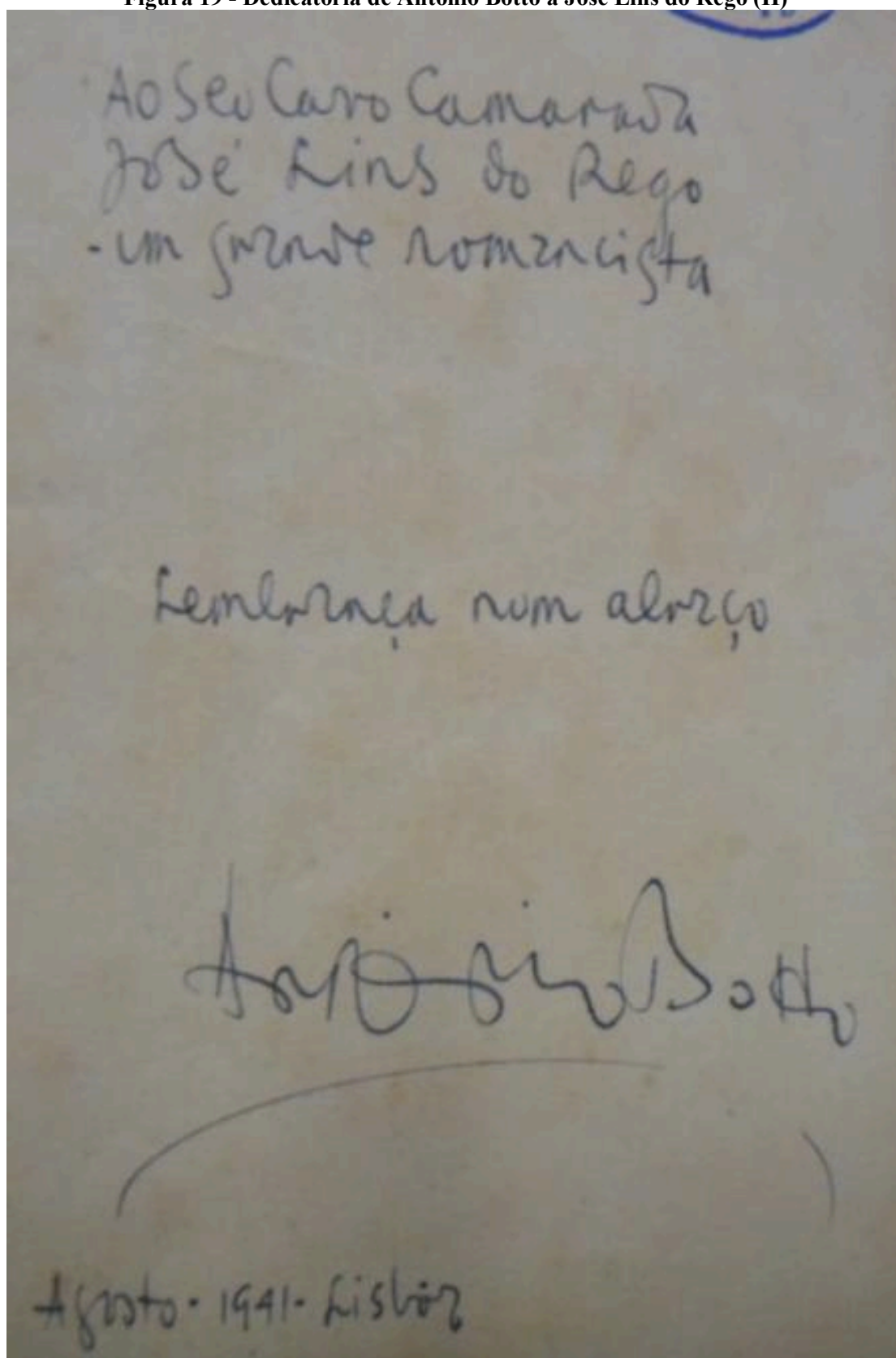


BOTTO, António. *Os sonetos*. Baroeth, 1938.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: "Ao seu grande camarada // José Lins do Rego // Antonio Botto".

Figura 19 - Dedicatória de António Botto a José Lins do Rego (II)

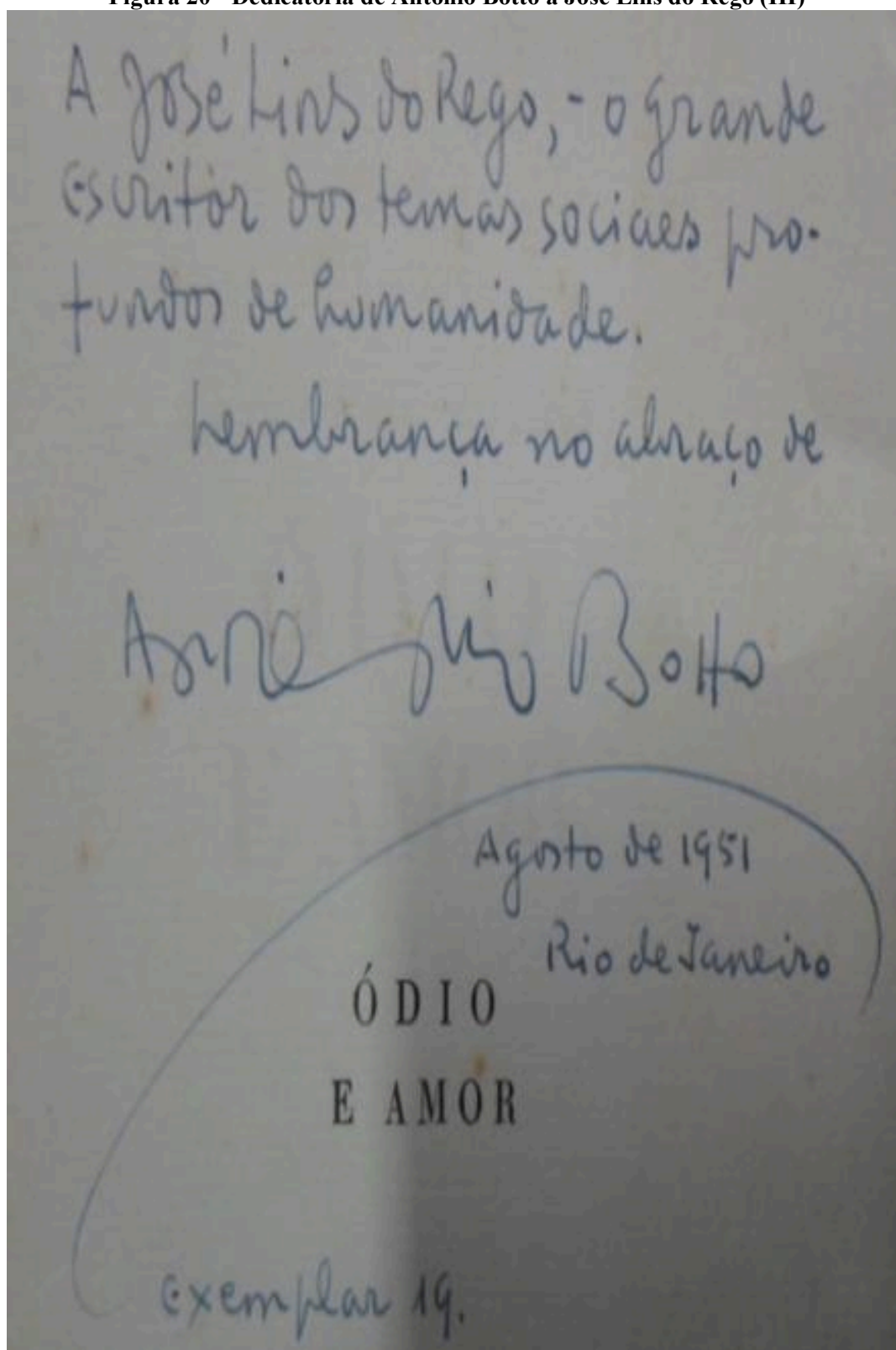


BOTTO, António. *As canções*. Poesia. 2ª edição. Bartrand, 1941.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: "Ao seu caro camarada // José Lins do Rego // – um grande romancista. // Lembrança num abraço // António Botto // Agosto – 1941 – Lisboa"

Figura 20 - Dedicatória de Antônio Botto a José Lins do Rego (III)



BOTTO, Antônio. *Ódio e amor*. Ática, 1947.

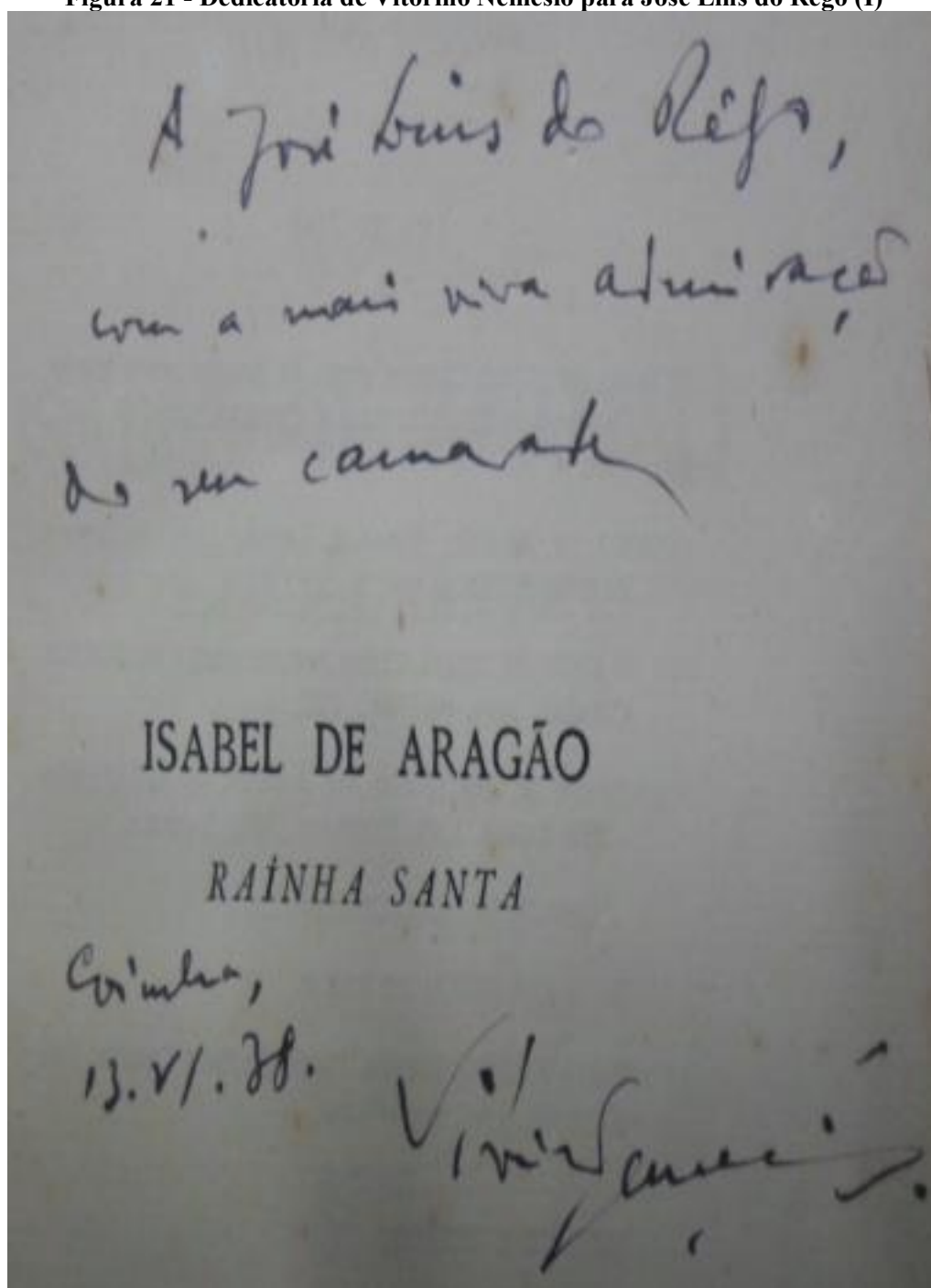
Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: "A José Lins do Rego, - o grande // escritor dos temas sociais pro-//
fundos de humanidade. // Lembrança no abraço de // Antônio Botto // Agosto de 1951 //
Rio de Janeiro // Exemplar 19".

“Eça de Queiroz e o Prado de São Paulo” (04 abr. 1946), por sua vez, trata do depoimento da filha do romancista, Maria de Eça de Queiroz, dado em conferência acerca da trajetória de seu pai, inclusive das relações de amizade por ele cultivadas na casa de Neully, no interior da França, sendo os brasileiros da família Prado, Eduardo e Fernando, “de todos os dias e todas as noites”. Na crônica “Eça de Queiroz, homem da História” (18 jun. 1946), JLR recupera estudo do crítico argentino Roberto Giusti, que fora publicado recentemente em jornal argentino, não identificado no texto.

Na crônica “Amigos portugueses” (01 abr. 1952), JLR menciona a missão de cultura do governo português que reuniu Ameal Ribeiro, professor de História e Geografia Humana, o romancista Aquilino Ribeiro, o intelectual Vitorino Nemésio e o crítico Luís Forjaz Trigueiros na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, o autor relembra sua primeira ida a Portugal, onde percebeu o alto valor que se dá ao Brasil: “Os pais da obra não se põem a botar defeito no que fizeram. Pelo contrário, enchem-se de orgulho e até exageram um pouco as coisas. Veem-nos como se fôssemos maiores do que somos”. Cabe salientar que na Biblioteca de JLR constam os seguintes exemplares, com dedicatórias afetivas (Figuras 21, 22, 23, 24 e 25):

Figura 21 - Dedicatória de Vitorino Nemésio para José Lins do Rego (I)

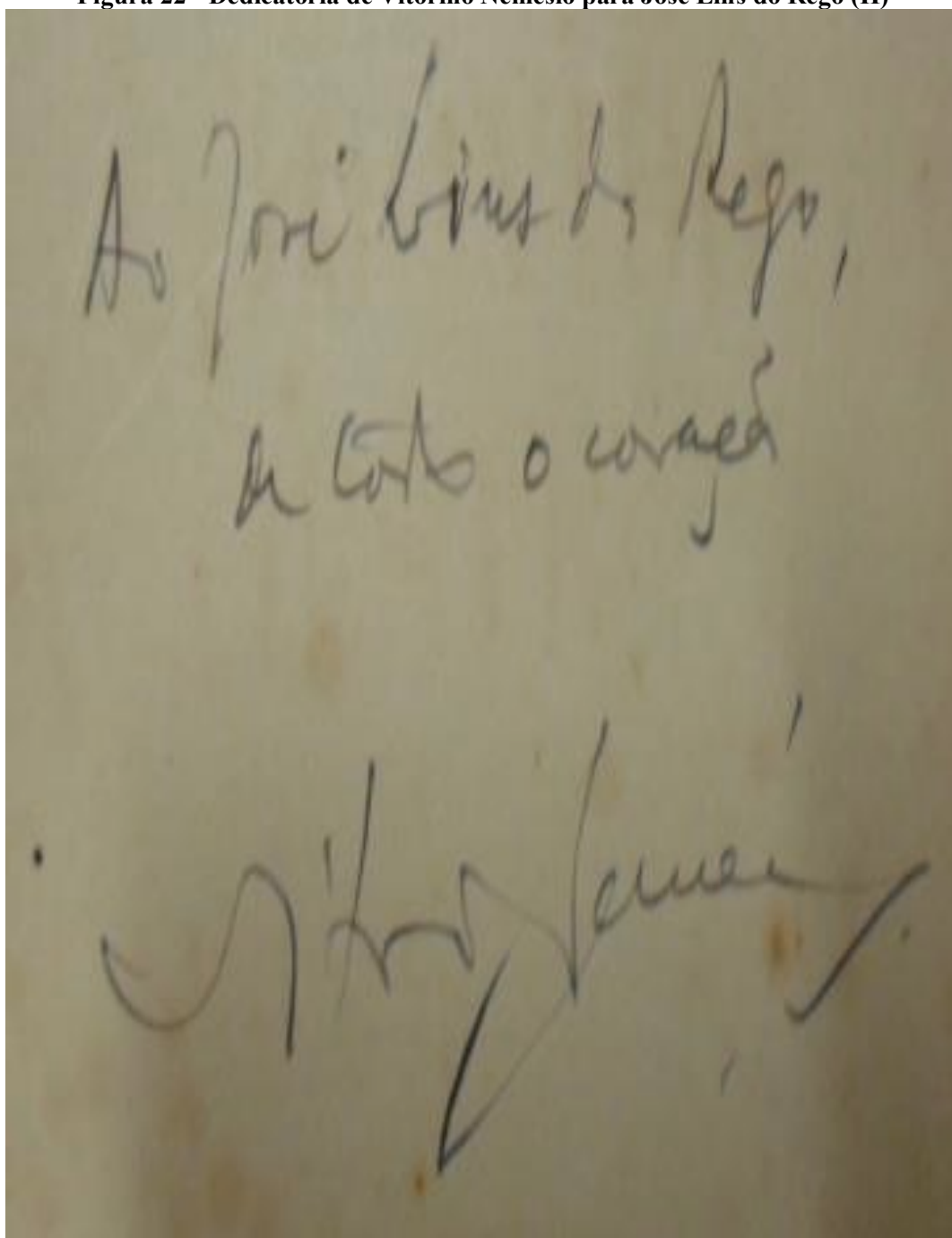


NEMÉSIO, Vitorino. *Isabel de Aragão: Rainha santa*. Sem editora, 1936.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: "A José Lins do Rego, // com a mais viva admiração // do seu camarada // Coimbra, // 13.VI.38 // Vitorino Nemésio".

Figura 22 - Dedicatória de Vitorino Nemésio para José Lins do Rego (II)



Ao José Lins do Rego,
de todo o coração

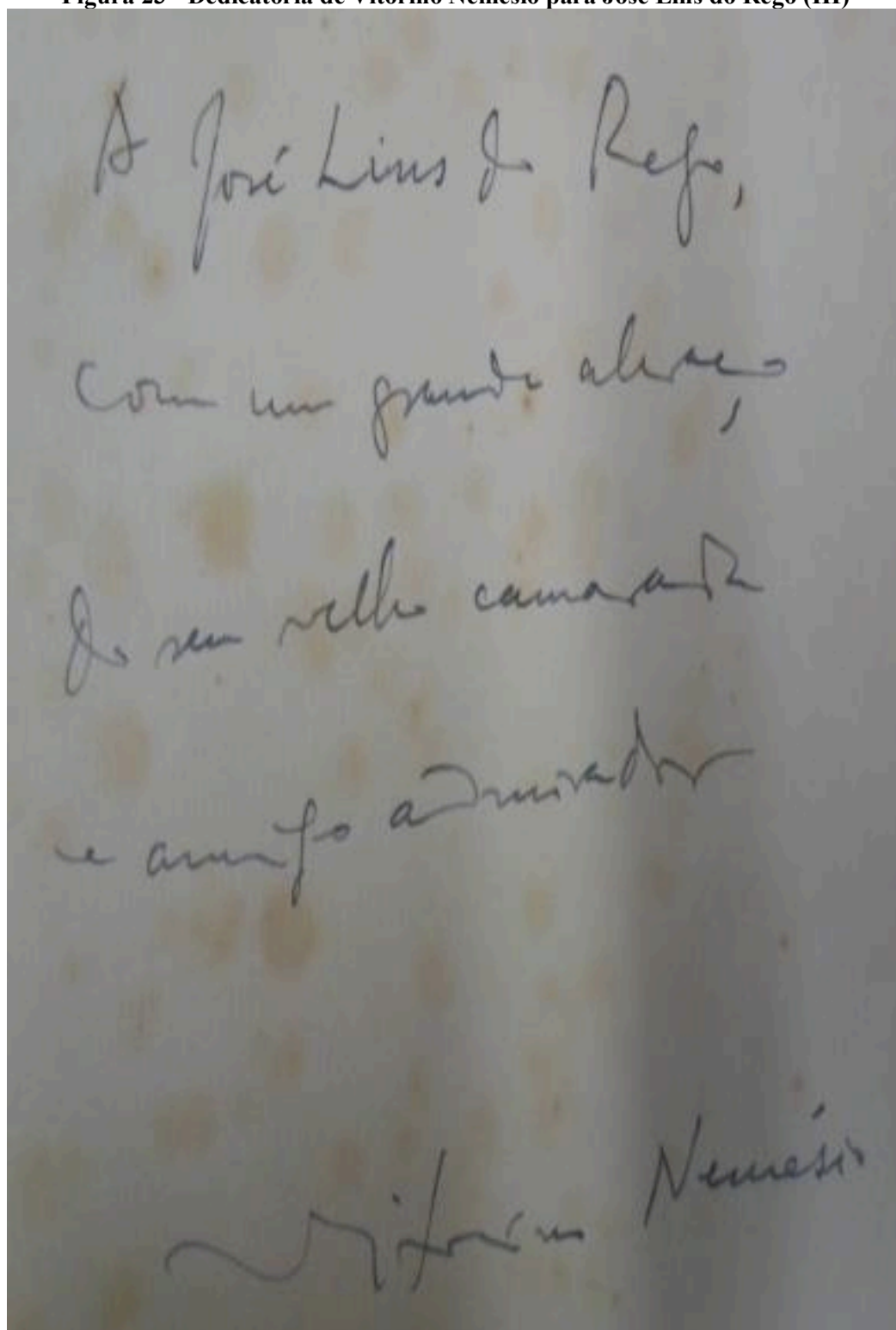
Vitorino Nemésio

NEMÉSIO, Vitorino. *Eu, comovido a oeste*. Revista de Portugal, 1940.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “Ao José Lins do Rego, // de todo o coração // Vitorino Nemésio”.

Figura 23 - Dedicatória de Vitorino Nemésio para José Lins do Rego (III)



A José Lins do Rego,
 com um grande abraço,
 do seu velho camarada
 e amigo admirador

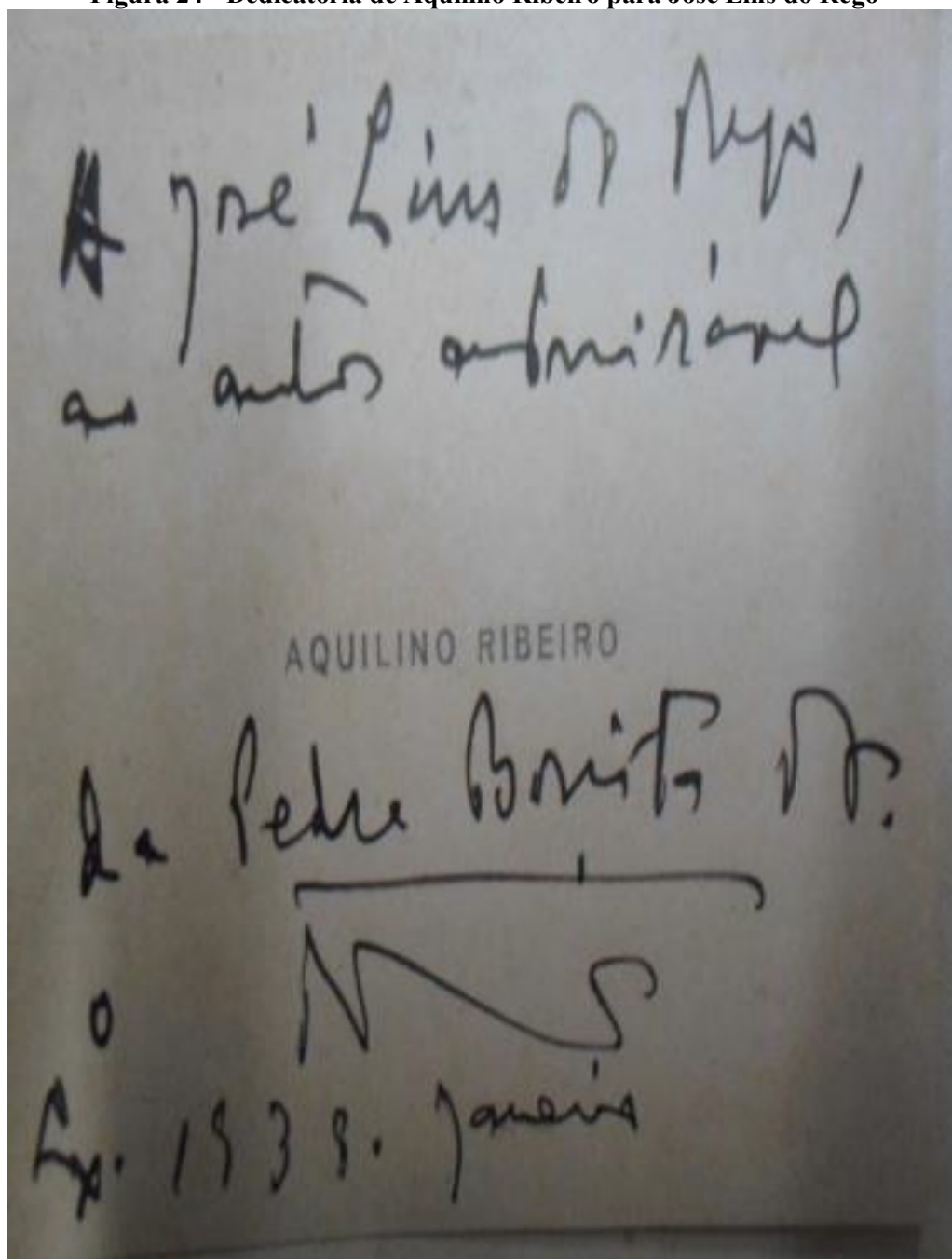
Vitorino Nemésio

NEMÉSIO, Vitorino. *O campo de São Paulo: a Companhia de Jesus e o plano português do Brasil (1528-1563)*. União Gráfica, 1954.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “A José Lins do Rego, // com um grande abraço // do seu velho camarada // e amigo admirador // Vitorino Nemésio”.

Figura 24 - Dedicatória de Aquilino Ribeiro para José Lins do Rego



RIBEIRO, Aquilino. *Mônica*. Bertrand, s/d, 2ª edição.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: A José Lins do Rego, // ao autor admirável // da Pedra Bonita [ilegível]
// O Aquilino Ribeiro // [Lisboa] 1938 janeiro”.

Figura 25 - Dedicatória de Luís Forjaz Trigueiros para José Lins do Rego

A José Lins do Rego - grande
romancista em cujo olhar vive
o Brasil eterno, este perluz
de crítico circunstancial,
em homenagem ao seu admirador
e camarada

Luís Forjaz Trigueiros

Agosto 1947

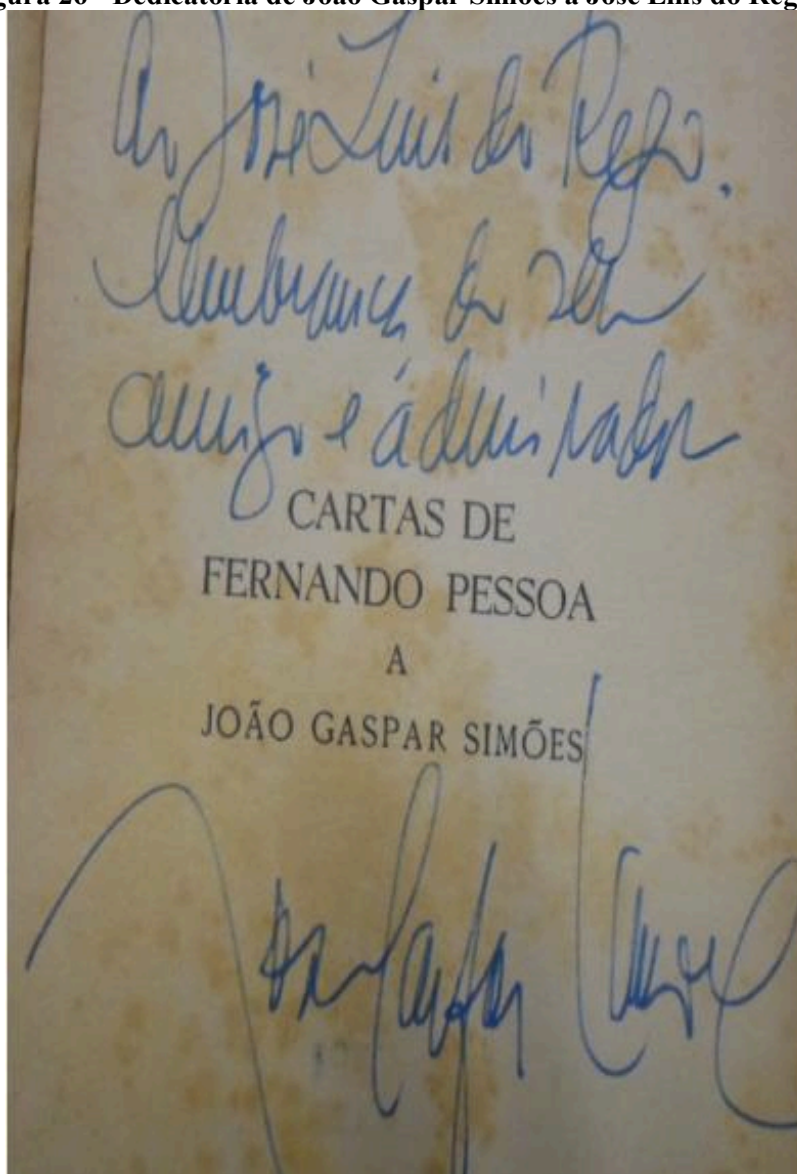
TRIGUEIROS, Luís Forjaz. *Pátio das Comédias: dois anos de crônicas e teatro*. Ática, 1947.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “A José Lins do Rego – grande // romancista em cujo olhar [vive] // o Brasil [eterno], este perluz // de crítico circunstancial, // em homenagem de seu admira-// dor e camarada // Luís Forjaz Trigueiros // Agosto 1947”.

Em “João Gaspar Simões, no Brasil” (21 fev. 1956), JLR fala do escritor que viera proferir curso sobre Literatura Portuguesa na Escola Nacional de Filosofia, tido como “autêntico escritor de uma geração que chegou logo após Fernando Pessoa” e que por isso, era filho de um “tempo de lutas e intranquilidades que abalaram a terra portuguesa mais do que o terremoto de Lisboa”. O cronista ainda diz que alunos da Escola Nacional de Filosofia teriam “a ventura de conhecer um homem que é todo feito da melhor literatura”. Um professor, portanto, fora do convencional, que agiria no curso “com as suas intuições relevadoras e a sabedoria de quem faz das letras a sua autêntica realidade”. Do autor encontram-se duas obras na Biblioteca de JLR, ambas com dedicatórias afetivas (Figuras 26 e 27):

Figura 26 - Dedicatória de João Gaspar Simões a José Lins do Rego (I)

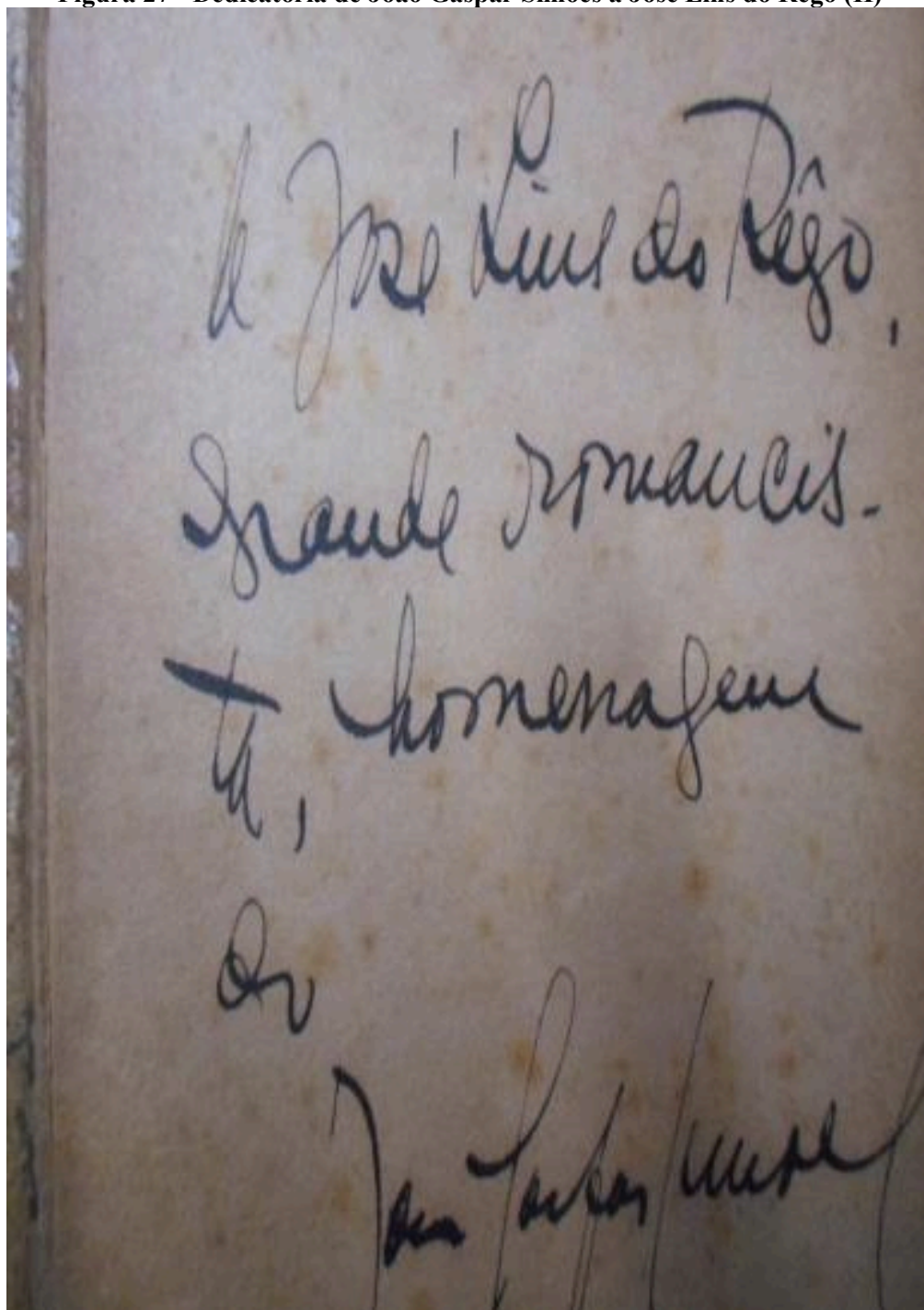


GASPAR SIMÕES, João. *Cartas de Fernando Pessoa a Gaspar Simões*. Publicações Europa-América, [1957].

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “Ao José Lins do Rego, // lembrança do seu // amigo e admirador // João Gaspar Simões”.

Figura 27 - Dedicatória de João Gaspar Simões a José Lins do Rego (II)



GASPAR SIMÕES, João. *Novos temas*. Inquérito, s/d.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: "A José Lins do Rego, // grande romancista, homenagem // do // João Gaspar Simões".

É importante sublinhar que João Gaspar Simões publicara no *Diário de Lisboa* em 1938 um artigo sobre *Pedra Bonita*, que viera a ser também divulgado n' *O Jornal* do Rio de Janeiro a 18 de setembro de 1938 (COUTINHO & CASTRO, 1991, p. 324-329). Isto reforça a ideia de

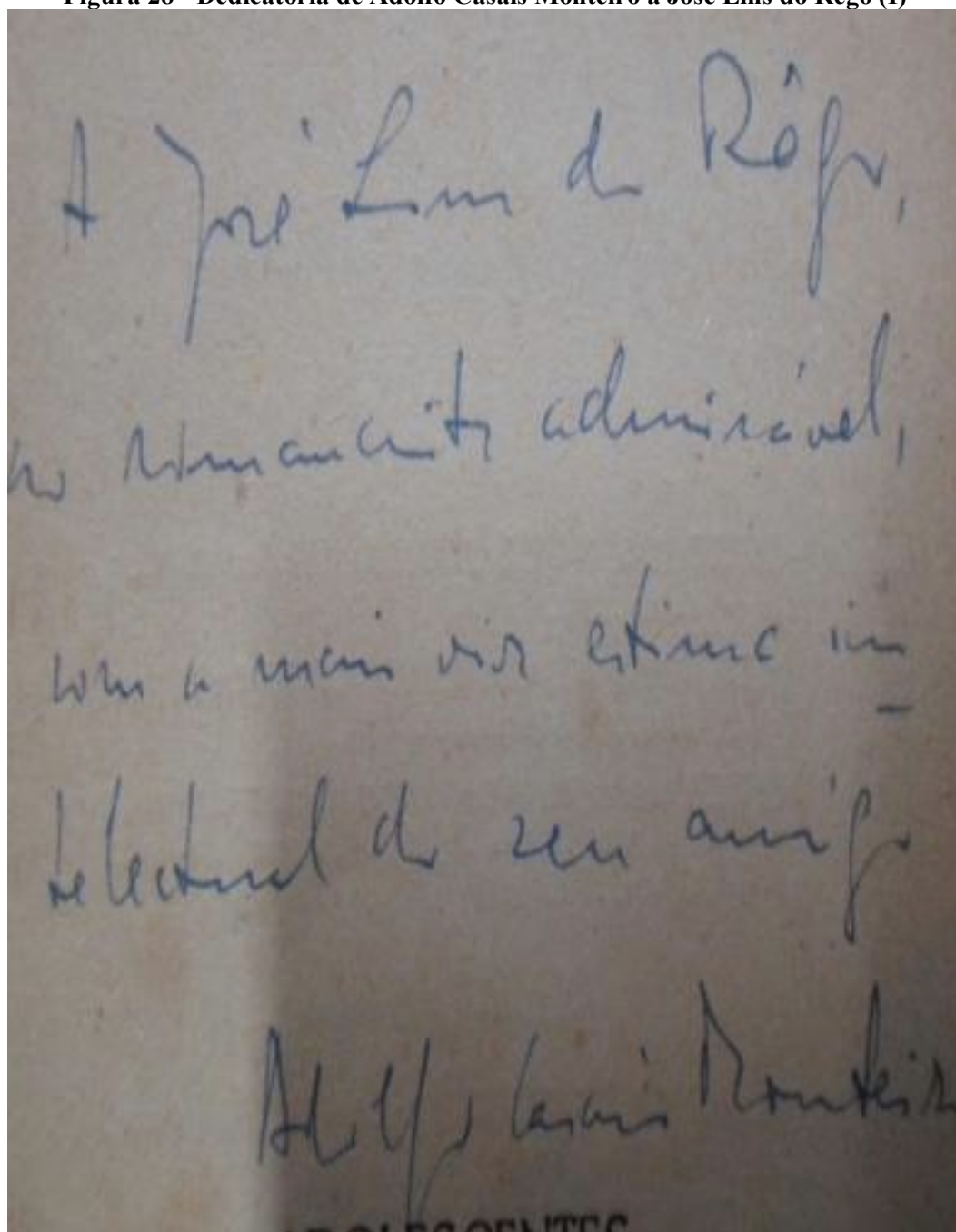
que JLR já era lido em Portugal desde o início de sua carreira de romancista. Além desse artigo de 1938, na bibliografia sobre JLR reunida na coletânea de textos *José Lins do Rego*, organizada por Coutinho e Castro (1991, p. 23-44) registram-se mais artigos assinados por Gaspar Simões sobre JLR: 1. “José Lins do Rego”. In: SIMÕES, João Gaspar. *Crítica*. Porto: Livraria Latina, 1942, p. 174-203 e 2. “José Lins do Rego, um prosador que matou a prosa”. In: *Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 7 (255), 1 e 10, 06 jul. 1952.

“O mestre Casais Monteiro” (31 maio 1956), sobre o poeta, tradutor, crítico e romancista português Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), que se exilou no Brasil em 1954 e por aqui viveu até o fim de sua vida. Foi diretor e colaborador da revista *Presença*, da cidade de Coimbra. Por suas posições políticas foi preso diversas vezes pelo governo salazarista no final da década de 1930, sendo a década de 1940 de intensa produção poética, e a década seguinte de intensa vida universitária (lecionou na Universidade da Bahia e na Unesp) e de produção de crítica literária para periódicos brasileiros (dentre os quais *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*).

Na bibliografia sobre JLR reunida na coletânea de textos *José Lins do Rego*, organizada por Coutinho e Castro (1991, p. 23-44), há seis artigos assinados por Adolfo Casais Monteiro sobre o paraibano, publicados entre 1938 e 1957: 1. “Pureza”. In: *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, 7 (6), p. 174, mar. 1938; 2. “Banguê na obra de José Lins do Rego”. In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1938; 3. “José Lins do Rego: romancista da infância”. In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 09 mar. 1941; 4. “José Lins do Rego e o Ciclo da Cana de Açúcar”. In: MONTEIRO, Adolfo Casais. *O romance e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1950, p. 143-157; 5. “Saudação a José Lins do Rego”. In: REGO, José Lins do. *Usina*. 4ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956; 6. “Saudação: como Portugal vê José Lins do Rego”. In: *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 21/22 set. 1957.

Na Biblioteca de JLR localizam-se dois exemplares de obras suas com dedicatórias de caráter extremamente afetivo (Figuras 28 e 29):

Figura 28 - Dedicatória de Adolfo Casais Monteiro a José Lins do Rego (I)



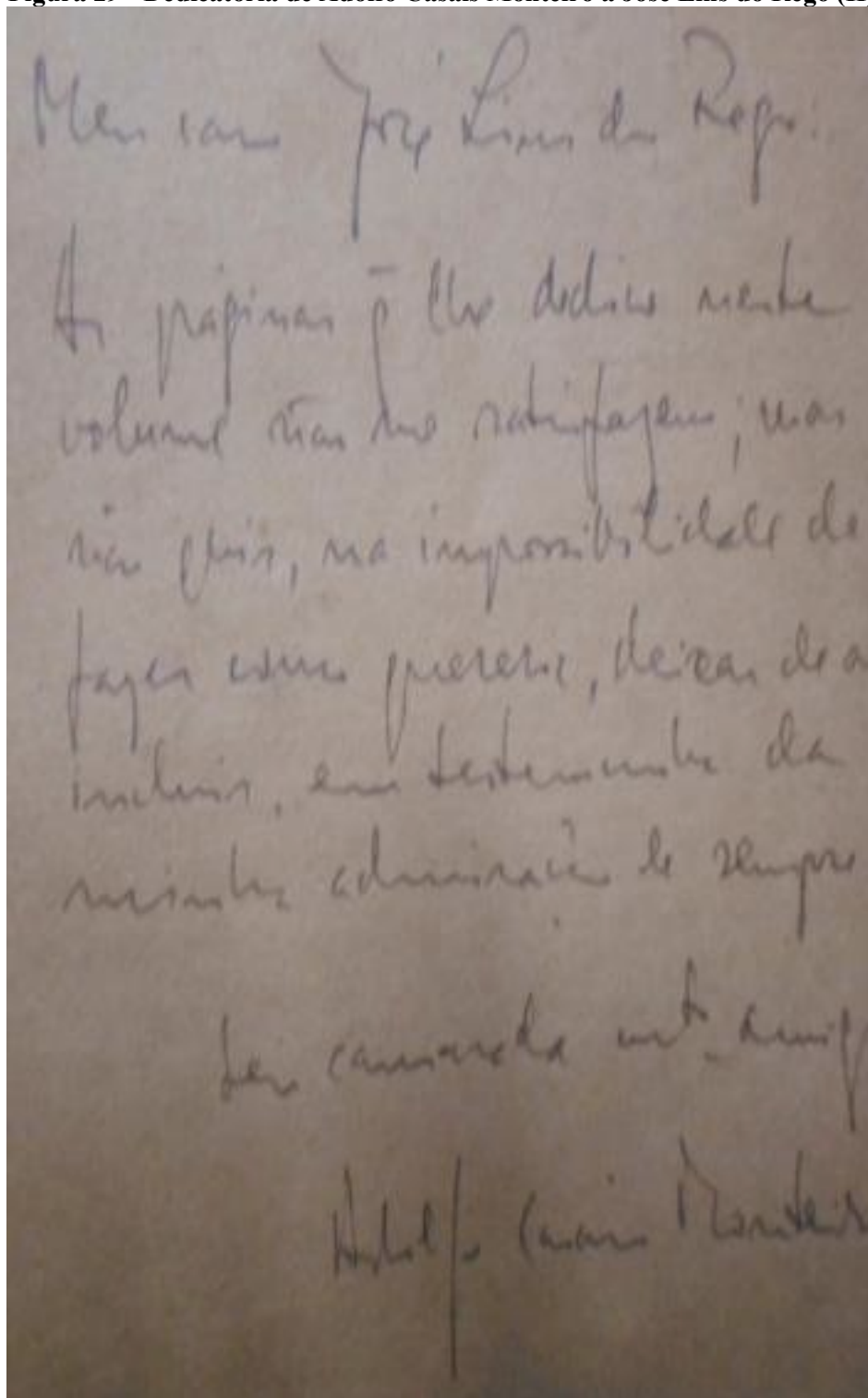
A José Lins do Rego,
 ao romancista admirável,
 com a mais séria
 lealdade do seu amigo
 Adolfo Casais Monteiro

CASAIIS MONTEIRO, Adolfo. *Adolescentes*. Ibérica, 1945.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “A José Lins do Rego, // ao romancista admirável, // com a mais séria
 estima in-// telectual do seu amigo // Adolfo Casais Monteiro”.

Figura 29 - Dedicatória de Adolfo Casais Monteiro a José Lins do Rego (II)



Meu caro José Lins do Rego:

As páginas que lhe dedico neste volume não me satisfazem; mas não quis, na impossibilidade de fazer como queria, deixar de o incluir, em testemunho da minha admiração de sempre

Seu camarada até sempre

Adolfo Casais Monteiro

CASAIIS MONTEIRO, Adolfo. *O romance e os seus problemas*. Biblioteca de Cultura Contemporânea, 1950.

Fonte: Arquivos digitalizados do Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).

Fotobibliografia: “Meu caro José Lins do Rego // As páginas que lhe dedico neste // volume não me satisfazem, mas // não [evitei], na impossibilidade de // fazer como [querer], deixar de o // incluir, em testemunho da // minha admiração de sempre // Seu camarada [muito] amigo // Adolfo Casais Monteiro”.

Enquanto estava em Lisboa, em 1956, JLR enviou para *O Globo* a crônica “Um português” (20 jul. 1956), sobre a visita de Nuno Simões (1894-1975), advogado e diretor da revista *Atlântida*, à cidade do Rio de Janeiro. De acordo com o cronista, Nuno Simões tinha no Brasil uma grande paixão e “Portugal e Nuno se identificam, o grande coração do homem bom é como se fosse o coração da pátria que também é nossa”.

É interessante também notar que, enquanto Freyre não era bem-vindo em alguns grupos de intelectuais portugueses por conta de seu alinhamento com o salazarismo, JLR fora recebido com muito calor e hospitalidade, já que sua literatura era um instrumento de aproximação cultural entre os intelectuais lusos e o paraibano. Além disso, tanto em suas relações estabelecidas com portugueses radicados no Brasil como com os lusos além-mar nota-se a variedade das relações por ele mantidas com a nata da intelectualidade, de diferentes matizes culturais e políticos.

Por outro lado, a aproximação intelectual e de amizade entre os dois nordestinos – Freyre e JLR – faz com que ambas as trajetórias não possam ser consideradas de maneira isolada. Nesse sentido, a crônica “Os portugueses e o senhor Gilberto Freyre” reforça esse laço intelectual e afetivo entre os dois:

Nada fez mais o Sr. Gilberto Freyre do que voltar às suas teorias sobre raças, tão ligadas a toda sua obra de mestre, desde que se entregou ao gigantesco trabalho de estudar e interpretar a vida social do Brasil.

O português não seria, para ele, o tal agente da nossa decadência de povo, como se fizera quase que um lugar-comum para os sociólogos fáceis que nos estudaram.

O português seria um “criador de mundos”, senhor de uma cultura que, em outras terras e em outros climas, se enriqueceria, em vez de dominar impiedosamente, como todas as crueldades de povos imperialistas, que acima de tudo punham o seu poder absorvente.

A cultura luso-brasileira que se constituía nos trópicos teve a sua originalidade, venceu tremendos erros na colonização, mas, pelas suas constantes, e pela sua índole democrática, superou os seus vícios e chegou a esta realidade brasileira, que é, apesar de todas as nossas deficiências, um verdadeiro milagre.

Há este Brasil que tem quatro séculos, que é um imenso corpo de nação, porque existiu o gênio português, a nos conduzir, a nos fornecer o seu sangue, a sua energia muscular, o seu empirismo, a sua tolerância nas relações sociais, a sua poderosa energia para dominar os perigos da terra.

(REGO, José Lins do. “Os portugueses e o senhor Gilberto Freyre”. In: *O Globo*, 28 jun. 1946).

Ainda na mesma crônica JLR declara que Freyre dera “à influência lusitana o lugar que ela merecia na nossa formação”. Destaca que, durante o auge do nazismo, o pernambucano se utilizou de “seu grito de alarma, a defender a cultura luso-brasileira ameaçada, muito ameaçada pelos fascistas do tempo”, fazendo referência ao episódio no qual Freyre foi preso em Pernambuco no ano de 11 de junho de 1942, após publicar artigo no *Diário de Pernambuco* intitulado “O exemplo de Ibiapina”. Nele denuncia as atividades de alguns padres católicos alemães que pregavam a doutrina da superioridade ariana em relação aos mestiços de Pernambuco nos conventos de São Francisco, Santo Inácio e São Bento (MESQUITA, 2018).

Dentro dessa rede pode ser emblemático o fato revelado por Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, em seu livro *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos* (2005), de que a Secretaria da Segurança Pública de Pernambuco tenha aberto um arquivo sobre Gilberto Freyre, considerado um agitador perigoso. O pesquisador Fábio Koifman forneceu para esta pesquisa a versão digitalizada do arquivo aberto pela mesma secretaria pernambucana²². Em 1943, José Lins do Rego, então com 42 anos, era investigado sob a suspeita de ser “intelectual esquerdista” e por sua proximidade com as agitações intelectuais de Freyre. A 27 de dezembro de 1943, ao superintendente da instituição Major Hildebrando Vieira de Mello, pede de São Paulo que a Secretaria de Ordem Política e Social do Recife informe antecedentes de José Lins do Rego, então suspeito de praticar atividades comunistas após. No dia seguinte, a 28 de dezembro de 1943, o delegado Fábio Corrêa emite de Recife a confirmação de que naquela delegacia no prontuário de JLR consta como intelectual esquerdista, em alinhamento político-intelectual ao lado de GF.

No prontuário consultado, constam registros de movimentação decorrente de duas viagens, uma de avião e outra de navio, realizadas no ano de 1948, bem como recortes de jornais pernambucanos que mencionam o paraibano e outros assinados por ele, que serão descritos a seguir:

1) Recorte da nota “Argentina – um dos melhores livros de 1946, na Argentina”, publicada a 26 de abril de 1947 no *Jornal do Comércio*, na qual é noticiada que *Menino de engenho*, então recém-traduzido ao espanhol pela Emecé, figurava dentre os trinta melhores livros de 1946, de acordo com a Câmara Argentina do Livro;

²² Meus agradecimentos a Fábio Koifman pela troca intelectual. Por motivos relacionados à pandemia do coronavírus eu não tive oportunidade de fazer consultas presenciais no Arquivo Nacional, detentor de tal documento.

2) Nota “Vai candidatar-se ao Prêmio Nobel de Literatura”, publicada no mesmo *Jornal do Comércio* a 13 de novembro de 1946, comenta artigo de JLR sobre a candidatura de GF ao Prêmio Nobel de Literatura;

3) “Surpresa e mágoa dos católicos brasileiros – Despudorado escritor ataca a Igreja e a figura de Dom Miguel Valverde” (Autor não identificado, *Folha da Manhã*, 14 mar. 1945);

4) “O caso da Catende” (José Lins do Rego, *Diário de Pernambuco*, 20 jun. 1945);

5) “O crime de Gilberto Freyre” (José Lins do Rego, jornal não identificado, 04 set. 1945);

6) “Crônica da noite” (Mário Líbano, *Folha da Manhã*, 16 mar. 1945);

7) “Os livrinhos de bolso” (José Lins do Rego, jornal não identificado, sem data);

8) “Virgínia brasileira”, entrevista com JLR (Autor não identificado, *O Jornal*, 05 dez. 1943);

9) “Um engano de José Lins do Rego” (Gilberto Freyre, [*O Jornal*], sem data);

10) “Neste instante só há um posto: servidor do Brasil – O discurso do escritor José Lins do Rego, em nome da Campanha Nacional de Aviação” (Autor não identificado, *Diário de Pernambuco*, 19 dez. 1942);

11) “Casa do Estudante do Brasil” (José Lins do Rego, jornal não identificado, sem data);

12) “Fome e monocultura” (José Lins do Rego, *O Jornal*, 14 mar. 1943).

Nesse mesmo sentido, o levantamento das obras realizado por Ana Caroline Silva de Castro, em sua tese intitulada *Apreensão de livros tidos como subversivos: o que os processos judiciais da Ditadura Militar revelam* (2017, p. 99-132), recupera a lista de livros “relatados nos autos de busca e apreensão dos processos do Brasil: Nunca Mais”. Entre eles, figuram as seguintes obras de JLR: *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Banguê* e *Pureza*. Outra obra sua, *Cangaceiros*, aparece na listagem do prontuário investigativo de Edval Nunes da Silva, o Cajá, sequestrado, preso e torturado pela polícia pernambucana durante a Ditadura Militar, no ano de 1978.²³

Como aponta Cauby Dantas (2015, p. 115), a perseguição a GF durante o Estado Novo, por ser considerado “perigoso comunista”, ocasionou agressões físicas. Freyre teve sua casa invadida e seus livros queimados, além de ter enfrentado “dificuldades financeiras, tendo, inclusive, em várias ocasiões, buscado o auxílio financeiro do amigo paraibano”. É também

²³ Agradeço à Paula Igreja pela generosidade em compartilhar comigo esses dados dos livros apreendidos, levantados para sua Dissertação de Mestrado, desenvolvida no CPDOC/FGV (no prelo).

JLR que intercede pelo amigo até que ele e o pai fossem libertos, como também o fizera no período estadonovista com Graciliano Ramos.

Curioso é observar que Freyre, após ter emprestado “todo o seu prestígio intelectual e a relevância de sua obra a uma ditadura fardada [o Estado Novo] que iria aprofundar um processo de modernização capitalista”, fora preso em junho de 1942 por escrever “livros renovadores” e fazer “pesquisas sobre as condições de vida dos trabalhadores das usinas de Pernambuco” (Ibidem, p. 117).

*

Este capítulo procurou debater as três viagens de JLR a Portugal, ocorridas nos anos de 1951, 1952, 1954 e 1956. O enfoque não foi cronológico, pois buscou dar conta da recepção de sua obra no país luso, bem como teve por intuito compreender as redes de sociabilidade estabelecidas com portugueses residentes no Brasil. Foram rastreados também outros escritores lusitanos, de quem recebeu obras com dedicatórias afetivas e que participaram das mediações propiciadoras da divulgação de sua obra em Portugal.

Para este capítulo foi inevitável abordar a relação de Gilberto Freyre e de José Lins do Rego com as políticas da esfera nacional do governo brasileiro e considerar a presença do lusotropicalismo no conjunto das ideias aqui desenvolvidas. JLR, assim como GF, viajaram por meio de leituras e aprenderam com os livros que “viajar inteligentemente envolvia a ‘leitura’ de monumentos, de pessoas e dos detalhes que, como se fossem textos em língua estrangeira, tinham de ser decodificados para ser compreendidos” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 75): no caso português não foi diferente.

Em suas “crônicas portuguesas”, JLR faz sobretudo crítica literária e dá relatos de sua rede de sociabilidade que são de grande valia para a compreensão do intercâmbio entre brasileiros e portugueses. O autor em questão também faz uso de uma “lente autorreflexiva”, a partir de seus “olhos de brasileiro”, ao localizar “semelhanças e analogias por todo o lado” (PEIXOTO, 2015, p. 193). Ao não mencionar o salazarismo e seus atos discricionários, JLR contorna em seu discurso querelas políticas, ao menos no caso português, o que também se mostra compreensível pela interlocução multifacetada com uma gama de intelectuais, de diferentes matizes ideológicos. No próximo e último capítulo serão apresentadas as viagens de JLR à Suécia e à Dinamarca em 1951 e à Finlândia em 1954.

Capítulo 3 - Bota de sete léguas: viagens aos países nórdicos (1951-1954)

Este terceiro e último capítulo aborda as viagens esportivas do cronista à Suécia e à Dinamarca em 1951, parte do roteiro da primeira temporada de jogos amistosos do Clube de Regatas do Flamengo na Europa, cuja excursão também passou por França e Portugal. Será apresentada a parceria entre o Flamengo e o time sueco *Allmänna Idrottsklubben* (AIK) que deu início à primeira turnê europeia do Flamengo, ocorrida em 1951 e que teve como chefe da delegação José Lins do Rego. Para tal fim, a pesquisa em jornais brasileiros e suecos do período, ambos com base em pesquisas feitas *in loco* nos arquivos dos dois países, permitem trazer à tona fatos e elementos de análise inéditos, tanto sobre a excursão do Flamengo como sobre a atuação de José Lins do Rego dentro do campo futebolístico.

No âmbito das viagens familiares, serão apresentados ainda os elementos referentes à sua ida à Finlândia em 1954, país nórdico no qual residia então sua filha caçula Maria Christina.

A partir da recuperação do contexto do Estado Novo, que deu ao sueco a figura de imigrante ideal, será apresentada a figura do empresário Gunnar Göransson (1914-1974), radicado no Brasil e também vinculado ao Clube de Regatas do Flamengo, figura fundamental na articulação dessa temporada europeia. Também serão expostas e analisadas as crônicas zelinianas escritas sobre o povo sueco tanto como correspondente do *Jornal dos Sports* quanto já de volta ao Brasil e na condição de cronista d'*O Globo*. A pesquisa contempla ainda a recepção dessa temporada nos principais jornais do país escandinavo do período, facultada após a estada da autora desta tese em Estocolmo.

A aproximação de José Lins do Rego com a Suécia havia começado literariamente no romance *Riacho Doce* (1939). Como mencionado anteriormente na Introdução desta tese, JLR foi “um dos primeiros escritores brasileiros a ambientarem um romance em terra estrangeira”, sendo a primeira parte de seu *Riacho Doce* (1939) ambientada nesse país escandinavo. De acordo com Minchillo, não parece haver “outro romance brasileiro publicado nas décadas de 1930 e 1940 ambientado parcial ou integralmente no estrangeiro” (MINCHILLO, 2015, p. 110).

Em agosto de 2018 a autora desta tese foi ao Arquivo IEB/USP, localizado na Cidade Universitária, cidade de São Paulo, onde pôde consultar os dois cadernos que compõem o manuscrito *Riacho Doce*. O primeiro caderno, de capa azul com brochura, apresenta manuscrito a tinta preta e azul e o título “O caderno do Riacho Doce”. A contracapa do caderno contém a inscrição impressa “227 Papelaria União Ouvidor 77” e contas a tinta azul e preta. Grifos a grafite e a lápis roxo feitos pelo portador do caderno, Mário de Andrade, em páginas esparsas (Arquivo IEB-USP, Fundo Mário de Andrade, Manuscritos de outros escritores, MA-MOE-276).

O segundo caderno, também de capa azul com brochura, apresenta manuscrito a tinta preta e o título “2 Caderno Riacho Doce”. A contracapa do caderno contém a inscrição impressa “227 Papelaria União Ouvidor 77” e contas a tinta preta. Grifos de leitura a grafite e a lápis roxo feitos pelo portador do caderno, Mário de Andrade, em páginas esparsas (Arquivo IEB-USP, Fundo Mário de Andrade, Manuscritos de outros escritores, MA-MOE-276).

O manuscrito foi doado pelo próprio autor JLR a Mário em 1939, quando ambos residiam na cidade do Rio de Janeiro, a fim de que o crítico literário paulistano produzisse texto de apresentação do livro, que veio a ser primeiramente publicado no jornal carioca *Diário de Notícias* a 12 de novembro de 1939, reunido por MA em seu *O empalhador de passarinho* (São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946, p. 119-122), com edição crítica elaborada por Marina Damasceno de Sá em sua dissertação de mestrado (2013, p. 238-242).

A ficção tem como personagem principal a sueca Edna, casada com o engenheiro compatriota Carlos, que vem ao Brasil para trabalhar na indústria do petróleo na região de Maceió, acompanhado de sua esposa. A primeira parte dessa obra se passa no interior de uma Suécia fictícia projetada por JLR e que nos fala da caracterização do país e de seu povo a partir da construção literária. O romancista, no entanto, só viria em verdade a visitar o país escandinavo somente 12 anos após a publicação do livro.

“Ester”, título da primeira parte de *Riacho doce*, refere-se à professora de Edna, com quem ela passou a ter aulas depois do falecimento da velha Clotilde, descrita como severa e triste. O primeiro parágrafo do romance situa o leitor no momento do embarque do casal sueco no navio que os traria ao Brasil. Os pensamentos da personagem principal se misturam entre as expectativas da nova vida que estava por vir e as memórias de sua infância e adolescência. Nas primeiras páginas do romance temos a descrição do ambiente familiar e escolar de Edna: sua mãe, seu pai, sua irmã caçula Sigrid, seu irmão Guilherme e sua avó Elba, “que mandava na família inteira”. As figuras femininas da avó matriarca e da professora Ester serão centrais nessa primeira parte do romance.

Ester, por sua vez, filha de mãe judia com descendência espanhola, viera da capital Estocolmo e era “uma corrente de vida que se comunicou com a classe inteira com violência”, deixando aos alunos da pequena cidade do interior uma “impressão perturbadora” principalmente por seus cabelos pretos reluzentes, que enchiam a vista e atraíam a admiração de garotos e garotas desacostumados às madeixas morenas e àquele estilo de professora (REGO, 2011b, p. 23). Edna se maravilha diante do novo mundo que a professora traz consigo, “como se a vida tivesse vindo tomar o lugar da morte” (Ibidem, p. 24).

Os traços físicos e a personalidade de Ester cativam a jovem Edna, de maneira que ao longo dessa primeira parte a relação das duas é desenvolvida de maneira progressiva e intensa. Os cabelos da professora marcam essa alteridade:

Edna só pensava nela. Dormia, e os seus sonhos eram do paraíso, com aqueles cabelos pretos até a cintura, cabelos compridos e quentes, de gente viva. Os cabelos louros de sua mãe pareciam de palha, os da velha Alba deviam ser secos como sua voz. Nunca Edna sentira aquilo que vinha sentindo – dormir pensando na mestra, extasiar-se nas lições perto dela. Vinha um cheiro bom do corpo, do hálito de Ester quando falava com ela. Embriagava-se, era qualquer coisa de estranho que existia na mestra. Tudo que vinha da mestra era como se viesse de princesa, de gente de outro mundo.

[...] Nas primeiras férias chorou quando Ester se despediu da classe. Chorou tanto que a mestra se comoveu, botou-a no colo, alisou seus cabelos louros, beijou-a, encostou seu rosto no dela (Ibidem, p. 24-25).

A paixão homossexual e platônica de Edna por Ester cresce no desenrolar da trama. Todavia, não é *Riacho doce* nem o primeiro romance zeliniano a abordar a rotina escolar, nem o primeiro a descrever relações homossexuais: *Doidinho* (1933) se concentra na experiência escolar e na transição da infância à adolescência do menino Carlos de Melo e a primeira parte *Usina* (1936) conta a experiência amorosa entre Ricardo e seu Manuel na prisão de Fernando de Noronha. Voltando à “Ester”, as diferenças religiosas também aparecem, como no trecho a seguir:

Os católicos romanos tinham figuras que eles adoravam. Havia bem perto da casa de Edna uma família de católicos romanos. Falava-se dos bonecos que eles guardavam no santuário, santas de cabelos até a cintura, santos barbados, anjos, e um Jesus Cristo na cruz. *Os parentes de Edna diziam que aquilo não passava de superstição, ignorância, coisa de gente selvagem; só os pretos da África e os índios da América adoravam pedaços de pau e pedra* (Ibidem, p. 30, grifo meu).

A boneca de sua amiga Norma e a professora Ester representam, no universo nórdico de Edna, o elemento exótico pelo qual ela tem atração e admiração e que sublinha seu desejo de partir para uma terra quente, “onde as árvores nunca ficam brancas, de galhos duros de gelo” (Ibidem, p. 32). Ao longo dos quatro anos nos quais Ester é professora de Edna as duas se tornam cúmplices e inseparáveis. Quando está com 14 anos Ester segue a lhe ensinar o piano, Edna dorme por diversas noites na casa da mestra e é ela quem a leva pela primeira vez a Estocolmo, viagem na qual inclusive a garota vai ao seu primeiro concerto de música clássica:

Uma ocasião a mestra pediu a seus pais para levá-la consigo a Estocolmo. Passariam lá somente dois dias. A velha Alba não disse sim nem não. Mas os pais concordaram. A menina precisava mesmo de ver o mundo. Ester preparou-lhe um vestido, arranhou-lhe um chapéu. Parecia o preparativo para uma grande viagem. Na véspera da partida, Edna sonhou vendo-se no meio da multidão, perdida, gritando pelo pai, pela mãe.

Tomara o trem no burgo numa manhã muito clara. Uma sensação de quem ia dali para sempre se apoderou de Edna. Não voltaria mais. E não teve pena. Não sofreu o menor arrependimento. Ia-se embora. Mas o que a enchia de vida era tudo de novo que ansiava ver.

[...] Era a sua querida Ester quem a conduzia para o outro mundo, para uma terra onde não se escutasse, à mesa de jantar, a voz soturna de sua avó, rezando, onde não se visse a cara de foca de seu pai nem se sentisse a mansidão de sua mãe. Ia para outras terras.

[...] Ester a conduzia para um centro, uma população que soubesse vibrar com a vida. Lia nos poetas que o campo acalmava as almas atormentadas. Eles falavam na doce paz do campo, na beleza da primavera, nas árvores floridas, nos rios cantando, nos pássaros, na festa do sol cobrindo a terra. E no entanto tudo isso não tivera ainda nenhuma repercussão em sua alma (Ibidem, p. 51).

Durante o concerto em Estocolmo a garota é apresentada a Roberto, namorado de sua professora Ester. Após uma intensa crise de ciúmes e do constante sentimento de traição é que se dá a primeira tentativa de suicídio da garota, que ocasiona o afastamento da professora, que é afastada da escola, se casa com Roberto, tem filhos e manda notícias da Argentina, por carta, algum tempo depois:

Foi dormir e não dormiu. A insônia persistia, apesar de tudo. Ester estava com ela, era ainda a sua amiga que continuava a seu lado. A família de Roberto, os filhos, a mulher bela, a terra boa, o sol, a primavera eterna do outro lado do mundo. E ela ali, com os porcos, com o pai, a mãe, a avó. E um ódio dos seus, de toda a sua gente, do seu povo, se apoderou de Edna. Via como todos se conduziam. Os pais fazendo dos filhos sombras. As mulheres com a vida presa ao trabalho duro (Ibidem, p. 77).

A segunda parte do romance, intitulada “Riacho Doce”, se inicia com a descrição do início da relação de Edna e Carlos, “o filho mais velho dos católicos romanos” do burgo, diferente dos demais garotos das redondezas, pois havia estudado fora, tornara-se engenheiro e tinha interesse por música clássica:

Ficara espantado quando ela lhe falara de Chopin, de Schumann, do pianista francês que estivera em Estocolmo. Era simpático, embora aquela cara de menino, aqueles olhos azuis, limpos demais, olhos sem certa profundidade, de quem não via a vida de perto (Ibidem, p. 83).

Os jovens se casam mesmo sem aprovação de suas famílias e se mudam para Estocolmo, onde Carlos trabalhava para um escritório e o casal desfrutava de concertos, teatro, cinema e principalmente da música: Edna passara, “com brilho, de camponesa a moça da capital” (Ibidem, p. 86). No entanto, a insatisfação de Edna logo voltou à tona: nem marido bom, vida regular, diversões e tranquilidade a faziam feliz. Sentia repugnância e repulsa em relação a Carlos. A notícia do emprego do engenheiro que os trariam ao Brasil, para viver à beira do Atlântico reacende a empolgação de Edna, que vai atrás de informação sobre o país que seria sua nova morada:

Edna foi logo comprar uma geografia alemã que tratava de todas as terras com a maior variedade de informações. Na escola pouco aprendera dessas coisas. Sabia que havia o Brasil, um imenso país, com rios e bichos gigantescos. Era uma terra de gente de outra cor e onde se falava o português. Pela geografia se informou de muito mais coisas. A capital do país era um porto belíssimo, numa baía das mais belas do mundo, e com um milhão e quinhentos mil habitantes. Uma cidade que valia por muitas Estocolmos reunidas. Havia estradas de ferro no país, havia outras cidades maiores que a sua terra. Procurou saber da região para onde iriam. Viu no mapa a zona referida por Carlos. Havia uma cidade de cem mil habitantes, estrada de ferro etc. A produção da zona era cana de açúcar, e gente de três raças compunha a população. Havia brancos, pretos, amarelos. Clima quente, temperado, os ventos amenizavam o calor (Ibidem, p. 91-92).

Depois de um mês de travessia, entre Estocolmo e a capital alagoana, o casal sueco se instala na pequena cidade de Riacho Doce, na região metropolitana, e começa a aprender a língua portuguesa. Não é à toa que quando instalados na cidadela, no nordeste brasileiro, a sueca comece a estabelecer relações de afeto e sociabilidade com negros e mulatos que com ela conviviam em frente ao mar. Os banhos de mar de Edna são constantes e revigorantes para os sentimentos depressivos que rondam a sua rotina doméstica dentro de um casamento fadado à monotonia e à falta de interesses em comum. É daí que se inicia sua intensa relação amorosa e adúltera com Nô: se a professora sueca de cabelos pretos representa uma paixão platônica e homossexual, o pescador brasileiro é a personagem através da qual seu desejo pelo exótico é consumado e o mar o ponto de contato entre os dois. As cenas do caso romântico e dos banhos de Edna são marcadas pelo erotismo e por descrições extensas e ricas de detalhe quanto à paisagem do litoral alagoano. Riacho Doce, cidade que dá título ao romance, também representa as águas nas quais Edna cometerá suicídio no fim da trama.

Outra relação entre JLR e Suécia diz respeito à publicação de *O Menino de engenho* vertido ao sueco: *Pojken pa sockerplantagen* (Montevideo: Nordan Comunidad, 1990). Na

Kungliga Biblioteket, localizada na capital sueca, pude localizar um exemplar da tradução do primeiro romance de JLR, parte da coleção Latinoamericana XX. Esta reuniu traduções de obras de Mario Benedetti, César Vallego, Carlos Fuentes, José María Arguedas, Juan Rulfo, Clarice Lispector, Josué Montello, entre outros (Figura 30). É intrigante que a impressão da edição escandinava tenha se dado em Montevideo (Edinor – Comunidad del Sur, noviembre 1990) e que a tradução tenha ficado a cargo de Carl-Erhard Lindhal. O tradutor assina também a pequena biografia de José Lins do Rego presente no volume, na qual é sublinhada a atuação do autor como romancista, cronista, sobretudo d’*O Globo*, e ligado ao mundo esportivo brasileiro, mencionando inclusive a ida do mesmo à Suécia em 1951.

O tradutor Carl-Erhard Lindhal considera *Pojken pa sockerplantagen* uma das principais obras da Literatura Brasileira e destaca a força dos elementos autobiográficos em seus romances ficcionais. A descrição da obra traduzida, ainda de acordo com Lindhal, é repleta de melancolia e nostalgia. Ela indica que a organização dos capítulos do romance se parece com “pequenos romances” e não obedece à linearidade. A apresentação salienta que José Lins se utiliza de uma linguagem “indisciplinada”, com rico uso de vocabulário regional.

Figura 30 - Capa da tradução sueca de Menino de engenho



Fonte: Kungliga Biblioteket.

Pesquisar a ida de José Lins à Suécia passou, inevitavelmente, pela relação do contexto brasileiro, do Estado Novo, em relação ao projeto político de branqueamento da população por meio da imigração, vigente desde o Segundo Reinado e a Primeira República, mas dessa vez vendo o sueco como imigrante ideal. O primeiro congresso eugenista já havia ocorrido no fim dos anos 1920. O movimento eugenista brasileiro tinha diferentes vertentes, mas concordavam que a maneira de branquear necessitava a filtragem dos imigrantes e postulavam ainda que o atraso da população se devia à má formação derivada da miscigenação.

De acordo com Lucia Lippi Oliveira (2000, p. 11), entre os anos 1870 e 1930 ocorreu um período de imigração em massa da Europa para a América: entre 1880 e 1915, por exemplo, cerca de 31 milhões de imigrantes chegaram às Américas, sendo Estados Unidos, Argentina e Brasil os destinos principais dessas populações em movimento.

A política de imigração brasileira tinha como objetivo inicial a atração de estrangeiros para “povoar e colonizar os vazios demográficos, o que permitiria a posse do território e a produção de riquezas”, de maneira que “o imigrante desejado era o agricultor, colono e artesão que aceitasse viver em colônias, e não o aventureiro que vivesse nas cidades” (Ibidem, p. 14). O primeiro foco dessa imigração foram os alemães, “brancos mas protestantes” que viveram em colônias e fundaram as cidades de São Leopoldo (RS), em 1824, e Blumenau (SC), em 1850. A região Sul do Brasil também recebeu “italianos, russos e poloneses na década de 1850” (Ibidem, p. 71-72).

Embora os dados sobre imigração ao Brasil sejam conflitantes, esparsos e pouco sistematizados, é consenso que italianos (quase 1/3 entre os imigrantes), portugueses (em torno de 1 milhão), espanhóis (em torno de 500 mil) e alemães (por volta dos 100 mil) representam a maior parte dos aqui chegados entre os anos de 1884 e 1939 (Ibidem, p. 25-27). O caso dos três primeiros países – Itália, Portugal e Espanha – é justificado pela proximidade linguística, de cultura e de religião, pontos de aproximação que facilitavam a assimilação à cultura e à realidade brasileiras (Ibidem, p. 28).

Nesse sentido, Fábio Koifman, em *Imigrante ideal – o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)* (2015), investiga o projeto de branqueamento da população brasileira na política do Estado Novo e no contexto da Segunda Guerra mundial. De acordo com o historiador, o sistema de cotas de imigração foi mencionado taxativamente na Constituinte de 1934. A partir de 1938, o governo criou um critério técnico que passou a ser vigente e estritamente controlado de 1941 adiante, inclusive dando direito ao cônsul de verificar visualmente se o imigrante se encaixava na ideia de raça idealizada pelo programa de imigração. A orientação dos consulados era simplesmente negar o visto dos imigrantes que não se encaixassem no perfil estipulado. No caso dos judeus, a partir de 1941 somente aqueles que eram considerados imigrantes capitalistas ou pessoas de notório conhecimento e técnica tinham acesso ao visto.

No recorte temporal do livro, de 1941 a 1945, o Serviço de Visto estava sob a responsabilidade do Ministério da Justiça e Negócios Interiores (MJNI), como ficara estipulado pelo Decreto-Lei 3.175/41, que transferiu a Divisão de Passaportes do Ministério das Relações Exteriores (MRE), com sede no Palácio do Itamaraty, para o MJNI. Mesmo nas exceções abertas, os pedidos eram encaminhados, embora as categorias que o governo estabeleceria como desejáveis dificultassem o processo de imigração. Além disso, vale pontuar que, em situação de refúgio, geralmente as pessoas não têm acesso aos seus diplomas e certificados originais.

Estes até hoje são solicitados em diversos pedidos de visto ao redor do mundo. O livro de Koifman traz a seguinte consideração:

a efetiva entrada em vigor de leis que, mesmo eventualmente flexibilizadas (para favorecer a entrada de imigrantes desejáveis) ou enrijecidas (nos casos dos considerados indesejáveis), tiveram suas regras realmente aplicadas, contrariando a ideia de que no Brasil o rigor das leis migratórias não teria sido efetivo ou de que certos dispositivos criados jamais teriam sido aplicados aos casos concretos (KOIFMAN, 2015, p. 132).

O autor indica que a partir de 1942 outro tipo de imigrante seria considerado de bastante valia para a composição da nossa população: o imigrante sueco. O tipo nórdico não tinha a mesma religião, nem o mesmo idioma, nem a mesma cultura, tampouco a origem histórica que os portugueses. Os suecos foram assim favorecidos por Vargas durante essa nova política discriminatória, pois servia de contraponto ao fenótipo mestiço do brasileiro. Embora o número de imigrantes suecos seja baixo, a pesquisa de Koifman comprova que esta amostra de imigrantes sublinha a flexibilização das leis relacionada à qualidade do imigrante solicitante.

Embora o livro de Koifman só trate da questão migratória no Brasil até o ano de 1945, muito da política adotada teve continuidade nos quinze anos subsequentes, sendo apenas no governo JK que viriam a ocorrer algumas mudanças substanciais. As manutenções também decorreram do fato de que um bom número de burocratas e diplomatas envolvidos nesse projeto eram, em boa parte, funcionários públicos concursados, malgrado desde 1945 o discurso ideológico sobre imigração tenha passado a ser mais discreto e o controle migratório tenha apresentado certo afrouxamento.

Segundo o historiador da UFFRJ, “aqueles que tiveram incumbidos de selecionar os novos imigrantes demonstraram grande interesse em atrair os que de forma alguma poderiam ser encaixados no padrão desejado, por exemplo, os imigrantes suecos” (Ibidem, p. 97). Isto é indício de que:

a seleção pretendida dos estrangeiros e o interesse pela vinda desse tipo de imigrante não estiveram única e necessariamente relacionados a preocupações limitadas à manutenção da unidade nacional e da identidade moral, étnica e cultural, tal qual apareceu nas justificativas dirigidas ao público, mas também contextualizados ideal e calcadamente em uma pretensa “melhoria” eugênica dos brasileiros (Ibidem, p. 97-98).

Ao revelar a figura do sueco como imigrante ideal, o estudo de Fábio Koifman é a chave de abertura para que seja apresentada a vinda de Gunnar Göransson ao Brasil. Nascido na cidade

sueca de Gotemburgo, a 31 de julho de 1914, Otto Ola Gunnar Göransson (1914-1974) residiu na cidade de Lima, no Peru, antes de se tornar residente brasileiro. Durante sua vida no Brasil ele morou no Rio de Janeiro e atuou como representante da Facit – empresa sueca que produzia máquinas de escrever e outros utensílios de escritório (VALLE, 2017).

A ficha consular de Gunnar Göransson (Figuras 31 e 32), conservada no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, indica também que seu passaporte fora emitido em Estocolmo, capital de seu país, a 15 de janeiro de 1945. A referida ficha, assinada pela Legação do Brasil na capital sueca a 30 de julho de 1948, discrimina o caráter temporário/de trânsito de sua passagem pelo Brasil. Consta a seguinte indicação: “Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino”.

Após consulta pessoal ao pesquisador, o historiador Fábio Koifman forneceu a informação via e-mail de que no Arquivo Nacional constam registros de duas entradas de Gunnar no Brasil: a primeira em 21 de agosto de 1945 e a segunda em 01 de dezembro de 1948. Desde a sua primeira vinda, o Serviço de Visto do Ministério da Justiça já havia sido fechado, fato que ocorrera no último dia de fevereiro de 1945. Assim, na situação das suas duas entradas no país a decisão de permissão já era atribuição do Itamaraty. Não foi possível consultar a carteira de estrangeiro desse personagem

Figura 31 - Ficha consular de Otto Ola Gunnar Göransson, frente

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Otto Ola Gunnar Göransson
Admitido em território nacional em caráter temporário-transito
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 6 letra - do dec. n. 7.988 de 1945
Lugar e data de nascimento Göteborg, em 31/7 / 1914
Nacionalidade sueca Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Otto e Brita Göransson
Profissão comercio
Residência no país de origem Lima, Peru

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. F 2915 expedido pelas autoridades de Överståthållar-ambetet em Estocolmo na data 15.1.1945
visado sob n. 187

ASSINATURA DO PORTADOR: [Assinatura]

Legação do Brasil em Estocolmo em 30 de julho de 1948
O CONSUL: [Assinatura]

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

Figura 32 - Ficha consular de Otto Ola Gunnar Göransson, verso

OBSERVAÇÃO—As autoridades consulares não serão responsáveis nesta parte da ficha.

Data do desembarque 21/8/48 Embarcação LIV-THÉ

Permanência em território nacional até 30 dias

Carteira de identidade policial expedida pelas autoridades d _____ registro n. _____

Foi residir a _____

Vai trabalhar _____

Pretende deixar o Brasil pelo porto de _____

Observações _____

BRASIL
REPUBLICA
FEDERAL

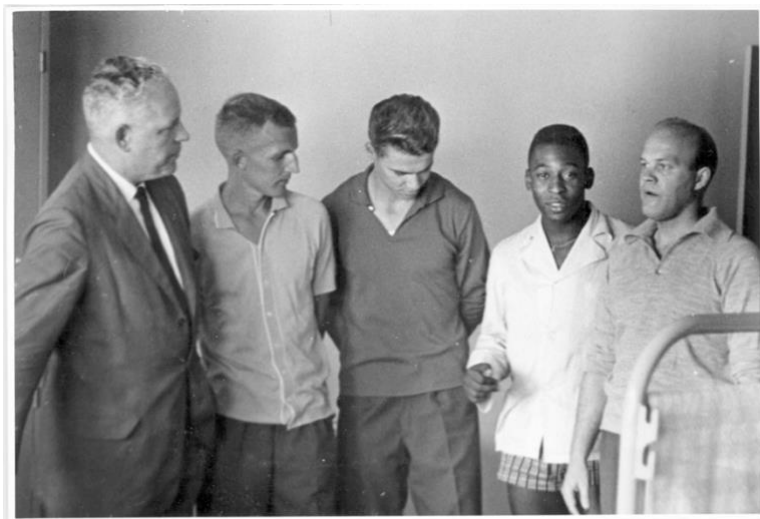
Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

Sua paixão pelo futebol o acompanhara desde os tempos suecos, onde e quando já exercia funções de dirigente esportivo. Como integrante da diretoria do Flamengo, Gunnar foi mediador cultural e esportivo: se ele viabilizou os primeiros amistosos sueco-flamenguistas, ocorridos no estádio das Laranjeiras a 08 e 18 de dezembro de 1949, em 1951 ele foi crucial na organização da excursão à Suécia.

Durante a Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil e da qual a Suécia participou, o empresário foi responsável por receber a delegação da sua pátria-mãe e também foi escalado para narrar a transmissão o jogo Brasil 7 x 1 Suécia. Sabe-se que daí surgiu o seu apelido “Gunnar oj oj (Gunnar ô ô)”, pois durante a narração amadora do jogo, a pedido da rádio sueca Radiotjänst, era possível ouvir a sua exaustão vocal. Naquele jogo o Maracanã contou com aproximadamente 172 mil torcedores. (Cf. “Oj, oj!” Fotbolls-VM i Brasilien 1950”. In: Sverige Radio, 25 maio 2006).

Em 1963, Gunnar viabilizou uma curta temporada de jogadores suecos no Brasil, a saber: Lars-Erik Ahlberg Helsingborgs IF, Roger Magnusson e Gosta Schmidt IFK Goteborg. No blog de Tomas Junglander, pesquisador sueco interessado em temas ligados à literatura e ao futebol, consta uma foto (Figura 33) na qual Gunnar e Pelé posam ao lado desses jogadores em 1963 (JUNGLANDER, 2017).

Figura 33 - Gunnar Göransson, Lars-Erik Ahlberg, Roger Magnusson, Pelé e Gösta Schmidt no Rio de Janeiro em novembro de 1963



Fonte: JUNGLANDER, Tomas. “Gunnar Oj Oj Göransson”. In: *VM Fotboll*, 09 ago. 2017.

Já em 1965, Gunnar foi responsável pela vinda de jogadores suecos ao futebol brasileiro para um período de testes, a saber: Roger Magnusson, Kurt Axelsson e Roland “Rimbo” Lundblad (esse último chegou a atuar em dois amistosos pelo clube) (OLIVEIRA, 2019).

3.1. A excursão do Flamengo à Suécia (1951)

O portal oficial do Clube de Regatas do Flamengo fornece um exaustivo levantamento da totalidade das partidas realizadas pelo time em sua história. Em março de 2020 realizei consulta ao “Fla-Estatística” que deu origem à Tabela 2, apresentada a seguir e que permite perceber que o time sueco Malmö viera ao Rio de Janeiro para amistoso internacional, tendo jogado com o Flamengo no estádio das Laranjeiras, a 08 de dezembro de 1949 (Flamengo 4 x 4 Malmö/SWE) e a 18 de dezembro de 1949 (Flamengo 3 x 0 Malmö/SWE).

Dois anos depois, sabe-se que a delegação do Flamengo partiu rumo à Europa, onde realizou excursão a fim de disputar partidas amistosas na Suécia (nas cidades de Estocolmo, Malmö, Sundswall, Boras, Halmstad e Norrköping), Dinamarca (Copenhague), França (Paris) e Portugal (Lisboa):

Tabela 2 - Lista de partidas realizadas nos amistosos internacionais de 1951

DATA	PARTIDAS	LOCALIDADE	TIPO DE TORNEIO/ CAMPEONATO
08/12/1949	Flamengo 4 X 4 Malmö(SWE)	Laranjeiras Rio de Janeiro/RJ	Amistoso Internacional
18/12/1949	Flamengo 3 X 0 Malmö(SWE)	Laranjeiras Rio de Janeiro/RJ	Amistoso Internacional
16/05/1951	Flamengo 1 X 0 Malmö(SWE)	Rasunda Estocolmo/SWE	Amistoso Internacional
20/05/1951	Flamengo 6 X 1 AIK(SWE)	Rasunda Estocolmo/SWE	Amistoso Internacional
23/05/1951	Flamengo 2 X 0 Malmö(SWE)	Idrottenspark Malmö/SWE	Amistoso Internacional
27/05/1951	Flamengo 2 X 1 Combinado do Norte da Suécia(SWE)	Não disponível Sundsvall/SWE	Amistoso Internacional
01/06/1951	Flamengo 3 X 0 Elfsborg(SWE)	Ryavallen Boras/SWE	Elfsborg Cup
05/06/1951	Flamengo 2 X 0 Seleção da Dinamarca (DEN)	Não disponível Copenhague/DEN	Amistoso Internacional
08/06/1951	Flamengo 2 X 0 Halmia (SWE)	Örjans Vall Halmstad/SWE	Amistoso Internacional
10/06/1951	Flamengo 6 X 1 Norrköping (SWE)	Não disponível Norrköping/SWE	Amistoso Internacional
13/06/1951	Flamengo 5 X 1 Racing Paris (FRA)	Parc des Princes Paris/FRA	Amistoso Internacional
17/06/1951	Flamengo 3 X 0 Belenenses (POR)	Restelo Lisboa/POR	Amistoso Internacional

Fonte: “Fla-Estatística – O museu virtual do Clube de Regatas do Flamengo”. Página oficial.

Da tabela acima, nota-se que das dez partidas dessa turnê, seis foram realizadas no país escandinavo. O dado evidencia a grande proporção dentre os jogos da turnê europeia realizadas neste país (60%). A 14 de março de 1951, em sua coluna “Esporte e Vida”, do *Jornal dos Sports*, JLR anuncia:

Escolheu-me Gilberto Cardoso para a chefia da delegação do Flamengo à Suécia, e o gesto me comoveu profundamente. Foi como me chamasse para chefiar uma missão de meu país, em terra estrangeira, uma honra que me encheu o coração de alegria e confortou a vida. Tenho o Flamengo no sangue (não fosse este vermelho como uma de nossas cores), e desde que me chamam para o seu serviço, não sou mais do que o seu escravo (REGO, José Lins do. “Escravo do Flamengo”. In: *Jornal dos Sports*, 14 mar. 1951).

O jornal sueco *Aftonbladet*, a 16 de março de 1951, noticia a assinatura do contrato entre o AIK e o Flamengo para a turnê europeia. A figura 34 reproduz foto de Gilberto Cardoso, então presidente do clube carioca, cercado de representantes da AIK: Per Söderberg, sentado à sua esquerda; Gunnar Göransson, sentado à sua direita. Em pé, são identificados H. Moraes, Francisco Abreu, Ricardo Serran e José Lins do Rego, já designado como chefe da delegação.

Figura 34 - Gilberto Cardoso, Per Söderberg, Gunnar Göransson, H. Moraes, Francisco Abreu, Ricardo Serran e José Lins do Rego no Rio de Janeiro



Fonte: *Aftonbladet*, 16 mar. 1951.

O jornalista Ricardo Serran, a 20 de abril de 1951, assina a matéria “A experiência dos rubro-negros na Europa”, publicada no *Jornal dos Sports*. A reportagem traz os nomes que viriam a compor a delegação do Flamengo na excursão europeia: “A delegação do Flamengo será composta de vinte e quatro pessoas, sendo 18 os jogadores. Estão escolhidos, desde já: Claudio, Garcia, Pavão, Biguá, Newton, Dequinha, Bria, Bigode, Valter, Nestor, Hermes, Adãozinho, Índio e Esquerdinha” (SERRAN, 1951).

JLR avisa, em “Palavra aos campistas”, crônica de 28 de abril, que a delegação estava prestes a viajar à cidade de Campos dos Goitacazes, “antes de partir para a terra fria do Norte [...] para nos aquecer no calor dos vossos entusiasmos” (REGO, 1951). Já a 04 de maio, o texto “O Brasil na Suécia” traz a seguinte informação:

Vai o Flamengo a uma viagem de camaradagem à Suécia. Não vamos a procura de negócio rendoso, vamos nos encontrar com os altos representantes do verdadeiro espírito esportivo da Europa. [...].

Todos nós sabemos o que é a Suécia: uma nação de população evoluída, ao máximo, um povo com a maior capacidade para organizar-se em todos os sentidos da vida.

O Flamengo leva, como nos disse o prefeito Vital, a responsabilidade de representar o Brasil, de ser nos campos suecos a fibra, a técnica, a alma do nosso futebol

(REGO, José Lins do. “O Brasil na Suécia”. In: *Jornal dos Sports*, 04 maio 1951).

A nota “Tack, tack Flamengo!”, assinada pelo cônsul sueco Per Söderberg e publicada no *Jornal dos Sports* a 06 de maio 1951, permite entender que o convite inicial da excursão tenha partido do clube AIK. Além disso, indica que embarcariam no dia 07 de maio uma delegação com quase cinquenta pessoas:

É a primeira vez que um time brasileiro pisa na minha terra natal. Sinto-me feliz e orgulhoso de apresentar à minha gente um clube como o Flamengo, cuja glória e tradição esportiva farão brilhar no Velho Mundo as cores brasileiras. [...]

Agradeço de todo o coração a maneira gentil e esportiva com que o Flamengo aceitou o convite do AIK

(SÖDERBERG, Per. “Tack, tack Flamengo!”. In: *Jornal dos Sports*, 06 maio 1951).

A matéria “Voa o Flamengo após festiva despedida”, por sua vez, especifica a delegação que embarcou para a Europa:

chefe José Lins do Rego; médico Gilberto Cardoso; diretor Marcus Vinicius de Carvalho; técnico Flávio Costa; jogadores Claudio, Biguá, Pavão, Bria, Dequinha, Bigode, Hermes, Nestor, Adãozinho, Índio, Esquerdinha, Cido, Newton, Beto, Aloísio e Garcia.

Seguiram ainda nossa companheira Florita Costa, esposa do técnico rubro-negro e a filha do casal, Elaine. Também participa da delegação o jornalista José Maria Scassa

(“Voa o Flamengo após festiva despedida”. In: *Jornal dos Sports*, 08 maio 1951).

Em contato com o pesquisador Bruno Lucena, atualmente coordenador de pesquisa estatística do Flamengo, teve-se acesso à fonte do vídeo por ele publicado no Youtube (Cf. “AIK 1 x 6 Flamengo – Maio de 1951 – Amistoso em Estocolmo, na Suécia”; “AIK – Flamengo 1951 (1-6)”). A tradução da narração do vídeo, do sueco ao português, é a seguinte:

Esta linda celebração aconteceu em Bromma no último verão, quando o time do Flamengo veio ao encontro do AIK e da Suécia. Nós iremos mostrar a vocês algumas fotos do evento quando o time do Corinthians, que será o próximo visitante da América do Sul. Suas habilidades futebolísticas serão eventualmente eternizadas, mas este filme mostra a recepção do time do Flamengo quando da sua chegada em terras suecas.

O Flamengo treinará em Boson antes das partidas, eles mostram uma incrível agilidade e domínio da bola. Aqui vão algumas fotos do estádio Rasunda durante a partida AIK 1 x 6 Flamengo. Um esplêndido público presenciou a partida, no mesmo estádio onde o Corinthians também jogará, no dia 14 de maio contra o AIK no estádio Rasunda, no dia 16 contra o Djurgarden e na sequência joga nas cidades de Malmö, Gothenburg, Gavle e Halmstad.

O vídeo, narrado na língua sueca e com duração de 1 minuto e 45 segundos, menciona a posterior ida do time paulistano Corinthians à capital do país, quando houve uma temporada de amistosos em 1952. As primeiras imagens trazem o desembarque da delegação e dos jogadores do clube carioca e a recepção sueca já no aeroporto (Figura 35). Neste momento é possível identificar José Lins descendo do avião em Estocolmo (Figura 36), a carregar a bandeira do clube em suas mãos. Convém observar que o cronista passaria o seu aniversário de 50 anos naquela cidade nórdica:

Figura 35 - Delegação do Flamengo na chegada em Estocolmo (1951)



Fonte: Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB)

Figura 36 - José Lins descendo do avião na chegada em Estocolmo



AIK 1 x 6 Flamengo - Maio de 1951 - Amistoso em Estocolmo, na Suécia

Fonte: “AIK – Flamengo 1951 (1-6)”. Vídeo do YouTube, 1m45s.

O anúncio do *Jornal dos Sports* a 02 de fevereiro de 1951, em nota intitulada “Na presidência da CBD o sr. José Lins do Rego”, indica que a partir do dia anterior, 01 de fevereiro, o cronista fora nomeado, na verdade, Secretário-Geral da Confederação. Assim, quando viaja com o Flamengo à Europa, talvez tenha sido esse um dos motivos da chefia da delegação do clube nessa primeira excursão europeia.

Em seguida, imagens dos treinos mostram a habilidade dos brasileiros, seguida de cenas do estádio do AIK, repleto de espectadores durante um dos jogos ali realizados. Chama a atenção a reprodução de dois planos dessa sequência (Figuras 37 e 38): durante o treino, uma menina sueca brinca de jogar a bola com as mãos com um dos jogadores flamenguistas.

Figura 37 - Treino dos jogadores do Flamengo



Fonte: “AIK – Flamengo 1951 (1-6)”.
Vídeo do YouTube, 1m45s.

Figura 38 - Treino dos jogadores do Flamengo



Fonte: “AIK – Flamengo 1951 (1-6)”.
Vídeo do YouTube, 1m45s.

O portal *DigitaltMuseum*, base comum de dados de museus e coleções da Suécia e da Noruega, reúne em seu acervo mais de 4 milhões de itens catalogados entre fotografias, objetos, exposições de arte, dentre outros. A consulta pela palavra-chave “Flamengo” identifica dezoito fotografias com registros da excursão de 1951, oito delas tiradas pelo fotógrafo Erik Holmén (1893-1963), que trabalhou para a Nordiska Kompaniet (mais conhecida como NK), entre os anos de 1917 e 1961 (Cf. “Holmén, Erik (1893-1963)”).

A figura 39 ilustra a recepção dos jogadores dentro do que parece ser a sede da rede de lojas Nordiska Kompaniet. Os atletas são presenteados por itens como lenços e gravatas, que compõem o traje social por eles utilizados nos passeios na cidade, do qual se destaca o terno que tem fixado, no bolso, o emblema do clube Flamengo.

Figura 39 - Jogadores do Flamengo recebem lenços e gravatas da Nordiska Kompaniet (NK)



Foto: Holmén, Erik Leonard

Nordiska museet

Foto de Erik Leonard Holmén.

Fonte: Portal *DigitaltMuseum*. Disponível em: <https://digitaltmuseum.se/021015723861/det-brasilianska-fotbollslaget-flamengo-pa-nordiska-kompaniet-man-tittar>. Acesso em: 20 nov. 2019.

As figuras 40 e 41, tiradas por Norrlandsbild, trazem registros das partidas e focam em lances do jogo e em imagens panorâmicas. Estas dão destaque ao estádio e ao grande público ali presente.

Figura 40 - Torcedores assistem à partida Flamengo X AIK a 20 de maio de 1951



Foto: Norrlandsbild

Sundsvalls museum

Foto de Norrlandsbild.

Fonte: Portal *DigitaltMuseum*. Disponível em: <https://digitaltmuseum.se/021015810696/det-brasilianska-fotbollslaget-flamengo-pa-besok-i-idrottsparken-i-sundsvall>. Acesso em: 20 nov. 2019.

Figura 41 - Jogadores do Flamengo e do AIK durante a partida do dia 20 de maio de 1951



Foto de Norrlandsbild.

Fonte: Portal *DigitaltMuseum*. Disponível em: <https://digitaltmuseum.se/021015803839/det-brasilianska-fotbollslaget-flamengo-pa-besok-i-idrottsparken-i-sundsvall>. Acesso em: 20 nov. 2019.

A pesquisa feita na *Kungliga Biblioteket* (Real Biblioteca da Suécia) permitiu a consulta aos seguintes jornais digitalizados: *Aftonbladet*, *Dagens Nyheter*, *Expressen* e *Svenska Dagbladet*. Também foram consultados os microfilmes dos seguintes periódicos: *Idrottsbladet*, *Stockholm-Tidningen*, *Svenska Dagbladet* e *Sydvenska Dagbladet*. Com exceção do jornal *Sydvenska Dagbladet*, da cidade de Malmö, os outros são todos da capital do país, Estocolmo.

A leitura aos jornais digitalizados possibilita identificar 96 menções ao clube brasileiro de futebol datadas de 1949. O jornal *Dagens Nyheter*, por exemplo, a 13 de abril de 1949 anuncia a excursão do Malmö à Argentina (onde jogaria com o Boca Juniors) e ao Brasil (onde jogaria com Flamengo, Fluminense e Botafogo). Sabe-se que os jogos do Malmö contra o Flamengo no Rio ocorreram nos dias 08 e 18 de dezembro de 1949, como mencionado anteriormente no início deste capítulo. Os periódicos digitalizados datados de 1951 apresentam, ao todo, 429 menções ao Flamengo, dentre as quais as principais delas serão analisadas adiante.

Figura 42 - Idrottsalbum C.R. Flamengo Brasilien [Ilustração do time titular do Flamengo da temporada europeia de 1951]



Fonte: *Rekordmagasinet*, n. 21, 17 maio/23 maio 1951.²⁴

A ilustração acima (Figura 42) ressalta os traços latinos e mulatos dos jogadores titulares do time brasileiro. Aqui é importante ressaltar também que, três anos depois, em 1954, quando ocorre a Copa do Mundo sediada na Suíça, JLR também viaja com a CBD, mas não chefia a delegação. O chefe naquela ocasião, João Lyra Filho, justifica a derrota para a Hungria, que eliminou o Brasil da competição, em termos raciais (LYRA FILHO, 1954). Lembremos que o Flamengo de 1951 aqui apresentado era composto principalmente por jogadores negros, ao contrário do que predominara na escalação da seleção brasileira até a Copa de 1958, que também fora realizada na Suécia, um ano após a morte de JLR. A equipe nacional começa sem os jovens Pelé e Garrincha e apenas no decorrer do campeonato, afinal conquistada pelo selecionado brasileiro, as duas estrelas do time participam.

Um dia depois da vitória do Flamengo sobre o Malmö, a edição do jornal *Svenska Dagbladet* do dia 17 de maio de 1951 destaca que na partida “duas raças diferentes se enfrentaram” e analisa a performance do time da Gávea como “um bando de velocistas, que também podiam ficar com a bola, que podiam girar sem espaço, que podiam fazer malabarismo

²⁴ Devo o acesso a essa imagem à generosidade do historiador sueco Törbjörn Andersson, da Malmö University, que também forneceu a dica valiosa do acervo da *Kungliga Biblioteket*, onde encontrei boa parte do material aqui reunido.

com a bola e com eles mesmos independentemente da gravidade”. A edição do jornal *Stochholms-Tidningen* de 21 de maio de 1951, por sua vez, analisa a passagem do time carioca pela região de Estocolmo:

O Flamengo pode deixar Estocolmo sabendo que fez uma representação notável pelo futebol brasileiro e esportividade. Equipes mais habilidosas jogaram aqui, acima de tudo mais eficientes, mas poucas delas irradiou tal charme, alegria de jogar e simpatia como estes sul-americanos, de quem a impressão final também é que eles são capazes de muito mais do que eles mostraram durante estes dois jogos em Råsunda.

Nessa mesma data, o *Dagens Nyheter* traz na capa uma foto do jogo entre AIK e Flamengo e mais adiante a matéria intitulada “O Flamengo brincou com o AIK: ensolarado, real”, relata que o time brasileiro levou a partida de forma leve e divertida, não deixando de estarem satisfeitos com a vitória por 6 a 1. O ensolarado do título da matéria faz referência ao dia de sol escaldante e o real indica que o rei sueco, que fora coroado por aqueles tempos, dava sua primeira aparição pública naquele estádio. A performance dos jogadores brasileiros é exaltada por sua elegância nos movimentos, pelas acrobacias e pela facilidade lúdica enquanto em campo, mas é reforçada a ideia de que o Flamengo poderia ter sido mais polido, já que o adversário não os cobrava um jogo duro. Ao final do jogo, a matéria indica que os jogadores do Flamengo jogaram flores às mulheres que estavam no estádio.

Ainda nessa mesma edição, o *Dagens Nyheter* narra um jantar oferecido ao time do Flamengo, ocorrido no Hasselbacken. Na ocasião, o meio-campo Adãozinho experimentou o *saft*, água saborizada muito comum na Suécia. Além disso, o jornal comenta a passagem da equipe da Portuguesa de Desportos na Suécia: de acordo com o portal *Acervo da Bola*, o time da cidade de São Paulo estava ali também para a disputa uma série de jogos amistosos internacionais e também joga na Turquia e na Espanha entre os meses de abril e maio de 1951.

Assim como no caso dos jogadores do Flamengo, o *Dagens Nyheter*, ao comentar o jogo do *Hammarby Idrottsförening* (HIF) contra a Portuguesa, descreve os jogadores do time paulistano como “onze brasileiros de pele escura”, dando o destaque da partida para Nininho, que marcou quatro gols – o resultado final da partida foi Portuguesa 5 x 3 HIF, e para Djalma Santos, camisa n. 11, “tão preto quanto o famoso café”, muito prestigiado por sua técnica em campo.

A Portuguesa de Desportos também jogou na Suécia contra Helsingborg (vitória por 5 a 3, 20 de maio), Södra (vitória por 1 a 0, 26 de maio), IFK Kamraterna (vitória por 4 a 2, dia 28 de maio), Göteborg (vitória por 2 a 1, 29 de maio) e IFK Norrköping (vitória por 3 a 2, 31

de maio). O esquadrão também ganhou as partidas contra Fenerbahçe, Galatassaray, Besiktas, seleção turca, Atlético de Madri e Valência.

Ainda sobre as notícias em jornais suecos relacionadas à turnê do Flamengo, 8 edições do *Idrottsbladet*, de Estocolmo, fazem menções ao time rubro-negro: nos dias 11, 15, 18, 21, 23, 25, 28 e 30 de maio. Na capa da edição de 11 de maio de 1951, falam de “27 anos de espera pelos maiores virtuosos do futebol do mundo, os sul-americanos”. Na página 2, dessa mesma edição vem uma foto muito simbólica desse intercâmbio esportivo e cultural (Figura 43), na qual sem seus uniformes clubísticos, provavelmente em algum encontro social, Adãozinho e Hasse Jeppson (1925-2013), que se reencontram um ano após a Copa do Mundo sediada no Brasil. Naquela época o jogador sueco atuava no Charlton Athletic F.C. de Londres:

Figura 43 - Adãozinho e Hasse Jeppson se reencontram em Estocolmo



Fonte: *Idrottsbladet*, 11 maio 1951.

Na legenda da foto acima, lê-se: “FRIO E CALOR é mostrado nesta foto. Enquanto o pequeno Adãozinho tem a garganta descoberta e uma jaqueta de veludo fina, Hasse Jeppson usa um sobretudo com gola quente ao dizer olá ao seu velho conhecido carioca”. Na página 3

ainda da mesma edição encontra-se a descrição narrativa da chegada do Flamengo em Estocolmo, mencionada anteriormente neste mesmo capítulo. A seguir, há mais detalhes em um longo relato jornalístico:

pouco depois das 14h15 chegaram a Bromma. Havia muita gente e o telhado tinha sido ocupado por centenas de "fãs", enquanto a orquestra revestida vermelha AIKs estava pronta. [...]

para os jogadores de futebol do Flamengo. Com honrosa e não vista com pouca pontualidade, o D6 dinamarquês da SAS lançou “Skjold Viking” com seus tons na estrada de cimento.

O primeiro foi, claro, Peller Söderberg, bem vestido, carioca-sueco fora do avião. Então não veio nada, e novamente nada e finalmente Peller teve que subir de volta para obter seus companheiros de viagem. Se eles tinham medo do frio que não sabemos, mas o fato é que assim que a orquestra AIK começou sua marcha começou a chover levemente.

O famoso escritor Lins do Rego (aquele que queria duelar com T.T no Brasil) saiu com uma bandeira do Flamengo nos braços, de braço dado com o presidente Cardoso. E então a porta da cabine foi sombreada pelo impressionante massagista gigante Johnson. Preto como um pedaço de carvão na cara, cabeça decorada com um magnífico chapéu. Houve um suspiro da multidão com a visão deste gigante.

E fora derramou pele escura, tipos charmosos finos – todos esportivos vestidos com golas abertas do tipo que era tão popular no Rio durante os meses da Copa do Mundo. Nós que estávamos esperando com muitas roupas com o vento frio parecia frio só de vê-los. Os jogadores não pareciam tão chiques quando posaram pacientemente nas escadas durante a cerimônia de boas-vindas. Mostraram-se disciplinados – algo que um time sueco longo nunca teria esperado.

Putte Kock falava português e entregava flores. Lins do Rego respondeu e os jogadores cantaram um novo canto (Flamengo-Olá), mas soou modestamente entusiasmado no frio.

A alfândega e a verificação de passaportes foram liberadas no avião, então eles partiram diretamente para o restaurante de voo, onde os meninos se aqueceram com coquetéis antes de partir para Bosön, onde estavam hospedados na casa de verão.

Janelas abertas

– Eles não congelaram até a morte durante a noite?, perguntamos ao chefe Pontus Lindberg, quando viemos dar uma olhada nos brasileiros na tarde de quinta-feira.

– Não se preocupe, eu acredito que eles até dormiram com as janelas abertas, Pontus nos diz que viu as janelas abertas às 7 horas.

[...]

– Embora parecessem um pouco desconfiados esta manhã quando foram servidos mingau com geleia de maçã. Sentaram-se perplexos antes de lhes darmos uma lição rápida sobre como comê-lo.

Pontus embora eles eram uma tripulação gentil e bem disciplinada. “Mas estar na hora é, naturalmente, difícil para eles”, disse ele.

O vento não estava leve. Esperamos que os sul-americanos levemente vestidos não se machuquem. O massagista Johnson estava, por exemplo, andando por aí com um suéter de manga curta e fumava um cachimbo de aparência artística.

– Não está frio aqui, ele disse. Foi muito pior em Lisboa.

Como todos os sul-americanos eles gostavam infantilmente do seu jogo. Eles estavam “aquecendo” o goleiro paraguaio Garcia, um grande companheiro, que mostrou boas aderências na bola. Seus companheiros demonstraram a todos eles que o toque de luz superior na bola revela A GRANDE CLASSE. Eles usaram cabeçadas e tiro de modo a fazer o público jovem suspirar ao redor da arena. O controle da bola é realmente ampliado por esses artistas, que nestas roupas leves se mostraram bastante musculosos. Pavão, por exemplo, que usa o cabelo em uma rede, tem coxas como tijolo.

Sentimos falta do Flavio Costa. Agora temos que descobrir que o português estudamos no ano passado e aprendemos no Rio.

– Ele está doente, dor de estômago. Adãozinho nos diz sorrindo. Estávamos juntos no voo entre Rio e São Paulo uma vez.

Dentro da casa de Brasília – onde há, claro, muitos álbuns de samba na mesa e muitas novelas na língua dos convidados – encontramos Flávio.

– Eu estou bem. A mudança de clima sempre me dá problemas estomacais. Mas estou melhor agora. O frio também é problemático no início, mas depois de alguns dias não pensamos nisso. É suposto ficar mais quente também espero.

- Então, o Flamengo está em boa forma?

Com certeza. Estou convencido de que mostraremos um jogo que a multidão sueca vai gostar.

– Você vai dar tudo de si?

Para esta pergunta Costa sorri:

– Faremos o nosso melhor contra todos os adversários. Então, à medida que o jogo continuar, você pode levá-lo mais ou menos calmo. A Suécia foi bem no Rio e em casa as equipes suecas deveriam ser mais perigosas. Malmö, por exemplo, será difícil de vencer.

– Feliz com tudo? Onde você está hospedado, por exemplo.

– Claro que poderia ser melhor. Mas pedimos para pegá-lo assim. Não queremos luxo. Não estamos aqui turistas. Estamos aqui pelo futebol. Você não pode fazer tão bem vivendo no luxo. É excelente assim. Tenho grandes ambições com o Flamengo e eles esperam coisas grandes de mim nesse clube. É um dado se você vem de um clube como o Vasco da Gama. Essa jornada (e

a estadia aqui) vejo como preparação para o início do torneio carioca no final de agosto. Então não seremos preguiçosos.

Bigode ferido (Cabeçalho)

Nós caminhamos até o campo novamente, se os fotógrafos estão perseguindo os objetos sempre tão gratos para a câmera. Eles fazem ginástica por alguns minutos e caminham lentamente ao redor do campo – e depois jogam mais com a bola.

O zagueiro Bigode não está se juntando, ele está mancando.

– Sinto minha lesão no joelho esquerdo, explica. Levei uma pancada no último jogo contra o Botafogo. Espero estar bem para a estreia.

– Não é a roupa do nosso clube, diz o presidente Cardoso andando com um chapéu tropical. Essas roupas que usamos sob luzes elétricas.

As cores dos clubes são vermelhas e pretas, mas essa combinação é difícil de ver sob luzes elétricas. Por isso, eles usam camisas brancas com uma listra vermelha e preta no peito. Sentamos na grama verde e falamos com Adãozinho. Ele aponta com o polegar para todas as crianças da escola correndo por aí com roupas adequadas para esportes.

– São amadores, ele se pergunta. Acontece que ele achava que as crianças estavam na educação esportiva. Ele se interessa quando mostramos a ele Tore Sjöstrand (corredor) e Leandersson que vem correndo no terreno.

Adãozinho se ilumina quando perguntamos sobre a Portuguesa, o time que talvez substitua o São Paulo em Norrköping, Hälsingborg e Göteborg, é um bom time. Ele acena.

– Eles são um pouco desiguais, diz ele. Mas eles jogam futebol típico do Brasil e têm Brandãozinho e Pinga um par de verdadeiros virtuosos. Além disso, compraram um novo defensor chamado Rubens, que é ótimo.

– O que aconteceu no jogo entre Portuguesa e São Paulo? Queremos saber. Aquele jogo que não conseguimos descobrir o resultado.

– A Portuguesa venceu por 3 a 0. O time é muito melhor que o São Paulo.

O pequeno centro está interessado em saber se eles vão ver algum futebol sueco e está feliz em ver AIK – Örebro SK quando relatarmos isso. Dizemos a ele que ele deveria dizer aos seus companheiros de equipe para não esperar muito da noite e não julgar AIK quando eles os veem jogar. Adãozinho sorri e diz:

- Eu sei, até nós jogamos mal às vezes. Não há nenhuma chance de você sempre poder jogar bem. E também depende do que está em jogo. Um jogo de apostas altas geralmente significa um jogo de classe baixa. Contarei aos meus companheiros de equipe a situação.

Saímos dos amistosos de Brasília como primeiro um pouco céticos, mas depois chorando alegremente indo para o calor da sauna e durante o massagista começou a massagear com suas enormes mãos.

Para a reportagem do *Idrottsbladet*, a pontualidade do time carioca soou inusitada, a desconstruir a suposta imagem indisciplinada de latino-americanos, pouco acostumados aos ritos “civilizados” europeu. Ademais, a reportagem destaca a diferença do clima brasileiro e sueco em diversos momentos, traço recorrente em várias matérias, a observar a reação e a inadaptação dos jogadores do Flamengo à gélida temperatura nórdica. A imagem da descida de José Lins do Rego do avião, com a bandeira do Flamengo nos braços e junto ao presidente Gilberto Cardoso, bem como a corpulência do massagista Johnson, chama a atenção de todos desde o primeiro momento. Isto remete à figura 35, que mostra a delegação do Flamengo no desembarque em Estocolmo. A figura 36 também captura José Lins e o manto rubro-negro.

O massagista Ovídio, o “Johnson”, também aparece em primeiro plano tanto em relatos de momentos da excursão na Suécia como nas figuras 44 e 49, em foto para propaganda de um suco de laranja, ao lado de Adãozinho. Nessa reportagem, o massagista do clube também ganha destaque, na medida em que anda “com um suéter de manga curta”, fuma cachimbo e retruca à expectativa: “Não está frio aqui”. Em seguida, acrescenta: “Foi muito pior em Lisboa”. O jornal *Aftonbladet*, por sua vez, publica a 10 de maio de 1951 uma foto de Ovídio com a seguinte legenda: “Aqui está o negro gigante e massagista Ovidio, geralmente chamado de Sr. Johnson no Flamengo – um clube para o qual trabalha há 27 anos. Na foto Johnson coleta cobertores para seus garotos friorentos”.

Ainda nessa mesma página do jornal sueco, há outra foto abaixo, na qual José Lins do Rego aparece ao lado de outros membros esportivos, com Olle Järvheden à sua esquerda. O escritor, e também diretor do AIK, Putte Kock, posa com o braço direito erguido e punho cerrado. A legenda indica que o diretor do AIK celebrava JLR, considerado por ele como “o maior autor brasileiro” e salienta a aparência cansada, embora impressionada, do paraibano.

Dentre as notas jornalísticas, essa mesma edição de *Aftonbladet* chama atenção para o fato de que alguns dos nomes dos jogadores brasileiros não correspondem, na verdade, aos seus “verdadeiros nomes”, mas sim aos apelidos. Para tanto, explica o significado de “Bigode” em sueco e esclarece que “Esquerdinha” na verdade se refere a um jogador canhoto, com habilidades mais bem desenvolvidas com o pé esquerdo. Outro dado curioso é como eles apontam a rotina dos flamenguistas: “O Flamengo treina 4 horas por dia. Eles também tomam banho, dançam e passam tempo livre juntos. Um jogador brasileiro joga no seu máximo desempenho por no máximo 10 anos”.

Figura 44 - O massagista Ovídio, o "Johnson", carrega cobertores para os jogadores do Flamengo e José Lins do Rego com Putte Kock e Olle Järvheden

12 AB-sport ★ AB-sport ★ AB-sport ★ AB-sport ★ AB-sport

Tränaren Flavio för dyr för Sverige – 100.000 om året

Tränaren Flavio Costa:

Vi har passerat England

Flamengos tränare, världens kanske främste fotbollsexpert Flavio Costa har dikterat följande med ensamrätt för Aftonbladet:

Vi i Flamengo är verkligen glada över att som AIK:s gäster få visa Sverige brasiliansk fotboll. Vi håller Sverige mycket högt — och kanske kan vårt besök knyta banden än fastare mellan våra nationer. Jag älskar fotboll. Jag lever på och för denna sport. Och jag tror mig veta efter världsmästerskapet, att fotbollssporten i Sverige är mycket hög. Jag dömer inte efter er match mot Brasilien — då hade Sverige en ojämnad. Utan av de andra höjningsmatcherna, då Sverige efter ställiga insatser erövade tredje platsen bland världens fotbollsspelare. Jag minner till till de bästa svenska spelarna, men jag vill inte framhålla någon särskild. Det var hela det svenska VM-laget som skapade ett bestående intryck — inte någon individuellt spelare. Brasilienas fotboll stannar från den engelska. Vi hade en glädje i tiden hård och tunga fotbollsspelare, hårda och tunga bollar. Vi hade även lika långa byxor som engelsmännen. Men nu är det vi som tagit ledningen inom fotbollen. Vi har bekräftat oss från den del av den engelska inflytandet, som inte var så lyckat. Vi har vår egen utrustning, lättare skor, smidigare bollar... och kortare byxor. Nu är det engelsmännen som kommer till oss och köper vår utrustning. Och kanske blir de lite fotboll också. Hur har vi kunnat gå förbi England? Jo, genom att fotbollssporten är något av en institution i vårt land, som staten, ja, som alla stöder på olika sätt. Varanda spelare sparar på något sätt... med en popper-tas, med en sten, med tröskor, ja, med vad som helst. Fotbollen är mer än en nationallidare i vårt land och därför tror jag vi har något att visa er när vi ska träffas på Råsunda inom kort.

Här ses den världliga segern och massören Ovídio Daniel, populärt kallad "Johnson" i Flamengo — en klubb som har arbetat för i 77 år. Massören Johannes förtäta tankar var att skaffa sina härliga skidkläder till ett bättre publik- och skidåk.

Bland brassar på Bosön

Pingstlagen träffas i Liverpool, Flamengo, AIK och AIK till en förberedelse. Det blir språk- och bordsprat på Bosön så det försäkras. Brassarna tar enstaka portföljerna, engelsmännen endast vapen. MFF bara skinka och karnar... ja, de har ju för all del fått på vissa kurer. Bäst i alla fall att inte blanda lära för merket så att det blir dödligt i lokalen.

Lille Adam Adsonino, den femmålscyklist, är bara 1,60 i strumpklänning. Men snabba och en härligt kvallvare. Han spelar tillhållsdragen center för att stötta fram och göra mål på innerskåp.

Flamengo kallas Rabo-negro i Brasilien... de rödsvarta med andra ord. De spelar i en rödsvart-rödlila tröja med röderna på tvärs.

Heden i kväll blir den första officiella träffen för brasilianska ministrar i Stockholm, som är en stor fotbollsvän. Det var tyvärr i natt på Bosön och brassarna hade det ganska kallt i sin sommarväska. Men i morgon se dem sedan och då ska även Flamengo upp.

Det var festligt värdet ute på Bromma. Och intressant var det också att lägga märke till unga autografjägare, som letade indier i trupper och glöms för att undvika alla väskor. Någon nådde också sina mål... d. v. s. Flamengo-spelarna. Vilka i & är vana vid indier.

Det är inte spelarens riktiga namn, som förkommer i tidningsarna. Blandade betydelser, exempelvis mustasch, kängor, klänning, kläder.

Det var 35 grader i skuggan, när Flamengo lämnade sitt hemland. När de kom till Bromma var det snål vind och plus 6 grader. I natt var det i på vattentemperaturen på Lidingen.

Flamengo tränar 4 timmar om dan i östligt badar man, dansar och idlar familjeliv. Ifrå är rikare men allt en brasiliansk profs kan hålla sig på isopp.

Första middagsbestäl av grönsaker, färskt, fruktstall, färsk bröd. Och så drack man helkaffe i långa banor.

AIK:s speciella brassavårdare heter Putte Kock och tennisspelaren Arvid Albrektsson. Hela styrelsen måste ha tagit sig ledigt. Man måste ju även skola Liverpool, sedan arrangemangen kommit redde.

Grö-Nu-Li hos Hommorby

Hemmarby 19 har i morgon fredag klubbträning på Katarinagränd. Nyttorgsgatan 42. Det blir sång och musik och som programmet har...

Vissa omkring 25.000 kr. i förköps-sälda biljetter. Det är rekord både för Sundsvall och Norrland. Efterträngarna har strökat sig motiva skillett i norra och Söderhamna i söder. Utöver de förköps-sälda biljetterna finns även något tusenstulpsatser kvar och alla sågplatsbiljetter, så det gäller de ska förtä till ett bättre publik-rekord också.

Ett hyfsatligt leve för våra brasilianska gäster — lev Flamengo. AIK-ordföranden och AB-ordföranden Putte Kock tar i ordentligt när han uttrycker levst för gästerna och Brasilien största förtärtare (med som representativ talare) för José Lins do Rego t. v. ser trött men imponerad ut. T. h. RAB populära språkmanen Olle Järvheden.

Hasse Jeppson vilar sitt ben Spelklar till Italiens seriestart

Nu börjar det klarna kring Jeppsons framtidsplaner. Så mycket kan anses säkert, att varken Djurgården eller Atvidaberg får ta hand om vår store center i höst.

Det blir Italien — anbudet har nu nått en höjd, som t. o. m. Jeppson kan vara helt nöjd med. Legnano, Atalanta och Pro Patria söker om Hasse och för dagen ser Pro Patria ut att ligga bäst till.

videpunkt står filmen om Gre-No-Li. En 30 minuter lång "film" om Hasse Jeppson, som har varit i många landslag. Årets film många billiga dagur lediga. Vidare upp-tyck per tel. 35 24 93.

Jeppson håller nu som bäst på med examenstrivningarna vid Pihlman handelsinstitut och förskär väl glöms bort allt vad för-handlingar heter. Djurgården ställer upp med Tumba-Johansson som center mot Norrköping och denna kan rädda med ordinarie plats en tid framåt. Dels vill Hasse få sitt ben riktigt balt, dels har det som bekant indut i tre månader i serien i svensk fotboll i samband med övergång till utländsk klubb, vilket gör att Hasse vid ev. övergång blir spelklar till italienska

seriestarten om han avstår från allsvenskt spel.

Widenfelt 1.94 i USA
GÖTEBORG 1.94 Göran Widenfelt har kommit med sitt vinnande höjningsprogram i USA. Den som framgångs skedde vid University of Washington (disarens college) möte med Oregon State College, då svensken vann höjningsgrenen på 1.34 och segerresultatet i den andra matchen, mot University of California, blev 1.52.5.

Allan:

Bäst i världen?

— Jag kan säga dig utan öve- rdrift, att Flamengo är världens kanske starkaste lag just nu. Vi i är i varje fall Brasilien bästa och slog Vasco i söndags med 2 — 1. AB:s Rio-redaktör Per Söderberg. Flamengos allt i alla, är säkert på sin sak. AIK:s Putte Kock har av förklarliga skäl inte den ringaste lust att demotera honom. Själv tycker jag att det räcker med att fastslå, att vi fått strålande fotbollslag till Stockholm, att i vi kommer att uppleva en fantastisk vecka på Råsunda och att i Flamengo är ett lag med färg, stil och enorma folkmassor. Vilken vecka har AIK inte fått i shop: Flamengo, Liverpool, MFF, AIK:s nya klubb... och så Örebro. Det kan inte hjälpa, att AIK-vårdarna i all sin hjärtlighet anslagen dystra ut vid den festligt arrangerade mottagningen. Man måste orden frodiga och Öre bro i deras mörka tankar. AIK måste vinna för att inte jubileumsdagen ska bli förlorad.

För dyr för oss

Om jag skulle vilja bli tränare i Sverige? Flavio Costa, Brasilien och Flamengos redan legendariska fotbollspersoner sin eleganta mustasch och ler så gott så blotta tanken. Ni förstår, jag har det som ligger bra i mitt land. Jag tjänar i alla fall mycket mer än er minuter där borta. Jag tror helt enkelt inte Sverige har råd att engagera mig...

Senor Flavio har så rätt. Han har 5.000 kronor i fast månadslön hos Flamengo, han har fri bostad, han får en viss ersättning för varje match som Flamengo vinner och han har ett spelaravlo för att träna Brasilien landslag. Hans realinkomst belöper sig till minst 8.000 i månaden. Om han tog ett anbud på 100.000 svenska kronor om året skulle han i varje fall inte förlita sig på kuppen.

T. o. m. AIK skulle nog ha ena inför den summa. Då är Flavio miljontal undrar ni kanske. Men se han har en fru, som är jurist och journalist och som åker spel av alla de slag. Hon ser till att budgeten går precis ihop utan någon skötsel överbelastning. Det tjänar alltid ut sig någontans...

Spelarna billigare

Ni ska inte tro, att tränarlinjen står i någon proportion till spelaravloerna. Största stjärnan — center — har 1.200 i månaden plus en rad förskott, fri bostad, segerspremier m. m. Modellkostnaden i laget är cirka 1.000 kr. i månaden utom förmånerna. Inte så särskilt mycket med tanke på, att de är verkliga bollfenomen hela bussen och att de varar och därmed lönen de får efter ett par år. Men de lever gott så länge det varar och de flesta har en sparat slant på banken när de lämnar fotbollsspelet.

Fint program

I dag tar Flamengo det lugnt. Men i morgon börjar träningen kl. 7. Och sen får Lidingö fotbollslag ett besök, det är nämligen torvdräknings ut på Bosön. Och kanske man också provar på Stadionmattan för några timmar.

Fredag kväll ser brassarna AIK:s "jumboboll" mot Örebro, pingstagen blir det stor förberedelse med Liverpool, MFF:s och AIK:s spelare. Annandagen ordnar man en liten uppvärmning på Råsundamattan i halvtidspausen AIK-Liverpool och sen... ja sen skäller det. Onsdag mot MFF, söndag AIK, söndagen den 23 mot MFF i Malmö, söndagen den 27 mot Norrland i Sundsvall, fredagen den 1 mot Elfsborg i Borås och 5 juni mot Stårvet i Köpenhamn.

Knappt ett hårt program. Och kanske Nalle Hållén får en chans i Norrköping om hans eget brassslag vägrar komma.

Ring till eller besök Söndagsgatan 4 Tel. 42 32 75, 41 23 73, 41 23 77. Telverkare: Svenska Bilfabrike Augustenol, Stockholm 21.

Fina presenter

Putte Kock fick en fin present. Flamengos klubbvis, inspelad på gramofonskiva. Putte tog skivan och rusade sin väg. Ska han skriva en egen text till melodin eller ska Berns-örkestern låta sig vilsen till den stora träffen pingstagen? Vi får väl se.

Pressen har fått vänta en glädje invitation till Bosön. Man tänker blunda på Churros-söndagen. Med hotbladet är och skat där. Den kvällen ska man i varje fall inte räkna kalorier.

Ove Nilsson i Djurgården har tre par brasilianska fotbollsskor som väntar. Mjuka, fina skor, som väl så småningom ska bli hela Sveriges fotbollsmodell.

Vilken skindindustri tar först upp tillverknings?

Språkbesvär

Sådan har ett tjugi ordets trupp kunnat så lite språk. Man talar och begriper faktiskt bara portugisiska. Per Söderberg, O. J. Ö. G. Ö. R. A. S. Ö. N. och Olle Järvheden har det jobbigt några veckor framåt. De får tolka och hjälpa på alla de sätt och skit det är skönt, att de tre är AB-vänner. Så vad som skrivs och sägs i Aftonbladet av brasiliensarna kan ni lita på är rätt överst.

Det blåser kallt

Sommervillan på Bosön är trivsamt och bra — men kall. Det blåser från skyn och brassarna fryser. Men man eldar för fullt och jassar över dem högar av filtar. Och videriktningen lutar varmare vindar.

Nu får solen verkligen komma på allvar med den riktiga värmen. För då, men först då kan vi räkna med stor fotboll. Flamengo kan nämligen den konsten, det fick jag lärt för mig redan efter några timmars som varo med truppen.

Ett flött, stilligt fotbollslag, som kommer att skapa högsta stunder på Råsunda och land runt. Bars det inte blir för kallt.

"man trivs med
Asal
BILKLÄDEL"

Ring till eller besök Söndagsgatan 4 Tel. 42 32 75, 41 23 73, 41 23 77. Telverkare: Svenska Bilfabrike Augustenol, Stockholm 21.

O zagueiro Bigode, em destaque na figura 46, mostra uma bola brasileira assinada por ele e seus companheiros de equipe e recebe atenção especial por conta de sua contusão no joelho esquerdo. Ainda sobre a bola brasileira, vale recuperar a entrevista do técnico Flávio Costa, concedida ao *Aftonbladet* e publicada a 10 de maio de 1951 com o título “Treinador Flávio Costa: ‘Passamos pela Inglaterra’”. Em seu discurso, Flávio destaca a felicidade da equipe brasileira em poder mostrar seu futebol na Suécia. O treinador lembra que o futebol brasileiro é originário da Inglaterra, mas que as calças compridas e os sapatos e bolas duras e pesadas nos trópicos brasileiros foram substituídos por equipamentos feitos no nosso próprio país, sapatos mais leves, bolas mais ágeis e calças mais curtas, de maneira que o técnico do Flamengo vê o futebol brasileiro daquela época liberto da influência inglesa: “agora são os ingleses vindo até nós para comprar nosso equipamento”.

Sobre a evolução do futebol brasileiro, o técnico diz que foi possível ultrapassar o nível da Inglaterra pelo fato de o futebol ter sido institucionalizado. Desta maneira, a propagação do esporte nos rincões do Brasil é muito alta: “Todo garoto chuta, seja com um pedaço de papel, com uma pedra, com trapos, bem, com qualquer coisa”. A imagem do futebol brasileiro por ele transmitida é vaticinada da seguinte forma: “O futebol é mais do que um esporte nacional em nosso país e, portanto, acho que temos algo para mostrar em Råsunda [estádio do AIK, nos arredores de Estocolmo] em breve”.

Adãozinho é, dentre os jogadores, o mais mencionado dentre as matérias suecas reunidas, seja pela sua habilidade como jogador seja pela sua irreverência. Tais pontos chamavam a atenção do espectador sueco, a realçar um time negro, e rubro, e a apresentar jogadas, movimentos e contatos raciais com os quais não estavam habituados.

Adãozinho é inclusive quem se senta com os repórteres no gramado e fala da atualidade do futebol brasileiro com propriedade. O atleta comenta a atuação da Portuguesa e as boas possibilidades do time paulistano na excursão europeia. A 30 de maio de 1951, o *Idrottsbladet* resume o desempenho dos clubes brasileiros em terras suecas:

Nossos convidados de futebol estrangeiro jogaram belos jogos em Gothemburg (vitória para a Portuguesa) e Malmö (derrota para o Liverpool). Ainda não há evidências de que o Liverpool seja mais eficiente do que o elegante Flamengo.

Apesar do frio preocupante, que em vários jogos tem prejudicado os times do Rio e do São Paulo, eles venceram todos os jogos que jogaram na Suécia. Isso é bem feito. (Impossível exigir que eles devem ser dominantes em todos os lugares.

Por exemplo, Jönköping hade nunca viu um chute tão grande de um defensor como Manducos eller um meio-campo perfeito como o santos blackbrown realizou na última sexta-feira.

Figura 45 - Os jogadores do Flamengo se recuperando ao sol em Bosön. Da esquerda: Nestor, Hermes, Adãozinho, Índio e Esquerdinho



Fonte: *Idrottsbladet*, 11 maio 1951.

Figura 46 - Bigode, zagueiro da Copa do Mundo no Flamengo, mostrando uma bola brasileira assinada por ele e seus companheiros de equipe



Fonte: *Idrottsbladet*, 11 maio 1951.

Figura 47 - O brasileiro José Lins do Rego, líder do Flamengo. Vilhelm Moberg e Erik Blomberg o dizem conhecedor de arte, escritor e homem da liberdade



Fonte: *Idrottsbladet*, 15 maio 1951.

Figura 48 - Final da semana do Jubileu.



Fonte: *Idrottsbladet*, 18 maio 1951.

Legenda: Final da semana do Jubileu. Domingo, 14 horas. Estádio de futebol. AIK-FLAMENGO. Os ingressos são vendidos em jornais como Kr 10, 8, 7, 6, 3. De trem: linha 15 de N. Bant. 15 E fr. Odenplan. Ônibus extras de SJ: fr. N. Bant. diretamente para o estádio

Figura 49 - Propaganda com Adãozinho e o massagista Ovídio (o “Johnson”) para empresa de suco de laranja Luck.



Fonte: *Idrottsbladet*, 25 maio 1951.

Legenda: Propaganda com Adãozinho e o massagista Ovídio (o “Johnson”) para empresa de suco de laranja: “Bom” refresco, disse Adão sobre suco de laranja Luck. Os jogadores do Flamengo se contentam com tudo!

A figura 47, uma caricatura de José Lins do Rego com assinatura não identificada, indica-o como “líder do Flamengo”. Ressalta o seu papel como “conhecedor de arte, escritor e homem da liberdade”. Vale sublinhar que esta excursão europeia do Flamengo, liderada por José Lins do Rego e da qual derivaram diversas reuniões de caráter diplomático e cultural nas relações Brasil-Suécia, também sintetizam a constante e bem-sucedida coexistência presente nesse momento da carreira do paraibano, entre o futebol e a literatura. O escritor representa o seu país, o seu time do coração e ainda dá voz à literatura brasileira, vista como periférica e exótica na Europa daquele momento e que até hoje enfrenta as questões de legitimação cultural e barreiras linguísticas, sendo as literaturas em língua inglesa, francesa e espanhola mais acessíveis, para não dizer dominantes, aos leitores ao redor do mundo que a literatura em língua portuguesa.

Ao contrário do que se esperava no início da pesquisa, a primeira aparição de José Lins do Rego em jornais suecos recuperada data de 25 de maio de 1950, dia em que o *Aftonbladet* noticia o sorteio da Copa do Mundo, ocorrido a 22 de maio, e que contou com a presença de jornalistas e repórteres de rádio. A figura 50 destaca o sueco Per Söderberg, José Lins do Rego (como representante do Brasil no sorteio), o uruguaio Manuel Caballero, o italiano Ottorino Barassi e o representante da FIFA Hugo Fracarolli.

A Europa, depois de passar por duas Guerras Mundiais e em estágio de reconstrução, cedeu lugar ao Brasil como sede do evento: é importante sublinhar que nesse cenário turbulento da política internacional as Copas de 1942 e 1946 haviam sido canceladas. Em julho de 1946 a Federação Internacional de Futebol (FIFA) aceitou a candidatura do Brasil como sede: essa foi a segunda Copa disputada nas Américas – a primeira fora no Uruguai em 1930, a segunda na Itália em 1934 e a terceira na França, em 1938.

Foi a partir dessa decisão que se deu sua construção e inauguração do emblemático estádio do Maracanã (1948-1950), por muito tempo considerada a maior praça de esportes do mundo, com capacidade para 200.000 pessoas, título que manteve por cinco décadas.

Participam efetivamente do torneio, após uma série de desistências por diversos motivos 13 seleções: Bolívia, Brasil, Chile, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, México, Paraguai, Suécia, Suíça e Uruguai.

Figura 50 - Sorteio da Copa do Mundo da Fifa, realizado em 1950



Fonte: *Aftonbladet*, 25 maio 1950.

José Lins comparece também na capa da edição de 10 de maio de 1951 do *Aftonbladet* (Figura 51), com o título central “Flamengo em cobertores”, com destaque mais uma vez à diferença climática do país nórdico, em relação ao brasileiro e como essa diferença pode ser motivo de difícil adaptação para os “24 virtuosos de pele escura”. A foto central da matéria mostra os jogadores brasileiros posados, todos eles enrolados em cobertores, ao lado do treinador Flávio Costa, que usa um casaco longo: “*Aftonbladet* pediu ao famoso técnico Flavio Costa para colocar o melhor time – e acima de onze foram embrulhados em cobertores e colocados para o fotógrafo do *Aftonbladet*. As imagens mostram as primeiras 24 horas no Instituto Idrotts (Instituto de Esportes)”.

Adãozinho, estrela irreverente do time, aparece aqui outra vez, em pose ao lado da sueca Anna-Lisa Eriksson sobre a legenda “Flamengo e a garota”:

Garotas são banidas em Bosön – os brasileiros precisam estar relaxados e evitar o namoro feminino sueco ardente nos primeiros dias. Mas Anna-Lisa Eriksson, que trabalha lá fora, não resistiu em dar ao artista de futebol Adãozinho um buquê de anêmonas de madeira – ele nunca tinha visto flores tão bonitas em seu próprio país.

Ainda na capa dessa edição o goleiro Cláudio, descrito como “um cavalheiro fantasticamente à prova de aderência”, posa com uma cafeteira brasileira, levada na excursão para apresentar aos europeus “o verdadeiro café brasileiro”.

Quanto à foto que mostra JLR de costas, acompanha-a a seguinte legenda: “O maior autor do Brasil se chama José Lins do Rego, que está proferindo discursos elegantes. Ele comprou um novo casaco de primavera antes da primeira partida na Suécia – mas esqueceu de remover o preço. Que agora pode ser visto, imortalizado na história do futebol”.

À direita da foto de JLR, com o subtítulo “Sem garotas”, posam o lateral direito Hermes e Esquerdinha. Trata-se de “um baião ardente”, segundo o jornal sueco, “uma dança brasileira moderna”.

Por último, no canto inferior direito, a foto intitulada “Seu próprio chef”, aponta que o AIK até procurou um cozinheiro brasileiro para seus convidados, mas no fim das contas o sueco Einar Sejberg, da Frati, foi quem preparou pratos brasileiros para os jogadores. Na fotografia, prepara arroz, de acordo com a reportagem.

Figura 51 - Capa do jornal sueco Aftonbladet intitulada "Flamengo em cobertores"



FLAMENGO I FILT



Claudio-målvakten är en fantastiskt greppstark herre. Men så har han också fått det väldiga förtroendet att låta kaffebryggaren över världshaven. Här ska kokas detta brasilianska kaffe. Och på det k. fterpet skulle man vilja vara med.

Nu rustar hela Stockholm till fotbollsfest i samband med AIK:s jubileum. Och i går kom de kända och mest efterlängta gästerna — Flamengo — till stan. Brasilianerna möttes med musik, levan och fanfärer på Bromma, för i korga genom Stockholm och tog sen hela Bosön med storm. 24 mörkhyade, glada bollvirtuoser sov i natt gott men kallt i Sommarvillan, som säkert döps om till Flamengovillan inom kort.

Aftonbladet bad världsberömda tränaren Flavio Costa att ställa upp bästa laget — och ovanstående elva avptes in i filtar och ställdes upp för AB-fotografen. Bilderna i övrigt ger glimtar från första dygnet på idrottsinstitutet.

Vill ni veta mer om Flamengo, så titta på sportidorna medan St Erikson skildrar den festliga ankomsten på Blinken.

AB-reportage: ALLAN BEER — VICKE MALMSTRÖM



Flamengo och flickan: Flickor är t. v. bannlysta på Bosön — brasilianska ska ha det lugnt och skönt och slippa de eldiga svenskarnas uppmärksamhet de första dagarna. Men Anna-Lena Eriksson, som arbetar där ute, kunde inte låta bli att ge bolltröllaren Adaozinho en bakett citatpapper — och aldrig hade han sett så vackra blommor i sitt eget land.



Brasilens störste författare Joao José Lima de Figueira, som är med för att hålla stilliga tal. Han köpte en ny värrock före avresan — men glömde ta bort prislappen. Vill den nu ses föreslagna till fotbollshistorien.



Inga flickor. Vi kan denna utan flickor, sa tränaren Hermes från Rio Grande do Sul och bjöd upp Esperdinha till en eldiga bollen. Bollen skulle föreställa en modern brasiliansk dans, vilket kanske inte framgår av fotot.



Egen kock. AIK sökte med lisa och lyfta efter en brasiliansk kock åt sina gäster, men fick aldrig något med sig. Einar Refberg från Frati. Men han kan laga brasiliansk mat, så Flamengo kommer inte att klaga. Här blir det ris i lisa banor.

3.2. A Suécia e o cronista esportivo

Antes de apresentar as crônicas zelinianas, convém trazer uma das matérias do *Jornal dos Sports* que retratou a excursão do Flamengo. A 25 de maio de 1951, o periódico publica artigo de Mario Julio Rodrigues, filho do proprietário do jornal, intitulado “Homenageado o Flamengo pelo Malmö – exaltaram os dirigentes locais o desempenho técnico do quadro”. O então correspondente relata que a vitória do Flamengo sobre o time do sul da Suécia foi considerada “de grande expressão, pois o Malmö era invencível em seu próprio campo, onde se manteve invicto em 47 encontros”. Era a primeira vez que o time sueco perdia em seu campo “por diferença superior a um gol”.

Quanto a JLR, a 26 de junho de 1951, já de volta ao Brasil, o cronista assinala em forma de balanço:

Chego da Suécia convencido de que o futebol é hoje produto tão valioso quanto o café para nossas exportações. Vi o nome do Brasil aclamado em cidades longínquas do Norte, vi em Paris aplausos a brasileiros, com o mais vivo entusiasmo
(REGO, José Lins. “O Brasil era o Flamengo”. In: *Jornal dos Sports*, 26 jun. 1951).

O levantamento das crônicas realizado por Edilberto Coutinho (1984) possibilita identificar os títulos de crônicas do *Jornal dos Sports* assinadas por JLR entre os anos de 1945 e 1957. Dentre os textos levantados, a crônica “Os empresários”, de 23 de maio de 1957, mostra as excursões futebolísticas ao exterior revistas em chave crítica pelo romancista:

As viagens ao estrangeiro só dão lucros aos empresários. E estes tudo fazem para desmoralizar o nosso futebol em excursões penosas. Gente destituída de qualquer apreço ao Brasil, com o único interesse de arrancar o máximo de nossos quadros, pouco se dando que o futebol não pode ser uma sucessão de jogos em mínimo espaço de tempo, numa verdadeira maratona para liquidar as mais sólidas constituições físicas. Tenho para mim que o Conselho Nacional de Desportos deveria impor medidas regulamentares para a saída dos clubes
(REGO, José Lins do apud COUTINHO, 1984, p. 460).

Dentre os textos dedicados à temporada na Suécia, “Malmö” (*Jornal dos Sports*, 01 jun. 1951) destaca:

“vinte mil pessoas espremidas em arquibancadas de madeira, ou no chão, a aplaudir o team da terra mas sem hostilidades ao team em visita. O sueco é o torcedor mais decente, menos furioso que se pode imaginar”.
“Os rapazes do Malmö entraram em campo com vontade de vencer. Fizeram, debaixo da chuva impertinente que caiu durante todo o jogo, uma partida dura

mas sem violência. Porque não sabe o que é estupidez esse povo capaz de perder sem amargor e de vencer sem arrogância”

“Malmö é um porto de mar com duas paixões: as flores e o seu quadro de futebol. E tem razão para gritar pelos rapazes amadores que se fizeram tricampeões da Suécia. Ao contrário de Estocolmo, Malmö não é uma cidade risonha, com aquele ar de metrópole da Capital. É antes uma cidade reservada, com a sua grandeza de coração escondida para se mostrar maior no momento oportuno”

“O Flamengo foi recebido como um grande de Espanha na bela e florida Malmö à beira do Báltico”

(REGO, José Lins apud COUTINHO, 1984, p. 353).

Já na crônica “O Brasil era o Flamengo” (*Jornal dos Sports*, 26 jun. 1951), JLR declara a seus leitores sobre a viagem:

“o futebol é hoje produto tão valioso quanto o café para nossas exportações. Vi o nome do Brasil aclamado em cidades longínquas do Norte, vi em Paris aplausos a brasileiros com o mais vivo entusiasmo. Disse-me o meu querido Ouro Preto: “Só Santos Dumont foi falado pela imprensa desta terra, sempre distante de tudo que não é europeu, quantos os rapazes do Flamengo!”

(REGO, José Lins apud COUTINHO, 1984, p. 353).

Em “Os rapazes do Flamengo” (*Jornal dos Sports*, 27 jun. 1951), por sua vez, o cronista declara:

“Não há brasileiro que não se sinta orgulhoso com as vitórias de uma delegação esportiva que, em campos da Europa, confirmou não só os méritos do nosso futebol, mas sobretudo as altas qualidades da nossa gente para o convívio internacional”

“Fez o Flamengo uma viagem de sucesso, volta carregado de vitórias. Mas não só de vitórias vive o homem. Volta como um padrão de disciplina, de magnífica ordem, tendo dado na Europa o exemplo da melhor esportividade possível. Tudo correu admiravelmente na Delegação. Os rapazes se mostraram impecavelmente em campo e fora de campo. Sentaram-se em mesas de banquete e foram os melhores convivas, queridos e estimados por todos”

“Posso dizer que como brasileiro me senti orgulhoso de ter aparecido ao lado de gente tão boa”

(REGO, José Lins apud COUTINHO, 1984, p. 354).

Na última crônica como correspondente, intitulada “A lição dos suecos” (*Jornal dos Sports*, 12 jul. 1951), traz a seguinte constatação: “O Flamengo trouxe da Suécia a impressão de que, nas terras do Norte, existe de fato uma consciência esportiva acima do vulgar. Podemos dizer a mais pura, a mais elevada, a mais consciente compreensão da força dos esportes” (REGO, José Lins apud COUTINHO, 1984, p. 358).

JLR não deixa de publicar textos voltados ao país escandinavo quando retorna ao Brasil. A 27 de janeiro de 1952, por exemplo, assina no *Jornal dos Sports* a crônica “Os nossos amigos,

os suecos”, na qual menciona a presença no Brasil dos “amigos suecos do AIK” Hilding e Lindquevist. A seu juízo, os suecos são “exemplo de equilíbrio, de tolerância, de alto espírito esportivo” naquele mundo conturbado, sendo “exemplar a melhor civilização”, e dão “lições de comportamento social a uma Europa de cabeça virada”. O paraibano relembra a recepção em 1951: “nós, do Flamengo, fomos recebidos, pela Suécia inteira, como verdadeiros hóspedes privilegiados”.

As viagens esportivas de JLR revelam o futebol como uma paixão nacional, com o devido reconhecimento no exterior. A interação com estrangeiros permite que se utilize desse esporte para uma aproximação capaz de realçar a singularidade do país por meio de sua predileção esportiva. Embora as crônicas sobre a Suécia apareçam apenas no *Jornal dos Sports* e sejam poucas e breves, elas são representativas da faceta do cronista, no exercício de uma espécie de diplomacia cultural e desportiva.

3.3. Uma crônica da Dinamarca

José Lins, na condição de chefe de delegação do Flamengo, esteve brevemente na cidade de Copenhague em junho de 1951. No dia 05 de junho daquele ano, o time rubro-negro ganhou de 2 a 0 da seleção dinamarquesa. Ao contrário do número extensivo de crônicas sobre Argentina e Portugal, no caso da Dinamarca, JLR publicou apenas uma única crônica sobre o país. Nela, trata do diário do poeta e filósofo existencialista Søren Kierkegaard (1813-1855), natural da capital daquele país. O filósofo protestante estudou teologia na Københavns Universitet (Universidade de Copenhague), onde entrou em contato com o “sistema filosófico de Hegel, cuja influência estendia-se a todos os setores intelectuais e até mesmo à teologia protestante, que estava impregnada de seu racionalismo” (CHAUÍ, 1979).

A primeira edição em língua portuguesa do diário, com tradução de Mário Alemquer, foi publicada em Portugal (Lisboa: Livraria Clássica, 1911), traduzida a partir da tradução italiana, publicada um ano antes e assinada por Luigi Redaelli (Torino: Fratelli Bocca Editori, 1910) (SOUSA, 2010, p. 9). A primeira edição inglesa de *The Journals of Søren Kierkegaard* contém uma seleção das mais de 7.000 páginas traduzida por Alexander Dru (London/New York/Toronto: Oxford University Press: 1938).

É de se supor que José Lins do Rego leu a tradução em língua portuguesa da obra, editada em Portugal. O viajante provavelmente teve acesso ao livro através de Adolfo Casais Monteiro, intelectual português que mantinha relações com intelectuais brasileiros, tal como apresentado no Capítulo 2 desta tese. Tal constatação pode-se basear no ano de publicação da crônica, 1955.

A pesquisadora Elisabete M. de Sousa (2010, p. 26) realizou um levantamento das traduções em língua portuguesa da obra do filósofo dinamarquês. Das obras levantadas, consta *O desespero humano: doença até à morte*, traduzida por Casais Monteiro, que também assina a introdução da edição, publicada inicialmente em 1936, com duas reedições em 1947 e outras em 1957, 1961 e 1979, todas elas pela editora Livraria Tavares Martins, localizada na cidade do Porto. A obra evidenciada por JLR em sua crônica dinamarquesa é, na verdade, *O diário do sedutor: a arte de amar* (Tradução de Mário Alemquer. Lisboa: Livraria Clássica, 1911). Supõe-se que ele tenha tido contato por intermédio das discussões em torno da filosofia existencialista, em voga na década de 1950.

Sousa (2010, p. 13) reforça o caráter cristão luterano na obra de Kierkegaard, que pode ter atraído tanto o leitor português como o brasileiro em função dos pontos de contato e diferenciação com o cristianismo da igreja católica apostólica romana. Já Marilena Chauí (1979) acentua as polêmicas do filósofo dinamarquês, a exemplo dos ataques às autoridades da Igreja luterana da Dinamarca na primeira metade do século XIX.

“O governo do povo segundo Kierkegaard” é a única “crônica dinamarquesa” (Anexo M). Todavia, trata-se de texto emblemático do ponto de vista político-literário:

Chego ao fim do diário de Kierkegaard, livro cheio de uma sabedoria agoniada onde a presença da natureza humana é, a cada passo, conduzida a um verdadeiro círculo de fogo, e lá vou encontrar o mestre dinamarquês com medo das revoluções populares que ameaçam a Europa. Em 1848, o filósofo sente-se ameaçado na sua vida interior. Então vai ao livro de apontamentos secretos e escreve que de todas as tiranias, a do governo popular era a mais atroz, a mais tola, a ruína de toda a grandeza, de todo o sublime.

[...]

Mas como poderemos evitar a tirania do governo popular, quando cada um de nós é o tirano do outro? Um tirano pode ser uma pessoa desagradável que não nos obriga a amá-lo. A nossa vida privada é nossa. Num governo popular não pode haver vida privada, porque a comunidade não permite. [...] O homem passa a ser apenas uma peça da máquina. E o espião de suas próprias atividades. Viver em semelhante regime será um suplício para o homem de pensamento, para o artista. E só a morte contentará aos que não são da maioria. Sócrates preferiu morrer a ser da massa dominante. A tal tirania do número, que sempre se manifesta contra o espírito, obrigará a renúncias fatais. Um regime popular é, em todos os sentidos, um retrato do inferno.

Kierkegaard sentia que começava o fim de uma era de contemplação. Não havia na sua paróquia mais lugar para o homem que só aspirasse ao convívio de Deus. Agora tinha chegado a hora da ação, do serviço mercantil, da conduta exclusivamente cívica. Despojara-se o homem da sua nobreza e não passava de mais um número. E tem estas palavras de depressão: “Presentemente, a realidade de minha carreira literária cai a zero. Passará a ser um crime contra

os interesses da pátria. E para que eu possa merecer ao Estado popular alguma coisa e ganhar a estima dos patriotas, serei forçado a oferecer os meus serviços para vender jornais. Um filósofo valerá muito menos que um gazeteiro”.

Há mais de um século falava assim o grande Kierkegaard. E, nos últimos anos, o pesado carro do Estado tem passado por cima de muito corpo franzino de poetas e filósofos. Mas, apesar de todos os crimes monstruosos, o espírito resiste às fúrias assassinas de Leviatã.

(REGO, José Lins do. “O governo do povo segundo Kierkegaard”. In: *O Globo*, 11 fev. 1955).

3.4. Crônicas finlandesas

A última série de crônicas trata das viagens realizadas por JLR em visita à sua família no exterior. A maioria delas foi feita no território nacional, em suas idas ao Nordeste, sobretudo à Paraíba, seu estado natal. No caso das viagens internacionais de caráter familiar, elas estiveram relacionadas às visitas feitas, em companhia de sua esposa Naná Massa, à sua filha caçula Maria Christina e seu marido, o diplomata Carlos dos Santos Veras. A carreira diplomática do genro fez com que morasse em países como Estados Unidos, Finlândia, Grécia, Quênia e Romênia (HOLLANDA, 2012, p. 230).

A única ida à Finlândia, acompanhado de Naná e de Maria da Glória, sua segunda filha, ocorreu em 1954, ano em que publica n’*O Globo* suas impressões sobre o país. As seis crônicas foram posteriormente reunidas em *Gregos e troianos* (Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957) (Anexo N).

Figura 52 - Dona Naná e José Lins na varanda do hotel em que ficaram hospedados na Finlândia, em frente ao mar Báltico, em 1954



Fonte: HOLLANDA, 2012.

Figura 53 - José Lins e dona Naná na residência de Maria Christina, na Finlândia, em 1954



Fonte: HOLLANDA, 2012.

A primeira delas, intitulada “Helsinki”, descreve a geografia de uma “cidade calma, sem pressa”, banhada pelas “águas mansas do Báltico”, que “mais parece uma imensa lagoa tranquila”. A capital finlandesa é observada pelo cronista no mês de julho, ou seja, durante o verão nórdico, quando o pôr-do-sol passa das dez da noite:

Até às onze e meia da noite há raios dourados de sol sobre o mar. O céu é ainda claro e as estrelas não piscam no firmamento. Não há noite e não há mistérios no verão finlandês. Há somente o sol que é rei de fato, não só astro-rei, mas rei na carne das mulheres, no sangue dos homens, no verde das árvores, no canto dos pássaros da Finlândia. Quase à meia-noite, no parque ainda claro, escuto gorjeios de pássaros. E de andorinhas nem é bom falar. Estas gritam por toda parte como as nossas cigarras cariocas. Os barcos de passeio cortam os canais em velocidade de flecha, os barcos a remo deslizam na doçura da tarde estival. E há rapazes quase nus nos veleiros de pequeno curso.

Pelas ilhas rodeadas de vilinos, pequenos trapiches de madeira servem de trampolim para os banhistas. Há fumaça de saunas (banhos coletivos a vapor) subindo ao céu. Lá dentro o calor do fogo de madeira e o cheiro das essências vegetais derretem banhas e infiltrações de *acqua vita*. Os finlandeses lavam o corpo e a alma nas suas saunas. Diz um poeta da terra que há duas coisas sagradas para o finlandês: a Igreja e a sauna

(REGO, José Lins do. “Helsinki”. In: *O Globo*, 30 jul. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 41-43).

“Tranquilidade finlandesa”, por sua vez, trata do perfil do cidadão daquele país. Sublinha a sua simplicidade, sua naturalidade, e o diferencia do sueco, para ele “bem posto e grave”. Através de um breve passeio pelos fatos históricos que envolvem a relação entre suecos e finlandeses, JLR evoca Carlos XII, “uma espécie de precursor de Napoleão”, vencedor de “russos, dinamarqueses, alemães e polacos”. A Finlândia é descrita por como uma “província sacrificada entre as ambições dos fortes”.

In loco, em 1954, ao observar o homem daquele país nórdico, JLR conclui: “O homem do campo, o homem dos lagos, o homem das florestas de pinho não se perdeu. Mesmo quando a língua sueca era a língua dos senhores, ficou o finlandês falado pelo povo, como a marca de sua personalidade”. Chama a atenção do cronista a igualdade social do país e a consciência de nação: lá não havia senhores e escravos, nem “grandes ricos” e “grandes pobres”:

Há quinze dias que rodo pelas ruas de Helsinki, que me sento pelos parques, pelas casas de consumo, e o que me vai ficando de agradável é o amável comportamento do povo diante de tudo. Aqui não há aqueles dois complexos suíços que amesquinham a vida: o complexo da precisão dos relógios e o complexo do cofre dos maiores bancos do mundo. Se o finlandês é dominado

pela gravidade imperial dos suecos e não é também perseguido pelos dois complexos suíços, a sua vida marcha sem maiores tropeços e tudo se pode fazer sem imposições abusivas. Um finlandês é um homem tranquilo, embora os seus vizinhos sejam do barulho. É que ele sabe esperar o pinheiro que carece de vinte anos para lhe dar a segurança da sua vida

(REGO, José Lins do. “Tranquilidade finlandesa”. In: *O Globo*, 10 ago. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 33-34).

“A sauna” é uma divertida crônica sobre a experiência de JLR naquele espaço de lazer. Até então, no Brasil, era conhecida como banho a vapor. O autor traz a definição e descreve o costume em torno da sauna ao leitor d’*O Globo*:

Se você sai de lancha, num passeio pelo Báltico ou pelos lagos à margem do mar manso ou pelo doce remanso das praias erguem-se casinhas que fumaçam. E se você prestar mais atenção há de descobrir ali por perto gente nua que cai nas águas gélidas, homens e mulheres a se banharem na mais inocente intimidade com a natureza. A casinha que fumaça é uma sauna em plena ação.

Mas o que vem a ser uma sauna? Nada mais que um banho a vapor, até 100 graus, massagens pelo corpo inteiro com sabão, e depois um banho de minutos nas águas do mar ou do lago. Para um país que vive mergulhado na escuridão de um inverno de oito meses, aquele calor que desentorpece tecidos, que derrete banhas e dissolve artrismos, vale como um verdadeiro sistema de cura. A sauna lava o corpo até as entranhas. Agita a circulação, movimenta a máquina humana aos extremos de uma marcha violenta. Para o finlandês, tudo aquilo vale como um poderoso tônico para os nervos. A surra do calor a que ele submete o organismo, obrigado a um repouso celular, dá-lhe vigor; o contato direto com a natureza, a passagem do extremo calor ao extremo frio, tudo isso acelera-lhe os movimentos dos órgãos e age no moral como verdadeiro calmante

(REGO, José Lins do. “A sauna”. In: *O Globo*, 16 ago. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 37-38).

“Notas finlandesas” faz menção à madeira nativa, aos troncos de pinho utilizados no país nórdico, tanto nas usinas de transformação quanto na produção de papel. Este país é tido pelo cronista como o país “onde, no mundo, mais se defende a criança da morte”. Segundo o escritor, os nascituros tinham todos os cuidados necessários, inclusive havia clínicas especializadas em partos prematuros, de maneira que “os meninos e as árvores vivem cercados de proteção”. Além disso, informa ao leitor d’*O Globo* que:

Há fábricas de armas, de tornos, de lâminas, com exportação segura para a Rússia. A quinze quilômetros de Helsinki encontra-se uma base russa, o território de Porkhala, espécie de gatilho armado sobre o coração da Finlândia.

Os russos estão aqui, a um tiro de canhão. Mas para o finlandês a vida não parou por isto. Eles querem viver na santa paz do Senhor. E que por sinal é um grave e puritano senhor luterano. Acredito que sejam os finlandeses mais cristãos que os outros nórdicos. O espírito da igreja russa, de tão íntimas ligações com o cristianismo primitivo, há de ter deixado nos árticos mais Deus que nos suecos e noruegueses que são mais Vikings, pelo grande espírito de aventura. O gelo que lhes petrifica os mares, isolando-os do mundo, marcou os finlandeses de mais espírito sedentário

(REGO, José Lins do. “Notas finlandesas”. In: *O Globo*, 21 ago. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 29-31).

“Formigas e finlandeses”, por sua vez, aborda a habilidade desse povo nórdico em transformar suas casas em silos. Sabem valorizar o verão e se prepararam para a chegada das demais estações, marcadas pelas progressivas temperaturas frias, em “meses e meses sem poder botar a cabeça fora de casa, num esforço titânico para resistir ao pesado tédio das longas noites”, de modo que “o homem desta terra tem que se desdobrar em vários homens”. O povo finlandês se prepara para as situações mais adversas. Ou seja, estoca toros de lenha e alimentos não perecíveis que possam dar conta de grandes jornadas de isolamento. Suas casas, ainda de acordo com o cronista, são cheias de plantas que lhes dão a sensação do frescor camponês no ambiente doméstico e contam com a lareira:

O calor que lhe chega das fogueiras custa-lhe caro. Pensar em perigo de vida, em miséria gelada, em estradas impedidas pela neve, em lagos petrificados, em alimentos sem vitaminas, em comer sem o verde das hortaliças e o sabor das frutas, em fugir da tentação do álcool – este é o constante pensar do finlandês. Se o corpo se curva e a alma se dobra, então virá a calamidade. Mas estes homens que fizeram uma pequena nação, de caráter tão acentuado, depois de vencerem as influências suecas e russas, desafiam os rigores das estações. Quando o tédio começa a derrubá-los, afrontam o tédio com as suas energias primitivas. Trepam num esqui, saem à procura das feras nas florestas, e chegam a identificar-se com a natureza como se fossem ursos ou lobos. Para matar o tédio, terão que derrubar os mais terríveis inimigos da alma

(REGO, José Lins do. “Formigas e finlandeses”. In: *O Globo*, 15 set. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 39-40).

A temporada de JLR na Finlândia, do verão ao outono nórdico, tornou possível a mirada atenta do cronista à sua transição climática. Tivesse permanecido mais tempo, teria tecido mais conclusões sobre o comportamento em relação ao frio e aos costumes domésticos durante boa parte do ano. Para os padrões brasileiros, saltam à vista a vida reclusa e a pouca presença da luz

solar, principalmente entre os meses de novembro e março. Durante o mês de novembro, o sol nasce por volta das 07:30 e se põe em torno das 15:30 na Suécia.

“Espanhóis e finlandeses” mostra o interesse pela obra do diplomata e ensaísta espanhol Ángel Ganivet García (1865-1898), com quem se familiariza depois de seu retorno ao Brasil. Natural de Granada, era filho de uma modesta família operária. Seu pai se suicidou quando ele tinha dez anos e deixou junto a ele sua mãe e seus quatro irmãos. Membro da geração espanhola de 1898, ao lado de nomes como Antonio Machado e Pío Baroja, realizou seus estudos em Arte e Direito na *Universidad de Granada* entre os anos de 1880 e 1885. Fluente em cinco línguas (espanhol, inglês, hebraico, árabe e finlandês), serviu à Espanha na função diplomática na Antuérpia (1892-1896), em Helsinque (1896-1898) e em Riga. Foi durante o seu período na Finlândia que Ganivet escreveu a maioria de sua obra. Em tom de crítica literária, JLR escreve:

Ao voltar da Finlândia, procurei saber as impressões da Ángel Ganivet, o grande mestre espanhol que lá esteve em missão diplomática até que se matou, vencido pela melancolia. Ángel Ganivet foi um ensaísta da melhor formação cultural. Sem que se deixasse dominar pela sabedoria, a ponto de chegar, como Ortega y Gasset, a certo jornalismo filantrópico, o jovem Ganivet, mais até que Unamuno, deu às suas meditações uma vitalidade de pensamento em ação. Não foi um erudito, não foi um cético da família dos Montaigne, mas homem de nervos expostos às variações do tempo. Quando chegou à Finlândia, já levava o seu *Ideário* concluído. Toda a Espanha passara pela sua reflexão de poeta e de filósofo. Mas o mundo misterioso do Norte, os enigmas das terras do fim do mundo, aguçaram-lhe a consciência até à morte violenta. A tristeza dos gelos esmaga o coração do meridional atormentado. Ao contato com o homem finlandês, Ganivet não perdeu a facilidade crítica. Ao contrário, chegaria aos extremos da crítica, e daí o seu desespero. Matou-se porque compreendeu demais.

O que seria para ele aquela Finlândia de gente morosa em relação à sua Espanha de gente agitada? [...] Na Espanha parecia haver o povo mais aristocrático da Europa. Enquanto em outros povos o nome próprio se debilitava, na Espanha cada vez mais se firmavam os nomes de batismo, como prova de individualismo. E a este nome próprio pregavam-se apelidos que falassem de ascendências. A Ganivet perguntaram o que significavam tantos apelidos para uma mesma pessoa. E ele respondeu que, se as mulheres, socialmente, eram menos na Espanha do que na Finlândia, por outro lado transmitiam os seus nomes de família aos filhos. O certo é que na Espanha um Juan Fernández y García vale mais que um Juan Fernández de Córdoba. E assim chegou a Espanha à igualdade, transformando todos em aristocratas. Por isto, falar em democracia na Espanha é música do céu, não pode ser democracia quem dá demasiada importância à família. Há governo democrático na Espanha, mas ao lado deste governo cria-se uma aristocracia política pela aglomeração de cargos públicos em gente ligada pelos laços de família.

Na Finlândia, diz-nos Ganivet, encontramos uma nação democrática por natureza, onde o indivíduo ideal não teria nome próprio, e só o apelido, o seu

rótulo social. Um povo onde se fala em Don José, Don Manoel, Don António, não pode ser socialista ou democrático. O nome do coletivismo tem que ser um Fernandes, e nada mais. Há aristocratas na Finlândia, mas como uma exceção. Na Espanha, um homem não gostaria de chamar-se y Fernández. Para que este Fernández valesse alguma coisa, careceria de mil artificios, de apêndices e apelidos que lhe dessem importância de nobreza. O finlandês, antes de ser um homem, é membro de um organismo social onde, para viver bem, tem que se submeter a regras que aos mais modestos espanhóis repugnaria adotar. Na Finlândia nunca poderia aparecer um Dom Quixote.

(REGO, José Lins do. “Espanhóis e finlandeses”. In: *O Globo*, 08 out. 1954; reproduzido também no livro *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 35-36).

Essa última crônica do conjunto referente aos países nórdicos, publicada n’*O Globo* a 08 de outubro de 1954, é exemplar do interesse de José Lins do Rego por aquela região setentrional. Durante suas incursões, agiu como um impressionista, um “auscultador da terra, sentiu-a e diagnosticou-a” e como um viandante mais que como viajante, ou seja, como aquele que “viaja sempre exercendo alguma ação: observando, escrevendo, pesquisando” (HOLLANDA, 2012, p. 233-234). Seu interesse o motivava a estudar a história e a literatura dos países visitados, às vezes antes mesmo de conhecê-los, como no caso dos intelectuais portugueses. O mesmo vale para seu interesse pela política e pela literatura argentinas, que surgem nas crônicas zelinianas após sua viagem ao país platino, realizada em 1943.

O presente capítulo abordou as impressões de José Lins do Rego sobre a Suécia e a Finlândia. Comentou também sua breve passagem pela Dinamarca, com o único registro vinculado ao país, na crônica dedicada a Kierkegaard. Esta última parte da tese retratou sua ida à Suécia, cujo ponto de partida é a relação estabelecida por ele e pelo Flamengo com o sueco Gunnar Göransson, que vivia naquela época na cidade do Rio de Janeiro, e que a partir de contato e de seu acordo estabelecido com o AIK de Estocolmo, viabilizou a primeira série de partidas amistosas. Estas viriam a ser parte da primeira turnê europeia do clube da Gávea, chefiada por JLR.

A passagem do Flamengo por Estocolmo, Malmö, Sundswall, Boras, Halmstad e Norrköping rendeu o impressionante número de 429 menções ao clube rubro-negro, localizadas nos periódicos suecos consultados na *Kungliga Biblioteket*, dentre as quais as principais foram apresentadas neste capítulo.

Quer seja na tradução portuguesa de livro do filósofo dinamarquês Kierkegaard – lida provavelmente através do português Adolfo Casais Monteiro – ou na obra do espanhol Ángel Ganivet, é através do circuito da literatura internacional que ele tem acesso a conhecimento,

leituras e debates. Como bem aponta o pesquisador Carlos Minchillo, com base nas ideias de Fritz Strich:

Fica subentendido que a literatura mundial depende de um sistema de autores-obras-leitores em contínua retroalimentação mediante trabalho de um grupo transnacional de homens de letras dispostos a ‘conhecer uns aos outros, por meio de suas inclinações e semelhanças de gostos, encontrando um motivo para uma ação colaborativa’ (STRICH, Fritz apud MINCHILLO, 2015, p. 60).

Dentre as ideias desenvolvidas tanto por Franco Moretti (2000) e por Pascale Casanova (2002), a atuação de José Lins do Rego na esfera literária é exemplar dos fluxos internacionais, pelos quais gêneros, técnicas e temas das letras transitam entre línguas e territórios. Passam ainda por “complexos processos de legitimação, consagração e dominação nesse espaço internacional globalizado que extrapola os campos literários de cada país e ao mesmo tempo com eles estabelece diálogos e tensões” (MINCHILLO, 2015, p. 64).

Considerações finais

Esta tese buscou reunir e analisar uma série de crônicas de viagem de José Lins do Rego, por entender que este recorte permite desvendar tanto o cronista quanto o viajante. As crônicas de José Lins do Rego aqui apresentadas trazem o colorido de suas impressões subjetivas e de seu estado de espírito, mesclam a experiência pessoal e a vocação literária. Ao considerarmos sua vasta produção cronística, ainda pouco explorada pela Academia e pelo mercado editorial, este trabalho é mais uma contribuição aos estudos zelinianos, a fim de que eles sejam mais explorados através desse gênero.

As crônicas de JLR aqui apresentadas vão além do texto datado, ligado ao presente e servem como ferramenta para a reconstituição de um tempo histórico brasileiro e mundial. José Lins do Rego assume, como vimos, a “responsabilidade social da intelectualidade” (Ibidem, p. 57), quando se posiciona politicamente sobretudo em relação ao nazifascismo e quando se relaciona com intelectuais estrangeiros dos mais diversos matizes políticos.

Suas viagens oficiais e turísticas ao exterior precederam aquelas realizadas no Brasil. Estas passaram pelo sertão, pelo campo e por cidades brasileiras. Tratou-se de viagens nacionais que alargaram a sua visão nacional e territorial. As leituras de autores estrangeiros antecederam suas “viagens com os próprios olhos” e serviram de primeiro contato dentro das viagens livrescas, que começaram ainda na sua vida de infância no engenho.

Assim como no caso de seu grande amigo e parceiro intelectual Gilberto Freyre, a associação entre deslocamento geográfico e cultura letrada enriquece as crônicas de viagem de JLR: aqui devem ser consideradas as viagens livrescas, as realizadas por amigos e transmitidas a José Lins do Rego através de relatos orais e/ou escritos de suas experiências e da terceira e última viagem, vivida por ele “em carne e osso” (PEIXOTO, 2015). Estas crônicas, publicadas n’*O Globo* e no *Jornal dos Sports*, ocupam dentro desses periódicos um espaço de intercâmbio e interlocução com o leitor, de maneira que o cronista compartilha as experiências vividas e também analisa obras de autores estrangeiros. Assume assim, como Gilberto Freyre, “o papel de repórter e mediador cultural entre o mundo de fora e o Brasil” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 177).

A viagem realça identidades e alteridades. Constitui-se através da comparação e a da colocação do Brasil em perspectiva (PEIXOTO, 2015, p. 175), utilizando-se assim como os seus colegas regionalistas de uma “dicção marcada pela oralidade, pelos coloquialismos, pelas descrições plásticas e pela força persuasiva, ancorada na autoridade de quem ‘viu’ e ‘ouviu’ de perto” (Ibidem, p. 177).

A bagagem do José Lins cronista-viajante, em paralelo à introspecção do memorialista, deixa evidente o papel de José Lins como mediador cultural. Nesse sentido, as pesquisadoras Ângela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen, no artigo “Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo” (2016), trazem à tona a discussão em torno do papel dos mediadores culturais. Definem os intelectuais como “homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social”, que devem ser tratados como “atores estratégicos nas áreas da cultura e da política” (GOMES & SANTOS, 2016, p. 18).

As historiadoras também retomam o fato de esses sujeitos serem “conectados entre si, com genealogias e passados imaginados, além de e em diálogo com as questões políticas e sociais de seu tempo”. Isto se faz por meio de um “processo de formação e aprendizado, sempre atuando em conexão com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e tendo intenções e projetos no entrelaçamento entre o cultural e o político” (Ibidem, p. 24).

José Lins do Rego se enquadra como agente dos dois processos descritos pelas autoras (Ibidem, p. 26-27): tanto no processo de criação e produção de bens culturais – seus romances e crônicas –, quanto no processo de acesso e recepção de bens culturais – sendo ele também divulgador da cultura e do esporte brasileiros no Brasil e no exterior. Assim, JLR teve que “aprender a ser mediador”, dedicando-se “à comunicação com públicos externos às comunidades de *experts*”. Tornou-se, assim, “um profissional especializado em atingir um público não especializado” (Ibidem, p. 39), ou seja, o leitor comum dos jornais. Além disso, vale destacar a sua atuação na Livraria e Editora José Olympio: segundo a jornalista Lucila Soares (2006), a visibilidade angariada pelo paraibano levou seu editor a promover o primeiro lançamento de livro no Brasil com sessão de autógrafos.

JLR acumulou funções e posições ao longo de sua trajetória profissional, empenhado em “escrever/falar/fazer/gerir/organizar” (GOMES & SANTOS, p. 46) livros, crônicas de cotidiano, crônicas de viagem, crônicas esportivas, críticas de arte e cinema, livros infantis etc. Com projeção na capital da República entre os anos 1930 e 1950, pertenceu a múltiplos meios intelectuais e tecer diferentes redes de sociabilidade na cidade. Convém recuperar a definição de sociabilidade intelectual configurada por Gomes e Santos:

A sociabilidade intelectual é entendida como uma prática constitutiva de grupos de intelectuais, que definem seus objetivos (culturais e políticos) e formas associativas – muito variáveis e podendo ser mais ou menos institucionalizadas –, para atuar no interior de uma sociedade mais ampla. Nessas redes e lugares dominam tanto dinâmicas organizacionais, que conferem estrutura ao grupo e posições aos que dele participam; como o

compartilhamento de sentimentos, sensibilidades e valores, que podem produzir solidariedades, mas igualmente competição (Ibidem, p. 52).

O cronista José Lins foi mediador cultural, no país e fora dele. Voltou-se, além da sua obra literária consolidada, para “práticas culturais de difusão e transmissão, ou seja, práticas que fizeram circular os produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados” (Ibidem, p. 56-57). Com efeito, utilizou-se do suporte jornalístico e, dentre os temas recorrentes, avultam o futebol, a política, a literatura e o cotidiano.

Entre outros intelectuais brasileiros que também se valeram das experiências de viagens para a produção de textos literários podem-se citar Érico Veríssimo, Graciliano Ramos (quem foi à União Soviética em 1952), Cecília Meireles, Silva Melo, Guilherme de Figueiredo, Luís da Câmara Cascudo, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, João Ubaldo Ribeiro, Clarice Lispector (quem foi à China nos anos 1960), entre outros.

De diversas maneiras e a partir de diferentes abordagens, o texto literário referente às viagens que alcançam um grande alcance de público são escritos por homens de letras, ou seja, viajantes que ocupam uma posição privilegiada. Esta lhes permite categorizar, relacionar a partir da alteridade e/ou comparar a realidade, em contraste com a sua própria realidade rotineira local e nacional. Assim, tais escritos podem conter momentos de empatia, de reconhecimento das diferenças e das semelhanças, entre outras características. Para tanto, recupera-se aqui as ideias de Luiz Antonio de Assis Brasil no artigo “O universo nas ruas do mundo”. Nela, o autor analisa a trajetória e vivência literária do escritor gaúcho Moacyr Scliar, um “grande viajante”:

sempre pronto a atender convites para encontros e palestras, seja em Berlim, seja em Poço das Antas. E em qualquer desses lugares o vemos com sua inalterável simplicidade. Normalmente ditos de improviso, mesmo aqueles mais solenes, esses depoimentos públicos logo se transformam em conversas sobre o cotidiano da vida e da literatura. A partir de uma espontânea *captatio benevolente*, que deixa seus ouvintes à vontade, começa por sua história pessoal e chega às questões mais complexas. É no diálogo, porém, que essa qualidade de comunicador inato mais aparece. Mesmo as perguntas mais curiosas ou extravagantes não ficam sem resposta. Talvez esse seja o caminho do escritor contemporâneo: debater, de viva voz, a própria obra. Numa época em que não há mais espaço para os ignorantes-iluminados, o escritor sabe que o conhecimento de seus processos criativos o leva à necessidade de compartilhá-los com os leitores (ASSIS BRASIL, 2004, p. 31).

Embora Scliar (1937-2011) e Lins do Rego (1901-1957) não sejam contemporâneos, o trecho acima permite identificar que a simplicidade – e no caso do paraibano também a

irreverência – foi uma característica construída e frequentemente presente nas ocasiões públicas de escritores brasileiros viajantes. Além disso, pode-se dizer que ambos foram comunicadores hábeis JLR acentua os elementos da oralidade em sua produção literária e o debate “de viva voz” sobre sua própria obra e suas ideias nos espaços sociais cariocas e internacionais. Em entrevista concedida a *Diretrizes* a 18 de novembro de 1943, quando havia retornado há pouco da sua viagem ao Prata, JLR relata:

José Lins do Rego conversa conosco agora, num canto da livraria José Olympio, e nos diz:

“As missões culturais, quase sempre, se inutilizam e perdem sua finalidade no mar protocolar. Geralmente, quando um cavalheiro deixa seu país para visitar um outro, em embaixada de cultura, leva consigo duas diretrizes preconcebidas: contar formosuras do seu país e elogiar as formosuras do país que lhe hospeda.

Não fiz nada disso. Falei aos uruguaios e argentinos com toda a sinceridade, como se estivesse falando em minha casa. No Colégio Livre de Ensinos Superiores, de Buenos Aires, por exemplo, fiz três conferências sobre as tendências do romance brasileiro. Quis expor a um auditório argentino o que é de fato o nosso romance. Não fui para lá com o intuito de engrandecer ou diminuir as coisas. Fui para dizer a verdade. Falei de um século de nossa novela para fixar que, desde Teixeira de Souza até Lima Barreto, o romance brasileiro tem procurado se identificar com o povo, fazendo do povo seu principal motivo.

Ora, para que eu dissesse isto ou para que me tornasse digno do Brasil, não era necessário inventar que o medíocre Teixeira de Souza escreveu grandes livros ou que Machado de Assis tivesse sido, em vida, um coração de ouro abarrotado de bondades. Nada disto. Falei da grandeza literária de Machado, mas procurei encontrar, em sua vida, e descobrir, nas suas raízes psicológicas, a razão do seu terrível ceticismo, da sua cruel impiedade para com a espécie humana. Um crítico aqui do Rio (todo mundo conhece a “pinta” dele) achou que, agindo assim, eu estava procurando diminuir a glória do nosso maior romancista.

Queria, então, este pobre desgraçado que eu pintasse um Machado de Assis de cabelos louros e sem as amarguras e o pessimismo infernal de sua obra? Mas um Machado assim, um Machado especial para exportação, não era, em absoluto, aquele que meu auditório queria conhecer. Argentinos e uruguaios queriam saber da vida daquele homem misterioso do *Dom Casmurro*. E eu fui leal. Não exagerei, não deformei

(REGO, José Lins do. “SARMIENTO NÃO PREGOU NO DESERTO – José Lins do Rego fala de sua viagem ao Uruguai e à Argentina”. In: *Diretrizes*, 18 nov. 1943).

Se os livros não são a única forma de artefato textual, é possível ir além dos romances zelinianos e encontrar em suas crônicas e nas suas viagens a compreensão imediata do mundo,

das realidades e das múltiplas experiências de vida. Os três capítulos desta tese analisaram JLR dentro desse circuito de atuação e produção, com o intuito de estender as reflexões sobre seu papel de intelectual para além do romancista e cronista.

Como já dito, as experiências internacionais de JLR se deram primeiramente com base em leituras e na produção de crítica literária, mesmo antes de sua primeira viagem ao exterior, à Argentina e ao Uruguai em 1943. Além de estar na capital federal, cidade com grande oferta de títulos de obras de autores estrangeiros em suas livrarias, José Lins do Rego travou contato com intelectuais de outras nacionalidades, que viviam ou estavam de passagem pelo Rio de Janeiro. A troca de correspondência também foi outra via de comunicação muito utilizada à época para contato entre escritores. Assim, o autor, que realizara seus estudos ginasiais em Itabaiana, interior da Paraíba de início do século XX, radica-se em Recife, importante cidade portuária, para fazer o curso na tradicional Faculdade de Direito. Na capital pernambucana, trava contato decisivo com Gilberto Freyre, que, por assim dizer, o “desprovincianiza”. Em seguida, após breve passagem por Manhuaçu, Minas Gerais, torna-se funcionário público em Maceió, entre 1926 e 1935. A capital alagoana permite-lhe a integração à importante roda literária local, de onde saíam os principais nomes do regionalismo literário brasileiro, como Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, entre outros.

O prestígio literário o leva à capital da República. Ao público carioca, dedica o contato e a proximidade por meio da linguagem frugal da crônica, em particular, nos anos 1950, das crônicas de viagem. Por meio delas, conta suas andanças e compartilha suas descobertas, JLR constrói um elo, ao fazer do seu leitor também interlocutor. Transmite-lhe as particularidades e as semelhanças das terras por onde passou. Com certa frequência, em contrapartida, recorda-se de sua vida no engenho quando em terras estrangeiras. Ao viajar, codifica a sua experiência no formato de crônicas de viagem. JLR não é apenas um escritor cosmopolita isolado. Trata-se também de um representante cultural, esportivo e literário do Brasil no exterior, expande assim as suas redes de sociabilidade e contribui para a internacionalização de seu nome.

As ideias desenvolvidas por JLR na crônica “A função de escritor e a política” são exemplares de sua opinião em relação ao tema. Nela, expressa sua “aversão à atividade partidária, à função política, seja em cargos que dependam de votos ou da confiança dos chefes”. José Lins do Rego se posiciona com a convicção de que “a criação literária se amesquinha desde que o criador não faz da literatura a sua principal atividade, a sua maior tarefa, a essência de sua vida” (REGO, José Lins do. “A função do escritor e a política”. In: *O Globo*, 25 jan. 1951).

Ao pensar o significado das viagens para o seu desenvolvimento intelectual e para a sua escrita, pode-se destrinchar a leitura em três frentes: o homem, o escritor e o viajante. A propalada função política do escritor se deu em JLR através do exercício cotidiano da literatura. Através de seus romances, ensaios e crônicas, pôde estabelecer-se dentro das principais redes de sociabilidade nacionais que, anos mais tarde, permitiriam ao viajante, antes provinciano, visitar dezoito países do mundo. Sem deixar de ser provinciano, assim ele também se tornou cosmopolita e pôde inserir em seus temas cronísticos suas impressões sobre as viagens.

Como produto de meu doutorado-sanduiche, realizado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Paris), sob a orientação de Mônica Raisa Schpun e com a colaboração generosa e eficiente do geógrafo Hervé Théry (EHESS/USP), desenvolvi os passos iniciais do que pode vir a ser um portal das crônicas zelinianas. Este conta com mapas, trechos de suas crônicas relacionados a cada cidade do mundo, fotografias e também uma seção voltada à sua produção sobre temas brasileiros, a saber: futebol, Rio de Janeiro, Nordeste, política nacional etc. (Anexo O).

Uma das propostas desenhadas a partir desta pesquisa foi então a criação de um portal José Lins do Rego, que permita visualizar a sua produção romanesca e cronística e que contenha também registros de fotos, vídeos e áudios de sua autoria e sobre sua carreira intelectual.

Ao compararmos as crônicas portenhas (Capítulo 1) com as portuguesas (Capítulo 2) vemos que, enquanto crítico ao peronismo, José Lins nem chega a mencionar os terrores do salazarismo português, mesmo que em alguns momentos da década de 1950 tenha se mostrado alinhado às ideias luso-tropicalistas de seu amigo pernambucano Gilberto Freyre.

Seu lado cronista esportista, demonstrado principalmente pelo conjunto das crônicas a respeito da Suécia (Capítulo 3), se distancia, por sua vez, dos embates ideológicos, utilizando-se do futebol como ponto de análise cultural e diplomática em um sentido inovador da projeção do Brasil no mundo naquele momento, indo além do samba e do café.

Ao considerar que o romance regionalista contribuiu para a criação da identidade nacional e nos atermos ao caso de José Lins do Rego, é possível ver em suas histórias e também em suas crônicas símbolos da coletividade, da generalização dos traços particulares dos tipos brasileiros, que reforçam sua identidade cosmopolita provinciana. Esta tese procurou preencher algumas das lacunas referentes à posição de José Lins do Rego como autor que transcendeu as fronteiras nacionais.

Procurou-se demonstrar também que a escolha de José Lins tanto pelo Itamaraty como pela CBD ou pelo Flamengo como integrante das viagens nas quais ele representava o Brasil teve justificativa no seu papel de escritor consagrado e intelectual que transitava entre as mais

diversas redes de sociabilidade, não sendo as posições políticas motivos de entrave na sua circulação entre os mais plurais grupos intelectuais.

Nesse sentido, JLR logra ao realizar suas viagens sem estabelecer grandes polêmicas políticas, sempre expressando suas opiniões humanistas a favor da liberdade de expressão, embora o impedimento de visto para visitar os Estados Unidos, fato ocorrido em 1954, mostre que ele não tenha sido de todo imune à ambiência da Guerra Fria, tendo sido inclusive filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Era esperado dele que conseguisse indicar o caminho de leitura da brasilidade a partir de sua atuação, como exemplo de intelectual representante de nossa literatura, cultura e sociedade, representante do regionalismo, movimento literário dos anos 1920-1930, que contribuiu para a criação da identidade nacional daquele período (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1994; BUENO, 2015). Assim, suas histórias e estórias passam a ser símbolos da coletividade e tornam possível “generalizar o particular”. O autor vai além dos objetivos iniciais quando se lança no terreno das crônicas esportivas e de viagem. Traz ao leitor de jornal brasileiro um pouco do universo além das fronteiras, acentua sua linguagem coloquial, facilita a aproximação bem-sucedida com o leitor de jornal e concretiza a função de cronista-correspondente em muitas das viagens.

Enquanto Carybé em sua produção artística ilustra um Brasil a partir do ponto de vista de um estrangeiro que se torna brasileiro por escolha, tendo sobretudo as matrizes africanas como centro de seu trabalho, José Lins do Rego, paraibano, regionalista, provinciano-cosmopolita, se utiliza de suas leituras e experiência como romancista e cronista para, após sua primeira ida ao exterior, em 1943, começar a divulgar no exterior o Brasil, supostamente com base em seus traços singulares e traduzir ao leitor de suas crônicas o mundo estrangeiro através de uma caracterização que aproxima o mundo do Brasil.

Esta tese também procurou destrinchar o papel do intelectual brasileiro como diplomata cultural, ou seja, encarregado de promover a chamada Cultura Brasileira no exterior. Isto requer a diferenciação entre a arte – neste caso a Literatura – como objeto das relações internacionais e a arte como um agente das Relações Internacionais, sendo sempre produto das trocas internacionais, que serve à política, à diplomacia e neste caso também à literatura.

José Lins é assim ilustrativo da discussão do papel da arte e da cultura na formação da política externa brasileira dos anos 1940 e 1950, bem como da ideia de arte como reflexo das culturas nacionais e o papel dos escritores, fazendo as vezes ora de diplomata, ora de adido cultural, ora de representante de excursões brasileiras ao exterior.

Como foi visto, José Lins integrou de diversas excursões de intelectuais brasileiros ao exterior, financiadas pelo Itamaraty, e também chefiou a delegação do seu time do coração, o

Flamengo, e da Seleção Brasileira de Futebol em excursões internacionais. Além disso, chegou a ser cogitado para exercer o cargo de adido cultural no Chile, como comprova carta de Guimarães Rosa para Álvaro Lins, enviada do Rio a 15 de junho de 1953: “[...] ontem mesmo, o Ministro, em ‘testamento’, mandava instruções à Divisão Cultural, no sentido de designar para o Chile o nosso Zé Lins! E se, ainda hoje, estamos agenciando os últimos alinhavos para a ida do Josué Montello para Lima...” (Arquivo IEB-USP, Fundo Guimarães Rosa). Naquele mesmo ano o paraibano havia chefiado a delegação da Seleção Brasileira de Futebol no Campeonato Sul-Americano de 1953, ocorrido em Lima, no Peru.

JLR foi cogitado para a Cátedra de Estudos Brasileiros do Chile, assim como o escritor maranhense Josué Montello, que em 1953, a do convite do Itamaraty, inaugurou e regeu por dois anos a Cátedra de Estudos Brasileiros da Universidade Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, no Peru.

Em âmbito nacional, outras especulações corriam a respeito de JLR, da eleição à Academia Brasileira de Letras à presidência do Clube de Regatas do Flamengo. A crônica de Vargas Netto, publicada no *Jornal dos Sports* a 07 de novembro de 1952, acentua com perplexidade a ausência de JLR da presidência do clube rubro-negro:

Como é que eu vou saber, “seu flamengo de verdade”, por que o Zé Lins do Rego não é apresentado candidato à presidência do Flamengo?!

[...] Penso que o Zé Lins não pode entrar em diretoria do clube porque é o secretário geral da CBD desde muito tempo. Talvez nunca se tenham lembrado dele para candidato à presidência porque ele é muito povo! Ele é um extrato da massa flamenga. É mengo até debaixo d’água, mas como torcedor solto da rua, tripulante de lotação e frequentador de arquibancada, desejando apenas o seu quinhão masoquista de sofrimento, o seu direito de gritar a plenos pulmões: Mengo, tu és o maior! Mengo, eu me rasgo todo pela tua glória! O escritor José Lins do Rego, homem de pensamento e sentimento, como romancista que espelha os fatos e os tipos populares, colecionador e revelador das emoções do homem comum, ainda não teve tempo para perceber que ele está acima do comum! Ele só sabe que é solidário com os sofrimentos e as aspirações do homem comum, que ele defende, exalta e estima, como estima o seu povo e ama o seu Flamengo! E está nesse aspecto generoso de sua alma nobre a sua principal característica: ele não pede nada! Ele se dá todo, integral no seu entusiasmo, maciço na sua solidariedade, profundo no seu amor, sincero e impetuoso nos seus impulsos, leal e áspero nas suas dedicações, porque ele é o nordeste feito homem!...

Aquele sol metálico – daquela esquina agreste do Brasil – ilumina a sua inteligência. Tem para as suas simpatias aquelas doçuras de brisas pelos canaviais, mas também a aspereza da caatinga no eriçado de suas agrestias. Às vezes é transparente como o mar de Olinda, ou se enfurece sobre os arrecifes! É incontido como o vento que escabela os coqueirais, mas também

sabe ser como o orvalho das corolas... Escritor popular, que retrata e honra o povo brasileiro, só deseja ser depois disso: um flamengo sobre todas as coisas!

(VARGAS NETTO. “Talvez por isso...”. In: *Jornal dos Sports*, 07 nov. 1952).

A caracterização de JLR feita por Vargas Netto indica que o cronista não se mostrava apto para a presidência de um clube de futebol por ser “povo”. Trata-se do mesmo caráter popular e expansivo atribuído à sua personalidade. A qualidade o fez ser escolhido para representar o país no exterior em diferentes circunstâncias.

Uma nota sobre sua viagem à Argentina em 1943 publicada em *Diretrizes* e assinada por Joel Silveira relata cena pitoresca: “O escritor José Lins do Rego foi fazer conferências literárias em Buenos Aires metido num grossíssimo casaco de caxemira. Casaco que, de resto, não usará, já que o calor está matando a capital do general Ramirez” (SILVEIRA, Joel. “Biografia de 1943”. In: *Diretrizes*, 30 dez. 1943, p. 3,22). O casaco de frio levado a Buenos Aires contrasta com as altas temperaturas da primavera argentina. Outro flagrante anedótico é relatado em Estocolmo, pelo jornal sueco *Aftonbladet*: JLR aparece de costas e a imagem dá destaque à etiqueta com o preço de seu casaco.

A leitura de Arthur Vonk da crônica “A casa”, de Carlos Drummond de Andrade, traz a seguinte definição do poeta mineiro sobre a Editora José Olympio:

elemento de uma circunstância histórica real e importante, a partir da qual se conta um pouco do “sentido socializante da literatura por volta de 35 a 35”, da divulgação do “romance sofrido do Nordeste”, da normalização do modernismo como “produto editorial, que o público julgaria diretamente”, dos impulsos à “crítica, pesquisa social e interpretação histórica do Brasil” (ANDRADE, Carlos Drummond de apud VONK, 2016, p. 64).

É possível relacionar a função mediadora de José Olympio à de José Lins do Rego. O editor e o romancista tiveram convivência assídua no Rio de Janeiro. Além da literatura, a editora ensejou a criação de uma coleção grandes textos interpretativos do Brasil, intitulada Documentos Brasileiros (1936-1989), dirigida respectivamente por Gilberto Freyre (1936-1938), Otávio Tarquínio de Sousa (1939-1959) – a quem, inclusive, José Lins dedicara o seu romance *O moleque Ricardo* (1935) – e Afonso Arinos de Melo Franco (1960-1989) (FRANZINI, 2006). A livraria “da comunhão modernista por excelência” editara e publicara 107 obras de autores de diversos matizes políticos – como, por exemplo, Oliveira Viana, Luís da Câmara Cascudo, Pedro Calmon, José Maria Belo, Lúcia Miguel Pereira, Gustavo Barroso etc. – com os quais JLR viera a se relacionar com essa mesma gama de personagens. Dentre as conquistas modernistas, a linguagem e a possibilidade de atuar dentro de “um campo de objetos

mais próximos ao cotidiano real” são dois fatores que aproximam JLR da feição moderna da crônica brasileira (VONK, 2016, p. 80).

Em crônica de 11 de dezembro de 1952, José Lins trata de seu amigo e “maior editor de literatura já aparecido no Brasil”, “editor de novos e de velhos, conseguindo para a sua casa um prestígio universal”, “amigo em todos os instantes, em todas as horas, em todas as circunstâncias” (REGO, José Lins do. “O meu amigo José Olympio”. In: *O Globo*, 11 dez. 1952).

As considerações finais desta tese endossam os apontamentos de César Braga-Pinto (2005) acerca da evolução política zeliniana. Em seu artigo, intitulado “Homem de palavra, homem de letras: literatura e responsabilidade na obra de José Lins do Rego”, o professor da *Northwestern University* nota a diferença da postura de JLR em dois ensaios que tratam da política e dos problemas sociais de seu tempo. No primeiro deles, “O dever dos homens de letras”, publicado em 1935, “ele expressa suas restrições em relação àqueles escritores brasileiros que em algum momento se sentiram inclinados a se aliarem a certas ideologias, nesse caso, fascistas, e não comunistas” (Ibidem, p. 182).

Já no segundo artigo, “Posição do escritor”, publicado em 1954, sua postura “é mais equilibrada e sutil”. Desta maneira, indica que o papel do escritor é “não ser inteiramente absorvido pelo social, de permanecer, por definição, como símbolo e testemunho de liberdade” (BRAGA-PINTO, 2005, p. 182).

Assim, na década de 1950, JLR passa a reconhecer as obrigações do escritor com a coletividade e posiciona-se entre os escritores que se distanciam dos problemas sociais e dos autores engajados. Segundo Braga-Pinto, esse entrelugar lhe permite praticar a sua liberdade intelectual e literária. Utiliza-se sobretudo da linguagem popular em busca da suposta “fonte da vida”. Para José Lins do Rego, “o escritor não deve estar subordinado a nenhuma ideologia, seja de direita, seja de esquerda. E, no entanto, o escritor não deve se isolar em relação ao seu tempo, sua sociedade, seu povo”: ele pode conter o povo, sem deixar de estar contigo no povo (BRAGA-PINTO, 2005, p. 183).

O autor vivenciou os efeitos da Segunda Guerra Mundial no Brasil. Em seguida, realizou diversas viagens à Europa na década de 1950, no início da Guerra Fria. Os temas em torno desses conflitos ligaram “a humanidade em uma mesma experiência desnorteadora” (MINCHILLO, 2015, p. 109), sendo os mesmos jornais que publicavam as crônicas também veículo através do qual as notícias circulavam, conectando cidadãos de todo o mundo.

A entrevista de José Lins do Rego concedida à *Tribuna da Imprensa*, publicada na edição de 28-29 de junho de 1952, quando recém retornara de sua viagem à Europa daquele

ano é exemplar. Quando o entrevistador, não identificado, comenta o fato de que, naquele momento, a política estava “cada vez mais misturada com a literatura e as artes, em todo caso com os artistas”, JLR responde:

– É verdade. Especialmente em França, onde todo homem é político. Todos estão engajados em partidos e até mesmo os intelectuais mais puros como André Gide foram atraídos, se não sempre pelos partidos, pelo menos pelo pensamento político. Nesse sentido, a política da França nunca prescindiu dos intelectuais. A Terceira República foi um regime de professores e de normalianos. Justamente Malraux tratou no seu discurso de encerramento, na sala Gaveau, o tema “Do contato do artista com a Política” (“Provou a Europa e gostou – Chega agora ao Rio e já pensa voltar – O Congresso pela Defesa da Cultura em Paris – Recorda Faulkner, o abstracionismo e Magneli – Cioran e Malraux – Em Portugal – Almada Negreiros – Uma nota sobre Silone” (entrevista com José Lins do Rego). In: *Tribuna da Imprensa* (RJ), 28-29 jun. 1952. Artigo disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

José Lins tenta discernir a atuação de homens de letras da política em sua carreira, quando afirma que no caso francês “todo homem é político”, embora a política da França não tenha prescindido dos intelectuais. JLR prefere direcionar sua resposta ao ambiente político francês e distancia-se do caso brasileiro. Em trecho subsequente da mesma publicação, o repórter insiste no assunto político, já que José Lins do Rego escapava quando tentavam abordá-lo a respeito do caso nacional. Pede, pois, que comente os pontos negativos da sociedade francesa e portuguesa:

– Realmente o que há de bom é ótimo e o que há de ruim é como em toda a parte. Em França continua a não-compreensão do resto do mundo. Sempre essa coisa do “là bas”. Nem duas guerras tremendas conseguiram arredar essa crosta. Talvez a era atômica faça o milagre, já que o avião não o conseguiu. Mas isso é mínimo em relação ao gênio francês! Coisa interessante se passa entretanto: conquanto o francês não compreenda o mundo, tudo o que por lá passa se transforma em universal.

– Quanto a Portugal?

– O que há de bom – e é imenso – eu o tenho repetido inúmeras vezes. O que há de mau em Portugal é o que provém dos regimes políticos. Mas, naturalmente, espero em breve atravessar uma vez mais o Atlântico e ver novamente esse país que tanto prezo e tanto encanto tem para mim.

(“Provou a Europa e gostou – Chega agora ao Rio e já pensa voltar – O Congresso pela Defesa da Cultura em Paris – Recorda Faulkner, o abstracionismo e Magneli – Cioran e Malraux – Em Portugal – Almada Negreiros – Uma nota sobre Silone” (entrevista com José Lins do Rego). In: *Tribuna da Imprensa* (RJ), 28-29 jun. 1952. Artigo disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

A última crônica a ser apresentada na Conclusão desta tese intitula-se “Reflexões sobre o caráter do brasileiro”. Foi publicada inicialmente a 20 de julho de 1950, no calor da Copa do Mundo realizada no Brasil entre os dias 24 de junho e 16 de julho daquele ano, e reunida na coletânea póstuma *O vulcão e a fonte* (1958). Nela, José Lins do Rego confessa a experiência amarga que o evento futebolístico lhe trouxe (a Seleção brasileira perdeu a última partida para o Uruguai e adiou a conquista do primeiro título para 1958). A experiência da derrota foi capaz de fazê-lo construir suas “observações sobre o caráter do nosso povo”. O cronista destaca as multidões no Maracanã, demonstrativas da formação do Brasil urbano naquele momento:

Vimos duzentas mil pessoas comprimidas numa praça de esportes, nas reações mais diversas, ora na gritaria das ovações, no barulho das vaias ou no angustioso silêncio da expectativa de um fracasso.

Ali estava todo o povo brasileiro, uma média de homens e mulheres de todas as classes sociais. Não era o Brasil de um grupo, de uma região, de uma classe. Não. Era o Brasil em corpo inteiro.

Para o observador social, para os que têm o poder de revelar o que há de particular nos povos, o campo era o mais propício. Mas para mim as observações começaram antes dos jogos sensacionais. **Tive a oportunidade, como dirigente, de travar conhecimento, mais íntimo, com os que procuravam acomodações, com os que tinham parcela de mando, com os que se sentiam com o direito de crítica, e mais ainda, com a lama das sarjetas, que queria passar pela água mais lustral deste mundo.**

E me perguntará o leitor: que impressão lhe deixou o brasileiro? Boa ou má?

Eu diria, sem medo de cair no exagero: uma boa impressão. Senti que havia povo na Nação – nova gente com capacidade de se congregarem para uma causa, para uma obra, para os sofrimentos de um fracasso. Fizemos um estádio ciclópico, em menos de dois anos; organizamos um campeonato mundial, o de mais ordem até hoje já realizado; formamos uma equipe quase perfeita de futebol. **E, quando o título nos fugiu das mãos, soubemos perder, dando aos turbulentos sul-americanos uma lição de ética esportiva.**

Aí está o lado positivo e bom do caráter brasileiro. Mas há os outros lados. Há os nossos defeitos, as nossas fraquezas, as nossas deficiências.

Sim, há o brasileiro que é um adorador da vitória, o homem que não admite o fracasso. Vencesse magnificamente a nossa equipe, e tudo estaria no ápice. Subia-se a montanha de um fôlego só. Nada havia melhor do que o Brasil. Seríamos, no mínimo, os maiores do mundo. **Mas se, numa luta de igual para igual, perdeu-se a batalha, como aconteceu na última partida, então não seremos mais os maiores do mundo, passaremos a ser os piores.**

Cospe-se na cara dos heróis que, três dias antes, tinha-se carregado aos ombros.

Em todo caso, passado este insulto de abissinismo, voltamos ao espírito de justiça e chegamos a reconhecer a fraqueza que cometemos. Não persiste o brasileiro no erro e fica à espera de outra vitória para adorar

(REGO, José Lins do. “Reflexões sobre o caráter do brasileiro”. In: *O Globo*, 20 jul. 1950; também reunida sob o título “O caráter do brasileiro”. In: REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 208, grifos meus).

Dos grifos destacados acima, é possível notar como a crônica zeliniana transita entre a literatura, a história e a sociologia. Ele se utiliza da análise de um evento esportivo, emblemático ao reforçar o caráter de brasilidade através do futebol, para apresentar traços sociológicos e comportamentais do povo brasileiro a partir de uma posição privilegiada, neste caso de dirigente esportivo. O cronista, ao nos informar que sentiu que “havia povo na Nação”, nos fala de como o futebol e a ocasião da Copa do Mundo no Brasil vinham coroar a brasilidade, marcada pela lição de ética esportiva da derrota ao Uruguai no último jogo do campeonato. O homem típico brasileiro, “adorador da vitória, o homem que não admite o fracasso”, é aquele que, segundo o cronista, valoriza seus representantes nacionais nos momentos de auge e facilmente os critica e os repugna em momentos de crise/derrota, de maneira que “fica à espera de outra vitória para adorar”.

As crônicas aqui reunidas e abordadas evidenciam a representação de José Lins do Rego como um provinciano-cosmopolita. Com base em leituras, trocas intelectuais, redes de sociabilidade e produção de romances, ensaios e crônicas, o autor desenvolveu a sua trajetória de escritor viajante e foi capaz de legar observações e relatos *sui generis* do contexto brasileiro e sobretudo da paisagem internacional dos anos 1950. Estes escritos, em sua maioria inéditos em livro ou constantes de obras nunca reeditadas, podem servir a redimensionar a riqueza e amplidão de um escritor prolífico e multifacetado, ainda hoje confinado pelo cânone da história literária à condição pontual de representante do regionalismo nordestino.

Referências bibliográficas

“III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária”. In: *Portal de Periódicos da Unesp*. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/download/3213/2940>. Acesso em: 09 out. 2018.

“Aconteceu”. In: *A Manchete*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1952.

“AIK – Flamengo 1951 (1-6)”. Vídeo do YouTube, 1m45s. Disponível em: <https://youtu.be/sXvRUxr1x4k>. Acesso em: 23 nov. 2019.

“AIK 1 x 6 Flamengo – Maio de 1951 – Amistoso em Estocolmo, na Suécia”. Vídeo do YouTube, 1m45s. Disponível em: <https://youtu.be/4XIS3CnUhng>. Acesso em: 04 nov. 2019.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. 1994. 500f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

AMADO, Janaína. “Região, sertão, nação”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1990/1129>. Acesso em: 27 ago. 2010.

AMBIRES, Juarez Donizete. “O neorrealismo em Portugal: escritores, história e estética”. In: *Revista Trama*, vol. 9, n. 17, 1ºsem. 2013, p. 95-107. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/8207/6054>. Acesso em: 01 jun. 2020.

ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização, introdução e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp, 2001.

ANDRADE, Mário de; FREITAS, Newton. *Correspondência Mário de Andrade & Newton Freitas*. Organização, introdução e notas de Raúl Antelo. São Paulo/Florianópolis: Edusp/Editora da UFSC, 2017.

ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. São Paulo: Edusp, 2004.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. “O universo nas ruas do mundo”. In: ZILBERMAN, Regina & BERND, Zilá (orgs.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 13-34.

ATHAYDE, Austregésilo de. “Sois um tema literário e humano bastante complexo...”. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de (orgs.). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro/João Pessoa: Civilização Brasileira/Edições Funes, 1991, p. 76-92 (Coleção Fortuna Crítica 7 – direção de Afrânio Coutinho).

Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental. Disponível em: <https://ielt.fcsh.unl.pt/Projetos/atlas-das-paisagens-literarias-de-portugal-continental/>. Acesso em: 27 ago. 2020.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. “José Lins do rego: trajetória de uma obra”. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de (orgs.). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro/João Pessoa: Civilização Brasileira/Edições Funesc, 1991, p. 208-224 (Coleção Fortuna Crítica 7 – direção de Afrânio Coutinho).

BAGGIO, Kátia Gerab. “Prefácio”. In: MINCHILLO, Carlos Cortez. *Erico Verissimo, escritor do mundo: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas*. São Paulo: Edusp, 2015, p. 11-15.

BARBOSA, Jorge. “Você, Brasil”. In: *Cabo Verde*, n. 21, 01 jun. 1951.

BEJA, Rui Manuel Monteiro de Oliveira. *A Edição em Portugal (1970-2010): percursos e perspectivas*. 2011. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos Editoriais). Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal, 2011. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/7146/1/5273.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2019.

BILAC, Olavo. *Registro: crônicas da Belle Époque carioca*. Organização de Álvaro Santos Simões Jr. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BLEIKER, Roland. *Aesthetics and World Politics*. London: Palgrave MacMillan, 2009.

BOSI, Alfredo. *Entre a literatura e a história*. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2013.

BRAGA-PINTO, César. “Homem de palavra, homem de letras: literatura e responsabilidade na obra de José Lins do Rego”. In: *Luso-Brazilian Review*, vol. 42, n. 1, jun. 2005, p. 179-198. Disponível em: <http://lbr.uwpress.org/content/42/1/179>. Acesso em: 14 out. 2020.

BRAGA-PINTO, César. “Ordem e tradição: a conversão regionalista de José Lins do Rego”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 52, 2011, set. 2011, p. 13-42. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34667>. Acesso em: 13 ago. 2018.

BRAGA-PINTO, César. “De *Pureza* (1937) a *Pureza* (1940) – José Lins do Rego e o cinema de Chianca de Garcia”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 70, ago. 2018, p. 249-269. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/149950>. Acesso em: 01 out. 2018.

BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. 1ª edição; 1ª reimpressão. São Paulo/Campinas: Editora da Universidade de São Paulo/Editora da Unicamp, 2015.

CAMPOS, Alexandra e SILVA, Da Costa e. *Dicionário de curiosidades do Rio de Janeiro*. São Paulo: Comércio e Importação de Livros Cil, [1965].

CANDEAS, Alessandro Warley. “Relações Brasil-Argentina: uma análise dos avanços e recuos”. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*, n. 48, vol. 1, 2005, p. 178-213. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbpi/v48n1/v48n1a07>. Acesso em: 02 nov. 2020.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. “Prefácio”. In: LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (orgs.). *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo/Bauru: Editora UNESP/EDUSC, 2003, p. 18-36. E-Book. ISBN 85-7139-461-X (UNESP); 85-7460-205-1 (EDUSC). Disponível em: <https://books.apple.com/fr/book/a-miss%C3%A3o-portuguesa-rotas-entrecruzadas/id592352452>. Acesso em: 26 jun. 2020.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade – Estudos de Teoria e História Literária*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. “50 anos depois – Estudos literários no Brasil contemporâneo”. In: *Blog da Editora Unesp*, Seção No prelo, 27 jan. 2015. Disponível em: <http://editoraunesp.com.br/blog/no-prelo-27-01-2015-11-22>. Acesso em: 09 out. 2018.

CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no Vargasismo e no Peronismo*. São Paulo: Fapesp/Papirus, 1998.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. 2007. 374f. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2007/Andremendescampraro.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução de Maria Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASTRO, Ana Caroline Silva de. *Apreensão de livros tidos como subversivos: o que os processos judiciais da Ditadura Militar revelam*. 2017. 149f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-23052017-152147/pt-br.php>. Acesso em: 25 set. 2020.

CAVALCANTI, Valdemar. “José Lins cronista”. In: *Ciência & Trópico*, vol. 10, n. 2, Recife, jul./dez. 1982, p. 143-148. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/viewFile/305/196>. Acesso em: 10 jul. 2018.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. *Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: Jose Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo*. 2007. 211f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000440023>. Acesso em: 1 jun. 2017.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. *As escritas do lugar: regiões e regionalismo em José Lins do Rego e Érico Veríssimo*. 2012. 394f. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280294/1/Chaguri_MarianaMiggiolaro_D.pdf. Acesso em: 09 nov. 2020.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo (orgs.). *História em coisas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

CHAUÍ, Marilena. “Vida e obra [de Søren Aabye Kierkegaard]”. In: KIERKEGAARD, Søren Aabye. *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os pensadores).

CHAVES, Rita. “Jorge Amado entre os escritores angolanos”. In: SANTOS, Flávio Gonçalves dos; RODRIGUES, Inara de Oliveira; BRICHTA, Laila (orgs.). *Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado: História, Literatura e Cultura*. Ilhéus: Editus, 2013, p. 217-234.

CHIAPPINI, Ligia. “Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 153-159. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1989/1128>. Acesso em: 28 ago. 2020.

COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de (orgs.). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro/João Pessoa: Civilização Brasileira/Edições Funesc, 1991 (Coleção Fortuna Crítica 7 – direção de Afrânio Coutinho).

COUTINHO, Edilberto. *Zelins, Flamengo até morrer*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1984.

DANTAS, Cauby. *Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho*. Campina Grande: Eduepb, 2015. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/y4x7f>. Acesso em: 03 dez. 2018.

DI MIRO, Melina. “La estética de la miseria: el regionalismo nordestino / Boedo y sus continuadores”. In: CROCE, Marcela (org.). *Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña: de la vanguardia a la caída de los gobiernos populistas* (Tomo IV). 1^{era} edición. Villa María: Eduvim, 2017, p. 143-158.

DIMAS, Antonio. “Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo?”. In: *Littera*, ano IV, n. 12. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1974, p. 46-51.

DINIZ, Davidson. *Instinto(s) de transnacionalidade: ensaio sobre a sociabilidade nos campos literários argentino e brasileiro (1840-1940)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017.

DINIZ, Davidson; RANGEL, Livia. “Intercambios y traducciones: Benjamín de Garay y Raúl Navarro / Newton Freitas y Lúcia Besouchet”. In: CROCE, Marcela (org.). *Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña: de la vanguardia a la caída de los gobiernos populistas* (Tomo IV). 1^{era} edición. Villa María: Eduvim, 2017, p. 185-208.

“A editora”. Disponível em: <https://www.livrosdobrasil.pt/a-editora>. Acesso em: 24 out. 2018.

Editorial Losada – uma historia. Disponível em: https://issuu.com/losadaargentina/docs/historia_de_losada/12. Acesso em: 28 jan. 2019.
 ENGENHO de Zé Lins. Direção de Vladimir Carvalho. Rio de Janeiro: Urca Filmes, 2007. 80 min. Disponível em: <https://youtu.be/R2FL11JoDI8>. Acesso em: 06 jul. 2020.

“Os escritores vivem na rua”, autor não identificado, *Diretrizes*, ano I, n. 4, jul. 1938, Seção Sociologia-Literatura-Arte, p. 64.

FARO, José Salvador. *Realidade, 1966-1968 – tempo da reportagem na imprensa brasileira.* São Paulo, jun. 1998. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/artigos/revistarealidade.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). “José Lins do Rego - memórias e reminiscências”. In: *Templo Cultural Delfos*, fev. 2014. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2014/02/jose-lins-do-rego-memorias-e.html>. Acesso em: 08 abr. 2020).

FERREIRA, Antonio Celso. “A fonte fecunda”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes*. 1ª edição; 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012, p. 61-88.

FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano – contribuição para uma estética africana*. Lisboa: Plátano, 1989.

FIGUEIREDO JÚNIOR, Nestor Pinto. *Onde nasceu José Lins do Rego, afinal?* João Pessoa: Ideia, 2000.

“Fla-Estatística – O museu virtual do Clube de Regatas do Flamengo”. Página oficial. Disponível em: <http://www.flaestatistica.com/estatisticas.html>. Acesso em: 04 nov. 2019.

FRANCHETTI, Paulo. “Amar e servir o Brasil é uma das melhores formas de ser português: uma apresentação de Jaime Cortesão”. In: LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (orgs.). *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo/Bauru: Editora UNESP/EDUSC, 2003, p. 405-437. E-Book. ISBN 85-7139-461-X (UNESP); 85-7460-205-1 (EDUSC). Disponível em: <https://books.apple.com/pt/book/a-miss%C3%A3o-portuguesa-rotas-entrecruzadas/id592352452>. Acesso em: 26 jun. 2020.

FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. 2006. 220f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15052007-151220/pt-br.php>. Acesso em: 13 nov. 2020.

FREIRE, Stefanie Cavalcanti. *Dedicatórias manuscritas: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira*. 2013. 406f. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12139/Dedicatorias%20manuscritas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 31 out. 2018.

“Fundación Ezequiel Martínez Estrada”. Disponível em: <https://www.fundacionmartinezestrada.org/>. Acesso em: 07 maio 2020.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso e José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. E-Book. ISBN 978-85-438-0906-9. Disponível em: <https://books.apple.com/br/book/o-queijo-e-os-vermes/id1270753865>. Acesso em: 11 maio 2020.

GOMES, Ângela de Castro. “Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 62-77. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1954>. Acesso em: 13 maio 2020.

GOMES, Ângela de Castro. “População e sociedade”. In: *Olhando para dentro: 1930-1964* (Volume 4). Coordenação de Ângela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 41-90.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. “Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo”. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 10-82. E-Book. ISBN 978-85-200-1304-5. Disponível em: <https://books.apple.com/br/book/intelectuais-mediadores/id1130945572>. Acesso em: 13 maio 2020.

GOENDER, Jacob. “Graciliano Ramos: lembranças tangenciais”. In: *Estudos Avançados*, vol. 9, n. 23, 1995, p. 323-331.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. “Pesquisa em acervos literários”. In: *Mosaico*, Belo Horizonte, v. 1, fev. 2002, p. 22-31. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_JulioCastanonGuimaraes_Pesquisa_acervos_literarios.pdf. Acesso em: 19 mar. 2020.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. “Nos subterrâneos das relações luso-brasileiras, dois estudos de caso: o sucesso da (re)inauguração da Sala do Brasil, na Universidade de Coimbra (1937) e o fracasso do Congresso Luso-Brasileiro de História (1940)”. In: GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal et al. (orgs.). *Afinidades atlânticas: impasses, quimeras e confluências nas relações luso-brasileiras*. Rio de Janeiro: Quartet, 2009, p. 129-175.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. “Revelações sobre José Lins do Rego”. In: *Ciência & Trópico*, vol. 10, n. 2, Recife, jul./dez. 1982, p. 161-174. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/307/198>. Acesso em: 10 jul. 2018.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. 2003. 218f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/o->

descobrimto-do-futebol/?doing_wp_cron=1604931530.2304689884185791015625. Acesso em: 09 nov. 2020.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *ABC de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “As viagens de José Lins do Rego”, Blog GV Cult, 15 maio 2018a. Disponível em: <https://gvcult.blogosfera.uol.com.br/2018/05/15/as-viagens-de-jose-lins-do-rego/>. Acesso em: 05 nov. 2018.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “A trajetória jornalístico-literária de José Lins do Rego (II)”, Blog GV Cult, 10 jul. 2018b. Disponível em: <https://gvcult.blogosfera.uol.com.br/2018/07/10/a-trajetoria-jornalistico-literaria-de-jose-lins-do-rego-ii/>. Acesso em: 05 nov. 2018.

“Holmén, Erik (1893-1963)”. Pequena biografia no Portal DigitaltMuseum. Disponível em: <https://digitaltmuseum.se/021035592617/holmen-erik-1893-1963>. Acesso em: 20 nov. 2019.

IVO, Lêdo. “O ensaísta José Lins do Rego”. In: REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Apresentação de Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 9-36.

“Josué Montello – biografia”. Perfil do intelectual no site da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/josue-montello/biografia>. Acesso em: 04 nov. 2019.

JUNGLANDER, Tomas. “Gunnar Oj Oj Göransson”. In: *VM Fotboll*, 09 ago. 2017. Disponível em: <http://tomasjunglander.se/idrottsman/gunnar-oj-oj-goransson-inte-bara-oj-oj/>. Acesso em: 28 mar. 2020.

JUNQUEIRA, Mary Anne. “CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em Cena. Propaganda Política no Vargasismo e no Peronismo*. São Paulo, Fapesp/ Papirus, 1998”. In: Revista de História, n. 147, 2002, p. 241-245. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/64619>. Acesso em: 13 fev. 2019.

KELLEMEIN, Peter. *Brasil para principiantes – venturas e desventuras de um brasileiro naturalizado*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

KOIFMAN, Fábio. *Imigrante ideal – o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Prefácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. E-Book. ISBN 978-85-200-1177-5. Disponível em: <https://books.apple.com/es/book/imigrante-ideal/id994274605>. Acesso em: 12 maio 2020.

LIMA, Sônia Maria van Dijck (org.). *José Lins do Rego – catálogos: documentos do arquivo*. João Pessoa: Ideia, 2016.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. “O cronista Mário de Andrade”. In: ANDRADE, Mário de. *Taxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, Introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976, p. 37-57.

LUCAS, Fábio. “O memorialismo de José Lins do Rego”. In: REGO, José Lins do. *Meus verdes anos: memórias*. Apresentação Fábio Lucas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011, p. 9-18.

LYRA FILHO, João. *Taça do Mundo, 1954*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1954.

MALLEA, Eduardo. *Todo verdor perecerá*. Tradução de José Lins do Rego e Henrique de Carvalho Simas; prefácio de José Lins do Rego. Porto Alegre: Globo, 1949.

“Manuel Augusto García Viñolas, periodista, diretor de cine y de NO-DO”. In: *Fundación Nacional Francisco Franco*, 18 maio 2016. Disponível em: <https://fnff.es/historia/507359791/manuel-augusto-garcia-vinolas-periodista-director-de-cine-y-de-no-do.html>. Acesso em: 09 set. 2020.

MELLER, Lauro. “Correspondência passiva de José Lins do Rego”. In: LIMA, Sônia Maria van Dijck (org.). *José Lins do Rego – catálogos: documentos do arquivo*. João Pessoa: Ideia, 2016, p. 71-78.

MENESES, Diogo de Melo. *Gilberto Freyre: notas biográficas*. Recife: Massangana, 1991.

MESQUITA, Gustavo. *Gilberto Freyre e o Estado Novo: região, nação e modernidade*. 1ª edição. São Paulo: Global, 2018.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MICELI, Sérgio. *Vanguardas em retrocesso: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MICELI, Sérgio. *Sonhos da periferia*. São Paulo: Todavia, 2018.

MINCHILLO, Carlos Cortez. *Erico Verissimo, escritor do mundo: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas*. São Paulo: Edusp, 2015.

MIRANDA, Rachel de Rezende. *Além-mar – Aventura e Rotina: o lugar do Brasil no mundo luso-tropical de Gilberto Freyre*. 2002. 84f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3756/3756_1.PDF. Acesso em: 24 jun. 2020.

MONTRUCCHIO, Marisa. “Peronismo: caminhos construídos pela historiografia”. In: *História*, São Paulo, n. 20, 2001, p. 199-226.

MORETTI, Franco. “Conjeturas sobre a literatura mundial” (Tradução de José Marcos Macedo). In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 58, nov. 2000, p. 173-181

MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

“Oj, oj!” Fotbolls-VM i Brasilien 1950”. In: *Sverige Radio*, 25 maio 2006. Disponível em: <https://sverigesradio.se/sida/artikel.aspx?programid=1602&artikel=785741>. Acesso em: 28 mar. 2020.

OLIVEIRA, Bruno. “Jogadores europeus que atuaram no futebol brasileiro”. In: *Rádio Esporte Metropolitano*, 11 jul. 2019. Disponível em: <https://radioesportemetropolitano.com/noticia/510947/jogadores-europeus-que-atuaram-no-futebol-brasileiro>. Acesso em: 23 nov. 2019.

OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Souza. “Autor e autoria nas bordas do livro: o caso de José Lins do Rego na Coleção Livros do Brasil”. In: OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Souza; BRAÚNA, José Dércio. *Anais IV Colóquio História e Narrativa – 50 anos de O que é um autor?, de Michel Foucault*, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020, p. 24-39.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2000 (Coleção Descobrindo o Brasil). E-Book. ISBN 978-85-378-0303-5. Disponível em: <https://books.apple.com/br/book/o-brasil-dos-imigrantes/id1500978229>. Acesso em: 14 nov. 2020.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. “Gilberto Freyre e a valorização da província”. In: *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, vol. 26, n. 1, jan./abr. 2011, p. 117-149. Disponível em: <http://www.periodicos.unb.br/index.php/estado/article/view/4082/3408>. Acesso em: 21 ago. 2018.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. “Brasil e Cabo Verde: duas margens do mesmo mar”. In: *Navegações*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, jan./jun.2010, p. 84-87.

OLIVER, María Rosa. “Imágenes del Brasil”. In: *Sur*, Buenos Aires, año XII, n. 110, diciembre 1943, p. 26-48.

OVIDO, Gerardo. “El ensayo del ‘ser nacional’ 1: Ezequiel Martínez Estrada y Gilberto Freyre”. In: CROCE, Marcela (org.). *Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña: de la vanguardia a la caída de los gobiernos populistas* (Tomo IV). 1ª edición. Villa María: Eduvim, 2017, p. 121-134.

PAIXÃO, Fernando. “José Olympio: um editor de risco”. In: *Estudos Avançados*, vol. 22, n. 64, 2008.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. E-Book. ISBN 978-85-393-0308-3. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Gilberto-Freyre-vitoriano-dos-tr%C3%B3picos-ebook/dp/B01975TII8>. Acesso em: 06 ago. 2020.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. *A viagem como vocação: itinerários, parcerias e formas de conhecimento*. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2015.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “A crítica viva de Casais Monteiro”. In: LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (orgs.). *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo/Bauru: Editora UNESP/EDUSC, 2003, p. 154-191. E-Book. ISBN 85-7139-461-X (UNESP); 85-7460-205-1 (EDUSC). Disponível em: <https://books.apple.com/fr/book/a-miss%C3%A3o-portuguesa-rotas-entrecruzadas/id592352452>. Acesso em: 26 jun. 2020.

PIGLIA, Ricardo. “Sarmiento, escritor” (Tradução de Júlio Pimentel Pinto). In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo, ou civilização e barbárie*. Tradução e notas por Sérgio Alcides; prólogo de Ricardo Piglia; posfácio de Francisco Foot Hardman. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 9-41.

PINHEIRO, Ana Virginia. *Metodologia para inventário de acervo antigo*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. Disponível em: <http://planorweb.bn.br/documentos/ARTIGOS/inventarioacervoantigoanavirginia.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2019.

Portal da Crônica Brasileira do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

“Portuguesa conquista a Fita Azul (1951)”. In: Portal Acervo da Bola. Disponível em: <http://www.acervodabola.com.br/portuguesa-conquista-a-fita-azul-1951/#:~:text=No%20dia%2031%20de%20maio,12%20partidas%20sem%20qualquer%20derrota>. Acesso em: 06 out. 2020.

“La Prensa”. In: *Portal do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Relações Internacionais*, sem data. Disponível em: <http://laboratorios.ufrj.br/lieri/la-prensa/>. Acesso em: 09 nov. 2020.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2015.

RANGEL, Livia. *Lídia Besouchet e Newton Freitas: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950)*. 2016. 282f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-21122016-123136/pt-br.php>. Acesso em: 24 ago. 2020.

REFULIA, Rodrigo. “Uma ‘arqueologia do boom’ na Estante Americana, da Guaíra: romances hispano-americanos publicados por Jorge Amado e De Plácido e Silva”. In: *Amoxltli 2*, primeiro semestre 2019, p. 1-17. Disponível em: <http://www.amoxltli.cl/images/pdf/2019/n02/art01.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

REGO, José Lins do. *Gordos e magros*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

REGO, José Lins do. “SARMIENTO NÃO PREGOU NO DESERTO – José Lins do Rego fala de sua viagem ao Uruguai e à Argentina” (entrevista). In: *Diretrizes*, 18 nov. 1943, p. 3-4, 23-24.

REGO, José Lins do. *Conferências no Prata*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946.

REGO, José Lins do. “Nota sobre Mallea” (prefácio à tradução). In: MALLEA, Eduardo. *Todo verdor perecerá*. Tradução de José Lins do Rego e Henrique de Carvalho Simas; prefácio de José Lins do Rego. Porto Alegre: Globo, 1949.

REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957.

REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Apresentação de Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958.

REGO, José Lins do. *Pojken pa sockerplantagen*. Montevideo: Nordan Comunidad, 1990.

REGO, José Lins do. *Ligeiros traços – escritos da juventude*. Organização César Braga-Pinto. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

REGO, José Lins do. *Meus verdes anos: memórias*. Apresentação Fábio Lucas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011a.

REGO, José Lins do. *Riacho Doce*. Apresentação de Ivan Junqueira. 22ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011b.

REGO, José Lins do. “Manuscrito sobre ser cronista”, sem data. Autógrafo a tinta preta; 1 folha. Rio de Janeiro: Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

REGO, Naná Lins do. “Naná: a casa continua como ele a deixou”. In: *O Globo*, 16 fev. 1975, Suplemento Jornal da Família. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019750216>. Acesso em: 03 out. 2018.

“Ribeiro Couto – Biografia”. Disponível em: http://www.casarui Barbosa.gov.br/dados/DOC/literatura/ribeiro_couto/biografia.htm. Acesso em: 24 jun. 2020.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins; OAKIM, Juliana. “As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro: uma história de contrastes”. In: *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, jan./jun. 2015, p. 19-53. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/589>. Acesso em: 4 abr. 2018.

RODRIGUES, Miguel Urbano. “*Portugal Democrático – um jornal revolucionário*”. In: LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (orgs.). *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo/Bauru: Editora UNESP/EDUSC, 2003, p. 744-785. E-Book. ISBN 85-7139-461-X (UNESP); 85-7460-205-1 (EDUSC). Disponível em: <https://books.apple.com/fr/book/a-miss%C3%A3o-portuguesa-rotas-entrecruzadas/id592352452>. Acesso em: 26 jun. 2020.

ROMERO, Luis Alberto. “Capítulo tres / 1920-1976: El Estado y las corporaciones”. In: *De las cofradías a las organizaciones de la sociedad civil – Historia de la iniciativa asociativa en Argentina (1776-1990)*. [Buenos Aires]: Edilab Editora, 2002, p. 169-275.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SÁ, Marina Damasceno de. *Edição de texto fiel e anotado d’O empalhador de passarinho de Mário de Andrade*. 2013. 477f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-29012014-110242/pt-br.php>. Acesso em: 02 out. 2018.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Tradução e posfácio de Júlio Pimentel Pinto; prólogo de Sérgio Miceli. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. “Gilberto Freyre e a tradição ibérica: mestiçagem, Brasil-centrismo e luso-tropicalismo (década de 1930 a de 1960)”. In: SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Capítulos de História Intelectual*. São Paulo: Alameda, 2019, p. 231-282.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Douglas Mansur da. “Portuguese writers and scientists exiled in Brazil: exclusion, cosmopolitanism and particularism (1945-1974)”. In: *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, vol. 10, n. 2, jul./dez. 2013, p. 273-304. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43412013000200009&lng=en&tlng=en. Acesso em: 23 jun. 2020.

SILVEIRA, Joel. “Biografia de 1943”. In: *Diretrizes*, 30 dez. 1943, p. 3,22.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 2003.

SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil – una antropología de la circulación internacional de ideas*. Prólogo de Afrânio Garcia. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Com-Arte, 2010.

SOUSA, Elisabete M. de. “Aspectos fundamentais da recepção de Kierkegaard em Portugal”. In: *Philosophica*, Lisboa, n. 35, 2010, p. 9-31. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24210/1/Philosophica%2035_1_ElisabeteMSousa.pdf. Acesso em: 08 nov. 2020.

SUED, Susana Romano. “Crítica y hospitalidade. Marta Riquelme de Martínez Estrada: genealogias, linajes e intertextos”. In: *La Biblioteca*, n. 4-5 (La crítica literaria en Argentina), verano 2006, p. 244-258. Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/micrositios/revistas/biblioteca/la-biblioteca-tercera-epoca-1>. Acesso em: 31 jan. 2019.

THIESSE, Anne-Marie. *Écrire la France: le mouvement littéraire régionaliste de langue française entre la Belle Époque et la Libération*. Paris: Presses Universitaires de France, 2017. E-Book. ISBN 2130433960. Disponível em: [https://livre.fnac.com/a853344/Anne-Marie-Thiesse-Ecrire-la-France?NUMERICAL=Y#FORMAT=ebook%20\(ePub\)](https://livre.fnac.com/a853344/Anne-Marie-Thiesse-Ecrire-la-France?NUMERICAL=Y#FORMAT=ebook%20(ePub)). Acesso em: 20 jul. 2020.

TORGA, Miguel. “Palavras a José Lins do Rego num almoço que lhe foi oferecido em Coimbra, a 21 de junho de 1951”. In: TORGA, Miguel. *Ensaios e discursos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001, p. 119-123.

TORGAL, Luís Reis. “A historiografia em Portugal no século XX. Olhando o Brasil”. In: NUNES, João Paulo Avelãs; FREIRE, Américo (orgs.). *Historiografias portuguesa e brasileira*

no século XX: olhares cruzados. Coimbra/Rio de Janeiro: Imprensa da Universidade de Coimbra/Editora FGV, 2013, p. 15-30.

VALLE, Emmanuel do. “Há 50 anos, um europeu de ouro vestia rubro-negro: Flórian Albert”. In: *Flamengo alternativo*, 15 jan. 2017. Disponível em: <https://flamengoalternativo.wordpress.com/2017/01/15/ha-50-anos-um-europeu-de-ouro-vestia-rubro-negro-florian-albert/>. Acesso em: 23 nov. 2019.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”. In: *Revista de Sociologia e Política*, n. 9, 1997, p. 57-74. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/39298>. Acesso em: 09 ago. 2018.

Verbetes biográfico “ALVES, José de Paula Rodrigues”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALVES,%20Jos%C3%A9%20de%20Paula%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2018.

Verbetes biográfico “AMADO, Jorge”. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/jorge_amado. Acesso em: 04 nov. 2020.

Verbetes biográfico “ARANHA, Temístocles da Graça”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/aranha-temistocles-da-graca>. Acesso em: 30 jul. 2018.

Verbetes biográfico “GANIVET Y GARCÍA, Ángel”. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20061205230920/http://kirjasto.sci.fi/ganivet.htm>. Acesso em: 09 nov. 2020.

Verbetes biográfico “GHIOLDI, Rodolfo”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ghioldi-rodolfo>. Acesso em: 07 ago. 2018.

Verbetes “O Globo”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o>. Acesso em: 25 set. 2018.

Verbetes biográfico “MARINHO, Roberto”, em Perfis e depoimentos do projeto Memória O Globo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/perfis-e-depoimentos/roberto-marinho-9055075>. Acesso em: 25 set. 2018.

Verbetes “A Noite”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NOITE,%20A.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

Verbetes biográfico “OLIVEIRA NETO, Luis Camilo de”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/oliveira-neto-luis-camilo-de>. Acesso em: 01 out. 2018.

VILLAÇA, Davi Lopes. “José Lins do Rego entre o orgânico e o problemático”. In: *Teresa – Revista de Literatura Brasileira*, n. 20, 2020, p. 191-209. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/154196>. Acesso em: 02 jun. 2020.

VONK, Arthur Vergueiro. *A vida ao rés-do-chão, sem chão: Drummond e a moderna crônica brasileira*. São Paulo: FFLCH/USP, 2016. Disponível em: http://spap.fflch.usp.br/sites/spap.fflch.usp.br/files/PAP-VONK_Arthur-07032016-FINAL.pdf. Acesso em: 03 jun. 2020.

“Walking in Holden’s footsteps”. In: *The New York Times*, 28 jan. 2010. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/interactive/2010/01/28/nyregion/20100128-salinger-map.html>. Acesso em: 17 jun. 2020.

Arquivos brasileiros consultados

Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro/RJ)
 Acervo Literário do Instituto Moreira Salles (Rio de Janeiro/RJ)
 Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (São Paulo/SP)
 Arquivo Histórico do Itamaraty (Rio de Janeiro/RJ)
 Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro/RJ)
 Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro/RJ)
 Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro/RJ)
 Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB)
 Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro/RJ)

Arquivo argentino consultado pela internet

Fundación Martínez Estrada. Disponível em: [https://www.fundacionmartineze strada.org/](https://www.fundacionmartineze estrada.org/). Acesso em: 24 ago. 2020.

Arquivo sueco consultado

Kungliga Biblioteket (Estocolmo/Suécia)

Portais portugueses consultados pela internet

Portal Revistas de Ideias e Cultura. Disponível em: <http://ric.slihi.pt/>. Acesso em: 19 ago. 2019.

Entrevistas de José Lins do Rego, recuperadas a partir de consulta à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

BARBOSA, Francisco de Assis. “Para que público você escreve”. In: *Diretrizes*, 15 maio 1941.

BARBOSA, Francisco de Assis. “Foi a velha Totônia quem me ensinou a contar histórias”, entrevista com José Lins do Rego. In: *Diretrizes*, 18 dez. 1941.

SILVEIRA, Joel. “Genolino quer ser herói de tragédia grega” (entrevista com José Lins do Rego). In: *Diretrizes*, 07 out. 1943.

REGO, José Lins do. “SARMIENTO NÃO PREGOU NO DESERTO – José Lins do Rego fala de sua viagem ao Uruguai e à Argentina” (entrevista). In: *Diretrizes*, 18 nov. 1943.

SILVA, Geraldo Romualdo. “Mais do que palavras: não há melhor futebol do que o brasileiro”. In: *Jornal dos Sports*, 26 jun. 1951.

“Provou a Europa e gostou – Chega agora ao Rio e já pensa voltar – O Congresso pela Defesa da Cultura em Paris – Recorda Faulkner, o abstracionismo e Magneli – Cioran e Malraux – Em Portugal – Almada Negreiros – Uma nota sobre Silone” (entrevista com José Lins do Rego). In: *Tribuna da Imprensa* (RJ), 28-29 jun. 1952.

Depoimentos

Maria Elisabeth Lins do Rego, pessoalmente, ao longo dos anos de 2017, 2018 e 2019
Fábio Koifman, por e-mail, ao longo do primeiro semestre de 2020
Afrânio Garcia Júnior, por Skype, em julho de 2020

Fontes

Crônicas de assuntos diversos, publicadas n'O Globo

- REGO, José Lins do. “Traduzir”. In: *O Globo*, 17 maio 1946.
REGO, José Lins do. “José Bergamin e o Itamaraty”. In: *O Globo*, 08 dez. 1947.
REGO, José Lins do. “O nosso Itamaraty”. In: *O Globo*, 21 jul. 1948.
REGO, José Lins do. “Ainda sobre o Itamaraty”. In: *O Globo*, 29 jul. 1948.
REGO, José Lins do. “A viagem do presidente”. In: *O Globo*, 31 maio 1949.
REGO, José Lins do. “O Itamaraty e o exército”. In: *O Globo*, 11 jan. 1950.
REGO, José Lins do. “Reflexões sobre o caráter do brasileiro”. In: *O Globo*, 20 jul. 1950 (também reunida sob o título “O caráter do brasileiro”. In: REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 208).
REGO, José Lins do. “A função do escritor e a política”. In: *O Globo*, 25 jan. 1951.
REGO, José Lins do. “O fiscal de consumo José Lins do Rego”. In: *O Globo*, 27 nov. 1952.
REGO, José Lins do. “O amigo Dantas”. In: *O Globo*, 27 abr. 1954.
REGO, José Lins do. “O amigo Viñolas”. In: *O Globo*, 30 dez. 1954.
REGO, José Lins do. “O Itamaraty e o exército”. In: *O Globo*, 01 fev. 1956.
REGO, José Lins do. “Um homem do Itamaraty”. In: *O Globo*, 09 abr. 1956.

Crônicas sobre a Argentina, publicadas n'O Globo

- REGO, José Lins do. “A poesia de Martin Fierro”. In: *O Globo*, 12 out. 1944.
REGO, José Lins do. “A biografia de uma cidade”. In: *O Globo*, 12 dez. 1944.
REGO, José Lins do. “Um mestre argentino”. In: *O Globo*, 05 jan. 1945.
REGO, José Lins do. “Contrastes argentinos”. In: *O Globo*, 06 jan. 1945.
REGO, José Lins do. “O filho do imigrante”. In: *O Globo*, 09 jan. 1945.
REGO, José Lins do. “Os caminhos de ferro na Argentina”. In: *O Globo*, 10 jan. 1945.
REGO, José Lins do. “As duas línguas”. In: *O Globo*, 12 jan. 1945.
REGO, José Lins do. “Os ventos no Pampa”. In: *O Globo*, 13 jan. 1945.
REGO, José Lins do. “Os políticos na Argentina”. In: *O Globo*, 15 jan. 1945.
REGO, José Lins do. “O tango argentino”. In: *O Globo*, 17 jan. 1945.
REGO, José Lins do. “As universidades argentinas”. In: *O Globo*, 15 mar. 1945.
REGO, José Lins do. “Ghioldi”. In: *O Globo*, 23 maio 1945.
REGO, José Lins do. “O discurso de Ghioldi”. In: *O Globo*, 30 maio 1945.
REGO, José Lins do. “A situação argentina”. In: *O Globo*, 31 maio 1945.

- REGO, José Lins do. “D. Jacinto”. In: *O Globo*, 25 ago. 1945.
- REGO, José Lins do. “Sarmiento vencerá”. In: *O Globo*, 30 ago. 1945.
- REGO, José Lins do. “Carybé”. In: *O Globo*, 19 set. 1945.
- REGO, José Lins do. “A ditadura argentina fecha o Colégio Livre de Estudos Superiores”. In: *O Globo*, 24 out. 1945.
- REGO, José Lins do. “O livro na Argentina”. In: *O Globo*, 23 jan. 1946.
- REGO, José Lins do. “Perón desafia”. In: *O Globo*, 02 fev. 1946.
- REGO, José Lins do. “O homem justo e o homem livre”. In: *O Globo*, 17 abr. 1946.
- REGO, José Lins do. “Os argentinos e a liberdade”. In: *O Globo*, 20 abr. 1946.
- REGO, José Lins do. “A universidade argentina”. In: *O Globo*, 07 mar. 1947.
- REGO, José Lins do. “Uma viagem ao Prata”. In: *O Globo*, 04 jun. 1947.
- REGO, José Lins do. “Um assunto perigoso”. In: *O Globo*, 06 jun. 1947.
- REGO, José Lins do. “Do bigodinho de Hitler aos bonitos olhos de Perón”. In: *O Globo*, 10 jun. 1947.
- REGO, José Lins do. “Atualidade do “Facundo””. In: *O Globo*, 19 ago. 1947.
- REGO, José Lins do. “Perón, o leão e o cachorro”. In: *O Globo*, 12 set. 1947.
- REGO, José Lins do. “O Sarmiento de Martínez Estrada”. In: *O Globo*, 18 set. 1947.
- REGO, José Lins do. “As três argentinas”. In: *O Globo*, 22 set. 1947.
- REGO, José Lins do. “Houssay”. In: *O Globo*, 27 out. 1947.
- REGO, José Lins do. “Uma exposição de pintura”. In: *O Globo*, 02 maio 1949.
- REGO, José Lins do. “Discurso de Perón”. In: *O Globo*, 03 maio 1949.
- REGO, José Lins do. “Rosas e a cidade”. In: *O Globo*, 31 out. 1950.
- REGO, José Lins do. “Atualidade do “Facundo””. In: *O Globo*, 28 set. 1955.
- REGO, José Lins do. “Sarmiento tinha de vencer”. In: *O Globo*, 03 nov. 1955.
- REGO, José Lins do. “Sortilégios da Bahia e Kantor”. In: *O Globo*, 02 dez. 1955.
- REGO, José Lins do. “Rosas e a cidade”. In: *O Globo*, 16 jan. 1956.
- REGO, José Lins do. “La Prensa”. In: *O Globo*, 08 fev. 1956.

Artigos sobre a viagem de José Lins à Argentina em 1943, em jornais argentinos

- “Profesores brasileños darán conferencias en el Colegio Libre”. In: *La Prensa*, 14 out. 1943.
- “El apostolado de la ciencia”. In: *La Nación*, 25 out. 1943.
- “Sobre la novela brasileña se inició un curso”. In: *La Nación*, 26 out. 1943.
- “Los profesores brasileños que nos visitan iniciaron sus conferencias”. In: *La Prensa*, 26 out. 1943.
- “La literatura y el pueblo”. In: *La Prensa*, 29 out. 1943.
- “Sobre la investigación científica disertó el Dr. Walter Oswaldo Cruz – Dedicó su exposición al doctor Bernardo Houssay; Sobre la novela brasileña hablará hoy Lins do Rego; Fueron agasajados los visitantes”. In: *La Prensa*, 29 out. 1943.
- “Misión del Estado en la investigación científica”. In: *La Prensa*, 30 out. 1943.
- “El señor Lins do Rego habló sobre tendencias de la novela brasileña”. In: *La Prensa*, 30 out. 1943.
- “Habló de “La formación cultural del Brasil” el doctor Nelson Romero”. In: *La Prensa*, 03 nov. 1943.
- “AGASAJO EL COLEGIO LIBRE A TRES DESTACADOS PROFESORES BRASILEÑOS; Discurso del secretario general del Colegio Libre; Respuesta del Sr. Lins do Rego”. In: *La Nación*, 04 nov. 1943.
- “La amistad brasileño-argentina”. In: *La Nación*, 05 nov. 1943.
- “Así hay que hablar”. In: *Crítica*, 05 nov. 1943.
- “La amistad argentino-brasileña”. In: *La Vanguardia*, 05 nov. 1943.

“Tentativas despreciables”. In: *La Prensa*, 06 nov. 1943.

Crônicas sobre Portugal, reunidas em O vulcão e a fonte (1958)

REGO, José Lins do. “Fialho de Almeida e sua época”. In: REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 123-138.

REGO, José Lins do. “Um retrato de Padre Vieira”. In: REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 166-167.

REGO, José Lins do. “O padre Vieira e os portugueses”. In: REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 167-168.

REGO, José Lins do. “Cartas de Fernando Pessoa”. In: REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 174-176.

REGO, José Lins do. “O poeta Carlos Queiroz”. In: REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 182-184.

Crônicas sobre Portugal e Cabo Verde, publicadas n’O Globo e reunidas em O vulcão e a fonte (1958)

REGO, José Lins do. “Cinema português”. In: *O Globo*, 20 maio 1944.

REGO, José Lins do. “Entre Eça e Camilo”. In: *O Globo*, 18 set. 1944.

REGO, José Lins do. “O Camilo das polêmicas”. In: *O Globo*, 07 dez. 1944; REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 163-164.

REGO, José Lins do. “O fado de Amália Rodrigues”. In: *O Globo*, 22 dez. 1944.

REGO, José Lins do. “O rei João e seu biógrafo”. In: *O Globo*, 21 fev. 1945.

REGO, José Lins do. “As polêmicas de Eça de Queiroz”. In: *O Globo*, 01 set. 1945.

REGO, José Lins do. “Os poetas de Cabo Verde”. In: *O Globo*, 06 out. 1945.

REGO, José Lins do. “Eça de Queiroz e o Prado de São Paulo”. In: *O Globo*, 04 abr. 1946.

REGO, José Lins do. “Eça de Queiroz, homem da História”. In: *O Globo*, 18 jun. 1946.

REGO, José Lins do. “Os portugueses e o senhor Gilberto Freyre”. In: *O Globo*, 28 jun. 1946.

REGO, José Lins do. “O cinema português”. In: *O Globo*, 22 jul. 1946.

REGO, José Lins do. “A palavra santa e a Princesa Isabel”. In: *O Globo*, 30 jul. 1946.

REGO, José Lins do. “Que venham os lusos”. In: *O Globo*, 05 maio 1947.

REGO, José Lins do. “O poeta António Botto”. In: *O Globo*, 29 ago. 1947.

REGO, José Lins do. “O poeta Campos de Figueiredo”. In: *O Globo*, 08 jan. 1951.

REGO, José Lins do. “Amigos portugueses”. In: *O Globo*, 01 abr. 1952.

REGO, José Lins do. “Pedro I”. In: *O Globo*, 13 dez. 1952.

REGO, José Lins do. “Entre o mar e o Rio”. In: *O Globo*, 18 ago. 1953.

REGO, José Lins do. “Brasil-Portugal”. In: *O Globo*, 19 nov. 1953.

REGO, José Lins do. “Bilhete de Lisboa”. In: *O Globo*, 09 mar. 1954.

REGO, José Lins do. “A música brasileira e Carmen Miranda”. In: *O Globo*, 09 dez. 1954.

REGO, José Lins do. “João Gaspar Simões, no Brasil”. In: *O Globo*, 21 fev. 1956.

REGO, José Lins do. “Roteiro literário do Brasil e Portugal”. In: *O Globo*, 31 mar. 1956.

REGO, José Lins do. “O mestre Casais Monteiro”. In: *O Globo*, 31 maio 1956.

REGO, José Lins do. “Funchal, cidade macia”. In: *O Globo*, 18 jul. 1956; REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 70-73.

REGO, José Lins do. “Um português”. In: *O Globo*, 20 jul. 1956.

REGO, José Lins do. “Lisboa”. In: *O Globo*, 03 out. 1956; REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 68-70.

REGO, José Lins do. “O Vera-Cruz, uma casa portuguesa”. In: *O Globo*, 24 out. 1956.

Crônicas sobre Portugal, publicadas no Jornal dos Sports

“Notícias teatrais”. In: *Jornal dos Sports*, 24 jun. 1951.

REGO, José Lins do. “Os rapazes do Flamengo”. In: *Jornal dos Sports*, 27 jun. 1951.

Nota sobre viagem a Portugal em 1952, publicada no jornal Tribuna da Imprensa (RJ)

“Notícias da colônia portuguesa” (coluna). In: *Tribuna da Imprensa* (RJ), 05 jun. 1952.

Artigos sobre José Lins do Rego, publicados na revista Seara Nova (Portugal)

DUTRA, Lia Correia. “O romance brasileiro e José Lins do Rego”. In: *Seara Nova*, 06 ago. 1938, p. 191-195.

DUTRA, Lia Correia. *O romance brasileiro e José Lins do Rego*. Lisboa: Seara Nova, 1938.

“José Lins do Rego”. In: *Seara Nova*, 18 ago. 1951, p. 574.

FERREIRA, Flávio. “O ciclo da cana de açúcar de José Lins do Rego”. In: *Seara Nova*, 18 ago. 1951, p. 575.

Crônicas sobre a Suécia, publicadas no Jornal dos Sports

REGO, José Lins do. “Escravo do Flamengo”. In: *Jornal dos Sports*, 14 mar. 1951.

REGO, José Lins do. “Palavra aos campistas”. In: *Jornal dos Sports*, 28 abr. 1951.

REGO, José Lins do. “O Brasil na Suécia”. In: *Jornal dos Sports*, 04 maio 1951.

REGO, José Lins do. “Malmö”. In: *Jornal dos Sports*, 01 jun. 1951.

REGO, José Lins do. “O Brasil era o Flamengo”. In: *Jornal dos Sports*, 26 jun. 1951.

REGO, José Lins do. “Os rapazes do Flamengo”. In: *Jornal dos Sports*, 27 jun. 1951.

REGO, José Lins do. “Cuidado”. In: *Jornal dos Sports*, 28 jun. 1951.

REGO, José Lins do. “Os nossos amigos, os suecos”. In: *Jornal dos Sports*, 27 jan. 1952.

Artigos sobre José Lins e Flamengo na Suécia

“Idrottsalbum C.R. Flamengo Brasilien” [Ilustração do time titular do Flamengo da temporada europeia de 1951]. In: *Rekordmagasinet*, n. 21, 17 maio/23 maio 1951.

“Na presidência da CBD o sr. José Lins do Rego”. In: *Jornal dos Sports*, 02 fev. 1951.

RODRIGUES, Mario Julio. “Homenageado o Flamengo pelo Malmö – exaltaram os dirigentes locais o desempenho técnico do quadro”. In: *Jornal dos Sports*, 25 maio 1951.

SERRAN, Ricardo. “A experiência dos rubro-negros na Europa”. In: *Jornal dos Sports*, 20 abr. 1951.

SÖDERBERG, Per. “Tack, tack Flamengo!”. In: *Jornal dos Sports*, 06 maio 1951.

“Voa o Flamengo após festiva despedida”. In: *Jornal dos Sports*, 08 maio 1951.

VARGAS NETTO. “Talvez por isso...”. In: *Jornal dos Sports*, 07 nov. 1952.

Edições de jornais suecos consultadas da Kungliga Biblioteket (Estocolmo)

Dagens Nyheter, 13 abr. 1949; 21 maio 1951.

Idrottsbladet, 11 maio 1951; 15 maio 1951; 18 maio 1951; 21 maio 1951; 23 maio 1951; 25 maio 1951; 28 maio 1951; 30 maio 1951.

Svenska Dagbladet, 17 maio 1951.

Stochholms-Tidningen, 21 maio 1951.

Aftonbladet, 25 maio 1950; 16 mar. 1951; 10 maio 1951

Crônica sobre a Dinamarca, publicada n'O Globo

REGO, José Lins do. "O governo do povo segundo Kierkegaard". In: *O Globo*, 11 fev. 1955.

Crônicas sobre a Finlândia, publicadas n'O Globo em 1954 e reunidas em Gregos e troianos (1957)

REGO, José Lins do. "Helsinki". In: *O Globo*, 30 jul. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 41-43.

REGO, José Lins do. "Tranquilidade finlandesa". In: *O Globo*, 10 ago. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 33-34.

REGO, José Lins do. "A sauna". In: *O Globo*, 16 ago. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 37-38.

REGO, José Lins do. "Notas finlandesas". In: *O Globo*, 21 ago. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 29-31.

REGO, José Lins do. "Formigas e finlandeses". In: *O Globo*, 15 set. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 39-40.

REGO, José Lins do. "Espanhóis e finlandeses". In: *O Globo*, 08 out. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 35-36.

ANEXO A – 38 crônicas sobre a Argentina, assinadas por José Lins do Rego, publicadas n’*O Globo* (1944-1956)

Meses com indisponibilidade para consulta:

1948: janeiro, fevereiro, maio, junho, setembro, outubro, novembro e dezembro.

1949: janeiro, fevereiro, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.

1. “A poesia de Martin Fierro” (12 out. 1944)

Quando Hernandez publicou o seu *Martin Fierro* fazia um ano que morrera Castro Alves. O romantismo no Brasil tomou mais temas que realidades para fundar as suas grandes peças. Castro Alves se transformou em cantor dos escravos. E Álvares de Azevedo transformou Pedro Ivo em herói byroniano. Pergunto eu se a realidade do Brasil contava para os grandes poetas do romantismo. Dirão que o escravo era a mais terrível de nossas realidades. E é verdade, e é mais que verdade, é uma vergonha de nossa história social. Mas ao cantar os negros Castro Alves tomou mais um tema bonito do que a realidade cruel. Foi mais demagógico do que poético, em alguns de seus arroubos. Havia nele uma flama de gênio, aquele “borbulhar de gênio” de que nos falou. E a sua poesia só vive como grande poesia, é porque continua a existir um Castro Alves que era a essência mesma do romantismo, o estado de alma de um voluptuoso da vida, e que cantou a vida com o verdadeiro desespero de quem pressentia morte próxima.

Em 1872 Hernandez publica o seu *Martin Fierro*, poema da terra e do homem do pampa platino. O poeta era um erudito da literatura, um ensaísta, combatente político, e mais do que tudo Hernandez queria contar a vida do seu povo. E para isto foi simples, foi chão, usou de processos rudimentares, mas exprimiu por tal maneira a realidade, que é hoje um clássico, o maior poeta de sua gente. Martin Fierro é um herói campeador, um Cid dos pampas. E é este herói quem fala em seus versos. E ele nos diz: “las coplas me van brotando como agua de manancial”. E que “cantando me he de morir, cantando me han de enterrar”. E tudo foi feito assim como em obra da natureza, tudo parecendo ser o mais fácil possível. E nada mais difícil e grande do que este poema, que vale por uma avaliação profunda da vida argentina. Há em Martin Fierro a marca da substanciosa poesia que, sendo do mais puro lirismo, não deixa de ser, até, mais social que a dos nossos românticos. É o próprio Martin Fierro quem diz:

Yo he conocido cantores

Que era um gusto el escuchar:

Mas no quieren opinar

Y se divierten cantando

Pero yo canto opinando

Que es mi modo de cantar.

De fato Martin Fierro é poeta de vela opinativa, por que é homem de opinião. A sua poesia fala de guerra, de amores, de lutas, de crimes, de grandezas dalma. Nele está a história de um largo período político do seu país. E está com ele a grande e verdadeira poesia que brotava de sua alma como córrego pelas terras numerosas dos pampas.

JOSÉ LINS DO REGO

2. “A biografia de uma cidade” (12 dez. 1944)

Fausto Hernandez nos conta a vida de Rosário, como um biógrafo do bom tipo inglês. Isto é, sem tomar partido, sem se meter na intimidade de certas situações que não foram criadas para o olhar vigilante do historiador. Há detalhes de vida que só valem pelo pitoresco ou pelo exotismo, não valendo nada para o conhecimento real do homem ou do país.

Lembro-me de Rosário como de um contato com uma grande cidade de província, assim como Recife ou Porto Alegre. Em Buenos Aires sente-se aquela imensa massa de metrópole assoberbada com os mil problemas do tráfego, do abastecimento, do gigantismo urbano. Em Rosário, na paz do hotel, de finos tapetes, de macios colchões, a gente pode medir a verdadeira grandeza da Argentina. Rosário tem desde as origens um caráter de legitimidade crioula. Foi lá onde se deu a coligação de índio com o espanhol, onde o aristocratismo do conquistador não fugiu da aliança com os homens da terra, e, pelo contrário, onde se deu a fusão sem choques ou guerras do desbravador que corresse atrás do ouro. Não havia ouro na terra gorda. Rosário se fez de expressão urbana do pampa, como Recife fora expressão urbana do açúcar. Diz Fausto Hernandez que a antinomia entre cidade e campo, civilização e barbárie, característica da história argentina, não se originou e se desenvolveu no “Partido dos [Arroios]”, pois ali sempre houve estreita colaboração entre os homens do campo e os da cidade, entre os homens de estâncias e os homens do povo, colaboração que resistiu até ao “gauchismo” de Rosas.

Foi por ser assim contra o poder tirânico que Rosário não chegou à categoria de cidade como outros centros urbanos do pampa. Em Rosário o pampa sempre existiu, o campo nunca esteve longe de suas ruas ou de seu cais imenso. Cidade de plantadores, de criadores, de povo livre, de universidades, de indomável fé na liberdade.

São cidades assim como Rosário e Recife que nos fazem acreditar que os grandes aglomerados urbanos não se perdem e não se destroem diante do poder conduzido como um azorrague. Estive em Rosário, e lá vi a mocidade, nas ruas e nas salas de conferências, indomável, em hostilidade às ordens tirânicas, pronta a tudo dar pela grandeza da Argentina.

JOSÉ LINS DO REGO

3. “Um mestre argentino” (05 jan. 1945)

Martínez Estrada é uma criatura misteriosa.

Conheci-o em Buenos Aires, e ao contato do homem de fala estridente, de cara de fauno em férias, não se chega ao conhecimento da natureza do crítico magistral que é ele. Conhecê-lo e lê-lo não são experiências idênticas.

É um argentino como muitos, de agressiva intemperança verbal, mas o escritor que há no homem magro, de fronte áspera, é uma verdadeira maravilha de agudeza, de vigor, de estilo, de poder criador. A cultura argentina volta aos grandes dias de Sarmiento, com a sua profunda análise ligada a uma fabulosa força lírica. Sarmiento era assim um mestre que não abusava de termos didáticos, porque sempre estava a serviço da vida, da mais consciente crítica dos valores humanos. O mestre-escola que de cima dos Andes olhava o pampa, olhava com a agudeza e a penetração das aves da rapina. Vira o que só se podia ver das alturas. É assim Martínez Estrada. Ao livro que escreveu, como Gilberto Freyre escrevera, o *Casa grande & senzala*, chamou *Radiografía de la pampa*.

Não é porém uma radiografia, coisa fria e seca. É mais o retrato em vertical do povo argentino, uma espécie de goyesca pintura, com todas as belezas e todas as feiuras da alma de um povo. Estrada vê, como raio X, com uma clarividência cruel, mas não fica nas chapas com manchas que desafiam interpretações. Há, de fato, o olhar terrível da máquina diabólica, no que ele penetra, mas há mais do que isto no que ele escreve: há o ensaísta, da feição clássica, nos seus balanços críticos de moralista. A Argentina que Estrada analisa é um corpo social e político que ele ama, como um poeta. Estrada vê o seu povo, em imagens de drama. É mais do que um romancista que narra, é um tramaturgo que agita personagens, em diálogos de tragédia. As palavras em Estrada carregam um sentido de verdade triste e de beleza de escultura.

Em outras notas prometo comentar o pessimista, que, como nosso Paulo Prado, não teve medo de dizer tudo.

JOSÉ LINS DO REGO

4. “Contrastes argentinos” (06 jan. 1945)

Martínez Estrada nos diz que quanto maior tem sido o crescimento do que, na história, se denomina o político ou o capitalista, muito menor tem sido o crescimento do que se chama o intelectual, o poético ou o emocional. Porque para o ensaísta argentino a grandeza e a decadência de um povo se contam por outros dados que não são os da expansão mecânica da

riqueza. E, voltando-se para o caso de seu país, ele chega à conclusão de que o chamado progresso da nação não tem relação alguma com a verdadeira felicidade do povo.

O crescimento monstruoso de Buenos Aires colocou as províncias menores do interior em uma dependência de quase escravidão à cidade tentacular. Cada arranha-céu que se ergue no centro da metrópole faz mais pobre, mais ignorante, mais improdutivo a terra longínqua dos territórios. Buenos Aires fabrica desertos, zona baldias que são solidões e mais solidões. Dissera Alberdi mestre, como Sarmiento, da democracia platense, que o telégrafo e a imprensa podiam se transformar em agentes de barbaria.

O que o grande liberal simbolizava com esta frase profética era o progresso em quantidade que avassalaria o mundo.

E Estrada nos põe em contato com o seu país para tirar conclusões de desalento. Ele vai até as origens da vida argentina, retrocede a um século, para nos falar com dó de Corrientes, San Juan, Salta, Santa Fé.

Que se fizera em século para a felicidade do povo? O progresso transformou as margens do rio da Prata em celeiro do mundo. Mas enquanto isto, há certas províncias onde populações inteiras não comem carne, onde meninos se alimentam de farinha de mandioca, enquanto nos cais de Rosario o trigo apodrece. Em La Rioja, Catamarca, Salta, Jujuy há enfermidades endêmicas matando populações de desnutridos.

Há carne e há trigo para a exportação, para os gordos dividendos do capitalismo de ganadeiros. Mas há, ao lado da riqueza dos grandes de Buenos Aires, a miséria de arrepiar dos pobres do interior.

JOSÉ LINS DO REGO

5. “O filho do imigrante” (09 jan. 1945)

Martínez Estrada trata do crioulo e do filho de imigrante como de duas maneiras de ser do argentino.

Para ele o crioulo é um ser que aparece em um lugar constituído e que já tinha criado as formas universais da vida argentina. É o homem que aceita a realidade e que não precisa desfigurá-la e nem alterá-la para acreditar nela. O crioulo é como um produto natural da terra. Ao passo que o filho do imigrante permanece com qualquer coisa da realidade paterna e, a cada passo, nos mostra que é uma criatura que não adere, e que traz em sua alma o clima, a paisagem, o idioma de suas origens. Nasce o filho do imigrante com algo de indômito, evasivo e renitente. Não penetra no profundo da vida argentina, não está conforme o povo a quem se ligou, e a sua atitude é quase sempre a afirmação de um desacordo íntimo. Muitas vezes vemo-lo a tomar o

partido do pai que fracassou, contra a comunidade. E assim permanece filiado a uma loja de dissidente ainda quando demonstre a sua vontade de servir ao seu país. “Habla de las cosas de acá y se resuena su voz como añoranza remota, semejante al eco que devuelven las montañas”.

E na crítica que faz às nossas obras toma sempre a defesa dos pais.

O filho do imigrante que participa da política, da arte, da ciência por um imperativo do instinto, exagera seu patriotismo, sua fé, sua vontade de construir. Quando é patriota é excessivamente patriota, dissimula os nossos defeitos e “jasa por alto lo molo, apela a las irritantes artimañas del que viola la ley en pro del amigo, encomia las instituciones nacionales hasta desprestigiarlas por el ridículo”. Exagera como todo aquele que não está verdadeiramente certo de uma ideia, como o Pedro convertido.

E, conclui o terrível Martínez Estrada, como não põe amor verdadeiro no que faz, o seu entusiasmo viciado tem a energia da pólvora. Pode ser um elemento de destruição.

JOSÉ LINS DO REGO

6. “Os caminhos de ferro na Argentina” (10 jan. 1945)

No estudo que faz do trem, isto é, do caminho de ferro, na Argentina, chega Martínez Estrada à conclusão de que a via férrea foi um sonho da metrópole que se estendeu como tentáculos sobre o pampa. E nos diz mesmo que toda a história política da Argentina, desde a colônia, sempre quis esta solução e encontrou no trem um grande elemento de sucesso. O trem é um unitário.

Para Estrada o problema “fundamental de nuestra vida económica es el transporte porque el problema fundamental de nuestra vida son las distancias, las cantidades, los tamaños y la soledad”.

O erro básico da política das comunicações na Argentina foi o de continuar a tradição colocinal, isto é, de pensar mais no interesse político e militar que na realidade social e econômica. “Nuestro ferrocarriles son copias de las líneas estratégicas antiguas, pero no son mercantiles, ni agro-pecuarias, ni comerciales. Poseemos vías que responden al pánico, productos del añelo de grandezas y del miedo a perderlos”.

Os trens correm pelos mesmos caminhos por onde andaram Rondean, Belgramo, San Martín. E para o cúmulo, o capital estrangeiro que veio para servir a esta necessidade político-militar, e não à verdadeira necessidade econômica, obteve dos governos cláusulas absurdas para lhes garantir os capitais. E estes governos cederam à ganância capitalista. É por isso que deram às companhias inglesas que construíram os trinta mil quilômetros de trilhos uma légua de terra,

de um lado a outro das vias férreas, como cobertura para os títulos da construção. Tudo que havia de melhor no pampa passava para o capital de fora.

Martínez Estrada conclui assim: “lo que llamamos progreso es lo que ha producido en una legua cada lado de las vías”. O triste é que a valorização das terras pelo caminho de ferro não serviria ao país, mas sim às empresas.

JOSÉ LINS DO REGO

7. “As duas línguas” (12 jan. 1945)

No estudo que faz da língua, Martínez Estrada traz os exemplos de Sarmiento e de José Hernandez como de duas forças criadoras que foram capazes de submeter o castelhano ao uso da vida argentina. Antes destes o que houvera nada mais era que retórica, pura cópia de uma linguagem feita para as classes, mais exercício de escola do que língua verdadeira.

As palavras que o conquistador trouxera com a sua ambição não correspondiam à realidade americana. Era preciso escrever uma língua que fosse uma parte integrante do viver, e não somente uma imposição do mestre-escola. Matam-se palavras e criam-se palavras novas. Todos os vocábulos subtraídos ao uso habitual morrem debaixo da violência de fatores de sangue e de ambiente. Podem estar amparados pelos adeptos do falar culto e erudito, mas terminam provocando o sorriso de desprezo do povo. Morreram de ridículo estas vozes caprichadas, que seriam suplantadas por outras de qualquer procedência, mais conformes às regras da alma, ainda que contra as regras da gramática. Porque antes de tudo um idioma não é o instrumento da lógica, mas da sensibilidade, e mais ainda da sensibilidade orgânica ou do subconsciente. É como diz Estrada: a “forma oral de la vida en primer término y es tanto más duradero cuanto más se identifica con el transcurrir de la propia vida y el variar; mueren menos las lenguas cuyo uso no remueve la massa y la psique, hasta que en el papiro se eternizan”.

É por isto os escritores como Lugones e Sarmiento, que manejam o idioma de autodidatas, sejam sempre os de língua mais rica e mais substanciosa, e mais concisos e mais sóbrios do que os maiores prosadores de Espanha. Enquanto ao rústico repugnam as palavras não aclimadas, porque dão preferência a outras de origens bárbaras e mesmo bastardas, insuflando assim o idioma de sangue novo, os eruditos ficam com a gramática para substituir os ímpetos da vida.

As elites argentinas, como as brasileiras, fogem da língua do povo para o cultivo da língua de estufa. E daí o conflito entre a língua que se fala, que é poderosa e humana, e a língua que se escreve, que é rígida e pobre.

JOSÉ LINS DO REGO

8. “Os ventos no Pampa” (13 jan. 1945)

Quando Gilberto Freyre procurou tirar dos ventos verdades sociológicas, forças que modelavam a alma do nordestino, houve quem visse nas suas descobertas apenas caprichos de literato a jogar com coisas sérias. Agora leio em Martínez Estrada que o fator mais duro da solidão argentina vinha dos ventos que varrem os pampas como um terrível inimigo do homem. É ele quem diz que sobre o mundo do Eoceno sopra um vento que parece vir do fundo das eras geológicas. É um vento persistente, fortíssimo, carregado de oxigênio, quimicamente puro, em correntes semelhantes a gulf-streams atmosféricos. Não há quem possa resistir. É um vento vazio, de gelo, que arrasta as montanhas, partícula a partícula arrancando-lhes tudo, limando-as, como se estivesse nos períodos iniciais da terra. Essa corrente de ar é a máquina eólica, com toda a sua potência primitiva. E sobre o homem esta máquina age como um triturador do corpo e da alma. Quem pretender resistir a este poder de Deus termina louco. O que tem a fazer a vítima é recolher-se a casas feias, sem-telheiros, é defender-se quase que em locas contra a fúria. Sopram eles do oeste e do sudoeste com tanta violência que impedem o cultivo; não há raiz capaz de reter-se no solo. As árvores se curvam rentes ao chão, morrem os animais.

E continua Estrada: Parece que este vento é o corpo invisível da solidão, porque é denso como aquele que Dante nos mostra no segundo círculo do inferno. É o vento estéril como o mar, o vento do mar, o mar como o vento.

A fertilidade deste mundo primitivo é quase toda mineral. O homem ali é somente uma ferramenta que não resiste ao tempo.

O pampeiro sobra deste inferno e cai sobre o pampa fértil como uma carícia do demônio. A terra gorda que tudo dá sofre, de quando em vez, o açoite infernal. E o homem se recolhe, se interioriza, se defende, foge para o fundo da casa rasteira, com medo do vento que corta como navalha.

E lá fora é o campo deserto, os animais a sofrer, as árvores a gemer. É o uivo do pampeiro sinistro. E nasce a solidão argentina pesada e triste.

JOSÉ LINS DO REGO

9. “Os políticos na Argentina” (15 jan. 1945)

São muito estreitas as semelhanças entre os nossos políticos profissionais e o curandeiro, o feiticeiro ou a parteira, diz Martínez Estrada, falando dos homens públicos da Argentina.

O primeiro passo para a carreira de político é ter uma casa cômoda. A casa do político passa a ser uma casa pública, como uma sacristia. Vestíbulo e sala de espera têm alguma coisa

de consultório. E assim vemos o político ligado ao comitê e aos amigos. E por isto a sua casa se transforma na casa de todos e o correligionário é como membro de sua família. Ele sabe que a sua missão é dar, servir ao eleitor, e, quando não lhe pedem nada, fica intranquilo como o médico diante de um paciente que aparenta perfeita saúde. Na sala onde ausculta, interroga e assiste o cliente, terá até que agir como um psicanalista, nas sondagens profundas da alma. E a clientela terá que lhe dar mais do que o voto, será uma espécie de prolongação da sua, nas informações que traz, nas revelações que faz. O papel principal do político é fazer promessas; e falar do futuro com a segurança de profeta, e ter confiança em alguma coisa. No governo, ou fora do governo, terá sempre que transmitir fé. A importância das promessas varia de acordo com o seu poder. Porém, o verdadeiro político não é o que dá, mas aquele que troca favores. Quando atinge o mais alto se transforma em ídolo, embora nele fique bem visível o que não pode dar. Enquanto ele dispõe da promessa como programa receituário, tudo vai bem.

O político se conserva no auge de seu prestígio, diz Estrada, desde que possa empregar frases ambíguas, abstratas, enquanto usa lugares-comuns e frases feitas, sem arriscar opiniões profundas. Mas, acima de tudo, deve transmitir a fé. E a fé se conserva pura quando o político demonstra que sabe de tudo um pouco, e quando tenha no coração anseios de bem servir ao povo.

E assim se formam os grandes homens, que, em certas circunstâncias, morrem pelas suas ideias e conduzem as massas a destinos certos.

JOSÉ LINS DO REGO

10. “O tango argentino” (17 jan. 1945)

É o baile das cadeiras aos pés. Da cintura à cabeça, o corpo não dança. Baile sem expressão, monótono, com o ritmo estilizado de uma ligação carnal. Não tem como outras danças um significado que fale aos sentidos, nem uma linguagem plástica que provoque movimentos afins no espírito do espectador, pela alegria, pelo entusiasmo, pela admiração ou pelo desejo. É um baile sem alma, para autômatos, para gente que tenha renunciado às complicações da vida mental e que só aspira ao nirvana. Baile do pessimismo, da dor de todos os membros, baile das imensas terras sempre iguais.

São palavras de Martínez Estrada sobre o tango argentino, dança popular do seu povo. O que o sociólogo descobre no baile de todas as classes de sua gente é uma tristeza de fundo quase que patológico. Aquela melancolia que provém de uma repetição de gestos que lembram o da fecundação animal, termina como se os dois corpos, em vez de procurarem a alegria de uma festa, estivessem em trabalho forçado. E lento, diz Estrada, com os pés arrastados, com o

andar do boi. Não tem a graça da sensualidade, em movimentos de música; tem a seriedade de um coito sem a grandeza de um prazer de amor. Não se procure nele nem música e nem dança, porque só existe naquele tardo passo de homem e mulher em ação um único gesto, como se fosse uma repetição de loucura mansa. E Estrada procura as raízes desta dança pensada triste na formação moral da sociedade que se criou na solidão. O centro psicológico de tudo está situado na tristeza argentina, estado de ânimo muito complexo.

É que faltou aos nossos irmãos do Sul um pouco mais da influência africana que encheu a nossa música de ritmos de muito vigor plástico. E o que o homem da solidão inventou para expandir-se é a figuração coreográfica de uma mágoa profunda. Não é um baile que o arranque do sedentarismo doentio, é o tango sem força, bambo, lasso, sem alegria ginástica, todo feito como um enfado da alma.

JOSÉ LINS DO REGO

11. “As universidades argentinas” (15 mar. 1945)

Noticia-se da Argentina que as Universidades de lá, que estavam sob regime de intervenção, acabam de se libertar da ditadura pelo voto de seus docentes rebeldes.

É mais uma vitória da inteligência contra a força cega de regimes políticos que ousam submeter os valores do espírito ao arbítrio de golpes tirânicos.

Quando estive em Buenos Aires, em 1943, havia o chamado Superior Governo atacando, com todas as fúrias, as grandes Universidades do país. E mais ainda, havia, por um decreto estúpido, posto para fora das suas cátedras os grandes mestres que não se conformaram com a posição internacional da nação em neutralidade, numa guerra contra o fascismo. Mas os regimes de força são, no final, pobres regimes de fracos. Quando se desgasta a sua energia criminoso eles não têm meios de reagir contra os fatos. Caem de podres quando não são destruídos pela santa cólera do povo.

Para muita gente, há três anos atrás, parecia um fato consumado a violência que fechara os centros culturais da Argentina. Que poderiam fazer, contra um governo de ditadura militar, os pobres professores, de La Plata, de Rosario, de Buenos Aires? Para a maioria tudo estava reduzido ao decreto. Mas os pobres professores possuíam a maior arma deste mundo, eles dispunham da inteligência, e da inteligência a serviço da liberdade do homem, da cultura, de um humanismo revelador de verdades. O espírito da Universidade era maior que o Superior Governo de Farrell e de todos os déspotas.

O estado era que se devia entregar às inspirações de suas escolas superiores, e não escravizar a sabedoria, reduzir a ciência à serva de suas vontades, quase sempre vontades de

Caliban. E, quando Ariel se arroja às tempestades e supera todos os ventos maus, é que o mundo começa a criar consciência de gente livre, contra a estupidez que comandava sem freios e sem medidas. As Universidades que se libertam na Argentina darão ao povo esmagado pela ditadura o roteiro de seu único destino.

JOSÉ LINS DO REGO

12. “Ghioldi” (23 maio 1945)

Falara-me sempre Graciliano Ramos de um seu companheiro de prisão que lhe parecera um grande homem. O velho Graça não é dado aos elogios fáceis e, por isso, me ficara o nome deste seu amigo muito bem gravado na memória. Tratava-se do líder argentino Rodolfo Ghioldi, encarcerado no Brasil por delito de opinião.

Depois, em Montevideu, fui descobrir, no desterro, o homem da franca admiração do romancista. Lá o encontrei na casa modesta, de pobre, com mesa de pinho, sem verniz, com a mulher e o filho, numa convivência de magnífica alegria. E muito conversei com Ghioldi, e muito me perguntou sobre o Brasil. De tudo sabia ele tanto quanto eu. Mas o que mais me espantou no homem de serenidade tocante foi toda e qualquer ausência de recriminação. O fato de o Brasil haver entrado na guerra contra o fascismo era como que se tivesse lavado os erros dos seus homens. O casal Ghioldi queria saber dos seus amigos, de coisas e fatos da nossa terra, com tal interesse e ternura que me comoveram. Em Montevideu Ghioldi era um chefe, em torno dele se formara o grupo de homens livres que combatiam o Governo fascista de Ramirez e Perón.

Pondo de lado a política, conversamos demoradamente sobre literatura. E então eu ouvi de Ghioldi uma crítica dura às tendências anti-regionais da novela argentina. Para ele a vida de um *Don Segundo Sombra* continuava como a grande base da novela dos pampas. E era ainda o canto de *Martín Fierro* o que, de fato, mais existia como o lastro poético de sua terra. Ghioldi é um leitor do romance brasileiro. A sua mulher traduzia, naquele instante, Jorge Amado. “Vocês no Brasil – me disse ele – estão no bom caminho. Só com a dura realidade do povo é que se pode fazer viver uma literatura. O diletantismo dos nossos escritores, a finura, os requintes, tudo isto pode fazer uma esplêndida composição literária; não fará uma literatura. O que existe, realmente, é o povo. Sem ele não há salvação”.

Teria sido isto o que me dissera, na tarde de frio, o grande homem de que me falara Graciliano Ramos, e que fora encontrar tal qual como me pintara o romancista. O grande Ghioldi.

JOSÉ LINS DO REGO

13. “O discurso de Ghioldi” (30 maio 1945)

Rodolpho Ghioldi falou ontem para os seus amigos, no jantar da A.B.I., e mais uma vez o homem de ideias claras e de caminhos seguros teve uma oportunidade de se revelar o magnífico dirigente que é. E como assunto de sua fala tomou o tema da integração política ibero-americana que reacionários, de todos os matizes, exploram como mero pretexto de dividir as Américas, criando ora divergências culturais, ora separações geográficas como vontade de confederar povos de língua espanhola. Acha Ghioldi que tudo isto nada mais é do que uma cavilação de origem fascista, a que não está alheia a Falange de Franco.

Pretende-se, com a chamada “Ispanidad”, criar uma situação de exclusivismo para os iberos da América, pondo-se de lado o Brasil. Para Ghioldi, a crise ainda seria mais grave, porque o tal movimento se apresenta quase que com uma índole antibrasileira.

Há nas elites de certos países sul-americanos uma tendência espanholizante, de caráter colonial, de ligação com um espírito de metrópole intelectual, e de predominância, contra o espírito “criolo”. Ouvi muita gente, em Buenos Aires, falar da literatura de um Hernandez como de matéria secundária. O que conta para esta gente é a europeização sistemática da cultura. E para isto terão que excluir o povo de suas cogitações. A “Ispanidad” é uma teoria política contra o povo. Seria uma espécie de “filipismo”, a essência doutrinária da Falange.

Quando Ghioldi se revolta contra o luxo dos salões literários de Buenos Aires, que mantém filósofos privados e se alimentam dos restos da Europa, é porque ele sabe que não haverá nunca uma originalidade americana com semelhantes propósitos de subserviências. A senhora rica que para dar o título a uma revista que pretendia fundar precisou telefonar a Ortega y Gasset, em Madri, é uma medida exata da mentalidade de uma classe que quer viver a vida colonial, na dependência dos mestres de além-mar. E de mestres que são os inimigos do povo, os que pretendem continuar neste século, que será das massas redimidas, um regime de vida de senhores e escravos.

A Falange de Franco trabalha nas Américas para corromper a força nativa de povos que caminham diretamente para uma completa libertação.

JOSÉ LINS DO REGO

14. “A situação argentina” (31 maio 1945)

Os grandes jornais de Buenos Aires comentam os últimos fatos políticos brasileiros para, indiretamente, poderem criticar a situação interna da Argentina.

Há na grade nação americana um Governo de fato que pôs à margem de sua vida a lição democrática de todos os grandes homens de sua história. Voltou-se a Rosas ali como em Espanha voltaram a Felipe II, com o sacrifício de conquistas do povo, com o ultraje às tradições de mortos como Sarmiento, Rivadavia e todos os condutores da democracia platense. A doutrinação internacional do fascismo, que dera, entre nós, o chamado Estado Novo, serviu-se do militarismo argentino e forjou o golpe que levou um general ao poder. A Alemanha por este tempo tinha a vitória como favas contadas, a propaganda nazista, com aparato, mantinha jornais, escolhia adeptos no meio de gente do alto mundo, da alta indústria, de fazendeiros e, sobretudo, trazia envolvidos pelos cantos de sereia grupos de militares e graduados do Clero. Tudo estava feito, com a dura ordem nazista. O fato é que o golpe de maio trazia para o Governo de Buenos Aires uma aliança ideológica com o Eixo que só não se transformou em aliança militar porque as proximidades com a Norte-América se faziam notar, com evidência, com o Atlântico Sul bem vigiado por esquadras com determinação para luta.

Tudo fez este Governo para animar o povo argentino, povo radicalmente favorável aos aliados, a tomar partido pela causa nazista.

Pois bem, após a vitória dos homens livres, vencida a Alemanha, que faz o Governo que mantinha tantos pontos de contato com os inimigos do mundo?

O chamado “superior Governo” de Farrell bota na cadeia os homens que sempre se bateram pela aliança com as Nações Unidas, acusando-os de “quintas-colunas”!

Trata-se, como se vê, de conduzir ao máximo da grosseria o tal realismo político, tão evocado para crimes e traições desta natureza.

JOSÉ LINS DO REGO

15. “D. Jacinto” (25 ago. 1945)

Os jornais de ontem, no seu noticiário marítimo, falaram de D. Jacinto Benavente, que demandava à Argentina, em missão cultural do governo de Franco.

Até aí tudo muito bem. Um literato de segunda ordem, apesar de prêmios de consagração internacional, vinha a serviço de uma ditadura para nos impingir, aqui pela América, o seu teatro medíocre. O que nos espanta é que se dê atenção aos desfrutos de um velho lacaio que se atreve a abrir a boca para elogiar com ardor senil a censura que atualmente domina em seu país. Este desgraçado agente falangista atravessa os mares, e chega à América com intuitos de nos iludir sobre os fatos e a verdade das coisas. Para ele o regime de Franco protege as letras porque as escraviza, mas por outro lado paga viagens e subvenciona mercenários que lhe gabam as misérias. É triste que um Benavente degrade, até este ponto, os seus restos de vida. Afinal de

contas o seu nome carregava uma certa importância. Se nada de grande criara para um teatro que já dera ao mundo os Quevedo, os Calderón, pelo menos crescera em notoriedade, e merecia um destino mais digno. Chegar aos oitenta anos para ser um moço de recado de uma tirania, é demais. As suas palavras trêmulas cobriam a vergonha desta traição. E contam os jornalistas que o velho ansiava por saber notícias da Argentina. Os telegramas falavam do povo nas ruas a reclamar liberdade e Benavente queria saber de detalhes. Haveria perigo, haveria alguma revolução? A ditadura o mandara para uma missão de espírito. Ele era só do teatro, não pensava em política. Os jornalistas tranquilizaram o velho alarmado. E mais tranquilo D. Jacinto soltou a língua e foi pródigo em elogiar a vida de sua Espanha sob o jugo de seu chefe e pai, o generalíssimo. Aqui na América só trataria de teatro.

E os seus companheiros de “troupe” não perderam tempo. Espanha estava magnífica. Não faltava nada. Havia pão, vinho, carne, e ordem. Um carmelita que fazia parte do grupo ajudou os “cômicos” na gabação ao tirano.

Tudo estava muito bem ensaiado naquele Cabo da Boa Esperança.

JOSÉ LINS DO REGO

16. “Sarmiento vencerá” (30 ago. 1945)

Faltou ao Brasil, nos princípios de sua fundação democrática, um homem como Sarmiento, com o idealismo quase que evangélico do grande criador do *Facundo*, um homem que, sendo dos livros, fosse, no entanto, tão da terra, tão afundado na realidade. O mestre-escola rude, de rompantes que o faziam parecer um “pancada”, desde os começos de sua vida sentiu no essencial a realidade argentina. A realidade deste escritor não estava nos seus tratados de pedagogia ou nos mestres teóricos do liberalismo. Sarmiento olhava de perto o povo. E o que ele via no povo era o mais baixo estado de vida. O argentino de seu tempo, que não era da minoria das fazendas, os senhores donos da terra, não passava do desgraçado “gaúcho”, que os caudilhos manobravam ao gosto de suas paixões. Rosas, o caudilho maior, mandava nas vidas como em reses. Mas Sarmiento procurava o cidadão de uma democracia. E como transformar os bandos armados, os aguerridos campeadores em homens com a consciência esclarecida para o exercício de seu poder civil?

Sarmiento traçou os planos de uma campanha contra o analfabetismo. O homem “pancada” virou um pastor evangélico. Para ele – nos diz Reissig – alfabetizar era o princípio para transformar os homens em agentes da democracia. A Argentina carecia de cidadãos. O mal, a verdadeira lepra da cidadania, estava no analfabetismo. Sarmiento põe de lado a sua fabulosa vocação de escritor, abandonada a sua própria vida, e cria a escola argentina. “Cuando

actuó sobre el niño pensó ya en el ciudadano, sin descuidar al niño; cuando se ocupó del progreso técnico i económico, no fue el aumento de posibilidades y de riqueza lo que le guió, bien que lo consideraba necesario para el progreso del país, sino la urgencia de construir una nación, pieza sobre pieza y desde cimientos firmes”.

Aí está a visão genial de Sarmiento. Era que ele era ao mesmo tempo um homem teórico e um homem prático. Um prático que se alimentou de sonhos, de um amor extremado ao homem de sua terra. Os militares que, atualmente, tomaram o poder na Argentina são, em todos os sentidos, anti-Sarmientos. Para eles o poder será o que foi para Rosas, um sistema de esmagar o cidadão. A diferença é que os de hoje tiveram mestres alemães para o ensino das armas.

Mas tenho a certeza de que Sarmiento vencerá o arrogante Perón.

JOSÉ LINS DO REGO

17. “Carybé” (19 set. 1945)

Conheci Carybé em Buenos Aires e logo o estimei como criatura de minha inteira predileção. É homem de primeira ordem, de natureza exposta à simpatia, à admiração. Vi depois a sua arte, os seus desenhos para um livro brasileiro, e nada exprimia mais o homem Carybé que a sua maneira, a sua simplicidade, o seu teor de cultura. Artista e homem são, assim, de contatos fáceis, sem complicações ou segundas intenções.

Volto a encontrar-me com Carybé na sala de exposição do Instituto dos Arquitetos. E lá mais íntimo me torneio de sua arte pessoal e humana.

Há no jovem brasileiro que se enraizara em terras outras, de formação, de colorido, de luz, tão estranhos ao Brasil, uma camada de ternura que o universaliza, que o arrasta da preocupação anedótica, para transformá-lo em pintor da terra e do homem, mas muito mais de uma comunidade de sentimentos. Aqueles coloridos de Carybé parecem de um começo de mundo. E esta força da poesia, que consegue transferir do exótico ao natural, domina em certos aspectos da pintura de Carybé, como uma libertação. Às vezes se deixa ele contaminar por um quase absurdo folclórico, querendo dar mais importância ao banal que ao cerne das coisas. No entanto, a sua imaginação reage a tempo, e vemos que o que podia parecer um episódio anedótico se realiza numa original interpretação. A arte será assim um filtro, uma elevação ao sublime do fato que poderia ser somente a banalidade. A arte de Carybé é quase sempre assim.

Veja-se a sua interpretação do *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Quem compreendeu com mais sentido realístico e poético o lendário herói?

Acredito que Carybé conseguiu superar até o grande Mário na criação da fabulosa personagem. Ali está um Carybé magnífico e poderoso, no desenho, na concepção, no fulgor da poesia.

Quando em Buenos Aires ele me mostrara a sua galeria de aventuras e gestos do *Macunaíma* tive a impressão exata de que me encontrava com um autêntico criador.

JOSÉ LINS DO REGO

18. “O livro na Argentina” (23 jan. 1946)

Acabo de receber do editor Losada o meu romance *Banguê*, em magnífica tradução castelhana. A edição é bonita, em papel durável e toda a composição, me parece, limpa. E assim o autor ficou radiante, e muito grato ao tradutor Navarro e muito satisfeito com o seu editor Losada. Até aí nada demais. Mas é que este livro brasileiro, tão bem tratado em Buenos Aires, me leva a refletir sobre o progresso que atingiu a produção editorial argentina. A indústria do livro por lá tomou um impulso estupendo.

Não há muito tempo o velho Ricardo Rojas expunha as razões da fraqueza do mercado produtor de livros em seu país. Dizia o grande historiador que a razão maior provinha da falta de uma indústria papaleira.

Entre nós, uma de nossa desgraça vem justamente de uma indústria de papel que se transformou em verdadeiro ogre de nossos livros. Rojas reclama fábricas de papel, e nós padecemos de fábricas de papel. E acredito que a indústria do papel, com todas as suas proteções, seja a maior responsável pela miséria do nosso livro.

Rojas depois de apresentar uma causa material para justificar a debilidade do mercado livro passa a descobrir o que chama de causas morais. E atribui a indiferença do público pela literatura, a “cantidad de residentes extranjeros o de criollos elegantemente desvinculados [de] nuestra vida literária”. E mais ainda Rojas se queixa das preferências pelas produções de baixa categoria. E vai além, para afirmar que não se lê na Argentina por que perdem “ocios que pudieran ser fecundos pero que se entregan al cinematógrafo, y al fútbol y a la radio con detrimento del libro”.

Aí Rojas chega a causas que não são da Argentina, mas de todo o mundo. O fato é que, apesar de todas estas restrições do mestre Rojas, o livro argentino avançou muitos pontos, na sua fatura, no nível cultural, na sua seleção de valores. E hoje invade os mercados de língua espanhola e se vende aqui no Rio, com a mesma procura dos livros franceses.

Mas que não se lembrem os argentinos de montar uma indústria papaleira porque assim estarão perdidos.

JOSÉ LINS DO REGO

19. “Perón desafia” (02 fev. 1946)

A demagogia do coronel Perón tropeçou em pedra dura, no seu caminho para o domínio fascista. As acusações ao Governo americano assumiram aspectos de um incidente de caráter grave.

Agora, Perón não trepidou em apontar os agentes diplomáticos americanos como contrabandistas de armas e elementos de provocação. E sucedeu o que só podia acontecer. O Governo dos Estados Unidos responde ao insulto do Coronel com um quase “ultimatum” ao Governo Farrel.

Pergunta o Departamento de Estado se o Governo argentino se associa aos agravos do candidato, tão das preferências da camarilha da Casa Rosada. E aí está o começo de uma contenda que não sairá a gosto do fegoso Coronel.

Perón nada mais é do que a exacerbação do militarismo que Sarmiento havia derrotado. A crise que atravessa a democracia argentina não é coisa nova em sua história. Vem de Rosas este insulto de tirania que atinge as liberdades de um povo que soubera vencer, pelas ideias, pelos costumes, pelo trato internacional, uma doença que atacara as suas instituições nos princípios da sua formação social. O caudilhismo parecia extinto na vida política da Argentina. As conquistas liberais que a sabedoria de Sarmiento e a argúcia de Rivadavia conquistaram contra as arrogâncias e barbaria caudilhescas pareciam bem formadas na consciência da nação inteira.

Mas aconteceu o fascismo no mundo. E os germes do “racismo” proliferaram. Uma perigosa camarilha de militares, trabalhados pela propaganda nazista arrebatou o poder das mãos vacilantes de detentor fraco e corrompido. E o que dava a impressão de uma democracia se transformou numa ditadura grosseira, num regime que tudo tem dos tempos perigosos das incursões [do] *Facundo*. A história dos golpes militares que abalaram a vida política e social da Argentina humilha um estado de civilização que se implantara no Prata.

Agora esta [tensão] do poder sem limites chega ao fim. [Perón] desafia o [Departamento de Estado] [ilegível] de frente o Governo americano. Terá ele forças para dominar as tempestades que espalhou?

JOSÉ LINS DO REGO

20. “O homem justo e o homem livre” (17 abr. 1946)

Vicente Fatone, na classe inaugural de um curso da Fundação Sarmiento, no Colegio Libre, de Buenos Aires, tomou a liberdade, na história do pensamento argentino, para nos revelar a grandeza moral dos fundadores da democracia de Mayo.

“Seamos libres y lo demás no importa nada”.

Estas eram palavras de um general da independência, o herói San Martín, homem de uma consciência civil que não seria superada nem pela geração de Sarmiento. E quando os ideólogos mais puros chegaram para lutar contra a barbárie a figura do soldado libertador não seria nunca a sugestão para o menor gesto cezarista.

Aparece então um Alberdi para viver e ensinar democracia. E é ele quem diz que a liberdade da pátria é uma face da liberdade do homem civilizado, começo e fim de todo edifício social da raça humana. Pátria para Alberdi não era uma palavra bonita, era a nação livre. E estabelece ele, como fundamento de um povo, não só a sua independência política, em relação ao estrangeiro, mas a liberdade de cada cidadão em relação ao Estado. Porque não pode haver cidadão capaz de se governar onde o poder do Estado governa tudo. Aí Alberti se liga a [ilegível], que só [ilegível] a liberdade de um país quando esse fosse uma terra de homens livres. Um país de escravos não seria uma pátria de verdade, mas um [ilegível] de nação de escravos.

E para construir esta pauta os homens de Mayo [ilegível] questão [ilegível] de uma vida privada [limpa]. O que [ilegível] chamavam de vida privada devia ser a parte fundamental da vida [pública]. [ilegível] das vidas como [ilegível] [ilegível] [ilegível].

A vida privada ainda que seja invisível, não será uma vida secreta. E Alberdi nos diz que só tem direito a uma vida [pública] digna quem [ilegível] por ter uma vida privada da mesma forma digna.

[ilegível] as [ilegível] da vida pública [parecem] limpas, porém [ilegível] [ilegível] [ilegível] dessas [ilegível] [ilegível] [ilegível].

É só a liberdade do homem justo será capaz de unificar as [instituições]. [ilegível] [ilegível] [ilegível] para a grandeza do homem.

JOSÉ LINS DO REGO

21. “Os argentinos e a liberdade” (20 abr. 1946)

Vicente Fatone estuda as origens liberais da Argentina para concluir pela afirmativa de que o exercício permanente da liberdade é o que permite a realização de formas especiais de liberdade. Quando os filósofos dizem que para se viver em liberdade precisamos conquistá-la

e merecê-la, querem nos convencer de que só merecem a liberdade o civil que possui a liberdade moral. Porque, sem esta, toda a luta pelas outras não passa de uma disputa de mercadores.

Não há assim ciência política sem uma primordial ciência da liberdade.

E se o povo argentino não tem avançado na política além de um estado rudimentar, diz o mestre Estrada, não será porque seja livre em excesso, mas em vista de suas restrições à liberdade.

Às democracias sul-americanas têm faltado sabedoria moral, embora lhes sobre sabedoria política. As ditaduras que nos esmagam, de quando em vez, são criações e frutos de uma moral vacilante. Existiu Rosas em virtude da fraqueza moral de seus contemporâneos. A nação não tivera força para reagir contra a doença, e para muitos a doença parecia a verdadeira saúde.

Mas a Argentina tem tido a sorte de homens que sabem onde está o foco de infecção, ou o podre de suas instituições. Houve por lá um Estrada que, de sua cátedra, dizia que a vida mais perfeita seria aquela que mais se aproximasse de Deus. E se Deus é livre, a vida mais perfeita só pode existir na liberdade.

Outro mestre, o grande Alexandre Korn, afirmou, certa vez, que Argentina e liberdade queriam dizer a mesma coisa. No hino da pátria há três vezes a palavra liberdade. Korn queria referir-se à liberdade criadora. E se Korn não fala de Deus, como Estrada, é porque Deus está mais vivo na sua consciência do que nas suas palavras.

Fantone termina a sua conferência com estas conclusões: A liberdade é o mais argentino dos conceitos. A história do nosso pensamento é, pois, a história do conceito de liberdade. E o pensamento que ponha obstáculos à liberdade e pretenda negá-la não é um pensamento argentino.

JOSÉ LINS DO REGO

22. “A universidade argentina” (07 mar. 1947)

Manda-me um amigo, de Buenos Aires, um jornal com lista, ainda incompleta, de professores demitidos, jubilados, pelo Governo Perón, de cátedras universitárias.

O número de mestres postos à margem do ensino é de alarmar e estarrecer. E não só pela quantidade, mas pela qualidade dos homens que a ditadura legal da Argentina expulsou da vida mental da nação.

A muita gente tenho mostrado o jornal, com a espantosa lista, e o único gesto de reação que o quadro deplorável provoca é o da mais veemente revolta.

Lá estão os maiores homens da literatura, da medicina, da ciência pura, das artes, da filosofia do país, considerados pelo Governo como indignos das cátedras, incapazes de contato com a mocidade.

E assim o Governo general Perón, com a exoneração de milhares de professores, decapitou a Universidade Argentina.

O golpe de morte contra as liberdades do homem seria dado, justamente, em sua cabeça, para definitivamente acabar com a sua dignidade de pensar livremente.

Os mestres que foram considerados nocivos pela ditadura platense são daquela mesma categoria que Hitler pusera para fora da Alemanha, como pestilentos, os tais homens de cultura que tanto exasperaram os chefes nazistas. Goering dizia que quando lhe falavam em cultura ele levava logo a mão ao cabo do revólver.

Como bom discípulo, Perón voltou-se contra a Universidade, para estrangulá-la. Todos nós sabemos que tais grandezas da Argentina repousavam no poder de suas Universidades, colégios de altos estudos, do ensino técnico, verdadeiros centros de cultura que causavam assombro, pelo alto grau de sabedoria de mestres que já eram glórias do Continente.

Quando estive em Buenos Aires, em 1943, fui, em companhia de colega, à procura do professor Bernardo Houssay, fisiologista de renome mundial, já naquele tempo demitido de sua cátedra porque se manifestara ela rotura de relações de seu país com a Alemanha.

Walter Oswaldo Cruz, meu companheiro, queria demonstrar ao seu mestre Houssay a sua solidariedade. E em casa modesta encontramos o maior nome da fisiologia sul-americana, sereno, com os seus instrumentos de laboratório espalhados pela sala de estudo, sem uma palavra de ira. Apenas o mestre Houssay nos disse: “Meus amigos, isto é o começo”.

A Alemanha fora vencida, mas na Argentina não fora vencido o fascismo. Lá continua a decidir, como dona de tudo, aquela força que conduziu o braço de Goering a sacar do revólver contra a inteligência, contra a cultura, contra a liberdade.

JOSÉ LINS DO REGO

23. “Uma viagem ao Prata” (04 jun. 1947)

O líder católico Alceu Amoroso Lima, homem de bem, a toda prova, e homem de letras dos mais lúcidos do Brasil, foi ao Prata e de lá voltou aterrado.

Pelo menos é o que se sente em sua conferência proferida ontem na A.B.I.

O que ele viu e o que escutou em terras argentinas é para alarmar e confundir. Viu e escutou uma nação dominada por uma paixão perniciosa, pelas arrogâncias de um nacionalismo

que avança sobre o povo, para possuí-lo, da cabeça aos pés, e depois conduzi-lo a caminhos de perdição.

O católico entrou em contato com o perigo maior da América, com um foco de guerra que, em breve, infectará o Continente.

Perón nada é mais do que um Rosas com curso de estado-maior, e senhor de armas e com homens muito mais perigosos que os do tempo do vice-reinado.

Os sonhos de Rosas são hoje dados concretos nas mãos de Perón. Faltavam ao caudilho de 1850 as condições materiais de que hoje dispõe o caudilho de 1947.

As armas que Perón acumula e os homens que treina não estão em depósitos para manobras. Perón, como todo o ditador, sonha com uma guerra que dê ao seu Governo mais terras, mais riqueza, mais poder.

Pelos cais de Buenos Aires, viu o Sr. Alceu de Amoroso Lima quilômetros de material bélico acumulado e, no interior do país, quartéis e campos de treinamento para paraquedistas. Tudo a olho nu, numa evidência de quem nada teme.

Enquanto isto o povo é alimentado, como fora na Itália e Alemanha, por um sonho de grandeza sem limites. Procura-se inocular no argentino uma ambição doentia. Incha-se a vaidade da gente boa, para assim facilmente levá-la ao crime da agressão. E tudo muito igual ao que se fez na Europa, com a preparação sinistra de Hitler para a guerra monstruosa de 1939.

As palavras do escritor brasileiro me abalaram.

Escrevo esta crônica de hoje completamente dominado pelo pavor de um futuro medonho. Porque verifico que o exemplo da Justiça de Nuremberg nada produziu em homens que caminham pelos maus trilhos de Munique. Os poderosos do dia toleram tudo de gente que se arma contra a paz. E mais do que isto [animam] os criminosos.

Ao embaixador americano em Montevideu perguntou o Sr. Alceu de Amoroso Lima porque vendiam os Estados Unidos armas aos argentinos, e o diplomata lhe respondeu mais ou menos isto: “Porque outros vendem e nós não queremos perder um bom freguês”.

E assim se articula neste Continente uma carnificina para o regalo de mercadores de armas.

E esta guerra civil do Paraguai muito se assemelha àquela outra guerra civil da Espanha, jogo de covardia e ganância a destruir uma nação desgraçada pelas intrigas e interesses de outros.

JOSÉ LINS DO REGO

24. “Um assunto perigoso” (06 jun. 1947)

Volto a tratar do caso argentino porque foram inúmeros os telefonemas que recebi de gente que me aplaudiu pela [onda] de alarma.

E se insisto no assunto é porque sei que é este o terrível problema que nos assusta.

Ontem Braden foi posto fora do Departamento de Estado, um ano após a posse de Perón, como se o Governo americano quisesse fazer um régio presente de aniversário ao ditador-presidente.

É mais uma vitória da ditadura portenha contra a política do Livro Azul, coloca a Argentina em posição de país líder do Continente. As transigências da grande democracia abrem um enorme campo para ação do fascismo entre as nações livres da América.

Se Braden foi um grave erro, com a sua grosseira instrução em assuntos de política interna do país ameaçado pelo fascismo, erro maior será a tolerância para um fascismo que pretende se transformar em ameaça à paz continental.

Nós do Brasil entramos numa guerra para salvar o mundo de uma peste. Perdemos sangue e vida em campos da Itália. O nosso solo foi um trampolim para a invasão da Europa escravizada. Estivemos, em todos os instantes da luta, ao lado dos povos que resistiam ao nazismo. Pelas nossas costas desprotegidas andaram corsários matando brasileiros. Sofremos todos os riscos da guerra. E tudo isto enquanto a Argentina fazia comércio com o seu pão e a sua carne, e permitia que, protegidos pela sua bandeira, os inimigos da democracia se organizassem para o momento agudo.

Passado o perigo tudo aconteceria como na outra grande guerra. Nada teria o Brasil pelos seus enormes sacrifícios, e tudo teria a Argentina, pela neutralidade de seu Governo, que não representava uma absoluta vontade da nação disposta ao serviço da humanidade.

A conferência do Sr. Alceu Amoroso Lima nos adverte de um perigo. De um perigo que cresce como uma calamidade que se aproxima.

JOSÉ LINS DO REGO

25. “Do bigodinho de Hitler aos bonitos olhos de Perón” (10 jun. 1947)

Lembro-me de tudo como se fosse hoje. Havia sido invadida a Polônia e os países aliados declararam guerra à Alemanha.

Então todos nós democratas nos colocamos ao lado da França e Inglaterra. Era uma guerra de agressão fascista e não podia haver dúvida alguma, teríamos que estar com os povos da democracia.

Mas os nossos amigos vermelhos não concordavam com este nosso gesto. E nos dizia: “esta guerra é uma guerra de tipo imperialista. Tanto a Inglaterra quanto a Alemanha outra coisa não fazem senão lutar pelos mercados. E por isso tanto nos faz Hitler quanto o Governo de Sua Majestade”. E os tais possuidores exclusivos da verdade chegaram até ao elogio da Alemanha.

Acontecera o pacto de não-agressão russo-alemão, e o sorriso misterioso de Stalin, ao assinar o tratado, parecia a muitos de nossos amigos um selo de paz eterna. A Polônia era fascista e não fazia mal, portanto, que os latifundiários de lá sofressem o massacre de Varsóvia.

Conheci vermelhos satisfeitos com a queda de Paris, com os bombardeios de Londres. Tudo aquilo não era outra coisa que o fim do capitalismo.

Mas quando Hitler invadiu a Rússia a tal guerra imperialista se transformava de repente em guerra de libertação. E o reacionário Churchill passou a ser, na boca dos meus amigos vermelhos, um velho duro, um chefe decidido. E o imperialista Roosevelt, como por encanto, criava asas de anjo da democracia.

Os maiores inimigos do povo, da demagogia rubra, seriam agora vozes do povo a bradar contra o terrível inimigo que era o nazista invasor. E uma guerra imperialista, pela disputa dos mercados, passava a ser uma guerra santa contra o fascismo. Todos os miseráveis reacionários do Ocidente tiraram assim carta de libertadores.

Por tudo isto não me espanta que os rapazes vermelhinhos estejam loucos pelos bonitos olhos de Perón.

Porque já os conheci muito caídos pelo bigodinho de Hitler.

Às vezes a dialética dos científicos se confunde com o realismo dos cínicos.

JOSÉ LINS DO REGO

26. “Atualidade do Facundo” (19 ago. 1947)

Facundo continua tão vivo quanto nos dias de Sarmiento. Aquilo que era a razão de sua vida, o princípio de sua realidade, é o que permanece, é o que existe como fundamento de uma política. Diz-nos Martínez Estrada que o Facundo é o panorama de uma organização fraudulenta, semelhante ao oitavo círculo do Inferno de Dante. Não é a barbaria, mas a frade, a simulação da lei, pois a barbaria não é outra coisa que sua cópia em bruto da civilização.

Facundo continua, mesmo quando fala em fraternidade continental, mesmo quando usa a melhor flor de sua retórica grandiloquente. O que está por debaixo da casaca talhada em casimira inglesa é o coração sem dó e sem piedade, é a fome de poder sem justiça, é a arrogância de quem tem o que dar, mas que só dará para corromper e viciar.

Todas as palavras que a boca lança aos ventos são palavras que escondem o conteúdo de uma situação que só ilude aos que se querem iludir.

“La contemporaneidad de Facundo nos previne de que cien años hemos vivido en la ingenua suposición de que el país progresava moral y culturalmente en avance paralelo y sincrónico con el adelanto material”.

Esta é a conclusão do Mestre Martínez Estrada, em livro que é um espelho da alma do seu povo.

É ele quem nos diz que o panorama e o elenco político e social de Facundo variaram, porém, as linhas fundamentais, o mapa dos acidentes étnicos, políticos, sociais e culturais têm a mesma validade terráquea do mapa geográfico que a tudo dá forma e calor.

E assim Facundo permanece, mais perigoso, mais ferino, mais terrível do que nos tempos de Sarmiento.

“Porque nuestros enemigos hoy no están, como en tempos de Sarmiento, al frente, en la trinchera opuesta, sino que junto a nosotros emplean en propio provecho los beneficios de las instituciones democráticas y hacen inevitable el yugo actual de la vieja traición”.

JOSÉ LINS DO REGO

27. “Perón, o leão e o cachorro” (12 set. 1947)

Falando para os seus “descamisados” lhes dizia Perón, em tom de discurso, que lembra uma passagem de conto oriental: “Eu tenho um cachorro que se chama Leão. Quando eu grito “Leão”, ele vem para mim. E não é um leão, [é] somente um cachorro”.

Queria com isto o ditador afirmar que há palavras que não correspondem à realidade, que são meras palavras sem sentido, sem vida, palavras mortas, a designar coisas que não existem.

O homem Perón terá o seu interesse para quem procurar a Argentina para deter-se sobre um povo que mudou de hábitos e costumes. Conta-se que, quando aqui esteve certo político argentino, homem da velha raça dos estadistas que corresponderiam, entre nós, aos chefes de nossa primeira República, dissera ele, a amigos: “Como vocês suportam o Vargas? Pois, na Argentina nós já superamos este período caudilhesco”.

Vieram, porém, os fatos para mostrar que o fenômeno caudilhesco de lá apenas emigrara do campo para a cidade. O novo caudilho não seria mais um Rosas, Facundo absorvente, cruel, a pretender isolar a nação do mundo, mas um homem que fosse uma síntese daquilo que o sociólogo José Luis Romero, mestre dos mais argutos da história argentina, chamou de “mentalidade aluvial”.

E o que seria então esta mentalidade aluvial, da qual Perón seria uma espécie de símbolo?

Romero nos fala da mentalidade da massa, que resulta da justaposição de elementos que provém de distintas origens, sem mesmo excluir as tradições criollas.

O argentino que se formou pelas correntes emigratórias cresceu vertiginosamente, abafou as minorias que se requintaram em civilização ocidental e se impôs pelo volume sobre o país. Martín Fierro, o herói da terra, cedeu o seu lugar ao cantor de tango, e a tantos outros produtos da cidade tentacular. O gaucho Don Segundo Sombra não existe mais, é, de fato, uma sombra.

O tipo do argentino aluvial e o “descamisado” que quer as camisas, os chapéus duros, as roupas finas, o “chic” da velha sociedade portenha, que se aniquila. A grande casa que não recebe em seus salões a senhora Eva, parece a ficção de um passado longínquo.

O “tipo predominante de nuestro folclore aluvial”, nos diz Romero, “no es el hombre o mujer de la clase económica y socialmente mejor colocada, sino el hombre o mujer que, sin poseer sus recursos ni sus ideales de vida, imitan las formas externas que caracterizan a aquellos y tratan lo que ellos hacen: gastar sin tasa, vestir con lujo, acudir a determinados lugares cargados de prestigio social, despreciar, en fin, todos los menesteres propios de quien debe dedicar su vida al trabajo”.

Aí está a tragédia de Perón. Ele não operou uma revolução criadora no povo, ele apenas despertou nos seus “descamisados” a ambição de prazer, de gozo, de prestígio. É assim uma bandeira para uma massa que quer desfrutar os privilégios que foram de uma minoria derrotada. Mas as palavras já não correspondem às suas realidades. Ele chama de leão ao bicho que é um pobre cachorro. E o que ele chamou de “descamisado” outra coisa não deseja que o ócio dos homens do Jockey Club, de Buenos Aires.

JOSÉ LINS DO REGO

28. “O Sarmiento de Martínez Estrada” (18 set. 1947)

Está, entre nós, em viagem de passeio, o grande escritor argentino E. Martínez Estrada.

Estrada ocupa na sociologia do Prata o lugar que no Brasil mantém Gilberto Freyre. É assim um homem de ciência, e um homem de arte. Por isto as suas descobertas, em relação ao povo do Sul, são verdadeiros achados de interpretação sociológica, ao mesmo tempo que páginas da melhor literatura.

A radiografia que nos deu do pampa, em livro de mestre, e mais que uma radiografia, conto seco e profundo na realidade, é um ensaio de psicologia social, em tom que lembra as

melhores peças no gênero. O estudioso Estrada avança nas suas sugestões, arranca dos menores detalhes e dos fatos um roteiro que vai dar no íntimo da alma de sua gente. E quando se espera a chapa do radiologista, sujeita ao olho do clínico, o que nos aparece é a criatura na sua forma exata, é o corpo inteiro do paciente, com o diagnóstico elaborado, como uma obra de arte.

Há pouco Estrada publicou um livro sobre Sarmiento, tema da mais viva atualidade para uma Argentina que voltou aos tempos de Facundo, como se o passado vergonhoso aflorasse a cara da nação, como uma doença de pele, deformante. O homem Sarmiento é, para Estrada, o campo para o estudo de um tipo humano que aliou em sua obra e em sua vida as mais curiosas contradições. E nos mostra um Sarmiento a falar contra o feudalismo, mas a tolerar os feudais, um Sarmiento com medo do diabo, anacrônico no seu humanitarismo, um homem do século XVIII, mas, por outro lado, arraigando a sua estabilidade no poder através de concessões ao regime ditatorial.

“Valiente como era, le faltó el valor para reconocer sus propios yerros, es decir, para confesar francamente que la fuerza de los intereses espúrios de los otros lo hablan desviado del derrotero que trazó para gobernar. Era demasiado autoritario para confesar que lo habían gobernado”.

Mas se este era o Sarmiento no poder, falhado no governo, o outro do exílio, o da ira contra Rosas, o prodigioso escritor de apóstrofes e de perfis [carivlianos], este é eterno, apesar de todos os outros Sarmientos, pequenos e tímidos diante dos erros, que eram mais da natureza humana do que de sua vontade.

O livro de E. Martínez Estrada nos conduz ao debate Sarmiento, sem espécie alguma de preconceito.

JOSÉ LINS DO REGO

29. “As três argentinas” (22 set. 1947)

José Luis Romero, no seu esplêndido ensaio interpretativo da Argentina, chega a caracterizar as três mentalidades que se debatiam na vida, na história, na alma do povo do sul para nos mostrar os três leitos por onde caminham os rios espirituais da nação.

A mentalidade criolla, aquela que está mais próxima da terra, é quase o passado, mas persiste numa minoria fiel a um estilo de vida [ilegível] de uma convicção de que [ilegível] nas suas tradições [ilegível] [ilegível] a verdadeira alma do povo. Sarmiento [contra] o Facundo para reduzir esta mentalidade ao caudilhismo. Mas se era o caudilhismo na sua grave doença que foi a tirania de [ilegível] será preciso distinguir o que era o bom e o mau do [ilegível] da era [ilegível] que fora um quase monstro [ilegível] [ilegível] [ilegível] [ilegível] [ilegível]

[ilegível] o “Martín Fierro”, grandeza maior da [ilegível] [ilegível] [ilegível] [ilegível] poema cheio do que há de grande na [formação] [ilegível].

[ilegível] [ilegível] [ilegível] [ilegível] [ilegível] [ilegível] [ilegível] [ilegível] [ilegível] [ilegível]

JOSÉ LINS DO REGO

30. “Houssay” (27 out. 1947)

O meu companheiro Walter Oswaldo Cruz me dissera: “Precisamos visitar o grande mestre Houssay, logo que chegemos a Buenos Aires”. Estávamos em Montevideu e lá se espalhara a notícia da demissão do professor Bernardo Houssay, da cadeira que ocupava, na Faculdade de Medicina de Buenos Aires. E tudo porque o mestre havia assinado um manifesto onde se pedia o rompimento de relações, do seu país, com os alemães.

Fomos eu, Walter e Nelson Romero à casa do sábio. E fomos encontrá-lo, ainda com os seus instrumentos de laboratório, os seus livros, em desordem de mudança. O homem era um simples funcionário demitido a procurar restabelecer debaixo do seu teto a sua oficina de fisiólogo, desde que o Governo argentino o expulsara da cátedra que engrandecia. Então fomos recebidos com uma tocante hospitalidade.

Walter Oswaldo Cruz fora discípulo de Houssay e muito conversaram sobre alguns temas de suas pesquisas. Mas vendo que não nos interessavam com os seus entusiasmos de laboratório, passaram a conversa para o caso das destituições dos professores democráticos. Na casa do professor Castex os fanáticos nacionalistas haviam sacudido uma bomba.

- Têm esta fúria contra a ciência, quando a ciência não lhe é uma escrava, os nazistas de todo o mundo – nos disse o mestre sereno, acima de qualquer ressentimento. Eu, porém, ponho a minha ciência acima de todas as raivas. E trabalho, e hei de trabalhar.

Depois a nossa conversa generalizou-se e Houssay nos falou de sua vida universitária. Nelson Romero nos leu o diploma com que a Universidade de Roma, em latim erudito, conferia ao sul-americano o nobre título de seu mestre. Houssay tinha os olhos de homem pacificado, a fisionomia tranquila e um sorriso bom. Saímos de sua casa convencidos de que tínhamos estado um instante em contato com a verdadeira sabedoria.

Agora leio a notícia que deram a Houssay o Prêmio Nobel de Medicina, para o ano de 1947. Os seus trabalhos sobre o funcionamento da glândula pituitária abalaram os conhecimentos clássicos sobre o assunto e colocaram o mestre argentino entre os verdadeiros descobridores em fisiologia.

Para um Governo nacionalista, para um general Farrel qualquer, para a estupidez reacionária, Houssay não passava de um homem perigoso, porque quisera o seu país em luta contra os inimigos do homem e de sua dignidade.

Dão-lhe o prêmio maior de ciência, como homenagem do mundo ao sábio.

E o Farrel do decreto miserável, este será um nome a mais, entre tantos outros que degradam a espécie humana.

JOSÉ LINS DO REGO

31. “Uma exposição de pintura” (02 maio 1949)

Há pouco registramos a doação de um grande prêmio literário, feita por uma companhia de seguros da Baía. Agora outra companhia de seguros, a “Sul América”, resolve inaugurar um de seus edifícios, aliás com uma exposição de arte. Vai assim o dinheiro, no Brasil, criando gosto. Até bem pouco tempo falar-se a um de nossos ricos de arte seria malhar em ferro frio. Os nossos capitalistas quando muito enchiam as paredes de seus palácios de quadros e tapetes, comprados a grosso, mais para cobrir claros do que para corresponder a uma vontade de bom entendedor. Tudo fazia ao jeito dos rastaqueras. E daí a abundância de tanta coisa secundária em nossos leilões.

Na Argentina, em mais constante contato com a Europa, se havia dado aos ricos de lá mais íntimo trato com as obras-primas. Basta uma visita ao Jockey Club de Buenos Aires para uma verificação do apreço dos homens do Prata pelos mestres da pintura. Uma cidade como Rosario recebeu de um plantador de trigo uma coleção de telas onde havia desde Tintoreto a Goya. Os ricos brasileiros, porém, com mínimas exceções, caprichavam noutros requintes mais fáceis. Puxava muito pela cabeça o falar de pintores, de escultores, de quadros, de estátuas. Mas, para registrar-se um progresso que nos alegra, estão aí iniciativas de ricos ligadas às artes. Em São Paulo funda-se um Museu de Arte Moderna, um Banco do Rio cede as suas salas para outro centro de cultura artística. E vem a nossa mais poderosa companhia de seguros e anuncia uma festa para a inauguração de um palácio.

Entrega-se o capital sólido ao mais salutar propósito, em relação aos melhores valores do mundo. Vai o Rio de Janeiro conhecer, através da exposição no novo edifício da rua do Ouvidor, trezentas telas de artistas antigos e modernos, de Goya a Renoir, do impressionismo ao abstracionismo. Teremos desta forma um debate ao vivo sobre concepções opostas de arte. Será uma exposição polêmica, onde um Picasso poderá mostrar que a pintura pode ser mais alguma coisa que um regalo do olho, e que as massas, a luz, as cores, as sombras não servem

somente para exprimir o mundo convencional das nossas combinações. Há na pintura, como no céu de Shakespeare, muito mais coisa do que sabe a vã filosofia.

Teremos, na exposição organizada pela Sul América, uma espécie de batalha em torno dos valores atuais da pintura.

E assim a nossa tão indiferente cidade do Rio de Janeiro a tudo que se refere aos grandes movimentos da arte poderá participar, embora desconfiada, da luta de vida e morte que se trava, entre figuristas incruentos e abstracionistas capazes de tudo.

O pau vai comer.

JOSÉ LINS DO REGO

32. “Discurso de Perón” (03 maio 1949)

Para os seus “descamisados”, como Hitler para os seus “camisas pardas”, falou ontem em Buenos Aires o caudilho Perón.

O discurso tratou do trigo e do carvão, mas, para ser mais parecido em a matriz destrozada, tratou de guerra, e de guerra aqui, na nossa pacata América do Sul.

Perón é, cem por cento, uma criatura do fascismo internacional. Os seus gritos de amor ao povo, as suas derramadas declarações de amor às massas não são outra coisa que as cavilações do demagogo que gira com o capital sangue do seu povo. E, como para o convívio desta natureza carece de “palavras”, Perón tem as suas palavras de efeito. E assim se põe a gritar, com a mesma escola de declamação dos artistas cantores que foram enforcados em Nuremberg.

A Argentina era um país de terras férteis, de rebanhos, de campos cobertos de trigo, uma nação governada pelos seus melhores homens. Os criadores da nação Argentina, os Moreno, os Aberdi, os Sarmiento, os grandes presidentes, como Mitre e Alvear, os generais da categoria de San Martín puderam organizar um país de riqueza farta, de espírito livre, de consciência democrática. A vida universitária, na Argentina, os seus colégios de altos estudos, a sua ciência médica revelaram um grau de cultura acima da média sul-americana. Se houve governos errados, se houve políticos sem préstimos, nada disto destruiria a civilização que se propagara pelos quatro cantos da nação. Um jornal como *La Prensa* marcava um sistema de vida superior, sendo, como é, um centro de cultura social e política, ao nível dos melhores do mundo.

Tudo isto foi conseguido sobre o caudilhismo, sobre fatores da baixa formação gauchesca, valorizando, no entanto, as origens puras do campo, dando aos argentinos um lugar de relevo nas democracias organizadas do ocidente.

Mas a demagogia, a princípio do próprio Partido Radical, rompeu a tradição dos previdentes homens representativos, para se entregar aos caudilhos de espada, com o curso de estado-maior. Rosas voltava com mais poder do que nos tempos das guerras do sul. E agora esmaga a nação. Perón reduz tudo às vontades de régulo impondo ao país até os caprichos da sua vida doméstica.

O que era a vida pública da nação livre se transforma na vida privada do seu matrimônio.

E vendo que a sua política de explorar a fome da Europa fracassou tendo perdido a economia do país, Perón, como o seu mestre Hitler, volta-se para a guerra, como uma sinistra Cassandra.

O discurso do dia 1 de maio é uma peça secundária de discípulo que repete sua lição decorada.

JOSÉ LINS DO REGO

33. “Rosas e a cidade” (31 out. 1950)

No seu livro *Las neurosis de los hombres celebres en la História Argentina*, Ramos Mejía estuda, com acuidade de clínico de loucos, a vida e a obra de Rosas. Há um capítulo sobre a cidade de Buenos Aires, ao tempo da tirania, que é um magnífico estudo em torno da patologia das multidões. Mejía foi menino acalentado pelos distúrbios tremendos que agitaram a Argentina na sua infância. Hão de ter ficado na sua memória as histórias terríveis de uma época de crimes monstruosos.

Rosas dominou o povo com a fúria sangrenta de um verdugo asiático. A lei que impôs à nação foi a do flagelo, da violência sem limites, do castigo impiedoso. Cobriu-se de vermelho para confundir-se com o sangue que derramou. Mas foi adorado pelo povo que assim afligiu. Fizeram de Rosas não só o chefe temporal, mas até o pai espiritual do país. A cidade de Buenos Aires pintou-se de encarnado, nas bandeiras que desfraldava, na pintura das casas, nos trajes do povo. É o que nos diz Mejía: “A doença atacou todas as classes sociais, contaminou todos os grêmios. Até o clero deixou-se possuir de um rosismo deletério. Um furor homicida apoderou-se dos curas. Subiam eles aos púlpitos para pregar a morte dos inimigos do ditador. Um cônego foi ao púlpito de sua igreja-matriz para dizer somente isto: que sete virtudes adornavam o pai de Buenos Aires: as virtudes do homem santo. E arrebatado, conduziu ele próprio o retrato do ditador e o colocou no altar ao lado de Deus. Os sermões do padre Juan A. Gonzales, cura de São Nicolau de Bari, não escondiam a dureza do seu coração, quando gritou numa novena: “Estes braços que vedes se ensoparão no imundo sangue dos unitários”. Outro padre de Gaete

jurava pelas três santas: “Santa Federación, Santa Versa y la santa cochila”. E as mulheres que se confessavam com ele teriam que se persignar dizendo: “Por la señal de la santa Federación”.

E é o mestre Mejía, nascido em 1849 e morto em 1914, contemporâneo assim da época tirânica, quem nos fala: “No meio desta vida de enervamento moral e de decadência, é evidente que o resto da população se encontrava impossibilitada para reagir contra as turbas enraivecidas. Esta queda brusca da personalidade humana, este obscurecimento horrível da razão e do sentimento, manifestando-se, nuns pela excitação, e noutros pela depressão, são o que realmente caracterizam a epidemia. Foi uma etapa patológica da vida argentina, um sofrimento de todo o corpo da nação seviciada. Época de desolação para a cidade de Buenos Aires, o momento mais crítico de sua vida: foram as convulsões próprias de uma infância difícil e mórbida.

JOSÉ LINS DO REGO

34. “Atualidade do Facundo” (28 set. 1955)

Os fatos da Argentina nos convencem de que Facundo continua tão vivo quanto nos dias de Sarmiento. Aquilo que era a razão de sua vida, o princípio de sua realidade, é o que permanece, é o que existe como fundamento de uma política. Diz-nos Martínez Estrada que Facundo é o panorama de uma organização fraudulenta, semelhante ao oitavo círculo do Inferno de Dante. Não é a barbaria, mas a fraude, a simulação da lei, pois a barbaria não é outra coisa que uma cópia em bruto da civilização. Facundo continua, mesmo quando fala em fraternidade continental, mesmo quando usa a melhor flor de sua retórica grandiloquente. O que está por debaixo da casaca talhada em casimira inglesa é o coração sem dó e sem piedade, é a fome de poder sem justiça, é a arrogância de quem tem o que dar, mas que só dará para corromper e viciar. Todas as palavras que a boca lança aos ventos são palavras que escondem o conteúdo de uma situação que só ilude aos que se querem iludir.

“La contemporaneidad de Facundo nos previne de que cien años hemos vivido en la ingenua suposición de que el país progresava moral y culturalmente en avance paralelo y sincrónico con el adelanto material”.

Esta é a conclusão do Mestre Martínez Estrada, em livro que é um espelho da alma do seu povo. É ele quem nos diz que o panorama e o elenco político e social de Facundo variaram, porém, as linhas fundamentais, o mapa dos acidentes étnicos, políticos, sociais e culturais têm a mesma validade terráquea do mapa geográfico que a tudo dá forma e calor. E assim Facundo permanece, mais perigoso, mais ferino, mais terrível do que nos tempos de Sarmiento.

“Porque nuestros enemigos hoy no están, como en tempos de Sarmiento, al frente, en la trinchera opuesta, sino que junto a nosotros emplean en propio provecho los beneficios de las instituciones democráticas y hacen inevitable el yugo actual de la vieja traición”.

JOSÉ LINS DO REGO

35. “Sarmiento tinha de vencer” (03 nov. 1955)

Faltou ao Brasil, nos princípios de sua fundação democrática, um homem como Sarmiento, com o idealismo quase que evangélico do grande criador de *Facundo*, um homem que, sendo dos livros, fosse, no entanto, tão da terra, tão afundado na realidade. O mestre-escola rude, de rompantes que o faziam parecer um “pancada”, desde os começos de sua vida sentiu no essencial a realidade argentina. A realidade deste escritor não estava nos seus tratados de pedagogia ou nos mestres teóricos do liberalismo. Sarmiento olhava de perto o povo. E o que ele via no povo era o mais baixo estado de vida. O argentino de seu tempo, que não era da minoria das fazendas, os senhores donos da terra, não passava do desgraçado “gaúcho”, que os caudilhos manobravam ao gosto de suas paixões. Rosas, o candidato maior, mandava nas vidas como em reses. Mas Sarmiento procurava o cidadão de uma democracia. E como transformar os bandos armados, os aguerridos campeadores em homens com a consciência esclarecida para o exercício de seu poder civil?

Sarmiento traçou os planos de uma campanha contra o analfabetismo. O homem “pancada” virou um pastor evangélico. Para ele – nos diz Reissig – alfabetizar era o princípio para transformar os homens em agentes da democracia. A Argentina carecia de cidadãos. O mal, a verdadeira lepra da cidadania, estava no analfabetismo. Sarmiento põe de lado a sua fabulosa vocação de escritor, abandonada a sua própria vida, e cria a escola argentina. “Cuando actuó sobre el niño pensó ya en el ciudadano, sin descuidar al niño; cuando se ocupó del progreso técnico i económico, no fue el aumento de posibilidades y de riqueza lo que le guió, bien que lo consideraba necesario para el progreso del país, sino la urgencia de construir una nación, pieza sobre pieza y desde cimientos firmes”.

Aí está a visão genial de Sarmiento. Era que ele era ao mesmo tempo um homem teórico e um homem prático. Um prático que se alimentou de sonhos, de um amor extremado ao homem de sua terra. Os militares que agora perderam o poder na Argentina eram, em todos os sentidos, anti-Sarmientos. Para eles o poder terá sido o que foi para Rosas, um sistema de esmagar o

cidadão. A diferença é que os proscritos de hoje tiveram mestres alemães para o ensino das armas. Mas tinha eu a certeza de que Sarmiento venceria o arrogante Perón.

Lins do Rego

36. “Sortilégios da Bahia e Kantor” (02 dez. 1955)

O pintor argentino Kantor conheceu a Bahia e se entregou de corpo e alma aos sortilégios da cidade feiticeira. Há na Bahia mais alguma coisa que a fisionomia fotogênica; há, pelos seus recantos, pelas suas ladeiras, pelos seus cais, pelas suas igrejas, pela matéria de seus morros, pela dolência de suas músicas que brotam dos terreiros, qualquer coisa de visgo que nos prenda. Não é a Bahia uma cidade para um dia só. É cidade para matrimônio pegadio de amante. Foi o que sentiu o mestre Kantor.

Vi-o uma vez em Florença, numa manhã de luz sobre a Praça da Senhoria. Kantor pareceu-me um embriagado pela maravilha toscana. Depois de correr mundo, de pintar para Israel, chegou à Bahia e caiu na armadilha de Salvador. Dele já dissera o grande Rafael Alberti, poeta mistura de Lorca e Antônio Machado: “la tinta, el lapiz, el color, una libre mañana se fueron de viaje, de la mano de Kantor, cantor”. E é, de fato, cantor o poeta que se serve das mãos para arrancar das coisas os seus números musicais. A visão do artista Kantor sobre o que lhe deu a Bahia é a de um primeiro violoncelo. Cantam as cores e as linhas do pintor inteiramente tomado pela estranha presença. A magia baiana entrou-lhe de corpo a dentro como bebida afrodisíaca. Kantor possuiu-se dos eflúvios dos candomblés e deixou que as suas mãos andassem na interpretação do que é, um mundo como não existe. Há a originalidade baiana como existe a de Lisboa, a de Marselha e a de Florença. Existem uma cor e uma luz que só se expande naquele pedaço de terra onde o corpo não pede muito da alma e nem a alma do corpo. A Bahia que o pintor condensou no seu álbum nos identifica com o ritmo.

É aí que se define como artista Kantor, é quando não foge do ritmo para se perder na dissolução das linhas. Tudo o que lhe sugere a vida pegajosa da Bahia atende à lei eterna da vida. É o que lhe ensina o movimento dos saveiros no balanço do mar, é o que ele escuta das cantigas dos terreiros e das canções de amor ao sol das praias de coqueiros. O desenho de Kantor vibra como o vento nos arvoredos, como a luz por cima dos telheiros e das pedras das ladeiras. Por isto o seu álbum é tão harmonioso, tal qual uma tarde de estio na cidade alta banhada de “nordeste”. A beleza da Bahia não vem somente da sua carne mestiça, vem também da pureza do ar que se respira nas noites calmas. A cidade dos gritos desesperados de xangôs se abrandando na macia dolência das canções de amor.

Kantor viu uma Bahia na sua melhor forma. Não se deixou dominar pelos negros, mas se encheu da poesia da terra. A Bahia não é uma cidade exótica como um pedaço do Oriente. Ao contrário, é uma cidade humana onde não se atritam as culturas, onde tudo anda sem os perigos das aglomerações fermentadas. Tudo na Bahia tem uma luz sem as violências do sal barbaresco. As nuvens que vagueiam pelo seu céu azul adormecem as fúrias, de um Apolo dos trópicos. Kantor sentiu a Bahia como ela é realmente. E a pintou como se pintasse uma namorada.

JOSÉ LINS DO REGO

37. “Rosas e a cidade” (16 jan. 1956)

No seu livro *Las neurosis de los hombres celebres en la História Argentina*, Ramos Mejía estuda, com acuidade de clínico de loucos, a vida e a obra de Rosas. Há um capítulo sobre a cidade de Buenos Aires, ao tempo da tirania, que é um magnífico estudo em torno da patologia das multidões. Mejía foi menino acalentado pelos distúrbios tremendos que agitaram a Argentina na sua infância. Hão de ter ficado na sua memória as histórias terríveis de uma época de crimes monstruosos.

Rosas dominou o povo com a fúria sangrenta de um verdugo asiático. A lei que impôs à nação foi a do flagelo, da violência sem limites, do castigo impiedoso. Cobriu-se de vermelho para confundir-se com o sangue que derramou. Mas foi adorado pelo povo que assim afligiui. Fizeram de Rosas não só o chefe temporal, mas até o pai espiritual do país. A cidade de Buenos Aires pintou-se de encarnado, nas bandeiras que desfraldava, na pintura das casas, nos trajes do povo. É o que nos diz Mejía: “A doença atacou todas as classes sociais, contaminou todos os grêmios. Até o clero deixou-se possuir de um rosismo deletério. Um furor homicida apoderou-se dos curas. Subiam eles aos púlpitos para pregar a morte dos inimigos do ditador. Um cônego foi ao púlpito de sua igreja-matriz para dizer somente isto: que sete virtudes adornavam o pai de Buenos Aires: as virtudes do homem santo. E arrebatado, conduziu ele próprio o retrato do ditador e o colocou no altar ao lado de Deus. Os sermões do padre Juan A. Gonzales, cura de São Nicolau de Bari, não escondiam a dureza do seu coração, quando gritou numa novena: “Estes braços que vedes se ensoparão no imundo sangue dos unitários”. Outro padre de Gaete jurava pelas três santas: “Santa Federação, Santa Versa y la santa cochila”. E as mulheres que se confessavam com ele teriam que se persignar dizendo: “Por la señal de la santa Federación”.

E é o mestre Mejía, nascido em 1849 e morto em 1914, contemporâneo assim da época tirânica, quem nos fala: “No meio desta vida de enervamento moral e de decadência, é evidente que o resto da população se encontrava impossibilitada para reagir contra as turbas enraivecidas.

Esta queda brusca da personalidade humana, este obscurecimento horrível da razão e do sentimento, manifestando-se, nuns pela excitação, e noutros pela depressão, são o que realmente caracterizam a epidemia. Foi uma etapa patológica da vida argentina, um sofrimento de todo o corpo da nação seviciada. Época de desolação para a cidade de Buenos Aires, o momento mais crítico de sua vida: foram as convulsões próprias de uma infância difícil e mórbida.

JOSÉ LINS DO REGO

38. “La Prensa” (08 fev. 1956)

A cidade de Buenos Aires ouviu outra vez a sirene do seu grande jornal libertado. Outra vez a voz de uma consciência nacional se espalhou pela cidade que fora dominada pela tirania de um Rosas com curso de estado-maior. *La Prensa* circulou com um milhão de exemplares, voltando do cativeiro mais forte e de ânimo mais decidido. A terrível pressão policial que lhe profanou a casa, que saqueou o seu patrimônio, que reduziu a nada um passado de tão grandes dias, não conseguiu destruir o que era a sua substância moral. Os homens de bem de sua redação, de suas oficinas, não perderam as esperanças. O que parecia de granito no regime, era de lama. A conduta que uma suposta revolução quis matar resistiu a tudo. A ocupação deixou marcas de vandalismo na obra sacrificada. Mas não lhe venceu o espírito.

Conheci *La Prensa* em 1942, já em tempo de ditadura. O jornal ainda se mantinha na linha democrática, com a severa moral que era um padrão para as Américas. Já se iniciava Perón, com Ramirez no poder. O ponto de vista dos artigos de fundo do jornal se mantinha no firme propósito da defesa do homem e das suas liberdades. Por este tempo o fascismo vencia no mundo. A França ocupada, Londres incendiada e os governos fracos da América do Sul com a esperança de que se pudessem servir da vitória de Hitler para se eternizarem no poder. Pois bem, ao jantar que os homens de letras argentinos ofereceram à delegação de escritores brasileiros chegava a notícia de que a polícia havia cercado o hotel. E se não fosse a intervenção do nosso embaixador, o magnífico Rodrigues Alves, teria ido para o presídio o mestre Francisco Romero. Rodrigues Alves saiu com o filósofo abraçado, rua afora, para espanto dos agentes policiais. No outro dia *La Prensa* abriu as suas páginas para o noticiário da festa e num editorial vibrante deu todo o apoio ao discurso do orador brasileiro. Dizia mesmo que poderiam esmagar a liberdade pela força, sem que pudessem destruir o que havia no homem de germe libertador.

Quando a tirania parecia mais forte, contra ela se concentrava o poder do espírito, que era o sopro de Deus. Vieram depois os dias negros. A estupidez passou a ser soberana de tudo.

Os demagogos envenenavam as massas e arrancavam do povo a pele para o luxo de aventuras de Sardanapalo. O pobre povo argentino pagava as festas de meia dúzia de personagens de festins de baixo império. E *La Prensa* seria, como a Universidade, um dos pontos escolhidos para satisfazer a fúria de loucos. O espírito, porém, valeu mais do que a arrogância dos algozes. *La Prensa* está livre. A sua sirene encheu a cidade de um brado de libertação. Os argentinos podem ler um jornal que não deforma a realidade para satisfazer a fome das paixões devastadoras. Enquanto isto, Perón devora as próprias carnes, a querer vender as suas mentiras, as únicas quantidades que pôde somar.

Lins do Rego

ANEXO B – Transcrição das dedicatórias de obras de autores argentinos e sobre a Argentina

Obras de autores argentinos

1. KANTOR, Manuel. *Bahia*. Melhoramentos, s/d.

“Para José Lins do Rego // el gran escritor brasileiro // con la admiración y // simpatía de // KANTOR // Rio – Nov. 1955”.

Sobre a Argentina

1. LOBO, Hélio. *Rio Branco e o arbitramento com a Argentina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

“A José Lins do Rego, com o [belo] apreço de // Hélio Lobo // Rio, set. 52”.

2. ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Tomo 1º. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943, 3ª edição.

“José Lins do Rego, desejo que // você, recebendo aqui o meu abraço, // sinta o efusivo entusiasmo do velho // Sílvio Romero que, vivo, certamente // o haveria de distinguir muito como // representante legítimo da inteligência // nordestina // 1943. Nelson Romero”.

ANEXO C – Documentos oficiais do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty) recolhidos em julho de 2018, em pesquisa no Arquivo Histórico do Itamaraty, localizado na cidade do Rio de Janeiro

Buenos Aires marzo 5 de 1943.

Excmo. Señor Ministro

T. GRAÇA ARANHA

Palacio Itamaraty

Rio de Janeiro.

Excmo. Senõr:

Con el muy grato recuerdo de su gentil y generosa acogida, reanudamos desde aquí la tarea allí planteada en nuestras entrevistas.

Fue muy bien recibida aquí la noticia que dimos en los principales diarios, de la invitación hecha para que venga a la Argentina un grupo de profesores brasileños; este año, los señores Gilberto Freyre, Lourenço Filho, Ciro Berlinck y José Lins do Rego. Lo que motivaría otras visitas para los años siguientes.

Con esta fecha nos dirigimos al Sr. Luis Camilo de Oliveira Netto, que tuvo SE. el agrado de presentarnos, detallándole fechas convenientes para las conferencias. Con ésta deseamos confirmarle a Ud. lo expuesto en nuestra entrevista: que el Colegio pagará a los profesores su hospedaje mientras estén en el país, como se hace regularmente con los profesores chilenos que nos visitan. El viaje queda a cargo del país del cual vienen los profesores. Si el Colegio tuviera recursos suficientes, correría con todos los gastos, pero no nos es posible.

Tenemos interés en editar el libro del Sr. Carneiro Leão en las condiciones que VE. nos expuso: lo recibiríamos traducido y se nos compraría un determinado número de ejemplares para costear la impresión. Sería el primer tomo de la colección de la Cátedra de Estudios Brasileños.

La Cátedra piensa organizar este año un servicio informativo con mesa de lectura de revistas y periódicos del Brasil, para lo cual necesitaría entrar en contacto con alguna organización que conviniera el envío aquí de la mayor cantidad de publicaciones, gratuitamente. En retribución, y también gratuitamente, el Colegio, por intermedio de la Cátedra, aceptaría las suscripciones a esas revistas, diarios y libros. Le rogamos a SE. considere si ello es posible y cuál sería la vía aconsejable para llevarlo a cabo.

Creemos que la Cátedra, por la gravitación moral del Colegio, y por su plan limpio y alto que se propone, será uno de los fuertes medios para que por lo menos la clase ilustrada de ambos países entre pronto en contacto. Pero nuestro propósito es ir más allá y facilitar el acercamiento de muchos otros núcleos representativos del Brasil y la Argentina.

Quedamos en espera de las sugerencias de SE. y de las noticias que pueda darnos.

Saludan a SE. con su consideración más distinguida.

[ilegível]

Sec. de la Cátedra

Luis Reissig

Sec. del Colegio

Buenos Aires marzo 5 de 1943.

Sr. LUIS CAMILO de OLIVEIRA NETTO

Palacio Itamaraty – Rio de Janeiro

Muy estimado señor:

De vuelta de ese magnífico país, que he comenzado a conocer y aprendido a querer, he comenzado la labor de explicar a mis amigos argentinos la importancia de crear vínculos culturales y nacionales más serios y durables que los de hasta ahora. No es tarea fácil, no por falta de buena voluntad hacia el Brasil sino por la total ignorancia en que los argentinos (hay excepciones individuales) viven con respecto a ustedes. Y es para vencer, en lo posible, esta incomprensión y este aislamiento que la Cátedra de Estudios Brasileños ha sido creada por el Colegio Libre. Para adelantar un poco el camino, hice unas declaraciones a *La Nación* de Buenos Aires, que le envió conjuntamente una noticia de *La Prensa* (nuestros dos diarios más importantes), por si Ud. cree que vale la pena hacerlas conocer allí.

Y ahora que abandono la parte personal, que era necesaria, me ocuparé de lleno con el dr. Homero B. de Magalhães, secretario de la Cátedra de Estudios Brasileños, del trabajo de la cátedra misma. Hablamos ahora los dos.

Viaje del equipo: Conviene que las conferencias o clases comiencen a dictarse en la segunda quincena de julio. Podrían ser los dos primeros Lourenço Filho y Gilberto Freyre. Posteriormente, en agosto, Ciro Berlinck y José Lins do Rego. Para esa segunda quincena de julio vendrán también los primeros componentes del equipo chileno, entre ellos Juvenal Hernandez, Rector de la Universidad de Santiago de Chile, y Amanda Labarca, todos ellos con representantes uruguayos. De modo tal que además de las clases habría reuniones y también podrían participar en unas jornadas pedagógicas que se celebrarán en los primeros días de agosto en nuestra filial de la Provincia de Tucumán, donde concurrirán profesores destacados del país.

Creo por ello muy importante ir asegurando esas fechas y en ese orden. De 3 a 6 conferencias cada uno es lo más conveniente.

Tendrían que ir preparando el programa para tenerlo listo en abril, con indicación del número de clases.

Del único que no tuvimos noticias de su aceptación – porque se encontraba en Recife – es de Gilberto Freyre. Como su obra *Casa grande & senzala* ha interesado mucho aquí, creemos importante se consiga su colaboración.

Folletos del Colegio: Por Correo ordinario hemos enviado a Ud. una colección de todos los números de *Cursos y Conferencias* que no están agotados, prometiéndole integrarla con las reediciones que hagamos. También van folletos explicativos de la labor del Colegio. Dentro de pocos días editaremos uno en el que se consignan los resultados de nuestro viaje al Brasil. Le agradeceríamos nos enviasen una lista de personas e instituciones a las cuales conviene enviar regularmente la revista y los boletines.

Publicaciones del Brasil: Nos interesa recibir para la biblioteca de la Cátedra de Estudios Brasileños libros y revistas que se refieran al Brasil. Nosotros remitiríamos, en cambio, nuestras publicaciones; pero, sobre todo, debe comprenderse que el propósito es la difusión aquí de la cultura brasileña. Le recuerdo muy especialmente la colección de la Biblioteca Brasiliana y la colección de la Biblioteca Histórica Brasileira.

En cuanto a revistas, recuerdo como muy interesantes *O Observador Econômico e Financeiro*, *Cultura Política*, *Revista Brasileira de Geografia* y la de la Asociación de Estudios Brasileños. Si Ud. puede influir para que establezcamos canje, sería importante.

Con esta misma fecha nos dirigimos también al Sr. Graça Aranha para recordarle su ofrecimiento de publicación del libro de Carneiro Leão y confirmarle lo convenido en cuanto a la visita de los profesores brasileños.

Es nuestro firme deseo el trabajar por la mutua comprensión y la concordia brasileño-argentina, base para un entendimiento constructivo.

Nos será muy grato el recibir de Ud. sus noticias. Quiera Ud. aceptar los saludos cordiales de sus amigos

[ilegível]

Secretario de la Cátedra

Luis Reissig

Secretario del Colegio

Oficio assinado:

Buenos Aires mayo 4 de 1943.

Excmo. Señor Ministro
D. TEMÍSTOCLES GRAÇA ARANHA
Palacio Itamaraty
Rio de Janeiro.

Excelentísimo señor:

Recibí su muy apreciada carta en la que nos comunica que ese Gobierno ha resuelto correr con los gastos de viaje a la Argentina, de los señores Gilberto Freyre, Lourenço Filho, José Lins do Rego y Ciro Berlinck, invitados por este Colegio para dictar varios cursillos.

Hemos escrito a los nombrados reiterándoles nuestra invitación y proponiéndoles como fecha la última semana del mes de Julio.

No hemos recibido hasta la fecha ninguna respuesta de dichos señores. Por ello, me permito rogar a SE. quiera obtener de esos profesores la confirmación de fechas, pues es esencial para hacer debidamente la propaganda. Sobre todo, consideramos conveniente se acepte la fecha propuesta porque su visita coincidiría con la de otros profesores chilenos y podría organizarse, al mismo tiempo, un gran acto de confraternidad.

Esperamos tener pronto en nuestro poder el original del libro del Sr. Carneiro Leão para editarlo.

Creo han de recibir nuestros boletines y revista. Hasta ahora no ha llegado a nuestro poder ninguna revista o libros que allí nos prometieron.

Me complazco en enviarle una serie de artículos que escribí sobre el Brasil, animado de la mejor simpatía para con ese promisor país, que espero alcance su completo desarrollo. Agradecería a SE. me diera su impresión.

Quiera VS. Recibir mis cordiales expresiones de simpatía.

Luis Reissig
Secretario.

Buenos Aires junio 15 de 1943.

Excmo. Señor Ministro
D. TEMÍSTOCLES GRAÇA ARANHA
Palacio Itamaraty
Rua Marechal Floriano
Rio de Janeiro – Brasil

Excmo. Señor:

Me es muy grato contestar a v. gentil carta del 26 de mayo, llegada a este Colegio mientras yo estaba en Chile para invitar a un grupo de profesores universitarios a dictar varios cursillos este año en el Colegio. Contesto, pues, enseguida a v. muy atenta.

El profesor Ciro Berlinck me ha contestado diciéndome que no puede venir este año por el mucho trabajo que tiene. Lo lamento mucho. Pero como es muy importante que alguna otra persona estudiosa se ocupe de explicarnos el desarrollo económico e industrial del Brasil, le sugerimos el nombre de Don José Jobim. Si VS. lo aprueba, mucho le ruego quiera transmitirle esta invitación; y si el Sr. José Jobim acepta, sería necesario nos enviase pronto el plan de sus clases, que pueden ser 3, 4, 5 o 6.

El Sr. Lourenço Filho ha contestado afirmativamente. Vendrá en agosto. Le escribo pidiéndole el programa de sus clases. También necesitamos el programa de las clases del señor José Lins do Rego.

El Sr. Gilberto Freyre me ha escrito con fecha 4 de junio corriente, pero la carta la he recibido hoy. Como mi anterior, en la que le explicaba mi invitación, no ha llegado a su poder, le explico en qué consiste y le pido pronta respuesta. Le digo que v. gobierno pagará los pasajes de ida y vuelta y nosotros los gastos de su permanencia en la Argentina, como también los de sus viajes para dar otras conferencias en el interior de nuestro país.

Sería muy importante que SE. intercediera para que el señor Gilberto Freyre acepte la invitación.

Aguardo con interés el original del libro del señor Carneiro Leão.

En el deseo de que antes del 1º de julio quede arreglado todo lo relativo a la venida del grupo de profesores brasileños, saluda a SE. con su consideración más distinguida.

Luis Reissig

Buenos Aires Julio 21 de 1943.

Excmo. Señor Ministro
D. TEMÍSTOCLES GRAÇA ARANHA
Palacio Itamaraty
Rua Marechal Floriano.
Rio de Janeiro. Brasil

Excmo. Señor:

Como está por finalizar julio y nuestro proyecto era que los profesores brasileños pudieran venir en agosto o setiembre – preferible agosto, y como no tenemos noticias de SE. sobre fechas, me permito rogarle quiera comunicarnos para cuándo será la visita esperada.

El Sr. Lourenço Filho me escribió hace un mes diciéndome que estaba resuelto su viaje para agosto; aún no he recibido programa de las conferencias que dictará. Del Sr. José Lins do Rego no he recibido ninguna noticia.

El Sr. Gilberto Freyre me escribe desde Apipucos, Recife, diciéndome que aún no ha recibido de SE. ninguna invitación y que por ese motivo no puede resolver nada sobre su viaje. También ruego a SE. quiera darme noticias de lo que se haya resuelto a este respecto.

Se aguarda aquí con interés la venida de los tres nombrados; y ello daría ocasión para poner de manifiesto la simpatía con que seguimos la vida y el progreso firme de su bello país.

Agradecería igualmente noticias sobre la edición del libro del señor Carneiro Leão.

Quiera recibir SE. los cordiales saludos de

Luis Reissig
secretario

Buenos Aires agosto 20 de 1943.

Excmo. Señor Ministro

D. TEMÍSTOCLES GRAÇA ARANHA

Palacio de Itamaraty

Rio de Janeiro.

Excmo. Señor:

El señor Lourenço Filho me escribió pidiéndome transferencia para setiembre de sus conferencias en este Colegio, en razón de la celebración en agosto del Congreso de Educadores, al cual SE. deseaba que asistiera. Contesté afirmativamente; espero sólo ahora en envío del programa.

Quien podría venir para la primera quincena de setiembre, o la segunda, es el señor José Lins do Rego, pero hasta la fecha no he recibido ninguna carta de él, ni desde luego, programa alguno de sus conferencias.

Mucho ruego, por ello, a SE. quiera contribuir a allanar estas dificultades de falta de noticias, que perturban el buen desarrollo futuro de los cursos mismos.

Es importante, por consiguiente, tener en nuestro poder lo antes posible los programas de los cursos que han de dictarse, la nómina definitiva de los que vendrán, sus curriculum vitae y sus fotografías, pues el anuncio de las clases queremos hacerlos bien, en relación a la calidad, que mucho apreciamos, de los integrantes de la delegación.

Deseo que esta delegación cultural brasileña sea el buen comienzo de una obra mayor, de la que hablaremos en cualquier momento que pueda visitarle en Rio de Janeiro.

Le saluda con su consideración más distinguida.

Luis Reissig

secretario

Buenos Aires, em 12 de novembro de 1943.

N. 376/546.6 (41)

Intelectuais brasileiros na Argentina. Ciclo de conferências.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que os três intelectuais brasileiros que vieram a esta Capital, com o propósito de inaugurar a cátedra de estudos brasileiros, criada no Colégio Livre de Estudos Superiores, Doutores Lins do Rego, Nelson Romero e Walter Oswaldo Cruz, deram completo e feliz desempenho à missão que lhes foi confiada.

2. As conferências realizadas por esses nossos patrícios foram muito apreciadas nos meios culturais e deram ensejo a comentários que deveras honram ao nosso país e aos nossos homens de letras e de ciência.

3. O Colégio Livre de Estudos Superiores constitui por assim dizer uma Universidade livre, cuja tribuna está sempre aberta às boas práticas e à divulgação de coisas do pensamento. Esta tribuna tem sido ocupada pelos mais autênticos valores argentinos, como Ricardo Rojas, Ramón J. Cárcano, Jorge Eduardo Coll, para só falar dos últimos que ali atuaram.

4. O Colégio Livre ofereceu, antes do regresso dos nossos patrícios, uma grande demonstração que se resumiu num banquete que teve lugar no Hotel Castelar. Aí tive ocasião de pronunciar algumas palavras que tiveram a virtude de provocar comentários altamente simpáticos em toda a opinião pública argentina, que vinha sendo desde tempos atrás, como Vossa Excelência não ignora, trabalhada por uma malevolente campanha contra o Brasil, campanha esta desenvolvida por elementos interessados em perturbar a boa harmonia dentro do Continente e sobretudo de estabelecer desinteligências nas nossas relações com esta República.

5. As minhas palavras demonstraram a oportunidade de serem pronunciadas pelo eco levantado em todos os círculos políticos e sociais, dando mesmo motivo a expressivos editoriais dos grandes órgãos de publicidade, como *La Nación* e *La Prensa*, *Vanguardia* e *Crítica*. Estou certo que Vossa Excelência dará a sua aprovação tudo quanto ali disse, e que se enquadra perfeitamente dentro da nossa orientação política internacional.

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

José de Paula Rodrigues Alves

ANEXO D – Seleção de artigos e entrevistas de José Lins do Rego publicados na revista carioca *Diretrizes*

“SARMIENTO NÃO PREGOU NO DESERTO – José Lins do Rego fala de sua viagem ao Uruguai e à Argentina” (*Diretrizes*, 18 nov. 1943, p. 3-4, 23-24).

A convite do Itamaraty, e em companhia de Walter Oswaldo Cruz e de Nelson Romero, José Lins do Rego esteve no Prata. O romancista passou dezesseis dias no Uruguai e quinze dias na Argentina. Encontramo-lo, uma tarde dessas, na livraria José Olympio, e o romancista nos deu suas impressões sobre o que viu e sentiu nos dois países que visitou. Mostrou-nos também uma coleção completa de recortes de jornais, todos tratando de sua visita e das conferências que o romancista pronunciou em Montevideu e Buenos Aires.

José Lins do Rego publicou num jornal desta capital o discurso que pronunciou no Castelar de Buenos Aires, em agradecimento à homenagem que lhe prestava, e aos seus colegas de missão cultural, Walter Oswaldo Cruz, e Nelson Romero, o Colégio Livre de Ensinos Superiores. No introito, entre outras coisas, José Lins disse: “Não há ninguém mais espantado do que um intelectual brasileiro”. Mas o fato é que, no Uruguai e na Argentina, o romancista não se portou como um intelectual medroso. Suas palavras, em Montevideu e principalmente em Buenos Aires e Baía Blanca, foram palavras de um homem muito corajoso, palavras de um intelectual consciente do triste papel que sua classe desempenhou nestes últimos dez anos, um papel cheio de medo, um papel que permitiu a ressurreição do despotismo e a sujeição da inteligência à brutalidade e ao servilismo. Uma prova da coragem com que José Lins se portou no Prata está no seu próprio discurso do Castelar. Então, ele disse: “Nós, os homens donos da palavra, temos tido medo de tudo, até de nossas próprias sombras. Temos tido medo de Deus e do homem. Medo de falar, medo da palavra que é o nosso instrumento, e muito mais medo ainda de fantasmas que nos dominam”. Disse mais: “Éramos aduladores da glória, num mundo que carecia de nossa ação, num mundo que se deixava vencer e dominar pelos verdugos, monstros que gritavam em nome de Deus, em nome da pátria, em nome da família”. Disse ainda: “Existe Hitler porque nós, os intelectuais, permitimos que ele existisse. Cedemos tanto da nossa missão, do nosso poder, da nossa importância, que a palavra seria tomada de nosso domínio para o serviço degradante das tiranias. O fascismo tomou conta da palavra e fez da palavra o flagelo do mundo. E assim criou um nacionalismo que é uma paranoia, um delírio de grandeza, uma pátria que é um presídio, um Deus que é um castigo. A palavra, germe da

sabedoria, ficou somente veneno dos demagogos. Nós, os escritores, tínhamos perdido o uso da palavra”.

Em Buenos Aires, no instante preciso em que a Argentina atravessa uma de suas mais melancólicas etapas políticas, José Lins convidou aos intelectuais portenhos que salvassem a palavra. Ainda é tempo, todos nós devemos conjugar nossos esforços e nossas revoltas para a salvação da palavra. Depois, nas conferências que realizou sobre a novela brasileira, de Teixeira de Souza a Lima Barreto, José Lins não se limitou a ser apenas um mostruário de nomes e de títulos. Suas conferências foram, antes de mais nada, o elogio do povo brasileiro, principal personagem e principal força da novelística do Brasil. “Nossa novela, disse José Lins, tem um século. Precisamos de cem anos para chegar até o povo. Hoje podemos dizer, e com firmeza: o povo é o herói dos nossos livros. Isto equivale a dizer que possuímos uma literatura”.

“NÃO EXAGEREI, NEM DEFORMEI”

José Lins do Rego conversa conosco agora, num canto da livraria José Olympio, e nos diz:

- As missões culturais, quase sempre, se inutilizam e perdem sua finalidade no mar protocolar. Geralmente, quando um cavalheiro deixa seu país para visitar um outro, em embaixada de cultura, leva consigo duas diretrizes preconcebidas: contar formosuras do seu país e elogiar as formosuras do país que lhe hospeda. Não fiz nada disso. Falei aos uruguaios e argentinos com toda a sinceridade, como se estivesse falando em minha casa. No Colégio Livre de Ensinos Superiores, de Buenos Aires, por exemplo, fiz três conferências sobre as tendências do romance brasileiro. Quis expor a um auditório argentino o que é de fato o nosso romance. Não fui para lá com o intuito de engrandecer ou diminuir as coisas. Fui para dizer a verdade. Falei de um século de nossa novela para fixar que, desde Teixeira de Souza até Lima Barreto, o romance brasileiro tem procurado se identificar com o povo, fazendo do povo seu principal motivo. Ora, para que eu dissesse isto ou para que me tornasse digno do Brasil, não era necessário inventar que o medíocre Teixeira de Souza escreveu grandes livros ou que Machado de Assis tivesse sido, em vida, um coração de ouro abarrotado de bondades. Nada disto. Falei da grandeza literária de Machado, mas procurei encontrar, em sua vida, e descobrir, nas suas raízes psicológicas, a razão do seu terrível ceticismo, da sua cruel impiedade para com a espécie humana. Um crítico aqui do Rio (todo mundo conhece a “pinta” dele) achou que, agindo assim, eu estava procurando diminuir a glória do nosso maior romancista. Queria, então, este pobre desgraçado que eu pintasse um Machado de Assis de cabelos louros e sem as amarguras e o pessimismo infernal de sua obra? Mas um Machado assim, um Machado especial para

exportação, não era, em absoluto, aquele que meu auditório queria conhecer. Argentinos e uruguaio queriam saber da vida daquele homem misterioso do *Dom Casmurro*. E eu fui leal. Não exagerei, não deforme.

A LITERATURA BRASILEIRA NA ARGENTINA

José Lins fez também uma outra conferência, sobre Raul Pompeia. Suas preleções literárias, segundo ele nos conta e segundo podemos ler na coleção de jornais uruguaio e argentino repletos de fotografias e comentários sobre o “don” José Lins do Rego e suas palestras alcançaram um êxito ruidoso. Aliás, nos diz José Lins, tudo que é brasileiro desperta a melhor atenção e o melhor interesse da gente do Prata. Particularmente sua literatura e suas artes.

- Na Argentina, por exemplo, – nos diz o romancista – notei uma coisa que merece ser apontada: é que aquela indiferença absoluta por tudo que era literatura sul-americana que não fosse argentina, ou melhor, rio-platense, não existe mais. Os argentinos procuram hoje ler os nossos livros como os seus próprios. Nos grandes centros a leitura da literatura brasileira é constante. Todos têm procurado conhecer o que existe de fundamental e característico em nossas letras. *Dom Casmurro*, de Machado, *O cortiço*, de Aluísio Azevedo estão sendo lidos com grande interesse. No dia em que cheguei a Buenos Aires, encontrei em *La Prensa* e em *La Nación* anúncios do aparecimento da segunda edição de *Casa grande & senzala* de Gilberto Freyre. E anúncios caros... Isto revela a preocupação, nos meios intelectuais e na massa dos leitores, pelos assuntos brasileiros. Por toda parte por onde estive encontrei um interesse invulgar não só pela literatura brasileira, mas também pela vida econômica e política do Brasil. Perguntavam-me por Machado de Assis e pela Volta Redonda. Queriam saber se estávamos plantando trigo no Rio Grande e se o nosso Corpo Expedicionário já estava em marcha para a Europa. Respondi a todas estas perguntas, procurando ser minucioso e detalhado como um livro do José Jobim.

- E a literatura nova do Brasil? É conhecida no Prata?

- Muito conhecida. Todos nós, escritores da geração de 30, são lidos na Argentina e no Uruguai. E, entre todos, particularmente Jorge Amado. Por onde estive, no Uruguai, em Rosário de Santa Fé, em Baía Blanca, me perguntavam por Jorge Amado. Levei comigo alguns exemplares do *Terras do sem fim*, o último romance do grande romancista baiano, que distribuí lá por entre amigos e admiradores seus.

“O POVO É O HERÓI DOS NOSSOS LIVROS”

O grande diário *La Prensa*, de Buenos Aires, saudou a visita de José Lins do Rego e dos seus companheiros de missão como um acontecimento bastante importante. No principal tópico de sua edição de 29 de outubro passado, assim se referiu *La Prensa* à visita dos intelectuais brasileiros: “Merece aplausos a visita que neste momento nos fazem três distinguidos representantes da inteligência brasileira. Como não estamos de todo habituados a estas embaixadas do pensamento puro, bem desejaríamos que de hoje em diante ficasse bem assentado o costume dos homens de letras e de ciência do Brasil viessem constantemente dizer o que é o Brasil”. *La Prensa* referiu-se também à conferência de José Lins sobre Machado de Assis, dizendo: “Desejamos chamar a atenção acerca de um conceito expressado na primeira conferência a cargo de um eminente escritor brasileiro. Depois de analisar com erudição e amenidade o romance do seu país no correr de um século, disse ele o seguinte: ‘Nossa novela tem um século de idade. Necessitamos de cem anos para chegar até o povo. Hoje podemos dizer, e com firmeza: ‘o povo é o herói de nossos livros’. Isto equivale a dizer que possuímos uma literatura”. Há aqui dois princípios: um, que não se chega ao povo sem mais nem menos, de um dia para outro, sem procurá-lo, encontrá-lo e vivê-lo, e outro, que a literatura adquire carta de cidadania num país quando toma e vai buscar no povo seus elementos essenciais, sua linguagem e seus costumes, suas necessidades e anseios. A observação é boa para o Brasil como para todas as nações que possuem uma literatura superior, e muito especialmente uma novelista criadora de tipos imperecíveis, como a espanhola, a francesa, a russa ou a inglesa. O historiador pode ser um cronista de sucessos particulares ou um filósofo que interpreta os fatos e as leis históricas. Porém, sem o novelista que capta e transmite as vibrações da alma popular, de muito pouco serviriam os documentos e os arquivos. O novelista é o historiador emocional, poeta e pintor ao mesmo tempo, porque nos apresenta o homem na sua paisagem natural”. Falando dos escritores brasileiros, disse *La Prensa*.

“Não é possível tratar do Brasil sem recordá-los, porque eles são o próprio Brasil, alma e sangue do povo, cor e calor da terra. As nações civilizadas são as que honram os artífices da inteligência”.

“É IMPOSSÍVEL A EXISTÊNCIA DE UM DITADOR NO URUGUAI”

José Lins do Rego nos dá suas impressões do Uruguai:

- Montevideu é hoje um dos centros de maior significação cultural da América. Sendo o uruguaio um povo de tradição política intensamente democrática, pois os grandes nomes da história uruguaia são libertadores, como Artigas, o Uruguai teve no começo de sua formação

um homem que foi contemporâneo de Sarmiento, e que com Sarmiento esteve na América do Norte: Varela. Varela foi para o Uruguai uma verdadeira providência. Porque foi ele quem fez uma reforma na instrução primária que até hoje serve de modelo. Tomando o povo, sem nenhum preconceito de raça ou de classe, Varela pretendeu elevar o nível das classes inferiores. E o que é interessante é que toda a instrução pública uruguaia, primária, secundária e superior, é gratuita. Qualquer um pode cursar do primeiro ano de uma escola primária ao último de uma Universidade sem gastos obrigatórios. O Estado não lhe cobra coisa alguma. Daí a elevação mental que se encontra por toda a parte no Uruguai. Montevideu é um centro constante de conferências e concertos. Sob o ponto de vista cultural e artístico, Montevideu tem conhecido nomes e presenciado acontecimentos que nós, no Brasil, ainda ignoramos. As suas faculdades de Medicina e Direito vivem cheias, e é de se notar o grande número de moças estudantes. Uma grande porcentagem de estudantes uruguaio é de sexo feminino.

Dando um exemplo prático do nível de cultura a que já atingiu o povo uruguaio, José Lins nos conta um episódio:

- Foi um fato muito curioso. Eu e outros amigos íamos de táxi, em Montevideu, e conversávamos sobre Mauá. Pois bem: quando nosso táxi parou, defronte da Escola Brasil, o chofer voltou-se para nós e perguntou: “Os senhores estavam conversando sobre Mauá, não é verdade? Eu já li um livro sobre este homem, um livro que pertencia a um amigo patrão meu, que foi ministro da Fazenda”. E nos deu o título do livro. Isto é apenas um incidente, para mostrar a você como no Uruguai se toma a sério as coisas importantes, mesmo as chamadas classes inferiores. Outra coisa interessante no Uruguai é a consciência política do seu povo. Batlle foi no Uruguai um admirável condutor de homens. E marcou profundamente os políticos das novas gerações. Ele deu uma consistência ideológica ao partido Colorado, que em suas mãos se transformou numa grande corporação democrática. O battlismo é, no Uruguai, uma coisa viva.

Perguntamos a José Lins do Rego se um golpe de tendências totalitárias, à semelhança do que se deu na Argentina, seria possível no Uruguai. O romancista diz que não.

- Não seria. Um ditador não pode existir no Uruguai. A ditadura Terra não pode continuar porque a hostilidade do povo derrubou-a sem movimento armado. Um jornal semelhante ao argentino *El Pampero* pretendeu se estabelecer em Montevideu e não conseguiu. Todas as suas edições iniciais foram rasgadas na rua pelo povo.

ESCRITORES DO URUGUAI

José Lins do Rego foi encontrar no Uruguai uma intensa vida cultural e literária. A respeito, ele nos diz:

- Há uma tradição literária muito forte no Uruguai. O Pampa deu um contista admirável, que é Quiroga, ainda hoje muito lido. Conheci homens de letras e estive em contato permanente com artistas. Todos com quem conversei são homens inteiramente voltados para os problemas mais íntimos de sua terra e para o destino do mundo. Não existe, nas novas gerações literárias do Uruguai, a torre de marfim e o preciosismo. Todos os intelectuais uruguaios são homens políticos, identificados com os rumos do seu país e os anseios do seu povo. Vitoreira é um poeta com um sentido real da poesia. É um poeta de sua terra e é de todas as outras. Conheci também Jesualdo, com quem muito conversei, escritor e poeta que tem sobre a história e o destino do Uruguai uma segura compreensão. Além de romancista, pois possui uma novela que chamou *História de un maestro*. Jesualdo é um apaixonado pela vida e pela história do seu país. Artigas deu-lhe material para um livro de investigação e análise política do seu povo, um livro que todos nós devíamos conhecer. Há também no Uruguai uma grande preocupação pelos estudos de filosofia e ciência.

E José Lins acrescenta que infelizmente não é possível citar todos os nomes de importância no cenário intelectual do Uruguai. “Seria um não acabar de citar nomes”.

UM GOVERNO SEM SEGREDOS

Indagamos ao romancista qual sua impressão sobre as relações entre o povo e o governo uruguaios. José Lins nos responde:

- Quem chega ao Uruguai compreende à primeira vista que o seu governo é amigo íntimo do povo. É um governo sem segredos e sem mistérios para as massas, um governo sem demagogia. A imprensa tem opinião livre e independente, e é uma colaboradora eficaz da administração, criticando severamente todos os atos governamentais que julga errados. A imprensa uruguaia tem convicções políticas e defende estas convicções com ardor. Quem compra *El Día*, *El País* ou *La Mañana* sabe com segurança o que os seus líderes dirão, o que aconselham os seus chefes e o que criticam os seus articulistas. Conheci uma revista chamada *Alfar*, admiravelmente bem impressa, com um corpo de colaboradores da melhor qualidade.

E sobre o ambiente artístico do Uruguai, assim nos fala o romancista:

- Posso lhe dizer que fui conhecer no Uruguai o maior pintor que já vi até hoje: Figari. A história deste homem é um verdadeiro romance. A sua revelação como pintor começou em Paris, quando ele já era homem maduro de idade. Conta-se que a morte de um filho provocou,

neste admirável advogado e homem de letras que era, uma verdadeira erupção artística. Pintou mais de 3 mil telas. E o que é mais curioso: pintou tudo isto de memória, pois estando ele em Paris, longe de sua terra, começou a ressuscitar pela memória o ambiente físico e humano do Pampa, os negros, os cavalos, os gatos, os cachorros, os umbus, as danças, os homens vestidos de vermelho do tempo de Rosas e com tudo isto ele reconstruiu a vida rural e social de sua gente, nos meados do século XIX. Com um poder plástico e uma imensa capacidade poética, Figari deu à pintura do continente americano a sua maior expressão. Mora em Montevideu a viúva de Barradas, o Barradas que foi da geração de Picasso, Barradas é o outro lado da pintura. Com uma técnica poderosa, ele conseguiu fixar da Espanha a vida das classes humildes e trazer para sua pintura tipos que são como que parentes próximos dos de Goya.

Também em Montevideu, José Lins assistiu a uma *première* de uma peça de Jules Supervielle, *Ladrões de meninos*. Ele nos diz isto e acrescenta:

- Como você, tudo isto está muito acima das baboseiras que nós assistimos aqui.

LITERATURA ARGENTINA

José Lins do Rego fala sobre o Colégio Livre de Buenos Aires:

- O Colégio Livre de Estudos Superiores é como se fosse uma Universidade onde não se dão títulos e nem se obedecem a programas oficialmente estabelecidos. É uma organização que honra qualquer país civilizado. Os maiores escritores, filósofos e cientistas da Argentina prestigiam o Colégio com seu nome. Lá deu cursos inesquecíveis de psicologia e história social o grande Anibal Ponce, nome que encontrei vivo na Argentina como o de um mestre que se respeita e se ama. É secretário do Colégio Livre, e a ele entrega sua vida, o Sr. Luis Reissig. Dirige a cátedra sobre estudos brasileiros o jovem Homero Batista, bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade de Buenos Aires, e que vem prestando à nossa cultura uma valiosa colaboração.

José Lins fala sobre a Argentina:

- Fui encontrar na Argentina um grande grupo de homens de letras de primeira ordem. Romancistas como Mallea, Amorim, críticos como Borges, Juti; filósofo como Romero, e tantos outros. Em casa de Maria Rosa, onde estive numa recepção que ela me ofereceu, foi como se estivesse em casa de Anibal Machado: apareceu gente de todos os gêneros e espécies, desde a grande Victoria Ocampo, imponente, até o pintor Carybé, simpático, macio como um baiano. Conheci também vários espanhóis exilados, como Rafael Alberti e sua mulher, Maria Tereza. Fui com Newton Freitas à casa do poeta. Alberti, agora editor, é uma figura admirável. No dia em que estive em sua casa tinham aparecido os primeiros livros de sua editora, poemas

escolhidos de Garcia Lorca e uma coletânea de Luis de León. Guillermo de Torre trabalha na editora Losada como crítico e selecionador. Amado Alonso também está na Losada, na sua comissão de crítica. A Losada, cujo diretor [Gonzalo Losada] é um homem assim como o nosso José Olympio, moço e aglutinador de gente inteligente, está realizando na Argentina uma grande obra, sobretudo no que diz respeito à crítica e aos estudos filosóficos.

“SARMIENTO NÃO PREGOU NO DESERTO”

A nossa última pergunta a José Lins do Rego (já passavam das seis da tarde e Castilho, o popular auxiliar da José Olympio, já descera a porta de entrada da livraria) foi sobre a situação política da Argentina. O romancista de *Usina* nos disse:

- Cheguei na Argentina na véspera da demissão dos professores e homens de letras que assinaram o Manifesto pelo rompimento de relações com os países do Eixo. Andei por vários recantos desse país e posso lhe dizer com absoluta segurança que não conversei com uma única pessoa, intelectuais ou gente do povo, ou ainda gente da classe média, que se revelasse a favor do fascismo. Há na Argentina uma tradição de liberalismo tão exaltada, que não seria possível um governo fixar-se por muito tempo violando esses compromissos da nação com o seu destino democrático. Um país que deu um Rivadavia não poderá em absoluto permanecer num regime que não seja aquele ligado à sua estrutura moral e cívica. Sarmiento não pregou no deserto. O Pampa é terra bastante gorda para não deixar que morressem sementes tão puras de idealismo e de respeito à dignidade.

RECADO AO CRONISTA

Dois ou três dias depois da partida de José Lins do Rego para o Prata, um inquieto e brilhante cronista aqui do Rio lamentou, num artigo, que fosse o romancista o escolhido para a importante missão. A verdade é que o cronista e o romancista, ambos figuras das mais importantes em nossa literatura, estão envolvidos numa dessas alegres e comuns disputas literárias. O cronista perguntara: “Por que logo o romancista que gosta de futebol é quem vai visitar países no estrangeiro?”. José Lins do Rego pede que a sua resposta seja acrescentada nesta entrevista: - Diga ao cronista que o Itamaraty me escolheu porque já está cansado de certos gênios. Estes gênios são cavalheiros perigosos e inconsequentes. Não sabem o que querem nem nunca poderão prever como acordarão amanhã. Os medíocres são mais objetivos, e a hora é de objetividade. Não fui ao Prata brilhar ou fazer demagogia, tarefas que, tenho a certeza, o cronista desempenharia melhor do que eu. Fui apenas conversar com alguns amigos, como

converso aqui na livraria diariamente. Dê na entrevista este recado ao cronista, que é um tão bom rapaz.

E aqui fica a nona ou décima, não sabemos direito, entrevista que José Lins do Rego concede à *Diretrizes*. De uma coisa, contudo, temos certeza: de que esta não será a última vez que conversamos com o romancista de *Banguê*. José Lins do Rego, bem ou mal, com o seu jeito desajeitado, seu bom humor e sua inteligência meio rude, continua muito vivo no mundo literário do Brasil. Sua obra é uma obra política, ligada ao povo, e ele próprio, quando quer, sabe ser um homem político tão forte e tão honesto quanto os seus romances. Sua viagem, agora, ao Prata, nos mostrou isto.

Trecho do artigo “Biografia de 1943”, de Joel Silveira (*Diretrizes*, 30 dez. 1943, p. 3,22).

OUTUBRO

[...] O escritor José Lins do Rego foi fazer conferências literárias em Buenos Aires metido num grossíssimo casaco de caxemira. Casaco que, de resto, não usará, já que o calor está matando a capital do general Ramirez.

ANEXO E – 14 recortes de jornais sobre a recepção das conferências do Colégio Libre de Estudos Superiores

***La Prensa* – Jueves, 14 de octubre de 1943**

“Profesores brasileños darán conferencias en el Colegio Libre”

El 18 de este mes llegará el primer grupo de profesores brasileños que, invitados por el Colegio Libre de Estudios Superiores, dictarán conferencias sobre temas de sus respectivas especialidades. Forman la delegación los profesores José Lins do Rego, Nelson Romero y Walter Oswaldo Cruz.

El profesor Lins do Rego, que obtuvo los premios “Graça Aranha” y “Felipe de Oliveira”, otorgados al mejor libro por su novela *Menino de engenho*, iniciará sus clases sobre “Tendencias de la novela brasileña” con este programa: Panorama de la literatura brasileña desde la colonia hasta nuestros días; el realismo de los románticos brasileños; Machado de Assis; los realistas; los naturalistas; los modernos; Raul Pompeia; fin de siglo y nuevo mundo. Hablará los días 20, 22 y 25 del corriente, a las 19.

El doctor Nelson Romero, graduado en filosofía y laureado por la Universidad Gregoriana de Roma, es un escritor y humanista autor de varios libros sobre literatura de su país. Disertará sobre “Formación cultural del Brasil”, refiriéndose a estos puntos fundamentales: Legado de la cultura europea a través de los portugueses; el indio; el negro; nuevos contingentes inmigratorios; influencias generales del extranjero a través de la prensa, del comercio y de las escuelas. El conferenciante, que ocupa actualmente la cátedra de filosofía del Colegio Pedro II y del Instituto Lafayette, hablará los días 27 y 29 del actual, a las 19.

El doctor Walter Oswaldo Cruz, hijo del gran médico brasileño, actuó como delegado de su país en la octava conferencia científica panamericana de Washington, donde permaneció dos años realizando estudios y trabajos sobre enfermedades tropicales. Hablará el 23 del corriente, a las 18, sobre “La investigación científica desde el punto de vista social”.

***La Nación* – Lunes, 25 de octubre de 1943**

“El apostolado de la ciencia”

Acaban de llegar a Buenos Aires, donde se proponen dictar cursos sobre sus distintas especialidades, tres profesores brasileños de grande y merecida nombradía. Esos maestros contribuirán a la feliz y fecunda vinculación intelectual que desde hace mucho tiempo tiene establecida nuestro país con la nación de que ellos son oriundos, como con otras de América y Europa, merced al periódico intercambio de los hombres de estudio que, por encima de fronteras y divisiones políticas, se dedican noblemente a impulsar el progreso del saber auténtico y universal.

Esa simpática y generosa fraternidad en los dominios del pensamiento, puede consolarnos, en parte, del espectáculo doloroso que ofrece el mundo actual, pues es la mejor prenda de la posible inteligencia futura entre los pueblos. En tanto éstos no desamparen el afán por salvar el tesoro de la cultura común, comprometida en la catástrofe a que asistimos, puede confiarse en que resurgirán y se afianzarán normas de vida superior para la humanidad. En una palabra, mientras subsista la ciencia, habrá civilización.

Porque, sin duda, una cosa supone la otra como condición básica de su propia existencia. De ahí que sea fundamentalmente necesario esforzarse por preservar la vida científica y sus preciosas conquistas de los peligros que las amagan, protegiendo y alentando a quienes se consagran a ellas, casi siempre con una austeridad y un desinterés que hacen más augusta su elevada misión. En ese sentido es por cierto confortador que muchos hombres de ciencia europeos, obligados a expatriarse en los últimos tiempos, hayan encontrado en América facilidades para continuar en lo posible la interrumpida tarea con que sirven y ennoblecen a la especie humana. Apoyar y honrar a tales espíritus en vida y después de ella es deber ineludible de todo pueblo que aspire a ocupar un digno lugar en la historia, y precisamente la forma en que lo haga puede dar la medida de su vocación y aptitud para la obra civilizadora en general. Por eso nos complacíamos hace poco al comprobar que Buenos Aires había rendido su homenaje a la memoria de algunas personalidades científicas de fama mundial dando a dos de sus calles los nombres, ya gloriosos, de Roentgen y Curie, como lo hiciera anteriormente con otras grandes figuras de la misma índole. Esos actos, no sólo constituyen un tributo de fundada admiración y gratitud hacia aquellos que son considerados a justo título benefactores de la sociedad, sino que representan también un eficaz estímulo para los que siguen sus pasos por la misma senda, tantas veces llena de privación y sacrificio.

Pero esa veneración debida a los verdaderos cultivadores de la ciencia, que no deben ser confundidos con los que a menudo despliegan un charlatanismo tan brillante como sofístico, ha

de comprender, natural y legítimamente, a aquellos que tenemos más cerca, a los que pertenecen a nuestra estirpe y son así honor y decoro de la patria. Afortunadamente hemos poseído en el pasado y poseemos hoy no pocos maestros que se han hecho célebres por sus extraordinarias actividades como investigadores, como autores de notables tratados o como catedráticos de indiscutible autoridad. La profusión con que grandes y severos institutos europeos y americanos, insospechables de complacencia alguna, han premiado con títulos y distinciones honoríficas sus descubrimientos, hipótesis y conclusiones, atestigua valores de que la Argentina puede enorgullecerse por el prestigio que sobre ella reflejan y a los que debe rodear del agradecimiento y el afecto que merecen sus mejores hijos.

Hace varios siglos, el gran filósofo, astrónomo y matemático inglés Rogerio Bacon, al abandonar el sitio en que lo habían confinado por largo tiempo los adversarios de sus audaces especulaciones dejó escapar de sus labios estas palabras impregnadas de desaliento y amargura: “Me arrepiento de haber dedicado mi vida a la ciencia”. Hagamos votos porque los sabios argentinos o extranjeros no tengan que repetir nunca la frase desencantada de aquel ilustre precursor y encuentren siempre en torno suyo la atmósfera de respeto, de acatamiento y de aplauso a que les dan derecho sus constantes y fructuosos desvelos.

La Nación – Martes, 26 de octubre de 1943

“Sobre la novela brasileña se inició un curso”

En el Colegio Libre de Estudios Superiores fue inaugurado ayer un curso sobre “Las tendencias de la novela brasileña”, a cargo del prestigioso escritor del país hermano D. José Lins do Rego, quien volverá a ocupar la tribuna de la citada institución mañana y el viernes próximo, a las 19. El docto conferenciante, auténtico valor de la literatura brasileña, comenzó ayer a analizar la trayectoria de la novela en su patria, que lleva, en un siglo de vida, desde Teixeira de Souza, a la moderna pléyade de escritores, orientados a la literatura de masas, al análisis de la psicología colectiva, para lo cual toman al pueblo, sin el cual en definitiva nada puede hacerse, a los hombres que cantan o sufren en las selvas, junto al mar o en la vorágine de las ciudades, como héroe de sus novelas.

Con el acto de ayer se inauguraba la labor del primer grupo de profesores brasileños llegado a invitación del Colegio, que ya antes realizó tarea análoga con destacados maestros chilenos.

El prestigio del conferenciante y el interés del tema atrajeron a numeroso y calificado público al salón de actos de la citada institución – Cangallo 1372 –, público que siguió con interés la disertación, prestándole amplio marco al acto, prestigiado por la presencia del embajador del Brasil, doctor José de Paula Rodrigues Alves, quien pronunció palabras, que fueron muy aplaudidas, alusivas a la significación del curso que iba a inaugurarse.

El secretario general del Colegio Libre, D. Luis Reissig, hizo la apertura del acto, exponiendo el valor de las letras brasileñas, su valiosa aportación al acervo cultural del mundo, nutrido espiritualmente por la convergencia de todas las culturas, hecho que crea la atmósfera sentimental de la humanidad, su vitalidad anímica, trazando después una recia semblanza del orador, de José Lins do Rego, figura de extraordinario relieve en el panorama literario brasileño.

El secretario de la Cátedra de Estudios Brasileños, Dr. Homero B. de Magalhães, habló a continuación para expresar la trascendencia, la proyección espiritual que habría de tener el curso colectivo de los profesores José Lins do Rego, Nelson Romero y Walter Oswaldo Cruz, y dijo al respecto, después de reseñar la obra realizada por la institución, obra definida en palabras del Dr. Ramón J. Cárcano, recordadas por el orador, que es promisorio reanudar las actividades con prestigiosas figuras de la intelectualidad brasileña, como Nelson Romero, Walter Oswaldo Cruz y José Lins do Rego, de quien dijo que es un novelista de garra que ha sabido valorizar en la universalidad problemas regionales del Brasil, exponiéndolos con tal maestría que, dentro de su expresión estética magnífica, son un elocuente alegato de superación nacional.

En seguida habló el embajador del Brasil, quien comenzó agradeciendo al Colegio Libre la fundación de la cátedra de estudios brasileños, y destacó en seguida el prestigio de los tres profesores que la ocuparán en estos días, para revelarnos el progreso actual de su patria y su significación en el mundo americano. Señaló que si el Brasil marca en esta hora un alto, un eminente progreso industrial, que le permite conquistar a diario nuevos avances materiales, acentúa también su marcha segura y su adelanto en el terreno espiritual, en el campo de las más nobles especulaciones de la inteligencia.

Terminó anotando que le era grato a él, hombre del Sur, saludar en José Lins do Rego a un hombre de ese norte brasileño que muestra su vigor en su lucha constante y victoriosa con una naturaleza hostil como pocas. “El Norte, el Centro, el Sur – concluyó –, integran la sinfonía magnífica del Brasil, uno en ideas, en sentimientos, en aspiraciones y en glorias pasadas y presentes”.

En seguida tomó la palabra el señor Lins do Rego, quien quiso comenzar rindiendo homenaje al Colegio Libre en la memoria de uno de sus creadores, Aníbal Ponce, “figura americana, expresó, cuya obra arrojó firme prestigio sobre el pensamiento argentino y que supo ser libre en la cátedra y en la vida”. En seguida el conferenciante entró en la materia de su curso, que bien pudiera titularse “Un siglo de novela brasileña”.

Empezó haciendo la evocación de Teixeira de Souza – 1843 –, que no mira en su novela la tierra ni ve al hombre. ¿Era en realidad un novelista? La figura no parece merecerle mucha simpatía al orador, que otorga el título de primer novelista brasileño a Joaquim Manuel de Macedo, creador de la primera imagen viva literaria brasileña: *A moreninha*, niña carioca que tiene existencia real. Macedo había conseguido tocar la sensibilidad del público, pues su novela es leída por todas las clases, pero aun no capta la vida en su intimidad profunda. Bernardo Guimarães aparece como el primer escritor de ficción que toca el tema de los esclavos y es también el primero que hace una literatura regionalista. Su novela *A escrava Isaura* traduce una fuerza social, una tendencia que marca rumbos a la literatura brasileña. Y en el desfile, presentado con profundidad de conceptos por el orador, surge Manuel Antonio de Almeida – “un muchacho de menos de 30 años que escribe como un realista francés” – con su *Memórias de um sargento de milicias*. Analista de sutil penetración, Almeida no se queda en la superficie de las cosas. El hombre de su Río, de 1850, aparece en la citada novela con toda su realidad. Los románticos, como José de Alencar, huyen de la lección de Almeida. Alencar crea el mito del indio como una imagen del hombre bueno de Rousseau, y mira hacia la tierra con más apasionamiento que los cronistas de 1500. Como forjador de una lengua nueva presenta el conferenciante a Alencar. El portugués de sus libros es más melodioso, tiene otra ternura. Pero

la novela brasileña no llega a su grandeza, dijo do Rego, hasta Machado de Assis, mestizo de genio creador, temperamento amargo, de filosofía cínica sobre los hombres, que escribe después de los cuarenta años de edad libros de proyección universal. Machado es hombre del segundo reinado, de vida acomodada en la paz burguesa, pero sus libros no se conforman con esa felicidad. Son libros de reflexión desgarradora respecto a la naturaleza humana. Aparecen los naturalistas. Aluísio de Azevedo escribe novelas para revelar la vida del pueblo pobre de Rio de Janeiro. La novela se transforma en un debate sobre el destino del hombre. Raul Pompeia reacciona contra los excesos del naturalismo, y escribe *O Ateneu*, en tono de poesía nocturna, pero con el poder de análisis típico de Almeida. Surge Lima Barreto, otro mestizo como Machado de Assis, pero hombre que cree en el hombre. Empieza el pueblo a ser héroe en la novela brasileña, dijo finalmente el orador, que fue muy aplaudido: “Nuestra novela lleva un siglo. Hemos necesitado cien años para llegar hasta el pueblo. Hoy podemos decir, y con firmeza: el pueblo es el héroe de nuestros libros. Esto equivale a decir que tenemos literatura”.

El Sr. José Lins do Rego fue largamente aplaudido.

Durante el día de ayer, los profesores José Lins do Rego, Walter Oswaldo Cruz y Nelson Romero visitaron al Dr. Bernardo A. Houssay, con el fin de saludarlo y de transmitirle diversas expresiones de congratulación por su eminente labor científica, en nombre de prestigiosas figuras de la intelectualidad brasileña.

***La Prensa* – Martes, 26 de octubre de 1943**

“Los profesores brasileños que nos visitan iniciaron sus conferencias”

Ante un auditorio numeroso y selecto se inició ayer por la tarde, en el Colegio Libre de Estudios Superiores, el curso colectivo sobre diversos aspectos de la vida del Brasil, a cargo de tres destacados intelectuales de ese país: los profesores José Lins do Rego, Walter Oswaldo Cruz y Nelson Romero.

En los lugares de preferencia acompañaron a los visitantes el embajador del Brasil, doctor José de Paula Rodrigues Alves; el cónsul general, doctor Mario Fernandes; el escritor Cristovam de Camargo, el general José María Sarobe y los señores Homero B. de Magalhães, señorita María Rosa Oliver, Francisco Romero, Luis Reissig, Manuel Gomes Veiga, A. García de Souza, Ernani Braga y el personal de la representación diplomática y consular del vecino país.

Palabras del señor Magalhães

Inició el acto el señor Homero B. de Magalhães, en su carácter de secretario de la cátedra de estudios brasileños del Colegio Libre de Estudios Superiores. Recordó la inauguración de la misma, hace un año, y al referirse a la obra cumplida reprodujo conceptos del doctor Ramón J. Cárcano al presentar al doctor Jorge. E. Coll en la ceremonia inicial, sobre la trascendencia del esfuerzo que realiza la entidad, sin apoyo oficial y con escasos recursos. Expresó luego las finalidades que persigue la cátedra, y acerca de la tarea a cumplirse citó los siguientes conceptos del señor Reissig en la demostración a los profesores chilenos que recientemente disertaron en el colegio: “Y si en el orden cultural no debe, para nosotros, haber más límite de conocimiento que el de nuestras condiciones para adquirirlo, en el orden social no puede haber otro que el que no dañe el sostenimiento de la libertad y el progreso de la democracia”. Por último, dijo el orador: “Es, pues, promisorio que reanudemos nuestras actividades con dos figuras prestigiosas de la intelectualidad brasileña: Nelson Romero y Walter Oswaldo Cruz, herederos ambos de una plecara tradición paterna, que siempre estuvo orientada por esos dos grandes principios. El tercero, a quien escucharéis dentro de breves instantes, José Lins do Rego, es un novelista de garra que ha sabido valorizar en la universalidad problemas regionales del Brasil, exponiéndolos con tal maestría que, dentro de su expresión estética magnífica, sus libros no dejan de ser un elocuente alegato de superación nacional”.

Conceptos del embajador del Brasil

Acallados los aplausos que señalaron la terminación del discurso del señor De Magalhães, habló el doctor Rodrigues Alves, quien comenzó por agradecer al colegio la fundación de la Cátedra de Estudios Brasileños. Luego se dirigió al secretario de la misma y exaltó con cálidas palabras de entusiasmo el esfuerzo, la abnegación y competencia puestos por éste en la realización de una labor de tan vastas proporciones. Al referirse después al viaje de los profesores brasileños que dictarán el curso, dijo que el Brasil había elegido a tres de sus más eminentes figuras literarias para decir de viva voz a la Argentina, las cosas elevadas del espíritu de su patria. En seguida trazó con términos elocuentes la semblanza del escritor José Lins do Rego, cuya inteligencia vigorosa, penetración psicológica y dominio de las costumbres del norte del Brasil, puso de relieve como manifestación fiel de esa raza bravía e indómita, que son los hombres de esa parte de su país. Terminó diciendo que la literatura de José Lins do Rego es nortista, pero más que todo es brasileña y el Brasil tiene – concluyó – solo un alma, que palpita en el pecho de todo brasileño.

Cordiales aplausos recibieron las palabras del embajador del país vecino, quien momentos después abandonó el recinto requerido por sus tareas diplomáticas.

La conferencia

A continuación, inició el profesor José Lins do Rego la primera disertación de la serie que forman el curso sobre “Tendencias de la novela brasileña”. Dijo en síntesis el orador:

La novela brasileña tiene un siglo. En 1843, Teixeira e Souza publicó la primera novela en el Brasil. Es, sin embargo, sólo un jalón. Sus libros nada revelan. Souza no mira la tierra ni ve al hombre. Sería a Joaquim Manuel de Macedo a quien podría llamarse primer novelista brasileño. Este crea la primera imagen viva de nuestra novela. Es *A moreninha*, niña carioca que tiene existencia real. La “moreninha” queda como un personaje que perdura a través de los tiempos. Macedo había conseguido tocar la sensibilidad del público. Hace una novela que es leída por todas las clases. Pero aun no capta la vida brasileña en su intimidad profunda. El Brasil vive en el régimen esclavocrata; es una sociedad de libres y esclavos, y nuestra literatura ignora esta realidad. Bernardo Guimarães aparece como el primer escritor de ficción que toma el tema de la vida de nuestros esclavos para la novela, y es también el primero que hace literatura regionalista. No es hombre de genio literario: es poeta y prosista bastante mediocre, pero su novela *A escrava Isaura* tiene cualidades, traduce una tendencia social que será la gran fuerza de nuestra novela. La primera gran novela brasileña se titula *Memórias de um sargento de milícias*, de un muchacho de menos de 30 años de edad, quien escribe como un realista francés.

Es Manuel Antonio de Almeida. Este es un analista de penetración: no se queda en la superficie de las cosas. El hombre de la ciudad de Rio de Janeiro, de 1850, aparece en su novela con toda realidad, un tanto caricatural, pero vívido. Almeida crea la novela brasileña. Los románticos como José de Alencar huyen de la lección de Almeida. Alencar crea el mito del indio como una imagen del hombre bueno de Rousseau, y mira hacia la tierra brasileña con más apasionamiento que el de los cronistas de 1500. Alencar forja una lengua nueva. El portugués de sus libros es una lengua aterciopelada, melodiosa, con otra ternura. Con todo, no es un gran novelista. La novela brasileña llega a su grandeza con Machado de Assis, mestizo de genio creador, temperamento amargo, de filosofía cínica sobre los hombres, que escribe después de los 40 años de edad libros que son de una proyección universal. El gran Machado de Assis hace que la novela brasileña vuelva a la tradición realista de Almeida. Con sus novelas de la vida carioca llega este genio literario a su más grande esplendor. Machado es hombre del segundo reinado, de vida acomodada en la paz burguesa; pero sus libros no se conforman con esa felicidad. Son libros de reflexión desgarradora con relación al hombre y a la naturaleza humana. Vienen después los naturalistas. Aluísio de Azevedo escribe novelas para revelar la vida del pueblo pobre de Rio de Janeiro. La novela se transforma en un debate sobre el destino del hombre. Raul Pompeia reacciona contra los excesos del naturalismo y escribe *O Ateneu*, obra prima de novela psicológica, en un tono de poesía nocturna, pero con poder de análisis que era típico del gusto de Almeida. Aparece Lima Barreto, otro mestizo como Machado de Assis, pero hombre que creía en el hombre, hombre que desea sentir el mundo sin señores y esclavos. Lima Barreto es de la categoría de los Tolstoi. Empieza el pueblo a ser héroe en la novela brasileña.

Terminó el conferenciante diciendo: “Nuestra novela lleva un siglo. Precisamente en 1843 se publicaba nuestra primera novela. Hemos llevado cien años para llegar hasta el pueblo. Hoy podemos decir, y con firmeza: el pueblo es, en nuestros días, héroe de nuestros libros. Esto equivale a decir que tenemos literatura”.

El orador fue muy aplaudido al concluir su exposición.

Las próximas disertaciones

El señor Lins do Rego pronunciará sus dos próximas conferencias mañana y el viernes próximo, completando así el cursillo sobre “Tendencias de la novela brasileña”.

El jueves próximo, a las 19, el doctor Walter Oswaldo Cruz disertará acerca de “La investigación científica desde el punto de vista social”.

En cuanto al doctor Nelson Romero, hablará los días 3 y 5 de noviembre próximo, también a las 19, sobre “Formación cultural del Brasil”.

Visita de cortesía

Los tres intelectuales visitantes, profesores Walter Oswaldo Cruz, José Lins do Rego y Nelson Romero, realizaron ayer una visita de cortesía al doctor Bernardo Houssay.

Función en el Buenos Aires

La compañía de revistas brasileñas de Jardel Jércolis ofrecerá esta noche en el teatro Buenos Aires una función extraordinaria en honor de los tres profesores visitantes.

La Prensa – Viernes, 29 de octubre de 1943

ACTUALIDAD

“La literatura y el pueblo”

Es de celebrar la visita que en este momento nos hacen tres distinguidos representantes de la intelectualidad brasileña. Como no estamos del todo habituados a estas embajadas del pensamiento puro, bien quisiéramos que de hoy en más dejaran bien asentada la costumbre de que los hombres de letras y de ciencia de la gran nación hermana vengan con frecuencia a decirnos lo que es el Brasil. Aunque lo sepamos, porque ningún argentino que se respete puede ignorar lo que es el Brasil como entidad política internacional, será siempre provechoso que los brasileños nos hablen de ellos mismos, con el conocimiento y amor que tienen y sienten de su historia y de sus glorias, de la tierra a cuyo contacto el pueblo nutre su alma y plasma sus costumbres, de sus ríos y selvas, de sus ciudades y regiones tan distintas y características. Hay no pocos errores y lamentables prejuicios que separan a las naciones con resentimientos que algunas veces pueden llevar lejos. La información ligera, los viajes veloces, las lecturas superficiales no bastan para evitar lo que más es de temer en cualquier continente: el aislamiento espiritual y su consecuencia inevitable, la ignorancia de los grandes valores intelectuales y morales.

Deseamos llamar la atención acerca de un concepto vertido en la primera conferencia a cargo de un eminente escritor brasileño. Después de analizar con erudición y amenidad la novela en su país a lo largo de cien años, dijo lo siguiente: “Nuestra novela lleva un siglo. Hemos necesitado cien años para llegar hasta el pueblo. Hoy podemos decir, y con firmeza: el pueblo es el héroe de nuestros libros. Esto equivale a decir que tenemos literatura”. Hay aquí dos principios: uno que no se llega al pueblo así no más, de un día para otro, sin buscarlo, encontrarlo y vivirlo, y el otro que la literatura adquiere carta de ciudadanía en un país cuando toma en el pueblo sus elementos esenciales, su lenguaje y costumbres, sus necesidades y anhelos. La observación es buena para el Brasil como para todas las naciones que poseen una literatura superior, y muy especialmente una novelística creadora de tipos imperecederos, como la española, la francesa, la inglesa o la rusa. El historiador puede ser un cronista de sucesos particulares o un filósofo que interpreta los hechos y las leyes históricas. Pero sin el novelista que capta y trasmite las vibraciones del alma popular, de muy poco servirían los documentos y archivos. El novelista es el historiador emocional, poeta y pintor al mismo tiempo, porque nos presenta al hombre en su paisaje natural.

Aunque en un momento de amargura Sales Torres-Homem decía vivir en un país “en el que bastaba repetir tres veces un nombre” para que al punto inspirara despecho, el Brasil tiene

motivos para enorgullecerse de su literatura y de sus escritores. Es posible que el político, no siempre culto, no respete como lo merecen a los afanosos cultores de las letras y las artes. Las naciones son recordadas en la historia por el pensamiento de sus mejores hijos, mucho más que por la riqueza material y en ningún caso por sus políticos advenedizos. Con nombres inmortales cuenta la novela brasileña: Joaquim Manuel de Macedo, entre los primeros creadores con *A moreninha*, José de Alencar con *O guaraní*, Machado de Assis con *Dom Casmurro*, Aluísio de Azevedo con *O mulato*. No es del caso formular aquí un juicio sobre esa nutrida pléyade de brillantes descriptores del linaje de Afonso Arinos, Coelho Neto, Graça Aranha, Alcides Maia y el extraordinario Euclides da Cunha. Esos nombres y muchos otros tienen valor de legado espiritual. No es posible hablar del Brasil sin recordarlos porque son el Brasil mismo, alma y sangre del pueblo, color y calor de la tierra. Las naciones civilizadas son las que honran a los artífices de la inteligencia.

La Prensa – Viernes, 29 de octubre de 1943

“Sobre la investigación científica disertó el Dr. Walter Oswaldo Cruz – Dedicó su exposición al doctor Bernardo Houssay”

Ante un público numeroso pronunció ayer su anunciada conferencia sobre “La investigación científica desde el punto de vista social” el doctor Walter Oswaldo Cruz, miembro del grupo de intelectuales brasileños invitados por el Colegio Libre de Estudios Superiores para disertar en su cátedra de estudios brasileños.

“No es cosa que yo sepa – empezó diciendo el distinguido médico visitante – que se acostumbre dedicar una conferencia a alguien. Sin embargo, yo lo haré así. Esta conversación de hoy me ha sido principalmente inspirada por la conferencia pronunciada en Rio de Janeiro por un hombre de ciencia argentino. A este investigador ejemplar, figura internacional de obrero constructivo de la ciencia, dedico lo que escucharéis aquí. Ofrezco esta charla a Bernardo Houssay”. Acallados los aplausos que suscitó esta dedicatoria, explicó el orador que la conferencia enfocaba superficialmente algunos puntos del tema, especialmente relacionados con las condiciones de la investigación científica en los países sudamericanos. Agregó que una campaña de propaganda de la ciencia es necesaria y oportuna, para vulgarizar las características del método científico y las dificultades prácticas del trabajo altamente especializado del investigador. Afirmó más adelante que no deben esperarse seres geniales para la construcción de una ciencia del mañana, porque para ello es menester principalmente mucho trabajo y considerando la tesis de que genio es fuerza, añadió que entonces la ciencia será trabajo y más trabajo.

Después dijo que la ciencia pura es la “mater” de todas las realizaciones técnicas del hombre. El verdadero investigador, agregó, orientado por una idea, por una investigación pura debe ser objeto de una selección, que es una cuestión de importancia para el Estado. “Sin duda, dijo después, la creación de investigadores profesionales implica una inversión de capital de las más arriesgadas para una nación y puede producir grandes beneficios o, a la inversa, importantes pérdidas”. Afirmó en seguida que la capacidad de dominar el método científico debe ser inculcada desde la infancia, y agregó que “la mente disciplinada, consecuencia del método científico, daría al ciudadano medio una más clara percepción de los fenómenos sociales y haría de cada uno de ellos un elemento más consciente en la vida de la nación”. Luego dijo que el progreso civilizador depende directamente del adelanto de todos los conocimientos científicos, y terminó expresando que a los hombres de Estado que favorezcan la fructificación de la ciencia, a los ricos que la amparen con sus donativos y a los investigadores esforzados en construirla debe la humanidad una constante gratitud.

Sobre la novela brasileña hablará hoy Lins do Rego

Esta tarde, a las 19, pronunciará en el Colegio Libre de Estudios Superiores, Cangallo 1372, su última disertación el señor José Lins do Rego, sobre “Tendencias de la novela brasileña”. Ajustará su exposición a este programa: Machado de Assis. Su vida y su obra. El novelista del Segundo Imperio. La vida carioca a través de sus novelas. El creador de tipos. El escéptico que creía en la literatura.

Fueron agasajados los visitantes

La Editorial Losada ofreció anoche una comida en honor de los intelectuales brasileños que nos visitan, señores José Lins do Rego, Walter Oswaldo Cruz y Nelson Romero. Participó del acto un núcleo de invitados especiales. A los postres ofreció la demostración el señor Luis Reissig, en nombre de la editorial y a continuación hablaron los señores José Lins do Rego, Ricardo Rojas y Nelson Romero.

Hoy, por la mañana, el señor Nelson Romero emprenderá viaje a Rosario y el señor Lins do Rego lo hará a la noche, para Bahía Blanca. Ambos disertarán en las filiales del Colegio Libre de Estudios Superiores en las ciudades citadas.

La Prensa – Sábado, 30 de octubre de 1943

ACTUALIDAD

“Misión del Estado en la investigación científica”

En la conferencia sobre la investigación científica pronunciada el jueves último por uno de los miembros del grupo de intelectuales brasileños que nos visita, se emitieron conceptos sobre los cuales conviene meditar, pues estaban referidos especialmente a los países sudamericanos.

De entre ellos nos interesa destacar la función que corresponde al Estado, justificada porque la ciencia pura es la “mater” de todas las realizaciones técnicas del hombre. Nosotros consideramos, por ejemplo, que el progreso industrial de las grandes naciones modernas no se debe solamente al espíritu de empresa y a la inversión de grandes capitales, pues estos factores, con ser indispensables, van en pos de los descubrimientos científicos e invenciones surgidos del silencioso y continuo trabajo de los laboratorios.

Por consiguiente, el Estado que anhele para su población un creciente bienestar ha de propender a que la capacidad de dominar el método científico sea inculcada desde la infancia, porque la mente disciplinada, consecuencia de dicho método, daría al ciudadano medio una más clara percepción de los fenómenos sociales y haría de cada uno de ellos un elemento más consciente en la vida de la nación.

Consideró el orador que la creación de investigadores profesionales implica una inversión de capital de las más arriesgadas para una nación y puede producir grandes beneficios o, a la inversa, importantes pérdidas, no obstante lo cual terminó manifestando que a los hombres de Estado que favorezcan la fructificación de la ciencia, a los ricos que la amparen con sus donativos y a los investigadores esforzados en construirla debe la humanidad una constante gratitud.

Hace pocos meses una publicación inglesa, destinada a “registrar el progreso de las ciencias al servicio de la humanidad”, al ocuparse del futuro de la investigación científica, hoy totalmente dedicada a los problemas de la guerra, admite, para la época de paz, la necesidad de la intervención estatal a fin de darle uniformidad de dirección. Pero pone en guardia contra cualquier intento de convertir a la ciencia, de un colaborador espontáneo en un esclavo regimentado, y sostiene que el ideal a que debe aspirarse en el desarrollo de la investigación científica no está en la mecanización del ejército de investigadores, pues ello conduciría a una monótona mediocridad, sino en la libertad del hombre de ciencia para seguir su propia inclinación. Propugna una mayor cooperación, un plan de investigación más económico, pero resistiendo con resolución a las cadenas mortales de la burocracia.

He ahí, pues, dos opiniones que señalan la necesidad de la intervención estatal en las actividades de la investigación científica, sus límites y los peligros que deben evitarse.

***La Prensa* – Sábado, 30 de octubre de 1943**

CONFERENCIAS

“El señor Lins do Rego habló sobre tendencias de la novela brasileña”

En el Colegio Libre de Estudios Superiores concluyó ayer el escritor José Lins do Rego su serie de disertaciones acerca de “Las tendencias de la novela brasileña”, con una interesante biografía de Machado de Assis, que mereció una cordial acogida por parte del numeroso público.

Explicó el orador que la historia de Machado de Assis es la historia de la ascensión de una clase, de una raza, de un hombre sin familia. Nacido en Morro do Livramento, llegó a presidente de la Academia Brasileña de Letras, a jefe indiscutido de una literatura. Nació, agregó luego, bien cerca del mercado de negros y creció hasta llegar a hombre en compañía de un cura. A los 12 años huyó de su pueblo y su vida de pequeño ha sido totalmente olvidada en su obra.

El místico de labios gruesos – dijo más adelante –, de prognatismo ostensible, buscó presentar una máscara que fuera su mejor disfraz y usó una barba que se destacaba por ser rala. Era el “Machadinho”, bien vestido, amigo de Paula Brito, otro mestizo que reunía en su librería la literatura de su tiempo. Machado de Assis escribió un diario de modas para damas y disfrutó de la amistad de las actrices de la época. La literatura de su juventud, afirmó el conferenciante, no es de gran valor. Hizo versos mediocres y un teatro de escasa significación y ello ocurrió porque el gran escritor no tenía todavía el valor de decir la verdad. Se casó con una mujer blanca, culta, portuguesa, y cada vez más disimuló su origen mestizo. En esa forma, el hombre que odiaba su condición racial se transformó en el más elegante, el más ático, el armonioso prosista de la lengua portuguesa.

Sólo a los 40 años alcanzó el escritor su apogeo. Su vida se deslizará ya absorta en la confección de libros, de tres novelas y algunos cuentos, que son verdaderas obras de poder analítico, de perfección artística y madurez de ideas. Pero este dominador de la forma era un escéptico tremendo. En seguida hizo Lins do Rego el retrato moral de Machado de Assis, enemigo del hombre. Habiendo huido del Morro do Livramento para no saber jamás de su medio, de la gente, de la miseria que lo rodeara, se olvidó de todo como si su infancia hubiese sido la de días negros. Para olvidarse mejor, concibe su filosofía de la vida en una forma especialísima, que es una concepción de cínico. El hombre para él es casi un monstruo y llegó a poner en labios del personaje de uno de sus libros estas terribles palabras: “No tuve hijos, no transmití a ser alguno el legado de nuestra miseria”. Expresó el orador que la vida humana era para Machado ese legado y por ello el pesimista se reconcentró y escribió sus novelas para

probar que el hombre es idéntico al lobo de Hobbes. Afirmó a continuación que esta ofensiva contra la bondad natural despertó en Machado de Assis sus facultades creadoras que, de lo contrario, habrían sido destruidas por una enfermiza timidez; al maestro de la forma embistió contra la humanidad – añadió – con furia de carbonario. En la vida fue un viejo manso, de postura discreta, acogedor, elogiando a tirios y troyanos, por miedo de contrariarlos; no tuvo una palabra contra la esclavitud, elogió el viejo senado, fue amigo de los grandes y empero, todo esto fue cosa secundaria para él. No estuvo – afirmó – contra una clase social, un régimen, un poder, sino contra el hombre, generador de todo. “Para él – concluyó el conferenciante – no tiene ventajas herir a la sociedad en lo que parece secundario. Hay un hombre y éste es el enemigo número uno de Machado. Quien quiera deleitarse con novelas que sean tónicos para el alma, que se aleje del viejo Machado. Él no quiere ayudar a nadie a vivir. Es un genio literario único en América. Sus libros vivirán siempre como los de Lucrecio, porque penetraron en regiones que llegan a lo profundo del alma. Machado de Assis, que no ha querido legar su miseria física, nos dejó libros que son testimonios del poder divino del hombre. El lobo de Hobbes tiene momentos de Montagne”.

***La Prensa* – Miércoles, 3 de noviembre de 1943**

CONFERENCIAS

“Habló de “La formación cultural del Brasil” el doctor Nelson Romero”

En el Colegio Libre de Estudios Superiores pronunció ayer la primera de sus dos conferencias anunciadas el profesor de filosofía, laureado en la Universidad Gregoriana de Roma, doctor Nelson Romero, quien habló sobre “La formación cultural del Brasil”.

Expresó el orador que el problema era vasto y difícil para tratarlo en sólo dos disertaciones. El Brasil, agregó, surge en el tiempo del Renacimiento, de la Reforma, de Erasmo, de Lutero, de Miguel Ángel y de Camões; en la época de los grandes descubrimientos marítimos. Añadió que para bosquejar el cuadro de la Europa de entonces, desde el aspecto cultural, se imponía ante todo definir los términos civilización y cultura. Aquélla, dijo, enseña el camino andado por el hombre, ésta los medios de que va él sirviéndose para adaptarse a la realidad cuando utiliza y humaniza el material ambiente. Expresó que deseaba ser objetivo en la investigación del caso brasileño, en la diferenciación euríndica de América. Para ello estudió la situación de los portugueses en el período de su máximo esplendor histórico. Abrense las rutas sobre el océano, agregó, tras ochenta años de estudio y trabajos para establecer el camino de las Indias, cuando dos sociedades igualmente fuertes y respetables se complementaban en la dirección nacional del reino de Portugal: el trono y la iglesia procedían de acuerdo. El portugués de entonces – dijo luego – se presentaba con las mejores características de ciudadano honrado, trabajador, honesto, plácido, enemigo de la crueldad, respetuoso y enormemente dedicado a la propia familia y a la propia gleba. Los hombres que llegaron al Brasil, al comienzo, trataron de repetir en la colonia la vida que vivían en la madre patria y para educadores trajeron a misioneros, elemento utilísimo en la defensa del salvaje. Los conquistadores encontraron indios atrasados, ignorantes, sin tradición, nómades, sin culturas definidas, que vivían de la caza menor y de la sencilla recolección de frutos silvestres. Sólo conocían el cultivo de la mandioca y el maíz en grado mínimo. El europeo debió introducir hábitos de cultivo y procreación de ganado.

Después explicó que Portugal se desdobló en el Brasil, produciendo una civilización divergente, con técnicas propias y culturas desconocidas anteriormente en el reino, sirviéndose, en gran parte, del brazo negro, mediante la importación de esclavos desde África. Añadió que el negro pagó con su trabajo la incorporación que obtuvo en la civilización blanca y afirmó que el Brasil puede enorgullecerse de haber aceptado no sólo el aporte material, sino la vida misma y costumbres de esos trabajadores, para plasmar en los trópicos una sociedad “sui generis”, incomparablemente rica de virtualidad y de posibilidades. En esa forma, prosiguió, el Brasil sentía alcanzar poco a poco su aptitud para la vida autónoma. En los tres siglos de colonización,

desde los primeros años del 1600, empezaron a aparecer hombres cultísimos, a la altura no sólo de los más preparados de Portugal sino de toda Europa. Bastaría – dijo – recordar el nombre del padre Antonio Vieira, el más grande orador de Portugal de todos los tiempos y el más grande estilista de la lengua, hasta nuestros días. Llegado al Brasil a los 7 años, se formó en él y prestó relevantes servicios a la cultura, defendiendo a los indios contra los traficantes de la esclavitud.

Habló luego del paulatino desarrollo industrial y de la diversificación de los menestrales, para concluir con el análisis de los progresos de la literatura. Anunció finalmente que mañana disertará sobre algo del alma nueva del Brasil.

***La Nación* – Jueves, 4 de noviembre de 1943**

“AGASAJO EL COLEGIO LIBRE A TRES DESTACADOS PROFESORES BRASILEÑOS”

Una bella fiesta de confraternidad americana fue la comida que el Colegio Libre de Estudios Superiores ofreció anoche en honor de los miembros del primer equipo de profesores brasileños que ha ocupado su cátedra prestigiosa. No eran, en efecto, sólo argentinos y brasileños quienes rodeaban a los huéspedes que acaban de traernos su palabra eminente; hombres de otros países del continente que residen en Buenos Aires habían querido dar su más amplio sentido a la fiesta, sumándose al agasajo que se tributaba a los Sres. José Lins do Rego, Walter Oswaldo Cruz y Nelson Romero. El embajador del Brasil, Dr. José de Paula Rodrigues Alves, que hace unos días dijo adecuadas palabras en la iniciación de estos cursos, llevó a la demostración algo más que su investidura oficial: su permanente interés por los problemas de la cultura, su resuelta decisión de hacer cada día más estrechas las vinculaciones intelectuales entre el Brasil y la Argentina.

Realizada bajo tales auspicios, la reunión fue animada y cordial. Se cambiaron ideas acerca de las actitudes que el futuro exigirá imperiosamente a los hombres de pensamiento en América. Y los discursos de la velada tradujeron con ajustado vigor el sentido del acto que congregó en los salones del hotel Castelar a una concurrencia numerosa y calificada.

Discurso del secretario general del Colegio Libre

Brindó la demostración el secretario general del Colegio Libre de Estudios Superiores, D. Luis Reissig.

Comenzó el orador refiriéndose a la importancia que tiene en estos momentos el asegurar la intercomunicación cultural entre los países de América y la necesidad de crear los medios de llevarla a cabo: organización de instituciones similares al Colegio Libre, publicación de boletines informativos, formación de equipos para el estudio de problemas comunes, visitas de figuras representativas.

Los hombres de estudio, agregó, deben imitar a los obreros, que dan diariamente el ejemplo de lo que vale y significa la labor colectiva. ¿Por qué no se agrupan en cada ciudad, en cada país, y estudian y trabajan colectivamente en problemas comunes, dando un papirotazo a sus pergaminos profesionales que de nada sirven cuando el hombre no sirve? ¿De qué vale esa falsa aristocracia de los títulos si no está acompañada de una suma de conciencia de responsabilidades humanas? Hemos subestimado del Brasil – añadió – cosas que hoy nos descubren su razón y su fuerza. Fue no hace mucho, incluso entre vosotros y para vosotros, que

Gilberto Freyre reivindicó con un método, una claridad y una valentía que lo harán memorable, a su propio pueblo, haciéndole mirar sin rubor las ricas y encontradas aguas que desde siglos había bebido; aguas que regaron sus tierras y las hicieron feraces, con sus negros y sus mulatos, sus portugueses y el abanico de razas llegadas de todas partes del mundo. Porque ésa es América, la América de ayer y la de hoy y, más que nada, la América del futuro. Porque ése es el mundo: ni más ni menos que una integración de credos, de economías y de razas.

Al hablar de la “Cátedra de estudios brasileños”, creada a raíz de haber entrado el Brasil en guerra y como una contribución efectiva de solidaridad, dijo el Sr. Reissig que el programa de la misma encierra toda una política cultural y que no se circunscribe a organizar visitas periódicas, sino que quiere extender las fronteras culturales de los dos países desde el campo nacional del uno hacia el otro. Refiriéndose a los medios de acción para cumplir ese propósito, dijo que, concebidos con el espíritu democrático que caracteriza al Colegio, servirían para afianzar aspectos esenciales de la democracia en América, que es vital para nuestras relaciones culturales, “porque la idea de una América, como la idea de un mundo, es ya indivisible de la idea de democracia”.

Para confundirnos – agregó – se nos dice: los latinos o iberoamericanos deben constituir un bloque cultural separado del bloque anglo-sajón del Norte, pues es distinto su contenido racial, sus desniveles sociales y económicos entran por los ojos y son bien diferentes sus condiciones políticas y religiosas. Para esta clase de consejos graves debemos formular preguntas muy simples, casi candorosas: ¿no será el lobo el que nos habla en forma tan sesuda?

El bloque cultural debe nacer de sí mismo y no por oposición. Cada país debe formar su bloque cultural como una expresión de su realidad. Esto es lo que perseguimos con nuestro nacionalismo y nuestro continentalismo, pues no debe ser otra cosa que una integración del primero. Queremos que la realidad brasileña, como la realidad de cualquier otro país del continente o del mundo, adquiera sus formas más vigorosas y más definidas, porque así se llega a los más profundo de los pueblos, que son los verdaderos soberanos. Volver al pueblo, elevar al pueblo, expresar al pueblo es la misión de todos los escritores, artistas, investigadores, por no decir la misión de todos los hombres de pensamiento. Sólo así el mundo salvará esa agonía y la cultura será creadora.

Amigos brasileños – terminó diciendo el orador –: éste es el mensaje del Colegio Libre. Representamos una parte no despreciable de las fuerzas culturales creadoras de nuestra Argentina, la Argentina de Mayo y de Julio y la de los Constituyentes, la de la inmigración y la del 84 y la de nuestras más altas tradiciones históricas. Queremos que ella sea bien conocida en

vuestra patria, seguros de que sólo así puede llegarse a la unidad moral de nuestros dos pueblos, sobre los cuales descansa una gran parte de la responsabilidad en la unidad moral de América.

Acallados los aplausos con que fueron acogidas las últimas palabras del Sr. Reissig, una larga ovación saludó a los profesores brasileños.

Respuesta del Sr. Lins do Rego

En nombre de los agasajados habló el Sr. José Lins do Rego, quien comenzó diciendo:

Nos dijo Luis Reissig que las noches ya no están hechas para el sueño, sino para la vigilia. Ya no podemos detenernos en el reposo, en las horas de tranquilidad, porque tenemos que luchar, tenemos que cuidar los restos de vida que nos quedan. Estamos en una reunión de hombres de letras, de hermanos, y yo os quiero hablar sin medias palabras, sin miedo. Nosotros, los hombres dueños de la palabra, hemos tenido miedo de todo, hasta de nuestras propias sombras. Hemos tenido miedo a Dios y al hombre. Miedo de hablar, miedo de la palabra, que es nuestro instrumento, y mucho más miedo aun de los fantasmas que nos dominaron. ¿Por qué esta cobardía, este huir de las batallas, este retraerse a los estudios y laboratorios, a las teorías y a los formulismos, cuando el mundo más necesitaba de nuestra presencia, de nuestro estar con las ideas, con los hechos? No hemos tenido coraje de las palabras: hemos quedado como esclavos de la palabra. En vez de artistas, en vez de vivir de acuerdo con las inspiraciones de nuestra vocación, nos hemos transformado en espectadores de nuestros propios poemas, de nuestros propios dramas. Éramos aduladores de la gloria, en un mundo que carecía de nuestra acción, un mundo que se dejó vencer y dominar por los verdugos, monstruos que gritaban en nombre de Dios, en nombre de la patria, en nombre de la familia. Inventaron entonces la torre de marfil para el refugio de nuestra vergüenza. Torre de marfil, porque no teníamos coraje para enfrentar las cárceles, las mazmorras en donde Cervantes escribió el *Quijote*. Torre de marfil porque deseábamos un lugar donde escondernos de la vida. La literatura no era más que un “acomodo”, no era más la mayor dignidad del hombre, era sólo su sumisión a la fuerza desencadenada. Y todo esto dio lo que debía dar. Y por nuestra culpa. Y por el crimen de todos nosotros. Existe Hitler porque hemos permitido que existiese. Hemos cedido tanto de nuestra misión, de nuestro poder, de la importancia que la palabra sería tomada de nuestro dominio para el servicio degradante de las tiranías. El fascismo acaparó la palabra e hizo de la palabra el flagelo del mundo. Han creado un nacionalismo que es una paranoia, delirio de grandeza, una patria que es un presidio, un Dios que es un castigo. La palabra, germen de la sabiduría, quedó solamente como el veneno de los demagogos.

El orador terminó diciendo:

Nosotros, los escritores, habíamos perdido el uso de la palabra, y vosotros, amigos míos del Colegio Libre de Estudios Superiores, habéis creado en la Argentina una tribuna para redimir aquello con que Dios empezara la creación. Nosotros, los de Brasil, os agradecemos la oportunidad que nos habéis dado de hablar en la tierra de Sarmiento sin degradar nuestra misión de escritores. Sois un refugio de [trecho ilegível] [...] Queréis rehabilitar al hombre de letras, al hombre de ciencia. Sois el anverso de la torre de marfil, sois el taller, un campo de batalla. Nosotros, los del Brasil, hemos tenido también nuestras torres de marfil, nuestros ausentes de los dolores del mundo. Como si las bombas respetasen a las torres inviolables. Estamos aquí hoy en una reunión de fraterna mesa. Es aquí, en esta hora, en este local de fiesta que os convoco, escritores de la Argentina, artistas, hombres de ciencia, para un compromiso que yo siento que es sagrado: os convoco para la lucha por la libertad de pensar en el mundo entero.

Señores: Vamos a salvar la palabra.

Una prolongada ovación subrayó las palabras finales del destacado novelista y crítico brasileño.

La Nación – Viernes, 5 de noviembre de 1943

“La amistad brasileño-argentina”

En reciente oportunidad, el embajador del Brasil, al agradecer los agasajos que se han tributado en nuestro país a sus compatriotas, los ilustrados profesores que se hallan aquí dictando cursos y conferencias, se extendió en gratas consideraciones sobre los vínculos que unen a su patria con la Argentina. Recordó que durante décadas ha existido cierta falta de fidedigna información en cada una de esas naciones sobre la verdadera realidad de la otra. Pero añadió que en los últimos treinta años se ha andado mucho camino al respecto y que esta es la hora en que podemos asegurar que se está en vías del pleno conocimiento recíproco tan deseable para los dos países. Cuando ello se produzca de modo definitivo, no será dado difundir, como ahora, versiones malintencionadas y rumores arbitrarios con el objeto de sembrar cizaña entre esos Estados.

Al aludir a esa clase de fenómenos, el embajador brasileño hizo referencia a un infundio de no muy lejana data, manifestando que cuando alguien diga que el Brasil ha acumulado tropas sobre la frontera argentina en vista de quién sabe qué propósitos imperialistas tan fantásticos como grotescos, esa especie será recibida de un extremo a otro de la Argentina con una inmensa carcajada; cosa que ocurrirá asimismo en el Brasil ante una acusación idéntica dirigida contra la Argentina. Esas reacciones serán la prueba de que se ha llegado por ambas partes a un mutuo e insuperable conocimiento.

No es la primera vez que el prestigioso diplomático se refiere con tan simpática y plausible franqueza a esa suerte de malignas estulticias para confundirlas arrojando sobre ellas la burla despreciativa que efectivamente merecen. Tal es la forma en que deben considerarse, por cierto, los embrollos urdidos con inconfesable intención por espíritus tan torpes como malintencionados. Y resulta muy satisfactorio que ellos reciban de voz tan autorizada una condenación en los términos señalados. No faltaría más sino que algo tan respetable y trascendental como son las viejas y cada vez más sólidas relaciones amistosas de estas dos grandes naciones de América, pudiera ser turbado en lo más mínimo por imaginaciones descabelladas o, lo que es peor, por pequeñas y malévolas patrañas. La sonrisa que el representante del Brasil ha mostrado al mencionar una notoria y típica manifestación de esa naturaleza, constituye ciertamente un ejemplo de la actitud que cumple adoptar frente a impertinencias semejantes.

Crítica – Buenos Aires, viernes, 5 de noviembre de 1943

“Así hay que hablar”

Ha llegado a crearse una técnica del rumor. Su génesis es cosa vieja, pero sus formas se han actualizado cuidadosamente. En el vasto drama de Europa ha sido el principal actor del prólogo. Un fino observador francés, Jules Romain, ha contado con qué depurada ciencia de la calumnia se movían en su país absurdas versiones políticas – de la política entre las naciones –, cuyo fin único era el de ambientar la próxima derrota, enrarecer el clima patriótico y suscitar la desconfianza y el temor. En el país donde ya era norma hablar en voz alta – diarios, tribuna, la calle misma – se contrarrestó la palabra de “los hombres de buena voluntad” con la especie difamatoria, vertida de oído en oído.

Naturalmente, semejante técnica ha acabado por cruzar el océano: hoy es una naciente realidad entre nosotros. Era demasiado diáfana la idea de una gran colectividad de países unidos en una misma causa americana para que los provocadores por antonomasia no se esforzaran en empañarla. Sistema: el rumor. La versión antojadiza circula velozmente; es la típica esfera que va formando la nieve arrebatada por fricción al hasta entonces tranquilo declive. Pero en este caso, ¿quién toma en sus manos las primeras partículas y lanza hacia abajo la terrible materia adhesiva y desmoralizadora? Las dos características capitales del rumor “sensacional” son precisamente su falsedad y su mala intención. El viejo dicho: “calumnía, que algo queda”, podría transformarse a tono con los tiempos: “propala, que alguien te ha de creer”.

No más lejos que anteayer un diplomático ilustre, el embajador del Brasil, se refería a esta mezquina práctica de las insidias echadas a rodar y le oponía el consejo de una terapéutica jovial y definitiva: “Cuando os hablen de conflictos entre vuestro país y el mío, responded con una formidable carcajada”. Cierto. Y os hablarán quizás a menudo, porque si algo expresa la fraternidad americana, cordial y afectivamente, es el nexo Brasil-Argentina, fundado en razones muy profundas y que se enriquecen cada día. Tenderán a desgarrarle los que son enemigos no sólo de esta amistad, sino en general de toda unificación americana.

El doctor Rodrigues Alves tuvo el acierto de señalar la existencia de lo que él califica certeramente de “insidias e infamias” en un acto en el que Buenos Aires despedía a una embajada cultural brasileña. La rectificación a la soterrada y odiosa campaña tenía, así, además de la autoridad de quien la formulaba, el marco de convivencia entre brasileños y argentinos que convenía a sus palabras.

“He oído – agregó el orador – igual cizaña en mi país, aunque en forma inversa”. La demostración es, pues, palmaria. Aquí como allí trabaja la misma fuerza irresponsable que

quisiera abrir un abismo entre quienes tienen por común el ancho camino de entendimiento. La detestable técnica del rumor se emplea con intenciones perturbadoras, animando fantasmas que, si bien son ridículos, podrían terminar por parecer a los mal informados seres de carne y hueso, gigantes capaces de ensombrecer el porvenir.

Esta en su punto por consiguiente la firme rectificación del doctor Rodrigues Alves. Apenas si cabe añadir un consejo: rechazar tales versiones estúpidamente malvadas es un deber argentino. Si es tarea fácil crear el rumor, no es más complicada la de ahogarlo: basta el seguro vigor, la sosegada energía que tiene siempre en sí misma la verdad. Y la verdad es que las relaciones entre brasileños y argentinos, entre nuestra República y la gran república hermana, se mantienen muy por encima de un trato formalmente amistoso. Juntos por la geografía y por la historia, aun nos aproxima más el porvenir; y, en definitiva, es este porvenir el que se quiere turbar cuando se mienten litigios inexistentes.

Finos espíritus de la intelectualidad brasileña vinieron con ansiedad al país después del movimiento revolucionario del 4 de junio, para tomar contacto con la realidad argentina, no sin confesarnos la ansiedad de su patria al haberse difundido el rumor de que el nuevo gobierno argentino, integrado por militares, tendría por objetivo levantar una nación en armas para lanzarla en aventuras guerreras. Esos viajes – siempre oportunos – sirvieron para que se derrumbaran esos infundios monstruosos. Ni el Brasil pudo ver un enemigo potencial en la Argentina ni nosotros mandaremos nuestras divisiones a otear las tropas brasileñas supuestamente alineadas en la frontera.

De ahí al extraordinario mérito de la valentía del embajador Rodrigues Alves. Así hay que hablar, rebalsando los viejos moldes del discurso fríamente protocolar, común a las diplomacias misteriosas y sibilinas. América necesita de este estilo, para afianzar todavía más – si es posible – la armonía histórica de pueblos hermanos.

***La Vanguardia* – Viernes, 5 de noviembre de 1943**

“La amistad argentino-brasileña”

La comida ofrecida por el Colegio Libre de Estudios Superiores en honor de los profesores brasileños que, invitados por dicha institución, han dictado diversas conferencias, ha dado motivo, nuevamente, a un simpático acto de confraternidad argentino-brasileña. Decimos nuevamente porque hace pocas semanas, a raíz del aniversario patrio del Brasil y en estos días con motivo, precisamente, de la estada entre nosotros de dichos profesores, y de sus conferencias, se han venido produciendo demostraciones como la de anteanoche, que reafirman, de manera indubitable, la íntima comunión espiritual existente entre estas dos grandes naciones de América.

Significativo el acto en sí mismo, por quienes rodearon las mesas y por el grato motivo que le dio origen, lo fue más aun por las palabras que se pronunciaron en la hora de los brindis, palabras que, además de destacar la contribución del mismo al afianzamiento de las relaciones culturales entre ambos pueblos, tuvieron la virtud de despejar, por boca precisamente del embajador del Brasil, preocupaciones y dudas que pudieran existir con respecto a las relaciones de otra índole entre aquel país y el nuestro.

No es secreto – y de esto nos hemos ocupado reiteradamente – que circulan desde hace tiempo versiones malintencionadas con respecto a la amistad argentino-brasileña. Se trata, sin duda, de una organizada campaña de intrigas y de insidias, por medio de la cual se quiere crear en nuestro continente un estado de recíprocos celos, de desconfianzas mutuas, entre distintas naciones y especialmente entre las que nos ocupan. Es, como bien lo recordara el doctor Rodrigues Alves en su discurso de anteanoche, la insensata campaña de “insidias e infamias que fue socavando la armonía de Europa hasta sumirla en su duelo actual y hundirla en un océano de sangre”, que se pretende repetir en América para debilitar, hasta destruirla, la corriente de acercamiento y de entendimiento recíprocos, que se viene insinuando en este continente, como la mejor política a seguir para asegurarle a América un luminoso porvenir.

Es verdad que existe “desconocimiento mutuo” entre Brasil y Argentina, pero, como lo hacía notar asimismo el diplomático brasileño, “paulatinamente va siendo reemplazado por el entendimiento común”. Esta es la tarea urgente que debe cumplirse por ambas partes, para intensificar, para hacer más hondos y firmes los lazos de fraternidad que unen a los dos pueblos.

Es urgente también que se persiga y castigue a los difundidores profesionales de intrigas internacionales. Hay cierto periodismo especializado en ello y por esa vía malsana – y tal vez corrompida por intereses que no son argentinos – se abre cauce a la desconfianza y al recelo entre las naciones de América.

Particularizada la campaña al Brasil y a la Argentina, los ciudadanos de uno y otro país deberán responder a ella como lo aconsejaba el embajador: “con una carcajada”. Pero los gobiernos, por su parte, tienen la obligación de tomar medidas, de despejar el ambiente de intrigas con actitudes que confirmen la amplia armonía existente entre ambas naciones.

***La Prensa* – Sábado, 6 de noviembre de 1943**

ACTUALIDAD

“Tentativas despreciables”

Desautorizadas por informes oficiales y desvirtuadas por los hechos, no desaparecen, sin embargo, totalmente las tentativas encaminadas a perturbar la solidaridad y afectar la confianza entre los pueblos de América.

No es difícil descubrir el origen de las versiones destinadas a servir tales propósitos, ni es tampoco desconocido el escaso influjo que ellas pueden ejercer. Es dable afirmar, sin temor a equivocaciones, que los rumores lanzados con ese objeto sólo encuentran eco en los reducidos círculos de los cuales parten. Pero como, no obstante esas circunstancias, se persiste en el intento con noticias referentes a supuestos planes de agresividad, al peligroso afloramiento de sentimientos hostiles, a reclamaciones o exigencias diplomáticas y hasta a preparativos militares, plausible resulta que quienes se hallan en condiciones de aventar las especies, pronunciando palabras y asumiendo actitudes que desvanezcan sombras artificiales, lo hagan cada vez que sea oportuno.

Acaba de proceder así el embajador del Brasil en nuestro país. En la fiesta con que el Colegio Libre de Estudios Superiores despidió a los intelectuales brasileños que fueron huéspedes de la Argentina en estos últimos días, el mencionado diplomático, de larga y conocida actuación, definió con conceptos muy claros y gráficos el pensamiento que debe animar a todos los ciudadanos de América.

También aquí, como en la vieja Europa, dijo el embajador amigo, se notan las insidias e infamias que en aquel continente socavaron la armonía internacional. Pero es necesario combatirlas decididamente, para evitar que ganen carta de ciudadanía en América.

“Al oír – agregó en seguida – patrañas tales como que tropas brasileñas están sobre la frontera argentina, prontas a la invasión, aquí en la Argentina debe responderse en la única forma posible: con una gran carcajada”. “En mi propio país – declaró luego – he escuchado igual cizaña, pero naturalmente a la inversa, y después de sonreír con pena, aconsejé igual temperamento a mis compatriotas”.

Es probable que, a pesar de todo, no falten recursos ni instrumentos para proseguir la manobra que, por cierto, en cuanto a la Argentina respecta, no se limita a rumores sobre el Brasil, sino que los extiende a otros países, y, desde luego, a todos los limítrofes.

Expresiones como las que comentamos encuentran honda repercusión en los pueblos de América, que unidos constituyen ya, en esta hora excepcional, la más noble y firme expresión de la solidaridad humana.

ANEXO F – “Nota sobre Mallea”, prefácio da tradução de *Todo verdor perecerá* (Porto Alegre: Globo, 1949), assinada por José Lins do Rego e Henrique de Carvalho Simas

“Nota sobre Mallea”

Não encontro na literatura brasileira dos nossos dias um romancista que se pareça com Eduardo Mallea.

Não é que seja Mallea um exótico ou uma personalidade fora do seu tempo. E nem tampouco me parece este autor muito da tradição da novela argentina.

Mallea apesar de todas estas dessemelhanças não deixa de ser um romancista de seu país e mesmo do seu continente. Mas é que dominam na sua formação cultural mais influências europeias do que crioulas. Pode-se dizer de Mallea que tenha ele superado a sua ligação com a velha literatura, pelo seu temperamento de poeta que é vivo e bastante da terra. Os que pretenderam vencer o poder do livro pelo estilo, como aconteceu no romance *A glória de D. Ramiro*, não contam com Mallea. É verdade que a língua de Mallea é a língua de um ensaísta, de um crítico, de um homem que pesa a palavra. O fácil do narrador não é o seu forte, mas é o seu forte o tom patético com que ele penetra nas almas de seus personagens. O mundo áspero de Rosas pedia um estilo que não era tanto um estilo, mas uma natureza em tumulto que foi Sarmiento. Depois o grande Guiraldes procurou cobrir o mundo acabado do pampa, com as doçuras de uma poesia de evocação nostálgica. O que era duro, das recordações terríveis de Sarmiento, passava a ser como de um conto de fada na história do *Don Segundo Sombra*.

Mallea foi além da novela que é um corte no passado, para ser de seu tempo, para em vez de agitar os fantasmas e as sombras de um mundo morto, abandonar-se às sondagens das criaturas atormentadas, que são de todas as épocas.

Assim é esta sua novela *Todo verdor perecerá*, que com a valiosa contribuição de Henrique de Carvalho Simas, traduzi para o português. A história do livro é amarga e dolorosa. Mas o que melhor nos prende à sua intriga não é propriamente o correr da narrativa, que não corre fácil, mas o pungente, o terrível, o tremendo de vidas que são extremos da natureza.

O que é afinal esta Ágata Cruz, senão um todo verdor que se consome numa angústia que é quase demoníaca?

Acredito que não existe no romance brasileiro mulher mais carregada de ressentimento, mais possuída de um orgulho que nem a sua carne e a sua alma podem suportar. Lembra uma heroína de Julien Green sem aquela coragem malograda de Adriana, mas como as mulheres de Green postas no mundo para serem um jogo do pérfido poder de Deus.

A tragédia de Ágata, criada no porto batido de ventos e areias, triste recanto onde nunca o mar se oferece em praia acolhedora, onde até o mar é mesquinho, enche toda a novela da

presença incômoda de um orgulho monstruoso. Ágata vence a insignificância de Nicanor, abafa as vidas que dela se aproximam. E nem a natureza selvagem do pampa e das serras pode com ela. Vence as tempestades com o seu vigor físico, e recolhe na sua alma de mulher sem homem todos os despeitos, todas as fraquezas, todos os sujos das criaturas. Ágata Cruz não se dobra ao destino e quer dominar as suas paixões. Faltou-lhe o amor. Faltou-lhe o amor em todas as suas grandezas e misérias. E quando lhe chegou o amor, não era mais do que a ganância sexual de um homem pobre de alma. A alma e o corpo que careciam de ternura, de amplexos amigos e doçuras da amizade, são duramente ofendidos, e quase esmagados. E aí a gente sente o poder do romancista a exprimir a queda da alma nas profundezas. Não são as ilusões perdidas. É a alma perdida. É a ausência total de esperança. A novela de Mallea atinge neste fim uma grandeza que nos aterra.

Quando Ágata volta ao porto da sua infância para beijar o chão como um desgraçado animal ferido, a sua dor é a da criatura humana sem remissão. Perseguida por uma malta impiedosa de meninos, caçada como um rato a gritos e a pau, ela cai na porta da casa paterna, como no último canto da terra onde pudesse haver calor humano.

Esta novela de Mallea que a Editora Globo vai editar, em sua Coleção Nobel, merece, em todos os sentidos, o lugar que lhe deram na coleção. É o romance de uma angústia. Para traduzi-lo tivemos que muito nos cingir ao texto, e à sua língua imaginosa. O castelhano de Mallea não é fácil, e muito trabalho tivemos para adaptá-lo ao nosso português simples e chão. Por fim achamos de melhor alvitre deixar a língua da tradução mais próxima do original. Não tivemos nunca o propósito de dar soluções nossas ao que era do íntimo e da originalidade de Mallea.

José Lins do Rego

ANEXO G – Notas de pesquisa em arquivos literários

José Lins na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), na Academia Brasileira de Letras (ABL), na Biblioteca Nacional (BN) e no Real Gabinete Português de Leitura

O moleque Ricardo na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

Em novembro de 2017 fui à FCRB, localizada no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, a fim de realizar consulta ao manuscrito d’*O Moleque Ricardo*. Aí pude então comprovar *in loco*, pela primeira vez, a dificuldade em decifrar e transcrever os autógrafos de JLR. O caderno, que faz parte do Acervo do carioca, advogado e bibliófilo – e também fundador do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Casa Rui quando fora diretor da instituição – Plínio Doyle Silva (1909-2000), foi doado a ele pelo paulista José Olympio Pereira Filho (1902-1990), amigo de José Lins e proprietário da livraria homônima. A relação entre Plínio Doyle e José Olympio – e a consequente doação do manuscrito de José Lins do Rego – pode ter se estreitado na década de 1960, quando os dois passaram a atuar juntos: depois de advogado, Plínio atuaria como sócio da editora. Os Sabadoyles, saraus literários que ocorriam na casa de Plínio, no bairro de Ipanema, também tiveram início nessa mesma década.

No Acervo de Plínio Doyle, na FCRB, estão conservadas 5 mensagens epistolares remetidas por José Olympio, que vão de 9 de novembro de 1960 a 16 de outubro de 1984, dentre as quais figura carta que trata da entrada de Doyle como advogado da JO. As 67 folhas do caderno pautado, encadernado sob o nome da Papelaria Vera Cruz – Tipografia/Encadernação (Rua Conselheiro Dantas, 12 – BAHIA), apresentam autógrafo a tinta preta e azul, anotações na contracapa a lápis e a tinta azul e preta que se referem sobretudo a contas de matemática e vários ensaios de caligrafia da letra “R”, além de rasuras no decorrer do texto. Os capítulos do livro neste manuscrito já aparecem determinados em números romanos, do I ao XXXIII.

Riacho Doce no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP)

Em agosto de 2018 fui ao Arquivo IEB/USP, localizado na Cidade Universitária, cidade de São Paulo. Ali consultei os dois cadernos que compõem o manuscrito *Riacho Doce*. O primeiro caderno, de capa azul com brochura, apresenta manuscrito a tinta preta e azul e o título “O caderno do Riacho Doce”. A contracapa do caderno contém a inscrição impressa “227 Papelaria União Ouvidor 77” e contas a tinta azul e preta. Grifos a grafite e a lápis roxo feitos pelo portador do caderno, Mário de Andrade, em páginas esparsas (Arquivo IEB-USP, Fundo Mário de Andrade, Manuscritos de outros escritores, MA-MOE-276). O segundo caderno,

também de capa azul com brochura, apresenta manuscrito a tinta preta e o título “2 Caderno Riacho Doce”. A contracapa do caderno contém a inscrição impressa “227 Papelaria União Ouvidor 77” e contas a tinta preta. Grifos de leitura a grafite e a lápis roxo feitos pelo portador do caderno, Mário de Andrade, em páginas esparsas (Arquivo IEB-USP, Fundo Mário de Andrade, Manuscritos de outros escritores, MA-MOE-276).

O manuscrito foi doado pelo próprio autor JLR a Mário em 1939, quando ambos residiam na cidade do Rio de Janeiro, a fim de que o crítico literário paulistano produzisse texto de apresentação do livro, que veio a ser primeiramente publicado no jornal carioca *Diário de Notícias* a 12 de novembro de 1939, reunido por MA em seu *O empalhador de passarinho* (São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946, p. 119-122) e com edição crítica elaborada por Marina Damasceno de Sá em sua dissertação de mestrado (2013, p. 238-242).

José Lins na Academia Brasileira de Letras (ABL) – Arquivo e Biblioteca

Em outubro de 2018 realizei consultas no Arquivo da Academia Brasileira de Letras, na cidade do Rio de Janeiro, a fim de consultar a correspondência passiva do escritor, fotografias e recortes de jornais no Acervo José Lins do Rego. Ele foi acadêmico da instituição, tendo sido eleito a 15 de setembro de 1955, tomando posse a 15 de dezembro de 1956, ocupando a cadeira 25 até seu falecimento, a 12 de setembro de 1957.

Ali constam cartas e telegramas com notas de pesar pelo seu falecimento de diversas instituições políticas e culturais do país, inclusive Academias estaduais de Letras, Assembleias Legislativas e Prefeituras do Nordeste, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Para esta pesquisa foram transcritos e citados os telegramas do Conselho Nacional de Educação, que menciona Nelson Romero – um dos intelectuais que viajou com JLR para a Argentina, e outro que é enviado pelo escritor português Júlio Dantas.

A ABL também conserva fotografias nas quais aparecem Olívio Montenegro, sua tia Maria com suas filhas e agregadas da casa-grande, sua esposa Filomena Massa Lins do Rego, suas filhas Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Christina, sua neta Claudia, Manuel Bandeira, Francisco Negrão de Lima, Peregrino Jr, Gilberto Freyre, José Olympio, Carlos Drummond de Andrade, Candido Portinari, Vargas Neto (presidente da Federação Carioca de Futebol), Mário Filho, Ledo Ivo, Aurélio Buarque de Holanda, José Condé, Antônio Maria, Thiago de Mello, Odilon Ribeiro Coutinho, estudantes da Faculdade de Direito do Recife, o zagueiro do Flamengo Servílio, Engenho do Oiteiro, Livraria José Olympio e Engenho do Tapuá.

Na seção Hemeroteca, pude recuperar o artigo “Senhores da paleta e da palavra, viveram para a sua arte. No dia a dia eram assim”, publicado no suplemento *Jornal da Família d’ O Globo* a 16 de fevereiro de 1975. A homenagem traz dados biográficos e breves depoimentos de quem conviveu com Graciliano Ramos, José Lins do Rego, José Condé, Candido Portinari e Ivan Serpa. Dona Naná Lins do Rego, esposa de JLR, assina o texto “Naná “Naná: a casa continua como ele a deixou” que foi incorporado ao texto desta tese de doutorado.

Também encontrei, dentre os recortes da Hemeroteca, menções ao III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, que ocorreu na cidade de João Pessoa (PB) entre os dias 4 e 8 de dezembro de 1962 e homenageou José Lins do Rego. O primeiro Congresso, em 1960, ocorreu no Recife (PE) e o segundo, em 1961, na cidade de Assis (SP). A terceira edição contou com dois temas principais, sendo o primeiro “a obra de José Lins do Rego em todos os seus aspectos, destacando-se o estilístico; as personagens; a projeção regionalista para o universalismo”, com conferências de Antonio Candido (“A estrutura de *Fogo morto*”), Edmund Albin da Silveira (“Lins do Rego – valor social e literário”), José Carlos Garbuglio (“Tradições em decadência”), Nelly Novaes Coelho (“A expressão do homem na obra de José Lins do Rego”), Oliveiros Litrento (“José Lins do Rego e sua contribuição marinista”), Rolando Morel Pinto (“Da memória à imaginação”), Teresa Pires Vara (“Sentido dramático do tempo em *Fogo morto*”), Virgínius da Gama e Melo (“Paisagismo funcional em Lins do Rego”) e Vítor Ramos (“A presença do estrangeiro no mundo de ficção de Lins do Rego”). O segundo tema, em torno da crítica literária no Brasil (poesia, ficção, romance, conto e novela), contou com conferências de Ariano Suassuna (“Teatro, região e tradição”), Décio Pignatari (“A poesia brasileira em ação”), Haroldo de Campos (“Da tradução como criação e como crítica”), Íris de Barbosa Mello (“Divulgação cultural nas Américas”), João Alexandre Barbosa (“*Jornal de Timon*: singularidade de uma resposta”), José Barbosa Mello (“Cultura e desenvolvimento”), Luís Costa Lima (“O campo visual de uma experiência antecipadora: Souzaandrade”), Oliveiros Litrento (“Um problema de literatura brasileira contemporânea: o neoconcretismo e o suicídio da poesia”), Pierre Furter (“Poesia e sociedade”), Roberto Paula Leite (“Do ensaio, da crítica literária, Sílvia Romero”), Wilson Chagas (“Antonio Candido e o nacionalismo literário”). Gilberto Freyre proferiu a conferência de encerramento do III Congresso (Cf. “III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária”).

Sobre o III Congresso, diz Antonio Candido, quem esteve presente nas três primeiras edições:

Tudo isso conferiu ao Congresso uma importância grande, que se reflete nos seus *Anais*. Os *Anais* do Congresso de Assis são, a meu ver, das

coisas mais importantes que houve até então em matéria de registro de atividade literária. Eu me lembro do 1º Congresso Brasileiro de Sociologia, de 1954, cujos anais eram importantes, e ficaram. A meu ver, os do Congresso de Assis ficaram também, foram um marco. Participei depois, em fins de 1963, do 3º Congresso, na Paraíba. Esse foi diferente, porque era organizado em torno da obra de José Lins do Rego. Foi muito interessante, mas não teve a universalidade e o nível dos debates do Congresso de Assis (CANDIDO, Antonio. “50 anos depois – Estudos literários no Brasil contemporâneo).

Realmente há poucas publicações que fazem menção ao III Congresso: as duas edições anteriores são as mais citadas e os textos ali proferidos estão publicados.

Na seção Manuscritos pude localizar o original de um texto que até agora a pesquisa não pode decifrar se é inédito ou não, mas que possui passagens nas quais José Lins fala do desafio de ser cronista.

ANEXO H – REGO, Naná Lins do. “Naná: a casa continua como ele a deixou”. In: *O Globo*, 16 fev. 1975, Suplemento Jornal da Família (dados biográficos e breves depoimentos de quem conviveu com Graciliano Ramos, José Lins do Rego, José Condé, Candido Portinari e Ivan Serpa)

“Naná: a casa continua como ele a deixou”

Vivi casada com José durante 33 anos. Sempre fomos, acima de tudo, bons companheiros, jamais dispensando, nos bons como nos maus momentos, o apoio mútuo de que todo homem e mulher casados necessitam. Foi por isso talvez que tive capacidade de compreender um temperamento instável, muito emotivo, como era o de José, podendo oferecer-lhe a segurança de que ele tanto precisava.

Um dos períodos mais felizes de nossa vida em comum foi o que passamos em Alagoas. Éramos jovens, desfrutávamos de uma vida menos sobrecarregada de preocupações. Um pouco antes de morrer ele confessou que aquele fora mesmo o período mais feliz de nossa vida.

Guardo também boas recordações de uma fase em que viajamos muito. José adorava viajar. Juntos conhecemos grande parte do mundo. Acho até que viajar era uma forma de ele alimentar seu talento de escritor. Com seu espírito de observador agudo e sensível, poroso à realidade imediata que o cercava, com seu senso de humor nordestino, meio triste, meio alegre, anotava tudo que via, e o que *sentia* quando via, fazendo um tipo muito especial de crônicas, como as que constam do livro *Gregos e troianos*. É nesse livro que ele confessa ter sentido solidão, ao se dar conta de que viajava sem minha companhia.

Devo dizer que não é coisa fácil a convivência com um artista. Quando, porém, o amamos muito, o importante é estarmos presentes, participando de todos os seus momentos (mesmo que ele não perceba, concentrado inteiramente em seu trabalho), sobretudo como no caso de José, dos momentos de sofrimento ou amargura mais triviais, que ele sentia quando seu querido Flamengo era derrotado.

Tivemos três filhas e, embora sempre tivesse desejado um filho menino, senti que ele se realizou como pai. Chegou a conhecer três de seus seis netos.

Não preciso dizer que sinto bastante a falta de José. Sua presença me marcou tanto que faço questão que a casa que arrumamos juntos, tão amada por ele, a casa da Garzon 10, continue exatamente como ele a deixou. Ele já não está aqui, mas a vida que vivemos juntos jamais me abandonará.

Naná Lins do Rego

ANEXO I – 34 crônicas sobre Portugal, assinadas por José Lins do Rego

1. Reunidas em *O vulcão e a fonte* (Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1958)

1.1. “Lisboa” (p. 68-70)

O outono chegou a Lisboa ainda com as folhas das árvores da Avenida da Liberdade bem verdes, como as deixei em junho. Mas as chuvas copiosas são de outono. Lá pelo Norte, as vindimas sentem a pressão do tempo e já se fala em prejuízo nas colheitas. Não será um ano bom de vinho. Uvas e melões aparecem nas mesas, doces e macios, desfazendo as gorduras de mariscos e carnes de frituras. E os jornais se enchem de júbilo com as primeiras toneladas de petróleo da Angola. Beatriz Costa reaparece no teatro de revista e o Villaret comanda uma trupe de comediantes em espetáculo de variedades. Lisboa prepara-se para os seus dias de inverno sem que Goa lhe traga maiores complicações. A Índia se enfeita com as penas da pomba da paz, nas disputas de Suez, a ponto de se esquecer das suas misérias e das suas tiradas demagógicas. Portugal, no seu canto de ocidental praia, pode concentrar-se nas suas glórias de antigamente e firmar-se muito bem nos dias de hoje. O escudo não vacila, os sobreiros dão cortiça, os veleiros trazem sardinhas e salmões, as quintas espremem as suas uvas e tudo marcha conforme a Europa permite.

*

Lisboa, porém, continua a mesma cidade de júbilo. Rua do Ouro, Rua da Prata, Rua Augusta e o Terreiro do Paço no equilíbrio de praça sóbria, sem as pedrarias de São Marcos, mas bela e clara como a queria o gênio de Pombal. Toda Lisboa é um equilíbrio entre a luz e a pedra. Aqui o barroco não se soltou como em Roma. Havia, depois do terremoto, um homem de gênio prático que queria restabelecer as energias consumidas do povo de descobridores. Pombal queria uma Lisboa que fosse a cidade ancoradouro do Império, e não a cidade aventureira dos descobridores. Por isto lhe deu a proporção humana, sem a loucura dos grandes de Espanha. O Escorial era o sonho de um domínio do mundo. Pombal, depois do cataclismo, meditou em termos de homem de juízo. E assim fez uma Lisboa sem as arrogâncias de mulher-vampiro, mas de dona de casa pacatona. Nada diz melhor do espírito sensato do português que a sua cidade capital. Nada para espanto, para quebrar os limites das coisas; tudo feito para servir, para garantir ao homem a sua melhor tranquilidade.

*

Lisboa não é uma perdição como Paris. Aqui não se fabricam estimulantes para assanhar a besta humana. A cidade se comporta bem, não se paganizou em saturnais. Os próprios cabarés são adegas onde se canta o fado com mulheres e homens que nos fazem dolentes. Há uma

tristeza boa nas cantigas lusas. O fado não é música para bailarinos. É música para arrasar o coração. Às vezes, uma cantiga de adegas nos provoca fúrias dionisiacas. Uma Amália Rodrigues tem acentos gregos de bacante na voz que vai ao profundo de nossas ansiedades. Quase sempre, porém, o fado se consome em mágoa que sangra. Assim é Lisboa noturna, a que se acerca do vinho para ouvir as suas musas de xale e voz de contralto. Em Atenas, tudo se resolve em dança como de terreiro de xangô. O grego faz da música apenas o pretexto para agitar-se em baile que parece um rito religioso. Em Lisboa canta-se para espalhar os males. É verdade que os males não têm medo das cantorias. O amor contrariado continua nos corações que são ninhos quentes. Lisboa dorme. A cidade não se amedronta com os seus complexos. As grandezas da antiguidade são do passado. O que vale para ela é o dia de hoje.

1.2. “Funchal, cidade macia” (p. 70-73)

Aquilo não era um barco. Mas pedaço de terra agarrada ao cais. Os alto-falantes gritavam para que abandonassem o navio. E era um falar para surdos. Os portugueses do Rio ali estavam no seu Portugal, queriam beber o último copo de vinho verde. Ali, no “Vera Cruz”, estava a terrinha bem-amada e todos fincavam o pé em coisa que era a continuidade das aldeias distantes. Cada pedaço de madeira fazia lembrar a pátria que não lhes saía da cabeça e do coração. Até que chegou o momento das últimas despedidas com lágrimas nos olhos. A palavra saudade passava a sangrar nas almas que ficavam e que partiam. Dias e dias em mar de rosas, até que começamos a ver os rochedos de São Vicente. Pedras nuas e, mais tarde, a ternura dos amigos de Cabo Verde. Já que a terra era sáfara, fecundos, de seivas abundantes, eram os corações dos amigos da cidade que os ventos despojaram de tudo. Pedras assim como as do nosso Pão de Açúcar cercando a povoação como monstros antediluvianos. Porém, mais longe do que aquela agressividade da natureza, valiam os homens que não se deixaram vencer pela inclemência.

*

Todos falam um português que canta como o dos nordestinos e as violas gemem como as do Pajeú. Depois, Deus quis que existisse, no meio do mar, uma imagem do seu paraíso terrestre, e plantou a Madeira, como dádiva de suas bondades. Funchal não é uma cidade, mas um jardim que se encheu de gente. Sobem os automóveis as ladeiras floridas. Vilinos de gente rica não esmagam as casas humildes do povo. As flores ligam os pobres e os ricos. Por debaixo de árvores fruteiras mulheres bordam. Há um século que a Madeira trabalha os riscos de suas obras-primas para o lustre das mesas e camas dos príncipes e rainhas. Dedos de fada manobram agulhas como se fizessem poemas no linho. Lá para cima os homens robustos da terra carregam,

em redes, os turistas que se exibem na subida do monte, onde Nossa Senhora sorri para o mundo inteiro.

*

Na Madeira os santos sorriem. Deus não derrama o seu sangue como em Toledo; Deus é pai, em dia de festa em casa, onde sobra o vinho nos copos e arroz doce nos pratos. O Deus da Madeira só falta usar aquele chapéu de palha dos carreiros que nos carregam em carruagens sem rodas. As flores tocaram de tal maneira o coração de Deus que ele nada tem do rubro coração de Jesus padecido de dores. Tudo é macio em Funchal. No terraço dos cafés, rapazes fumam cachimbo e tomam chá como faziam os ingleses que ali chegavam para os desfrutes da libra-ouro. Hoje em dia há menos ingleses, mas ficaram os seus hábitos de descansados, de ociosos dos bons tempos da bela época. Os homens da Madeira não têm pressa. Nunca vi gente sem angústia de tempo como aquela. O comércio é calmo, sem aquela algaravia dos sírios de Las Palmas.

Compra-se em Funchal como em Oxford Street. Os próprios vendilhões que vão a bordo não nos agarram nem nos agredem com ofertas. Tudo macio. Cidade macia podia-se chamar Funchal. Agora a noite se aproxima. Já o céu se cobre dos últimos lampejos do sol. Sobre o mar parado, manchas de óleo e meninos a mergulhar atrás de moedas. Mais para longe uma ilha, despida como São Vicente, parece toda de zinco. O sol se expande sobre o rochedo em colorido maravilhoso. Tudo se prepara para o noturno em alto estilo em Funchal. E quando chega a noite a Madeira é um tremeluzir de estrelas. Todas as estrelas do céu descem à Terra e vão cobrir de luz aquela alegria de Deus.

1.3. “Fialho de Almeida e sua época” (p. 123-138)

Fialho de Almeida não seria o escritor que a minha geração lesse como um mestre. A influência de Eça de Queiroz era por demais forte nos nossos entusiasmos literários para podermos nos entregar a outra devoção que não fosse Eça. Fialho, nós o líamos sem que mesmo o tomássemos a sério. Éramos todos de Eça, de sua prosa fluida, do seu português sem os pedregulhos de Camilo, sem as dificuldades de sintaxe e as palavras fora da vida. Palavras que falamos e que, aproveitadas pelo mágico, se transformaram em língua poética, de ritmo largo, de sonoridades que nos arrebatavam. Fialho era mais da outra língua, do árido português camiliano. A geração que dera os Vencidos da Vida, grande rebento de artistas e poetas, secara o solo português como já sucedera com a floração de Camões. A terra parecia estéril depois de uma colheita que fora de assombro. Um Antero, um Oliveira Martins, um Ramalho, um Eça haviam esgotado o solo, chupado toda a seiva lusitana, arrancado das entranhas tudo o que era

possível transformar em substância. Fora uma geração de último arranco, dando-nos a impressão que após ela nada restaria de Portugal. No entanto, a coisa era outra. Era uma impressão falsa. Rebentariam socas magníficas, viçosas. Cantaria António Nobre na sua voz de lusíada coitado, na mais doce e pungente voz da poesia de seu tempo e como um temporão, uma árvore que resistira às derrubadas, como um pau-d'arco florido de dezembro, todo roxo e esguio, aparecia Fialho de Almeida para resistir aos ventos e espanejar desafiando raios e tempestades.

Fialho chegara dez anos mais tarde que os Vencidos da Vida. Quando o grupo de Coimbra levantara o seu grito de guerra contra as velharias podres, ele era menino. Ficara-lhe, então, toda a vida, uma espécie de despeito contra aqueles que, antes dele, fizeram e disseram o que ele queria dizer e fazer. Daí a sua ligação com Camilo, o seu pegadio doentio com fórmulas e formas que não desprezaria como que querendo com elas resistir contra os outros que as destruíram. Era assim o seu caso, era assim o seu feitio de homem. Um oposicionista, desses que gostam de remar contra a corrente, pelo gosto de irritar as correntes. A obra de Fialho aparecia após a rajada de metralhadora que foram *As farpas*, depois das sondagens profundas de Oliveira Martins, depois do romance de Eça de Queiroz, depois do grande Antero.

O homem de machado na mão chegara à floresta e encontrava a derrubada feita. Ele queria derrubar e tudo já tinha ido abaixo. Então, o lenhador se amargurou contra os que haviam feito o trabalho. E olhou os paus no chão, os garranchos velhos, e tomou-se de amores pelo que via por terra. Havia, na certa, naturezas de monstros e de cínicos nos outros que chegaram primeiro. Era ele somente que devia ter feito a derrubada. Ele queria madeira podre para enterrar o machado faminto e, não encontrando os cedros que queria enfrentar, Fialho ficou do outro lado. Pegou-se com Camilo a vida inteira. E chegou a aparentar-se de tal maneira com a língua do clássico que, apesar de todos os seus galicismos, o que ele é é uma espécie de clássico com raiva, um temperamento barroco até os extremos, procurando fugir do seu tempo para ser muito mais infeliz. Toda a sua história vem desse despeito de filho mais moço, que se desajustara da família. Viu ele os irmãos realizando o que era de seu destino realizar e não se conformou com a antecipação. Sentiu-se roubado. Queria que os irmãos tivessem cruzado os braços à espera dele, para que fosse ele o homem capaz de concluir a tarefa gigantesca. Por isto, Fialho não seria nunca um companheiro da geração dos Vencidos da Vida. E podia ter sido. Dez anos não separam gerações. Eram da mesma época, do mesmo fim de século, respiravam o mesmo ar de um mundo que nascia, tinham a mesma fibra de combatentes e amavam Portugal com o mesmo amor. O que faz justamente uma geração é este contato com ideias, com sentimentos, com as paixões. Às vezes, muitos anos separam Gide de um Green, um Lawrence de um Huxley, um

Verlaine de um Rimbaud, mas eles são, pelos caminhos subterrâneos da alma, da mesma geração, do mesmo tempo, da mesma vida. Entre Fialho e o mais velho dos Vencidos da Vida havia a diferença de 20 anos. Ramalho Ortigão, de 1836. Fialho, de 1857. E era justamente de Ramalho que ele mais se aproximava, pela insistência de ver certas coisas, certas fraquezas, certas intimidades de Portugal. Fialho, porém, queria estar longe de Ramalho. Para ele alguns dos Vencidos da Vida, quando não eram doentes como Eça, seriam diletantes como Ramalho, sem sinceridade, querendo fazer mais espetáculo que realizar coisa séria. E, no entanto, o que Fialho desejaria fazer no romance foi o que Eça fizera. Por mais que ele se voltasse contra o naturalismo era dos mais românticos naturalistas nos seus contos. A sua preocupação de ver doentes por toda a parte, a sua obsessão dos diagnósticos, a insistência nas cores violentas eram bem tiques da escola. Quando ele saía para ver Portugal dos artistas, dos oleiros, das casas velhas, dos móveis, da prataria, da arquitetura, dos guisados, do caldo verde, era como se fosse Ramalho, com o mesmo sentido, o mesmo gosto. Nada mais que o outro. Se Fialho se voltava contra os costumes políticos, contra a mediocridade de gabinetes, contra a época de figurões, de pobres homens, não era para descobrir mais do que *As farpas* descobriram e nem fixar mais ridículo do que Eça fixara.

Todos eram, em certo sentido, sebastianistas e críticos desapiedados do seu Portugal, que tanto já dera ao mundo. Queriam um Portugal com o sangue quente de 1500, com naus correndo os mares, com ímpeto de conquistador, projetando-se pelo mundo. Queriam uma nação de gigantes sem terem o senso crítico para compreender que tudo era do passado. O Portugal que eles queriam não podia existir, a não ser como uma ficção quixotesca. Os realistas, os homens de ciência, os clarificados, os homens do século da luz, eram uns arrebatados como qualquer ingênuo de província. A paixão por um Portugal, que não podia existir mais, fizera Ramalho, Eça, Oliveira Martins e Fialho desertarem de seu ambiente natural e criarem homens pequenos demais, os Acácios e Pachecos, como se fossem espécimenes exclusivos da terra lusa, quando eram espécimenes de todo o mundo. Foram pessimistas, foram críticos às vezes de injustiça cruel contra a realidade portuguesa. O que era mesquinho não era o português, era o homem por toda a parte. Ramalho parecia um homem de saúde, de bom fígado, que sabia rir sem rito doloroso. Talvez que lhe animasse a vida uma pequena dose de *sense of humour*, coisa tão escassa na literatura portuguesa. Faltou a Fialho, portanto, esta dose por menor que fosse de *sense of humour*. O riso de Fialho é como uma pedrada, um castigo corporal. Quando Ramalho generalizava ou pretendia arranjar as coisas com a sua pobre filosofia sem profundidade, tinha, de quando em vez, um dito, uma palavra, uma situação que revelavam o homem esportivo que ele procurou compor para a sua figura simpática. De vez em quando, Ramalho ri-se de si mesmo

e assim chega a nos convencer, a nos tocar. Fialho está sempre muito acima de tudo, está sempre medindo, tomando o tamanho das coisas, pondo-se a cavaleiro das situações. Os homens seriam melhores se o ouvissem. O mundo seria feliz se o escutasse. É trágico, é doloroso, chega quase sempre às raias da loucura, no ímpeto com que se sobrepõe a tudo.

É este o Fialho que pretende escrever a crônica de uma sociedade, cortar, de chicote, os contemporâneos, reformar o seu grande país. Li todos os seus livros de jornalismo, vasto panorama de uma vida que ele media pelo sistema decimal de suas paixões. Ele sabia de tudo e para tudo tinha a sua palavra de ordem. O Portugal que criticava nos homens, no regime político, na vida de sociedade, na literatura, nas artes era um ser que ele martirizava sadicamente, que ele fustigava com impiedade. Tudo lhe parecia morto e mistificado. O rei era um manipanso, os romancistas eram uns doentes, os poetas medíocres, as artes em decadência. Todo um edifício ruindo. Era essa, aliás, a ideia centro dos Vencidos da Vida. Portugal não descobrira o Brasil, Portugal não tinha Albuquerque, império, riquezas de colônias, e era por isto um Portugal senil, fora da vida. Eles eram assim uns desajustados que nos deram grandes poemas e grandes livros. Mas que Portugal vivia como podia viver não tenhamos dúvidas. Tudo não era por lá tão medíocre assim. A literatura do século XIX português foi, em verdade, uma grande literatura, capaz de sobrepor-se à pobre literatura dos últimos séculos, sem grandes poetas (com exceção de Bocage), sem grandes escritores, sem mesmo os grandes cronistas do quinhentismo e os frades ingênuos. Um Antero valia por todas as Arcádias.

Era assim Fialho de Almeida, como os de sua geração, um descrente dos contemporâneos. O passado esmagava-o. Mas ele não acreditava em Portugal. Nós de hoje acreditamos porque vemos que eles próprios foram uma geração de gigantes. O pessimismo de Fialho, porém, seria assim, mesmo que ele tivesse nascido no século das descobertas ou fosse um inglês da Rainha Vitória. É um pessimismo de sangue, de fundo da alma, da sua natureza. O de Ramalho era uma maneira de ser otimista, de acreditar. Fialho tinha mais do que Ramalho o fogo da poesia devorando-lhe as entranhas. O jornalista, o vergastador, o impiedoso crítico de reis e ministros era o mais romântico dos escritores de sua época. Mais romântico do que o próprio Oliveira Martins, do que Eça de Queiroz, do que os próprios românticos da equipe Garrett.

Há um escritor no Brasil assim, com essa força romântica de Fialho, com esse seu ímpeto barroco da expressão. É Euclides da Cunha. Não sei por que sinto em Euclides influência de Fialho. Ambos gostavam de retorcer as coisas e os fatos, de alongar a medida natural de tudo, de só ver preto e vermelho, como se essas fossem as únicas cores da Terra. Euclides da Cunha tinha o poder da palavra que era como uma explosão no silêncio. Como

Fialho, a sua prosa não conhecia o remanso, o correr plácido do arroio, o baixo das sinfonias. Ambos viam com olhos de deformadores daltônicos. É verdade que Fialho era mais poeta, mais músico, mais sensível à arte do que Euclides. Pareciam-se, no entanto, na maneira violenta de ver e contar. Faltou a ambos o senso de humor. E são, por isto, escritores profundamente tristes, homens de tragédia.

Reli agora *Os gatos*, de Fialho, selecionando-os para esta antologia e foi uma releitura que me deixou a impressão de um Fialho maior do que imaginava. Tendo-o lido na adolescência havia-me ficado do escritor português uma lembrança sem grandeza. Agora, mais perto dele, senti-o grande de verdade.

Portugal é o seu tema. Li um Fialho que queria criticar, discernir, orientar. Um Fialho inteiramente dedicado à reforma de costumes, analista da sociedade, vendo tudo acabado nos homens, tudo findo nas instituições. Ele mesmo quando começou o seu trabalho disse o que queria ser: um gato, “achando a quase todos os deuses pés de barro, ventre de jiboia a quase todos os homens e a quase todos os tribunais portas travessas”. Foi esse desígnio derrotista que o arrastou a uma crítica de homem estourado, a uma análise de necrotério. Para Fialho, o grande Portugal era como se estivesse pronto para uma dissecação de aula de Anatomia. Era sobre um cadáver que ele se debruçava. O gato que ele queria ser às vezes tinha uivos de hiena. Achava ele que Deus fizera o homem à Sua imagem e semelhança e fizera a crítica à semelhança do gato. Era assim reduzir por demais a grandeza da crítica. Fazendo do crítico um ser egoísta e cruel, Deus criaria uma espécie de danado, coisa que não é da criação de Deus. Deus não competiria com Lúcifer. E é aí que está o erro essencial de Fialho. Tudo para a sua crítica se reduzia a um campo de experimentação monstruosa: “Horas e horas à surtida de um rato pelos interstícios de um tapume e pelando-se, uma vez caçada a presa, por fazer da agonia dela uma distração”.

Por fazer da agonia dela uma distração. Era esse o programa de crítica fialhiana. Mais um programa de Marquês de Sade. Ele mesmo dizia: “Atirando-a ao ar, recebendo-a entre os dentes, roçando-se por ela e moendo-a, até a deixar num picado ou num frangalho”. Fialho se propunha à destruição, a uma destruição pelo prazer maligno de destruir.

Era tudo isto mais um jogo de palavras. De fato, a natureza de Fialho era de um poeta barroco. Era a de um homem que crescera demais para as paredes de seu quarto. O roçar do corpo pelos quatro cantos de seu meio dóia-lhe forte.

Havia uma sociedade impregnada de uma felicidade construída em falso. Era todo o fim do século XIX dormindo ao som das valsas de Viena, deleitando-se nos canções de Paris, vendo Santos Dumont alçar voos para o céu. Os germes das guerras infernais já germinavam dentro

da terra; os homens tinham plantado as sementes diabólicas. Portugal tinha rei constitucional, ministros, pobres ministros. Os ingleses impunham-lhe regimes de restrições. Fialho de Almeida então propunha-se a dissecar este mundo português como se não fossem vícios do mundo inteiro os que andavam por sua casa. O Rei D. Carlos seria uma de suas vítimas favoritas, a casa de Bragança, os ministros, os poetas, os artistas, tudo enfim teria que sofrer as suas arranhadas de gato. Por fazer da agonia dela uma distração.

Mas o poeta Fialho era mais alguma coisa que um gato cruel, era mais que o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Havia naquela natureza de extrovertido um coração aberto à vida, à grandeza da vida, às dores dos outros. Ele fingia de gato, ele queria ser da *jonglerie*, da crueldade ímpia. Mas a natureza robusta do camponês o arrastava para ver o sol, o rio, as manhãs do Tejo, os pobres de Portugal, os campos de vinha, as casas brancas das aldeias, a virgindade de vida das saloias. E Fialho deixava a pele macia de gato, os passos felinos, as manhas e cantava a terra com uma força de homem vivo, de homem simples. Tudo morria com estes arrebatamentos de improviso, morria a língua áspera, as palavras feias, os despeitos brutais. Fialho olhava a terra, os seus campos de Alentejo, o sol nos penhascos, as manhãs quentes de luz, a terra generosa, e era o homem Fialho, manso, querendo somente falar da beleza, do que era forte. Aí o escritor é um dos maiores de sua geração, no saber sentir a terra portuguesa, o campo português. Aí ele chega a épico na abundância de alma, na força descritiva, na espontaneidade de falar. É um Fialho em pleno gozo de seu temperamento e de seu amor a Portugal. Os ceifeiros passam pela sua obra como os conquistadores nos *Lusíadas*, como gigantes que a gente ama, como comparsas de drama como o da criação.

É este o Fialho que sobreviverá. O gato se transforma em homem real, num homem com toda a substância daquele sopro que Deus lhe transmitira. Este Fialho que pisa na terra como um Anteu não tem inveja, não tem despeito, não critica para dizer mal, não grita impropérios como um doido varrido. É o escritor da terra portuguesa, dos campos cobertos de trigo, de homens de peitos cabeludos como faunos e de almas cândidas de criança. Aí Fialho estava em casa, no ambiente onde o seu temperamento de curioso se amansava na criação. Aí o panfletário se oxigenava no hálito que lhe vinha de suas árvores, de seus campos cobertos de flores, semeados de trigo, batidos pelos ventos de Alentejo. É este o escritor eterno de sua raça, o verdadeiro dono de um estilo, de uma forma de ver e escutar as coisas.

O outro Fialho é menor. É mais dominado por uma paixão que era mais um desespero dos sentidos do que uma faculdade de crítico. O homem que surrava os pequenos de seu tempo, os pobres ministros sem nome, o rei gordo e bom, tão amigo da liberdade, tão bom português

no deixar ir das coisas, este Fialho, que fazia profissão de fé de demolidor, chega às vezes à vulgaridade, à triste mediocridade do jornalismo de sensação.

Não foi este o homem que eu vi em *Os gatos*, não foi este o escritor que procurei nos seis volumes de prosa violenta e desigual. Fui antes atrás do Fialho que tocava nas coisas eternas, do artista exuberante que era ele, espécie de terra de aluvião, grossa terra fecunda, abundante de impurezas e rica de seiva. O aldeão contemplador que se perdeu entre os homens da cidade, que leu os estetas, os psiquiatras, os requintados e que queria realizar a chamada prosa artística dos Goncourt, fora sempre um intuitivo puro, o criador de formas que se guiava mais pelos impulsos que pelas normas dos mestres. Fez o possível para ser um êmulo de Camilo e, no entanto, foi um Fialho. Quis ser um miniaturista como os Goncourt, e foi, em tudo, um homem de largas telas, de vastos painéis.

Os críticos, como António Sardinha, procuraram responsabilizar o liberalismo pelos desencontros de Fialho imaginando que os regimes políticos pudessem fazer os homens de personalidade. Com a monarquia ao tipo integralista de Sardinha teria sido Fialho um acomodado, fazendolouvaminhas ao seu rei. Não foi o liberalismo que fizera dele, como queria Sardinha, um inquieto, um impulsivo. Fialho é que era assim, era a sua personalidade que o conduzia e não causas outras que o criaram, que o deformaram. Sem o liberalismo, El Greco deforma os seus homens e os seus santos, com o mesmo rancor contra o estabelecido. É inútil pretender fazer de Fialho uma vítima do século, do chamado século estúpido de Daudet. Ele era assim pela sua natureza, em qualquer época, em qualquer regime. A liberdade dera-lhe, pelo contrário, caminhos por onde pudesse andar à vontade. Falou mal de reis, ministros, expandiu-se com a sua fúria de louco contra instituições e homens e libertou-se, assim, de seus demônios interiores, de suas taras invencíveis. Fora-lhe até benéfico o liberalismo do seu tempo. O crítico Castelo Branco Chaves chegou a falar no seu satanismo, que poderia ser aparentado com aquele de Barbey d'Aurevilly. Barbey, apesar de todo o seu fulgor de anjo rebelado, era uma natureza de crítico, um crítico que julgava com febre, mas que não se sentia alterado com a temperatura em ascensão. Via sempre as coisas com a penetração aguda e, se vibrava nos entusiasmos e se esquentava no ódio, não perdia nunca a realidade como ponto de partida de seu julgamento. Fialho foi o oposto ao crítico, ao crítico criador como Barbey. Ele era um visual, olhos que queriam se fartar de ver. Daí o caráter pictórico de todos os seus livros, de tudo o que de melhor nos deixou. Querer leva-lo para o domínio das ideias, da abstração, da análise, seria forçá-lo, seria procurar um Fialho que sempre fracassou quando pretendeu fugir do seu temperamento.

Para a seleção das melhores páginas de *Os gatos* quase que não tive dificuldades. O bom Fialho não se esconde como certos escritores que pedem muitas vezes um faro muito sensível

para descobri-los. O bom e mau Fialho nos aparecem a olho nu. O mau é aquele que pretendia fugir da sua natureza de poeta para arrojarse contra os homens. Quando ele pretende fazer-se de censor, de orientador de massas, falha. Foge de seu natural para nos oferecer um triste espetáculo. Então, Fialho de Almeida, o homem que não sabia rir, força uma gargalhada que não vem dele mesmo. É como se imitasse a alegria; não é alegria. O natural deste panfletário é a sua tristeza de doente e de tímido. O grito que solta, fora do lugar, fora do tempo, dói nos nossos ouvidos, sendo palavrão, obscenidade ou insolência desconcertante. Aí a sua expressão literária não é viva, não palpita de nervos e de carne. É um grito de quem sente faltar-lhe terra aos pés. O escritor que queria botar abaixo preconceitos, erros, homens fracos, artes de artifício não se move como homem, tem trejeitos de macaco.

O outro, o que aparece nesta seleção, é bem o Fialho de Almeida, o artista de alma quente, de olhos e ouvidos abertos à Natureza, às cores, e à música da vida. É um barroco de forma e de fundo, um romântico que, como os Vencidos da Vida, amava o seu Portugal até os extremos. A grandeza dessa geração está nesse amor desesperado. Eles amavam tanto o seu Portugal, que sadicamente o maltratavam; mas faz gosto vê-los como vemos Fialho respirando os ares da terra, olhando as árvores, procurando a população dos pobres camponeses e dos homens de rua, apalpando a natureza rica de sua gente, os simples portugueses da Mouraria e das aldeias. Portugal cresce para ele, Portugal atinge todas as grandezas. Já não é um pobre país, uma choldra de vagabundos; é uma terra que dá flores e frutos, o país das uvas, de homens e mulheres que sabem cantar e sofrer, que é sempre mais alguma coisa que aquele paraíso de Acácios e Pachecos. Quando Fialho descreve o enterro do Rei D. Luís na noite escura, sentimos no descritivo quente, na força de dizer, que não é um rei mofoado aquele que corta a escuridão com as tochas acesas do acompanhamento, que não é um povo morto aquele que corre para a estrada para ver passar o cortejo trágico. Nunca li, em língua portuguesa, nada mais intenso, mais parecido com a tragédia grega do que algumas dessas cenas de *Os gatos*. Naquela noite, o povo, a nobreza, a terra lusitana assumem um poder de eternidade. É o Fialho no máximo de sua força, que nos arrepiam com uma prosa onde cor e música se misturam num arranjo de espanto. Neste trecho de sua obra ele chega ao máximo do poder verbal; deu tudo, deu todo o Fialho de Almeida que nós amamos.

Falam de uma obra que ele não realizou, do fracasso de sua vida diante de sua impotência de criador. Não sinto isto numa grande parte de sua obra. Não nascera ele para fazer o que Eça fizera. Fialho era de blocos, de arrancos, de intermitências. Era este o seu temperamento e querer pedir deste temperamento o que ele não podia dar é o mesmo que se exigir de Eça que fizesse os sonetos de Antero, ou de Ramalho Ortigão que escrevesse *A*

República romana de Oliveira Martins. Muito poderia ter sofrido Fialho em não ter podido realizar o romance do seu contemporâneo Eça. Mas não fora um impotente. Às vezes, nos deu tudo que ele poderia ter dado de melhor. É um grande a seu feitio e de uma categoria de grandeza que não podemos desprezar.

Procurando as suas melhores coisas em *Os gatos*, eu tomei o partido de apresentar um Fialho de Almeida que não fosse aquele das pequenas coisas, dos mexericos locais, das insignificâncias do tempo, um Fialho que discutia ministros e pretendia entender de política. Este está tão morto quanto os ministros que combateu.

O Fialho desses trechos de *Os gatos* é o menos efêmero dos Fialhos. É aquele que se debruçou sobre os grandes temas, sobre a vida e a morte. É o que vê o Rei D. Luís morto e o que vê Bordalo Pinheiro vivo.

1.4. “O Camilo das polêmicas” (p. 163-4)

O jornalista Costa Rego reuniu numa seleção algumas das polêmicas do grande Camilo Castelo Branco, e, com um agudo prefácio, nos dá um livro cheio de curiosidade, de vida, com todos os arrancos do vigoroso temperamento de um lusitano bravo e de espantoso gênio literário.

Houve em Camilo um caso de doença da personalidade que se manifestava pelas palavras, em intemperança verbal de fechar o comércio. As tempestades que ele criou, as brigas que procurou, as descomposturas que passou são únicas em língua portuguesa. Há um Camilo que chorava em histórias de amor de cortar coração, e há o outro Camilo, homem de sangue quente, que manjava a pena de pato como se fosse um cacete de arrebentar ossos. Brigar com Camilo era arriscar demais, era desafiar uma virulência que não tinha limites. A sátira que ele usava se transformava em escárnio, e o seu riso de sarcasta não findava sem cuspe na cara de suas vítimas. Contra um adversário chamado Conceição ia até ao insulto à venerada mãe do homem que não lhe gostara dos romances: “quanto à mãe, quer ela se mal criasse com o deus, quer com o burro, ninguém dá notícia de tal bêbada”. Está aí o nosso Camilo no seu terrível elemento. É capaz de tudo no ataque, na verrina, no desabafo.

A Carlos de Laet, que lhe criticara uma cincada no emprego do verbo “haver”, mande-lhe dizer Camilo: “os senhores escritores brasileiros, que me enviam preleções de linguagem portuguesa, se me quiserem obsequiar dum modo mais significativo e proveitoso, mandem-me um papagaio, uma cotia e alguns frascos de pitanga. Quanto à linguagem, muito obrigado, mas não se incomodem”.

Laet lhe replica: “O Sr. Castelo Branco quer que lhe mande uma coisa: pois tome a este ‘houveram’, que também é bicho bravio, e veja se o aclima em São Miguel de Seide”.

Em São Miguel de Seide só havia um bicho bravio, e este nunca se aclimou em parte alguma deste mundo. Era o próprio Camilo Castelo Branco, a quem fizeram visconde e a quem nunca amansaram, nem com mimos, nem com mesuras.

1.5. “Um retrato de Padre Vieira” (p. 166-7)

Para as cartas do Padre Antônio Vieira, selecionadas pela Livraria Sá da Costa, de Lisboa, escreveu o mestre Antônio Sérgio um notável ensaio de interpretação do grande jesuíta. Sérgio usou, na sua peça crítica, o seu poderoso engenho de análise, e nos deu assim do pregador, do mais autêntico gênio barroco da língua, um retrato do homem, profundamente político, que foi o espírito santo de orelha de D. João IV. As viagens de Vieira à Holanda, onde procurou vender Pernambuco à Companhia das Índias, negócio que ele preparou como uma cilada de comerciante esperto, esclarecem, pelas cartas divulgadas, que as manobras de Vieira estavam amparadas nos próprios judeus de Amsterdã. E o próprio Vieira tinha chegado a encomendar, em estaleiros holandeses, seis navios de guerra para a armada de Portugal, com o fito de colocá-los contra os batavos. As secretas ligações do negócio com as guerras aí estão como coisa mais velha do que podemos imaginar.

Antônio Sérgio penetra na vida do pregador e, mesmo de alguns de seus sermões, e muito mais de suas cartas, extrai muita verdade sobre a natureza do homem extraordinário. Vieira, a serviço da Companhia, foi um dos criadores da introdução do escravo negro no Brasil. A parte mais dramática da vida do gênio foi a luta contra a Inquisição e a sua defesa dos cristãos novos. Luta essa que o levou à desgraça nas Cortes de Lisboa, mas que lhe deu as glórias de Roma, com um breve de proteção do Papa. O ensaio de Antônio Sérgio é mais uma admirável contribuição deste mestre para o verdadeiro conhecimento do pensamento social e político de Portugal.

1.6. “O padre Vieira e os portugueses” (p. 167-8)

Acontece em Portugal, nas relações dos homens de gênio com o país natal, um constante estremecimento de amizade, assim como que uma desafeição latente entre o grande homem e o povo. Daí o grau elevado de pessimismo que aparece nos depoimentos daqueles que são, verdadeiramente, os que podem falar, os que têm a dizer alguma coisa. Camões quase que morreu de fome, abandonado cruelmente do povo que ele eternizara. Bocage deixou o cárcere

da Inquisição para terminar como o mais pobre dos homens, tendo morrido na indigência. Deram a Camilo um título de visconde, mas a vida que ele arrastou foi a de um pária.

Que razões, que incompreensão poderão existir entre o povo português e os seus autênticos intérpretes? É um mistério, porque não há gente mais mole de coração do que a lusitana, e com mais capacidade para a amizade. O fato, porém, é que os seus grandes homens, desde que passam a se confessar, não perdem oportunidade de dizer mal da gente que é sua. Haja vista o Padre Antônio Vieira nas cartas que, agora, António Sérgio colecionou. É assim que o genial pregador se dirige a D. Rodrigo de Menezes e a Duarte Ribeiro de Macedo: “Só o esquecimento de Portugal nos pode levar a Portugal”. “Estes padres não são portugueses, e com isto digo que vivem entre eles em quietação”. “Depois de ter nascido em Portugal, a maior felicidade fora ou não chegar a uso da razão, ou tê-la perdido”.

Aí está um Vieira como um Ramalho Ortigão das *Farpas*, ou um Eça de Queiroz do *Crime do padre Amaro*. É que no caso do Padre Vieira, mais do que em qualquer outro, havia o político na competição da Corte nas tricas palacianas. O português de Vieira seria, no caso, os seus inimigos, os conselheiros do Infante D. Pedro. Talvez que, ao tempo de D. João IV, o português de suas referências fosse bem outro.

1.7. “Cartas de Fernando Pessoa” (p. 174-6)

É o uso da sensibilidade, e não a própria sensibilidade, que vale em arte, dizia Fernando Pessoa, a propósito de um livro de Adolfo Rocha, a João Gaspar Simões, em carta. Vinha esta confissão do crítico em resposta às palavras duras de Adolfo Rocha, ao comentário de Pessoa ao livro *Rampa*. Adolfo Rocha seria mais tarde Miguel Torga, o grande prosador português.

Mas nas palavras de Fernando Pessoa estava toda a sua teoria sobre a arte. O uso da sensibilidade é o que faz a poesia como forma. Dizia Valéry que a obra do espírito só existe em ato, mas é o próprio Valéry quem nos afirma que existe uma prática detestável, que consiste em abusar das obras muito bem trabalhadas para criar e desenvolver o sentimento da poesia nos jovens. Esta prática termina em tratar o poema como modelo a serviço da composição, em entregá-lo às classes para ser decomposto em aulas, recitado como prova de memória, quase sempre abstraindo-se do seu essencial, do que faz a sua verdadeira grandeza. Enfim, é a execução do poema que é exatamente o poema. É, como dizia Pessoa, o uso do sentimento. Reuniu João Gaspar Simões, em volume, as cartas que recebeu de Fernando Pessoa. Geralmente, os poetas não gostam de confissões epistolares. Pessoa, que não era de rodas de amigos, abria-se em suas confidências de artista com João Gaspar Simões.

O que caracteriza essa correspondência é a admirável capacidade de admirar de Pessoa. Para ele os moços valiam-lhe como se fossem contemporâneos. Muito teve de Pessoa o nosso Mário de Andrade, natureza rica de arte, mas coração afetivo aos extremos. Foram Mário como Pessoa fecundadores de poetas, mestres que não pareciam com os mestres, dispostos a sentir os valores, viessem de onde viessem. É tocante a amizade de Fernando Pessoa pelo jovem Mário de Sá Carneiro. Quando pensaram na publicação das obras completas do poeta morto, foi o próprio Pessoa quem se pôs a copiar os poemas do amigo, a mandar sugestões sobre a feitura dos livros aos seus organizadores. Pode-se dizer desse poeta que ele era maior que o seu tempo; quis, no entanto, mostrar-se menor do que era. O gosto pelos heterônimos nos mostra a sua capacidade de querer ser igual aos outros. Gaspar Simões era quase um menino quando se fez de seu amigo, através de cartas. Pessoa se punha a ouvi-lo, atento às suas opiniões, ele que, já naquela época, era, como Camões, o maior poeta dramático da Língua. Aliás, Gaspar Simões, na sua notável biografia, já nos dera um Fernando Pessoa em corpo inteiro. Agora, a correspondência publicada nos serve para mostrar a linha espiritual do poeta que não temia palavras. O uso da sensibilidade implica no fervor pela expressão. Pode-se dizer de Fernando Pessoa que ele foi o poeta da expressão autêntica, e nunca dos sentimentos soltos aos ventos.

1.8. “O poeta Carlos Queiroz” (p. 182-4)

O poeta Carlos Queiroz vem das mesmas origens de Fernando Pessoa, aquele que deu à poesia lusitana uma espécie de vida secreta, de mais drama do que lirismo, ou melhor, de um lirismo sem o cantar de água corrente de António Nobre, tão da tradição portuguesa.

É ele mesmo que assim nos define a qualidade de sua poesia, mesmo da sua poética:

“Que trajetória complicada
Faz a água nas vísceras do monte,
Até sair purificada
Da fonte
E escoar-se no chão,
Como se não
Valesse nada!
Assim é a poesia
Que mereça esse nome e a luz do dia”.

Pessoa deu ao seu lusíada a consciência de uma dor que lhe vinha das entranhas da alma, uma dor que não se consumia só com o cantar, mas que persistia, que dormia no leito do poeta,

como a esposa, que era a sua razão de viver. E poesia passava a ser, como já tinha sido em Antero, um instrumento de tortura do pensamento. A alma maior do que o corpo.

Carlos Queiroz, neste seu maravilhoso livro de poemas que chamou de *Breve tratado da não versificação* chega a esta conclusão de pesquisador de laboratório de mágico:

“Ver só com os olhos
É fácil e vão:
Por dentro das coisas
É que as coisas são”.

E quando ele se encontra e quando ele descobre o seu mundo, é a solidão que o envolve e o situa na sua dolorosa contingência:

“Cercadas de abismos
Por todos os lados,
As almas são ilhas
Em nós sepultadas.
Ilhas solitárias
Sem pontes, sem túneis
Sem possível tráfego
De umas para outras
Ilhas assombradas
As almas parecem,
Deus se compadeça
Do nosso arquipélago!”.

Esta terrível solidão aguça no homem Carlos os seus instintos para descobrir os mais recônditos fios de poesia, nos seres e nas coisas. Passam-lhe pelos sentidos os cheiros, os sons, as cores, e ele não se contém. E o caramujo se transforma em pássaro de canto pungente, e a ilha se povoa de uma música que vibra nas árvores, nos ventos, e humaniza tudo. O coração do poeta é uma harpa eólia.

“Maresia – viveiro
De mistérios sem fim...
Mas pergunto primeiro:
– Desde quando este cheiro
Amadurece em mim?”.

O pequeno livro de poemas de Carlos Queiroz me parece de importância maior, sendo todo ele um roteiro de boa e fecunda poesia.

2. Publicadas n'O Globo

Meses com indisponibilidade para consulta:

1948: janeiro, fevereiro, maio, junho, setembro, outubro, novembro e dezembro.

1949: janeiro, fevereiro, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.

2.1. “Cinema português” (20 maio 1944)

Pergunta-me, em carta, um leitor lusitano o que penso do cinema português. Quer saber se vira a *Severa*, a *Canção da Terra*, *Bocage*, etc. Os portugueses são os homens mais patriotas do mundo. São “ufanistas” de “ufanismo” que nos transmitiram em doses carregadas. Dizia o homem da carta que nós do Brasil devíamos levar mais a sério o que lá na terra vai se fazendo pelo cinema. E tanto elogia as coisas do seu cinema que me deixou em quase pânico para lhe dar a opinião. Respondo-lhe, no entanto, para não corresponder a todo o seu entusiasmo. Vi a *Severa*, vi a *Canção da Terra*, vi muitos outros filmes de produção portuguesa, e para falar com toda a franqueza, não perdi o meu tempo. Digo mais, deram-me até a impressão de alguma novidade. Se não realizaram ali um grande cinema, pelo menos procuram os homens que compuseram estes filmes valorizar um material de primeira ordem para efeitos de câmara. O *Jardim da Europa* é qualquer coisa de grande para quem saiba descobrir as suas riquezas plásticas. Já uma vez o poeta Nobre perguntava pelos pintores de Portugal. Aonde estavam eles que não vinham pintar?

Os técnicos de cinema que se iniciam, na “ocidental praia lusitana”, têm muita coisa que ver. A questão é saber ver, é seleccionar, é interpretar. Uma coisa eu digo ao meu correspondente patriota para o seu consolo: há um cinema pior do que o cinema português, é o cinema brasileiro.

JOSÉ LINS DO REGO

2.2. “Entre Eça e Camilo” (18 set. 1944)

“Confundes bobamente duas coisas: clássicos e Camilo. Camilo não é clássico no sentido gramaticóide do termo; e para afundarmos os dois no mar do classicismo, nunca te convidaria eu, porque os aborreço sobre todas as coisas”.

Isto dizia Monteiro Lobato a Godofredo Rangel em 1915. Já não era o Lobato de 1907, que queria viver mergulhado nos frades portugueses para fugir da língua que o povo criara no Brasil. Depois conhecera ele esta criatura de poucas carnes e muitos ossos que é o seu Jeca Tatú, e Lobato se volta para Camilo, com desespero. E se embebeda de camilismo. Transforma-se em estilo de brava truculência, quer cair de pau em cima de tudo, com os nomes feios, com os arrancos tremendos, com as palavras duas. O doloroso português não mede circunstâncias, e nem espreita oportunidade. Tem uma terrível língua solta. “Cada vez que mergulho em Camilo, saio lá adiante mais eu mesmo – mais topetudo. Ensina-nos a liberdade de dizer fora de qualquer forma”. Lobato, porém, se engana. Camilo, que tinha esta liberdade de dizer fora de todas as formas, tira nos outros esta liberdade. Faz escravos de Camilo. E escravos fanáticos, loucos pelas formas camilianas. E tanto se deixou arrastar pelo caudilho de São Miguel de Seide que chegou a se perturbar na avaliação real de coisas fundamentais. E é quando se põe a comparar que Lobato mais se deixa dominar pela sua paixão veemente. Quer que na floresta só fique de pé o jequitibá que lhe dá sombra. E tudo mais que não seja aquela árvore de galhos imensos, de cerne maciço, capaz de desafiar os raios e os ventos, é pé de pau sem nada de grande, sem beleza nenhuma. E como havia a formosa árvore Eça de Queiroz, de belas flores e de gostosos frutos, o nosso Lobato teria que opô-la ao seu jequitibá. Camilo, diz ele, é a floresta virgem, irregular, com jurambeira e espigões, com taquaruçús, bromélias tremendas e sapos que espirram leite venenoso. Eça é jardim francês daqueles que Le Notre desenhava. É possível levantar a planta dum jardim, mas quem tira a planta duma floresta virgem – dum Camilo?

E para quem não quisesse admirar esta floresta virgem, Lobato não tinha outra alternativa: “Cada vez mais o Eça me sabe a mièvre”, a amaneirado, a simples talento, perto do gênio que é Camilo. Que prodigioso é o Camilo! E que besta é o F. que “não o consegue ler”.

Ou ser camiliano ou ser besta. Era tudo isto bem da ética do magro visconde de vísceras dilaceradas. O gênio patético de Camilo estava no seu estilo de baionetas caladas. As lágrimas que derramou e as lágrimas que fez derramar foram torrentes, às soltas, que romperam barragens. Chamaram ao suicida de paixões sem limites de formidável corda do pranto.

Lobato o amou como a mestre que o fanatizou por completo.

O diabo é que, depois de trinta anos, o jardim francês de Eça de Queiroz nos acolhe, cada vez mais, e a floresta virgem de Camilo já não é aquele mundo de espanto, que assombrava e metia medo. Camilo é um clássico. E tudo está dito.

JOSÉ LINS DO REGO

2.3. “O Camilo das polêmicas” (07 dez. 1944)

O jornalista Costa Rego reuniu numa seleção algumas das polêmicas do grande Camilo Castelo Branco, e, com um agudo prefácio, nos dá um livro cheio de curiosidade, de vida, com todos os arrancos do vigoroso temperamento de um lusitano bravo e de espantoso gênio literário.

Houve em Camilo um caso de doença da personalidade que se manifestava pelas palavras, em intemperança verbal de fechar o comércio. As tempestades que ele criou, as brigas que procurou, as descomposturas que passou são únicas em língua portuguesa. Há um Camilo que chorava em histórias de amor de cortar coração, e há o outro Camilo, homem de sangue quente, que manjava a pena de pato como se fosse um cacete de arrebentar ossos. Brigar com Camilo era arriscar demais, era desafiar uma virulência que não tinha limites. A sátira que ele usava se transformava em escárnio, e o seu riso de sarcasta não findava sem cuspe na cara de suas vítimas. Contra um adversário chamado Conceição ia até ao insulto à venerada mãe do homem que não lhe gostara dos romances: “quanto à mãe, quer ela se mal criasse com o deus, quer com o burro, ninguém dá notícia de tal bêbada”. Está aí o nosso Camilo no seu terrível elemento. É capaz de tudo no ataque, na verrina, no desabafo.

A Carlos de Laet, que lhe criticara uma cincada no emprego do verbo “haver”, mandá-lhe dizer Camilo: “os senhores escritores brasileiros, que me enviam preleções de linguagem portuguesa, se me quiserem obsequiar dum modo mais significativo e proveitoso, mandem-me um papagaio, uma cotia e alguns frascos de pitanga. Quanto à linguagem, muito obrigado, mas não se incomodem”.

Laet lhe replica: “O Sr. Castelo Branco quer que lhe mande uma coisa: pois tome a este ‘houveram’, que também é bicho bravio, e veja se o aclima em São Miguel de Seide”.

Em São Miguel de Seide só havia um bicho bravio, e este nunca se aclimou em parte alguma deste mundo. Era o próprio Camilo Castelo Branco, a quem fizeram visconde e a quem nunca amansaram, nem com mimos, nem com mesuras.

JOSÉ LINS DO REGO

2.4. “O fado de Amália Rodrigues” (22 dez. 1944)

Perguntou-me um amigo se já tinha ouvido a fadista Amália Rodrigues. E, como lhe dissesse que não, me aconselhou que não a perdesse.

Não lhe quis dizer que tinha pelo fado uma certa prevenção, igual a que sinto pelo tango argentino, e que havia momentos em que, se me dessem poderes na terra, acabaria por liquidá-los de uma vez para sempre.

Não é que me faça de requintado e despreze a música popular. Pelo contrário, adoro tudo o que é força melódica do povo. Sou, como Prudente de Moraes Neto, inteiramente de certos sambas. Mas a tristeza melosa dos fados me fazia mal. Era porque eu não ouvira fados de verdade. Ouvira deformações do fado. E, para tirar a limpo as minhas prevenções, fui ouvir a Sra. Amália Rodrigues. De começo gostei da cara da lusitana morena, de olhos brilhantes, de gestos sombrios. A cara agradou e a voz me convenceu. Era bem outra coisa que aquelas latomias de velório que a moça bonita cantava com todo o seu corpo e toda a sua alma. A cantiga do povo estava na sua voz quente, doce e, em certos momentos, de pungente tristeza.

Dissera uma vez João do Rio que a flor romântica dos meridionais, o sentimento vago e impalpável, misto de tristeza, agonia, sorrisos, paixão, desabrochava no fado. Conhecera o grande João do Rio a maravilhosa Julia e, ao chegar em Lisboa, ficara preso à fadista, que muito tinha da Severa. Julia arrebatara o cronista que, num antro de vagabundos, a ouvira em grande noite. E o que cantava a mulher era “a dolorosa vida humana feita de sangue, de alegria e de chalaça, era o mistério da existência”.

Amália Rodrigues canta assim, com esta segurança de quem é a própria paixão que interpreta. Não se separa da música e da letra, não estabelece distância entre ela e os êxtases de sua arte. É de carne o fado que lhe sai da boca, como se conduzisse um amor, uma história terrível, um desejo de posse violenta, uma absorvente volúpia. Cantar para ela não deve ser somente uma profissão, deve ser viver, consumir-se em paixão. Há uma quadra que diz:

Se o Padre Santo soubesse
O gosto que o fado tem
Viria de Roma aqui
Bater o fado também

Eu não sou Padre Santo, mas mísero mortal do bom Deus. Mas confesso que Amália Rodrigues me convenceu. Diria melhor, com a força da expressão do povo: me abalou.

JOSÉ LINS DO REGO

2.5. “O rei João e seu biógrafo” (21 fev. 1945)

Houve um rei chamado João, que a história tratara mal. Era feio, era gordo, era triste. E fugindo de sua terra viera cair numa colônia explorada até as raízes do cabelo.

O rei João que se casara quase menino trouxera uma mulher de instintos perigosos para atravessar os dias melancólicos de fugitivo. Era um homem que só cuidava de comer frangos, que não tomava banho, que não cuidava de mais nada.

Este era o rei João da história convencional, da história adotada como verdadeira. Pois bem, um rapaz de Pernambuco estuda leis em Coimbra, e encontra o rei patusco para tema dos seus estudos. E o que descobre o rapaz pernambucano? Descobre que o rei João, se não fora um rei Frederico ou um rei Luiz XIV, fora, no entanto, um homem muito acima dos contemporâneos que brilhavam em páginas de compêndio.

O encontro de Oliveira Lima com D. João VI se transformou em autêntico processo de revisão histórica. O rei não era o patusco das anedotas, e a obra que realizou, aqui nos trópicos, foi de verdadeiro estadista. O livro de Oliveira Lima, de um simples tema de estudioso, passou a grande livro, que se aprofundou na vida colonial do Brasil para arrancar, de arquivos e jornais velhos, intrigas domésticas e fatos que mudaram o rumo de muita avaliação, de muitos conceitos errados.

Por muito tempo andou o *D. João VI no Brasil* esgotado, em mãos de bibliófilos, em cotação de bolsa como raridade. Agora José Olympio emprega-se num esforço editorial, e nos apresenta em três volumes de primeira ordem, ilustrada, com prefácio de Otávio Tarquínio de Souza, a obra monumental que conseguira reabilitar um homem injuriado, um rei infeliz, um estadista esquecido.

O João VI que surge deste livro é bem a verdade que andava malvista. A grandeza de Oliveira Lima está não só no copioso de suas investigações, mas, sobretudo, no aspecto humano do seu trabalho. Há trechos de sua história que nos lembram a história dos mestres, na ligação que ele faz da vida com a erudição. Rei desgraçado, em vida, este João VI, mas tão venturoso depois de morto. É que cresceu com a posteridade. E grande ficou.

JOSÉ LINS DO REGO

2.6. “As polêmicas de Eça de Queiroz” (01 set. 1945)

Publica a editora Dois Mundos, com prefácio de João Luso, uma seleção das polêmicas de Eça de Queiroz.

Fora Eça de Queiroz antes de tudo um temperamento de crítico. A sua obra de romancista sempre se encaminhou para uma avaliação geral da vida da sociedade, da natureza. Mais do que o seu poder de ficção, havia nele um extraordinário poder de análise. Por isto, tanto se detinha a examinar o mundo de Portugal como se fosse um dandy de Paris. Para ele o que existia em Portugal era uma província a merecer cuidados, e reforma de base. Tudo estava

perdido na pátria. E se não chegou como Guerra Junqueiro a sentir o fim de tudo, descobria em tudo vícios de organização, erros da política, sistemas caducos de conduzir as letras e as artes. A literatura era uma lamúria, o governo uma lástima, a vida mesquinha. Quando abandonou Ramalho sozinho nas *Farpas*, não foi porque não estivesse de acordo com as irreverências do companheiro reformista. Foi para ser ainda mais cruel e terrível com os homens de sua terra, na penetração que fez nos costumes, na caricatura que deu de uma sociedade inteira, desde o povo bom aos fidalgos ridículos, ao clero impostor. Polêmica existiu em todas as manifestações literárias de Eça. O que, porém, ele conseguiu foi dar à polêmica um caráter de admirável elegância de forma, e mesmo de conteúdo. Em Eça de Queiroz dominava uma fabulosa faculdade de vencer os obstáculos de língua áspera. A tal doçura do português é só da palavra “saudade”, e de outras conversas de filólogos. A língua é dura de verdade. Daí a brutalidade a que quase sempre chegavam os polemistas lusos. Tudo se dizia como se os escritores estivessem sempre com quatro pedras na mão. Eça introduziu na polêmica portuguesa um elemento até aquele momento estranho aos polemistas: o “senso de humor”. Por isto, Fialho de Almeida comparou-o a Tackeray.

A sátira lusitana descambava quase sempre para a chalaça, mesmo quando era manejada pelo gênio virulento de um Camilo. As polêmicas de Eça são quase sempre compostas num tom de voz de quem não gostava de palavrão. O que não quer dizer que não doessem como chicotadas.

JOSÉ LINS DO REGO

2.7. “Os poetas de Cabo Verde” (06 out. 1945)

Fui ouvir a conferência de José Osório de Oliveira sobre alguns poetas de Cabo Verde, e era como se estivesse a escutar histórias lá do meu Nordeste. Os mundos que o português criou têm estas semelhanças que marcam muito bem a força do criador luso. Em Cabo Verde é como no Pilar da Paraíba, em Rio Pardo do Rio Grande, sente-se o açoriano na língua, no trato, na voz. É o parentesco de sangue de Portugal a ligar terras distantes, climas opostos. Mais do que o meio físico, age o poder mágico de condições psíquicas. E o lusíada aponta nos cantadores de feira, no broto, ou nos poetas festeiros de Cabo Verde. José Osório de Oliveira é um escritor da metrópole, que tem seduições pelo mundo colonial. É português d’aquém e de além-mar. O seu interesse pela vida dos seus colegas e confrades das colônias, pelas realidades africanas, pelas semelhanças brasileiras, pelo milagre da miscigenação, têm dado aos seus estudos uma nota humana de revelador de valores estranhos à notoriedade. Neste sentido, a sua conferência sobre os poetas de Cabo Verde revela não só uma queda sentimental pelos irmãos perdidos no

meio do mar grande, mas um interesse de erudição, de boa crítica filológica. O que nos toca e nos emociona naquela poesia dos ilhéus é a sua nota pungente de náufragos, de homens de deserto. Os nordestinos que se ilham nos sertões, que se derragam para o Amazonas, que se desgraçam nas secas cantam com aquela mesma mágoa dos cabo-verdianos. São homens de dor concentrada, como que criados por madrastas de coração duro.

Ao ouvir os versos que José Osório de Oliveira recitava, não escutava vozes estranhas. Não. Toda aquela tristeza, todos aqueles lamentos, pareciam não vir de longe, dos confins de terras perdidas no mar. Ali estavam os poetas paraibanos, cearenses, alagoanos, que tangem as suas violas com os olhos cheios de lágrimas, nos quebrantos de amor ou nas fúrias dos que sofrem o abandono dos homens. A obra [de] aproximação que o magnífico José Osório de Oliveira promove entre primos carnaís que se desconhecem, entre povos que constituem mundos de tão íntimas semelhanças, merece mais atenção, mais interesse dos governos. Não se trata de pura especulação literária, mas de um movimento de unidade racial que muito nos interessa.

JOSÉ LINS DO REGO

2.8. “Eça de Queiroz e o Prado de São Paulo” (04 abr. 1946)

A senhora D. Maria de Eça de Queiroz, para dar o seu depoimento sobre o seu pai, o grande Eça, pronunciou, em Lisboa, uma curiosa conferência onde muita coisa contou da vida íntima do mestre romancista, de suas amizades, dos seus cuidados para com a família, de seu zelo de pai e de marido a correr lojas e armarinhos, de Paris, no afã de adquirir as melhores cortinas e os estofos de mais gosto. E lá vem uma carta de Eça à mulher: “quero dizer, não acerto em descobrir o que é bonito e o que convém. Ontem, por exemplo, escolhi umas cortinas tão evidentemente hediondas que vou hoje escrever para contremander. A gente tem assim destes períodos em que perde a sua natureza e finura”. Mas, no final, a casa de Neuilly terminaria admirável, com o seu magnífico pavilhão de trabalho onde o artista tanto capricharia na forma esplêndida.

Conta a filha do romancista o que fora a vida do pai neste retiro, e dos amigos que lá iam.

Os Prado de São Paulo, o tio Eduardo e o fino sobrinho eram de todos os dias e de todas as noites.

“O nosso inesquecível amigo Prado, sempre fantasista, lembrou-se de povoar o nosso Éden de uma multidão de bichos. No fundo do jardim armou-se uma capoeira para galos e galinhas, pombos e rolas. No lago lançaram-se variedade de peixes, cágados escondiam-se nos

canteiros, gatos vadiavam desde Simonette, a angola branca, a coral selvagem, um esquilo girava [trecho ilegível], um papagaio no poleiro só repetia [trecho ilegível]. [trecho ilegível]

[trecho ilegível]

[trecho ilegível]

[trecho ilegível]

JOSÉ LINS DO REGO

2.9. “Eça de Queiroz, homem da História” (18 jun. 1946)

Roberto Giusti é um crítico de literatura que toma sempre a sua erudição filosófica para os alicerces de seus julgamentos. Nunca está como um dileitante ou um impressionista diante do livro que analisa. Giusti vem assim da tradição de Croce, do crítico que abarca, antes que o romance ou o poema que estuda, o mundo onde vive.

Há pouco, a estudar Eça de Queiroz para um jornal de Buenos Aires, Giusti nos apresenta o romancista não só como o criador de tipos, o retratista grotesco, à moda clássica de um Molière, mas como o historiador, que poderia ter construído uma obra igual à de Alexandre Herculano, se não fosse o artista lírico que era o fundamento da alma de Eça.

Portugal era para Eça – nos diz Giusti – um ser vivo e eterno, que ele precisava estreitar em forte e íntimo abraço. Daí o gosto que possuía o romancista para penetrar nos tempos distantes, para reviver a vida dos seus avós, valendo-se de sua extraordinária capacidade de evocação, através do detalhe típico e pitoresco, faculdade esta de historiador. Eça poderia ter sido um grande historiador se tivesse tido para isto paciência e método. Que a sua natureza o conduzia a reviver o passado mostram os livros como: *A relíquia* e *A ilustre casa de Ramires* e os seus melhores contos, como Santo Onofre, São Cristóvão, São Frei Gil.

Como a Cuvier bastava um osso fóssil para reconstruir uma espécie extinta, a Eça um só feito, um só ato, era bastante para que ele pudesse levantar um panorama de um século. Debaixo de seus olhos ampliadores tudo se transforma em história. E o artista Eça concebe sempre em atitude de historiador. Nenhum sentimento, nenhuma instituição ou criação humana aparecem a Eça em atitude estática. Sempre se movem, sempre estão a se desenvolver geneticamente, através dos tempos. Giusti vê um Eça a tocar nas instituições mortas como se ressuscitasse Lázaros. E nos diz que a tal impassividade dos escritores, que se imaginavam, como Eça, impassíveis não passava de um mito. O gosto pelo passado deu a Eça o gosto pela deformação. Aí entra o artista, que não para nem diante da caricatura. Aquilo que Brunetiere assinalava como a mesquinha de vaudeville era a farsa dos antigos, o dom do grotesco que estava também em Homero.

Eça venceria sempre a impiedade da caricatura pelo lirismo de português velho.

JOSÉ LINS DO REGO

2.10. “Os portugueses e o senhor Gilberto Freyre” (28 jun. 1946)

Os jornais de Portugal abrem colunas para exaltar o último discurso do deputado Gilberto Freyre, pronunciado na Constituinte, e onde o sociólogo fizera as suas críticas ao projeto da nova Constituição.

Nada fez mais o Sr. Gilberto Freyre do que voltar às suas teorias sobre raças, tão ligadas a toda sua obra de mestre, desde que se entregou ao gigantesco trabalho de estudar e interpretar a vida social do Brasil.

O português não seria, para ele, o tal agente da nossa decadência de povo, como se fizera quase que um lugar-comum para os sociólogos fáceis que nos estudaram.

O português seria um “criador de mundos”, senhor de uma cultura que, em outras terras e em outros climas, se enriqueceria, em vez de dominar impiedosamente, como todas as crueldades de povos imperialistas, que acima de tudo punham o seu poder absorvente.

A cultura luso-brasileira que se constituíra nos trópicos teve a sua originalidade, venceu tremendos erros na colonização, mas, pelas suas constantes, e pela sua índole democrática, superou os seus vícios e chegou a esta realidade brasileira, que é, apesar de todas as nossas deficiências, um verdadeiro milagre.

Há este Brasil que tem quatro séculos, que é um imenso corpo de nação, porque existiu o gênio português, a nos conduzir, a nos fornecer o seu sangue, a sua energia muscular, o seu empirismo, a sua tolerância nas relações sociais, a sua poderosa energia para dominar os perigos da terra.

Gilberto Freyre apareceu com os seus trabalhos de sociólogo e deu à influência lusitana o lugar que ela merecia na nossa formação. O ponto de vista que responsabilizava o português pelas nossas fraquezas, e que sustentava que, com a expulsão dos flamengos havíamos perdido uma grande oportunidade encontrou no mestre Freyre um opositor de grandes provas e de admirável penetração na realidade.

Quando o nazismo quase tomava conta do Brasil, e as vitórias alemãs assanhavam alguns dirigentes brasileiros, em plano fastígio de Hitler, Gilberto Freyre, em Recife, em conferência, lançou o seu grito de alarma, a defender a cultura luso-brasileira ameaçada, muito ameaçada pelos fascistas do tempo. Mais tarde, porque denunciara as atividades de um frade nazista, para mais uma vez firmar a sua convicção de que o nosso verdadeiro destino seria o da

cultura luso-brasileira, a polícia do Sr. Agamenon Magalhães meteu-o em cubículo de uma cadeia, como se fosse um salteador de estrada.

É em nome desta cultura luso-brasileira que o deputado Gilberto Freyre aparece na tribuna da Constituinte, com a autoridade de seus livros e de sua vida.

JOSÉ LINS DO REGO

2.11. “O cinema português” (22 jul. 1946)

Nelson Rodrigues havia me dito: “Você vai ver uma coisa diferente. É um cinema que tem qualquer coisa de nossa alma, dos nossos sentimentos”.

E assim deliberei, no fim do meu domingo de muita umidade, e de vitória do Flamengo e de derrota do Vasco, ver o *Inés de Castro*, episódio de amor, que já dera matéria-prima para o maior episódio dramático de nossa literatura, que é o canto de Camões. E para tanto preparei-me de todos os lugares-comuns, e esperei ansioso para saber como se sairia da tremenda luta contra o convencional o senhor Leitão, que dirigiu o filme.

E posso dizer sem exagero que vi a melhor composição de cinema que já me apareceu neste mundo.

Para escrever este máximo de elogio não o fiz sem medir os pequenos e os grandes da obra lusitana. E estou convencido que não exagero uma linha, que não ponho uma palavra a mais na minha impressão.

Todo aquele encontro do rei Afonso com os grandes do reino é muito mais que um quadro de Nuno Gonçalves. É o político da própria literatura, assim como a “última corrida de touros em Salvaterra”, das antologias. Ali está a alma de todo um povo, a bravura e o pudor de uma raça de homens de ferro que não podia suportar o amor de um infante pelo que não podia ser o amor de quem seria rei e pai do povo.

A loucura do rei que se deixou possuir por uma vingança que ultrapassou de todas as normas e leis, a dor do viúvo a sangrar como uma ferida sempre nova já tivera em Ferreira o quase sublime de coros que chegam ao tamanho dos gregos, mas no cinema português tudo isto surge com uma força extraordinária.

O rei Pedro, a infanta Dona Constança, a bela Inés, o alo, os grandes do reino, os paços, os touros, tudo é Portugal nos seus tempos de idade média, quando o povo e o rei se confundiam nas guerras, nas pestes, nos júbilos, nas desgraças e nas glórias.

Fala-se muito do cinema russo e é, de fato, uma grande coisa.

Mas devemos falar do cinema português, como de um acontecimento europeu. O que há de mais plástico, de mais poético, de mais real em arte cinematográfica está aí em *Inés de Castro*.

Saí da última cena do filme certo e convicto de que a técnica que dá aos americanos os maiores recursos nada será, se não houver no homem que manobre as máquinas e distribua os poderes das máquinas a força interior de um criador de poema. Sem os poetas, que são o sol da terra. Hollywood haveria de se transformar numa espécie de Meca da estupidez.

Se os portugueses continuarem a repetir esta maravilha de arte que é *Inés de Castro*, terão salvo o cinema da sua vulgaridade.

JOSÉ LINS DO REGO

2.12. “A palavra santa e a Princesa Isabel” (30 jul. 1946)

Conheci, ainda no engenho do meu avô, na Paraíba, alguns escravos africanos. Uma negra da Angola, que chamávamos de Tia Geraldina, e outra de Moçambique, a terrível e indomável Maria Gorda.

Esta Maria Gorda quase que não falava português. Viera para o Brasil menina, chegara ao engenho uma moleca taluda e não houve jeito de domá-la. Muitas vezes ouvi meu avô dizer “Esta negra Maria tem o diabo no corpo”.

O que meu avô chamava de diabo no corpo, em Maria Gorda, era a sua personalidade, a sua rebeldia, o seu ar de animal arisco e forte, que não respeitava senhores ou senhoras.

Enquanto a Tia Galdina era uma doçura de torrão de açúcar, Maria Gorda era aquele pé de cordeiro, áspera e cortante, a falar aos gritos, com palavras ofensivas para os grandes da casa.

Quando ela chegava à cozinha da casa grande, com o seu cacete, os beiços caídos, a gemer dores em diatribes de calão baixo, mistura da língua da nação com um português áspero, as outras negras, filhas dos escravos, se calavam, para que a Tia Maria dissesse o que lhe vinha à cabeça. Nós outros, os meninos, que vivíamos ao pé da tia Galdina, para que ela nos contasse as suas histórias, corríamos da velha de Moçambique, porque o seu cacete de jucá não respeitava cabeça de menino branco.

Mas para aquela Maria Gorda furiosa havia uma palavra mágica, havia um nome que a reduzia à natureza humana.

Ela, quando queria chamar por uma ajuda, não se dirigia a Deus, a São Benedito, a Nossa Senhora. A negra que nos fazia medo gritava lá do fundo da sua senzala: “Valei-me, minha

Santa Princesa”. Era tudo que de grande e poderoso havia para a negra de coração duro. E Tia Galdina nos dizia: “A Princesa é quem manda na irmã Maria”.

Ontem, ao ler tanta coisa sobre a Princesa Isabel, foi da negra Maria Gorda que me lembrei. O juízo da história se manifestava através daquela natureza selvagem com a melhor palavra que podia escolher.

A palavra santa, da africana [irredenta], fica muito à propósito da Princesa Isabel.

JOSÉ LINS DO REGO

2.13. “Que venham os lusos” (05 maio 1947)

O Brasil precisa de emigrante para consertar a sua carência demográfica. É o que dizem, há muito tempo, os entendidos. O deserto continua deserto, vastas extensões de terras abandonadas à procura de gente, enquanto às cidades afluem os braços que fizeram uma riqueza agrícola que definha, a olhos vistos.

E, no entanto, na própria cidade de maior população como o Rio de Janeiro, não há domésticos, não há mecânicos, não há jardineiros etc.

Há bem pouco tempo me dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade: “vou aprender a arte de bombeiro, pois tenho uma torneira vazando em minha casa e não há jeito de me aparecer um oficial para o conserto”.

As tinturarias não dão conta de seus serviços: uma roupa branca, para lavagem, leva quase um mês. Não temos verdureiros, não há mais aqueles galegos de peitos cabeludos, chiando nos ss. a nos trazer à porta as frutas, os peixes, o pão.

A cidade mais civilizada do Brasil perdeu a sua graça, muito porque lhe falta gente que saiba fazer as coisas.

Os campos estão abandonados e as cidades desagradáveis.

O trabalhador que fugiu para os centros urbanos não encontra o paraíso com que sonhara e daí a sua exasperação. Vão para os morros e se transformam em Zé da Ilha, pobre rapaz de Minas Gerais, na galeria dos grandes criminosos, como um símbolo de uma época de desajustamento.

Para muitos destes nossos males havia o recurso da boa emigração, conduzida com rigor, para certas zonas de população estranha à nossa formação étnica, mais liberal, de portas abertas para aqueles que são bem íntimos de nós todos.

Quando se falou num estatuto que atendesse às relações entre portugueses e brasileiros, tive a oportunidade de aplaudir, calorosamente, a ideia. Que portugueses e brasileiros acabassem com esta história de se considerarem estrangeiros, porque entre gente do mesmo

sangue, da mesma cultura, com as mesmas grandezas e misérias, não devia haver estes luxos de legislação. Sou até por uma federação luso-brasileira, qualquer coisa que viesse para dar fim a passaportes e alfândegas entre Portugal e Brasil. Só não sou do Vasco.

Mas já que não chegamos a esta solução ideal, a de um grande império de fala portuguesa, que ao menos puséssemos de lado as impertinências burocráticas para os lusos que quisessem aportar às terras brasileiras.

E que viessem portugueses de todas as espécies, para o campo, para as hortas, para o duro das pedreiras, para os jardins, para os armazéns, para as fábricas, para tudo. Mas que viessem, de todos os gêneros, porque nos fazem uma falta enorme.

JOSÉ LINS DO REGO

2.14. “O poeta António Botto” (29 ago. 1947)

A aventura do homem que dera o salto sobre o Atlântico, como um gato escondido no bojo do avião não deu quase lugar, nos jornais, para o comentário sobre o poeta que chegava de Portugal para viver no Brasil. Quase nada se disse do António Botto, que é hoje um grande hóspede de nossa cidade.

E lá está ele, em Santa Tereza, na solidão da casa velha, onde estivera a pintora Maria Elena qual uma aranha prodigiosa a tecer, na sombra, a sua arte de mistério. Afinal de contas quem é este poeta António Botto, perguntará o meu leitor, pouco dado às letras?

E eu lhe direi que é o maior poeta de Portugal nos dias de hoje, já que se foi, “para o acerto etéreo”, o imortal Fernando Pessoa. E como o meu leitor não saberá também nada de Fernando Pessoa, serei obrigado a dizer-lhe que Pessoa é uma espécie de um Camões da “vil tristeza”, gênio gerado pela dor de viver.

António Botto, porém, é um poeta gerado pela dor de amar. Não acredito que o amor pudesse conduzir um coração a maiores alegrias ou a maiores tristezas. A terrível tristeza do ciúme, a mágoa sem remédio, a ausência crucial, o gélido esquecimento em quem tanto carece de calor, de vida e do terno afago rompem nas canções do poeta Botto como as músicas da alma que não se consome em vão. O amor em Botto dá-lhe a euforia de dono de reino de príncipe de conto oriental, para depois conduzi-lo a um chorar dolorido de sonho pisado, de carne devorada por paixão invencível.

Em tudo se eleva o poeta à arte, a mais pura, a mais rica de experiência, a mais concentrada.

E a tradição lusa do verso que é pedaço d'alma, do [verso] que sai da boca como se fosse o falar, de todos os instantes, do verso de D. Diniz e do verso do povo é tomado pelo Botto em suas canções de amor.

Basta ouvi-lo, nas suas dolências ou nos seus surtos de alegria e nas quedas na realidade, para sentir-se que a poesia é força capaz de vencer até o fastio da carne pobre e aflita.

Mas para o leitor que não conhece o grande Botto estes versos do poeta:

Cerrai-vos olhos doentes,

Olhos verdes, – olhos meus!

Dói-me o corpo;

Tenho frio...

– Por que entristeço, meu Deus?

E as minhas mãos esqueléticas e longas

Apertam contra o meu peito

Molhos de flores cansadas...

Ai, o amor é só isto!

Adormeço.

As meninas dos meus olhos

São duas cegas, – coitadas!

JOSÉ LINS DO REGO

2.15. “O poeta Campos de Figueiredo” (08 jan. 1951)

Crônica não localizada pela pesquisa

2.16. “Amigos portugueses” (01 abr. 1952)

Aí estão os nossos amigos de Portugal em missão de cultura, um grupo de homens de letras que vai do mestre Aquilino Ribeiro, o telúrico romancista da terra lusitana, ao grande Vitorino Nemésio, homem dos sete instrumentos, o que é romancista, historiador, poeta, crítico e, sobretudo, homem de natureza rica, o que mistura a sabedoria dos livros ao gosto da vida.

Quando estive em Portugal, vi de perto o quanto vale para os portugueses o Brasil. Os pais da obra não se põem a botar defeito no que fizeram. Pelo contrário, enchem-se de orgulho e até exageram um pouco as coisas. Veem-nos como se fôssemos maiores do que somos. O interesse que há pela literatura brasileira entre portugueses é de todas as classes. Dos leitores de romances que leem Érico Veríssimo, aos milheiros, aos sábios que procuram Gilberto Freyre para criticar-lhe a obra e valorizá-la na sua real importância. Vi em Lisboa, em Coimbra, no

Porto a curiosidade de moças e rapazes pelos nossos poetas. E na própria gente do povo lá está o “Marroeiro”, de Catulo da Paixão Cearense, com a mesma constância da *Ceia dos cardeais*, do Dantas, em nossas classes médias.

Chegaram anteontem os mestres portugueses. Trigueiros, crítico admirável, Ameal Ribeiro, professor de História e Geografia Humana, gente ainda moça, com capacidade para ver e sentir, de emocionar-se, de sugerir, de fazer das missões culturais mais alguma coisa que um rasgar de sedas, trocas de cortesias, discursos de superfície. Queremos missões culturais que possam trazer, assim como esta, um homem da força de um Vitorino Nemésio, analista de penetração, capaz de nos olhar no fundo d’alma. Nada de homens vaselinas; precisamos muito mais de homens verrumas, de homens mais ásperos que agradáveis. As missões culturais de batalhas de flores não produzem nada. Chegam, comem banquetes, fazem discursos, recebem festas e voltam como chegaram, na doce Ignorância do que somos, do que valem, do que não prestamos. Devemos tratar estes nossos amigos de Portugal como devem ser tratados, com a liberdade que eles merecem. Sejam francos conosco, abram a boca e falem as verdades que estão no íntimo. O Brasil precisa de crítica séria e dura, porque todos nós estamos viciados aos elogios exagerados. Basta um estrangeiro falar em cobras para nos ofender. Tudo o que é nosso é o maior do mundo. Desde que um observador lúcido nos surpreenda no nosso narcisismo doentio e nos fale corretamente, com a honestidade de espírito que é a base da toda a crítica, então o brasileiro sente-se como um pavão ao qual arrancaram as penas mais bonitas. Os nacionalistas verde-amarelos ficam coléricos e falam logo em Inimigos do Brasil.

Em tempos outros aqui vieram mestres estrangeiros como Saint-Hilaire e tiveram a coragem de falar de nossa terra e de nossa gente com a dignidade de sábios. Por isto os seus livros ainda hoje são os depoimentos que tanto nos valem.

Amigos portugueses, olhem bem tudo. O tempo é pouco, mas vocês têm olhos que furam paredes. Olhem bem tudo e depois falem com a maior franqueza.

JOSÉ LINS DO REGO

2.17. “Pedro I” (13 dez. 1952)

Otávio Tarquínio de Sousa repetiu a façanha de Oliveira Lima, isto é, escreveu um livro capaz de modificar uma figura que a história convencional modelara em falso. O D. João VI do mestre pernambucano e o Pedro I da biografia de agora saem das páginas dos dois livros, como realmente foram e não como a nossa imaginação os tinha composto. Para tanto agiram os dois historiadores com os fatos conforme estes se apresentaram, na crua realidade de fatos. A investigação profunda e, mais do que isto, a capacidade de arrancar das sondagens feitas o que

elas carregavam de substância, deram aos biógrafos matéria viva para trabalhar. Não partiram da história, ensinada como mestra da vida, para sustentarem as suas construções. Tiveram que fazer eles próprios uma verdadeira obra de campo, de mestres de ofício, de carregar aos ombros as pedras, as madeiras, os ferros para o edifício que projetaram e construíram. Tudo feito com as próprias mãos e por conseguinte tudo ligado ao mestre da obra como se fosse um poema, um quadro, uma música. O Pedro I que nós conhecíamos ia do príncipe maluco ao rei cavaleiro, do impulsivo generoso ao devasso sem freios. Fazíamos de um rapaz doidivanas o imperador da nossa Independência. Tínhamos, assim, na imaginação uma figura de estampa, quando não um prodígio do sexo desembestado. Livros apareceram com autoridade, com informações exatas, mas livros que pendiam para um lado, como os do mestre Rangel, historiador que se deformava pelo documento raro, e às vezes fazia a história rodar em torno de um fiapo da verdade, em vez de se fixar na verdade integral.

O historiador Otávio Tarquínio de Sousa é bastante humano para compreender que o homem não é um pedaço de sua vida, mas toda a sua vida. Isolar um quadro do Pedro I de um momento para generalizar é trair a História no interesse de um pitoresco, de um exotismo ou de um grande gesto. O Pedro I que nós encontramos nos três volumes de Tarquínio é um homem integral, todo o homem que desde a adolescência à mocidade viveu com a intensidade de um tipo de sua época. A vocação para o drama estava ligada à vida do homem estranho que nos deu a Independência. A avó louca, a mãe terrível, o pai quase que abjeto, as intemperanças da natureza tropical criaram uma natureza agitada pelas contradições violentas. E ainda há, dentro de seu corpo, o pavor dos ataques convulsos, a doença sagrada de César. O drama foi quase que o cotidiano de Pedro. Os amores de besta luxuriosa teriam que se engrandecer nas dedicações do pai que considerava todos os filhos como pedaços do seu corpo. O estudo psicanalítico a se fazer da natureza de Pedro seria o do seu complexo de Édipo que se [sublima] numa espécie de complexos de Lear, do filho que a mãe espantava ao pai que daria até a vida pelos filhos.

Li, página a página, os três volumes do mestre Otávio Tarquínio de Sousa, e, para que não dizer, quando voltei à última, deu-me saudade pelo que se fora, pela vida que sentira correndo de capítulo a capítulo, uma maravilhosa sequência de cinema, de realidade que a arte de escrever e de imaginar transformaria em grande espetáculo.

Ficara de tudo a figura de um homem que desde logo só incorporaria aos grandes homens de minha admiração.

JOSÉ LINS DO REGO

2.18. “Entre o mar e o Rio” (18 ago. 1953)

O homem moreno, de olhos verdes, de cabeça rapada à general alemão, de corpo agitado e sólido, não é nem mais nem menos que um dos poetas mais líricos e ternos e nossa literatura. A princípio a tísica fê-lo subir às montanhas mineiras, e lá viu o leproso de Pouso Alto, e nas neblinas e nos silêncios da cidadinha escondida se deixou vencer pelas suas mágoas de rapaz doente do peito. Curou-se de corpo, mas de alma teria que permanecer o mesmo, aquele que sabe arrancar das humildades das coisas o que há de grande nas coisas simples. O poeta Ribeiro Couto correu mundo, andou bem longe da montanha perdida, mas haveria de conduzir na sensibilidade a mesma capacidade para sentir, para ser uma natureza humana daquela mesma família dos Antos, o homem com ouvidos e olhos para compor os seus cantos sem rugidos de desespero agressivo, sem o ranger de dentes dos que não suportam a vida. Ao contrário, Couto ama a vida como a amou o pobre António Nobre, amando-a de tal maneira que dela não perde os mínimos. Tudo é poesia para o poeta do maravilhoso “Jardim das Confidências”. As tristezas que minam sangue e as alegrias que enchem o coração de ternura. Não há na poesia de Couto o grito do fim de tudo de um Antero de Quental. O fim que conduz aquele tremendo nada da morte como solução extrema. Nada de morrer, em Ribeiro Couto. A morte ele a venceu cantando, nos seus tempos de dom donzel, na sua montanha mágica, tapando carverna e sonhando e pensando em amor. Por isto a sua poesia nos faz bem e nos liga à terra, aos grandes e pequenos estados de euforia ou de tristeza. Agora mesmo, nesta noite de insônia vou lendo, verso a verso, todas as passadas de Couto pelas terras e alma de Portugal. *Entre o mar e o Rio* o poeta andou a descobrir o que me pareceu também a mais acolhedora mansão à espera do filho pródigo que é Portugal. A lusitana melodia, voz de “inocência e infância”, é que enche a alma nos cantos do poeta que é ainda, depois dos cinquenta, um rapaz atrás de vida, sem nojo da vida. Até os afogados, para ele, têm olhos para se encantar nas alegres cores, dos alegres muros. E que voltem seguros a dormir no fundo do eterno rio. Toda a luz de Lisboa, todo o sol de Portugal, todos os gemidos de ventos, todos os bramidos de mar, todos os cantos de nautas, todos os alvares de lua entram nos poemas de Couto. Às vezes a gente sente que o Garrett das viagens em torno da terrinha e o Anto dos gemidos de amor dão vida à lírica maravilhosa de Couto. Mas não é nem Garrett, nem o António Nobre. É o poeta de olhos verdes e de alma ardente que sabe descobrir e compor com artes e mágicas. A ingênua lira de menino e moço celebrando sua vã melancolia sempre nos longes da lembrança, há de permanecer no homem maduro como a sua força indomável. Poeta do amor que não mata, poeta do amor capaz de louvar a vida que “não passa, sempre a se renovar num grão de areia”.

JOSÉ LINS DO REGO

2.19. “Brasil-Portugal” (19 nov. 1953)

Estabeleceram o Brasil e Portugal novos rumos em suas relações internacionais, em termos de um entendimento entre pessoas da mesma família. Chegaram assim os responsáveis pela nossa política exterior a uma conduta de vida que já devia ser uma norma há tempos estabelecida. A aproximação mais íntima entre a velha pátria e a nova, numa melhor e mais humana camaradagem, sem os empecilhos das leis e regulamentos, devia prevalecer sobre o que é apenas o secundário. O Brasil, pondo-se em confederação de interesses espirituais e materiais com a base europeia da sua cultura ocidental, que é a lusitana, não faz mais do que engrandecer-se, do que fortificar-se no contato de uma gente que é a sua própria gente: os nossos avós, os nossos mestres de língua, os geradores da civilização que desfrutamos. Ao mesmo tempo Portugal, unido à América, pelo que existe de original e vigoroso na terra nova, há de aparecer no mundo como um verdadeiro poder, com milhões de brasileiros ligados aos milhões de outros portugueses da África, a falar a mesma língua, numa demonstração numerosa de quase cem milhões de homens com as glórias de idênticas origens.

Fizeram muito bem os políticos em chegar a entendimento dessa natureza. O Itamaraty, que nos dera a aliança com o Pacífico, através do Peru, vem com a sua nova manobra a se ligar ao outro lado do Atlântico, com um tratado que consulta os interesses vitais do Brasil.

Portugal e Brasil, logo que pelas contingências históricas se viram separados, deviam ter tido a visão do futuro, numa política de mais compreensão, sem que a Independência de 1822 fosse uma ruptura absoluta. Podíamos, com melhor espírito internacional, ter concertado um entendimento de razão, já que os sentimentos e as paixões tinham-se desencadeado numa separação de inimigos ferrenhos. Acredito que fosse insuportável aos homens da época conceber um fato semelhante, mas permanecer, mais de século, na separação radical acredito que fosse um erro. Vem assim o novo tratado em execução colocar as coisas em seus lugares. Ligados ao velho tronco de nossa nacionalidade, pelos laços de amizade imperecível, não era o bastante. Precisávamos dar à realidade de sentimento uma realidade de direito. E foi o que se realizou em dias desta semana. Portugal e Brasil chegaram-se um ao outro pelos textos de um tratado que exprime a opinião geral do país. Os portugueses e os brasileiros poderão entender-se, sem os rigores da rotina de papéis e de tarifas, como se fossem membros da mesma família. E assim, dispostos a uma união não só de sentimentos e de cultura, mas de interesses, poderemos aparecer como uma força formidável, desde que os homens que nos governam saibam extrair dos acontecimentos a valia real das nossas possibilidades. Uma aliança, em bases construtivas, com Portugal e Império, dará à cultura luso-brasileira o poder de decidir entre os grandes.

JOSÉ LINS DO REGO

2.20. “Bilhete de Lisboa” (09 mar. 1954)

De passagem por Lisboa, José Lins do Rego envia-nos a sua primeira crônica de impressões da Europa.

Encontrei Lisboa preparada para o seu domingo gordo. Mas no outro dia, logo pela manhã, verifiquei, aos primeiros contatos, que o velho deus Momo haveria perdido o espírito em Portugal. Os lusos que haviam mandado ao Brasil o Zé Pereira do zabumba, o entrudo violento das “laranjinhas”, das latas d’água, da farinha do reino, murcharam do entusiasmo para os folguedos carnavalescos. As ruas e os cafés se enchiam de gente grave, de homens sérios e de senhoras de preto para verem meia dúzia de mascarados a passarem pelos passeios numa marcha moderada de colegiais em formatura. Tudo brando e doce como o clima de 14 graus. Lisboa não queria mais saber das momices do deus baquiano. E lhe corrigia os destemperos com a sua gravidade de povo medido, fora de todos os conluíus com as loucuras coletivas. E como não havia Carnanal pus-me a ver o que me faltava ver em Lisboa. Vi assim, de bem perto, o grande Nuno Gonçalves, no museu de arte antiga, com todos os seus [mantas] e portugueses dos tempos dos afonsinhos. As caras compridas, os grandes olhos, as barbas longas, sobretudo o ar de criaturas carregadas de ambições e desejos lá estavam nos painéis que são, de fato, grandezas da pintura de todo o mundo. O fabuloso Nuno e seus discípulos criaram uma forma de sentir o universo. O que havia no Infante de mágico e de novo é o que se sente nos homens de Nuno. Mesmo naquele frade caído por terra não deixa de existir, nos seus olhos arregalados, a ansiedade, não pelo reino de Deus, mas pelas terras novas sonhadas. Os homens de Nuno eram assim lusitanos mais famintos do nosso mundo que de miragens celestiais. São por este modo os pintores menos místicos dos primitivos. Mas Lisboa, com um sol tímido, se mostrava no seu casario, sem arrogâncias. Nem os sobrados de azulejos brilhavam mais que as casas de cal. Depois quis a Rádio Nacional que falasse do Brasil. Pouco tinha que dizer porque todo estava para ouvir. Ouvir sinos, ouvir fados, ouvir os pardais que cobrem as árvores desnudas como se quisessem esquentá-las com as suas penas. O que não ouvia eram vozes de músicas carnavalescas. Aqui, o bravo deus Momo tinha encomendado a sua alma suja ao Bom Deus. Ou ao Diabo. Lisboa na tranquila paz do Senhor.

JOSÉ LINS DO REGO

2.21. “A música brasileira e Carmen Miranda” (09 dez. 1954)

Devemos às qualidades de intérprete de Carmen Miranda grande parte do sucesso da nossa música no estrangeiro. A cantora de graça extraordinária, assim como fez Amália Rodrigues com o fado, conseguiu levar as doces melodias brasileiras às alturas da música universal. O samba de Carmen Miranda tem muita coisa que é só de sua capacidade de expressão. Quando a menina de formação carioca se iniciou na vida de artista, levou para os palcos e às câmaras de gravação qualquer coisa de novo. Havia Carmen Miranda nas marchas e sambas que ela punha em discos, valorizando, com a sua maneira de cantar e de gesticular, os menores detalhes das peças que criava. Pode-se dizer, sem exagero, que há um Ari Barroso, um Noel Rosa, um Sinhô à moda de Carmen Miranda. E esta maneira Carmen Miranda é marca de fábrica.

Nenhuma vedete chegou-lhe aos pés na brejeirice, nos gestos, na forma de dizer. E é aí onde está a sua grande originalidade. Se o texto musical não corresponde ao seu valor real, Carmen supera a fraqueza do texto e faz o sucesso, leva aos ouvintes o que é somente de sua propriedade exclusiva. Isto é o que é a verdadeira arte, é este poder de comunicação que se transmite para tomar conta dos outros. A sua ausência do Brasil deve ter-lhe custado muito. As fontes de sua originalidade não estão nas praias do Pacífico, mas aqui neste Rio de Janeiro, de calor, de luz, de cor, de morros, de malandragem camarada.

Se me fosse possível comparar gêneros diversos, eu diria que Carmen Miranda é assim como é o Rubem Braga na crônica. O pequeno, a fragilidade, o insignificante não existem para essas duas naturezas de poeta. Pega Carmen de uma marcha como “Mamãe eu quero” qualquer coisa de minúsculo em substância musical, e transforma num canto de bacanal carnavalesco. Pega Rubem um pobre pé de milho de quintal e transforma o arbusto tenro em madeira eterna de literatura. Volta Carmen Miranda em pleno verão carioca para uma estada de recuperação. Acredito que os ardores da terra, com o verde dos mares e as estrelas do céu terão poderes de cura sobre aquela que foi a voz que tanto soube revelar os encantos do Rio de Janeiro.

JOSÉ LINS DO REGO

2.22. “João Gaspar Simões, no Brasil” (21 fev. 1956)

Vem ao Brasil para um curso sobre literatura portuguesa o escritor João Gaspar Simões. Chamou-o a nossa Escola de Filosofia e aqui ficará o crítico de Eça de Queiroz em contato com o melhor centro de letras clássicas do Brasil, ao lado de mestres da elevação de Alceu Amoroso

Lima e Thiers Martins Moreira, catedráticos de literatura que são lustres do nosso corpo docente, não só pela sabedoria como pela paixão que os absorve nas disciplinas que ensinam.

João Gaspar Simões é autêntico escritor de uma geração que chegou logo após Fernando Pessoa, o que foi na poética da língua qualquer coisa de semelhante a Camões, gênio do curso com mais profundidade que o próprio Antero de Quental. Aliás, esta geração de João Gaspar sofreria muito de um tempo de lutas e intranquilidades que abalaram a terra portuguesa mais do que o terremoto de Lisboa. Às vezes sentem-se num ou noutro as terríveis marcas que deformam. A literatura de crítica teria que sofrer muito com estas restrições, mas os homens que são mais fortes do que as circunstâncias poderiam refugiar-se nos homens de outras épocas e com eles dar uma imagem do mundo que não fosse somente a imposta pelos acontecimentos. Assim vemos trabalhando um José Régio nas fabulações de temas que são a carne e o sangue do homem, embora dê asas de anjos a quem é tão-somente da terra.

Gaspar Simões ligou-se à crítica como fundamento de sua vida. E foi procurar Fernando Pessoa para com ele fixar um roteiro de conduta. A verdadeira criação é o poeta perdido do oceano das palavras. Procurar a salvação no meio das águas agitadas, pela energia do poder libertador, foi o que fez Pessoa, não se deixando devorar pelos peixes vorazes como Góngoras. A experiência Pessoa é a lição mais dolorosa da poesia portuguesa. O poeta total tinha à sua disposição um tesouro de palavras. Palavras que davam para uma galeria de heterônimos se banquetear. E o gênio deu a Fernando Pessoa a coragem de eliminar de sua personalidade tudo que fosse excrescência. O fenômeno Pessoa encontrou em João Gaspar Simões o analista agudo, capaz de situá-lo no seu verdadeiro lugar.

O mesmo aconteceu com Eça de Queiroz, na biografia que traçou do mestre, sem medo de tocar em chagas e com a alegria de exaltar a grandeza do maior homem de romance de nossa língua. Muitos não gostaram da obra de João Gaspar, inclusive membros da família de Eça, que se deram ao desabafo de réplica fora da melhor ótica. O crítico não tinha compromissos com parentes e aderentes. Tão-somente com a sua verdade. E, de fato, fez um livro que só poderá dar a Eça o que era de sua propriedade. Não queria João Gaspar traçar um perfil de santo, mas medir a natureza do homem que foi uma grandeza do século XIX.

Para aqui virá João Gaspar Simões entrar em relações íntimas com a mocidade de curso acadêmico. Terão os rapazes da Escola de Filosofia a ventura de conhecer um homem que é todo feito da melhor literatura. Não será um professor convencional. Será antes um crítico que

agirá, no seu curso, com as suas intuições reveladoras e a sabedoria de quem faz das letras a sua autêntica realidade.

JOSÉ LINS DO REGO

2.23. “Roteiro literário do Brasil e Portugal” (31 mar. 1956)

A boa antologia de Carlos de Laet como livro de classe foi elemento magnífico para o ensino de português. Laet dera a sua seleção uma nova forma de apresentar os textos, visando ao interesse para o aluno de trechos que lhe tocassem a sensibilidade. Quem se esquecerá daquela “última corrida de touros em Salvaterra”, ou do suplício da Marquesa de Távora? São páginas que nos prendiam ao episódio iguais a uma leitura de puro prazer. Mas a antologia de Laet começava a envelhecer. E mesmo os próprios textos apresentados ressentiam-se de alguns vícios de revisão perturbadores. Agora dois mestres do Pedro II, Álvaro Lins e Aurélio Buarque de Hollanda, se aliaram para nos dar uma obra definitiva, pelo critério seletivo, valia dos textos e interesse passional pelo conteúdo.

Ambos os mestres chegaram a uma excelente crítica da boa literatura portuguesa e brasileira, através de segura apresentação antológica e severa interpretação dos escritores escolhidos. É neste sentido que este roteiro literário me parece a melhor coisa já feita no Brasil. O [critério] apaixonante de Aurélio Buarque de Hollanda pela veracidade dos textos e o gosto crítico de Álvaro Lins se uniram na perfeição do trabalho difícil. As literaturas brasileira e portuguesa se encontraram como água do mesmo rio. Os dois mestres que as tomaram para valorizá-las se fixaram em normas de moderna concepção estética. Para tanto os ajudou o gosto apurado e o profundo conhecimento dos autores. Buarque e Álvaro são dois criadores e, por conseguinte, sem espécie alguma de ranço pedagógico. A grandeza desta nova antologia está em que é ela uma obra de arte autêntica. Podemos tê-la em nossa estante como livro primoroso.

Para professores aparece com as características de lição de dois mestres que sabem o que fazem. E mestres que não se jogam sobre os textos com a voracidade de traças, mas eles próprios a estremecer de prazer com as páginas que selecionaram pela sabedoria e pelo coração. Acredito que o editor José Olympio tenha prestado aos povos da língua portuguesa um serviço dos maiores. Para as universidades estrangeiras, sobretudo, para as que têm cadeiras de ensino de nossa literatura, o novo livro pode ser considerado como obra de base. Os que estudam os nossos autores, ali os encontrarão no que fizeram de melhor. E ainda mais, em sínteses luminosas sobre as suas vidas e suas obras.

JOSÉ LINS DO REGO

2.24. “O mestre Casais Monteiro” (31 maio 1956)

Disse-me Ciro dos Anjos que a nossa Escola de Filosofia cogitava de trazer para uma de suas cátedras o mestre português Adolfo Casais Monteiro, grande poeta de sua geração e crítico admiravelmente orientado em temas de literatura comparada. Acredito no acerto desta indicação, pois conheço o homem escolhido e sei o quanto vale a sua firme posição de pessoa que não se deixou contaminar por preconceitos políticos, em tempos de tantas obsessões doutrinárias. A vida de Casais Monteiro vem sendo a de um homem de letras autêntico, sem compromissos e sempre à disposição de suas ideias de construtor de obra séria. O seu ofício não se deixou absorver pelas miragens de mundos artificiais. A sua posição intransigente contra a força temporal não humilhou a conduta do poeta que sabe que maior do que o homem do dia é o homem da eternidade.

O artista Casais Monteiro se pôs constantemente a serviço do seu mundo interior, dando mais importância aos seus combates com o desconhecido do que a sua luta com o muito conhecido que manobra as coisas mínimas. Daí a grandeza de sua vida de homem solitário, as suas angústias de navegador em alto mar. Podemos algumas vezes discordar de seus pontos de vista, sem nunca deixar de respeitá-lo pela sua gravidade de ver e avaliar. Quando o poeta se cala é para dar oportunidade ao ensaísta senhor de seus assuntos como poucos. Muito sabe Casais Monteiro. E é por isto que andarás muito bem a nossa escola de filosofia, em chamá-lo para que possa ele se comunicar, assiduamente, com jovens brasileiros.

A literatura tomada como disciplina, para a formação de futuros mestres, precisa de regentes da qualidade de Casais Monteiro, de gente que saiba descobrir nos textos mais alguma coisa que a erudição seca, as palavras como se fossem uma matéria para a dissecação auditiva. O poeta sobe dos caminhos secretos da criação e o poder da intuição liga as diversidades para chegar às sínteses luminosas. De cima de uma cátedra, Casais Monteiro poderá levar à sua classe lições de Ariel.

JOSÉ LINS DO REGO

2.25. “Funchal, cidade macia” (18 jul. 1956)

BORDO DO VERA CRUZ, julho – Aquilo não era um barco. Mas pedaço de terra agarrada ao cais. Os alto-falantes gritavam para que abandonassem o navio. E era um falar para

surdos. Os portugueses do Rio ali estavam no seu Portugal, queriam beber o último copo de vinho verde. Ali, no Vera Cruz, estava a terrinha bem-amada e todos fincavam o pé em coisa que era a continuidade das aldeias distantes. Cada pedaço de madeira fazia lembrar a pátria que não lhes saía da cabeça e do coração. Até que chegou o momento das últimas despedidas com lágrimas nos olhos. A palavra saudade passava a sangrar nas almas que ficavam e que partiam. Dias e dias em mar de rosas, até que começamos a ver os rochedos de S. Vicente. Pedras nuas e, mais tarde, a ternura dos amigos de Cabo Verde. Já que a terra era sáfara, fecundos, de seivas abundantes, eram os corações dos amigos da cidade que os ventos despojaram de tudo. Pedras assim como as do nosso Pão de Açúcar cercando a povoação como monstros antediluvianos. Porém, mais longe do que aquela agressividade da natureza, valiam os homens que não se deixaram vencer pela inclemência.

Todos falam um português que canta como o dos nordestinos e as violas gemem como as do Pajeú. Depois Deus quis que existisse no meio do mar uma imagem do seu paraíso terrestre, e plantou a Madeira, como dádiva de suas bondades. Funchal não é uma cidade, mas um jardim que se encheu de gente. Sobem os automóveis as ladeiras floridas. Vilinos de gente rica não esmagam as casas humildes do povo. As flores ligam os pobres e os ricos. Por debaixo de árvores fruteiras mulheres bordam. Há um século que a Madeira trabalha os riscos de suas obras-primas, para o lustre das mesas e camas dos príncipes e rainhas. Dedos de fada manobram agulhas como se fizessem poemas no linho. Lá para cima os homens robustos da terra carregam em redes os turistas que se exibem na subida do monte, onde Nossa Senhora sorri para o mundo inteiro.

*

Na Madeira os santos sorriem. Deus não derrama o seu sangue como em Toledo; Deus é pai, em dia de festa em casa, onde sobra o vinho nos copos e arroz doce nos pratos. O Deus da Madeira só falta usar aquele chapéu de palha dos carreiros que nos carregam em carruagens sem rodas. As flores tocaram de tal maneira o coração de Deus que ele nada tem do rubro coração de Jesus padecido de dores. Tudo é macio em Funchal. No terraço dos cafés, rapazes fumam cachimbo e tomam chá como faziam os ingleses que ali chegavam para os desfrutes da libra-ouro. Hoje em dia há menos ingleses, mas ficaram os seus hábitos de descansados, de ociosos dos bons tempos da bela época. Os homens da Madeira não têm pressa. Nunca vi gente sem angústia de tempo como aquela. O comércio é calmo, sem aquela algaravia dos sírios de Las Palmas.

Compra-se em Funchal como em Oxford Street. Os próprios vendilhões que vão a bordo não nos agarram nem nos agriem com ofertas. Tudo macio. Cidade macia podia-se chamar Funchal. Agora a noite se aproxima. Já o céu se cobre dos últimos lampejos do sol. Sobre o mar parado, manchas de óleo e meninos a mergulhar atrás de moedas. Mais para longe uma ilha, despida como São Vicente, parece toda de zinco. O sol se expande sobre o rochedo em colorido maravilhoso. Tudo se prepara para o noturno em alto estilo em Funchal. E quando chega a noite a Madeira é um tremeluzir de estrelas. Todas as estrelas do céu descem à Terra e vão cobrir de luz aquela alegria de Deus.

JOSÉ LINS DO REGO

2.26. “Um português” (20 jul. 1956)

LISBOA – Já deve ter chegado ao Rio, em visita a amigos, o mestre Nuno Simões. Português daqueles que o infante escolhia para o comando de seus navios, há em Nuno Simões uma vocação indomável para ligar os homens das mais opostas naturezas. Para ele, a amizade não é uma seleção egoísta, um pequeno círculo onde o indivíduo se move às escondidas dos outros. Nuno faz amigos pelo gosto de se dar, de servir, de agradar. Homens como ele são raros nos dias de hoje. Mestre de finanças, economista com as boas letras dos humanistas, passou pela política e não se deformou, não criou a crosta que se gruda a certos homens públicos como carapaça de cágado. Permaneceu nele o homem sensível, o escritor simples, o profissional sem deformações do ofício. A sua grande paixão é o Brasil, tendo tantos amigos de um lado e do outro do mar. Quando sabe que há brasileiro de suas relações em Lisboa, não o deixa na solidão. Procura-o, tudo faz para que o conviva veja do melhor, sinta de verdade o autêntico da terra. Portugal e Nuno se identificam, o grande coração do homem bom é como se fosse o coração da pátria que também é nossa. Não há política para ele. Os amigos podem ter os credos mais distantes. Para Nuno são somente amigos.

Eis aí um homem raro. Um homem que se fixa na amizade para agir, que não se perde nas divergências para alianças momentâneas. O essencial para ele é que haja o amigo. E desde que haja o amigo, Nuno passa a tomar as suas providências. E estas providências têm mesmo a significação da palavra. Nuno se desdobra, anda de um lado para outro, liga gente que parecia de terríveis intransigências. E aos poucos a sua amizade vai operando o milagre das seduções. E a sua casa se enche de pessoas que fora dela pareciam irredentas. O amigo Nuno funde os ódios numa liga que é de sua invenção. Há o metal Nuno Simões que transforma o ferro em

cera plástica. Nós os brasileiros valem para ele muito mais do que somos na realidade. Para o Brasil, Nuno tem um sistema de pesos e medidas que só ele manobra.

Agora estará nos braços de seus amigos brasileiros. As suas irradiações atingem naturezas humanas que vão da agressividade nordestina de Assis Chateaubriand à macia delicadeza do admirável Pedro Calmon. Todas estas disparidades cabem no grande coração lusíada de Nuno. Quando um português é bom assim é o melhor dos homens. Lastimo não estar no Rio para tê-lo em minha casa. O brasileiro também sensível como eu tudo daria para fazê-lo meu conviva e festejá-lo com minhas posses. Mas outros lá estão à altura das grandezas do amigo. Nós todos sabemos o quanto vale o mestre Nuno. E estou certo de que ele não vai chegar para os agradados.

JOSÉ LINS DO REGO

2.27. “Lisboa” (03 out. 1956)

LISBOA – O outono chegou a Lisboa ainda com as folhas das árvores da Avenida da Liberdade bem verdes, como as deixei em junho. Mas as chuvas copiosas são de outono. Lá pelo Norte, as vindimas sentem a pressão do tempo e já se fala em prejuízo nas colheitas. Não será um ano bom de vinho. Uvas e melões aparecem nas mesas, doces e macios, desfazendo as gorduras de mariscos e carnes de frituras. E os jornais se enchem de júbilo com as primeiras toneladas de petróleo da Angola. Beatriz Costa reaparece no teatro de revista e o Villaret comanda uma trupe de comediantes em espetáculo de variedades. Lisboa prepara-se para os seus dias de inverno sem que Goa lhe traga maiores complicações. A Índia se enfeita com as penas da pomba da paz, nas disputas de Suez, a ponto de se esquecer das suas misérias e das suas tiradas demagógicas. Portugal, no seu canto de ocidental praia, pode concentrar-se nas suas glórias de antigamente e firmar-se muito bem nos dias de hoje. O escudo não vacila, os sobreiros dão cortiça, os veleiros trazem sardinhas e salmões, as quintas espremem as suas uvas e tudo marcha conforme a Europa permite.

Lisboa, porém, continua a mesma cidade de júbilo. Rua do Ouro, Rua da Prata, Rua Augusta e o Terreiro do Paço no equilíbrio de praça sóbria, sem as pedrarias de São Marcos, mas bela e clara como a queria o gênio de Pombal. Toda Lisboa é um equilíbrio entre a luz e a pedra. Aqui o barroco não se soltou como em Roma. Havia, depois do terremoto, um homem de gênio prático que queria restabelecer as energias consumidas do povo de descobridores. Pombal queria uma Lisboa que fosse a cidade ancoradouro do Império, e não a cidade

aventureira dos descobridores. Por isto lhe deu a proporção humana, sem a loucura dos grandes de Espanha. O Escorial era o sonho de um domínio do mundo. Pombal, depois do cataclismo, meditou em termos de homem de juízo. E assim fez uma Lisboa sem as arrogâncias de mulher-vampiro, mas de dona de casa pacatona. Nada diz melhor do espírito sensato do português que a sua cidade capital. Nada para espanto, para quebrar os limites das coisas; tudo feito para servir, para garantir ao homem a sua melhor tranquilidade.

*

Lisboa não é uma perdição como Paris. Aqui não se fabricam estimulantes para assanhar a besta humana. A cidade se comporta bem, não se paganizou em saturnais. Os próprios cabarés são adegas onde se canta o fado com mulheres e homens que nos fazem dolentes. Há uma tristeza boa nas cantigas lusas. O fado não é música para bailarinos. É música para arrasar o coração. Às vezes, uma cantiga de adega nos provoca fúrias dionisíacas. Uma Amália Rodrigues tem acentos gregos de bacante na voz que vai ao profundo de nossas ansiedades. Quase sempre, porém, o fado se consome em mágoa que sangra. Assim é Lisboa noturna, a que se acerca do vinho para ouvir as suas musas de xale e voz de contralto. Em Atenas, tudo se resolve em dança como de terreiro de xangô. O grego faz da música apenas o pretexto para agitar-se em baile que parece um rito religioso. Em Lisboa canta-se para espalhar os males. É verdade que os males não têm medo das cantorias. O amor contrariado continua nos corações que são ninhos quentes. Lisboa dorme. A cidade não se amedronta com os seus complexos. As grandezas da antiguidade são do passado. O que vale para ela é o dia de hoje.

JOSÉ LINS DO REGO

2.28. “O Vera-Cruz, uma casa portuguesa” (24 out. 1956)

Os velhos nautas das caravelas, nos tempos do radar, se adaptaram à técnica moderna com a mais rigorosa exatidão. Os segredos das águas, o mistério das estrelas, os perigos das vagas não fazem moça ao corpo que é do mar e à alma que é de Deus. Navegar como Ulisses ou como os barões assinalados continua na formação espiritual dos que são da ocidental praia. Os mestres de náutica não estranham as torres de comando com os seus instrumentos e as suas cartas. Um comandante Ramalheira traz no sangue as vontades dos Gama. Mas o que era a terrível luta dos barcos ao jugo dos elementos se transformou na casa-grande do navio majestoso, mais forte do que os ventos, senhor absoluto das rotas, dominado pelo gênio humano, com as suas máquinas regidas pelos dados do conhecimento. O Vera-Cruz, porém, não é um monstro de estaleiros.

O barco soberbo pegou dos lusitanos a humanidade dos seus senhores. E o que podia ser uma estrutura de aço e madeira, somente uma nave com todos os recursos da ciência naval, é um palácio flutuante como uma morada senhorial de Queluz, sem arrogância de senhor sobre escravos. O mar atlântico é domado pela estabilidade do colosso, e há por dentro o convívio dos tripulantes e passageiros e uma fraternidade sem a rispidez da ordem rígida e dura. Vive-se no barco como se estivessemos em família. Mestres e contramestres, pilotos e capitães não fecham a cara de lobos do mar. Todos se sentem sem exigências radicais. O Vera-Cruz acolhe mais do que serve. Não há entre os que viajam e os que comandam as palavras ásperas de cima para baixo. Todos ali estão na boa camaradagem lusitana, sem imposições e exigências aborrecidas. A cortesia fria desaparece diante da efusão sentimental de amigos que se encontram. O barco não é um reinado absoluto, com as regras impostas com desdém e petulância. Os navegadores dos sete mares permanecem nos homens que estão na casa de comando, nos rapazes dos serviços mais humildes. Funciona com toda a ternura a casa portuguesa com as suas grandes e pequenas particularidades. Lá estão as larguezas do coração luso, a deliciosa vitalidade dos vinhos e a glotonice dos que têm fígado para as gorduras da mesa farta. Portugal está todo no navio sem os luxos dos transatlânticos de fim de civilização. A alegria do navio se comunica a toda gente.

Todos se conhecem na travessia e todos se falam com a simplicidade de velhos amigos. A convenção burguesa se quebra. Todos nós somos do mesmo barco sem imponências e absurdas limitações. É que, apesar de todas as aparências de cerimônia, o português no mar é homem sem limites. Quando o Vera-Cruz aporta na entrada do cais a multidão se aglomera para ver o pedaço da pátria que chega. O corpo foi dado ao mar, a alma foi dada a Deus, mas o coração lusitano não tem dono. E é coração que não tem tamanho.

JOSÉ LINS DO REGO

ANEXO J – Transcrição das dedicatórias de obras de autores portugueses e sobre Portugal

Obras de autores portugueses

1. ALMADA NEGREIROS, José de. *Nome de guerra*. Edições Europa, s/d.
“A José Lins do Rego, o admi-// rável romancista de Banguê, // com a simpatia intelectual // do // Autor // Lisboa // 1938”.
2. ALVES, José Correia. *Náufragos*. Tipografia Leixões, 1953.
“Para d. Naná e José Lins do // Rego, com a amizade do // Correia Alves // Porto, 4 de julho de 1953”.
3. ARCHER, Maria. *África selvagem*. Lisboa: Guimarães & Cia, s/d.
“José Lins do // Rego // com os agradeci-// mentos e a admi-// ração da // Maria Archer”.
4. BARBOSA, Jorge. *Caderno de um ilhéu*. Editora Tipografia Silva, 1955.
“Ao grande romancista // José Lins do Rego, com // antiga admiração e // muita simpatia. // Lembrança da sua // passagem por S. Vicente. // Jorge Barbosa // S. Vicente, Cabo Verde, // 21/6/56”.
5. BOTTO, António. *Os sonetos*. Baroeth, 1938.
“Ao seu grande camarada // José Lins do Rego // Antonio Botto”.
6. BOTTO, António. *As canções*. Poesia. 2ª edição. Bartrand, 1941.
“Ao seu caro camarada // José Lins do Rego // – um grande romancista. // Lembrança num abraço // António Botto // Agosto – 1941 – Lisboa”
7. BOTTO, António. *Ódio e amor*. Ática, 1947.
“A José Lins do Rego, – o grande // escritor dos temas sociais pro-// fundos de humanidade. // Lembrança no abraço de // António Botto // Agosto de 1951 // Rio de Janeiro // Exemplar 19”.
8. CAMPOS, João. *Mar vivo*. Presença, 1939.
“A José Lins do Rego, // grande romancista // do Brasil, // homenagem de // admiração, // João Campos // Sua casa // Praça da Liberdade, 128, 3º // Porto – Portugal”.
9. CASAIS MONTEIRO, Adolfo. *Adolescentes*. Ibérica, 1945.
“A José Lins do Rego, // ao romancista admirável, // com a mais séria estima in-// telectual do seu amigo // Adolfo Casais Monteiro”.
10. CASAIS MONTEIRO, Adolfo. *O romance e os seus problemas*. Biblioteca de Cultura Contemporânea, 1950.
“Meu caro José Lins do Rego // As páginas que lhe dedico neste // volume não me satisfazem, mas // não [evitei], na impossibilidade de // fazer como [querer], deixar de o // incluir, em

testemunho da // minha admiração de sempre // Seu camarada [muito] amigo // Adolfo Casais Monteiro”.

11. CASTRO, Fernanda de. *Trinta e nove poemas de Fernanda de Castro*. Editorial Império, 1941.

“A José Lins do Rego // ao seu belo talento, // ao seu alto espírito // Of. // Fernanda de Castro // Natal de 1941”.

12. CASTRO, Ferreira de. *Eternidade*. Livros de Portugal, s/d.

“A José Lins // do Rego, com // a admiração // e a camara-// dagem do // Ferreira Castro”.

13. CONDE D’AURORA (pseudônimo de José António Maria Francisco Xavier de Sá Pereira Coutinho). *Mal notadas letras*. Simões Lopes, 1951.

“A // José Lins do Rego // afeto do seu // estimado // C. d. A. // 1952”.

14. CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Parte I. Tomo I. (1695-1735). Ministério das Relações Exteriores, 1952.

“Ao grande José Lins do Rego, // muito afetuosamente, oferece o // seu velho admirador e amigo // Jaime Cortesão”.

15. DA FONSECA, Gondim. *Poemas da angústia alheia*. Livraria Quaresma, 1931.

“Ao José Lins do // Rego, com toda // a admiração e // todíssima amizade // do // Gondim da Fonseca” // Rio, 12 de set. 193[9]”.

16. FERREIRA, António. *O Cardeal Saraiva*. Domingos Barreira, s/d.

“Ao Dr. José Lins do Rego // Homenagem de // António Ferreira”.

17. FERREIRA, Vergílio. *Mudança*. Lisboa: Portugália, s/d.

“José Lins do Rego // homenagem // do // Vergílio Ferreira”.

18. FIGUEIREDO, Fidelino de. *Características da Literatura Portuguesa*. Livraria Clássica, 1923, 3ª edição.

“A Gilberto Freyre, // nobre espírito e nobre amigo, // envio com saudades afetuosas // Fidelino de Figueiredo // 21.12.23”.

19. LOPES, Manuel. *Poemas de quem ficou*. Gráfica Livraria Andrade, 1949.

“Ao grande romancista // do Brasil // José Lins do Rego // homenagem admirativa // de // Manuel Lopes // Horta, Faial (Açores) 30/X/49 / (Rua Médico Avelar, 8A)”.

20. MACEDO, Diogo de. *Espanha de ontem*. Sociedade Industrial Tipográfica, 1937.

“A José Lins do Rego, // em nome do autor // Antonio M. // 1938”.

21. MACEDO, Diogo de. *Gaia a de nome e renome*. Sem editora, 1938.

“A José Lins do Rego, // em nome do autor // [assinatura ilegível] // 1938”.

22. MALTA, Eduardo. *No mundo dos homens*. Livraria Popular de Francisco Franco, s/d.

“A José Lins do Rego // com muita simpatia e gran-// de admiração, dá // Eduardo Malta // junho 1937 Rio”.

23. MARTINS, Oliveira. *Portugal e o Socialismo*. Guimarães & Cia, 1953.

“A Lins do Rego // afetuosa lembrança e homenagem do // António Sergio”

24. MULLER, Adolfo Simões. *Capelas perfeitas*. Renascença, 1940.

“Ao grande romancista José Lins // do Rego – o da Pedra Bonita // e tantas outras obras, igualmente bo-//nita e do mesmo modo admirável // Of. // Adolfo Simões Muller”.

25. NEMÉSIO, Vitorino. *Isabel de Aragão: Rainha santa*. Sem editora, 1936.

“A José Lins do Rego, // com a mais viva admiração // do seu camarada // Coimbra, // 13.VI.38 // Vitorino Nemésio”.

26. NEMÉSIO, Vitorino. *Eu, comovido a oeste*. Revista de Portugal, 1940.

“Ao José Lins do Rego, // de todo o coração // Vitorino Nemésio”.

27. NEMÉSIO, Vitorino. *O campo de São Paulo: a Companhia de Jesus e o plano português do Brasil (1528-1563)*. União Gráfica, 1954.

“A José Lins do Rego, // com um grande abraço // do seu velho camarada // e amigo admirador // Vitorino Nemésio”.

28. OLIVEIRA, José Osório de. *História breve da Literatura Brasileira*. Editorial Inquérito, s/d.

“A José Lins do Rego, // com admiração. // José Osório de Oliveira // 29/9/1939”.

29. OLIVEIRA, Mário de. *Desenhos de Mário*. Tipografia Atlântida, 1943.

“Para o José Lins do Rego, // escritor de poesia da // humanidade, este pedaço // de minha alma, com a // maior simpatia e [atenção] // do // Mário de Oliveira // Lisboa // Setembro // 956”.

30. PAÇO D’ARCOS, Joaquim. *O caminho da culpa*. Paceira A. M. Pereira, 1945.

“A José Lins do Rego, // com alta admiração // oferece o Joaquim Paço d’Arcos // Lisboa 1945”.

31. PAÇO D’ARCOS, Joaquim. *O navio dos mortos e outras novelas*. Edições Sit, 1952.

“A José Lins do Rego, // tributo e lembrança // do camarada e admirador // Joaquim Paço d’Arcos // Lisboa 1954”.

32. PAÇO D’ARCOS, Joaquim. *A floresta de cimento: claridade e sombras dos Estados Unidos*. Guimarães & Cia, 1953.

“A José Lins do Rego, // com a admiração e // a estima do seu camarada // Joaquim Paço d’Arcos”.

33. QUEIROZ, Carlos. *Breve tratado de não-versificação*. Oficina Gráfica, 1948.

“Para José Lins do Rego, // com a viva simpatia // e profunda admiração // do // Carlos Queiroz // 27-11-48”.

34. QUENTAL, Antero de. *Prosas escolhidas*. Org. Fidelino Figueiredo. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.

“A José Lins do Rego, // ao eminente colaborador // e amigo de “Livros de Portugal”// com muito grata estima // agraciam os seus admiradores // Jaime Cortesão // Souza-Pinto”.

35. RIBEIRO, Aquilino. *Mônica*. Bertrand, s/d, 2ª edição.

“A José Lins do Rego, // ao autor admirável // da Pedra Bonita [ilegível] // O Aquilino Ribeiro // [Lisboa] 1938 janeiro”.

36. RODRIGUES, Armindo. *Romanceiro*. Livraria Portugália, 1943.

“Para José Lins do Rego, // belo artista, com um // afeto e mão cordial // do // Armindo Rodrigues // Lisboa, 17 de [setembro] // de [1948]”.

37. SÉRGIO, António. *Ensaio*. Tomo V. Seara Nova, 1936.

“J. Lins do Rego // Afetuosa homenagem do // Antonio Sergio”.

38. SÉRGIO, António. *História de Portugal*. Tomo I. Introdução geográfica. Livraria Portugália, 1941.

“A José Lins do Rego // Afetuosa homenagem do // António Sergio”.

39. SÉRGIO, António. *Cartas do terceiro homem: porta-voz das pedras vivas do País Real*. Inquérito, 1954.

“A José Lins do Rego // homenagem do seu muito amigo // António Sergio”.

40. SÉRGIO, António. *Antologia sociológica*. Edição do Autor, 1956 (Exemplar 1).

“Ao querido amigo // José Lins do Rego // homenagem do seu [ilegível]// [ilegível] // António Sergio”.

41. SÉRGIO, António. *Antologia sociológica*. Edição do Autor, 1956 (Exemplar 2).

“Ao querido // José Lins do Rego // homenagem muito grata e afetuosa // do seu velho amigo e admirador”.

42. SERPA, Alberto de. *Varanda*. Presença, s/d.

“A José Lins do Rego // Homenagem e grande // admiração // de // Alberto de Serpa”.

43. SERPA, Mio de. *Pregão: para o I Congresso de Poesia em Segóvia*. Edições Saber, s/d.

“Ao querido e grande // José Lins do Rego, // com saudade das tuas // poucas horas de Porto, // e um grande // abraço do // Mio de Serpa”.

44. SIMÕES, João Gaspar. *Cartas de Fernando Pessoa a Gaspar Simões*. Publicações Europa-América, [1957].

“Ao José Lins do Rego, // lembrança do seu // amigo e admirador // João Gaspar Simões”.

45. SIMÕES, João Gaspar. *Novos temas*. Inquérito, s/d.

“A José Lins do Rego, // grande romancis-// ta, homenagem // do // João Gaspar Simões”.

46. TORGA, Miguel. *Teatro*. Coimbra Editora, 1950.

“A José Lins do Rego // homenagem de // Miguel Torga // Lisboa // 1951”.

47. TRIGUEIROS, Luís Forjaz. *Pátio das Comédias: dois anos de crônicas e teatro*. Ática, 1947.

“A José Lins do Rego – grande // romancista em cujo olhar [vive] // o Brasil [eterno], este perluz // de crítico circunstancial, // em homenagem de seu admira-// dor e camarada // Luís Forjaz Trigueiros // Agosto 1947”.

Sobre Portugal

1. BARROS, João de. *Presença do Brasil: páginas escolhidas (1912-1946)*. Prefácio de Ribeiro Couto. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1946.

“A Lins do Rego – que tenha ânimo, // [apreço] e estima pela // sua obra e pela sua // personalidade de [eleição] // [assinatura ilegível] // 1946 Maio // Rio de Janeiro”.

2. BELO, José Maria. *Retrato de Eça de Queirós*. Agir, 1945.

“Ao caro José Lins do // Rego // José Maria // Rio 4/45”.

3. FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

“Ao querido Lins, // com a velha amizade do // Gilberto Freyre // Rio 1940”.

4. FREYRE, Gilberto (seleção e prefácio). *As farpas: Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz*. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1943.

“Homenagem dos editores ao Exmo. Senhor // José Lins do Rego // e pretextos de gratidão // amizade e admiração // do // Souza-Pinto”.

5. HOLANDA, Aurélio Buarque de; LINS, Álvaro. *Roteiro literário do Brasil e Portugal: antologia da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

“Aos velhos amigos do peito // Naná e José Lins, // com um afetuoso abraço, // Aurélio // Rio, 27/3/1956”.

6. LOUSADA, Wilson (org.). *Cancioneiro do amor: os mais belos versos da poesia portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

“A José Lins do Rego // com a simpatia e // a velha admiração // do // Wilson Lousada // Set. 1952”.

7. MOREIRA, Thiers Martins. *Camões e Fernão Lopes*. Tipografia do Patronato, 1944.

“Ao José Lins // com minha admiração // e amizade. // Thiers // 11/4/45”.

8. WERNECK, Francisco José dos Santos. *As ideias de Eça de Queirós*. Agir, s/d.

“Ao [brilhante] escritor José Lins // do Rego, homenagem [ilegível] // [ilegível] do // F. J. Santos
Werneck // 22/11/1946”.

ANEXO K – Edições portuguesas da obra de José Lins do Rego no Real Gabinete Português de Leitura

Consulta realizada no dia 09 de janeiro de 2019.

Obras de José Lins do Rego publicadas pela editora Livros do Brasil (Lisboa)

1. *Menino de engenho e Doidinho*

Edição Livros do Brasil , Coleção Livros do Brasil, Lisboa (Rua Luz Soriano, 47-57)

Capa de Bernardo Marques

“Direitos reservados pela legislação em vigor”

Dedicatória Menino de engenho: “A José Américo de Almeida, Jorge de Lima, Gilberto Freyre e Olívio Montenegro”

Dedicatória Doidinho: “A Augusto Frederico Schmidt, Aurélio Buarque de Hollanda e Valdemar Cavalcanti”

Dados de impressão: COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL, LDA. // R. LUZ SORIANO, 47-57 – LISBOA

2. *Doidinho* (texto integral)

Editores Associados

Capa de Luiz Duran

“by Filomena Lins do Rego // by Livros do Brasil, S.A.R.L. // Esta edição unibolso foi realizada por acordo com Livros do Brasil S.A.R.L. // Venda interdita na República Federativa do Brasil”

Dedicatória: “A Augusto Frederico Schmidt, Aurélio Buarque de Hollanda e Valdemar Cavalcanti”

Dados de impressão: COMPOSTO E IMPRESSO POR GRIS IMPRESSORES, S.A.R.L. (LISBOA-CACÉM) // PARA OS EDITORES ASSOCIADOS LDA // AVENIDA JOÃO CRISÓSTOMO, N. 79-5º // LISBOA 1

Nota de pesquisa: essa Coleção de Bolso dos Editores Associados também publicou obras de Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Albert Camus, Blaise Cendrars, Érico Veríssimo, Jean-Paul Sartre, Alexandre Herculano, D. H. Lawrence, entre outros.

3. *Banguê*

Edição Livros do Brasil , Coleção Livros do Brasil, Lisboa (Rua Luz Soriano, 53-57)

Capa de Bernardo Marques

“Reservados todos os direitos pela legislação em vigor”

Dedicatória: “A Yan de Almeida Prado, Mário Marroquim e Cícero Dias”.

Dados de impressão: COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL, LDA. // R. LUZ SORIANO, 47-57 – LISBOA

4. *O moleque Ricardo*

Edição Livros do Brasil, Lisboa // Rua Luz Soriano, 47-57

Sem descrição de capa

“Reservados todos os direitos pela legislação em vigor // Venda interdita nos Estados Unidos do Brasil”

Dedicatória: A Otávio Tarquínio de Sousa e Rodrigo Mello Franco de Andrade

Dados de impressão: COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL, LDA. // R. LUZ SORIANO, 53-57 – LISBOA

Glossário no final

À bessa – Em quantidade.

Caatinga – O mesmo que catinga (mata de arbustos enfezados).

Catimbozeiro ou Catimbanzeiro – Indivíduo dado à prática de feitiçaria

Coió – Namorado ridículo.

Embolada – Forma poético-musical do nordeste brasileiro.

Enxerido – Intrometido, atrevido.

Faxina – Cerca.

Frevo – Dança pernambucana.

Fuá – Caspa.

Mangue – Terreno pantanoso.

Marizeiro – Planta leguminosa.

Maruim – Mosquito.

Molambo – Farrapo.

Mondrongo – Nome que os brasileiros dão aos portugueses.

Muque – Músculos, força.

Pamonha – Bolo de milho verde, pessoa branda.

Peixeira – Faca usada pelos vendedores de peixe.

Pixaim – Carapinha.

Quengo – Cabeça.

Reuna – Bota de soldado.

Rojão – Trabalho exaustivo, lida.

Tangerino – Condutor de gado, tangedor.

Xangô – Divindade de macumba.

5. *Usina*

Edição Livros do Brasil, Lisboa (Rua dos Caetanos, 22)

Capa de Infante do Carmo

“Reservados todos os direitos pela legislação em vigor // Venda interdita nos Estados Unidos do Brasil”

Dedicatória: “A Graciliano Ramos e José Olympio”

Dados de impressão: COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL, LDA. // RUA DOS CAETANOS, 22 – LISBOA

6. *Pureza*

Livros do Brasil, Limitada // Coleção Livros do Brasil // Rua Vítor Cordon, 29-31 – LISBOA

Selo Dois Mundos

Capa de Bernardo Marques

“Direitos reservados pela legislação em vigor”

Dedicatória: “A Manuel Bandeira”

Dados de impressão: COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL, LDA. // RUA DA ROSA, 238-240 – LISBOA

7. *Pedra bonita (exemplar 1)*

Edição Livros do Brasil Ltda, Coleção Livros do Brasil, Lisboa (Rua Luz Soriano, 53-57)

Capa de Bernardo Marques

“Reservados todos os direitos pela legislação em vigor”

Dedicatória: “A Barros Carvalho, Gastão Cruls, Luis Jardim e Moacir Pereira”

Na página seguinte à dedicatória o livro traz a seguinte inscrição impressa: “A narrativa deste romance quase nada tem a ver com a geografia e o facto histórico desenrolado em Pernambuco nos princípios do século XIX”

Dados de impressão: COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL, LDA. // R. LUZ SORIANO, 47-57 – LISBOA

Glossário

Antojos – Desejos extravagantes que costumam acometer as mulheres grávidas.

Atuado – Diz-se do perseguido por espírito maléfico.

Bexigadas – Pancada dada com uma bexiga de boi cheia de vento.

Bode – Farnel, provisão.
 Cacimba – Cova feita no leito seco dos rios para recolher água.
 Capiongo – Triste, apalermado.
 Calango – Víbora.
 Cassuá – Ceirão de cipós.
 Combuca – Macaca.
 Copiar – Alpendre.
 Cotoco – Membro ou cauda amputada.
 Garrucha – Arma de fogo.
 Leseira – Loucura.
 Leso – Louco, tolo.
 Mascate – Mercador ambulante.
 Matuto – Traficante.
 Mucambo – Palhoça, choça.
 Mulambo – Roupas velhas, coisa inútil.
 Quinto – Barril.
 Taboca – Logro, cilada, engano.
 Tapera – Terra abandonada, lugar árido.
 Tapurú – Bicho parasitário.
 Tocaia – Cilada, agressão de surpresa.

Pedra bonita (exemplar 2)

Edição Livros do Brasil Ltda, Coleção Livros do Brasil, Lisboa (Rua dos Caetanos, 22)

Capa de Bernardo Marques

“Reservados todos os direitos pela legislação em vigor”

Dedicatória: “A Barros Carvalho, Gastão Cruls, Luis Jardim e Moacir Pereira”

Na página seguinte à dedicatória o livro traz a seguinte inscrição impressa: “A narrativa deste romance quase nada tem a ver com a geografia e o facto histórico desenrolado em Pernambuco nos princípios do século XIX”

Dados de impressão: OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL // LISBOA

Glossário

Antojos – Desejos extravagantes que costumam acometer as mulheres grávidas.

Atuado – Diz-se do perseguido por espírito maléfico.

Bexigadas – Pancada dada com uma bexiga de boi cheia de vento.

Bode – Farnel, provisão.

Cacimba – Cova feita no leito seco dos rios para recolher água.

Capiongo – Triste, apalermado.

Calango – Víbora.

Cassuá – Ceirão de cipós.

Combuca – Macaca.

Copiar – Alpendre.

Cotoco – Membro ou cauda amputada.

Garrucha – Arma de fogo.

Leseira – Loucura.

Leso – Louco, tolo.

Mascate – Mercador ambulante.

Matuto – Traficante.

Mucambo – Palhoça, choça.

Mulambo – Roupas velhas, coisa inútil.

Quinto – Barril.

Taboca – Logro, cilada, engano.

Tapera – Terra abandonada, lugar árido.

Tapurú – Bicho parasitário.

Tocaia – Cilada, agressão de surpresa.

8. *Riacho Doce*

Edição Livros do Brasil, Lisboa (Rua dos Caetanos, 22)

Capa de Infante do Carmo

“Reservados todos os direitos pela legislação em vigor // Venda interdita nos Estados Unidos do Brasil”

Dados de impressão: OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL // LISBOA

9. *Água-mãe*

Edição Livros do Brasil, Coleção Livros do Brasil, Lisboa (Rua dos Caetanos, 22)

Capa de Bernardo Marques

“Reservados todos os direitos pela legislação em vigor // Venda interdita nos Estados Unidos do Brasil”

Dedicatória: “Para os meus amigos Antiógenes Chaves, Daniel Pereira e Roberto Alvim Correia”

Dados de impressão: COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL, LDA. // RUA DOS CAETANOS, 22 – LISBOA

10. *Fogo morto* (exemplar 1)

Prefácio de Otto Maria Carpeaux; apêndice de Álvaro Lins (publicado também no *Correio da Manhã*, a 4 de fevereiro de 1944)

Edição Livros do Brasil, Lisboa (Rua dos Caetanos, 22)

Capa de Bernardo Marques

“Direitos reservados pela legislação em vigor”

Dedicatória: “A João Condé Filho”

Dados de impressão: OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL // LISBOA

***Fogo morto* (exemplar 2)**

Prefácio de Otto Maria Carpeaux; apêndice de Álvaro Lins (publicado também no *Correio da Manhã*, a 4 de fevereiro de 1944)

Livros do Brasil, Limitada, Coleção Livros do Brasil, Rua Luz Soriano, 53-57 – Lisboa

Selo Dois Mundos

Capa de Bernardo Marques

“Direitos reservados pela legislação em vigor”

Dedicatória: “A João Condé Filho”

Dados de impressão: COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL, LDA. // R. LUZ SORIANO, 53-57 – LISBOA

11. *Eurídice* (exemplar 1)

Edição Livros do Brasil, Lisboa (Rua dos Caetanos, 22)

Capa de Bernardo Marques

“Edição portuguesa feita por acordo com a Livraria José Olympio Editora do Rio de Janeiro – Brasil”

Dedicatória: “Para José Olympio”

Dados de impressão: OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL // LISBOA

Nota de pesquisa: A orelha do livro apresenta propaganda de Gato preto em campo de neve, obra de Érico Veríssimo. A parte de trás apresenta todas as 66 obras publicadas pela Coleção Livros do Brasil.

Eurídice (exemplar 2)

Livros do Brasil, Limitada // Coleção Livros do Brasil // Rua Vítor Cordon, 29/31 – LISBOA
Selo Dois Mundos

Capa de Bernardo Marques

“Edição portuguesa feita por acordo com a Livraria José Olympio Editora do Rio de Janeiro – Brasil”

Dedicatória: “Para José Olympio”

Dados de impressão: COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO – BARCELOS – 1949

12. *Cangaceiros* (exemplar 1)

Edição Livros do Brasil, Lisboa (Rua dos Caetanos, 22)

Capa de Bernardo Marques

“Direitos reservados pela legislação em vigor”

Dedicatória: “À Naná, minha mulher, constância de energia de minha vida” // JOSÉ LINS DO REGO

Dados de impressão: OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL // LISBOA

***Cangaceiros* (exemplar 2)**

Livros do Brasil Ltda, Coleção Livros do Brasil, Lisboa (Rua Luz Soriano, 53-57)

Selo Dois Mundos

Capa de Bernardo Marques

“Direitos reservados pela legislação em vigor”

Dedicatória: “À Naná, minha mulher, constância de energia de minha vida” // JOSÉ LINS DO REGO

Dados de impressão: COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL, LDA. // R. LUZ SORIANO, 53-57 – LISBOA

ANEXO L – “Provou a Europa e gostou – Chega agora ao Rio e já pensa voltar – O Congresso pela Defesa da Cultura em Paris – Recorda Faulkner, o abstracionismo e Magneli – Cioran e Malraux – Em Portugal – Almada Negreiros – Uma nota sobre Silone”. In: *Tribuna da Imprensa* (RJ), 28-29 jun. 1952. Artigo disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Parece que José Lins, desde que uma vez “provou” a Europa, não mais pôde esquecer o sabor que ela lhe deixou. Ei-lo de novo pisando rijo e sereno nas ruas frenéticas desta quase sua cidade.

– Então, José Lins, essa Europa?

– Meu caro, deixei-a no mesmo sítio... à minha espera.

– Que viu na França?

– Vi o William Faulkner...

– O próprio?

– Como lhe digo. O Faulkner em carne e osso, no Congresso pela Defesa da Cultura em Paris, e o Faulkner ou a sombra dele metido na moderna literatura francesa. Vi imensa gente.

– Não me vai fazer que viu o Proust...

– O Jean Guéhenno garantiu-me que Marcel Proust foi como se nunca tivesse existido no que diz respeito a influências na presente literatura de França. Mas a Faulkner está por toda a parte. Ele e os outros colegas americanos.

PINTURA

– Na pintura...?

– Ah, na pintura, não está amortecendo, como parece que alguns dizem por aí: antes pelo contrário, está cheia de vigor, pretendendo exprimir uma realidade que não seja tão à flor da pele.

ABSTRATOS

– Quem viu por lá, dos abstratos?

– Em primeiro lugar, naturalmente, estive com o meu velho amigo Cícero Dias, aliás mais brasileiro do que nunca, conservando na retina e tirando-as dos tubos de tinta as suas cores vivas de bom pernambucano. Também lhe quero dizer que o Cícero está fazendo cerâmica e vem por aí muito em breve com uma quantidade de quadros no porão do navio.

MAGNELLI

– E quem mais, dos abstratos?

– O Magnelli. Encontrei-o na casa de Madame Contilli, numa reunião literária. Você a conhece, não? A casa dela é uma bela galeria de pintura...

Aqui apareceu-nos que José Lins ficou em suspenso, como se ainda estivesse contemplando os quadros de Madame Contilli. Demos-lhe razão.

– Ecos do Brasil, em França, José Lins?

– Olhe, por lá encontrei o Roger Caillois, sempre voltado para as coisas do Brasil. Mostrou-me um capítulo de um trabalho seu que diz respeito ao Brasil. Igualmente Caillois escreveu uma curiosa interpretação do nosso folclórico jogo do bicho.

– Vi há dois dias uma crônica sua sobre o nosso velho amigo Cioran.

CIORAN

– Confirmando o que escrevi. Cioran é um homem excepcional: impressionou-me a sua exterior simplicidade revestindo um tamanho ímpeto demolidor. Vive exclusivamente para o pensamento. Ele é uma espécie de monge. Vive metido no seu cubículo, celibatário, sozinho, metido consigo e seus pensamentos. Tenho sempre na ideia esse livro estranho *Précis de décomposition*.

MALRAUX

– Conheceu Malraux?

– Vi-o apenas uma vez e ouvi-o no discurso de encerramento do Congresso. É um orador fora do comum. De uma inteligência vivíssima.

– José Lins, como você sabe a política está cada vez mais misturada com a literatura e as artes, em todo o caso com os artistas.

– É verdade. Especialmente em França, onde todo homem é político. Todos estão engajados em partidos e até mesmo os intelectuais mais puros como André Gide foram atraídos, se não sempre pelos partidos, pelo menos pelo pensamento político. Nesse sentido, a política da França nunca prescindiu dos intelectuais. A Terceira República foi um regime de professores e de normalianos. Justamente Malraux tratou no seu discurso de encerramento, na sala Gaveau, o tema “Do contato do artista com a Política”.

– E quanto aos pintores?

– Estive com Leger. Não sofre de política, apesar das aparências.

EM PORTUGAL

– Creio que é a segunda vez que estive em Portugal.

– É verdade. Mas desta vez estive só em Lisboa e arredores, tendo-me extraviado um pouco apenas pelo Ribatejo. Ali, em Vila Franca de Xira, cidade construída no meio dos touros, assisti à minha primeira Festa Brava, como eles lá dizem. Que espetáculo! O toureio a cavalo, que é tipicamente português, é uma coisa bela, um verdadeiro bailado. Confesso que me surpreendeu, sobretudo pela finíssima arte dos cavaleiros, a tourada portuguesa que é mais uma peça de arte do que de sangue, como na Espanha.

ALMADA NEGREIROS

– Quem viu de novo em Portugal?

– Pois lhe quero dizer que encontrei um homem simplesmente fabuloso!

– Quem?

– O pintor Almada Negreiros. Não só o artista que sempre admirei, mas o homem que carrega um pensamento original. A sua personalidade igualmente originalíssima.

Visitei os afrescos maravilhosos que Almada pintou para as gares marítimas de Lisboa. Não posso esquecer essa bela Nau Catarineta. E nos afrescos da Rocha do Conde de Óbidos é nítida a tendência de Almada no sentido do abstracionismo. É um pintor e um filósofo. Como é interessante a ideia de Almada de que os portugueses estão mais próximos dos gregos do que dos romanos. E Almada não o afirma só, o que seria fácil: ele justifica-o e com notável soma de argumentos.

E do Almada Negreiros, que José Lins lamentou não ter já conhecido quando da sua primeira viagem a Portugal, saltamos de novo às coisas da Europa em geral, talvez, uma vez mais ainda pelo espírito de Almada voltado para o fio sutil que conduz aos helenos.

O CONGRESSO DE DEFESA DA CULTURA

E José Lins me fala de novo no Congresso de Defesa da Cultura e pela liberdade da criação e do pensamento, a que assistiu em Paris.

Uma das personalidades mais interessantes que José Lins lá encontrou foi o grande poeta inglês Spender. Depois José Lins fala dos italianos Silone e Venturi.

SILONE

Quanto a Silone, sabemos da sua posição pela liberdade do espírito, mas Venturi, confessamos que nos surpreende um tanto a sua presença, se bem que a sua posição junto do pensamento político do partido stalinista italiano não fosse já antes de uma ortodoxia a toda a prova. E essa foi mais uma novidade que José Lins nos trouxe. Além do mais, informa-nos José Lins, Venturi defendeu em pleno Congresso a arte abstrata.

– E depois, prossegue Lins do Rego, o homem não pode fugir da arte contemporânea. Cada tempo tem a sua pintura. Você acha bem que o homem se vista com os trajes do seu tempo, mas não admite processos novos em arte.

– Agora duas últimas perguntas, José Lins. Já me disse o que há de positivo por lá. Mas não me disse o que há de “mau”...?

UMA DEFINIÇÃO

– Realmente o que há de bom é ótimo e o que há de ruim é como em toda a parte. Em França continua a não-compreensão do resto do mundo. Sempre essa coisa do “là bas”. Nem duas guerras tremendas conseguiram arredar essa crosta. Talvez a era atômica faça o milagre, já que o avião não o conseguiu. Mas isso é mínimo em relação ao gênio francês! Coisa interessante se passa entretanto: conquanto o francês não compreenda o mundo, tudo o que por lá passa se transforma em universal.

– Quanto a Portugal?

– O que há de bom – e é imenso – eu o tenho repetido inúmeras vezes. O que há de mau em Portugal é o que provém dos regimes políticos. Mas, naturalmente, espero em breve atravessar uma vez mais o Atlântico e ver novamente esse país que tanto prezo e tanto encanto tem para mim.

ANEXO M – Crônica sobre o poeta dinamarquês Sören Kierkegaard

“O governo do povo segundo Kierkegaard”. In: *O Globo*, 11 fev. 1955.

Chego ao fim do diário de Kierkegaard, livro cheio de uma sabedoria agoniada onde a presença da natureza humana é, a cada passo, conduzida a um verdadeiro círculo de fogo, e lá vou encontrar o mestre dinamarquês com medo das revoluções populares que ameaçam a Europa. Em 1848, o filósofo sente-se ameaçado na sua vida interior. Então vai ao livro de apontamentos secretos e escreve que de todas as tiranias, a do governo popular era a mais atroz, a mais tola, a ruína de toda a grandeza, de todo o sublime. Um tirano é sempre um homem, um indivíduo. Em regra geral, uma ideia, por mais absurda que seja. Livre ficará cada um de medir o valor desta ideia e chegar à conclusão de sua eficácia ou miséria. Mas, num regime popular, que é o governo? Apenas uma espécie de fantoche à procura da maioria. A instabilidade da consciência, uma ordem movediça sujeita às vacilações da opinião do número. Um tirano é um corpo único que nos oprime, do qual nos podemos ausentar, viver longe dele. Mas como poderemos evitar a tirania do governo popular, quando cada um de nós é o tirano do outro? Um tirano pode ser uma pessoa desagradável que não nos obriga a amá-lo. A nossa vida privada é nossa. Num governo popular não pode haver vida privada, porque a comunidade não permite. Eu e você somos o número. E contra o número maior, nada se pode fazer. Por isto, para que haja, de fato, governo popular, se faz necessário o domínio absoluto da vontade geral. O homem passa a ser apenas uma peça da máquina. E o espião de suas próprias atividades. Viver em semelhante regime será um suplício para o homem de pensamento, para o artista. E só a morte contentará aos que não são da maioria. Sócrates preferiu morrer a ser da massa dominante. A tal tirania do número, que sempre se manifesta contra o espírito, obrigará a renúncias fatais. Um regime popular é, em todos os sentidos, um retrato do inferno.

Kierkegaard sentia que começava o fim de uma era de contemplação. Não havia na sua paróquia mais lugar para o homem que só aspirasse ao convívio de Deus. Agora tinha chegado a hora da ação, do serviço mercantil, da conduta exclusivamente cívica. Despojara-se o homem da sua nobreza e não passava de mais um número. E tem estas palavras de depressão: “Presentemente, a realidade de minha carreira literária cai a zero. Passará a ser um crime contra os interesses da pátria. E para que eu possa merecer ao Estado popular alguma coisa e ganhar a estima dos patriotas, serei forçado a oferecer os meus serviços para vender jornais. Um filósofo valerá muito menos que um gazeteiro”.

Há mais de um século falava assim o grande Kierkegaard. E, nos últimos anos, o pesado carro do Estado tem passado por cima de muito corpo franzino de poetas e filósofos. Mas, apesar de todos os crimes monstruosos, o espírito resiste às fúrias assassinas de Leviatã.

JOSÉ LINS DO REGO

ANEXO N – 6 crônicas sobre a Finlândia

1. “Helsinki”. In: *O Globo*, 30 jul. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 41-43.

A cidade reproduz em tudo a fisionomia do povo. Cidade calma, sem pressa, de gente andando nas ruas sem frenesi, como se não tivesse hora marcada para encontros. As águas mansas do Báltico dormem no golfo sem a agitação de uma onda rebelde. Tudo na santa paz do Senhor. Mar, somente de nome, porque mais parece uma imensa lagoa tranquila. É por isto que as aves e as árvores tanto se chegam para ele. As próprias pedras não afrontam a água como diques. Pedras e mar se entendem muito bem. Os cais dos portos não sofrem as ressacas, os golpes de fúria. Tudo feito para o descanso, para os sofrimentos do inverno que transforma em blocos de gelo aquele manto levemente azulado.

Agora, o sol de julho deita-se sobre as águas e como um nababo preguiçoso não quer abandonar a cama macia. Até às onze e meia da noite há raios dourados de sol sobre o mar. O céu é ainda claro e as estrelas não piscam no firmamento. Não há noite e não há mistérios no verão finlandês. Há somente o sol que é rei de fato, não só astro-rei, mas rei na carne das mulheres, no sangue dos homens, no verde das árvores, no canto dos pássaros da Finlândia. Quase à meia-noite, no parque ainda claro, escuto gorjeios de pássaros. E de andorinhas nem é bom falar. Estas gritam por toda parte como as nossas cigarras cariocas. Os barcos de passeio cortam os canais em velocidade de flecha, os barcos a remo deslizam na doçura da tarde estival. E há rapazes quase nus nos veleiros de pequeno curso.

Pelas ilhas rodeadas de vilinos, pequenos trapiches de madeira servem de trampolim para os banhistas. Há fumaça de saunas (banhos coletivos a vapor) subindo ao céu. Lá dentro o calor do fogo de madeira e o cheiro das essências vegetais derretem banhas e infiltrações de *acqua vita*. Os finlandeses lavam o corpo e a alma nas suas saunas. Diz um poeta da terra que há duas coisas sagradas para o finlandês: a Igreja e a sauna.

2. “Tranquilidade finlandesa”. In: *O Globo*, 10 ago. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 33-34.

Não é o finlandês um homem bem posto e grave como o sueco. Há nas suas maneiras de cidadão qualquer coisa de mais simples, de mais natural. Ao sueco muito valem os anos de tradição imperial. Os reis suecos andaram, nos seus atritos com os vizinhos, com arrancos de conquistadores. Carlos XII foi uma espécie de precursor de Napoleão, em correrias pelos

campos de batalha. Venceu russos, dinamarqueses, alemães e polacos. Por esse tempo a Finlândia vivia curtindo os seus frios polares, província sacrificada entre as ambições dos fortes. Ora russos, ora suecos mandando na sua vida. Mas o que nos espanta é que, cada ano que se passava, o povo da terra dominada se firmava, constituindo-se nos seus caracteres de raça e costumes. O homem do campo, o homem dos lagos, o homem das florestas de pinho não se perdeu. Mesmo quando a língua sueca era a língua dos senhores, ficou o finlandês falado pelo povo, como a marca de sua personalidade.

Assim cresceu a sua consciência de nação. Sem grandes ricos e grandes pobres, as classes não se separam em senhores e escravos. A natureza os uniu na mesma resistência. Quando se lê um livro de Sillanpaa, romance do campo, memórias da vida camponesa, sente-se desde logo que o trabalho na Finlândia não é um instrumento de acirrar privilégios. O senhor quase que não difere do trabalhador alugado. Pode-se dizer, sem medo de exagerar, que o socialismo do finlandês é uma condição natural. O estado que se constituiu em 1918 não encontra barões feudais acastelados em fortunas iníquas. Fez-se uma legislação social em bases naturais, sem violências e demagogia. Aqui tudo se resolve em termos razoáveis. Há um Partido Comunista por honra da firma. Ligado ao colosso russo, pagando-lhe até ao último vintém a sua indenização de guerra, não se sente no povo da rua ódio ao vencedor. Vi, na visita da esquadra russa a Helsinki, os marinheiros russos na maior intimidade com a gente da terra. Dançou-se, até, no domingo, defronte do navio ancorado, ao som de sanfona e de canções de cossacos. O que, para um jornal da cidade, constituiu um verdadeiro escândalo, pois de acordo com as convicções luteranas o domingo foi feito para as orações e a guarda dos preceitos.

Há quinze dias que rodo pelas ruas de Helsinki, que me sento pelos parques, pelas casas de consumação, e o que me vai ficando de agradável é o amável comportamento do povo diante de tudo. Aqui não há aqueles dois complexos suíços que amesquinham a vida: o complexo da precisão dos relógios e o complexo do cofre dos maiores bancos do mundo. Se o finlandês é dominado pela gravidade imperial dos suecos e não é também perseguido pelos dois complexos suíços, a sua vida marcha sem maiores tropeços e tudo se pode fazer sem imposições abusivas. Um finlandês é um homem tranquilo, embora os seus vizinhos sejam do barulho. É que ele sabe esperar o pinheiro que carece de vinte anos para lhe dar a segurança da sua vida.

3. “A sauna”. In: *O Globo*, 16 ago. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 37-38.

Se você sai de lancha, num passeio pelo Báltico ou pelos lagos à margem do mar manso ou pelo doce remanso das praias erguem-se casinhas que fumaçam. E se você prestar mais atenção há de descobrir ali por perto gente nua que cai nas águas gélidas, homens e mulheres a se banharem na mais inocente intimidade com a natureza. A casinha que fumaça é uma sauna em plena ação.

Mas o que vem a ser uma sauna? Nada mais que um banho a vapor, até 100 graus, massagens pelo corpo inteiro com sabão, e depois um banho de minutos nas águas do mar ou do lago. Para um país que vive mergulhado na escuridão de um inverno de oito meses, aquele calor que desentorpece tecidos, que derrete banhas e dissolve artrismos, vale como um verdadeiro sistema de cura. A sauna lava o corpo até as entranhas. Agita a circulação, movimenta a máquina humana aos extremos de uma marcha violenta. Para o finlandês, tudo aquilo vale como um poderoso tônico para os nervos. A surra do calor a que ele submete o organismo, obrigado a um repouso celular, dá-lhe vigor; o contato direto com a natureza, a passagem do extremo calor ao extremo frio, tudo isso acelera-lhe os movimentos dos órgãos e age no moral como verdadeiro calmante.

Há quatro semanas que me entrego ao convívio das saunas. E de lá me retiro de corpo mais leve, mas certo de que uma sauna é coisa tão simples como um banho de mar no Arpoador. Nada de querer transformá-la em quase religião, num ato de misticismo pagão. Apenas um povo que sente frio e procura o calor para aliviar-se dos rigores do clima. E como faziam os romanos nas suas termas, aliam a satisfação dos músculos e das carnes à alegria da alma. O ritual que espanta aos neófitos não passa de uma rotina branda. Corpos nus, massagens de sabão pelas mãos duras de mulheres dobradas, e a delícia da água fria, na reação como de ducha escocesa. Tudo simples, tudo sem outra significação que a de um banho mais demorado.

Para o finlandês a sauna será como o banho de rio para os nossos índios. Somente a procura da natureza para uma intimidade mais profunda. Ao tropical de sangue quente, aguça-lhe logo a imaginação da nudez tratada a mãos de mulheres. Um homem nu em pelo, uma mesa com uma senhora a apalpá-lo todo. Quando estive nos Alpes suíços, o nosso Casanova foi recebido por ninfas maravilhosas para amassar-lhe o corpo cheio de pecados. O cínico fala, com lúbricas palavras, de todas as carícias das moças alemãs. O corpo de sibarita vibrou como harpa eólia às palmadinhas picantes. Estendido na tábua dura da sauna, fui-me lembrando das peripécias do veneziano fescenino. E, enquanto as mãos duras vão-me castigando as carnes abundantes, a imaginação se reduz à realidade. O corpo suado, as mãos de ferro. Olho para a

mulher de óculos, de braços possantes, e as ninfas do Casanova se encantam numa virago de 100 quilos. Mas boa virago que por 10 mil réis me reduzia todos os excessos dos vinhos da França e das massas italianas.

4. “Notas finlandesas”. In: *O Globo*, 21 ago. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 29-31.

HELSINKI – A Finlândia vive das suas florestas, fabricando papel e celulose, concentrando em zonas industriais como Tampere o grosso de seus equipamentos. Descem pelos rios, no degelo, troncos de pinho que chegam em massa aos portos. Quase não se veem as águas, tomadas inteiramente pela matéria-prima em bruto que se destina às grandes usinas de transformação. Os jornais do mundo inteiro consomem bobinas e bobinas de papel finlandês. Mas nem só de papel vive a Finlândia.

Ferro sueco e madeira nativa fazem a sua siderurgia de metais finos. Há fábricas de armas, de tornos, de lâminas, com exportação segura para a Rússia. A quinze quilômetros de Helsinki encontra-se uma base russa, o território de Porkhala, espécie de gatilho armado sobre o coração da Finlândia. Os russos estão aqui, a um tiro de canhão. Mas para o finlandês a vida não parou por isto. Eles querem viver na santa paz do Senhor. E que por sinal é um grave e puritano senhor luterano. Acredito que sejam os finlandeses mais cristãos que os outros nórdicos. O espírito da igreja russa, de tão íntimas ligações com o cristianismo primitivo, há de ter deixado nos árticos mais Deus que nos suecos e noruegueses que são mais Vikings, pelo grande espírito de aventura. O gelo que lhes petrifica os mares, isolando-os do mundo, marcou os finlandeses de mais espírito sedentário.

Os grandes navegadores que são os nórdicos sempre estiveram em cavalgadas marítimas. Dinamarqueses dominaram as costas inglesas e praias da Normandia. Barcos vikings romperam ondas do grande mar atlântico. Para o finlandês o que existe é somente a terra que Deus castiga com os terríveis invernos de oito meses. O sol é uma espécie de hóspede nesta terra, um hóspede que chega com as mãos carregadas de ouro. Mas que não se demora, com a sua gloriosa alegria do mês de julho. A realidade é a floresta sobre as pedras e o gelo sobre tudo. Por isto é que o finlandês se concentra nas quatro paredes de suas moradas. E permanece um povo de vida interior, todo ele como se fosse um caramujo. Para muita gente, são lentos. É que se confunde lentidão com reflexão. Estes homens que resistem ao mais duro clima hibernal são as mais refletidas criaturas do mundo.

Nada de aventuras vikings, nada de se arrojarem ao impossível. Nada disto. O que lhes comanda os movimentos é a necessidade de segurança. E assim não se desesperam, não se matam. Ao contrário, é na Finlândia onde, no mundo, mais se defende a criança da morte. Os nascituros são aqui cercados de todos os cuidados. Há clínicas especializadas em partos prematuros. O governo faz do menino um rei da vida. Os melhores lugares nos parques públicos estão reservados para os meninos. Vê-se que é um povo que acredita no futuro. Os meninos e as árvores vivem cercados de proteção. Os esguios pinheiros lhes dão a maior riqueza, as suas verdadeiras fontes de subsistência. Se não fossem os pinheiros, a Finlândia seria um deserto cercado de lagos por todos os lados, uma espécie de Saara, a vinte graus abaixo de zero.

Mas as florestas fazem do verão finlandês uma sinfonia em verde. Depois virá o negro inverno e os tempos de ficar em casa de portas fechadas, com o vento gélido como uma língua de demônio. Aí o finlandês se volta para dentro e começa a refletir como uma máquina de calcular. As paixões chupam-lhes o sangue como vampiros. O amor cresce de tamanho como um bicho do inferno. Os corações tremem e a morte passa a ser uma musa. Toda a força do finlandês se concentra na resistência à morte. Contra o peso da neve sobre os telhados deve haver a coragem de resistir ao negro das noites de quase vinte e quatro horas. A literatura irradia uma luz de sol que se projeta da alma. É preciso torcer o pescoço da morte e viver como os pinheiros, que são maiores do que as tempestades de neve.

5. “Formigas e finlandeses”. In: *O Globo*, 15 set. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 39-40.

HELSINKI, agosto – Para o brasileiro que pretende mais alguma coisa das viagens que o pitoresco, a vida na Finlândia oferece um grande exemplo. Aqui o homem não pode brincar com o tempo. O que é bonito na natureza dura uma migalha de dias. O constante, o que perdura, é a aspereza de um clima que não engana a ninguém. Meses e meses sem poder botar a cabeça fora de casa, num esforço titânico para resistir ao pesado tédio das longas noites, o homem desta terra tem que se desdobrar em vários homens. Os frágeis de corpo e de alma não poderão sobreviver, como sobrevivem nos trópicos os que até nem querem viver. E para conseguir a segurança, tudo têm que fazer pensando no pior. Assim juntam toros de lenha, enchem as casas de plantas que lhes deem a sensação do campo, chegam-se junto às lareiras e arrancam do fogo o que lhes nega o sol.

O calor que lhe chega das fogueiras custa-lhe caro. Pensar em perigo de vida, em miséria gelada, em estradas impedidas pela neve, em lagos petrificados, em alimentos sem vitaminas, em comer sem o verde das hortaliças e o sabor das frutas, em fugir da tentação do álcool – este é o constante pensar do finlandês. Se o corpo se curva e a alma se dobra, então virá a calamidade. Mas estes homens que fizeram uma pequena nação, de caráter tão acentuado, depois de vencerem as influências suecas e russas, desafiam os rigores das estações. Quando o tédio começa a derrubá-los, afrontam o tédio com as suas energias primitivas. Trepam num esquí, saem à procura das feras nas florestas, e chegam a identificar-se com a natureza como se fossem ursos ou lobos. Para matar o tédio, terão que derrubar os mais terríveis inimigos da alma.

As histórias dos sete irmãos de Kivi nos falam dos bárbaros encontros dos homens com a natureza. E os cantos dos poetas, dos humildes cantadores de feira que estão no *Kalevala*, poema homérico da terra, são narrativas de proezas de amor e de combates sangrentos entre homens e bestas, no silêncio das florestas ou nas tardes estivais, quando o sol e a lua se encontram sobre as águas dos lagos ridentes. O finlandês não se entrega, não se degrada na vil tristeza. Assim como o nordestino que sofre os horrores do sol e continua a amar a terra de carnal, o homem destes confins de gelo se pegou ao torrão natal com unhas e dentes.

Mas o inverno lhe ensinou a viver. Eles sabem defender-se da servidão do clima como não sabem os nordestinos, que agem como cigarras. Na Finlândia, a sabedoria das formigas é lei geral. O povo sabe que o inverno é de todo o ano, e transforma as suas casas em silos, guarda dia a dia o que lhe é de necessidade urgente, a porção essencial para viver. E por isto há esta nação de fecundas atividades e há esta gente que não vive da misericórdia dos outros. Cantar como cigarras, só nos dias de julho, quando o sol dá o seu show de espanto. No mais, é trabalhar como as formigas, para poder viver como homens.

6. “Espanhóis e finlandeses”. In: *O Globo*, 08 out. 1954; REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957, p. 35-36.

Ao voltar da Finlândia, procurei saber as impressões da Ángel Ganivet, o grande mestre espanhol que lá esteve em missão diplomática até que se matou, vencido pela melancolia. Ángel Ganivet foi um ensaísta da melhor formação cultural. Sem que se deixasse dominar pela sabedoria, a ponto de chegar, como Ortega y Gasset, a certo jornalismo filantrópico, o jovem Ganivet, mais até que Unamuno, deu às suas meditações uma vitalidade de pensamento em ação. Não foi um erudito, não foi um cético da família dos Montaigne, mas homem de nervos

expostos às variações do tempo. Quando chegou à Finlândia, já levava o seu *Ideário* concluído. Toda a Espanha passara pela sua reflexão de poeta e de filósofo. Mas o mundo misterioso do Norte, os enigmas das terras do fim do mundo, aguçaram-lhe a consciência até à morte violenta. A tristeza dos gelos esmaga o coração do meridional atormentado. Ao contato com o homem finlandês, Ganivet não perdeu a facilidade crítica. Ao contrário, chegaria aos extremos da crítica, e daí o seu desespero. Matou-se porque compreendeu demais.

O que seria para ele aquela Finlândia de gente morosa em relação à sua Espanha de gente agitada? Apenas havia no homem que lhe parecia exótico uma consciência democrática de raiz, de natureza profunda. Ao passo que na Espanha concentrava-se um orgulho aristocrático capaz de conduzir à loucura. Na Espanha parecia haver o povo mais aristocrático da Europa. Enquanto em outros povos o nome próprio se debilitava, na Espanha cada vez mais se firmavam os nomes de batismo, como prova de individualismo. E a este nome próprio pregavam-se apelidos que falassem de ascendências. A Ganivet perguntaram o que significavam tantos apelidos para uma mesma pessoa. E ele respondeu que, se as mulheres, socialmente, eram menos na Espanha do que na Finlândia, por outro lado transmitiam os seus nomes de família aos filhos. O certo é que na Espanha um Juan Fernández y García vale mais que um Juan Fernández de Córdoba. E assim chegou a Espanha à igualdade, transformando todos em aristocratas. Por isto, falar em democracia na Espanha é música do céu, não pode ser democracia quem dá demasiada importância à família. Há governo democrático na Espanha, mas ao lado deste governo cria-se uma aristocracia política pela aglomeração de cargos públicos em gente ligada pelos laços de família.

Na Finlândia, diz-nos Ganivet, encontramos uma nação democrática por natureza, onde o indivíduo ideal não teria nome próprio, e só o apelido, o seu rótulo social. Um povo onde se fala em Don José, Don Manoel, Don António, não pode ser socialista ou democrático. O nome do coletivismo tem que ser um Fernandes, e nada mais. Há aristocratas na Finlândia, mas como uma exceção. Na Espanha, um homem não gostaria de chamar-se y Fernández. Para que este Fernández valesse alguma coisa, careceria de mil artifícios, de apêndices e apelidos que lhe dessem importância de nobreza. O finlandês, antes de ser um homem, é membro de um organismo social onde, para viver bem, tem que se submeter a regras que aos mais modestos espanhóis repugnaria adotar. Na Finlândia nunca poderia aparecer um Dom Quixote.

ANEXO O – Proposta de produto: um portal das crônicas zelinianas

Como produto de meu doutorado-sanduíche, realizado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Paris), sob a orientação de Mônica Raisa Schpun e com a colaboração generosa e eficiente do geógrafo Hervé Théry (EHESS/USP), desenvolvi os passos iniciais do que pode vir a ser um portal das crônicas zelinianas, contando com mapas, trechos de suas crônicas relacionados a cada cidade do mundo, fotografias e também uma seção voltada à sua produção sobre temas brasileiros, a saber: futebol, Rio de Janeiro, Nordeste, política nacional etc.

Para esta empreitada tive como inspirações o Portal da Crônica Brasileira do Instituto Moreira Salles, que reúne textos de diversos escritores brasileiros publicados em diversos periódicos, especialmente durante as décadas de 1950 e 1960. O ponto de partida do projeto foram as mais de dez mil crônicas em recortes de jornais conservados no acervo de Literatura do IMS. Dentre os autores estão Paulo Mendes Campos, Rachel de Queiroz, Rubem Braga e Otto Lara Resende. O portal também se engajou em reunir produção de outros cronistas, dispersa em várias instituições, dentre as quais figura a Fundação Casa de Rui Barbosa:

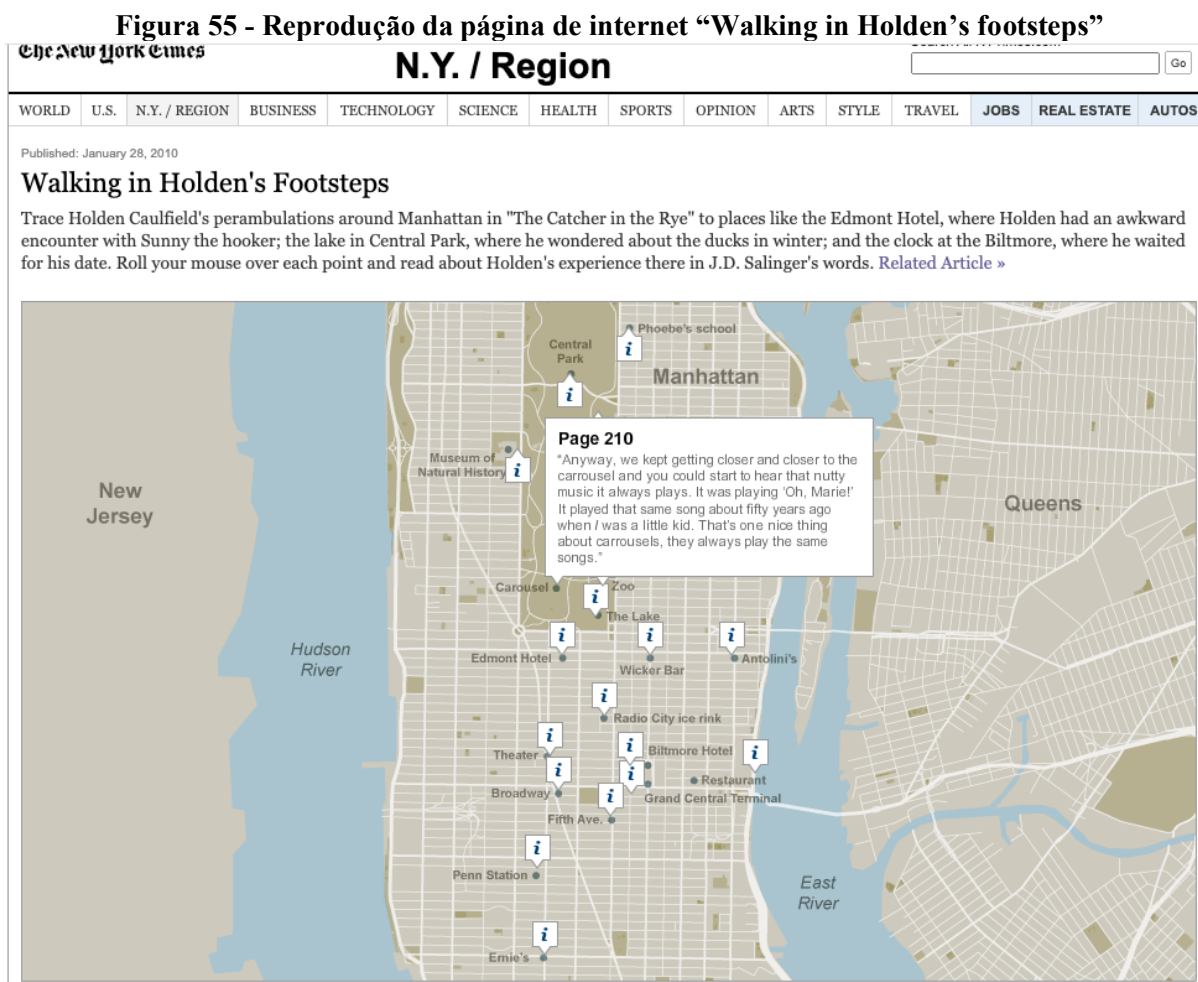
Figura 54 - Reprodução do Portal da Crônica Brasileira



Fonte: Portal da Crônica Brasileira do Instituto Moreira Salles

Também me inspirou um mapa interativo que compreende os lugares mencionados no romance norte-americano *O apanhador no campo de centeio* (1951), do novaiorquino Jerome David Salinger, disponibilizado no site do jornal *The New York Times* e que permite selecionar com o cursor do mouse localidades do mapa percorridas pelo personagem Holden Caulfield,

entre as quais o Edmont Hotel, onde Holden teve um encontro estranho com Sunny, a prostituta; o lago no Central Park, onde ele se perguntava sobre os patos no inverno; e o relógio no Biltmore, onde ele esperava seu encontro. A partir de cada localidade é possível ler um trecho da experiência de Holden:



Fonte: *The New York Times*, 28 jan. 2010.

O terceiro modelo inspirador é o LITELSCAPE.PT – Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental, que reúne, desde 2010, as descrições de paisagens relativas ao território de Portugal Continental presentes em obras publicadas entre meados do século XIX e a atualidade. Dentre os objetivos do projeto, constam: ligar a literatura ao território; contribuir para o conhecimento do patrimônio natural e cultural, dentre outros. O projeto pretende integrar a utilização de métodos de *close reading* e *distant reading*, a partir de análise estatística e abordagem geográfica. Para isso, eles contam com uma equipe multi e interdisciplinar nas áreas das Ciências Humanas, Humanidades Digitais e Ciência da Computação. Em junho de 2020 pude conversar sobre o Atlas com o supervisor atual do projeto, o Prof. Dr. Daniel Alves, da

Universidade Nova de Lisboa, que afirmou que a equipe plural é que viabiliza a qualidade e durabilidade do projeto ali desenvolvido.

O quarto modelo inspirador é o Portal Machado de Assis vida e obra, que disponibiliza edições confiáveis e gratuitas da obra do escritor, resultado de uma parceria entre o Portal Domínio Público (Biblioteca Digital do MEC) e o Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL) da Universidade Federal de Santa Catarina:

Figura 56 - Reprodução da página de internet “Machado de Assis vida e obra”



Fonte: Portal Machado de Assis vida e obra.

A proposta de produto desta pesquisa foi então a criação de um portal José Lins do Rego, que compreenda a sua produção romanesca e cronística e que contenha também registros de fotos, vídeos e áudios de sua autoria e sobre sua carreira intelectual.

Ao compararmos as crônicas argentinas com as portuguesas vemos que enquanto crítico ao peronismo, José Lins nem chega a mencionar os terrores do salazarismo português. Talvez aqui valha dizer que assim ele se mostra alinhado às ideias luso-tropicalistas de seu amigo pernambucano Gilberto Freyre.

Seu lado cronista esportista, demonstrado principalmente pelo conjunto das crônicas a respeito da Suécia, se distancia, por sua vez, dos embates ideológicos, utilizando-se do futebol como ponto de análise cultural e diplomática em um sentido inovador da projeção do Brasil no mundo naquele momento, indo além do samba e do café.

Ao considerarmos que o romance regionalista contribuiu para a criação da identidade nacional e nos atermos ao caso de José Lins do Rego, é possível ver em suas histórias e também em suas crônicas símbolos da coletividade, da generalização dos traços particulares dos tipos

brasileiros, que reforçam sua identidade cosmopolita provinciana. Esta tese procurou preencher algumas das lacunas referentes à posição de José Lins do Rego como intelectual transnacional.